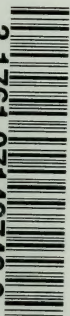


3 1761 07149749 9









Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXII)

CHRONICA
DE
EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

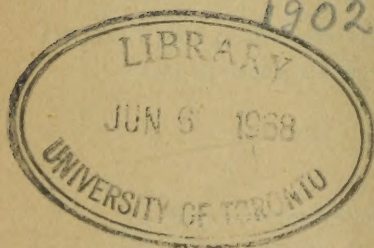
VOLUME I 118111

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

—
1902

DP
600
R46
1902





O chronista Garcia de Resende

TANTO afina com o meu parecer a opinião de um historiador moderno a respeito de Garcia de Resende que eu com a devida venia vou aproveitar alguns periodos do seu trabalho.

Refiro-me ao livro recentemente publicado sob o titulo *As sepulturas do Espinheiro*, pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire. A proposito da capella tumular de Garcia de Resende, na cerca do antigo mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, perto de Evora, o sr. Braamcamp escreve o estudo mais rico de dados biographicos que ora temos do chronista de D. João 2.^o

Os estudos historicos do sr. B. Freire revelam indagação aturada, critica severa, sobre tudo um desejo intenso de acertar, que lhe prestam uma grande auctoridade.

E como noutras occasiões eu tenho apresentado o meu modo de vêr ácerca do chronista, agora folgo de publicar ainda mais o parecer tão valioso do moderno

historiographo, consolando-me a coincidência das opiniões; por isto, na primeira parte d'este prefacio, sigo a prosa auctorizada do sr. B. Freire.

Garcia de Resende não foi fidalgo, nem heroe, nem estadista, e todavia o seu nome sôa alto, destaca-se bem entre os dos homens da sua época. Nem mesmo foi grande poeta ou insigne historiador. Do poeta apenas mereceram louvor a Castilho as *Trovas á morte de D. Ignez de Castro*; ao livro do historiador chama Herculano em dia aziago, é certo, «mesquinha collecção de historietas». Apesar d'isto o nome de Garcia de Resende brilha na litteratura portuguesa.

Nas suas historietas apresenta-nos elle a descripção de usos, costumes, trajos, ceremonias; dá-nos trechos de conversações, noticias de relações sociaes, e muitas outras informações interessantes, incluindo as aneddotas, que nos revelam em parte o modo de viver da gente portuguesa d'aquelles tempos. E nós, que não temos memorias da vida intima de ninguem; nós que sabemos a valia da historia official dos chronistas coada pela censura; nós, que n'esta historia arida, só encontramos a noticia das acções dos reis e proceres, e não sentimos nella o pulsar da vida nacional, nós estimamos, louvamos e sobretudo agradecemos a Garcia de Resende o seu livro que a nossos olhos revive as gerações passadas.

Herculano tinha dois heroes: D. João I, como rei, Fernão Lopes como chronista, D. João II e Garcia de Resende eram-lhe odiosos. Pois se na vida de D. João II, ha o assassinio do duque de Vizeu, na de D. João I, lá está o conde de Ourem; com a differença que o Principe Perfeito, Rei de Portugal, matou um parente que lhe jurára pela vida; ao passo que o Rei de Boa Memoria, sendo apenas um fidalgo pretendente nem ainda sabia a quê, assassinou um homem só para des-

bravar um pedaço de caminho. Na premeditação, no disfarce, na companhia que lhe guardava as costas, contrapesam-se os dois matadores; mas avanta-se muito D. João II ao Mestre de Avis no facto de defender a monarchia na sua pessoa, que, sendo vencida, podia na queda arrastar a propria independencia nacional.

D. João I, ajudado pelo seu grande condestavel, venceu a batalha de Aljubarrota, em sua casa, dentro no reino, defendendo este de uma invasão oppressora e detestada; o principe D. João, desajudado de todos, ganhou a batalha de Toro, em paiz estranho e hostil. D. João I ao cabo de quarenta e oito annos de reinado, dos quaes vinte e dois pacificos, deixou, é certo, o reino augmentado e prospero; D. João II em quatorze annos de governo, dos quaes os tres primeiros bem agitados, e os tres ultimos bem angustiados, levantou a nação da ruina a que o seu predecessor a levava, e deixou tudo prompto para as assombrosas venturas do seu successor.

E se não ha comparação entre os resultados que a Portugal trouxeram Aljubarrota e Toro, tambem é incomparavel a conquista de Ceuta com o descobrimento da India.

A chronica de Fernão Lopes avanta-se muito á de Garcia de Resende. Não ha n'isto duvida, mas tambem que differença enorme não existe nas acções que os dois historiadores narraram. Coube em sorte a Fernão Lopes relacionar os feitos epicos de um povo que defendia sua independencia com a energia de um heroe que pugna pela honra e pela vida; pertenceu a Resende contar a existencia de uma nação que debaixo do sceptro do «melhor rei do mundo», como lhe chamava, apesar de inimigo, o cardeal de Alpedrinha, viveu feliz, e portanto não teve historia.

Já repararam para o final da chronica de Fernão Lopes? Não a acham, n'esta parte, muito desbotada, comparando-a com o principio? E' porque aos tempos revoltos tinham succedido os socegados: é porque o povo, salva a independencia, começava a viver feliz.

Garcia de Resende nasceu em Evora por 1470, ou ainda antes.

O pae chamou-se Francisco de Resende e a mãe Beatriz Bóta; gente muito eborense. Bóta é forma feminina, usual, de Bóto. Conta-se que a origem deste appellido é o seguinte caso: na tomada de Ceuta um soldado matou as duas sentinellas mouras de uma torre, subiu ao alto d'ella, e de lá, com as duas cabeças nas mãos, perguntára aos companheiros que haviam ficado em baixo: Bóto? De aqui se lhe derivou a alcunha que se tornou appellido para seus descendentes.

O pae de Garcia de Resende foi criado do celebre e illustrado bispo D. Garcia de Menezes, tão famoso e tão infeliz. Francisco de Resende parece que era fallecido em 1490, quando na casa do principe D. João foi posto seu filho Garcia, por isso que então este «se agasalhava com seu tio», que não nomeia, mas que poderia muito bem ser o Dr. Rui Boto, desembargador do paço, muitas vezes mencionado nos documentos do tempo.

D. João II em 1491 escolheu Resende para moço da sua escrevaninha, e neste officio, muito junto á pessoa d'El-Rei, e de sua particular confidencia, serviu até ao fim da vida de D. João II, merecendo em todo o tempo inteira confiança e benevola amizade a seu amo. Assistiu á sua morte em Alvor a 25 de outubro de 1495; e continuou a encontrar a mesma boa disposição a seu respeito em tempo de D. Manuel a quem acompanhou em 1498 nos juramentos de Castella, e

que por provisão dada em Lisboa a 11 de maio de 1515 o nomeou cavalleiro de sua casa, com boa tença e habito da ordem militar de Christo.

Serviu tambem na famosa embaixada de 1514, quando Tristão da Cunha foi a Roma, a Leão X, em que fez de secretario e ainda de thesoureiro, segundo parece por documentos conhecidos.

Em 1516 Garcia era fidalgo da casa d'el-Rei e escrivão da fazenda do principe D. João, desempenhando o mesmo cargo quando este subiu ao throno.

Sabe-se tambem que elle foi guarda da camara real, desde o tempo de D. João 2.º E' certo que tinha alguns meios, além de seus ordenados, propriedades ruraes e urbanas, tenças e pensões; instituiu um morgado e construiu na cerca do convento do Espinheiro, perto de Evora, uma capella, em 1520; ainda existe felizmente essa gentil capellinha, pequenina e artistica, com seu alpendre, elegantes ameias e coruchéus, finos azulejos relevados, e o brasão d'armas dos Resendes encimando o trabalhado portal.

Em Evora, a 8 de setembro de 1533, fez Garcia de Resende por sua propria mão o seu testamento. Morreu na mesma cidade em 3 de fevereiro de 1536.

Garcia de Resende immortalisou-se com a Chronica, e Cancioneiro e com a admiravel Miscellania, documento de primeira ordem nas lettras portuguezas. Muito bem elle lhe chamou *Miscellania e variedade de historias, costumes, casos e cousas que em seu tempo aconteceram*; era um espirito superior, vendo e sentindo muito bem, um poeta philosopho, um grande pensador dobrado pelo humorista mais puro.

Gostava de trabalhar, de se entreter,

*mas quem deixa perder tempo
nunca o mais pode cobrar*

E que cousas e casos elle viu ! ou ouviu contar ! As victorias do turco, guerras tremendas na Asia e Europa, o findar da idade media e as maravilhas do Renascimento. Ante o leitor passa a extraordinaria figura de Affonso V, que tanto andou e batalhou :

*... depois veio e morreu
na casa em que nasceu
em Sintra onde acabou*

E seguem os casos de João 2.º, as festas, as crises, os luctos, e a prisão de Maximiliano em Bruges, a queda de Granada, o descobrimento da America, as estonteantes navegações dos Portuguezes, o cabo da Boa Esperança, o caminho da India.

Porque na Miscellania, n'esses versos espontaneos, suaves, ha philosophia da historia, ha syntheses e comparações de rara felicidade ; é extraordinaria a maneira como elle condensa e claramente exprime ; ao lamentar a mudança de costumes que veio com as opulencias asiaticas, os degenerados do tempo, diz elle ; o que

*por baixeza se havia
em alteza se tornou*

Tratando das guerras europeias

*estas mui injustas guerras
fazem o turco prosperar*

Depois a constellação dos grandes nomes portuguezes D. Jorge da Costa, D. Garcia de Menezes, D. Francisco d'Almeida, D. Alvaro de Castro, Vasco da Gama e Affonso d'Albuquerque.

Pagem da escrevaninha, moço ou guarda da camara, homem do paço, elle viu de perto a gente cortezan e conta galantemente ditos e casos palacianos; viu em Lisboa trez rainhas, D. Joanna a excellente senhora, D. Leonor e D. Maria. Chegando á velhice recorda com saudade os tempos antigos, os costumes lhanos da côrte de D. João 2.^o Este foi um rei popular; por instincto ou por politica, pendeu sempre para o povo. Lembrava-se talvez de D. João 1.^o que achou o seu principal apoio nos braceiros e mesteiraes, na arraia miuda.

A Garcia de Resende não esqueceu a grande invenção da typographia e a instituição das Santas Casas da Misericordia, a mais altruista e christã fundação que tem visto a humanidade.

Nem esqueceu as modas, as artes, a musica e o canto, a pintura e illuminura; elle que passou pela deslumbrante Roma do começo do sec. XVI:

...Michael & Raphael

sendo elle mesmo de sua natureza inclinado ao desenho e á musica, lega-nos dados importantes para a historia das artes em Portugal.

Por isto o conjuncto da obra de Garcia de Resende sôa alto no bom saber português.

A parte da chronica de D. João 2.^o que sem duvida lhe pertence é da maior importancia, é unica, para o conhecimento da sociedade de então. Amigo do rei João:

Segundo em nome e a ninguem segundo

como André Falcão de Resende disse no soneto que

precede a chronica, elle ergueu-lhe um monumento de grande valor.

*Não consentio perder-se tal memoria
Garcia de Resende, em seu pollido
E doce estylo, e verdadeira historia.*

Conta-se que a rainha Izabel a Catholica ouvindo a noticia da morte de D. João 2.º disséra :

Muerto es el Hombre!

E que o celebre cardeal D. Jorge da Costa, inimigo do rei, ao ter a nova em Roma, exclamára : *Morreu o melhor rey do mundo, filho do melhor homem do mundo.*

Garcia de Resende foi bom chronista dos feitos d'esse infeliz monarcha.

G. PEREIRA.

SONETO

De André Falcão de Resende

HEROICOS feitos e saber profundo,
Virtudes, condição, primor, costume,
Vida, e morte declara este volume
Do Lusitano Rei D. João Segundo.

Segundo em nome, e a ninguém segundo.
Em fama tão subida em alto cume,
Que apesar do tempo que consume
Toda cousa, será clara no mundo.

Não consentiu perder-se tal memoria
Garcia de Resende, em seu pollido
E doce estylo, e verdadeira historia.

Mas a seu Rei, e a sua patria agradecido,
Dando-lhes digna fama, e immortal gloria
A si a deu, e fez seu nome esclarecido.

VIRTUDES

FEIÇÕES, COSTUMES

E

MANHAS D'EL-REI D. JOÃO, O SEGUNDO

Que Santa gloria haja

EL-REI D. João era homem de muito bom parecer e bom corpo, e de meã estatura, porém mais grande que pequeno, muito bem feito e em tudo mui proporcionado, airoso e de tanta gravidade e auctoridade, que entre todos era logo conhecido por Rei; o rosto tinha algum tanto comprido, e assi o nariz em boa maneira, e a boca muito bem feita, os dentes alvos e bem postos, os olhos eram pretos, graciosos e de muito boa vista, e ás vezes tinha nas alvas umas veias de sangue que o faziam com menencoria ser mui temido, e nas cousas de prazer era alegre e muito bem assombrado, de muita graça, e em tudo era mui alvo, e no rosto córado em boa maneira, a barba tinha preta e bem posta, e o cabello castanho e corredio, e em idade de trinta e sete annos tinha já na barba e cabeça muitas cãs, de que mostrava contentamento, e não consentia que lhe mondassem algumas. As mãos tinha compridas, alvas e fermosas, e as pernas grandes e mui bem fei-

tas. E até idade de trinta annos foi muito bem disposto, e d'ahi por diante engordou alguma cousa.

Era prudente, de muito vivo saber, e mui pronto e esperto, e de muito sutil engenho, e mystico em todas as cousas, e prezava-se bem d'isso, e teve muito grande memoria e claro juizo, e fallava muito bem, e nas cousas de substancia suas palavras tinham sempre mais verdade e autoridade que despejo nem sabor, porque algum tanto eram vagarosas e entoadas pelos narizes, porém em cousas de folgar era gracioso, e tocava muito bem qualquer cousa. E foi homem de grandissimo esforço, e de alto e mui ardido coração, de mui altos pensamentos, e mui desejoso de cousas grandes, em que sua grandeza podesse mostrar e executar, e tudo por serviço de Deus, honra e acrecentamento de seus reinos, e nisto eram seus sentidos mui occupados.

Era mui justo e amigo de justiça, e nas execuções d'ella temperado, sem fazer differenças de pessoas altas e baixas; nunca por seus desejos nem vontades deixou inteiramente de cumprir, e todas as leis que fazia cumpria tão perfeitamente, como se fôra sojeito a ellas.

Defendeo as sedas, e nunca mais as vestio, defendeo as mulas, e sendo muito doente nunca mais em mula cavalgou, defendeo os jogos, e nunca jugou jogo defeso; nunca na justiça usou de poder absoluto, nem de crueza, e muitas vezes de piedade, porém não que tirasse justiça ás partes, nem em grandes crimes, e secretamente tinha dito na relação que como não fôsse caso feio, ou ladrão, ou tivesse partes, que dessem vida aos homens, que muitas ilhas havia ahi para povoar, porque um homem custa muito a criar; outro tanto tinha dito aos meirinhos ácerca das prisões com as pessoas honradas.

E por amor da justiça se começou a desventura das traições, que por querer mandar corregedores ás terras dos senhores se scandalizaram d'elle. E todas sextas feiras ia sempre á relação pelas manhãs, e ás tardes estava com desembargadores do paço, e os sabbados á tarde ia á fazenda e estava na mesa d'ella com os veadores e escrivães, vendo as cousas que relevavam. Em despachos e petições era vagaroso, e de má vontade entendia em papeis, e porém a principal causa de não despachar muito foi os casos grandes que em sua vida lhe sobrevieram, e sua grande e muito comprida doença, que quatro annos lhe durou, e nunca teve descanso.

Foi Rei muito estimado, e nomeado em todas partes do mundo, e em seus reinos tão reverenceado, acatado, e temido, que só com olhos que punha em qualquer pessoa que fallava ou estava como não devia, emmendava tudo, e tão grandemente ensinava os homens, que diante d'elle não havia máo ensino, nem fôra se o elle soubesse, que ficasse sem ^{pen}sação ou castigo. E por onde quer que ia, ninguem se chegava a elle senão era para lhe falar com muito acatamento, e nos lugares onde cumpria muito maior lugar fazia com olhar, do que todos os officiaes e porteiros com muito trabalho podiam.

Era tão verdadeiro e presava-se tanto de o ser, que nunca o viram mentir, nem passar um alvará em contrario d'outro, nem o ousava ninguem requerer. E porque um dia por falsa informação passou um alvará em que deu de perda a um homem duzentos mil réis, quando se lhe veio agravar, por não passar outro em contrario, lhe mandou dar os duzentos mil réis logo em ouro, e lhe disse que o acabasse.

Era magnanimo, e tão grandioso, que as cousas que com gosto fazia eram mais perfeitas que todas,

como foram as festas do casamento do Principe seu filho, que já para sempre ficaram por singulares e nomeadas por maiores que nunca foram, e assi a sua grande entrada de Lisboa e outras cousas que fez. Tinha tanta autoridade que como mostrava boa vontade a uma pessoa era logo estimado tanto quanto se não pôde crêr, e tendo mui acceitos servidores e privados, pessoas mui principaes a que fazia grandes mercês e dava parte de seus segredos e conselhos, foi sempre tão isento, que nunca nenhum cuidou que o poderia governar nem fazer que fizesse o que não devia, e d'esta isenção que elle sempre quiz ter, o tinham por seco de condição os grandes e principaes, que cuidavam que muito valiam, que dos outros; e da gente meã, e dos povós foi grandemente amado e querido. E depois de sua morte foi de todos em geral mui chorado, e mais desejado que nunca Rei foi.

Era tão certo e tão constante, que quando prometia alguma cousa, por mui grande que fosse, só com sua palavra iam os homens tão contentes e satisfeitos como se levassem já os despachos feitos na mão, e nunca dava alvarás de lembrança.

Estimou sempre muito os bons homens virtuosos, e os bons cavalleiros, os verdadeiros, os letrados e homens de bom saber e de bons costumes e manhas, e os seus naturaes, e com qualquer homem que em especial tinha alguma cousa boã, folgava muito.

Honrava muito as honradas donas, e quando lhe queriam falar as ia ouvir em algum mosteiro ou egreja afastado que o não ouvissem, e porém perante todos, e assi fazia muita honra ás virtuosas religiosas, e aos bons religiosos. E isto fazia haver sempre em seu tempo muitos hypocritas em todos os estados, que depois de sua morte se enfadaram de o ser, e foram

conhecidos por quem eram, porque os homens que boas calidades não tinham valiam pouco ante elle.

Favoreceu muito os bons officiaes de todos os officios, e elle sabia muito em todos.

Estranhava muito a moços trazerem espadas, e defendia-lhas até serem grandes, e dizia que não serviam de mais que de se fazerem fracos, que se acertavam de se tomar com homens, e os escoziam, que ficavam para sempre com receio e covardes. E em mui grande maneira criava e doutrinava os moços, e a todos, e honrava tanto seus criados, que qualquer que por seu prazer casava, e lh'o pedia por mercê, o ia receber a sua casa, que fosse pobre escudeiro, e eu lhe vi em Evora antes das festas ir receber a casa de seu sogro um Ruy da Costa, porteiro da camara do Principe seu filho.

Favoreceu muito os cavalleiros, e fazia-lhe muita honra e muitas mercês, e dizia que eram como a sardinha que era muita e sabia muito bem, e custava muito pouco, e que sempre na batalha de Touro os achara junto de si. Foi muito nobre, e grão liberal em fazer mercês e dadivas a quem devia, e como devia, e da maneira que devia por sua própria vontade, e não por importunações de ninguem; dava poucas tenças a homens solteiros, e mercês de dinheiro dava mais e maiores que os outros Reis de seu tempo, e muitas vezes sem lh'as pedirem quando os homens mais descuidados estavam d'isso, sem alvarás nem despachos lhe mandava dar o dinheiro na mão com as palavras de amor, de que ficavam tão contentes e satisfeitos como se tivessem muitas rendas. E geralmente a todos seus moradores fazia em cada um anno mercê, e como traziam certidão da fazenda de como havia um anno que a não houveram, sem falarem a El-Rei, sómente aos Veadores ou Escrivães da fazenda, lh'a despa-

chava, e se faziam cadernos de muitas pessoas em que os Veadores da fazenda punham por fóra na margem a cantidade que lhes parecia que cada um devia haver, que se estimavam as contias, os quaes cadernos El-Rei via, e a muitos acrescentava em mais mercê, e a nenhum não diminuia. E dizia por quem estas mercês não pedia, que era pequice perder ração de paço, que por isso não havia de deixar de lhe fazer outras muitas, e não sómente fazia mercês a seus criados e naturaes, mas nos reinos estrangeiros de Castella, Aragão, França, Roma, e outras muitas partes, muitas e grandes pessoas recebiam d'elle em cada um anno muitas e grandes mercês secretamente, dos quaes elle recebia muitos e grandes avisos mui necessarios a seu serviço e estado, e as esmolas eram tantas, que chegavam a Jerusalem, e tudo por serviço de Deos, e por sua honra, e bem de seus reinos, e pelos grandes desejos que tinha de os acrescentar dava muito poucas cousas da corôa; e sendo tão liberal e gastador, era tambem mui grande astucioso, e adquiridor.

Entre outras muitas virtudes tinha esta singular: tanto cuidado de quem no bem servia, que sem lhe pedir mercê lh'a fazia; e trazia secretamente um livro escripto por sua mão, que algum nunca o soube senão depois de sua morte, no qual tinha feito todos os homens a que mais obrigado era, cada um em sua cantidade em capitulos que diziam: Foão me tem feito taes serviços, lembrar-me-ha quando cousa vagar que nelle caiba, de o provêr. E quando as cousas vagavam e lhas vinham pedir dizia: já a tenho dada; e então secretamente via no livro as pessoas da calidade de tal cousa, e áquella a que mais obrigação tinha a dava, e ás vezes estando as taes pessoas fóra do reino em seu serviço lhe mandava cá fazer seus despachos, de que muitos se espantavam; e foi singular virtude, em

que todos os bons tinham muita esperança de seus serviços.

Este livro tenho eu em meu poder.

E assi tinha outro livro em segredo em que tinha escripto todos os homens actos, para d'elles se servir nas cousas para que eram, cada uns em seus titulos, uns para capitães de cousas grandes, e outros de outras somenos, outros para embaixadores, e assi para enviadeiros, e tambem para todos os carregos e cousas necessarias, de maneira que como havia necessidade de uma cousa, logo achava muitos homens nomeados para ella, e sem falar a alguem escolhia o que melhor lhe parecia, e assi era sempre muito bem servido, e muito prestes.

Tinha muito grande cuidado de prover as cousas de seus reinos antes de haver necessidade d'ellas, e tanto que na maior força das festas do casamento do Principe seu filho se faziam com mais diligencia as torres e cava de Olivença, e outras fortalezas do estremo. E agravando-se-lhe El-Rei de Castella d'isso por em tempo de tanta paz fazer cousas que pertenciam á guerra, com honesta e boa resposta não deixou de o fazer. E elle foi o primeiro que inventou e achou estando em Setuvel, em caravellas e navios pequenos trazer bombardas mui grossas.

Foi desenvolto e mui manhoso em todas as boas manhas que um Principe deve ter: e singular dançador em todas as danças, e muito bom cavalgador da gineta, e da brida, mui destro, muito braceiro e forçoso, tanto que cortava com uma espada tres e quatro tochas juntas de um golpe, que nunca achou quem o fizesse.

Folgava de montar, e de caçar com galgos, e com açores, e muito mais com caça d'altanaria, e tinha sempre muito bons monteiros e caçadores, e singulares aves e cães, e a seus tempos folgava nisso, e

tambem com muito bons librés e alãos, que sempre mandava lançar a touros; e assi trazia os melhores luctadores que se podiam achar, e muitas vezes via luctar, e havia fidalgos que o faziam muito bem, que elle n'isso favorecia, e tambem os fazia ocupar a correr e saltar, e lançar lança e barra, todalas cousas de desenvoltura, assi a pé como a cavallo, e a serem bons ginetarios, que todas estas cousas elle fazia muito bem em sua primeira idade, quando para isso havia tempo, e gabava tanto os homens que as faziam bem, que todos trabalhavam por terem boas manhas, e em seu tempo houve homens mui manhosos e que valiam muito por isso, e eram d'elle estimados. Folgava com concerto e limpeza, e suas cousas desejava que fossem melhores que todas, e qualquer homem que fazia alguma d'aventagem dos outros recolhia logo para si, e lhe fazia favor e mercê.

Vestia-se ricamente, e nunca se vestia de festa que o não dissesse primeiro a pessoas para se vestirem com elle, a que sempre para isso fazia mercês, e quando assi se vestia havia sempre muitos homens muito bem vestidos, aos quaes com os olhos e palavras dava muito contentamento, e sempre em os taes dias se vestia tambem a Rainha e as damas, e havia ahi serão de sala de danças e bailos, que ficava em festa. E n'estes dias, e assi em os domingos e dias santos cavalgava pela cidade, e muitas vezes com trombetas e atabales, charamellas e sacabuxas, e com muito estado andava as ruas principaes, de que o povo e todos recebiam muito contentamento, e lhe alimpavam com grande diligencia as ruas, e lançavam pannos ás janellas, e as mulheres postas nellas, e se via um homem honrado a sua porta, detinha-se com elle, e perguntava-lhe alguma cousa, de que os homens ficavam com grande contentamento, e ganhava

com isso os corações de seus povos. E sempre ia á carreira, e fazia correr todos os que o bem faziam, e elle corria as mais das vezes e o fazia com muita graça e desenvoltura, e era muito para folgar de vêr os singulares ginetarios e ginetes que então havia.

Comia muito e muito bem, com muito vagar e cerimonia, porém não mais de duas vezes por dia, e sempre a sua mesa havia boas praticas, e muitas vezes disputas de grandes letrados, theologos, e nos dias santos danças, instrumentos, menistrís e bailos de mouros e mouras vestidos de muitas sedas que para isso tinham, e o faziam tão bem, que era para folgar de vêr. E o serviço da mesa em tudo perfeito e abastado, e os officiaes escolhidos para isso limpos e muito bem dispostos.

E até idade de xxxv annos em que adoeceo nunca bebo vinho, e d'ahi por diante com necessidade e requerimento de todos os fisicos o bebo muito temperadamente; e era muito ceremonial, e as cousas de seu estado sempre quiz que lhe fizessem em todos os tempos com grande veneração. E sendo em suas camaras e retretes mui familiar, mui despejado e muito alegre, em publico era tão grave, que os mais chegados a elle lhe tinham maior acatamento, e era em suas palavras mui honesto, e porém tão claro que se tinha má vontade a alguem não lh'o havia de encubrir, e logo lh'o dava a entender, e nas cousas de castigo não dissimulava, nem deixava por sua vontade passar tempos, e havia por cousa baixa ter odio, e se com paixão o fazia, ou dizia alguma cousa era logo tão arrependido com satisfação, que dizia o Bispo de Vizeu D. Diogo Ortiz, que foi seu confessor, que era pecador, e singular penitente.

E sendo em Principe muito amigo de mulheres

depois que foi Rei, foi nisso tão temperado e casto, que se affirma nunca mais conhecer outra mulher senão a sua.

Foi mui catholico, e em grande maneira amigo de Deus e temente a Elle, e muito devoto da paixão de Nosso Senhor Jesu Christo, e da Sagrada Virgem Maria Nossa Senhora. E confessado por elle a hora de sua morte, que nunca em sua vida lhe pediram cousa a honra das cinco chagas que não fizesse. E todos os dias ouvia mui devotamente missa. E em quaesquer casas que estivesse tinha oratorio fechado, em que todalas noites depois de despejado e despedido se recolhia com muita devoção a rezar os sete Psalmos, e se encommendar a Deos, e afirmava-se que com os joelhos nus postos em terra; e muitas vezes tardava tanto que era muito trabalho aos que o guardavam, e isto todalas noites por ordenança, e pelas manhãs na cama, e á mesa rezava sempre as horas de Nossa Senhora, e outras muitas orações.

E em uma boeta de que elle tinha a chave se achou depois de sua morte um confessionario, e umas disciplinas, e um aspero celicio que muitas vezes trazia sobre a carne debaixo da camiza e vestiduras reaes. E para se os officios divinos fazerem em grande perfeição, e com muito acatamento, trazia sempre em sua capella riquissimos ornamentos, e muitos e bons capellães, e os melhores cantores que se podiam haver, e as suas missas em pontifical eram ditas com mais devoção, acatamento e cerimoniaes que em outra nenhuma parte. E nas Endoenças sempre dormia onde o Sacramento estava, e com dó e grande loba de capello. O qual dó dava sempre de esmola a algum cavalleiro pobre, e era boa esmola, que sempre tiraria vinte covados de contrai. E o lavar dos pés aos pobres, e todalas outras cerimoniaes fazia com tanto acatamento

e lagrimas, que aos bons religiosos dava singular exemplo, quanto mais aos seus familiares. E as festas eram d'elle com grande veneração celebradas, e sempre nellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos costumes dos Reis seus antecessores, convem a saber: no Natal consoadas, na Paschoa Ressurreição. Dia de Corpus Christi procissão e touros. Bepora de S. João grandes fogueiras, e no dia canas reaes, e assi dia de S. Jorge fazia sempre festa por causa da garrotea que tinha, que elle muito prezava, e todas as outras festas do anno eram grandemente guardadas e cerimoniaadas, e nellas muitos pontificais que depois se tiraram.

E elle foi o primeiro Rei que em sua capella fez ordenadamente rezar as horas canonicas como em egreja cathedral, e para se melhor poder fazer e com maior perfeição, deu-lhe rendas de que houvesse destribuições, e a pôs na ordem em que ora está, que é a melhor que Rei christão tem.

Fez christão El-Rei de Manicongo e a Rainha e Principe, com outra muita nobre gente.

Edificou a cidade de S. Jorge na Mina, e foi o primeiro que ordenou o descubrimento da India.

Venceu a batalha de Touro, e em seus reinos outros maiores perigos como esforçado Rei.

Ordenou e começou o Esprital de Lisboa da maneira em que está, que é o melhor que se sabe. E assi fez e ordenou outras muitas cousas de muito proveito e boa governança de seus reinos, em que mostrava o grande amor que a seus povos tinha, e bem conforme ao Pelicano que por divisa trazia.

Acabou sanctamente sua vida, e tanto que de muitos é havida por sancto, com esperança de milagres. E falleceo de doença mui comprida, em idade de quarenta annos e seis mezes, dos quaes os vinte e cinco

foi casado com a Rainha D. Lianor sua mulher, e reinou quatorze annos e dois mezes com tantas doenças, nojos, trabalhos, cuidados, e com tão pouco descanso, que nelle por suas singulares obras e muito grandes virtudes mereceu alcançar a gloria, que é para todo sempre.

LAUS DEO

CHRONICA

QUE TRATA DA VIDA

E

Grandissimas virtudes e bondades,
magnanimo esforço, excellentes costumes
e manhas, e claros feitos,
do christianissimo D. João o segundo d'este nome,
e dos Reis de Portugal o decimo tercio,
de gloriosa memoria

EM NOME DE NOSSO SENHOR E REDEMPTOR JESU CHRISTO,
COMEÇA-SE A VIDA DO EXCELLENTISSIMO PRINCIPE EL-REI
D. JOÃO O SEGUNDO, DE GLORIOSA MEMORIA

CAPITULO I

De seu pae e sua mãe, e seu nascimento

O muito alto e muito poderoso Principe El-Rei D. Affonso o quinto, de gloriosa memoria, foi casado com a serenissima e mui excellente Princesa a Rainha D. Isabel sua mulher, e sua prima com irmã, filha do mui excellente Infante D. Pedro seu tio. E estando El-Rei em Almeirim, vindo um dia da caça, foi assi de caminho a casa da Rainha, e teve com ella ajuntamento. A Rainha tinha em um annel uma esmeralda de muito preço que muito estimava, a qual por esquecimento não tirou do dedo, e se lhe quebrou em pedaços. E quando assi a vio, pesando-lhe muito, disse a El-Rei: Senhor, a minha esmeralda

com que tanto folgava, é quebrada; e elle lhe respondeu: Senhora, tomai-o em muito boa estreia, que prazera a Nosso Senhor que agora concebereis um filho que estimareis mais que todas as esmeraldas do mundo; e dito por El-Rei n'aquella hora emprenhou do Principe D. João seu filho, que sobre todas as cousas muito estimaram, o qual pario na muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, nos paços d'Alcaçova.

Nasceu aos tres dias do mez de Maio do anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e cincoenta e cinco annos, de que El-Rei e a Rainha receberam grandissimo contentamento, e foi grande prazer em todo o reino, e fizeram-se muitas festas e alegrias.

CAPITULO II

De como o Principe foi baptisado e das grandes festas que se fizeram no dia do baptismo

E aos onze dias do dito mez de Maio em um domingo foi o Principe baptisado na Sé de Lisboa com grande solemnidade. E dos paços até á Sé era tudo ricamente armado e toldado por cima de ricos pannos, e por baixo muito limpo e espadanado, e a Sé muito ornamentada, e todos os senhores e fidalgos, senhoras donas e damas iam a pé, e levavam muitas tochas apagadas, que á vinda vieram acesas.

E o muito excellente Infante D. Fernando irmão d'El-Rei, levava o Principe nos braços debaixo de um palio de rico brocado, e ia com elle o mui catholico e virtuosissimo Infante D. Anrique tio d'El-Rei, e a muito excellente Infanta D. Catherina irmã d'El-Rei, e a mui illustre senhora D. Felipa irmã da Rainha, e

a marquezia de Villa Viçosa, e outros muitos senhores e senhoras, e muita e mui nobre fidalguia.

E diante do Principe muitas trombetas, tambores, charamelas e sacabuxas, e outros muitos instrumentos, e muitos porteiros da maça, reis d'armas, porteiros môres, mestres salas, veador, e o mordomo-môr com todás cerimoniaes reaes.

Sairam da Sé a recebel-o com muito solemne procição o Arcebispo de Braga e tres Bispos com muita e mui honrada clerezia, e o Arcebispo o baptisou.

O palio levavam estes senhores diante: o conde de Villa Real, D. Pedro de Menezes, e o Prior do Crato, D. Vasco de Tayde. E detraz o marquez de Villa Viçosa, e D. Fernando conde d'Arrayolos, seu filho maior. O saleiro levava D. Fernando de Menezes, e o gomil e o bacio da offerta Lionel de Lima. Foram padrinhos o Infante e o Prior do Crato, e madrinhas a Infanta e a marquezia, e D. Beatriz de Vilhena.

E n'este dia houve sessenta senhores fidalgos vestidos de opas roçagantes de ricos brocados, e sessenta senhoras, donas e damas vestidas á franceza de ricos brocados, e houve muitos vestidos de ricas sedas, e fizeram-se muitas festas.

CAPITULO III

Da criação do Principe

GRANDEMENTE foi criado com muito grande cuidado, e tanto que teve entender lhe ordenou logo El-Rei seu pae pessoas virtuosas, prudentes e mui examinadas que d'elle tivessem cuidado, e que fossem taes de que podesse tomar boa doutri-

na, e lhe deu bons mestres que o ensinassem a lêr, rezar, e latim, e escrever, e assi moços bem ensinados para se criarem com elle e o servirem, tudo feito como tal pae ordenava, e tal filho merecia. De maneira que assi como crecia no corpo e idade, creciam nelle virtudes, bons costumes, bom ensino, boas manhas, em tanto crescimento, que sendo muito moço veio logo a ganhar tanta auctoridade com os povos, com os nobres, e com El-Rei seu pae, que não fazia conselho, nem cousa grande em que o não metesse, e tomasse seu parecer.

CAPITULO IV

Do casamento do Principe

PELA muito grande fama que por muitas partes corria das virtudes, saber, manhas e perfeições do Principe, El-Rei D. Anrique de Castella mandou muitas vezes cometer a El-Rei D. Affonso que casasse o Principe com a Princesa D. Joana sua filha.

El-Rei D. Affonso por querer muito grande bem ao Infante D. Fernando seu irmão, e por lhe fazer mercê por haver muito que lhe pedia, não quiz concertar nem fazer o casamento com a Princesa herdeira de Castella. E sendo o Principe de idade de xv annos o casou com a senhora D. Lianor d'Alemcrasto, filha maior do Infante, e prima com irmã do Principe, que foi da propria maneira que El-Rei seu pae casou. A qual Princesa era tão singular pessoa e de tão grandes virtudes e bondades, de tanta fermosura, manhas e gentileza, tão acabada e perfeita,

que parece que como ambos nasceram tão excellentes, logo Nosso Senhor ordenou que elle não podesse achar outra tal mulher, nem ella tão magnanimo marido.

E o dito casamento se fez e concertou no anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e setenta annos. E antes de vir a dispensação o Infante se finou em Setuvel a xviii dias de Setembro de mil quatrocentos e setenta, e depois de sua morte veio a dispensação, e o Principe recebeu a Princesa na dita villa de Setuvel a xxii dias de Janeiro de mil e quatrocentos e setenta e um sem festa alguma por causa da morte do Infante.

CAPITULO V

De como o principe foi com El Rei seu pae na tomada d'Arzilla onde foi feito cavalleiro

No anno logo seguinte de mil e quatrocentos e setenta e um, El-Rei D. Affonso determinou de ir tomar a villa d'Arzilla em Africa, e o Principe pediu tão apertadamente a El-Rei seu pae que o levasse comsigo que lh'o não pôde negar, e contra conselho de todos lh'o concedeu, não tendo outro filho. E porém El-Rei lhe aprouve d'isso, porque estimava tanto o Principe seu filho, e sua vista e conversação, que em todos seus prazeres e perigos o quiz sempre tomar por companheiro pelo que d'elle conhecia.

E quando lhe assi concedeu a ida o Principe lhe beijou por isso a mão, e lh'o teve tanto em mercê como se alguma grande lhe fizera, e concertado tudo

o que para tal ida cumpria (como em seu lugar é declarado) El-Rei e o Principe partiram da cidade de Lisboa dia de Nossa Senhora da Assumpção, a xv dias do mez d'Agosto, e aos vinte dias do dito mez chegaram a villa d'Arzilla, onde El-Rei e o Principe foram dos primeiros que tomaram terra, sendo tão perigosa a entrada, que se perdeu nella uma galé e muitos navios e bateis em que, morreram dozentos homens, em que entraram oito fidalgos e muitos cavalleiros e escudeiros. E logo a dita villa por El-Rei e o Principe com esses que eram fóra, foi cercada e combatida até os vinte e quatro dias do dito mez d'Agosto, dia de S. Bartolameu pela manhã, que se tomou. Na qual entrada e combates o Principe o fez tão valentemente e como tão esforçado e ardido cavalleiro, que de todos foi grandemente louvado, e d'El-Rei seu pae muito mais que de ninguem, porque na força dos perigos, em que El-Rei se meteu e pelejou, achou sempre o Principe junto comsigo ferindo tão bravamente nos mouros, que dos grandes golpes que dava a espada andava toda torcida, e dos que feria e matava toda mui cheia de sangue. Em que ganhou muito grande louvor, sendo em idade de dezaseis annos. E na primeira cousa em que se vio, tão bem pelejada e de tanto perigo, mostrou logo a grandeza e esforço de seu coração.

E no mesmo dia depois do feito acabado com tanta honra sua, El-Rei seu pae com muito contentamento o fez cavalleiro dentro da mesquita, e junto do corpo do conde de Marialva que ahi jazia morto, e morrera como esforçado cavalleiro. E El-Rei pelo na morte honrar disse ao Principe:

«Filho, Deos vos faça tão bom cavalleiro como este que aqui jaz».

E no combate mataram os mouros o conde de Mon-

santo, e o conde de Marialva, e outras muitas pessoas. E dos mouros foram mortos dois mil, e captivos cinco mil almas, e tomado muito rico despojo, que foi avaliado em oitocentas mil dobras, e foi tudo de quem o tomou, que El-Rei fez escala franca.

CAPITULO VI

Do que ao Principe aconteceu andando de noite só

O PRINCIPE como homem mancebo que era, ainda que o esforço, saber, e os cuidados eram de muito maior idade que a sua: todavia não podia negar o que a natureza dá, e aquillo a que geralmente os mancebos são mais inclinados, e algumas horas ia de noite fóra secreto com uma ou duas pessoas a folgar em cousas de amores.

Aqueceu por duas vezes, uma indo com elle D. Diogo d'Almeida, Prior do Crato, e a outra D. Fernando Mascarenhas seu capitão dos ginetes e da guarda, pessoas de que elle sempre confiou muito e estimou, não sendo conhecido, saltarem com elle muitos homens armados em Lisboa, junto de Santa Justa, cuidando que saltavam com outrem, e por se não dar a conhecer jogaram as cutiladas com todos, e o fez tão valentemente, que foi muito fallado nisso, sem saberem quem eram, e feriu muitos até lhe fugirem.

E o Principe havendo muitas e grandes feridas nas armas, não houve nenhuma em seu corpo, por ir muito bem armado.

E porque alguns dos homens o fizeram muito bem como esforçados, e elle vio que iam feridos, ao outro dia teve logo maneira secretamente, e por todos

surgições soube os homens que naquella noite, e áquellas horas e lugar foram feridos, e sabido lhe mandou logo fazer mercês de dinheiro e cura-los muito bem, e como foram sãos os tomou por seus criados.

CAPITULO VII

De como o Principe tomou sua mulher e casa

No anno seguinte de mil e quatrocentos e setenta e dois annos tomou o Principe a Princesa sua mulher, e sua casa, e lhe foi dada em Beja, onde estava a senhora Infanta D. Beatriz sua sogra, que tudo lhe deu em muita perfeição, e d'ahi a poucos dias com sua casa ordenada, elle e a Princesa se foram á cidade de Evora.

CAPITULO VIII

Do nascimento do Infante D. Affonso, filho do Principe, e do que El-Rei D. Affonso fez

ESTANDO o Principe em Arronches com El-Rei seu pae que d'ahi entrou logo em Castella, lhe veio recado como a Princesa parira o Infante D. Affonso seu filho, na cidade de Lisboa nos paços d'Alcaçova, aos xviii dias do mez de Maio de mil e quatrocentos e setenta e cinco annos. De que El-Rei e o Principe, e toda a côrte e o reino receberão grande prazer, e se fizeram festas e muitas alegrias.

E porque El-Rei ia a casar a Castella, determinou

logo ahi e o deixou assi assentado, que sendo caso que elle houvesse filhos da Rainha, e o Principe falecesse primeiro que elle, que a socessão do reino ficasse ao Infante D. Affonso seu neto, e logo ahi o declarou por seu herdeiro : e deixou ordenado que o jurassem, como logo d'ahi a pouco com muita solem-nidade todos juraram por herdeiro dos reinos de Portugal e dos Algarves.

CAPITULO IX

De como o Principe ficou em Portugal com a governança do reino

DA dita villa de Arronches entrou El-Rei em Castella com cinco mil e seiscentos homens de cavallo e quatorze mil de pé, e todos bem armados, afora a carruagem que era muita. E o Principe foi com elle fallando na maneira que havia de ter no regimento do reino e em outras muitas coisas até o logar de Pedra Boa.

E depois de todo concluido o Principe com devido acatamento se despediu d'El-Rei seu pae e se veiu a Portugal, onde logo teve muitos e grandes cuidados nas cousas da justiça, e muito maiores nas da guerra, em que muito teve que fazer, que por El-Rei seu pae ser em Castella e levar a principal gente de Portugal, assim elle recebia nos extremos do reino muitos rebates da gente dos contrarios, a que acudia com tanto esforço, saber, cuidado e diligencia, quanto um singular e ardido capitão de muitos annos acostumado na guerra o podia fazer, sendo elle mui mancebo; e não se contentava com tão pouca gente como tinha

defender os reinos, mas ainda com ella fazia muita guerra aos inimigos que em grande maneira o temiam. E assi teve tambem muito trabalho com os do reino, porque havia muitas coisas a que acudir, o que tudo fazia com tanto saber e bom esforço, e valentia, que mais não podia ser.

CAPITULO X

De como o Principe tomou Ouguella

EM este mesmo anno estando o Principe em Extremoz lhe veio nova como um capitão castelhano, que se chamava Galindo, tomara a villa d'Ouguella. E tanto que o soube a foi cercar com os que pôde ajuntar: e antes de a combater lh'a deram os castelhanos por concerto. E n'este cerco João da Silva que era camareiro-mór do Principe, e então capitão de sua gente, se topou de noite com o Galindo, capitão dos castelhanos, e vindo ambos diante de toda a gente, sem se conhecerem, se encontraram tão fortemente, que d'aquelle só encontro morreram ambos, sem outra alguma pessoa de ambas as batalhas morrer, senão só elles capitães. Do que o Principe foi muito enojado, porque tinha muito amor a João da Silva, e além de ser seu camareiro-mór e pessoa mui principal, era mui valente cavalleiro e muito bom capitão, que em tal tempo era para sentir sua morte, ainda que morresse em seu officio, e assi o Galindo era mui esforçado cavalleiro e muito bom capitão.

E logo ahi deu o Principe o officio de camareiro-mór a Ayres da Silva, filho do dito João da Silva,

e sendo Ayres da Silva bem moço começou logo de servir o dito officio inteiramente, e o mettia nos conselhos pelo fazer mais cedo homem, e ter mais auctoridade.

CAPITULO XI

De como o Principe partiu para Zamora a chamado d'El-Rei seu pae, e do caminho se tornau

ESTANDO El-Rei em Zamora, por as cousas que trazia entre mãos serem de mui grande peso e cumprirem muito a sua honra e seu estado, desejou muito vêr o Principe seu filho para com elle se aconselhar e consultar tudo, e escreveu-lhe com muito amor, que receberia mui grande prazer e contentamento em o logo querer ir vêr. E o Principe tanto que lhe a carta deram com muita obediencia e desejo de vêr El-Rei seu pae, logo cumprio.

E deixando tudo o que no reino cumpria para a guerra e para a paz muito bem ordenado, partio, e sendo já em Miranda do Doiro aforrado, para ahi vir gente d'El-Rei por elle, lhe chegou recado de seu pae que se tornasse por caso da traição da ponte de Zamora, o qual recado lhe trouxe o Chichorro, capitão dos ginetes d'El-Rei, que passou de noite o Doiro a nado armado a cavallo como valente cavalleiro que era, e da nova foi o Principe muito triste por não vêr o pae que muito desejava, e pela traição da ponte que El-Rei muito sentio, e foi muito grande perda, e houve rijos combates nos quaes mataram D. Tristão Coutinho, e derribaram da torre abaixo com uma viga a D. João de Souza, querendo-a entrar esforcadamente por uma escada, e foi levado como morto,

e assi mataram e feriram outras muitas pessoas, sendo ahi El-Rei em pessoa.

CAPITULO XII

De como o Principe determinou de ir em pessoa socorrer El-Rei seu pae e do que sobre isso fez

VENDO o Principe a traição da ponte que assi foi feita a El-Rei seu pae, temendo outras que podiam sobrevir e lembrando-se da necessidade que o pae já tinha de gente e dinheiro, como verdadeiro e virtuoso filho, e muito prudente Principe e valente cavalleiro, determinou de logo socorrer a El-Rei em pessoa com a mais gente e mais dinheiro que podesse ajuntar, e ir com seu pae tomar parte de seus trabalhos, por cima de quantos elle cá no reino tinha: o que logo com muita diligencia e grande cuidado poz por obra. E mandou aperceber e apurar toda a gente que pôde, e todo o dinheiro que das rendas do reino se devia, e outro que andou ajuntando e pedindo emprestado a pessoas que o tinham. E porque lhe pareceu que não era tanto quanto cumpria, com muito recado e muita certeza de paga tomou a prata das egrejas e mosteiros: aquella que não era sagrada, que na sagrada se não bolio nem poz mão: a qual depois de ser Rei com muito cuidado pagou; e de todas estas cousas fez se boa somma de dinheiro.

E por consentimento d'El-Rei seu pae deixou o regimento e governança do reino á Princeza D. Lianor sua mulher, e com ella deixou pessoas de muita auctoridade e letras, e bom conselho, com que nas cousas do reino se aconselhasse. E assi proveu as fron-

teiras de capitães, e as fortalezas de alcaides móres, gente e armas e todo o que mais cumpria.

E feito assi tudo, tendo já a gente prestes, partio da cidade da Guarda no mez de Janeiro de mil e quatrocentos e setenta e seis annos, e entrou em Castella pela villa de S. Felizes, a qual logo tomou por força por estar contra El-Rei seu pae, e a deixou por sua, e no combate houve alguns mortos e feridos.

E d'ahi foi ter junto com Ledesma, que sendo contraria, deu ao arraial por dinheiro mantimentos e provisões. E d'ahi por suas jornadas foi com sua gente tão concertada e em tanta ordem e regimento, que nunca ninguem ousou de o acometer; e chegou á cidade de Touro onde El-Rei seu pae e a Rainha, e toda sua gente estava: e foi recebido d'El-Rei com grandissimo amor e muitas lagrimas de prazer de uma parte e da outra, e assi da Rainha e de todos portuguezes com tanto contentamento que mais não podia ser, porque toda a esperanza d'El-Rei D. Affonso e dos seus era só na vinda do Principe.

CAPITULO XIII

De como o Principe venceu a batalha de Touro e ficou no campo sem lh'o ninguem contradizer

TANTO que o Principe foi em Touro, por o grande favor que El-Rei seu pae e todos com sua vinda receberam, porque El-Rei D. Fernando tinha cercado o castello de Zamora, determinaram logo de irem cercar a cidade da outra parte da ponte, o que logo fizeram, e deixou El-Rei com a Rainha em Touro o duque de Bragança e o conde de Villa

Real com a gente que o cumpria. Nos quaes em uma ilha que faz o rio Doiro se ajuntaram para concerto de paz, da parte d'El-Rei D. Fernando o duque de Alva e o almirante, e da parte d'El-Rei D. Affonso o senhor D. Alvaro, e Ruy de Sousa, e tiveram muitas praticas, mas não fizeram concerto algum.

E El-Rei e o Principe por lhe fallecerem os mantimentos e lhe não poderem vir, e aquelle sitio ser doentio e a gente receber muito mau trato, determinaram alevantar o arraial e tornarem-se á cidade de Touro. O que supitamente fizeram em uma sexta feira, dois dias do mez de Março do anno de mil e quatrocentos e setenta e seis, em querendo amanhecer, com toda a diligencia e recado que se podia ter, porque tinham por certo que El-Rei D. Fernando por estar mais poderoso de gente e muito melhor tratada, como quer que o soubesse iria logo após elles, como foi com todo seu poder.

E indo El-Rei e o Principe já duas leguas da cidade de Zamora, vindo a gente d'El-Rei D. Fernando já muito cerca da d'El-Rei, sendo a de Castella muito mais que a de Portugal, por ser já muita chegada a Touro, e assi ficar com a Rainha muita, o Principe como tão esforçado e valente cavalleiro que era, determinou esperar El-Rei D. Fernando e dar-lhe batalha. E mandou logo recado a El-Rei seu pae que era diante por o caminho a ter e fazer tornar a gente, que com receio apressuradamente se acolhia á cidade. O qual muito ledo e contente d'isso, como mui valente e esforçado tornou logo atraz e com o Principe ordenou de darem batalha, e se pozeram logo em ordem de a dar no campo junto com Touro. Sendo já El-Rei D. Fernando tão cerca, que não podiam ordenar sua gente, que era bem pouca em respeito da dos castelhanos, e com tudo com muita pressa a ordena-

ram em duas batalhas. A primeira e maior a d'El-Rei com sua bandeira real da parte d'onde estava a maior batalha d'El-Rei D. Fernando com sua bandeira sem elle estar nella. E a segunda batalha de menos gente foi a do Principe, porém era gente cortezã e mui escolhida, e com sua bandeira se poz a outra parte de frente d'onde estavam duas muito grandes batalhas de gente d'El-Rei D. Fernando. E vendo o Principe como as batalhas contrarias eram duas, ordenou sua gente tambem em duas batalhas, e apartou de si com os de sua guarda o capitão Fernão Martins de Mascarenhas, e por não ter tanta gente como cumpria encommendou a Gonçalo Vaz de Castel Branco, e a Ruy de Sousa que com sua gente que era muita e muito boa, se ajuntasse, como logo ajuntaram com Fernão Martins, e por entre elles não haver deferença sobre a capitania, mandou lá a D. Pedro de Menezes, que depois foi conde de Cantanheda, e todos juntos fizeram uma boa batalha.

E estando assi as batalhas ordenadas de uma parte e da outra para encontrar, sendo já quasi sol posto, El-Rei mandou dizer ao Principe que lhe mandava a benção de Deos e a sua, e que com ella desse logo rijamente nos contrairos: o qual por lhe obedecer e cumprir o que tanto desejava, depois de feito sinal pelas trombetas, elle com todos os seus com grandissimo esforço e animo como singular capitão, bradando todos pelo nome de S. Jorge, com grande força e impeto deu tão bravamente nas batalhas contrairas, que sendo muito mais gente não poderam soffrer nem resistir os grandes e asperos encontros, e sem muita detença foram logo ambas desbaratadas e postas em fugida com muito damno feito n'ellas.

E era alferes do Principe que levava a bandeira, Lourenço de Faria, homem fidalgo e esforçado, que

neste dia e em outros o fez como muito bom cavalleiro, e o Principe por tal o teve sempre. E assi como o Principe desbaratou estas duas grandes batalhas, assi a batalha grande d'El-Rei D. Fernando desbaratou a d'El-Rei D. Affonso, porque vinha em ella muita e mui grossa gente de armas, e muitos acubertados, e grande somma de espingardeiros que fizeram grande damno aos cavallos.

E sendo assi a batalha desbaratada, e El-Rei D. Affonso vendo-se assi desbaratado, parecendo-lhe que assi o seria a batalha do Principe, pois tinha muito menos gente que a sua, da qual não tinha vista nem recado, achando-se da outra parte com muito poucos : por salvar sua vida se recolheu com muito perigo a Crasto Nunho, já muito noite e bem só, onde o alcaide Pero de Mendanha como bom e leal cavalleiro o recolheu, e fez nisso grandes finezas e lealdades, assim elle como sua mulher, e o serviram muito bem e deram muitos confortos. E El-Rei se foi lá, porque a gente dos contrairos era tanta entre a cidade de Touro e elle, que não podia já lá ir. E toda aquella noite esteve com grande tristeza, por não saber novas do Principe, parecendo-lhe que podia ser morto ou ferido.

E El-Rei D. Fernando, que sem pelejar estava atrás em uma pequena batalha posto em um alto, vendo o desbarato que o Principe fez nas primeiras duas batalhas sendo de muito mais gente que a sua ; e vendo a sua batalha grande toda revolta, sem poder bem determinar o que nella ia, parecendo-lhe tambem que era tudo desbaratado, desempareceu tudo, e com esses com que estava se acolheu logo a Zamora. E o Principe como prudente capitão vendo a grande victoria que Deos lhe dera, e a boa ventura d'aquella hora, quiz mais segurar a honra de tamanho vencimento,

que seguir mais o alcanço. E com muito grande animo e recado recolheu assi sua bandeira e a bandeira real d'El-Rei seu pai, a qual lhe trouxe um escudeiro que se chamava Gonçalo Perez, criado de Gonçalo Vaz Pinto, que por força como homem esforçado a tomou a um Souto Maior, castelhano, que a levava, e o prendeo, a qual bandeira nunca poderam tomar das mãos de Duarte d'Almeida, alferes, sem lh'as primeiro deceparem e darem outras muitas feridas no rosto e no corpo, até o deixarem por morto, e viveu, e fez alli como valente e mui esforçado cavalleiro.

E assi recolheo muita gente que pelo campo era espalhada, e fez corpo e com muita segurança e socego e grandissimo esforço e recado esteve no campo a maior parte da noite sem nunca mover atrás, e estava junto d'elle muita mais gente d'El-Rei D. Fernando que a sua, a qual pelo tão valentemente verem pelejar, e vendo a segurança e socego com que estava, nunca ousou de o cometter, estando tão cerca uns dos outros que se ouviam o que fallavam. E como a noite escureceu se foram todos e o Principe ficou só no campo, triumphando do tamanho vencimento e fazendo recolher os feridos e mortos, como piedoso capitão esteve assim quedo.

E com quanta razão tinha de estar mui alegre por tamanha honra como tinha ganhada, estava em estremo triste sem o dar a entender, por não saber novas d'El-Rei seu pae, que sobre tudo desejava saber.

E algumas pessoas principaes de sua batalha, e outras muitas com o grande alvoroço do vencimento seguiram tanto o alcanço dos contrarios, que deram na forçada gente, onde foram alguns mortos e captivos.

E a gente da batalha d'El-Rei D. Affonso que pelo

campo andava perdida, ouvindo as trombetas e tambores do Principe, e vendo as fogueiras que no campo mandou fazer, se recolheu toda a elle, com que fez uma muito grossa batalha, com que aquella noite ficou pacifico senhor do campo, no qual não ficou nenhum dos Reis, cuja a causa era.

E alli D. Vasco Coutinho, que depois foi conde de Borba, prendeo a D. Anrique, conde de Alva de Lista, pessoa mui principal que vinha a conhecer a batalha do Principe. E trazendo-o assi preso o Principe andava correndo e cerrando sua gente, e foi dar com elles, e deu com o coute da lança ao conde passo, e disse a D. Vasco :

«Tende-o bem, não se vá como o conde de Vena-vente».

E em passando lembrou-lhe que era tio d'El-Rei D. Fernando, e tornou rijo, e pediu-lhe que lhe perdoasse por lhe tocar com a lança, e o conde lhe respondeu :

«Ah! senhor, não vos dê d'isso, que já me não podeis tirar sessenta annos, e ser em tres batalhas cam-
paes: nem se pôde tirar a Vossa Alteza faze-lo hoje
melhor, do 'que ha muitos annos 'que Principe chris-
tão o fez».

E o conde foi trazido preso a Portugal, onde lhe foi feita muita honra por ser pessoa de grã valia, e depois foi solto e livre tornado a Castella. E depois do Principe estar assi muita parte da noite no campo, e vêr como os contrairos todos eram fugidos, e d'elles não haver nem parecer pessoa alguma, e já não ficar cousa que fazer, determinou estar no campo tres dias sem se partir d'elle, e foi aconselhado pelo Arcebispo de Toledo, e outros senhores, que pois a gente dos contrairos era já toda fugida, abastava cumprir com estar tres horas, e para isso como sabedor na guerra,

e nas letras, deu ao Principe taes razões que tomou seu conselho.

E por muito máo trato que a gente tinha recebido, e por muitos feridos que havia, e tambem por lh'o pedirem o Arcebispo de Toledo, e outros senhores que ahi com elle eram, se foi com grande triumpho e vagar, com suas bandeiras tendidas, e trombetas, e atabales á cidade de Touro, onde entrou e esteve com muita tristeza até o outro dia, que soube novas d'El-Rei seu pae, de que ficou muito ledo, e logo lhe mandou muita gente com que veio a Touro onde a Rainha e o Principe estavam.

N'esta batalha, e assi na tomada de Arzilla, e em outras partes, não falo em muitas pessoas, nem nos esforçados feitos que fizeram por pertencer á Chronica d'El-Rei D. Affonso, que até aqui não digo senão o que toca ao Principe; que se a mi pertencera, homens e feitos havia de que fallar, muito dignos de memoria, que bem folgara de escrever.

CAPITULO XIV

De como o Principe por mandado d'El-Rei seu pae se veio a Portugal, e das palavras que um dia disse á mesa

DEPOIS d'isso assi passado logo por El-Rei foi determinado que o Principe se viesse a Portugal, e depois de nisso se tomar conclusão o Principe fez muitas honras e muitas mercês aos que na batalha o serviram como bons cavalleiros, e mandou dar mercês de dinheiro aos feridos, e proveu alguns que da batalha d'El-Rei seu pae foram captivos, e des-

pedido d'El-Rei com muito grande saudade, e assi da Rainha, partio da cidade de Touro na semana maior e veiu ter a Pascoa a Miranda do Doiro, e de Miranda onde a Princesa sua mulher estava, e d'ahi a poucos dias disse alto e publicamente estando comendo á mesa estas palavras:

«Mui necessaria cousa me foi vestir as armas para conhecer os homens a que devo de fazer mercê». Palavras certo dignas de memoria.

CAPITULO XV

*De outras cousas que no reino se seguiram andando
El-Rei seu pae em França*

EL-REI D. Affonso havendo já vindo de Castella, e partindo de Lisboa para França, o Principe se veiu logo á cidade de Evora, e d'ahi andava pela comarca dentre Tejo e Odiana d'onde fazia a guerra a Castella, em que fez muitas entradas com muito damno aos contrairos. E porque quando elle estava em Touro com El-Rei seu pae, D. Alonso de Monroy, que então era mestre d'Alcantara, e da parte d'El-Rei D. Fernando, tomou a villa de Allegrete por manha, e estava n'ella forte e mui bem bastecido, o Principe com seu muito grande esforço o mez de Fevereiro de mil e quatrocentos e setenta e sete a foi cercar, e mandou tão rijamente combater, que por partido lh'a deram, e lhe foi entregue com muita sua honra e louvor, e porém com mortes e danos d'ambalas partes.

CAPITULO XVI

De como o Principe tomou Allégrete, e como fez tornar o Mestre de Sanctiago, que com duas mil lanças vinha correr a Evora

Isto assim acabado estando o Principe em Elvas com sua gente, veio a Evora aforrado, e no dia que chegou lhe deram nova como o Mestre de Sanctiago de Castella com duas mil lanças era entrado e estava pousado na ribeira do Digebe com tenção de a outro dia pela manhã cedo vir correr as portas de Evora, sem saber que elle ahi estava.

O Principe quando lhe o recado deram ficou muito triste e agastado por não haver em Evora mais de trezentas lanças que ahi estavam com o Bispo D. Garcia, e não era gente para poder resistir ao Mestre vir á cidade, o que elle muito sentia por se acertar a isto, e parecia-lhe que recebia nisso muita offensa. E como muito prudente capitão com manha o quiz remediar, pois com força não podia. E logo á noite mandou Diogo da Silva de Menezes, que depois foi conde de Portalegre, e D. João de Sousa, mui valentes cavalleiros, e pessoas de que muito confiava, e com elles trinta de cavallo, onde o Mestre estava pousado com todo seu arraial na dita ribeira, e de um outeiro que sobre a ribeira estava, bradaram alto, até que da tenda do Mestre acudiram, e D. João disse:

— «Dize ao senhor Mestre que estão aqui Diogo da Silva e D. João de Sousa com um recado do Principe para sua senhoria».

Sahiu o Mestre á porta da tenda, e perguntou o que queriam, e D. João lhe disse:

— «Senhor, o Principe nosso Senhor manda dizer a vossa Senhoria por nós que elle chegou hoje á cidade de Evora, e soube como vossa Senhoria aqui estava com tenção de pela manhã ir dar uma vista á cidade, e que elle por amor de vós, e desejar de vos vêr, vos quer tirar d'este trabalho, que vos agradecera muito quererdes-lhe esperar aqui, que elle pela manhã será com vossa Senhoria.»

O Mestre lhe respondeu :

— «Dizei senhores a Sua Alteza, que eu lhe beijo as mãos, e que não sabia como elle ahi estava, e que agora que o sei me parece mais razão ir eu lá para o servir, que Sua Alteza vir cá, e que pela manhã prazendo a Deus serei com elle.»

E com muita cortezia de ambalas partas se despediram D. João e Diogo da Silva, e vieram ao Principe já depois da meia noite, o qual não acharam dormindo, mas armado a cavallo e com todos andando pela cidade a buscar os homens por suas casas, que sabendo o poder do Mestre de má vontade queriam sahir. E com o recado folgou muito, e mandou logo o Bispo D. Garcia com trezentos de cavallo caminho d'onde o Mestre estava: e lá em lugar para isso aparelhado andaram toda a parte da noite trilhando todos a terra tanto, que parecia trilhada mais de tres mil de cavallo, e em querendo amanhecer se puzeram em lugar onde não podessem haver vista d'elles.

E o Mestre ante-manhã levantou-se, e posta sua gente em ordem, mandou tornar sua carruagem por onde viera: e elle com dois mil de cavallo começou de andar caminho da cidade: indo assim com tenção de chegar até ás portas foram dar na trilha da gente, de que ficaram muito espantados. E quando a viram tamanha, foi em todos tamanho receio, que log

tornaram atrás, e com muita pressa e temor partiram caminho de Castella fugindo, sem verem de que fugiam.

E passando pelo porto de Mourão, sahio a vel-os D. Diogo de Castro que ahi estava com cento e cincoenta lanças: e em o Mestre passando por um porto mui apressado, disse Ruy Casco a D. Diogo: senhor demos n'aquella gente, porque vae desbaratada, que ouço ir traquejando umas lanças com as outras, como homens cortados de medo.

O que D. Diogo logo fez, e deu rijamente na tra-zeira do Mestre, que já era passado adiante, e desbaratou-os, e captivou mais de cento de cavallo, sem haver homem que voltasse atrás pelo grande medo que levavam.

O Principe quando soube que o Mestre assi se tornara, foi muito alegre e muito contente pelo assi fazer ir, e por se vêr fóra de tamanha vergonha como para elle fóra vir correr as portas d'Evora. E quando lhe deram o recado do desbarate que D. Diogo na gente do Mestre fizera, folgou muito, e a Ruy Casco pelo conselho que deu a D. Diogo que desse nelles, fez mercê de cincoenta mil reaes de tença.

Em este mesmo tempo e anno houve o Principe de Pero Pantoja, que lh'as deu, as fortalezas de Zaguala e Pedra Boa, do mestrado de Alcantara, em que logo poz seus alcaides e capitães, e por ellas lhe deu em Portugal a villa de Santiago de Cacem. As quaes fortalezas de Zaguala e Pedra Boa com outras rendas n'estes reinos deu o Principe ao dito Mestre D. Affonso de Monroi, porque servisse a El-Rei D. Affonso seu pae como na guerra bem e fielmente como esforçado cavalleiro sempre serviu até se fazerem as pazes.

E assi houve o Principe de Martim de Sepulveda,

fidalgo castelhano, a fortaleza de Noudalan, que estava e era tomada dos castelhanos. E lhe fez por isso em Portugal mercê de que elle foi muito contente e satisfeito.

E n'este mesmo tempo fez o Principe côrtes na villa de Montemór-o-Novo, onde pelos povos para estas necessidades da guerra lhe foi feito serviço de dinheiro.

CAPITULO XVII

De como El-Rei D. Affonso estando em França se apartou dos seus com tenção de se ir a Ferusalem, e do que nisso se passou, e como o Principe foi alçado por Rei

EL-REI D. Affonso vendo como a fortuna em todos estes tempos lhe era muito contraira, e lhe corria de rosto, e não contente de seus trabalhos e fadigas, ainda por maior desventura por sua causa fôra morto o duque de Borgonha seu primo, que elle muito em extremo sentiu, por ser tão excellente Principe, e morrer com todos os seus tão cruelmente; e vendo que tudo o que um esforçado e valente Rei podia fazer elle o tinha feito em Portugal e Castella, Africa, França, e outras partes, e tudo se lhe ia através; parecendo-lhe que isto vinha por Deos, ou por seus peccados, determinou de deixar o mundo, e se ir a Jerusalem meter-se em religião, e com toda a dissimulação que pôde o poz por obra. E aos vinte e quatro dias do mez de Setembro do anno de mil e quatrocentos e setenta e sete, um dia ante manhã com um capelão e dois moços da camara e dois moços d'estribeira se partiu mui secretamente.

E do caminho mandou um dos moços d'esporas, avisado que não o dissesse por onde ia, com uma chave de uma sua boeta, e mandando que se abrisse como logo abriram e acharam n'ella certas cartas, e uma instrução do que mandava que fizessem, tudo escripto por sua mão.

Uma das cartas era para El-Rei de França, em que lhe encomendava muito o amparo e favor, e ajuda dos seus, se lhe fosse necessario, e dando-lhe conta de sua determinação. E outra para o Principe seu filho, em que com palavras de muita tristeza e sentimento lhe dava uma muito triste conta de sua viagem, e desconfortada tenção, e das tristes causas que a isso o movera. Encomendando-lhe muito, e mandando-lhe por sua benção que tanto que lhe a carta dessem logo se levantasse por Rei, e outra carta para todos os do reino em que lhe mandava que como a proprio e verdadeiro Rei lhe obedecessem. As quaes cartas o conde de Farão a que elle na instrução mandou que todos obedecessem e cumprissem seus mandados até tornarem a Portugal, deu a Antão de Faria, seu camareiro e guarda roupa do Principe, que ao tal tempo lá era a visitar El-Rei. Com as quaes Antão de Faria logo partiu, e com pressa veio ao Principe, que como singular e virtuoso, e verdadeiro filho, com muitas lagrimas e grandes soluços as leu, e assi com muita tristeza de todos os que presentes eram e de todo o reino.

E em cumprimento do mandado d'El-Rei seu pae o Principe foi alçado por El-Rei com sua solemnidade em Santarem nos alpendres de S. Francisco, aos dez dias do mez de Novembro de mil e quatrocentos e setenta e sete annos, e não com poucas lagrimas suas e dos que com elle eram. Sendo presentes o duque de Bragança e o marquez de Montemór seu ir-

mão, o Arcebispo de Lisboa, o Bispo de Evora D. Garcia, o Bispo de Coimbra e o Bispo de Vizeu, o conde de Villa Real, o conde de Penella, o conde de Monsanto, e outros senhores e pessoas mui principaes.

CAPITULO XVIII

De como El-Rei D. Affonso foi achado e tarnado a seus reinos, e da grã obediencia e mui singular virtude que o Príncipe fez

TANTO que foi sabido que El-Rei D. Affonso era partido se poz tanta diligencia pelos francezes para se buscar, que não ficaram caminhos, estradas, nem atalhos por onde muita gente não fosse em sua busca. E assi todos os portuguezes com tanta tristeza, tanta dôr, tanto desamparo, quanto bons e verdadeiros criados e vassallos por tão excellente e tão virtuoso Rei, de quem tantas mercês e tantas honras tinham recebidas podiam ter, todos espalhados por todalas partes com tanto desejo de o acharem para com elle irem e o servirem até morte, quanta era a desconsolação de suas almas.

E tanta gente foi após elle por todos os caminhos, que houveram nova por onde ia, e d'ahi a dois dias foi achado por um fidalgo francez, que com muito acatamento o servio e deteve até que os senhores e fidalgos portuguezes chegaram a elle. E com muito trabalho o poderam tirar de seu proposito, e porém como virtuoso e piedoso Rei lhe aprouve de fazer o que com tantas lagrimas e mui piedosas palavras lhe pediam, que era tornar-se a seus reinos, e não nos deixar tão perdidos, tão tristes e desemparados em

reinos e terras estranhas. E logo com todos se tornou, e por não vir a Nafrol d'onde partia, foi a embarcar a uma angra do mar, que chamam a Oga, em uma grande carraca, e a outra gente em naos, que para isso tinham prestes, e assi partio logo para seus reinos.

E vindo no mar foi aconselhado d'algumas pessoas principaes que fosse desembarcar a algumas das cidades que tinha em Africa, e não em Portugal, porque seu filho por já ser Rei não lhe havia de obedecer nem consentir que mandasse nada, e El-Rei lhes respondeu :

«Prouvesse a Deus que tanta mercê me fizesse que fosse eu governado e mandado por meu filho».

Veio El-Rei ter a Cascaes, onde soube que o Principe seu filho era levantado por Rei, e ao outro dia foi desembarcar a Oeiras.

E no mesmo dia veio o Principe ter com elle, que assi como lhe deram a nova, sem mais esperar hora nem ponto partio e veio com muito grande pressa até chegar ao pae, e em o vendo com grandissimo prazer, alegria, e lagrimas, com muito grande acatamento, e os joelhos ém terra lhe beijou a mão. E com palavras de Principe tão prudente e virtuoso, e filho tão obediente como era, renunciou logo de si nas mãos d'El-Rei seu pae o titulo de Rei, que por seu mandado tinha tomado. De que El-Rei e todos os que com elle vinham ficaram mui contentes e mui alegres, porque entre elles houve alguns que duvidavam do Principe fazer tamanha bondade, e El-Rei com muito contentamento e muitas palavras de amor, e razões mui evidentes que para isso ao filho alegou, quizera, e apertadamente lhe cometeu, e rogou, que pois por seu mandado era alçado por Rei, não deixasse de o ser, e ficasse Rei de Portugal, que elle se contentara

com ficar Rei dos Algarves, e nos lugares d'além ir acabar sua vida, fazendo guerra aos infieis por serviço de Deos.

E o Principe pelo grande amor e acatamento que lhe tinha, e por suas muito grandes virtudes nunca o quiz acceitar: dizendo que nunca Deos quizesse que em sua vida houvesse outro Rei senão elle.

E apertando El-Rei todavia muito nisso, e por muitas vezes, o Principe lhe pediu muito por mercê que tal lhe não mandasse, porque em nenhuma maneira o havia de fazer, ainda que n'isso lhe fosse desobediente; e que soubesse certo que muito mais estimava ser seu filho, que ser Rei de muitos reinos. De maneira que logo El-Rei D. Affonso ficou como d'antes era, e o Principe no mesmo dia se tornou a chamar Principe, de que foi de todos em extremo muito louvado, e foi grandissima virtude.

Aos senhores e fidalgos que com El-Rei seu pae vinham fez muita honra e gasalhado, e assi recebeu todos os mais com muito amor. E d'ahi se foram El-Rei e elle á cidade de Lisboa, onde com muitos prazeres e mui grandes alegrias foram recebidos, e assi foi mui grande prazer em todo o reino.

CAPITULO XIX

Do que o Principe passou em Almeirim com o Cardeal



Principe nunca foi contente das cousas do Cardeal de Portugal D. Jorge da Costa, nem lhe parecia bem a muita honra que El-Rei seu pae lhe fazia mais do que era razão, com que o Cardeal se mostrava rijo, e fazia algumas cousas mais.

solto do que devia: de que o Principe tinha desprazer por El-Rei lh'as consentir. E estando El-Rei em Almeirim, andando passeando no campo, o Principe se apartou com o Cardeal a cavallo, e foram passeando caminho de Santarem, e á ponte d'Alpiarça o Principe mandou ficar todos, e só com o Cardeal e os moços d'estribeira adiante afastados, passou a ponte d'Alpiarça. E foi reprehendendo muito o Cardeal com palavras asperas e feias, estranhando-lhe as cousas que fazia, e o Cardeal dando-lhe muitas desculpas, o Principe lh'as não recebia, e lhe disse:

«Para que é nada, senão a um Cardeal tão mal ensinado, desagradecido e de mà condição manda-lo tomar pcr quatro moços d'esporas, e afoga-lo em um rio, e dizer que cahiú e se afogou por desastre».

E isto indo-se chegando ao Tejo, de que o Cardeal houve tamanho medo que verdadeiramente cuidou que o Principe o levava para o mandar matar. E d'ahi por diante se emmendou e o temeo tanto, que logo determinou sua ida para Roma, e se foi, e lá contou a muitas pessoas que nunca tão grão medo houvera, e que aquella hora se dera por morto.

CAPITULO XX

De como Lopo Vaz, o Torrão, se levantou com a villa de Moura, e do que o Principe sobre isso fez

DEPOIS d'El-Rei D. Affonso ter vindo de França no anno de setenta e oito, durando ainda as guerras de Castella, Lopo Vaz de Castello Branco a que chamavam o Torrão, sendo alcaide-mór da villa de Moura, sem causa alguma se alevantou com

a dita villa e fortaleza por El-Rei de Castella, contra El-Rei D. Affonso que o criara, e chamou-se conde de Moura. E depois por ser muito estranhado de seus parentes, homens principaes e leaes que no reino havia, e aconselhado e requerido d'elles se tornou a levantar por Portugal, e desistio do titulo de conde, que endevidamente tomara, porém com promessas d'El-Rei D. Affonso. De que o Principe houve muito desprazer, e nunca nisso cousentiu: antes disse a El-Rei seu pai, que pois queria fazer mercê aos que contra elle se alevantavam, que faria aos que o muito bem servissem. E porque o Principe sentio muito o dito Lopo Vaz se alevantar assi sem causa, e não fiar d'elle, por escusar de o poder fazer outra vez determinou de o mandar matar. E teve maneira que estando o dito Lopo Vaz em Moura bem receoso e guardado d'elle, por certos cavalleiros que manhosamente lá mandou, dizendo que iam fugidos, o mandou matar, e o mataram no campo indo com elles á caça.

E tanto que o Principe o soube acudio logo em pessoa, e toda a côrte após elle, e segurou a villa e fortaleza, e entregou-a á Infanta D. Beatriz sua sogra, e mãe do duque D. Diogo, cuja era a villa e fortaleza. O que o Principe assi fez por se outros individamente e sem causa se não levantarem.

E os cavalleiros que o assim mataram eram João Palha, Mem Palha, Pero Palha, e Brás Palha, irmãos, e Ruy Gil e Diogo Gil Magro, irmãos, e todos primos, aos quaes o Principe fez boas mercês.

CAPITULO XXI

Do que o Principe fez sobre as terçarias

DEPOIS das pazes feitas por El-Rei D. Affonso e El-Rei de Castella, no fim do anno de mil e quatrocentos e oitenta, por assi estar assentado nas capitulações d'ellas, o Principe estando em Beja com a Princesa, e sua casa, mandou entregar o Infante D. Affonso seu filho á Infanta D. Beatriz sua sogra, que já estava em Moura, para o ahi ter em terçaria, o qual Infante foi grandemente acompanhado dos principaes senhores do reino, e despedido do Principe seu pai, e da Princesa sua mãe com muitas lagrimas, e grandissima saudade, foi levado e entregue á senhora Infanta sua avó. E logo veio de Castella a Infanta D. Isabel filha maior d'El-Rei D. Fernando e da Rainha D. Isabel, e com ella o mestre de Santiago, e outros muitos senhores, e mui nobre companhia.

E antes de entregarem a senhora Infanta vieram embaixadores á Infanta D. Beatriz além dos que já com ella estavam. Os quaes embaixadores apontaram de novo tantas e grandes duvidas e condições para dilatarem a entrega da Infanta D. Isabel, que foi necessario irem muitas vezes recados ao Principe, que estava em Beja, do que queria e mandava que se fizesse, porque todo o caso dependia sobre elle. E o Principe agastado de suas importunações e delongas, parecendo-lhe que não queriam cumprir o que era determinado e assentado nas capitulações das pazes, presumindo que isto poderia d'outrem vir, mandou aos embaixadores dois escriptos com duas sós palavras escriptas de sua mão, e em um dizia paz, e no outro

guerra. E mandou que no conselho onde os de um reino e do outro cada dia se juntavam fossem os ditos escriptos perante todos dados aos ditos embaixadores, e que logo em nome dos Reis seus senhores escolhessem um d'elles qual quizessem. E que se tomassem o da guerra, que d'ella seria mais contente por ser uma guerra, que de paz que tantas guerras lhe dava; que se quizessem o da paz que d'ella tambem lhe prazeria: sem mais emnovações das que já concluidas eram, e que para isso logo trouxessem e entregassem a Infanta. Os quaes dois escriptos do Principe com sua tão clara determinação tiveram no conselho tanto poder e auctoridade, que os embaixadores todos sem mais duvidas nem delongas se conformaram todos e acordaram a entrega da senhora Infanta, que logo entregaram. E foi entregue á Infanta D. Beatriz aos onze dias do mez de Janeiro de mil quatrocentos e oitenta e um annos.

E a Infanta D. Izabel foi solemnemente recebida, e ficaram ella e o Infante D. Affonso nas ditas terçarias, e os senhores e embaixadores foram logo despedidos. E a Infanta D. Beatriz como foi entregue da Infanta D. Izabel, entregou o senhor D. Manoel seu filho para lá andar emquanto não fosse o duque D. Diogo como era ordenado, porque ao tal tempo estava doente. E os senhores o receberam e levarão com muita honra. E ia com mui honrada casa e concerto, e muitos fidalgos honrados, tudo ordenado pelo Principe.

CAPITULO XXII

*Da morte d'El-Rei D. Affonso e de como o Principe
foi alçado por Rei*

DEPOIS do Infante D. Affonso assi estar em terçarias na villa de Moura em poder da Infanta D. Beatriz sua avó, como dito é, o Principe e a Princeza pelo grandissimo bem que ao Infante queriam por ser tão excellente creatura e não terem outro filho nem filha, pelo grande receio que tinham da sua saude, por a villa de Moura ser muito doentia nos verãos, ficaram em Beja para d'ahi cada dia saberem novas do filho que em extremo muito amavam.

E no mesmo anno de mil e quatrocentos e oitenta e um, no mez d'Agosto, veio recado ao Principe que El-Rei seu pae estava na villa de Cintra muito doente de febres, e tanto que lhe deram a nova partio logo a grande pressa, e o foi vêr. E havendo muito poucos dias que El-Rei era doente foram as febres tão rijas, que quando o Principe chegou a elle o achou já de maneira que todos os fisicos desconfiavam de sua saude.

Beijou a mão a El-Rei seu pae com muito acatamento, e El-Rei foi mui ledo com a vinda e vista do Principe, por que em todas suas fortunas elle só foi sempre o principal conforto e remedio d'ellas, e o que El-Rei em todos os tempos sobre todos mais estimou. E naquelle tempo que era de tamanha necessidade, tanta tristeza e desconsolação, ficou mui consolado com elle. E o Principe como prudente e mui virtuoso filho, tanto que dos fisicos soube que a vida d'El-Rei

seu pai não tinha remedio algum, lh'o quiz buscar para salvação de sua alma: e lhe lembrou logo com palavras de muito amor e esforço, com grande prudencia e segurança, as cousas que lhe pareceram necessarias para descargo de sua consciencia e bem de sua alma. As quaes El-Rei tomou d'elle com grande amor e muita paciencia, dando muitas graças a Deos por o livrar de tantos perigos, como tinha livre, e o deixar morrer em seus reinos, e em sua casa e sua cama, com conhecimento de sua morte, e conformando-se com sua vontade e o que mais fosse servido, fez logo tudo o que cumpria com seu testamento feito e muito bem ordenado: confessado, commungado e ungido com muita devoção e arrependimento de seus peccados como catholico e virtuoso Rei, perante o Principe seu filho deu a alma a Deos, e se finou na dita villa de Cintra em a mesma casa e logar onde nasceo, aos XXIII dias d'Agosto do dito anno de mil e quatrocentos e oitenta e um, em idade de quarenta e nove annos, dos quaes reinou os quarenta e tres.

Foi o Principe por sua morte mui enojado e assi todos os que presentes eram, e todo o reino, porque El-Rei era mui bemquisto e mui amado de todos.

Foi logo o corpo d'El-Rei com muita solemnidade e muito grande tristeza levado ao mosteiro da Batalha, e sepultado na casa do capitulo, onde ainda agora jaz.

O Principe vestido todo de burel como então era costume, se encerrou tres dias com tantas lagrimas e tanta tristeza, quanto um tão singular filho por um tão virtuoso pai podia ter. E no derradeiro dia do dito mez d'Agosto, vestido de vestiduras reaes com o ceptro na mão, e todas as cerimoniaes acostumadas, foi pelos senhores e nobres do reino que se ahi então acertaram, alevantado por Rei, na mesma villa de Cintra,

no Jogo da Pela, em idade de vinte e seis annos e quatro mezes. E logo com grande solemnidade foi em todos seus reinos levantado e obedecido por Rei.

E pelo grande sentimento que todos souberam que El-Rei tinha pela morte d'El-Rei seu pae, e tambem pelo nojo em todos ser mui geral, por quão amadô e bemquisto era, foram em todo o reino feitos muito grandes prantos com grandes cerimonias de tristeza, e toda a gente vestida de burel, almafega, luto e vaso. E por mandado d'El-Rei foram feitos em todos os mosteiros e egrejas grandes e devotas exequias, em que mui devotamente encommendavam sua alma a Deos.

E d'El-Rei D. Affonso que sancta gloria haja não ficaram mais filhos que El-Rei D. João e a Infanta D. Joana, mais velha que El-Rei, que solteira sem casar, com vida e obras de mui virtuosa e catholica Princesa se finou no mosteiro de Jesu d'Aveiro d'ahi a muitos dias, em idade de trinta e seis annos, no anno de mil e quatrocentos e noventa, como adiante será.

CAPITULO XXIII

Do sahimento d'El-Rei D. Affonso e d'outras cousas que El-Rei logo fez necessarias em tal tempo

ESCREVEO logo El-Rei a todos os grandes e Perlados, e fidalgos principaes de todos seus reinos, e os mandou aperceber para o sahimento d'El-Rei seu pae que logo mui honradamente com muito grandes cumprimentos e muitas despezas, e grande perfeição lhe mandou fazer no mesmo mosteiro da Batalha no fim do mez de Setembro, ao qual El-Rei foi em pessoa acompanhado de todos os grandes e nobres

de seus reinos, e de outra muita gente honrada: o qual sahimento fez muito perfeitamente e com grande sentimento no dito mosteiro.

E tanto que El-Rei veio do sahimento, mandou recado a todas as cidades e villas notaveis, e assi aos alcaides móres, que no mez de Novembro seguinte fossem todos na cidade d'Evora para côrtes que ahi havia de fazer, e assi para darem obediencias e menagens.

E recolheu logo para si com muito amor e gasalhado todos os officiaes da casa d'El-Rei seu pae e assi os moradores, e muitos dos officiaes tomou para si com os mesmos officios, e a outros deu satisfações de que foram bem contentes, e fez outras muito grandes mercês, com muitas palavras de conforto e de muita esperança, com que todos ficaram mui confortados e satisfeitos d'elle, que para perda de tão bom senhor foi grandissimo remedio tão virtuoso e verdadeiro emparo como todos em El-Rei acharam.

E nas cousas do testamento e descarrego da alma d'El-Rei seu pae, o fez tão virtuosamente, com tanta bondade, com tanto cuidado e diligencia, em tanta perfeição o cumprio sem ficar cousa alguma por fazer, que mais não fizera para sua propria vida e salvação de sua alma, e por isto foi de todos em extremo mui louvado.

CAPITULO XXIV

Do que El-Rei fez sobre um alvará que tinha passado a Nuno Pereira

SEENDO El-Rei Principe, no tempo de sua mocidade folgou muito com Nuno Pereira, fidalgo de sua casa, homem galante, cortesão, e bom trovador, e sendo assi privado pediu ao Principe que lhe fizesse mercê de um alvará em que lhe promettesse de o fazer conde tanto que fosse Rei.

E por o Principe ser moço e lhe querer grande bem, lhe deu o alvará feito á vontade de Nuno Pereira, sem o ninguem saber, o qual teve muitos annos em segredo, sem d'isso dar parte a pessoa alguma, nem lembrar mais ao Principe. E depois que foi alçado por Rei, Nuno Pereira com o alvará na mão lhe veio requerer que lh'o cumprisse. E El-Rei quando viu e leu o alvará que nunca mais lhe lembrara, ficou enleado e tomou-o, e disse-lhe que elle lhe responderia. E teve logo sobre isso conselho se era caso de castigo, pois em moço lhe fizera fazer o que não devia, folgando muito com elle. E emfim rompeu o alvará e disse a Nuno Pereira que maior mercê lhe fazia em o castigar, do que lhe fizera se lhe cumprira o alvará, e porém depois sempre lhe fez honra e mercê.

CAPITULO XXV

De como El-Rei mandou fazer o castello da cidade de S. Jorge na Mina

Em vida d'El-Rei D. Affonso, sendo ainda El-Rei Principe, tinha já a governança dos lugares de além em Africa: e assi as rendas e tratos da Mina, e todo Guiné, que então rendiam pouco, e os trazia a esse tempo arrendados Fernão Gomez da Mina, cidadão de Lisboa que nelles ganhou muito dinheiro.

E tanto que El-Rei reinou, como muito prudente e mui astucioso, cuidando muitas vezes o grande proveito que a elle e a seus reinos e naturaes recrecia se naquella parte da Mina podesse fazer e ter uma fortaleza onde assentasse trato com muitas e boas mercadorias para com ellas se fazer muito ouro, como tinha por verdadeira informação que alli se vinha resgatar; e que assentando-se o trato, e vindo a estes reinos ouro seria muito serviço e acrecentamento de sua honra e estado, e principalmente por a fé de Nosso Senhor Jesu Christo ser naquellas partes sabida como foi, determinou com os do seu conselho de a fazer, como fez, na cidade de S. Jorge na Mina, de que tanto proveito a estes reinos recreceo.

E havendo muitos que o torvavam por o haverem por cousa impossivel pelas grandes doenças da terra e a longura do caminho e incerteza e pouca verdade e confiança dos negros, e outros muitos inconvenientes que para isso lhe lembravam, todavia determinou de o fazer.

E o primeiro homem que para ir lá se offereceo,

foi Fernão Lourenço, seu escrivão da fazenda, que depois foi feitor das casas da Índia e da Mina, homem mui honrado, a quem El-Rei muito agradeceu e lhe fez sempre muita honra e muitas mercês.

Escolheu para isso Diogo d'Azambuja, cavalleiro de sua casa, que depois foi do conselho e tomou a cidade de Safim aos mouros, e foi d'ella capitão, homem de muito bom saber e esforçado coração, de confiança e bondade, e outras boas qualidades, e com todas as cousas necessarias em muito grande abastança, o mandou com seiscentos homens a fazer a dita fortaleza, os centos d'elles pedreiros e carpinteiros, e os quinhentos homens d'armas, em que entravam muitas pessoas honradas, criados d'El-Rei, levando logo de cá toda a pedraria e madeira lavrada.

E porque em todo o mar Oceano não ha navios latinos senão as caravellas de Portugal e do Algarve, El-Rei por ninguem ousar d'ir áquellas partes, fez crêr a todos que da Mina não podiam tornar navios redondos por caso das correntes. E para isso toda a pedra, cal, telha, madeira, pregadura, ferramentas e mantimentos, mandou tudo em urcas velhas, para lá se desfazerem e dizerem que por caso das grandes correntes não poderam tornar, e assi se fez com muito segredo e grandes juramentos, e o houveram todos por tão certo que em vida d'El-Rei sempre pareceo que navios redondos não podiam vir de lá, e com isso sempre teve a Mina mui guardada.

E com estas urcas que diante foram e com muitas e mui boas caravelas, partio Diogo d'Azambuja com sua armada da cidade de Lisboa vespora de Santa Luzia, doze dias do mez de Dezembro do dito anno de mil e quatrocentos e oitenta e um. E aos dezenove dias de Janeiro do anno de mil e quatrocentos e oitenta e dois foi o primeiro dia em que sahio em terra,

e d'ahi a dois dias começou a fortaleza no lugar onde ora está, com muito saber e resguardo, e muitas dadas aos da terra, tudo como homem prudente e muito bom cavalleiro. E depois de tudo feito como cumpria tomou a gente necessaria para guarda da fortaleza e para o trato, e a outra mandou logo para o reino com recado do que ficava feito: de que El-Rei recebeu muito contentamento, e elle ficou lá por capitão, onde esteve dois annos e sete mezes, d'onde veio rico e mui honrado, e sem o elle requerer El-Rei lhe fez em chegando muita mercê e acrecentamento e tanta honra, quanto por tão bom serviço lhe merecia.

CAPITULO XXVI

Das côrtes que El-Rei fez na cidade de Evora, onde lhe deram obediencias e menagens

DEPOIS de ser acabado o saimento d'El-Rei D. Affonso, como já fica dito, El-Rei com a Rainha e o Principe se veio á cidade de Evora.

E no mez de Novembro d'este anno de mil e quatrocentos e oitenta e um foram juntos na cidade todos os grandes senhores e pessoas principaes, e alcaides-móres e assim todos os procuradores das cidades e villas notaveis, para côrtes que haviam de fazer. As quaes se fizeram em uma sala grande dos paços, com muito grande solemnidade, ordem e regimento, com muito ricos concertos, tudo em muito grande perfeição. El-Rei em alto estrado, e sua cadeira real com dorsel de brocado, e elle vestido de opa roçagante de tella d'ouro forrada de ricas martas com o ceptro na mão. E os senhores e officiaes móres, e os do conse-

lho e assi todos os procuradores do reino assentados em seus assentos ordenados, segundo suas precedencias.

E depois de tudo posto em ordem, e a casa em grande silencio, o doutor Vasco Fernandes de Luce-na, chanceler da casa do cível, fez em alta voz uma arenga mui bem feita, e bem conforme ao caso. E acabada, D. Fernando, duque de Bragança e de Guimarães se levantou, e se foi a El-Rei, e posto em joelhos diante d'elle por si, e pelo duque D. Diogo irmão da Rainha, que ao tal tempo andava em Castella pelo contrato das terçarias, deu a El-Rei sua obediencia, e pelos seus castellos e os do duque lhe fez nas mãos d'El-Rei por todos menagem. E o senhor D. Alvaro irmão do duque, como procurador do marquez de Montemór e do conde de Fão seus irmãos, e em nome de todos os senhores do reino, e por si, deu tambem obediencia e menagem nas mãos d'El-Rei, e após elle a deu um procurador da cidade de Lisboa por todas as cidades: e outro de Santarem por todas as villas: o que assi fez por abreviar, porque se todas houveram de ir per si, fôra cousa de fastio e grande vagar.

E acabo assi tudo, El-Rei com grande estado real, e todos seus officiaes diante d'elle, e muitos reis d'armas e porteiros de maça, e os senhores que o acompanhavam se recolheu a suas camaras.

CAPITULO XXVII

De como se começou e houve principio o caso do duque de Bragança

ANTES de se fazerem estas menagens, El-Rei com o duque de Bragança e outros senhores e pessoas do conselho, praticou nas palavras que nas menagens haviam de dizer, muitas vezes, em que houve muitas porfias, desgostos e descontentamentos, por lhe parecer aspera fôrma a em que El-Rei queria que se fizessem, sendo aquella propria em que ora se fazem, porque até então não achavam regimento algum por onde se fizessem (cousas de muito grande descuido dos Reis passados).

E porque d'ahi em diante houvesse fôrma e regimento por onde se todas fizessem, El-Rei mandou fazer um livro muito bem ordenado, que sempre andou em sua guarda roupa, em que todas as menagens que todos os alcaides môres d'ahi em diante fizessem fossem nelle escriptas, nomeando o lugar, dia e mez, e anno, e com os alcaides e testemunhas nelle assinados, e ordenou que se dessem nesta maneira: — El-Rei assentado e o alcaide em joelhos diante d'elle com ambas as mãos juntas metidas entre as mãos d'El-Rei, estivesse assi até se acabarem as palavras da menagem, as quaes são estas.

CAPITULO XXVIII

A maneira em que se as menagens dão

Aos tantos dias de tal mez e tal anno, na cidade ou villa tal, nas casas taes onde El-Rei Nosso Senhor pousa, Foão lhe fez preito e menagem pelo castello e fortaleza tal na fôrma que se segue. As quaes palavras ha-de lêr alto o escrivão da poridade, ou o secretario. Mui alto, mui excellente, e mui poderoso meu verdadeiro e natural Rei e senhor. Eu Foão vos faço preito e menagem pelo vosso castello e fortaleza tal de que me ora novamente encarregaes e daes carreggo que a tenha e guarde por vós, e vos acolherei no alto e no baixo d'ella de noite e de dia a quaesquer horas e tempos que seja, irado e pagado com poucos e com muitos, vindo em vosso livre poder, e d'elle farei guerra, e mantereí tregoa e paz, segundo me por vos senhor fôr mandado, e o não entregarei a alguma pessoa de qualquer estado, gráo, dignidade, ou preminencia que seja, senão a vós meu senhor, ou a vosso certo recado logo sem delonga, arte, nem cautella, a todo tempo que qualquer pessoa me der vossa carta assinada por vós, e assellada com vosso selo, ou sinete de vossas armas, porque me tiraes este dito preito e menagem.

E se acontecer que eu no castello haja de deixar alguma pessoa por alcaide e guarda d'elle, eu lhe tomarei este dito preito e menagem na dita fôrma e maneira, e com as clausulas e condições e obrigações nelle contheudas. E eu por isso não ficarei desobrigado d'este dito preito e menagem, e das obrigações e cousas que nelle se contem: mas antes me obrigo

que o dito alcaide, ou pessoa que assi deixar, tenha e mantenha, cumpra e guarde todas estas cousas e cada uma d'ellas inteiramente.

E eu sobredito Foão faço preito e menagem em as mãos de Vossa Alteza que de mi a receba, uma' duas e tres vezes, segundo vosso costume d'estes vossos reinos. E vos prometo e me obrigo que tenha e mantenha, guarde e cumpra inteiramente este dito preito e menagem, e todas as clausulas, condições e obrigações e todas as cousas, e cada uma d'ellas em ella contheudas, sem arte, cautella, fraude, engano nem mingoamento, e por firmeza d'ello assignei aqui; testemunhas: Foão e Foão. E eu Foão escrevão da porridade que esta menagem por mandado do dito senhor fiz escrever e estive ao tomar d'ella, e tambem assignei.

O duque e seus irmãos, e assi outros senhores houveram então a fôrma d'esta menagem por aspera e prejudicial a suas honras. E o duque fez logo seus requerimentos e protesto, e pediu d'isso instrumentos, que em caso que então assi a fizesse era quasi forçado: mas que protestava depois de buscar as suas doações, escripturas e privilegios, e El-Rei o ouvir sobre isso com sua justiça, e lhe guardar e o não obrigar a mais do que os Reis seus passados seus antecessores obrigaram a elle e a seu pae e avós.

E o duque por vêr se poderia remediar isto que muito sentia, mandou logo o bacharel João Affonso, veador de sua fazenda, a Villa Viçosa, e deu-lhe a chave de um cofre em que tinha suas doações e escripturas, e todos os papeis de seu segredo, e mandou-lhe que o abrisse e entre todos buscasse todas as que lhe parecessem que para este caso lhe cumpriam.

E o bacharel por descuido ou negligencia, ou outras occupaões, ou por misterio de Deus, mandou

buscar os ditos papeis por um seu filho moço de que elle muito fiava. O qual filho buscando o dito cofre, chegou por acerto a elle Lopo de Figueiredo, escrivão da fazenda do duque, homem de muita confiança, o qual a requerimento do moço o ajudou a buscar todas as escripturas e papeis que no cofre estavam, mais com tenção do serviço do duque, que do que adiante se seguio.

E andando assi em busca dos ditos papeis, topou com algumas cartas e instruções de Castella, e para os Reis de Castella, d'ellas proprias, e outras emendas corregidas e emendadas da letra do mesmo duque. E como assi vio, escondidamente do moço as tomou todas, e meteo na manga, e se foi a casa, e secretamente vio todas. E vendo que eram contra o estado, honra e serviço d'El-Rei, determinou de logo lhe ir tudo mostrar, e sem detença alguma partio de Villa Viçosa escondidamente, e veio a Evora, e secretamente falou com El-Rei com muito resguardo, e com palavras de muito bom homem e leal vassalo mostrou tudo a El-Rei, affirmando-lhe e jurando que o não fazia por odio do duque, porque tinha razão de o amar e servir, nem menos por esperar de Sua Alteza por isso mercês, mas que era seu vassalo, e temia a Deos, e receava o que d'alli se podia seguir, e a conta que a Deos daria podendo atalhar tanto mal, e não o fazer.

El-Rei depois de tudo muito bem vêr, e lhe dar d'isso os agradecimentos que devia, ficou triste e mui cuidadoso. E mandou logo a Antão de Faria, seu camareiro de que muito confiava, e a quem descubria seus segredos, que com a maior pressa que podesse, tresladasse todos aquelles papeis, o que logo fez. E El-Rei tornou os proprios ao dito Lopo de Figueiredo para os tornar ao cofre d'onde os tirara, porque ainda o

moço tinha muito que buscar, e se porventura mais achasse, que o trizeria a Sua Alteza: e não mingoando nem se achando cousa menos no cofre não haveria ahi que suspeitar. As quaes cousas dando a El-Rei muito cuidado e paixão as dissimulou de maneira que nunca pessoa alguma entendeu nada nelle, e tudo guardou em si. E porém d'alli por diante como prudente começou a entender e olhar por muitas cousas, e andar sobre aviso do duque, e ter d'elle muitas suspeitas e má vontade, sem lh'a nunca dar a entender.

CAPITULO XXIX

D'algumas cousas que El-Rei nas côrtes ordenou e quiz fazer

N'ESTAS côrtes a requerimentos dos povos, e por vontade d'El-Rei, que com muito cuidado todo se fazia, ordenara muitas e boas cousas, ante as quaes El-Rei ordenou os contadores e officiaes das terças e residios, capellas e hospitaes, e orfãos, e os repartiu nas comarcas como ainda agora estão. E tirou os adiantados que em cada comarca do reino eram postos por El-Rei seu pae, pessoas principaes e de titulos, que punham por si ouvidores que ouviam como corregedores. Isto a requerimento dos povos, e por lhe assi parecer serviço de Deos e seu.

E assi determinou que as confirmações que havia de confirmar, não fossem geraes como os Reis seus antecessores costumavam: mas que todas as pessoas de qualquer estado e condição que fossem, assi ecclesiasticos como seculares, e todos os mosteiros e egrejas de seus reinos, e todas as cidades, villas e lugares d'ahi a

certo tempo viessem offerecer aos officiaes deputados para suas confirmações todas as doações, graças e privilegios que tivessem, para lhe confirmar as que razão e justiça lhe parecesse, e não no cumprindo que d'ahi em diante perdessem a graça de todo.

E a principal causa porque El-Rei isto assi mandou foi por vêr as doações e todalas mais cousas dos grandes senhores fidalgos e cavalleiros de seus reinos, por lhe ser dito que em suas terras e senhorios usavam de maiores jurdições e poderes do que suas doações, graças e privilegios se estendiam, e assi para se não confirmarem geralmente muitas cousas que os Reis passados deram: principalmente El-Rei D. Affonso seu pae, que quasi constrangido em tempos de muita necessidade, guerras e affrontas, outorgou muitas que de direito e razão antes se deviam revogar que consentir nem confirmar. E assi para mandar renovar em nova letra privilegios e liberdades tão antigos, que se não podiam bem lêr.

CAPITULO XXX

Ida d'El-Rei a Montemór-o-Novo, e do que aconteceu ao marquez da dita villa no recebimento d'El-Rei, e das palavras que houve com o Arcebispo de Braga

PORQUE na cidade de Evora começaram a morrer de peste, El-Rei com sua côrte no Janeiro seguinte de quatrocentos e oitenta e dois se foi a Montemór-o-Novo para ahi acabar de despachar as cousas particulares das côrtes, e assi ordenar outras que para bem de seus reinos e estados cumpriam.

E antes d'entrar na dita villa, indo com grande dó, e todos vestidos de burel e almafega, o marquez de Montemór o veio receber ao caminho com um argao e pelote d'almafega, e debaixo um gibão de brocado que parecia, e vinha em um ginete arreiado com uns cordões e topeteira cramesis, querendo dar a entender a El-Rei que tinha muito prazer e contentamento d'elle reinar, e mui alegre lhe beijou a mão.

El-Rei ficou mui espantado de tamanha deshonestidade, e houve d'isso muito desprazer, e porque as cousas mal feitas não deixava passar sem reprehensão ou castigo, mandou logo dizer ao marquez que se lhe lembrava a elle que o Rei por quem trazia tal dó o fizera marquez e lhe dera Montemór, e lhe fizera sempre muitas honras e mercês. Do qual recado o marquez ficou envergonhado e scandalizado d'El-Rei.

E logo na villa por darem a D. João Galvão, Arcebispo de Braga, d'aposentadoria umas casas de um criado do marquez que elle quizera escusar e não pôde, disse ao Arcebispo publicamente palavras feias e injurias, de que o Arcebispo sentido muito e enjuriado, foi logo fazer queixume a El-Rei, que mostrou receber por muito descontentamento, e por ser no começo de seu reinado em sua côrte e entre pessoas tão principaes, sendo verdadeiramente informado do caso, esteve logo sobre isso com pessoas do conselho, e letrados, todos sem sospeita, e sem mais dilação mandou ao marquez que logo naquelle dia se saísse da dita villa de Montemór, e dentro em cinco dias se passasse além do Tejo onde estaria até sua mercê.

E tanto que o recado foi dado ao marquez, que já no castello onde pousava estava como preso, se sahio logo, e em tudo cumpriu o mandado d'El-Rei, mos-

trando-se d'isto muito agravado, descontente, e injuriado. E dentro nos cinco dias se foi a Castello Branco, onde alguns dias esteve.

CAPITULO XXXI

De algumas cousas que o marquez logo fez contra serviço d'El-Rei

O marquez estando em Castello Branco, logo com odio e má vontade que a El Rei sem causa tinha, fez capitulos mui falsos e deshonestos da vida d'El-Rei, que tocava muito a sua honra e estado real, e os mandou logo por um Afonso Vaz, secretario seu, a El-Rei e á Rainha de Castella, que então estavam em Medina del Campo. Os quaes capitulos por sua deshonestidade El-Rei e a Rainha não receberam como o marquez desejava, nem deram credito ao mensageiro.

E o marquez tornou a fazer outros capitulos que depois enviou a El-Rei e á Rainha de Castella por Pero Infante, homem de que o marquez muito confiava. E antes de Pero Infante partir, o marquez por Lopo da Gama, cavalleiro de sua casa, mandou mostrar tudo ao duque de Bragança seu irmão, que estava em Villa Viçosa. E segundo se houve por certo ao duque pesou muito de os vêr, e lh'o mandou reprehender e estranhar muito como cousa de homem apaixonado e de pouco siso. E com tudo pelo degredo do marquez ser assi supito e apressado, e a seu parecer rigoroso, o duque recebeu tanta paixão, que lhe acrecentou a má vontade que a El-Rei tinha, pare-

cendo-lhe que o fazia por abatimento seu e do Marquez seu irmão.

CAPITULO XXXII

De como El-Rei a requerimento dos povos ordenou nestas côrtes de mandar corregedores ás terras dos senhores, e o que sobre isso passou com o duque

E porque pelas guerras passadas e necessidades em que El-Rei D. Affonso se viu, e tambem por ser de sua condição, as cousas da justiça andavam mais largas do que eram razão, El-Rei nestas côrtes requerido por seus povos quiz logo a isso acudir como devia, e primeiramente quiz por algum tempo mandar seus corregedores ás terras dos senhores, e primeiro que nada fizesse o disse em Evora ao duque, rogando-lhe muito, e encomendando-lhe que o consentisse e houvesse por bem, e que sem paixão alguma o quizesse fazer, pois sabia quanto a seu serviço e estado cumpria entender logo nas cousas de justiça em principio de seu reinado. E mais sendo tão apertadamente por isso dos povos requerido. E que elle duque devia de folgar de se saber a justiça que em suas terras se fazia, e como eram governadas, porque sendo como elle esperava que fosse, levaria nisso muito contentamento. E havendo algumas cousas que emendar ou castigar, elle faria tudo com o resguardo e temperança que elle por sua honra, seu sangue e dignidade merecia, e que fazendo-lhe este prazer seria exemplo para os senhores todos do reino sem paixão o consentir.

E o duque com todas estas boas palavras se escu-

sou d'isso, e não lh'o quiz conceder, antes elle e seus irmãos, porque suas terras eram d'isso isentas, mostraram receber grandes descontentamentos.

CAPITULO XXXIII

De como começaram as graças e separadas

EL-REI D. Affonso e os Reis ante d'elle pagavam a seus moradores os casamentos juntamente em uma só paga, e no tempo das guerras de Castella, por El-Rei D. Affonso ter muita necessidade de dinheiro não pôde pagar muitos casamentos a muitas pessoas que os tinham havia dias tirados, e assentou de não pagar nenhum, e disse aos homens a que os devia, que lhe prazia que emquanto lhe não pagasse os ditos casamentos, lhe fazer em cada um anno graça de dez mil reaes por cada mil corôas. E diz graça, porque até então os Reis diziam, fazemos graça, e não fazemos mercê como agora se diz. Os quaes dez mil reaes haviam d'haver emquanto lhe não pagassem as corôas do tal casamento. E porque as ditas graças eram mercês, pagavam e pagam hoje em dia chancellaria.

E depois da morte d'El-Rei D. Affonso, n'estas côrtes aqui em Montemór foi El-Rei mui requerido pelos povos que não desse mais as taes graças, porque iam de maneira para pagar muito dinheiro em cada um anno, e assi que todas as que El-Rei seu pae tinha dadas tirasse e desempenhasse, porque estava metido em muita despeza, e El-Rei prometeo ahi aos povos de não dar mais as ditas graças d'ahi em dian-

te, e de ter maneira em como os homens podessem haver pagamento de seus casamentos. E então ordenou que os casamentos grandes fossem pagos em tres terços e tres annos, um terço em cada um anno, e os casamentos de mil corôas até quinhentas, fossem pagos em duas ametades, e dois annos, e os de quinhentas corôas, e d'ahi para baixo fossem pagos juntamente em um anno como se ora faz, e disse que quanto ás graças que El-Rei seu pae tinha dadas, que ficassem, por quanto elle ao presente não tinha com que as desempenhar.

E os povos apertando nisso mandaram dizer a El-Rei por letrados, que aquellas graças eram mal levadas, e com consciencia se não podiam levar nem dar, porque claramente era usura, e não podiam levar a El-Rei ganho do que lhe devia. E El-Rei praticando nisso, por lhe dizerem que era assi, por descarrego de consciencia suplicou ao Papa que houvesse por bem de dar as taes graças, emquanto não podesse pagar os ditos casamentos. E ao Padre Santo aprouve d'isso com tal condição que quando se separasse o casamento por morte do marido ou mulher, tanto que fosse separado lhe fosse tirado e descontado da dita graça a quinta parte d'ella, s. de vinte mil reaes, quatro mil, e ficasse em dezaseis, e de vinte e cinco, cinco mil, e ficasse em vinte, e assi a esse respeito. A qual quinta parte havia de ficar a El-Rei, ainda que a graça fosse do marido e morresse a mulher, ou pelo contrario, como se apartasse o matrimonio logo ficassem separadas.

E porque no breve do Papa Santo vinha esta palavra de separadas, tomaram o nome de separadas, e d'ahi lhe ficou até agora. E as do Infante D. Fernando não são d'esta calidade, que andam em nome das tenças, porque as dava logo em tenças, e por isso

não pagavam chancelaria, e as outras si, porque eram mercês.

E estas graças e separadas andavam em livro apartado por si, e El-Rei as mandou ajuntar ao livro da fazenda no anno mil e quatrocentos e oitenta e oito.

CAPITULO XXXIV

Embaixada que El-Rei mandou a El-Rei de Inglaterra

D'AQUI de Montemór mandou El-Rei por embaixadores a El-Rei D. Duarte de Inglaterra Ruy de Sousa, pessoa principal e de muito bom saber, auctoridade e credito, de que El-Rei muito confiava, e o doutor João d'Elvas, e Fernão de Pina por secretario.

E foram por mar mui honradamente com mui boa companhia, os quaes foram em nome d'El-Rei confirmar as ligas antigas com Inglaterra que pela condição d'ellas o novo Rei de um reino e do outro era obrigado a mandar confirmar. E tambem para mostrarem o titulo que El-Rei tinha no senhorio de Guiné, para que depois de visto El-Rei de Inglaterra defendesse em todos seus reinos que ninguem armasse nem podesse mandar a Guiné, e assi mandasse desfazer uma armada que para lá fazia por mandado do duque de Medina Cidonia um João Tintão e um Guilherme Fabião, Ingleses. Com a qual embaixada El-Rei de Inglaterra mostrou receber grande contentamento e foi d'elle com muita honra recebida, e em tudo fez inteiramente o que pelos embaixadores lhe foi requerido, de que elles trouxeram autenticas escripturas das diligencias que com publicos pregões

se lá fizeram, e assi as provições das aprovações que eram necessarias, e com tudo muito bem acabado e á vontade d'El-Rei se vieram.

CAPITULO XXXV

Da outra embaixada que El-Rei então mandou a Castella

ASSIM neste anno enviou El-Rei de Montemór por embaixador a El-Rei e á Rainha de Castella D. João da Silveira, barão d'Alvito, e homem mui prudente, e de muito bom conselho, auctoridade e confiança, e com elle por secretario Ruy de Pina, e ia requerer algumas restituições que pelos Reis se haviam de fazer, e assi perdões que haviam de dar a alguns cavalleiros castelhanos que no tempo das guerras serviram a El-Rei D. Affonso, como em seu favor no trato das pazes fôra capitulado; o que a muitos d'elles se não cumpria, com achaques e cautelas que punham e outros entendimentos que aos capitulos davam, desviados para os não cumprirem.

E a principal causa a que o embaixador foi era sobre a mudança das terçarias de Moura para a côrte, ou outra parte do reino em lugar sadio, forte e seguro, onde tudo se cumprisse, ou se desfizessem as ditas terçarias pelo perigo em que o Principe e a Infanta D. Isabel estavam, pela villa de Moura ser muito doentia nos verãos.

Chegou o barão a Medina del Campo, onde El-Rei e a Rainha estavam, na quaresma. E não foi alli acabado d'ouvir, porque estando para o despacharem, veio a El-Rei recado como a villa d'Alfama no reino

de Granada era tomada pelo marquez de Cadiz, que lhe mandou pedir socorro com muito grande pressa e muita necessidade. E El-Rei tanto que a nova lhe deram partiu aforrado a grande pressa a lhe fazer ir o socorro que pedia.

E tanto que a dita villa foi socorrida e provida como cumpria, El-Rei se veiu a Cordova, e ahi esperou pela Rainha, andando prenhe, e se foi de Medina a Toledo, e ahi pario acerca da Pascoa a Infanta D. Maria no anno de quatrocentos e oitenta e dois acerca da Pascoa de Resurreição, e de Toledo se foi a Rainha a Cordova onde a Infanta foi baptizada na Igreja Maior pelo Bispo da cidade com grandes cerimonias.

E esta Infanta D. Maria foi depois Rainha de Portugal, casada com El-Rei D. Manuel, e mãe d'El-Rei D. João o III, nosso senhor, e o barão foi padrinho da dita Infanta, e ahi acabou de dar sua embaixada, e começou de requerer despacho das cousas ao que ia. E porque os Reis de Castella tinham d'El-Rei muitas suspeitas como não deviam, e por isso cuidavam que o fundamento de seus requerimentos era cauteloso, e com respeito de novidades e não para bom fim como o embaixador lhe dizia, em quantas cousas requereu não tomou conclusão alguma que fosse para aceitar.

E porque não parecesse mal os Reis não consentirem em cousas tão honestas, e a ambas as partes tão proveitosas, para as haverem por boas cometiam a El-Rei por condições cousas tão feias, que pareciam mais escusas que desejo de concordia, e as mais eram sobre a Excelente Senhora estar fora do poder d'El-Rei e de toda sua ordenança, e lhe dar vida mui apertada, pelas quaes cousas o barão descontente dos despachos se despedio dos Reis, e d'elles não quiz tomar grandes mercês que lhe mandavam offerecer, e se veio a estes reinos dar de tudo conta a El-Rei, que cui-

dando quão proveitosa, honesta, justificada sua embaixada era, e na sem razão dos despachos d'ella, teve muita suspeita que procederia de conselhos e avisos do duque de Bragança, a quem do desfazimento das terçarias muito pesava, crendo que o penhor d'ellas o segurava d'alguns receios que tinha ou mostrava ter d'El-Rei. Porque com ellas por respeito do Principe seu filho estar atado, confiado que emquanto durassem sempre o sustentaria em sua honra a Infanta D. Beatriz sua sogra, que parecia ter-lhe amor como era razão, e dar muito credito a seus conselhos.

E não foi sem causa tomar El-Rei do duque esta suspeita, porque vistas as respostas que o barão trouxe de Castella com os avisos que nas instruções do duque que El-Rei tinha em segredo iam para os Reis de Castella, achava-se claro sairem umas cousas das outras, e tambem porque antes de o barão partir d'estes reinos já El-Rei e a Rainha sabiam todas as cousas a que elle ia, o que tudo El-Rei calou e dissimulou grandemente, sem pessoa viva lh'o entender.

E no Setembro d'este anno tornou El-Rei a mandar o dito Ruy de Pina aos Reis de Castella que estavam no mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, com respostas e replicas da embaixada a que o barão fôra. Apertando com razões mui evidentes e com fundamento de mais amizades e amor entre elles, e que as terçarias todavia se mudassem ou desfizessem, e tambem que acerca da Excellente Senhora não requeresse mais novidades nem estreitezas, das que ácerca d'ella eram já concluidas, assi por não parecer que as pazes e cousas passadas entre elles não foram feitas com aquella firmeza que deviam. E tambem porque da maneira em que ellas estavam seria bem e sossego, e assi seguro de uma parte e da outra. E se no casamento do Principe com a Infanta D. Isabel

pela differença das idades tomassem muito contentamento se fazer com a Infanta D. Joana sua filha, que na idade tinha mais conformidade com elle, que por verem quanto estimava sua liança e amizade elle seria d'isso contente, com apontamento, que se neste casamento quizessem antes entender, no dote se apontasse e requeressem as ilhas das Canarias que El-Rei sempre desejou para maior segurança de Guiné.

E os Reis responderam logo a Ruy de Pina que bem criam que tal Principe como era El-Rei seu primo, não diria nem affirmaria taes cousas se não fossem verdadeiras e muito de sua vontade, porém que elles tinham comprehendida uma cousa em que El-Rei de seu coração e desejo lhe daria mui claro testemunho. Dizendo-lhe logo com palavras e mostranças de mui grande sentimento que no mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe tinham preso a Pedro Montezinho, castelhano, com cartas e instruções de D. Fernão Gonçalves de Miranda, Bispo de Lamego, prior de S. Marcos, que fôra de Castella, e Alonso de Ferrara, castelhano, e d'Alvaro Lopez, secretario d'El-Rei, sobre casamento d'El-Rei Febos de Navarra com a Senhora D. Joana. E por ser caso que tanto tocava a sua paz e amizade, que no castigo que a estes desse, pois eram seus vassallos e andavam em sua côrte, se veria bem sua verdadeira vontade, e que para isso antes que tomassem conclusão nas cousas que queria, era necessario que elle Ruy de Pina tornasse a El-Rei com esta duvida, e que segundo a obra que na execução d'ella fizesse assi entenderiam depois nas cousas de seus requerimentos. E para prova d'isto mostraram a Ruy de Pina as ditas cartas e instruções que o dito Pero Montezinho confessou e declarou logo por tormento que lhe foi dado sobre isso.

E por o perigo d'este negocio que os Reis de Cas-

tella haviam por certo não se tratar sem consentimento d'El-Rei, e pelas differenças que sabiam haver já em Portugal entre elle e o duque de Bragança e seus irmãos, desejavam muito vêr a Infanta D. Isabel sua filha fóra das terçarias, porque lhe queriam muito grande bem e a estimavam muito. E em tempo de mudanças, e em reino estranho, vindo as cousas a se danarem, como parecia que podia ser, estava em muito risco sua vida e liberdade. E d'outra parte receavam abrir mão da paz, que era o Principe e a Infanta em terçarias, temendo-se que El-Rei pelas informações que tinha, se tivesse o filho livre, poderia vir com algumas cousas de que entre elles se podessem seguir odios e guerras, que como prudentes Principes desejavam escusar.

Com o qual recado Ruy de Pina tornou a El-Rei, e logo sobre este negocio de Pero Montesinho teve conselhos. E porque aos que nisso tratavam e andavam em sua còrte não deu castigo algum, se o faziam contra seu consentimento e vontade, não se achavam neste caso desculpas por El-Rei que satisfizessem aos Reis de Castella.

E porque El-Rei no desejo de vêr o Principe fóra de terçaria, era com elles conforme, que em extremo desejavam vêr a Infanta sua filha fóra d'ellas, depois de tudo muito bem visto e cuidado, logo no Janeiro seguinte de mil e quatrocentos e oitenta e tres tornou a mandar aos ditos Reis Frei Antonio, seu confessor, frade observante de S. Francisco, homem de grande credito e auctoridade, e o dito Ruy de Pina, os quaes foram aos ditos Reis, que estavam em Madrid, aos quaes o dito Frei Antonio disse em resposta das cousas passadas em nome d'El-Rei taes cousas, e deu taes desculpas, com que lhe aprouve consentir no desfazimento das terçarias, porque toda

a desculpa d'El-Rei para se ellas desfazerem como tanto desejavam, lhe parecia boa e de receber. E concertou-se tambem o casamento do Principe, que com a Infanta D. Isabel ficava desatado, de se fazer com a Infanta D. Joana, e que se lhe daria maior dote, por um gráo que mais era alongada na soçessão de Castella, que a Infanta D. Isabel.

E d'estas cousas flzeram os Reis um escripto, que Frei Antonio e Ruy de Pina secretamente trouxeram a El-Rei, com certidão que passada a Pascoa os Reis lhe mandariam seus embaixadores para concluirer o dito casamento, e assi para levarem a Infanta D. Isabel das terçarias.

E com este recado vieram a El-Rei, que estava em Almeirim, com o qual foi muito alegre e contente, porque nelle teve esperança de vêr cedo seu filho em seu poder, a que muito contrariavam as cousas que no reino lhe eram reveladas, e já contra si sentia.

CAPITULO XXXVI

De como a Rainha moveu e esteve mui mal, e da vinda dos duques por esta causa á côrte

ESTTANDO El-Rei em Almeirim neste anno de quatrocentos e oitenta e tres, na quaresma, andando a Rainha D. Lianor prenhe, moveu uma criança de que esteve muito mal, e sua vida muito duvidosa, e El-Rei por isso muito triste e mui enojado.

E vieram logo vêr a Rainha o duque de Vizeu seu irmão, que já era vindo de Castella, e o duque de Bragança, e outros muitos senhores e senhoras do

reino, e com a vinda dos duques El-Rei recebeu muito prazer, e lhe fez muita honra, e deu de si muita parte. E desejando sossegar a vontade ao duque de Bragança, e faze-la conforme ás cousas de seu serviço, o apartou um dia na capella dos paços dentro na cortina, perante D. Fernão Gonçalves de Miranda, Bispo de Lamego e seu capelão mór, e lhe fez uma fala nesta maneira.

CAPITULO XXXVII

Da fala que El-Rei fez ao duque de Bragança

MUITO honrado duque, porque as cousas que agora vos quero dizer hão de ser ditas nesta casa sancta em que estamos, haveis de crêr que são tão verdadeiras como se diante de Deos vo-las dissesse.

Eu sou informado que vós contra o que a mi deveis e a meu estado e serviço, e sem aquelle resguardo que a vossa honra e lealdade pertence, tendes em Castella algumas negociações, modos, e maneiras, que não sei como lhe dê fé, pois tantas razões para mi e para vós são a isso mui contrairas. Porém se nisso com alguma imaginação errada alguma cousa entendestes, sabeis que minha vontade e verdadeiro desejo é esquecer-me de tudo, e assi vo-lo perdoar como se as culpas d'isso fossem serviços e merecimentos. Pelo qual com toda efficacia que posso, e mais no que devo, vos rogo muito que posposto tudo queirais ser conforme comigo, pois me Deos fez e deixou por herdeiro d'esta corôa de Portugal. Que em tantas cousas por merecimentos vossos e dos que

decendeis vos foi e é tão liberal, que sois por isso após mi n'estes reinos outro principal esteio, que o deveis soffrer. Porque além do muito patrimonio real que comvosco partio, sabeis que da nobre geração das duas irmãs que do Infante D. Fernando e da Infanta D. Beatriz naceram, deu a mi uma, e a vós juntamente não negou a outra, e com tudo eu não me escuso da culpa geral que dão aos juizes e officiaes novos, e assi será ao Rei novo de quem em seus principios não se escusam alguns agravos. Mas estes quando agravassem, vós sobre todos por singular exemplo de obediencia e lealdade os haveis de comportar e sofre-los sem paixão. Quanto mais que os meus para vós, que são o degredo do marquez vosso irmão, e a entrada dos corregedores em vossas terras, não são tão crimes, que na razão e honestidade não tenha muita parte, e que a não tivesssem soffrendo-os sem escandalos, tanto mais obrigareis, por que sendo assi, bem sei que por vossa grandeza e merecimentos, vosso saber e lealdade emfim sempre hei de folgar de fazer o que vós quizerdes. E por tanto a mi a quem esta casa de Portugal pela graça de Deos coube em socessão, haveis sempre em tudo ajudar e soster, não sómente com o saber e bom conselho que tendes, mas com as armas e forças quando me cumprir, e assi vo-lo rogo, e outra vez encomendo que o façaes.

CAPITULO XXXVIII

Resposta do duque a El-Rei

DEPOIS de tudo ouvir, o duque como muito esforçado e prudente e leal vassallo lhe respondeu dizendo :

Senhor, eu beijo as reaes mãos a Vossa Alteza por esta mercê, que para mi por muitas causas hei por mui grande, e mui singular. E porque em breve lhe responda, saiba que de todo que me aqui disse para lhe muito dever e o servir eu sou em muito verdadeiro conhecimento, e certamente assi é, e por isso vos peço muito de mercê, que de mi não creaes senão que sempre hei de viver e morrer por vosso serviço. E a isto não contradiz ser eu por ventura agravado de vós em cousas de que Vossa Alteza me desagravará com mercê, honra, e acrecentamento como espero. Porque os achaques não se escusam entre os senhores e servidores, pois os ha entre os paes e os filhos. Mas os meus não são de graveza nem de calidade para deixar de ter a Vossa Alteza o grande amor e muita lealdade com que vos sempre hei de obedecer e servir em todo o que a vossa honra, estado e serviço, e bem de vossos reinos cumprir.

CAPITULO XXXIX

Do que depois d'esta fala e resposta se passou

E sobre esta tão boa e leal tenção do duque com que pareceo que então se despedio d'El-Rei, se affirmou que logo em se recolhendo a sua pousada mostrou grande contentamento do que com El-Rei passara. Attribuindo suas palavras tão reaes, verdadeiras e esforçadas a medo, e pouco esforço. E logo o duque de Vizeu, e o duque de Bragança e seus irmãos, depois de partidos d'Almeirim se ajuntaram no Vimieiro onde todos tiveram pratica sobre isso, louvando muito os modos que tinham, pois El-Rei d'elles presumia que para seu favor e ajuda quando lhes cumprisse tinham os Reis de Castella, pelo qual El-Rei os estimaria e trataria como elles mereciam.

E segundo ditos d'alguns que a isto foram presentes, alli tomaram todos por conclusão e determinação de não consentirem a entrada dos corregedores em suas terras, e que com todo o risco lhe resistissem, e sobre isto o marquez de Montemór, o conde de Faram, e o senhor D. Alvaro se viram e ajuntaram algumas vezes no mosteiro de Santa Maria do Espinheiro, em Evora. Em que com temor do odio d'El-Rei, que contra si maginavam, consultavam a maneira que teriam para contra elle se valerem. Em que claramente se soube que o voto e tenção do marquez cada vez era mais aceso com desamor e deslealdade contra El-Rei, e que por totalas maneiras procurava desobediencia e rompimento. A que o conde de Faram, e o senhor D. Alvaro com palavras de fé, e muita lealdade a El-Rei, sempre o contrariaram, dizendo-lhe que quando

para desobediencia houvesse a razão, que não havia, entregassem a El-Rei todo o que d'elle tivessem e se desnaturassem d'elle e de seus reinos, como já outros fizeram, e que então o desservissem. Porque d'esta maneira não cairiam no caso em que sem isso fariam, o que não era para crêr, e porém a declaração sua com El-Rei lhe parecia boa e necessaria, mas o modo e com que palavras se faria ficasse sómente a juizo e disposição do senhor D. Alvaro, e que em outra maneira não consentiriam nem se faria. E de tudo o que passavam avisavam logo o duque de Bragança que estava em Villa Viçosa.

El-Rei como soube d'estas vistas e ajuntamentos, lembrando-se da maneira em que tinha o Principe seu filho que não consentia semelhantes cousas, determinou como prudente com brandura, dissimulação e siso apagar sua furia e encendimento. E para isso deixou de mandar os corregedores a suas terras (o que com palavras doces e com respeito do que a elles por sua honra e contentamento se devia o notificou logo ao senhor D. Alvaro) que com mostrança de muito prazer e alegria por vêr fóra a principal causa de seu escandalo o fez logo saber a todos, e por El-Rei acrescentar mais nesta temperança satisfez o marquez e o conde de Faram a suas vontades em certos requerimentos que já de dias com elle traziam. O que deu então causa a se esfriarem de seu aceso proposito e cessarem de seus negocios e recados.

E neste tempo veio ao duque de Bragança um mensageiro da Rainha de Castella, que se chamava Tristão de Villa Real, homem aceito a ella. E segundo testemunho dos que ouviram, elle secretamente e de noite tratava e negoceava com o duque, depois de dar boas noites, sem ser visto d'alguma pessoa, salvo de Jeronimo Fernandez, meirinho do duque que encuberta-

mente em sua casa o agasalhava, e de Villa Viçosa o duque se passou a Vidigueira, e com elle encuberto o mesmo Tristão de Villa Real.

E sobre a concordia e assento que tomaram fizeram uma capitulação que foi mostrada ao marquez, que pela vêr veio alli de noite das Alcaçovas onde então estava, e com elle Affonso Vaz seu secretario, que disse a dita capitulação ser em desserviço d'El-Rei sobre duas cousas. A primeira acordaram que os Reis de Castella requeressem a El-Rei, que por quanto a Excellente Senhora em nome, trajos e serviço não cumpria em sua religião o que por bem do capitulado e seu habito era obrigada, que os Reis apertassem muito que se entregasse em poder do duque, ou de cada um de seus irmãos para lhe fazerem cumprir o que fosse honesto e razão, pois que eram seus vassallos e haviam d'estar em seus reinos. E a segunda que por quanto na capitulação das pazes tôra defeso que os castelhanos sob graves penas não fossem tratar ás partes de Guiné, o que os Reis de Castella não podiam fazer, por ser contra o bem commum de seus reinos, nos quaes não era negado seus tratos e proveitos aos portuguezes, pagando seus direitos ordenados, antes com isso iam e vinham e tratavam livremente, que assi com imposição d'algun justo direito e tributo dessem lugar aos seus naturaes que o trato de Guiné lhe não fosse defezo por El-Rei.

E o desleal fundamente d'isto era, que com quanto estas cousas pareciam justas e honestas, e que era razão se fazerem, que pela calidade d'ellas El-Rei as não havia de conceder nem outorgar em nenhuma maneira, e que então os Reis de Castella teriam com isso razão de romper com elle guerra, e que o duque e seus irmãos com esta causa parecer justa se escusariam d'El-Rei ao não servirem nem sostarem guerra, pois não

queria seguir razão. E aos Reis de Castella serviriam e dariam entrada a suas gentes por suas terras, a qual capitulação foi metida em cera, e dada ao dito Jeronimo Fernandes, que com ella na mão em cima de um bom cavallo portio de noite com o dito Tristão de Villa Real. Sendo avisado pelo duque que se alguma gente o salteasse fizesse todo o possivel por esconder e salvar a dita instrução, e como chegasse em salvo a Castella a entregasse como entregou ao dito Tristão de Villa Real.

CAPITULO XL

De como Gaspar Jusarte e Pero Juzarte descobriram a El-Rei o que do caso do duque de Bragança sabiam

NA quaresma do anno de quatrocentos e oitenta e tres, estando El-Rei em Santarem, Gaspar Jusarte, homem fidalgo e muito bom cavalleiro, sabendo que seu irmão Pero Jusarte, que vivia com o duque de Bragança, ia a Castella por seu mandado e do marquez seu irmão contra a pessoa e estado d'El-Rei, elle como leal vassallo determinou de lh'o descobrir, e para isso por escriptos que em grande segredo se mandaram, e por consentimento d'El-Rei se vio em um casal com Antão de Faria seu camareiro, a quem logo descobriu a substancia de uma instrução que sobre isso vira. A qual o dito Pero Jusarte por conselho de seu irmão depois mostrou e deu a El-Rei estando em Avis, em grande segredo, que foi posta no feito que se processou contra o duque, como diante se dirá.

E por este grande serviço que Gaspar Jusarte e Pero Jusarte fizeram a El-Rei, lhe fez muita mercê e acre-

centamento: principalmente Pero Jusarte, que o fez senhor da Villa d'Arraiolos com todas as suas rendas, em sua vida e de um seu filho, e em vida sempre o favoreceu, honrou e acrecentou.

CAPITULO XLI

Da embaixada que os Reis de Castella mandaram a El-Rei sobre o desfazimento das terçarias

DAQUI de Santarem na entrada d'este anno de oitenta e tres, El-Rei foi vêr a Infante D. Joana sua irmã, que estava no mosteiro de Jesu de Aveiro, e tornou logo a Santarem ter a Paschoa com a Rainha sua mulher; e passada a festa veio recado a El-Rei que o Prior do Prado, confessor dos Reis de Castella, que depois foi Arcebispo de Granada, pessoa de muita confiança e a elles mui acceita, vinha por embaixador sobre o desfazimento das terçarias, e que era já em Avis, de que El-Rei mui alegre foi, e com a Rainha e toda côrte se partiu logo para Avis, onde ouviu o embaixador.

E logo aos xv dias do mez de Maio do dito anno de oitenta e tres tomou conclusão e assento, jurando e affirmando no desfazimento das ditas terçarias, porque o Principe e Infanta ficaram d'ellas livres, e assi desatados e soltos todos os seguradores e desnaturamentos, e assi todas as obrigações que por elles eram feitas, e o casamento ficou então concertado de futuro com a Infanta D. Joanna filha segunda dos ditos Reis: com as mesmas condições e obrigações que com a dita Infanta D. Izabel e o Principe D. Affonso era concertado, dando porém mais em dote á dita Infanta

D. Joanna dez contos de reaes, e no dito contrato ficou logo declarado e especificado um ponto substancial sem então haver esperança de se cumprir, o qual era que se ao tempo que o Principe cumprisse idade de quatorze annos, a dita Infanta D. Isabel estivesse por casar, que neste caso o casamento se cumprisse entre elles por palavras de presente como primeiro fôra concertado.

E para receberem o Principe em Moura e o trazerem á sua côrte fez El-Rei seus procuradores: D. Pedro de Noronha seu mordomo mór, e o doutor João Teixeira, chanceler mór, e Frei Antonio seu confessor. Os quaes todos e assi o dito prior do Prado, embaixador, partiram logo caminho de Moura, e El-Rei e a Rainha se foram logo caminho d'Evora para ahi receberem o Principe, e pousaram nas casas do conde de Olivença, que são pegadas com o mosteiro de S. João, por serem de bons ares para o verão, que ahi esperavam ter.

E antes d'El-Rei partir d'Avis lhe trouxe Pero Jusarte em pessoa, escondidamente a instrução com que fôra a Castella como atraz se disse, e ácerca do caso lhe descobriu muitas particularidades. Pelo qual El-Rei logo determinou de prender o duque, e quando o não podessem prender, de o cercar em qualquer lugar que estivesse. E para isso houve logo secretamente muito dinheiro junto, que trazia em sua guarda roupa, e assi fez minutas das cartas provisões, que em tal caso havia de mandar pelo reino, e ás vilas e castellos do duque a seus alcaides môres, o que tudo lhe aproveitou na noite que prendeu o duque como adiante se dirá.

O duque de Bragança ao tempo que o dito embaixador de Castella entrou em Portugal estava em Villa Viçosa, e porque se disse logo que El-Rei para des-

pacho da embaixada se vinha a Estremoz, que era tão acerca d'onde elle estava, e querer-se por honestidade, por escusar suspeitas e outros inconvenientes de sua honra, se partiu só para Portel, onde os procuradores d'El-Rei que iam a Moura o acharam dia de Pentecoste, indo já para Moura, os quaes por modo de conselho praticou sobre o que ácerca da vinda do Principe devia fazer, pois vinha por suas terras, porque de uma parte por obediencia e por sua dignidade, e por outras muitas causas lhe parecia bem ir-se para o Principe e o acompanhar e servir até a côrte, e em suas terras lhe fazer aquelle recebimento e serviço que era razão, e elle por ser seu senhor merecia, e da outra receava de o fazer por não saber quanto El-Rei d'isso seria servido e contente, pois lhe não escrevia. E depois dé muitas praticas que sobre este caso passaram, os ditos procuradores sâmente, e sem cautella o aconselharam que para elle soldar quebras e achaques que no povo se diziam haver entre El-Rei e elle, e tambem porque assi era razão, elle se devia ir para o Principe e servi-lo e festeja-lo em suas teraas, e ir com elle até á côrte. E que na hora que El-Rei visse o Principe seria tão alegre e contente, que lhe esqueceriam quaesquer suspeitas ou más vontades que entre elles houvesse. Do que o duque mostrou ser satisfeito e mui alegre, e na diligencia que logo poz para se aperceber, e no desejo que amostrou para em tudo servir El-Rei e o Principe, mais parecia então haver nelle amor e lealdade que o contrairo.

E depois dos procuradores serem do duque despedidos, indo pelo caminho houve entre elle duvida se fôra bem ou mal, conhecendo a condição e discrição d'El-Rei, aconselhar o duque d'aquella maneira. E para com tempo se atalhar quando El-Rei o não houvesse por seu serviço, logo do mesmo caminho lh'o fizeram

saber pelas paradas de cavallo que d'Evora a Moura eram postas.

E El-Rei lhe respondeu logo mostrando que folgava muito, e louvando com doces e fingidas palavras a determinação e conselho do duque, e dando algumas escusas que pareciam honestas porque para isso o não convidara nem lh'o escrevera, por ser certificado que o duque ao tal tempo não estava tão bem disposto de sua saude, que o podesse nisso servir. A qual resposta d'El-Rei foi logo mostrada ao duque em Moura, onde já estava, porque aforrado foi logo notificar á Infanta D. Beatriz sua ida com o Principe á côrte, que lhe recebeu mui bem, vendo a carta d'El-Rei com tão segura dissimulação, com que a Infanta e o duque mostraram ser mui alegres, e do alvoroço e despejo do duque que então mostrava, parecia haver nelle muito amor e lealdade para El-Rei.

Esta carta que o duque vio que parecia a boa fé, e não dobrada como vinha, o descarregou e segurou tanto, que não quiz depois crêr os muitos avisos que no caminho lhe foram dados para que não entrasse em Evora.

CAPITULO XLII

De como se desfizeram as terçarias, e a entrega do Principe e da Infanta

Os procuradores d'El-Rei, e o embaixador de Castella chegaram a Villa de Moura aos 24 dias de Maio de quatrocentos e oitenta e tres. E dentro no castello perante o Principe D. Affonso, e as senhoras Infantas D. Isabel, e D. Beatriz, o dito embaixador fez uma fala com muita auctoridade, di-

zendo que aquelle desfazimento das terçarias se fazia, porque os penhores de paz que foram aquelles senhores Principe e Infanta, não eram já necessarios entre os Reis de Castella e de Portugal, pela grande certidão e verdadeira segurança que de sua paz e amizade tinham, com muitas razões e comparações de grande prudencia muito a proposito. E acabadas a senhora Infanta D. Beatriz entregou logo o Principe aos ditos procuradores d'El-Rei, e a Senhora Infanta D. Isabel ao embaixador d'El-Rei e da Rainha seus padres, e isto com muitas lagrimas de amor pela grande saudade que da Infanta D. Isabel havia. Com os quaes logo saíram da fortaleza, e a Senhora Infanta D. Beatriz, com quanto já feita entrega do Principe, veio com elle até Evora, e o entregou outra vez a El-Rei seu pai.

E o duque de Vizeu que tambem era ahi, foi com a Infanta D. Isabel até o extremo, onde a entregou aos senhores de Castella que ahi esperavam por ella, e despedido da Senhora Infanta tornou logo com muita pressa para o Principe, que alcançou no caminho, e entrou com elle em Evora.

CAPITULO XLIII

Da entrada do Principe na cidade de Evora

O Principe veio de Moura dormir ao lugar de Vera Cruz, onde chegou a elle muita e mui nobre gente da côrte, e o outro dia não passou de Portel por o recebimento, festas e banquetes que lhe o duque de Bragança ahi fez em muita perfeição, que o duque era mui largo e abastado em suas

cousas, e trazia mui honrada casa. E ao outro dia foi o Principe dormir a Torre dos Coelheiros, e a terça feira, antebespora do dia do corpo de Deos foi dormir a Evora, e com elle ambos os duques, e muitos senhores com muita nobre gente.

El-Rei sahio a receber o Principe com muita e honrada gente, e os vassallos da cidade e comarca vinham ao recebimento todos armados, porque El-Rei ia em duvida se prenderia logo o duque tanto que o visse, ou se o deixaria para depois, e pelo grande repouso e muita segurança que nelle vio o não quiz então fazer. Recebeu o Principe com mui grande prazer e alegria, e tanto contentamento, que não podia ser mais, e á Infanta e aos duques fez tanta honra, tanto gasalhado, como ao Principe seu filho, abraçando os duques com tanto amor e mostranças de folgar com elles, que parecia que em seu coração não jazia o contrario, e com quanto ia prestes para prender o duque se lhe bem parecesse, quiz que não fosse então e ficasse para depois, por ser com menos alvoroço, como se fez.

E a outro dia bespora do corpo de Deus, e assi no dia pela acostumada solemnidade da festa como pela vinda do Principe, cousa tão desejada d'El-Rei e da Rainha, houve na cidade muitas festas e touros, e nos paços serão de danças, e bailos, a que o duque era presente, sem nunca poder conhecer d'El-Rei o contrario do que lhe mostrava. O que foi causa de não crêr muitos avisos que nestes dias lhe vieram, em especial do marquez seu irmão, que lhe aconselhava que se saísse e salvasse. Mas o duque confiado na segurança que via em El-Rei o não quiz fazer: e tambem porque sabia que as cousas em que o podiam culpar eram papeis que elle a mui bom recado e segredo tinha em seu cofre, sem presumir que podiam

ser vistos, como eram, parecia-lhe que todo o mais seriam presunções de que elle mui levemente se poderia absolver, e por isso não deu credito algum ao marquez para fazer mudança de si, e porém determinava de se ir ao outro dia.

CAPITULO XLIV

De como foi a prisão do duque de Bragança

E logo ao outro dia, sexta-feira 29 do mez de Maio do dito anno de quatrocentos e oitenta e tres, o duque por sua vontade sem ser chamado d'El-Rei se foi á tarde ao paço com tenção de se despedir d'elle e se ir embora para suas terras, e achou El-Rei em despacho de petições com os desembargadores do Paço. E em o duque chegando, com a honra acostumada lhe mandou dar uma cadeira, e fez assentar junto comsigo, e perante elle esteve despachando algumas cousas, e acabado tudo fez despejar a casa em que estava, que era um sotão, e ficou só com o duque, que logo falou a El-Rei algumas cousas que trazia para lhe dizer, entre as quaes lhe tocou nas suspeitas que d'elle contra seu serviço lhe faziam ter, pedindo-lhe muito por mercê que as não cresse, e houvesse por certo o que já em Almeirim sobre tal caso lhe dissera, que era morrer por sua honra, estado, e serviço quando cumprisse, e que pois isto era assi, que ás pessoas que tamanhos erros contra elle assacavam falsamente devia dar o castigo que por tal caso mereciam, e que por não parecer a Sua Alteza que elle por receio d'algumas suas culpas se acautelava, lhe pedia por mercê que se quizesse bem informar da

verdade, e do que achasse fizesse o que fosse razão e justiça.

El-Rei lhe respondeu logo ao que primeiro lhe falou, a cada cousa per si, e antes de responder a esta lhe disse que por quanto era tarde, e a casa estava já escura, que se subissem acima a uma sua guarda roupa. E depois de subidos, estando El-Rei em pé, lhe disse que quanto ás cousas que apontara que lhe d'elle diziam e pedia que se informasse da verdade, que seu requerimento era tal e tão justo, que se devia de conceder, e que elle assi determinava de o fazer, e que para isso por se escusarem alguns inconvenientes, e se fazer com maior seguridade, era necessario que elle duque estivesse ali retraido, e que fosse certo e seguro que sua honra com sua defesa e justiça lhe seria inteiramente guardada.

E como El-Rei isto disse deixou o duque na guarda roupa em poder de Aires da Silva, camareiro mór, e d'Antão de Faria camareiro, os quaes com muito acatamento, guardando-lhe mui inteiramente sua honra, o guardaram como então cumpria. E vendo Aires da Silva o duque muito triste e agastado, o quiz confortar, dizendo-lhe que não tomasse sua senhoria paixão nem se agastasse, que prazeria a Nosso Senhor que seria por mais sua honra e acrecentamento de seu estado, e o duque lhe respondeu:

«Senhor Aires da Silva, o homem tal como eu não se prende para soltar».

El-Rei se subio a outra camara, onde logo mandou vir alguns fidalgos e cavaleiros, a quem encomendou a guarda e serviço do duque, e assi mandou chamar os senhores e pessoas principaes d'autoridade que na cidade estavam para conselho, que logo sobre o caso teve, os quaes vieram logo com tão grande pressa e espanto, como a novidade do caso o requeria.

E como a nova foi pela cidade sabida, porque tocava em deslealdade contra El-Rei, foi tão estranha e contrairia nos ouvidos e corações de todos, que toda a gente da cidade acudio na mesma hora a El-Rei, não sómente os que para seu serviço eram necessários, mas ainda os velhos e moços, e eram tantos que não cabiam nos terreiros e ruas todos, pelo grande amor que lhe tinham, com grande ira bradando por crua vingança, sem nenhuma piedade lhe lembrar, sómente o estado e vida d'El-Rei como a propria de cada um, e faziam tamanha união, ruído e estrondo, que era cousa de grande terror e espanto, e mais por ser de noite.

E estando já muitos do conselho, e assi alguns letrados com El-Rei, elle com muita temperança, como mui justo e virtuoso Rei, mostrou a todos por causa e fundamento da prisão do duque as cartas e instruções que atrás faz menção, e com todos tomou o assento de todo o que para tal caso e necessidade cumpria. Primeiramente que se segurasse bem a pessoa do duque, e que seus castellos, villas e fortalezas se cobrassem logo, e assi se notificasse logo o caso aos Reis de Castella, e não como a sabedores da causa d'elle, e assi ao Prior do Prado, embaixador, por se atalharem e impedirem requerimentos e alvoroços d'aquelles reinos para estes.

E mandou logo El-Rei a todolas fortalezas que o duque tinha em todo o reino, que eram muitas e mui boas, fidalgos principaes, e cavalleiros de sua casa, d'elles que na côrte estavam, e outros que eram ausentes, para com suas cartas e provisões, e com outras do duque que tambem levavam, as haverem ou combaterem logo não se querendo entregar, repartindo logo apontadamente as comarcas, villas, e fortalezas a que cada um com melhor disposição havia

de ir. Os quaes todos como bons e leaes servidores, olhado o tempo e importancia do caso, com grande amor e diligencia cumpriram em tudo os mandados d'El-Rei. Porque como chegaram, logo sem alvoroço, perigo, nem contradição, as houveram todas á mão, em que pozeram alcaides e pessoas que sobre suas menagens as tivessem sempre fielmente a serviço d'El-Rei. Cousa certo de muito louvor e espanto, entregarem-se assi levemente e tão sem duvida 25 villas e fortalezas do duque, só por mandado d'El-Rei, sem vista de sua pessoa, nem resistencia alguma dos alcaides, que foi muito de louvar sua muita obediencia e grande lealdade a El-Rei, e parece cousa de mysterio de Deos.

O marquez de Montemór estava nas Alcaçovas, e o conde de Farão no de Mira, e pelo aviso que logo houveram da prisão do duque, sem mais esperar, na mesma hora e ponto que o souberam fugiram e se pozeram em salvo, e acolheram a Castella. E o marquez veio por Portel, e se quizera lançar na fortaleza de que era alcaide do duque Nuno Pereira, que por ser já do caso avisado o não quiz ahi recolher, e o marquez se foi logo a terra de Campos, em Castella, e depois recolheu a marquesa sua mulher em Sevilha.

E o conde de Farão se passou a Andaluzia, onde d'ahi a pouco tempo com maior tristeza e sentimento do que nestes casos tinha de culpa, se finou, acabou sua vida. Do que a El-Rei não aprouve, antes lhe pesou muito, porque se o conde se tornara para o reino como logo lh'o mandou dizer, teve tenção de se haver com elle nobre e virtuosamente, porque El-Rei tinha sabido o conde não ser culpado.

E com o senhor D. Alvaro, irmão do duque, assentou El-Rei que por então se fosse fóra de Portugal, e não ficasse em Castella, nem estivesse em Roma, isto

até sua mercê, e que em todos os outros reinos e terras podesse estar e haver lá todas as rendas que neste reino tinha, até El-Rei haver por bem de o mandar vir, e elle se foi com tenção de o cumprir, e proposito de ir a Jerusalem, o que não cumprio porque chegando á côrte de Castella, foi d'El-Rei e da Rainha tão favorecido que não passou adiante, e ficou em seus reinos e côrte, a que recolheu a senhora D. Felipa sua mulher, e filhos. E lhe foi dado por El-Rei e a Rainha a governança da justiça em sua côrte, e com elles teve grande credito e autoridade, por ser pessoa de grande siso, saber, e conselho. E lá em Castella faleceu depois de ser a estes reinos de Portugal tornado e restituído a todo o seu por El-Rei D. Manoel, que santa gloria haja.

E porém quando se assi foi do reino, ficou cá em Portugal uma sua filha, a que El-Rei fazia muito honrada criação, em casa da Rainha sua mulher, e a trazia com muita honra e abastança, a qual ora é duquesa de Coimbra e mulher do Mestre de Santiago e d'Avis, filho natural d'El-Rei.

E ficaram do senhor D. Alvaro dois filhos e quatro filhas, s. o maior que é marquez de Ferreira e conde de Tentuguel, herdeiro de sua casa, e de muita renda, pessoa mui principal, e de muita estima e grã valia. E D. Jorge de Portugal, que vive em Castella com muita renda e conde, e Alcaide-mór do Alcacer de Sevilha, e a dita duquesa de Coimbra, e outra casada em Castella com o conde de Benalacer, e outras duas casadas nestes reinos, uma com o conde do Vimioso, e outra com o conde de Portalegre. Todas pessoas mui principaes e de muito grandes virtudes.

E assi os filhos do conde de Farão tambem foram tornados a estes reinos por El-Rei D. Manoel, e dado ao maior suas rendas com o titulo do conde de Mira,

e em Castella ficou um que ora é Arcebispo de Çaragoça, e Visorei em Aragão, homem de grã valia. E assi casara là duas filhas suas com o Infante Fortuna, neto d'El-Rei d'Aragão, e a outra com o duque de Medinaceli. E outro filho mais moço, que ora é mordomo mór da Rainha nossa senhora. A qual senhora D. Isabel, mulher do duque de Bragança, ao tempo da prisão do duque estava em villa Viçosa, e tanto que do caso foi avisada, mandou logo tres filhos seus a Castella, e com elles fidalgos de sua casa, s. D. Felipe o maior, que sendo moço lá faleceu, e D. Gemes o segundo, que ora é duque de Bragança e de Guimarães, e o mór senhor d'Espanha, sangue, terras, e vassallos, e pessoa singular que tomou a cidade de Azamor aos mouros, depois de tornado a estes reinos por El-Rei D. Manuel seu tio, que santa gloria haja, e D. Diniz o terceiro, que em Castella casou com uma filha do conde de Lemos, herdeira da casa.

E com a senhora duqueza ficou uma filha menina, que havia nome D. Margarida, que nestes reinos d'ahi a poucos annos faleceu. E a Rainha de Castella como mui nobre e virtuosa princesa recolheu os filhos do duque, que eram seus sobrinhos, a sua casa, e os tratou e honrou sempre como era razão que fosse, e fizesse a sobrinhos tão chegados a ella, que eram filhos de sua prima com irmã, e netos do Infante D. Fernando, e da Infanta D. Beatriz, que era irmã da Rainha de Castella sua mãe; e do marquez de Montemór não ficou filho algum

O duque não sahiu mais da guarda roupa em que o El-Rei deixou, onde estava sem ferros, nem outra alguma prisão em seu corpo, porém era de bons fidalgos e cavalleiros bem guardado, e em tudo mui acatado e servido como a seu estado cumpria sendo em sua liberdade, assi no serviço da mesa com suas

salvas devidas e costumadas, como nos officios divinos, e pratica e visitasões de seu confessor, e tambem nos avisos de seus procuradores, que nunca lhe foram defesos quando o elle desejava e alguma necessidade o requeria.

E sendo El-Rei aconselhado d'algumas pessoas que por direito podia mandar fazer justiça do duque, pois do crime era certificado, elle o não quiz fazer, antes no primeiro conselho que sobre este caso teve o viram chorar muitas lagrimas, e dizer palavras de compaixão e sentimento, mostrando que desejara muito achar ao duque boa desculpa, como homem mais cheio de piedade, que de ira nem rigor, accusando a Deus seus pecados proprios, reportando estas cousas a elles como virtuoso e catholico Principe que era, e tomou por conclusão que o caso se visse e determinasse por justiça.

CAPITULO XLV

Do que alguns senhores cometeram a El-Rei sobre o caso do duque

PRATICANDO entre si sobre este caso alguns grandes e senhores do reino que na côrte eram presentes, doendo-se da destruição e queda do duque, e por escusarem sua morte, todos juntos pediram por mercê a El-Rei que lhe quizesse dar a vida, e que por segurança do que a seu serviço cumpria, e o duque d'ahi em diante sempre bem e lealmente o servisse, houvesse Sua Alteza a seu poder todas suas fortalezas, e mais as suas d'elles mesmos, as quaes em vida do duque fossem sempre em seu poder, e El-Rei as desse de sua mão.

E porque ao tempo que isto lhe cometeram não tinha ainda recado algum da entrega das fortalezas do duque que eram na comarca d'entre Doiro e Minho e detralos Montes, em que tinha muita duvida e receio, mostrou que lhe parecia bem o partido, e que havia prazer de lh'o cometerem e de entender nelle, isto com fundamento que se algumas das ditas fortalezas revellassem a sua obediencia, ou soubesse que em Castella se fazia sobre este caso alguma revolta, aceitar o dito partido, e com elle feito mandar soltar o duque, mostrando que aquella fôra sempre sua vontade. Mas como foi certo da entrega de todas as fortalezas, e assi de em Castella se não fazer cousa alguma, e estar tudo assocegado, escusou-se do dito partido e requerimento, e como seguro e descansado dos receios que tinha mandou logo que o caso do duque se visse e determinasse por justiça.

CAPITULO XLVI

De como El-Rei perdoou ao duque de Vizeu a culpa que neste caso tinha, e da morte do duque de Bragança

E logo ao outro dia depois da prisão do duque El-Rei mandou chamar ao duque de Vizeu a casa da Rainha sua irmã, e perante ella lhe fez uma fala, na qual o repreendeu muito, dizendo-lhe que elle fôra sabedor de todas as cousas passadas, que o duque de Bragança e o marquez seu irmão contra elle quizeram cometer, e que se com rigor e justiça o quizer castigar, cousas tinha sabidas d'elle por onde com direito o poderia fazer. Porém por ser filho do Infante D. Fernando seu tio e por sua pouca idade, e pelo

amor que sempre lhe tivera e tinha, e principalmente por a Rainha sua irmã, que elle sobre todas tanto estimava e amava, lhe perdoava tudo livremente, e dava por esquecidos quaesquer erros e culpas que n'este caso tivesse, dando-lhe sobre tudo tão virtuosos e verdadeiros conselhos e ensinios, que o Infante seu pae se fôra vivo lh'os não podera dar melhores, e o duque por não ter escusas nem replicas, sem falar palavra alguma lhe beijou a mão por tamanha mercê.

E a Rainha que isto muito estimou, com palavras de grande amor e muita prudencia, o teve em muita mercê a El-Rei.

E para o caso do duque de Bragança mandou El-Rei vir a Evora todos os letrados da casa da supplicação que então estava em Torres Novas, e foi logo dado por juiz o licenceado Ruy da Grã, muito bom homem e de muito boa consciencia e bom letrado, e por procurador d'El-Rei o doutor João d'Elvas e por procurador do duque o doutor Diogo Pinheiro, que depois foi Bispo do Funchal, homem fidalgo e de muito boas letras, e bom saber, e de criação do duque, e com elle Affonso de Bairos, que era havido por um dos melhores procuradores do reino. Aos quaes El-Rei mandou e encomendou que com muito cuidado e estudo procurassem e defendessem a causa do duque, que por isso lhes faria muita mercê.

Foi feito e dado libelo contra o duque, que logo procedeo com vinte e dois artigos fundados naquellas cousas em que parecia elle ser culpado, os quaes pelo juiz lhe foram logo levados onde estava, e todos lidos, de que o duque mostrou logo alguma torvação, porque na substancia d'elles conheceu claramente que muitas cousas suas eram descubertas, que elle havia por muito secretas e escondidas. E depois de estar um pouco cuidadoso, antes de nada responder, enco-

mendou a Ruy de Pina, que era presente, que fosse dizer a El-Rei seu senhor que aquellas cousas e em tal tempo não tinham replica mais propria de servo para senhor, nem que mais conviesse a sua grandeza, virtudes, e piedade que a que o Profeta David disse a Deos no Psalmo: *Et non iutres in iudicio cum fervo tuo Dne, quia non iustificabitur in conspectu tuo omnis vivens*. E que quando isto que a elle por todos respeitos mais convinha não quizesse fazer, que então por sua dinidade e por ser assi direito lhe quizesse dar juizes conformes a elle, e que seu feito mandasse determinar a Principes e duques, pois o elle era, e El-Rei houve tudo isto por escusado, e mandou que todavia respondesse e se livrasse por direito.

E além das cartas, instruções, e escripturas que logo para prova do libelo foram no feito offerecidas, se preguntaram pelos artigos d'elle estas pessoas por testemunhas, convem a saber: Lopo da Gama, Affonso Vaz, secretario do marquez, Pero Jusarte, Lopo de Figueiredo, Diogo Lourenço, de Montemór, Jeronimo Fernandez, Fernão de Lemos e João Velho, de Viana de Caminho. Todos da criação do duque e de seus irmãos. Cujos testemunhos pareceu que fazia prova ao libello, nem havia a ellas contraditas, nem lh'as receberam.

Foi o processo contra o duque acabado em vinte e dois dias, e nenhuma diligencia que para elle cumprisse foi necessaria fazer-se fóra da côrte. E para final determinação d'elle foram por mandado d'El-Rei juntos para juizes alguns fidalgos e cavalleiros do reino, homens sem sospeita, que com os letrados foram por todos vinte e um juizes.

E tanto que o feito foi concluso, os juizes foram todos juntos em uma salla dentro do aposentamento d'El-Rei, armada de panos da historia, equidade e

justiça do Imperador, Trajano. Onde se poz uma grande mesa aparelhada como cumpria para o auto, em que de uma parte e da outra os juizes estavam todos assentados, e no tope d'ella El-Rei. E junto com elle o duque assentado em uma cadeira, a quem El-Rei em chegando a elle e em se despedindo guardou inteiramente sua cortesia e cerimonia. O qual veio alli duas vezes, em que vio lêr o feito, e pelos procuradores de uma parte e da outra disputar em grande perfeição os merecimentos do processo.

E a terça feira em que publicamente se haviam de repreguntar as testemunhas em pessoa do duque, El-Rei o mandou para isso chamar, e elle se escusou e não quiz vir, dizendo a Ruy de Pina que o foi chamar estas palavras: «Dizei a El-Rei meu senhor que eu me confessei e comunguei hoje, e que agora estou com o padre Paulo meu confessor falando em cousas de minha alma e do outro mundo, e que essas para que me chama são do corpo e d'este mundo, e de seu reino, de que elle é juiz, que as julgue e determine como quizer, porque a ida de minha pessoa não é necessaria»; e não foi.

E com esta resposta mandou El-Rei logo despejar a salla, para sobre a final sentença tomar os votos dos juizes. Aos quaes antes de votarem fez El-Rei uma fala, em que lhe encomendou o que devia, como virtuoso e justo Rei, e isto com muitas lagrimas, que todos aquella noite lhe viram correr, porque cada voto, que cada juiz concluia na morte do duque, El-Rei chorava com grandes soluços e muito triste.

E no votar se detiveram dois dias manhã e tarde, com a noite derradeira muito tarde, em que finalmente acordaram todós com El-Rei que na sentença poz o seu passe, que vistos os merecimentos do processo, conformando-se no caso com as leis do reino,

e imperiaes, e com a pura e mui antiga lealdade que aos Reis d'estes reinos de Portugal se devia sobre todos; Acordaram que o duque morresse morte natural, e fosse na praça d'Evora publicamente degolado, e perdesse todos seus bens, assi os patrimoniaes como os da corôa para o fisco e real corôa d'El-Rei.

E acabada d'assentar e assignar a sentença, tomou El-Rei logo com todos assento sobre o que na execução d'ella se havia de fazer. E aos vinte dias do mez de Junho do anno de mil e quatrocentos e oitenta e tres, de noite, ante manhã tiraram o duque dos paços em cima de uma mula, e Ruy Telles nas ancas apegado nelle, e muita e honrada gente a pé, que o acompanhava com grande seguridade.

E o duque em sahindo cuidou que o levavam a alguma fortaleza, e quando vio todos a pé ficou muito enleado e triste. Foi assi levado a umas casas da praça, que parece cousa de notar: porque o dono d'ellas se chamava Gonçalo Vaz dos baraços; e em Evora não se vendiam se não em sua casa. Onde o duque conheceo a verdade que logo claramente lhe foi descuberta por o padre Paulo seu confessor, que o estava já esperando, e lhe deu com muitos confortos e esforços a mui triste e mui desconsolada nova, a qual o duque recebeu com palavras de muita paciencia e mui em si, como homem esforçado.

E logo ahi fez uma sedula de testamento, que elle notava, e um Christovão de Bairos escrivão, escrevia, na qual assignou com o padre Paulo seu confessor. Em que por descarrego de sua alma declarou algumas cousas: principalmente pedio á duquesa sua mulher por mercê, e assi a seus irmãos, e encommendando a seus filhos por sua benção, e encommendou a seus criados que todos por o caso de sua morte não tivessem odio nem escandalo contra alguma pessoa

que lh'a causasse, nem muito menos contra El-Rei seu senhor, porque em tudo o que fazia era verdadeiro ministro de Deos, e mui inteiro executor de sua justiça. Porém não declarando se era, ou deixava de ser culpado no caso porque morria. Falando muitas cousas e fazendo em tal tempo algumas perguntas como de homem em mui acordado e de grande esforço, e sobre tudo catholico e bom christão. E mandou pedir perdão a El-Rei com palavras de muita humildade e de accusação de si mesmo, e pedio que antes de padecer lhe trouxessem o recado como lhe fôra em seu nome pedido, e assi se fez, e tanto que o duque entrou nas ditas casas foram logo juntos muitos carpinteiros e officiaes, e com muita brevidade fizeram um alto e grande cadafalso quasi no meio da praça, e um corredor que de uma janella das casas ia a elle, e no meio do cadafalso outro pequeno pouco maior que uma mesa, mais alto, com degrao, tudo de madeira cuberto de alto abaixo de panos negros de dó. E feito como havia poucos dias que a El-Rei perante o duque disseram que se fizera em Paris outro tal com tal cerimonia a um duque que El-Rei Luiz de França mandou degolar.

E no fazer do cadafalso e corredor, que era grande, e no que mais era necessario se detiveram tanto, que eram já mais de dez horas do dia, no qual tempo o duque cansado e desvelado da noite pela grande agonia em que estava, pedio de beber, e sobre figos lampos bebeu uma vez de vinho. E em uma cadeira d'espaldas em que estava assentado se affirma que se encostou e dormio um pouco. E acordado tornou a estar com seu confessor, e disse que fizessem o que quizessem, que elle não tinha mais que fazer.

Vestiram-lhe uma grande loba, capello, e carapuça de dó. E ataram-lhe diante a um cinto, com uma fita

preta, os dedos polegares das mãos. E em lh'os atando lhe disseram que houvesse paciencia e não se escandalizasse, porque assi era mandado por El-Rei. E elle respondeu: — «Soffrelo-hei, e mais um baraço no pescoço se Sua Alteza o mandar».

Sahio assi ao corredor, por onde havia d'ir ao cadafalso, e diante d'elle confessores e religiosos com uma cruz diante encomendando com devotas orações sua alma a Deos, e quando vio o cadafalso, e da maneira que tudo estava ordenado, lembrou-lhe o que vira contar a El-Rei sobre o duque que em Paris degolaram, e disse:

«Ah! como em França».

E nesta morte do duque o fez o conde de Marialva muito honradamente, que sendo meirinho-mór, e mandando-lhe El-Rei que fosse estar com o duque, lhe pediu muito por mercê que tal lhe não mandasse, porque antes perderia quanto tinha, que o fazer, porque era grande amigo do duque; e El-Rei lhe conheceu de sua razão, e o escusou, e mandou servir de meirinho-mór a Francisco da Silveira, que ora é condel-mór. O qual com muita gente d'armas, e elle ricamente armado, foi lá com vára de justiça na mão, e o duque quando o vio assi, pesando-lhe disse:

«Bem galante está Francisco da Silveira».

Foi com muita segurança até o cadafalso, que era defronte da capella de Nossa Senhora, e em chegando se poz em joelhos com os olhos na imagem, e se encomendou com muita devoção a ella, e os religiosos dizendo-lhe palavras para tal hora de muito esforço e grande confiança em Deos. Mas elle foi sempre tão esforçado, tão inteiro na fé, e tanto em seu inteiro acordo, que pareceu que para sua salvação as não havia mister.

E porque a gente principal do reino acudiu toda a El-Rei, era a praça tão cheia de gente d'armas que

não cabia nem pelas ruas, e a cidade toda em grande revolta, o confortaram muito que de vista e rumor tão espantoso não tomasse torvação nem escandalo, e elle respondeu :

«Eu não me torvo nem escandalizo do que me dizeis, porque se o posso ou devo dizer, Jesu Christo Nosso Senhor não morreu morte tão honrada.»

E falando com o confessor preguntando-lhe se se lançaria, se sobiu ao outro cadafalso mais alto d'onde todos o viam, e assentado nelle com os olhos em Nossa Senhora encomendando-lhe sua alma, chegou a elle por detrás um homem grande todo coberto de dó, que lhe não viram o rosto ; o qual se afirma não ser algoz, e ser homem honrado, que estava para o justicarem, e por fazer esta justiça em tal pessoa, foi perdoado, e com uma toalha de Olanda que trazia na mão lhe cubriu os olhos, e com muita honestidade o lançou de costas, pedindo-lhe primeiro perdão : e acabado um espantoso pregão, que um rei d'armas dizia, e dois pregoeiros em alta voz davam, o homem com um grande e agudo cutelo que tirou debaixo da loba, perante todos lhe curtou a cabeça. E acabado de o assi degolar se tornou para a casa d'onde o duque saira, por o mesmo corredor, sem ninguem saber quem era ; e o pregão dizia assi :

«Justiça que manda fazer El-Rei nosso senhor; manda degolar D. Fernando, duque que foi de Bragança, por cometer e tratar traição e perdição de seus reinos e sua pessoa Real».

E El-Rei tinha mandado que tanto que o duque fosse morto tocassem o sino de Santo Antão : e estando El-Rei com poucos ouviu tocar o sino, e em no ouvindo, levantou-se da cadeira e poz-se em joelhos e disse :

«Rezemos pela alma do duque que agora acabou de padecer», e isto com os olhos cheios de lagrimas:

e assi em joelhos esteve um espaço rezando por elle, e chorando.

E certo o duque recebeu a morte com tanta paciencia, tanto arrependimento e contrição de seus peccados, tanto esforço, e em tudo tão achegado a Deus, que muitos se maravilharam de tão santamente morrer : porque em sua vida não era havido como na morte mostrou ; antes por homem muito metido nas pompas e cousas d'este mundo, mais que nas do outro.

Esteve assi o corpo do duque publicamente no cadafalso á vista de todos por espaço de uma hora, e de alli sem dobrarem sinos nem haver choro, o cabido da Sé com a clerezia da cidade, com suas cruces e muitas tochas acesas o levaram honradamente ao mosteiro de S. Domingos, onde foi soterrado na capella maior. E na côrte não tomou pessoa alguma dò por elle, salvo El-Rei, que esteve tres dias encerrado, vestido de panos pretos com capuzes cerrados, e barrete redondo.

CAPITULO XLVII

De como o senhor D. Manoel, irmão da Rainha, que era em Castella pelo caso das terçarias se tornou á côrte

E porque na capitulação das terçarias, foi concertado que emquanto durassem o senhor D. Manoel irmão da Rainha, que ainda era moço, andasse em Castella, El-Rei para cumprimento d'isso, o anno passado lhe ordenou e deu casa honrada com todos seus officiaes dos seus proprios moradores. E lhe deu por aio Diogo da Silva de Menezes, que depois foi conde de Portalegre, homem de nobre sangue

e de muito bom siso e saber, e de bom conselho. E então lhe deu El-Rei por divisa a Espera, cousa que pareceu de mysterio e profecia: porque lhe deu a esperança de sua real socessão, como ao diante se seguiu, havendo então muitas pessoas vivas que antes d'elle eram herdeiros; os quaes todos depois faleceram para elle vir herdar.

E sendo já o senhor D. Manoel em Freixinal, villa do estremo de Castella: porque as taes terçarias se desfizeram, sua ida não foi mais necessaria, e se tornou á côrte. E El-Rei com toda a casa que lhe tinha dado o recolheu e criou depois em sua cama, mesa e nos conselhos e boas doutrinas, com mostranças e obras de verdadeiro amor de filho. E para ter com que sostivesse seu estado, em sua mocidade tinha já El-Rei ordenado de lhe dar o Mestrado de Avis, com grande e honrado assentimento de sua fazenda: mas logo se seguiram cousas por onde a provisão d'isso cessou, como ao diante se dirá.

CAPITULO XLVIII

Partida d'El-Rei d'Evora para Abrantes, e do recado do Santo Padre que lhe ahi veiu

No mez de Julho d'este anno de oitenta e tres, El-Rei com a Rainha e o Principe e sua côrte se foi á villa d'Abrantes, onde veiu a elle um Nuncio com um breve do Papa Sixto quarto, porque por cousas e causas nelle apontadas, em que parecia El-Rei meter mão individamente nas cousas da egreja, o emprazou que por si ou seu procurador parecesse em côrte de Roma para dar d'ellas razão. De

que El-Rei mostrou receber paixão e sentimento, porque ainda lhe pareciam pendências da desventura passada para no temporal e espirital lhe darem fadiga, e porque El-Rei era muito livre da culpa de todas aquellas cousas, porque as mãis d'ellas passaram em tempo que elle ainda não reinava, determinou desculpar-se logo ao Papa e ao Sagrado Collegio dos Cardeaes, e assi lhe respondeo pelo mesmo Nuncio, que se chamava Joanes de Merle, e ordenou logo de mandar sua embaixada honrada, e por embaixadores Fernão da Silveira, Condel-mór, e o doutor João de Elvas. Os quaes sendo já despachados para partirem, foi d'isso avisado o Cardeal D. Jorge, Arcebispo de Lisboa, que era em Roma, e por ser certificado que muita da embaixada ia fundada em reprehensões e ingratições suas de que presumia que as ditas informações contra El-Rei naceriam d'elle mesmo Cardeal, e por se em Roma não abater seu credito e autoridade que era grande, houve do Santo Padre que El-Rei fosse escuso do emprazimento. Por onde a embaixada não foi; o que o Cardeal fez mais pelo que a elle cumpria, que não pelo d'El-Rei, a que sempre teve má vontade, já em vida d'El-Rei D. Affonso seu pae, como atrás fica dito.

CAPITULO XLIX

Da justiça que em Abrantes El-Rei mandou fazer na estatua do marquez de Montemór

ESTANDO El-Rei em Abrantes, por ser certificado que o marquez de Montemór estando em Castella, não deixava de seguir sua má vontade contra elle, com os do seu conselho e letrados orde-

nou e quiz em sua ausencia mandar fazer justiça e justiça sua estatua nesta maneira.

Na praça da dita villa se fez um cadafalso de madeira, grande e alto, todo cuberto de panos de d'ó, e nelles assentos para corregedores, desembargadores e juizes, e ahi em pé meirinhos, alcaides e officiaes da justiça. E publicamente foi alli trazida uma estatua do marquez, natural como viva, que se parecia com elle, e vinha armado de todas armas, e em cima d'ellas sua cota d'armas, e na mão direita uma espada alta, e na esquerda uma bandeira quadrada de suas armas, e ali pelos juizes lhe foram lidas em alta voz suas culpas, e logo por todos os juizes e desembargadores sentenceado que morresse por justiça morte natural, e publicamente fosse degolado.

E acabada de lêr a sentença veio um rei d'armas, e em voz alta dizia :

Por quanto vós Condestable, por vosso tão grande officio ereis obrigado a ter muita lealdade a vosso Rei, e servi-lo e ajudar a defender seus reinos, e vós não no fizestes; antes trabalhastes e procurastes por lhe offender, e lhe fostes desleal; não mereceis ter tal espada, e logo lhe foi tirada da mão, e tornou logo a dizer:—Por quanto vós marquez por vossa grande dignidade vos foi dada bandeira quadrada como a Principe, e por esta honra e dignidade que recebestes ereis obrigado guardar a honra e estado d'El-Rei vosso senhor, e servi-lo e acata-lo como natural e verdadeiro Rei e senhor, e vós tudo isto fizestes ao contrario: tal bandeira não deveis ter, porque a não mereceis, e lh'a tomaram logo da mão, e pela mesma maneira e cerimonia lhe tiraram a cota d'armas e armadura da cabeça, e todas as outras peças d'armas até ficar desarmado em calças e em gibão.

E então veio um pregoeiro e um algoz, e com pre-

gão de justiça, em que declarava suas culpas, lhe cortaram a cabeça, de que sahiu sangue artificial, que parecia de homem vivo.

E acabada esta grande cerimonia de justiça que durou muito, se deceram todos do cadafalso; e logo foi posto fogo nelle, e a estatua e o cadafalso todo assi como estava foi queimado, cousa que pareceu espantosa.

E o marquez sendo d'isto sabedor foi mui enojado e triste, e d'ahi a pouco tempo se finou em Castella onde elle estava.

CAPITULO L

De como d'Abrantes El-Rei partiu para S. Domingos da Queimada e a outras partes

EL-REI com a Rainha e o Principe, e o senhor D. Manoel se partiu d'Abrantes no fim de Setembro d'este anno, e o duque de Vizeu por ser mal sentido ficou em Thomar, e foram em romaria a S. Domingos da Queimada, que está junto de Lamego, com grande devoção pedir-lhe que por seus merecimentos Deus lhe desse filhos dentr'ambos, que El-Rei muito desejava, e lhe levaram ricas offertas que lhe offereceram.

E de Lamego se tornou a Rainha a Vizeu, e d'ahi se foi á cidade do Porto. E El-Rei foi a Villa Real e Bragança, e a alguns outros lugares de Tralos Montes e entre Douro e Minho, em que ainda não fôra, correndo montes reaes, e provendo alguns repairos de fortalezas, e assi cousas de justiça que cumpriam. E tornou-se ao Porto onde a Rainha com o Principe estava esperando, e por virem grandes invernos esti-

veram ahi até Janeiro do anno seguinte de oitenta e quatro, e do Porto se vieram a Aveiro, onde estava a Infanta D. Joanna irmã d'El-Rei, a quem elle e a Rainha falaram em casamento com o duque de Vizeu, irmão da Rainha. E por sua má ventura se não concertou, porque se então se acabara ficara mui contente e tivera maior amor a El-Rei, e não ousaram de lhe danar a vontade como fizeram, d'onde se seguiu sua morte como logo se dirá.

E d'Aveiro veio El-Rei com a Rainha e o Principe a Santarem, onde logo veio o duque de Vizeu, que ficara em Thomar. E passada a Pascoa se fizeram de dia e de noite muitas festas de toiros, canas e danças, tudo em muita perfeição, e com grandes festas.

CAPITULO LI

Do que aqui em Santarem aqueceo a El-Rei de noite

Nos paços de Santarem estando El-Rei com a Rainha na cama, depois de todos repousados, acerca da meia noite dormindo já El-Rei, bateram á porta da camara onde jazia. Acordando perguntou quem era, e não lhe responderam; ficou enleado cuidando o que podia ser; d'ahi a pouco tornaram a bater, e elle se levantou mui manso, e vestio um roupão, e tomou uma espada e uma adarga, e uma tocha acesa na sua mão, e foi muito passo só abrir a porta, e em na abrindo sentio ir diante si homem que abrio outra porta, e elle depôs elle, lhe foi o homem fugindo abrindo totalas portas até os desvaos dos paços, que é cousa tão carregada, que de dia se carrega qualquer pessoa d'andar só por elles,

quanto mais de noite, e a taes horas, e mais havendo ahi suspeita que alli sentia cousa má.

A Rainha bradou alto, e aos brados lhe acudiram mulheres que a grande pressa chamaram os fidalgos da guarda, e monteiros, que logo acudiram todos com armas, e tochas acesas, e foram achar só El-Rei nos desvaos buscando todos os cantos d'elles tão seguro e sem receio, que mais não podera ser se fôra no meio do dia. E então perante si fez buscar tudo sem ficar nada, e não se achou cousa alguma, por onde elle e todos affirmaram ser cousa passada d'esta vida; e tornou-se El-Rei então com todos, fazendo fechar as portas, tão despejado e o rosto tão seguro e alegre, que todos vinham espantados. Deu boas noites, e tornou-se a lançar na cama com a Rainha como d'antes jazia, e não deixou por isso de repousar e dormir.

CAPITULO LII

De como se começou o caso em que o duque de Vizeu foi contra El-Rei

EM Santarem se começou a praticar e tratar a segunda deslealdade contra El-Rei, d'onde se seguiu a triste e rebatada morte do mallogrado duque de Vizeu. A qual nasceu mais de crêr perversos e errados conselheiros, que de sua condição, porque d'El-Rei nunca recebeu escandalo nem agravo para que com rasão lhe devesse de querer mal, mas a má inclinação e o odio dos que o nisso metiam, mais por seus proprios odios a El-Rei que por desejarem de elle reinar, como lhe faziam crêr com uma esperança vã e desordenado desejo, o cegaram de ma-

neira, que lhe fizeram esquecer que El-Rei era seu natural Rei e senhor, e que o criara como filho, e honrara como irmão, e que era seu primo com irmão, e irmão da Rainha sua mulher, filho do Infante D. Fernando seu tio. Pelas quaes cousas elle mais que outra nenhuma pessoa tinha razão de com verdadeira lealdade, obediencia e amor, servir e acatar El-Rei em tudo o que a sua vida, honra e estado real e bem de seus reinos cumprisse.

E não lhe lembravam que o fizeram meter na conjuração dos primeiros que a desobediencia e destruição d'El-Rei tratavam, e sendo elle nella comprehendido e posto em seu poder, El-Rei por suas muito grandes virtudes, movido mais de piedade e misericordia que de ira nem rigor, e havendo tambem respeito a sua pouca idade, e pelo da Rainha, não quiz olhar suas culpas por saber que então não nacião d'elle, e quiz mais perdoar-lhe como pae, que castiga-lo como Rei, que se então quizera seguir inteiramente a ordem de justiça, por ventura o podera bem fazer.

E não sómente levou então contentamento de lhe tudo perdoar como atrás fica dito, mas para sua grandeza de animo e real condição levava El-Rei gosto em o aconselhar com amor, e honrar, e favorecer; mas tanto bem não aproveitou ao mal que se seguio. Porque o mal afortunado do duque por algum secreto juizo não pôde aqui em Santarem fugir a outros danados e peores conselheiros, que fazendo-lhe crêr que andava preso, e fóra de sua liberdade, com uma esperança de sem rasão e sem causa o fazerem Rei, o fizeram inclinar e consentir, a contra Deos e toda razão quererem matar El-Rei seu verdadeiro senhor, e não lhe lembrava, nem elle se queria lembrar que devia a El-Rei a vida que Deos lhe dera, o que em sua memoria devera d'andar para sempre com verdadeiro

amor e lealdade, e não devera estimar tão pouco aquelle tão real, tão grande, e piedoso perdão que com puro amor, e sem necessidade alguma lhe tinha feito em Evora, mas os grandes pecados de seus diabolicos conselheiros o traziam enleado com tanta indignação, que este tamanho bem lhe fazia crêr que era mal. E não lhes lembrando Deos, nem a obediencia, amor, e lealdade que a El-Rei deviam ter, pois era seu Rei natural, e filho d'El-Rei D. Affonso, que a muitos d'elles tinha feito grandes senhores e grandes mercês, e assi as grandes virtudes e perfeições d'El-Rei, e as muitas e grandes mercês que a muitos d'elles tinha feitas.

E esquecidos de si mesmos, de suas honras e vidas, e da nobreza de seus sangues, e assi do grande perigo em que se metiam, tratavam em matar El-Rei a ferro ou com peçonha, e seus reinos tiral-os ao Principe seu filho a quem de direito vinham, para os ter quem contra justiça, e toda razão os queria tomar. Mas Nosso Senhor Deos por sua grande misericordia e pela innocencia e grande devoção d'El-Rei tornou tudo isto ao contrario do que elles tinham ordenado, e guardou sempre a vida d'El-Rei, por quão bem elle guardava a justiça e verdade, e seus mandamentos, e por quão verdadeira fé tinha, que verdadeiramente vêr quão só El-Rei era, e elles tantos e tão principaes pessoas, e tão chegados a elle, e tantas vezes o cometerem fóra e em casa, e elle sempre escapar, não é de crêr senão que foi por misterio de Deos, a que El-Rei sempre primeiro que tudo sua vida e suas cousas encommendava. E o triste, desastrado, e mal afortunado caso foi n'está maneira que se segue.

O duque de Vizeu pousava fóra da cerca de Santarem nas casas do Arcebispo de Lisboa, que são junto com o mosteiro de S. Domingos das Donas. E

o Bispo d'Evora D. Garcia de Menezes, digno de muito grande culpa, pois tanta cavallaria e tantas letras, fidalguia, rendas e outras muitas e boas partes tão mal soube aproveitar, pousava nas casas de um Affonso Caldeira, junto com o postigo de Santo Estevão, d'onde secretamente sahiu a falar com o duque, e com elle D. Fernando de Menezes seu irmão. E assi foram Fernão da Silveira, escrivão da puridade d'El-Rei, e filho do barão d'Alvito, e D. Guterrez Coutinho, filho do marichal, a quem El-Rei tinha dado havia bem pouco a encomenda de Cezimbra, e D. Alvaro d'Atayde, irmão do conde d'Atouguia, e do Prior do Craço, e seu filho D. Pedro d'Atayde, e o conde de Penamocôr D. Lopo d'Albuquerque, e Pero d'Albuquerque seu irmão, Alcaide-mór do Sabugal. Os quaes todos foram os sabedores e consentidores d'esta deslealdade e traição. Ainda que mui claramente se provou que D. Fernando de Menezes sómente quando pelo duque com quem vivia, e pelo Bispo seu irmão lhe foi descuberto, lhe pesou muito de o saber, e com palavras de lealdade e muita prudencia, sempre como bom portuguez e fiel vassalo d'El-Rei o estranhou muito, e contradisse gravemente, porém não no descobriu por ser criado do duque.

E depois da Pascoa passados alguns dias, El-Rei com a Rainha e o Principe com sua côrte se partiu para Setuvel, e foi pelas lezirias a montes e a caças, com muitos banquetes, prazeres, festas e todos estes com elle, e outra nobre gente.

CAPITULO LIII

De como foi a morte do duque de Vizeu

EL-REI foi primeiramente avisado d'este caso por Diogo Tinoco, homem fidalgo, a quem o Bispo d'Evora por ter por manceba uma Margarida Tinoca sua irmã, a quem queria muito grande bem, e por confiar muito nelle lhe deu d'isso parte. E Diogo Tinoco logo o mandou descobrir a El-Rei por Antão de Faria, e depois disse per si miudamente a El-Rei no mosteiro de S. Francisco de Setuvel, vestido em habito de frade por maior dissimulação. A quem El-Rei com palavras e obras muito o agradeceu e satisfez como tão leal e proveitoso aviso merecia. E lhe deu logo juntamente cinco mil cruzados em ouro, e seiscentos mil réis de renda em beneficios logo nomeados, pelos quaes logo mandou despedir as letras, mas não houveram effeito, porque antes de despedidas, o dito Diogo Tinoco falleceu.

E depois foi El-Rei de tudo avisado por D. Vasco Coutinho, filho do Marichal, e irmão do dito D. Gutierrez, o qual D. Vasco por descontentamentos que tinha d'El-Rei, estava neste tempo despedido d'elle para se ir fóra do reino. E D. Gutierrez pesando-lhe da ida do irmão, e havendo por cousa certa a morte d'El-Rei com que sua ida seria escusada, lhe mandou pedir muito que antes de se partir se visse com elle em Cezimbra, onde se viram, e D. Gutierrez por lhe não descobrir a causa principal de seu fundamento, lhe disse que o mandara chamar sentindo muito seu despedimento e partida, e lhe pediu muito que estivesse ali alguns dias, nos quaes trabalharia remediar

com El-Rei seus aggravos, com que sua ida se escusasse.

E porque D. Vasco o não quiz fazer, parecendo-lhe que eram delongas, D. Guterrez pelo segurar lhe descubriu inteiramente todo o caso, e D. Vasco lhe disse então que ficaria e seria com elle nisso.

E tanto que o soube, lembrando-lhe sua lealdade e fidalguia, e a longa criação que d'El-Rei recebera, e não os aggravos e pouca mercê que dizia que d'elle tinha recebida, por onde era d'elle despedido, determinou logo como bom, verdadeiro, e leal vassallo descobrir tudo a El-Rei. E mui secretamente por meio d'Antão de Faria se vio com El-Rei, a quem meudamente tudo descobriu, e que o que tinham determinado era matarem-no a ferro, e recolherem o Principe por mar a Cezimbra, e que por logo com elle sossegarem o reino o levantariam por Rei, e que o seria emquanto o duque quizesse, o que ficaria em sua mão e vontade.

E sabendo El-Rei tudo isto tão meudamente por taes duas pessoas, o dissimulou de maneira que nunca foi sentido, por esperar mais inteira prova, e porém andava mui a recado armado mui secretamente, e sempre com espada e punhal, e a cavallo, e nunca em mula, porém tudo feito com tanta prudencia e dissimulação, que nunca sentiram o que elle sentia.

E quando D. Guterrez disse ao duque e aos que com elle eram, como D. Vasco seu irmão se não ia, e era metido no caso, e que tinha jurado de elle ser o primeiro que lhe puzesse o ferro, disse o bispo D. Garcia: «muito me doe o cabello de D. Vasco».

E andavam buscando tempo desposto em que o melhor podessem fazer, e dizem que uma vez o quizeram matar andando no Troino passeando a cavallo, e que El-Rei o sentiu e se poz com as costas na egreja de Nossa Senhora d'Anunciada, confiando que por diante

ninguem ousaria de o cometer, e assi esteve até que o capitão chegou com os da guarda; e que outra vez o quizeram fazer e cometer descendo por uma escada de noite para casa da Rainha, e não se acabaram de derterminar.

E d'ahi a pouco foi El-Rei a Alcacer do Sal, e sabendo o duque e os da conjuração que havia de tornar por mar em uma barca com poucos, determinaram esperal-o na praia, e ao sair dos bateis o matarem, do qual concerto e perigo ordenado El-Rei foi logo avisado por D. Vasco, que com elles era nisso. Pelo qual El-Rei mudou a vinda por mar, e se veio por terra pela Landeira, mui bem acompanhado de boa gente da sua guarda que para isso sem algum alvoroço, fingindo outra cousa, mandou aperceber. Porque depois da morte do duque de Bragança sempre El-Rei trouxe guarda da camara e dos ginetes, de que era capitão Fernão Martins Mascarenhas, que nestes feitos em que a vida d'El-Rei e bem dos reinos pediam, sempre servio continuadamente muito bem e lealmente, e pessoa de que El-Rei muito confiava.

Chegou El-Rei a Setuvel sexta feira xxii dias do mez d'Agosto de mil quatrocentos e oitenta e quatro. E o duque sabendo que El-Rei vinha por terra não no esperou em Setuvel, e foi-se a Palmella onde estava aposentado, elle e a Senhora Infanta sua mãe.

E ao outro dia, sabbado, mandou El-Rei chamar o duque a Palmela, o qual dizem que veio com muito pejo, e em se cerrando a noite El-Rei o chamou a sua guarda roupa, que era nas casas que foram de Nuno da Cunha, em que então El-Rei pousava, onde o duque entrou só sem alguma pessoa entrar com elle, e sem se passarem muitas palavras El-Rei por si o matou ás punhaladas, sendo a tudo presentes e para isso

escolhidos D. Pedro d'Eça, Alcaide-mór de Moura, e Diogo d'Azambuja, e Lopo Mendes do Rio.

E esteve assi morto secretamente sem se ouvir rumor nem cousa alguma até que El-Rei mandou cerrar as portas da villa, e pôr nellas grandes guardas, e mandar muita gente por fóra da villa guardar os caminhos, e mandar em Setuvel pregoar grandes e temerosos pregões, e fazer muitas e grandes diligencias para se haverem os outros todos da conjuração, que foi uma noite de muito grande terror e espanto, e sobre tudo muito grande tristeza, porque quasi a todo Portugal tocava a desaventura d'aquelles que nisso eram culpados, por serem pessoas tão principaes.

Foi o corpo do duque assi vestido como estava levado ante manhã á egreja principal da villa, em um cadafalso cuberto de panos de dó, e jove no meio da egreja descuberto á vista de todo o povo até á tarde que o enterraram.

E de sua morte foi logo feito um auto por o doutor Nuno Gonçalves, como juiz, e por Gil Fernandez escrivão da camara d'El-Rei, em que El-Rei verbalmente disse as causas e razões que tivera para matar o duque, que logo foram escriptas, e por ellas logo perguntadas por testemunhas o dito D. Vasco e Diogo Tinoco, que com seus ditos aprovaram e justificaram a morte do duque.

CAPITULO LIV

Da mercê que El-Rei fez ao senhor D. Manuel irmão do duque, do mestrado de Christus e ducado de Beja

E logo sem delongas nem esperar que algum lhe falasse, El-Rei mandou chamar o Senhor D. Manoel que então jazia doente, e com elle Diogo da Silva seu aio, vindo elle mui temorisado por o dia ser de tanto temor e espanto.

E El Rei lhe disse que elle matara o duque seu irmão, porque elle duque com outros o quizeram matar, e porque todas cousas que elle em sua vida tinha, por sua morte ficavam livremente á sua corôa, e elle de todas d'ali em diante lhe fazia mercê e pura doação para sempre, porque Deos sabia que elle o amava como a proprio filho, e lhe dizia que se o proprio seu filho falecesse sem outro filho legitimo que o socedesse, que d'aquella hora para então o havia por seu filho herdeiro de todos seus reinos e senhorios, e isto de uma parte e da outra foi dito e ouvido com muita tristeza e lagrimas, porque El-Rei muita parte d'estas desaventuras attribuiu a seus pecados, posto que fossem por culpas alheias.

E o Senhor D. Manuel com muito acatamento poz os joelhos em terra, e lhe beijou por tudo a mão, e assi Diogo da Silva seu aio, e El-Rei mudou-lhe o titulo de duque de Vizeu por se não intitular como seu irmão, e houve por melhor que se intitulasse duque de Beja e senhor de Vizeu, como d'ahi em diante se chamou.

E logo nesta mesma fala El-Rei tocou ao duque

em querer para si as villas de Serpa e Moura, e que por ellas lhe daria dentro no reino mui inteira satisfação, e assi apontou nas saboarias do reino que tinha, em que por ventura haveria mudança, porque as havia por opressão dos povos, e por carregos de sua consciencia. E tambem lhe disse que a ilha da Madeira no que pertencia a sua corôa elle duque a teria em sua vida inteiramente, mas que por seu falecimento quando Deos o ordenasse, era razão que por ser cousa tamanha se tornasse á corôa, e aos Reis d'estes reinos que os socedessem. As quaes palavras que El-Rei então disse ao duque foram todas pronosticos do que ao diante se vio, pois tudo foi como elle então o disse.

O Bispo d'Evora ao tempo da morte do duque estava com a Rainha, e ahi o foi chamar da parte d'El-Rei o capitão Fernão Martins, e em sahindo fóra foi logo preso, e levado com muita gente e muito recado ao castello de Palmella, e metido em uma cisterna sem agua que está dentro na torre da menagem, onde d'ahi a poucos dias falleceo, e dizem que com peçonha.

E na mesma noite foram presos por mandado d'El-Rei, D. Fernando de Meneses, e D. Goterrez, e foram trazidos diante d'El-Rei na relação, onde D. Fernando fez uma fala a El-Rei mui elegante, como homem mui prudente, e esforçado cavaleiro, e mui isento, na qual disse algumas palavras a El-Rei de que houve desprazer, e por isso se não houve com elle piedosamente como tinha em vontade, e mandou que por justiça se determinasse seu feito, e foi julgado á morte e degolado na praça de Setuvel.

E D. Goterrez tambem quiz fazer fala, e falou tão mal com palavras piedosas, que El-Rei o não quiz ouvir e o mandou tirar de diante de si. E porque D. Vasco seu irmão tinha já pedido a El-Rei que não

morresse por justiça, El-Rei mandou levar o dito D. Góterrez preso á torre d'Avis, onde tambem logo morreu, e segundo fama não morte natural senão artificial.

E D. Pedro d'Ataide sendo fugido de Setuvel, e indo caminho de Santarem, foi no caminho preso, e trazido a Setuvel, onde contra elle foi ácerca de suas culpas processado, pelas quaes pela justiça foi publicamente degolado e feito em quartos.

E Fernão da Silveira foi escondido em uma casa dentro em uma cova por segredo e fiança de um cavalleiro que fôra criado de seu pae que se chamava João de Pegas, que nunca se corrompeu: nem por temor das mortaes penas d'El Rei a quem o escondesse, nem por suas promessas e grandes mercês a quem o descobrisse. E na pousada de Fernão da Silveira foi achada uma sua borjoleta com muitos cruzados, que por mandado do duque recebera, de que já despendera muitos mais por aquelles da conjuração, cujos nomes e somas por suas ementas se acharam. E d'ahi a muitos dias o dito Fernão da Silveira se salvou por meio e ajuda de um mercador que se chamava Bartolo, homem estrangeiro, que pelo seu se aventurou a muito, e por mar demudado em baixos trajos foi ter a Castella, e depois sendo d'ella desterrado a requerimento d'El-Rei foi em França morto a ferro, na cidade d'Avinhão, a oito dias de Dezembro de mil e quatrocentos e oitenta e nove annos, por o conde de Palhaes, catalão, que em França tambem andava desterrado, a quem El-Rei pelo fazer por seu mandado fez mercê de muita soma de ouro, em que se primeiro concertou. E porém o conde por mandado d'El-Rei de França foi por isso logo preso em perpetua prisão, a quem os favores e requerimentos que El-Rei por elle mandou fazer não aproveitaram para

mais que para logo pelo mesmo caso não morrer por justiça, de que com muita difficuldade escapou.

D. Alvaro d'Ataide era em Santarem, onde pelos da conjuração foi acordado que estivesse com muita gente, que com dissimulações recolhia, para que tanto que da morte d'El-Rei, ou d'algum alevantamento contra elle fosse certificado, logo recolhesse ao castello a Excellente Senhora D. Joana, que então estava no mosteiro de Santa Clara da dita villa, porque para uma cousa e para a outra se o caso sobreviera, tinha já as cousas aviadas e postas em ordem astuciosamente. Porque sobre o recolhimento d'esta senhora tinham esperança d'ajuda e favor dos Reis de Castella, a quem segundo fama tudo isto era revelado.

E por D. Alvaro ser homem mui sabedor e de muito credito e autoridade, estava em Santarem com esta empresa, mas como da morte do duque foi avisado, como sesudo que era, se poz logo em salvo e se foi para Castella, onde sempre andou em vida d'El-Rei, e depois por El-Rei D. Manoel, que santa gloria haja, foi a estes reinos tornado com sua honra, e restituído ao seu. Porque na verdade muito menos culpa e caso era estar D. Alvaro em Santarem, posto que estivesse por parte do duque e em ajuda sua, que a dos outros que com suas proprias mãos queriam matar seu Rei e senhor, de quem muitas e grandes mercês tinham recebidas, que D. Alvaro ainda que consentisse em o fazerem, não no quiz elle fazer nem vêr fazer, e por isso estando El-Rei em Setuvel, estava elle em Santarem.

E depois de assi ser nestes reinos casou com D. Violante de Tavora, mulher de mui nobre geração; e houve d'ella um filho que se chama D. Antonio d'Ataide, que ora é conde da Castanheira, senhor de Povos e Chileiros, alcaide mór de Alegrete e de Co-

lares, e veador da fazenda d'El-Rei nosso senhor, homem de muito grande estima e muito aceito a El-Rei, de muita valia e tão bom saber, que sendo mancebo alcançou todas estas cousas, e muita renda per si, segundo seu contino serviço, e o grande amor que lhe El Rei tem e a muita confiança que tem nelle, se espera alcançar outros maiores.

E Pero d'Albuquerque fugindo, foi logo preso em Lisboa e trazido á casa da supplicação, onde foi contra elle processado e ouvido perante El-Rei, a que fez uma grande fala mui eloquentemente, que falava muito bem, na qual alegou muitos serviços e grandes feitos em armas, que era valente cavalleiro. E nada lhe aproveitou, porque emfim por o caso foi julgado a morte e publicamente degolado em Montemór-o-Novo.

E o conde de Penamacôr se acolheu e lançou logo na dita sua villa. E quando El-Rei ia ao Sabugal, como ao diante se dirá, tornando-se El-Rei de Castello Branco para Santarem, o dito conde com seguro real lhe veio fallar no logar das Cortiçadas, que se ora chama Proença a Nova, e porque se não quiz pôr a direito como El-Rei queria, se despediu d'elle e de seus reinos, e com sua mulher e filhos se foi para Castella, e depois em Roma, e fóra de Hespanha andou em muitos reinos cometendo contra El-Rei muitas cousas, até que tornou outra vez a Castella, onde acabou como adiante se dirá.

CAPITULO LV

De como El-Rei mandou notificar á Infanta a morte do duque seu filho

Ao tempo da morte do duque de Vizeu, a Senhora Infanta D. Beatriz sua mãe estava em Palmela, a quem El-Rei pelo doctor Nuno Gonçalves, do desembargo, pessoa de muitas letras e autoridade, e por Gil Fernandes seu escrivão da camara, pessoas de que confiava, lhe mandou logo notificar a morte do filho, e mostrar as causas e culpas do caso, para vêr as razões que tivera de o matar: e assi lhe mandou levar e mostrar a grande e liberal doação que a seu filho o Senhor D. Manuel tinha feita. Pedindo-lhe e encommendando-lhe muito com palavras de muita prudencia, cortesia e honestidade, que se confortasse e houvesse paciencia. E ella vio e ouviu tudo com muita dor e tristeza, e com muitas lagrimas respondeu com palavras que ainda que fossem de Princesa desconsolada, foram com muito sofrimento e honestidade, e de mulher muito inteira como ella o era.

E logo na noite da morte do duque, El-Rei mandou fazer as diligencias que cumpria para se haverem suas fortalezas, como houveram todas sem alguma duvida nem resistencia, e assi as dos que com elle eram: salvo a fortaleza do Sabugal, muito forte, e no estremo, em que estava D. Caterina, mulher de Pero de Albuquerque, que sabendo da prisão de seu marido a não quíz entregar; e para El-Rei atalhar e remedear isto, mandou logo diante D. Pedro de Noronha seu mordomo-mór, homem de muita autoridade,

que cercasse como logo cercou o Sabugal; e El-Rei se aparelhou para ir logo após elle, e foi em pessoa, e chegou até Castello Branco, onde com elle se ajuntou logo muito boa gente do reino mui aparelhada d'armas e bons cavallo. E d'alli não passou mais adiante, porque D. Caterina como soube de sua ida, entregou logo o castello; e El-Rei lhe fez mercê da fazenda do marido, que por sua deslealdade tinha perdida.

CAPITULO LVI

Embaixada que aqui em Castello Branco veio a El-Rei, d'El-Rei e da Rainha de Castella

EM Castello Branco vieram a El-Rei por embaixadores d'El-Rei e da Rainha de Castella o Bispo de Cordava, pessoa de grande auctoridade, e Gaspar Fabra, valenciano, homem mui honrado. E ao que principalmente vinham era requererem restituição dos filhos do duque de Bragança que andavam em Castella em casa da Rainha.

E porque ao tempo da partida dos ditos embaixadores, os Reis não sabiam da morte do duque de Vizeu, El-Rei temporisou com elles ácerca de seus requerimentos, e deixou sua determinada resposta com a outra sua embaixada que sobre isso, e sobre outras cousas enviou depois por Fernão da Silveira, e com elle Estevão Vaz, com escusas boas e de receber para os requerimentos passados, e para sobre isso não deverem mais falar, lhes lembrava que a successão d'estes reinos se esperava vir a seus filhos de ambos, entre quem o casamento era concertado, a que a semelhante restituição muito perjudicaria.

E em Castello Branco adoeceu El-Rei, e pelo perigo supito em que esteve, teve imaginação que fôra de peçonha; e de Castello Branco ainda doente se veio ás Cortiçadas, e d'ahi pelo Tejo a Fundo, até Almeirim, onde depois de são se foi a Montemór-o-Novo com toda sua côrte, em que esteve até o Janeiro do anno de oitenta e cinco.

E em Montemór-o-Novo fez El-Rei novamente conde de Borba D. Vasco Coutinho, pelo leal e assinado serviço que lhe fez em lhe descobrir o caso do duque de Vizeu, estando d'elle despedido, como atrás fica dito. E deu-lhe a dita villa e condado de juro e herdade, para quantos d'elle decendessem, e mais lhe deu o castello e Reguengos d'Estremoz com outras rendas, e seu honrado assentamento, e sempre lhe fez muita honra, favor e mercê como elle o merecia, que foi homem mui honrado, muito nobre e muito bom cavalleiro, e outras muito boas partes.

E de Montemór por começarem de morrer nelle de peste, que neste tempo era no reino geral, El-Rei se foi a Viana d'Alvito, e d'ahi a Beja.

E neste tempo em que El-Rei tinha tanto escandalo e odio ás cousas do duque de Bragança e do duque de Vizeu, não havendo no reino outro parente chegado senão D. Affonso, filho do marquez de Valença, e primo com irmão da Infanta D. Beatriz e do duque de Bragança; sendo D. Affonso bem mancebo lhe deu o bispado d'Evora livremente sem pensão, nem deixar cousa alguma que tivesse. O qual bispo foi pessoa singular de muitas letras e auctoridade, e grão senhor.

E d'elle ficaram dois filhos e uma filha, o primeiro foi D. Francisco de Portugal, conde do Vimioso e senhor d'Aguiar, veador da fazenda d'El-Rei e camareiro mór do Principe, homem de muito credito e au-

ctoridade, mui sesudo e prudente, e de muito bom conselho, casado com uma filha do senhor D. Alvaro, mui virtuosa e honrada senhora. E o segundo D. Martinho de Portugal, que ora é Arcebispo do Funchal e Primás das Indias, mui magnifica pessoa, e a filha se chamava D. Beatriz de Portugal, a quem o pae deu cincoenta mil cruzados para seu casamento, e sendo mulher moça não quiz casar, e fez tudo em um morgado e o deixou e trespassou em D. Affonso de Portugal seu sobrinho, filho do dito conde seu irmão.

E este bispo D. Affonso começou em Evora um grande e honrado collegio com muita renda, e obra mui virtuosa, e em o começando se finou. E na Sé fez muitas e reaes obras, e deu mui riquissimos ornamentos.

E sentindo se El-Rei tanto de Fernão da Silveira, que dentro em França o mandou depois matar, com grandes dadivas a quem o matou, porque Fernão da Silveira era homem de muito preço e valia, e de muito boas calidades, disse um dia perante muitos á mesa, que Fernão da Silveira era tal, que não iria a parte alguma onde lhe não fizessem muita honra.

E do Bispo D. Garcia disse El-Rei muitas vezes bem, dizendo que era muito bom cavalleiro, e grande letrado, e tinha outras boas partes: e eu lh'o ouvi por vezes. E assi disse tambem a algumas pessoas, que quizeram antes perder muito, que ter mandado matar D. Fernando de Menezes, posto que por justiça fosse julgado.

E por D. Alvaro de Atayde disse, quando foi a sua grande entrada de Lisboa, indo debaixo do palio: — «Não se póde negar que sem D. Alvaro Lisboa não presta para nada». E isto dizia porque D. Alvaro por ser mui principal, sempre nos taes dias levava os Reis pelas redeas, e era tão sabedor, cortesão e gracioso, que elle por si fazia festa.

E era El-Rei tão virtuoso, tão justo, tão verdadeiro, que ainda que quizesse mal a alguém, não lhe tirava sua honra se a tinha; nem deixava de dizer algumas boas partes se as nelle havia, e isto por sua grandeza de animo e mui real condição.

CAPITULO LVII

Da mudança que El-Rei fez no escudo real de suas armas, e das novas moedas que mandou fazer

EM Beja teve El-Rei conselho sobre as moedas que havia de fazer, e ainda não tinha feitas: para as quaes enovou e ordenou algumas cousas no real escudo de suas armas. E a primeira mudança foi, que tirou do dito escudo a cruz verde da ordem d'Avis que nelle por grande erro como parte d'armas sustanciaes andava já encorporada: porque El-Rei D. João o primeiro seu visavô, antes que devidamente, e por auctoridade Apostolica se intitulasse Rei dos reinos de Portugal e do Algarve, era Mestre d'Avis. E depois de ser Rei, tomou por devoção da ordem assentar o escudo das armas de Portugal sobre a cruz verde, com as pontas d'ella fóra do escudo, na bordadura, como ainda em suas obras e mui excellente sepultura no mosteiro da Batalha hoje em dia se vê.

E depois por descuido ou pouco aviso dos Reis d'armas, andou assi muito tempo em vida d'El-Rei D. D. Duarte e d'El-Rei D. Affonso, e por tirar isto que parecia mal, El-Rei a mandou então tirar de todo fóra. E assi mandou mudar os cinco escudos de dentro; porque os dois das ilhargas andavam atravessados com

as pontas debaixo para o do meio, que parecia cousa de quebra, e os poz todos direitos com as pontas para baixo, da maneira em que agora andam.

E neste anno e tempo se intitulou El-Rei primeiramente em seu titulo Senhor da Guiné, como agora anda.

E assi fez neste anno de oitenta e cinco, no mez de Junho as primeiras suas moedas, s. moeda d'ouro, a que chamou justo, e cra de lei de vinte e dois quilates, e de peso de seiscentos réis, e tinha de uma parte o escudo real direito, com letra de redor do nome, e titulo d'El-Rei, e da outra parte El-Rei armado de todas armas assentado em cadeira real e o cetro na mão, e a letra dizia: *Iustus ficut Palma florebit.*

E assi mandou fazer outra moeda d'ouro que se chamava espadim, que era da lei dos justos, e da metade do preço e peso d'elles, que era trezentos réis, e tinha de uma parte o escudo real, com o nome e titulo d'El-Rei, e da outra uma mão com uma espada nua com a ponta para cima, e por letra derredor: *Dñ' proctector vitæ meæ à quo trepidabo.*

E estes espadis mandou fazer d'este nome e por devoção e lembrança da conquista d'Africa, que sempre com a espada na mão se fez, e prosegue por honra e exalçamento da Fé de Nosso Senhor Jesu Christo.

Fez tambem vintens e meios vintens de prata, e de cincos, de lei de onze dinheiros, e de preço de vinte réis e de dez e de cinco: e fez outros espadis de cobre, da feição e grandura dos de ouro, e eram prateados, de preço de quatro réis.

E assi deu novo crescimento á valia da prata, que mandou geralmente que valesse o marco d'ahi em diante a dois mil e duzentos e oitenta réis; e a este preço se fizeram os ditos vintens. E assi se lavraram em seu tempo mais que outra nenhuma moeda os

cruzados da propria lei e peso que ora são ; porém valiam a trezentos e noventa réis cada um, que os dez réis de mais com que ora tem valia de quatrocentos, El-Rei D. Manoel, que santa gloria haja, lh'os acrescentou na valia no anno de quinhentos e dezasete. E em tempo d'El-Rei valendo a trezentos e noventa, eram tantos em todo o reino que davam por trocar um cruzado cinco reaes, e ficavam em valia de trezentos e oitenta e cinco ; e havia no reino em totalas cidades e villas principaes, trocadores que ganhavam muito nisso, os quaes agora não ha, porque dão pelos cruzados quem os ha mester, a quatrocentos e dez reaes.

CAPITULO LVIII

*Da embaixada que El-Rei mandou com a obediencia
ao Papa Innocencio VIII*

NESTE anno estando El-Rei em Setuvel, lhe veio recado como era fallecido o Papa Xisto V, e assi da nova criação do Santo Padre Innocencio VIII por seu breve. A que logo ordenou mandar sua acostumada obediencia, e lhe mandou com ella por embaixadores D. Pedro de Noronha seu mordomo mór, e comendador-mór da ordem de Santiago, e o doctor Vasco Fernandes de Lucena do seu conselho, grande letrado e muito bom orador, e Ruy de Pina por secretario, e muitos fidalgos e cavalleiros, e mui honrada companhia ; e foram por terra até Roma, onde foram muito honradamente recebidos de toda a côrte de Roma, e a obediencia foi dada em consistorio mui solememente por o doctor Vasco Fernandes, que fez uma muito elegante oração, com grandes e

verdadeiros louvores do Papa e dos Reis de Portugal.

E as cousas que em nome d'El-Rei se requereram o Papa por meio do Cardeal de Portugal, que era seu protector, fez todas com muito amor e boa vontade, e entre as muitas graças e cousas que se concederam foram estas as principaes:

Primeiramente a Cruzada para a guerra d'Africa, com grandes indulgencias e remissões de peccados aos que para ella dessem certa soma logo taxada, segundo as calidades das pessoas, e valia das fazendas de cada um; e assi licença para nos castellos do extremo d'estes reinos se poderem dizer missas em logares honestos sem perjuizo das igrejas e paróchias. E outra tal licença para nas casas de justiça, que são da supplicação, e do civil, tambem se poderem dizer para sempre missas. E licença a El-Rei para poder tomar em um só espirital todos os espritaes de Lisboa, que eram muitos; e assi os de Santarem e Evora. E tambem grandes indultos e beneficios para capellães d'El-Rei, da Rainha e do Principe, e outras muitas graças particulares.

E neste anno querendo El-Rei que em seus reinos houvesse muitas armas, e prover todos os vassallos d'ellas, de que havia necessidade, mandou fazer e trazer de fóra a sua custa, uma grande soma de lanças compridas, e um grande numero de couraças de muitas sortes, e as mandou lançar pelo reino segundo cada um devia ter; e pela paga deu a todos em geral uma honesta espera em que pagassem.

CAPITULO LIX

Das galês de Veneza que tomaram os francezes, e do que El-Rei fez aos venezeanos

NESTE anno foram ao cabo de S. Vicente tomadas e roubadas de francezes quatro galês de Veneza que iam muito ricas para Flandres. E o capitão mór e capitães d'ellas muito feridos e roubados e maltratados, foram lançados em Cascaes, onde então estava D. Maria de Menezes, condessa de Monsanto, e El-Rei era em Alcobaça, e a Rainha em Cintra, aos quaes capitães a condessa fez muita honra, e mandou mui bem agasalhar, e os proveu de bestas e dinheiro, como mui virtuosa e nobre pessoa, e por saber que El-Rei o havia assi d'haver por bem : os quaes se foram esperar El-Rei a Cintra, onde a Rainha os mandou agasalhar e prover, com grande honra e muita abastança, como a sua grandeza convinha.

E como El-Rei chegou e soube como o dito capitão mór e capitães vinham de todo desbaratados, não nos quiz vêr nem ouvir até primeiro lhe mandar ás pousadas vestidos inteiros e dobrados, de sedas e ricos panos, com todalas outras cousas que para elles e para os seus eram necessarias, e assi cavalos e mulas em que andassem. E' lhe mandou dizer que para homens tão honrados e tanto seus amigos fãrem a tal Rei, não era razão que ante elle viessem com menos atavios, porque sendo d'outra maneira parecia que seus reinos lhe eram estranhos, o que muito sentiria. Porque pela antiga amisade que elle e os Reis seus antecessores tinham com Veneza, todos os de sua na-

ção deviam d'haver e estimar seus reinos e senhorios por propria sua terra. E assi foram ante El-Rei, que com muita honra os recebeo, e elles em suas palavras e obras mostraram serem em tudo gente nobre e bem agradecida; e com palavras d'homens prudentes deram conta a El-Rei de sua perda e estrema necessidade.

E El-Rei se lhe offereceu a todo o que fosse razão; e porque os francezes tinham ainda em Cascaes as ditas galés, lhe disse que se as quizessem comprar e resgatar que lhe emprestaria para isso quarenta mil cruzados em ouro, e mais se mais quizessem.

E porque os francezes com os venezeanos senão concertaram, os francezes recolheram as mercadorias a seus navios, e venderam as galés, que El-Rei comprou e mandou levar a Ribatejo, até vêr o que a senhoria de Veneza ordenava d'ellas. E assi defendeo que nenhuma cousa que das ditas galés foram tomadas em seus reinos não fossem compradas, o que assi se cumprio. E ao despedir do dito capitão e capitães, El-Rei lhe fez a todos para ajuda do caminho mercê em muita abastança.

E neste tempo era vindo de Roma o mordomo-mór de dar a obediencia como atrás se disse, e veio por Veneza pela vêr, e a senhoria sabendo que era embaixador d'El-Rei, lhe fez mui honrado recebimento e muitas festas, e mandou a todos mui largamente aposentar, e lhe mandou ricas dadivas, tudo mui perfeitamente e com muitas palavras de grande amor e muito conhecimento das grandes mercês que os seus capitães em Portugal receberam d'El-Rei, dizendo o duque e todos os regedores que o estimavam tanto, que nunca em suas vontades o acabariam de servir.

E logo sobre isso mandaram a El-Rei por terra uma mui honrada embaixada, com mui ricos presentes e

serviços, a reconhecer e ter em mercê as muitas honras e mercês que a seus capitães fez, em que veio por embaixador um Jeronimo Donato, grande letrado, e singular orador. Que foi muito honradamente recebido, e El-Rei lhe fez muita honra, e ao despedir muita mercê de muita e muito rica prata lavrada de bastiães, e ginetes e mulas com ricos jaezes, e guarnições, muitos negros muito bem despostos e bem vestidos, e assi outras cousas que em Veneza não havia. E o embaixador se partio, elle e todos os seus com grande contentamento d'El-Rei, e assi de toda sua côrte.

E neste anno de 85, pelos muitos serviços e merecimentos de Gonçalo Vaz de Castelbranco, veador da fazenda, El-Rei pelo acrecentar fez a elle, e a seus filhos, e aos que decendessem, a mercê de D., e d'ahi em diante se chamou D. Gonçalo; e mais lhe deu assentamento de conde, e bandeira quadrada. E por a confiança que tinha de sua bondade e bom saber, lhe deu a governança da casa do civil de Lisboa, e elle foi o primeiro que teve titulo de governador, e o officio de veador da fazenda deu a seu filho D. Martinho de Castelbranco, que depois foi conde de Villa Nova.

E por fallecimento do dito D. Gonçalo seu pae, lhe fez El-Rei mercê da governança de Lisboa, e o officio de veador da fazenda deu a D. Alvaro de Castro, e por fallecimento d'El-Rei, D. Manoel que santa gloria haja, fez com D. Martinho que deixasse a governança de Lisboa a D. Alvaro, e tornasse a ser veador da fazenda, e isso com grandes promessas, e D. Martinho o fez assi, e teve com El-Rei muito grande credito e auctoridade e confiou muito d'elle, e o fez conde de Villa Nova, e o mandou com a Infanta sua filha a Sabya por capitão-mór e governador de toda a frota, e a Infanta entregue a elle, e elle a entregou ao duque, e lhe fez deixar o officio de veador da fazenda e

o fez camareiro mór do Principe seu filho, El-Rei D. João o terceiro, nosso Senhor, e o officio de veador da fazenda deu ao conde do Vimioso, e em fim deixou El-Rei por seu testamenteiro o dito conde de Villa Nova, pelo amor que lhe tinha e o que d'elle conhecia.

CAPITULO LX

De como a cidade de Zamor em Africa tomou El-Rei por senhor

No anno de mil e quatrocentos e oitenta e seis, os governadores e moradores da cidade de Zamor em Africa, temendo mandar El-Rei, ou ir sobre ella, e receando sua destruição, com acordo e procuração de todos, mandaram a El-Rei sua obediencia, e o reconheceram por seu senhor, com tributo de cada um anno de dez mil savenis. O qual recado veio a El-Rei estando em Santarem, que foi d'isso contente, e lhe deu sua bandeira real, e em tudo se fizeram firmes contratos, que muito inteiramente cumpriram sempre em quanto El-Rei viveu.

CAPITULO LXI

De como El-Rei secretamente mandava descobrir a India por terra

PELO muito grande desejo que El-Rei tinha do descobrimento da India, que com muito grande cuidado pelo mar mandou descobrir o longo da costa, e tinha já descuberto até além do Cabo de Boa Esperança, o quiz tambem fazer por terra, e

neste anno de 86, mandou um Affonso de Paiva, natural de Castello Branco, e outro João de Covilhã, homens aptos para isso e de que confiava, aos quaes deu largas despesas por letras para muitas partes, e suas instruções para por via de Jerusalem, ou pelo Cayro passarem a terra do Preste João, os quaes lhe levavam suas cartas em que lhe dava conta de tudo o que pela costa de Guiné tinha descoberto, para saber se algumas d'aquellas terras eram perto de seus reinos e senhorios, para por essas se poderem comunicar, e prestar e fazer com que a fé de Jesu Christo fosse exalçada, mandando-lhe notificar o grande desejo que tinha de se poderem conhecer, e terem verdadeira amizade. Os quaes partiram, e depois d'elles foram outros, com muitas despesas que El-Rei nisso fez, e em fim nunca se soube, porque nunca mais nenhum d'elles tornou até agora, que certas pessoas que da India foram ao Preste João acharam lá vivo o João de Covilhã, que pelos perigos que passou não ousou tornar.

CAPITULO LXII

Da polvora que El-Rei mandou ao cerco de Malaga

NESTE anno de mil quatrocentos e oitenta e seis, estando El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella em cerco sobre a cidade de Malaga, do reino de Granada, que mui apressadamente e com muita força combatiam com armas e tiros de fogo, estando já os mouros em muita estreitesa e necessidade, e não podendo já sofrer os continos e rijos combates, falleceu no arraial a polvora, de que El-Rei e a Rainha ficaram muito tristes, porque tendo a

cidade já quasi tomada seria necessario levantarem o arraial, pois sem artelharia se não podia tomar. Pelo qual os Reis com palavras de muito amor e confiança, e com muita necessidade, mandaram pedir a El-Rei ajuda e socorro de polvora ou salitre emprestado. O qual recado chegou a El-Rei estando em Santarem, e tanto que lh'o deram, com muita pressa e diligencia, e verdadeira vontade, mandou logo armar uma grande cavella na qual lhe mandou por Estevão Vaz uma grande soma de polvora e salitre, tudo de graça, com grandes offerecimentos de sua pessoa e seus reinos e cousas d'elles, para tudo o que cumprisse para uma tão sancta empresa. Com o qual recado e socorro El-Rei e a Ral nha e todo o arrail receberam muito grande prazer e contentamento, e o estimaram tanto como se tomaram a mesma cidade, e d'ahi a poucos dias por caso do dito socorro logo a tomaram. E assi o mandaram dizer a El-Rei pelo mesmo Estevão Vaz, a que fizeram muita honra e muita mercê.

CAPITULO LXIII

De como foi preso D. Alvaro de Souto Maior com suspeita de traição

D. Alvaro de Souto Maior, filho de D. Pedro Alvarez de Souto Maior, que foi conde de Caminha, e era galego, neste anno de quatrocentos e oitenta e seis foi preso em Lisboa por mandado d'El-Rei, com suspeita de traição. Porque um João d'Agualda, que fôra criado do conde seu pae, disse a El-Rei que o dito D. Alvaro era vindo de Castella, onde andava para o matar. Pelo que foi me-

tido a aspero tormento, para d'elle se saber a verdade, e nunca confessou cousa alguma, e porque o testemunho do dito João d'Aqualda foi achado falso, foi logo preso.

E por testemunhar falsamente e em tal caso, foi por justiça degolado e esquartejado na praça de Santarem. E ao dito D. Alvaro fez El-Rei muita mercê como por sua innocencia merecia, e elle fôra de moço criado d'El-Rei.

CAPITULO LXIV

De como El-Rei defendeo as sedas e brocados

Eneste mesmo anno pelos muitos e demasiados gastos que na côrte e em todo o reino se faziam em sedas e brocados, chaparias, borlados e canotilhos, El-Rei pela grande perda que o reino e seus naturaes nisso recebiam, e por escusar tamanhas despezas, defendeu e fez ordenança que em todos seus reinos e senhorios nenhuma pessoa, assi homem como mulher, de qualquer estado e condição que fossem, d'ahi em diante não vestissem mais cousa alguma das sobreditas, sómente os homens poderiam trazer gibões, carapuças e pantufos de seda, e as mulheres sainhos e cintas, e bordaduras de seus vestidos.

E por se melhor cumprir, El-Rei e a Rainha e o Principe, e o duque, nunca mais vestiram sedas, senão nas cousas sobreditas.

No que a todos deram singular exemplo e fizeram grande virtude, de que o reino recebeu muito grande proveito, e muito mais os cortezãos, a quem a lei muito aproveitou, pelos tirar de tamanhos gastos. E

porém nas festas do casamento do Principe D. Affonso com a Princesa D. Isabel, se despendeu em todo a dita lei, e acabadas se tornou logo muito inteiramente a cumprir.

CAPITULO LXV

De como se descubrio o reino de Beni

O reino e terra de Beni foi primeiramente descuberta neste anno por um João Affonso d'Aveiro, que lá falleceo, e d'ahi veio a Portugal a primeira pimenta que se vio de Guiné. Da qual foi logo mandado a Flandres e foi logo havida em grande preço e estima. El-Rei de Beni mandou logo a El-Rei por embaixador um seu capitão de um lugar porto de mar, que se chamava Hugato, homem de bom saber e bom siso, e foram-lhe feitas muitas festas. O qual vinha saber novas d'esta terra por haverem por muito estranha cousa a gente d'ella, e com grandes offerecimentos foram-lhe mostradas muitas cousas das boas d'estes reinos, e El-Rei o mandou tornar a sua terra honradamente em uma boa caravella, e á partida lhe fez mercê de vestidos ricos para elle e sua mulher, e d'outras cousas.

E a El-Rei de Beni mandou por elle presente rico e de muitas cousas, que elle em sua terra havia muito de estimar. E assi lhe mandou muitos e tantos conselhos, para o tornar á fé de Nosso Senhor Jesu Christo, mandando-lhe muito estranhar suas idolatrias e feitiçarias que em suas terras os negros tinham e usavam. E assi mandou logo com elle feitores e officiaes para lá estarem, e resgatarem a dita pimenta, e outras

cousas que na terra havia. E depois por ser muito doentia, e o trato não ser de muito proveito como se esperava, a feitoria se desfez, e os officiaes se vieram.

CAPITULO LXVI

De como El-Rei mandou que as letras Apostolicas se publicassem sem serem vistas na chancelaria

CUSTUMAVA-SE antigamente nestes reinos que todos os Breves e rescriptos, letras e bulas que de Roma viessem, não se fizesse por ellas obra alguma sem primeiro serem vistas e examinadas pelo Chanceler mór, e as que achava serem verdadeiras e directamente espedidas, dava licença que se publicassem, e se darem a execução, e isto era com são e bom respeito, por se escusarem falsidades com que as partes não recebessem enganosamente perda e dano. E principalmente porque em tempo de cismas, havendo mais de um Papa como muitas vezes se vio, não se havia de obedecer nestes reinos se não ao Padre Santo de Roma.

E ao Papa Innocencio oitavo com o collegio dos Cardeaes, por lhe parecer isto cousa grave e algum tanto desobediencia e quebra de sua auctoridade, no anno de oitenta e sete mandaram requerer a El-Rei que não usasse mais do tal costume. E El-Rei por lhe obedecer como catholico Principe, e comprazer em tudo, o fez assi como lh'o mandaram pedir. De que o Papa e Cardeaes houveram muito prazer e muito contentamento, e com muitos louvores de El-Rei lh'o mandaram muito agradecer, e depois para cá sempre se fez assi.

E neste anno de oitenta e sete estando El-Rei em Setuvel, desfez os estaos da villa, que eram como em Lisboa, e soltou aposentadoria por toda a villa, e porque dos estaos, aposentadoria e emposição havia ahi dinheiro junto, El-Rei por mais nobrecimento de Setuvel, e por proveito commum, com o dito dinheiro, e com outro muito que elle deu de sua fazenda, por fazer mercê á dita villa, mandou fazer os canos d'agua que agora vem da serra á dita villa, e assim a praça do Çapal e a do Paço do Trigo, e outras bemfeitorias, em que gastou bem de sua fazenda, e nobreceu muito a villa.

CAPITULO LXVII

De como D. Diogo d'Almeida foi aos aduares em Africa.

ENESTE mesmo anno de mil e quatrocentos e oitenta e sete, no mez de Agosto, mandou El-Rei fazer uma armada junto de Povos e Villa Franca, porque morriam em Lisboa então de peste. A qual era de trinta navios, em que entravam muitas taforeas, e iam nella cento e cincoenta de cavallo, todos da casa d'El-Rei, em que entravam muitos fidalgos e cavalleiros, e com elles mil homens de pé, os mais besteiros e espingardeiros. Foi por capitão-mór D. Diogo d'Almeida, que depois foi Prior do Crato, mui esforçado cavalleiro e de outras muito boas qualidades, e a El-Rei muito acceito, e com elle ia D. João de Athaide, filho do conde de Athouguia, que El-Rei mandou por segundo capitão, quando D. Diogo o não podessé ser.

E porque o ardil a que iam não houve effeito e se tornou, por não irem em vão arribaram junto da cidade de Anafé, onde o capitão por conselho dos principaes que com elle eram, mandou certos cavalleiros e besteiros de cavallo com guias espiar a terra, os quaes com grande risco foram espiar outros aduares de mouros da enxouvia, nos quaes havia alguns de muita gente, e estavam duas leguas da costa do mar. E o capitão com a mais gente que pôde, porque não poderiam tão prestes desembarcar, foi dar sobre elles, com os quaes pelejou, e sendo os mouros muito mais os desbaratou todos, e mataram novecentos mouros, e foram muitos feridos, e captivaram quatrocentas almas, homens e mulheres, que trouxeram a estes reinos, com muitos cavallos e outro muito despojo, e isto sem nenhum perigo dos christãos.

E por o feito ser tão honrado, foram ahi feitos muitos cavalleiros com muita honra sua. Da qual nova El-Rei foi mui alegre, e recebeu muito prazer e contentamento por o feito ser tal, e por ser sem perigo dos christãos. E d'este feito toda a enxouvia tomou grande temor e espanto, porque El-Rei mostrou que lhe mandara fazer este damno por desobedecerem a Muley Beljabe, seu Rei, com quem El-Rei então tinha paz, porque se dava por seu amigo e servidor. E o dito Rei se favoreceo muito com isso, e segurou seu estado; e logo sobre o caso mandou a El-Rei sua embaixada com grandes presentes, estimando muito a grande mercê que nisso recebera, e offerecendo-se-lhe para sempre estar a seu serviço, o qual recado veio a El-Rei estando em Almeirim.

CAPITULO LXVIII

De como Barraxe, mouro, foi desbaratado e preso por D. João de Menezes

NESTE anno de oitenta e sete, a onze dias de Outubro, Ale Barraxe, entre os mourps havido por Xarife, e muito bom cavalleiro, muito sabedor na guerra, que continuamente fazia aos christãos, homem de grande valia e senhor de muita terra, veio com quatrocentos de cavallo e muita gente de pé correr á cidade de Tanger, estando nella por capitão e governador D. João de Menezes, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, e mordomo-mór d'El-Rei.

E levando os mouros captivos alguns christãos, e todo o gado que acharam, o capitão sahio a elle com sua gente, e pelejou com o dito Barraxe tão valentemente, que o desbaratou, e mataram quarenta mouros principaes, entre os quaes foi nm Cideomar, tio de Barraxe, e mouro de muita estima, e muito bom cavalleiro; e o dito Barraxe com grandes cinco feridas foi captivo e trazido á dita cidade com grande prazer dos christãos; e diante d'elle vinha a cabeça de seu tio, e por a victoria ser melhor, dos christãos não receberam perda alguma que fosse de sentimento.

A qual nova chegou a El-Rei em Santarem, de que recebeu muito contentamento e houve muito prazer, e deu a Deus muitos louvores; e a D. João mandou muitos agradecimentos como por tão honrado feito merecia, e assi aos que com elle nelle foram; e ao messageiro que a nova trouxe fez boa mercê por alviças d'ella.

E mandou logo fisicos e sorgiães para curarem o dito Barraxe, que emquanto esteve captivo foi sempre tratado muito honradamente e sem ferros. E depois mandou Estevão Vaz, seu escrivão da camara, que depois foi feitor das casas da India e da Mina, homem de que El-Rei confiava, que com o dito D. João entendesse no resgate do dito Barraxe. O qual se concertou com elles de se resgatar por quinze mil dobras de banda, e dez captivos christãos, e vinte cavallos bons, para que logo deu filhos seus, e outras pessoas principaes de seus arrefens.

E foi solto fazendo a El-Rei concerto e capitulação de sempre ser a seu serviço, porque ao tal tempo elle estava mal e era amigo de Moleyxeque, Rei de Fez, e tinha com elle guerra, e sabia que El-Rei continuamente lh'a mandaria fazer como fazia.

E este resgate não houve effeito, porque d'ahi a poucos dias foram livremente soltos os filhos e arrefens de Barraxe, e dados por D. Antonio, filho do conde de Villa Real, que sendo capitão em Ceuta por seu pai, foi dos mouros em uma peleja mui ferido e captivo como ao diante se dirá.

CAPITULO LXIX

De como El-Rei por auctoridade Apostolica mandou enquerir sobre os confessos que de Castella eram nestes reinos

DEIXOU El-Rei estar nestes reinos muitos confessos e marranos, que a elles se acolheram de Castella com medo da inquerisição que se contra elles tirava, e isso com tal declaração que elles vivessem bem como bons e verdadeiros christãos.

E porque a El-Rei foi dito que entre elles havia muitos hereges e mãos christãos, neste anno de quatrocentos e oitenta e sete, por auctoridade e licença do Papa, começou a entender nelles, e ordenou certos commissarios, doutores em canones, e outros mestres em theologia, que pelas comarcas do reino entendessem em suas vidas, tirando sobre isso verdadeiras inquerições, em que acharam muitos culpados, e se fez nelles muitas justiças, que d'elles foram queimados outros em carceres perpetuos, e a outros pendenças segundo suas culpas o mereciam.

E porque alguns se lançaram por mar em terra de mouros, e lá publicamente se tornaram logo judeus, El-Rei defendeu que em seus reinos e senhorios, sob pena de morte e perdimento de fazendas, pessoa alguma não passasse algum d'elles por mar. E depois deu lugar que se sahisses os que quizessem; e os capitães das náos ou navios que os levavam, davam seguras fianças de os não levarem a terra de mouros, salvo a levante, e os porem em terra de christãos, e trazerem d'isso autenticas certidões.

CAPITULO LXX

De como El-Rei mandou prover e repairar as fortalezas dos estremos

ESTANDO El-Rei em muita paz e amizade com os Reis de Castella, como muito prudente Principe fazia sempre e ordenava suas cousas antes de haver necessidade d'ellas. E no começo do anno de mil e quatrocentos e oitenta e oito, com muito cuidado e deligencia mandou prover, fortalecer e repar-

tir todas as cidades, villas e castellos dos extremos de seus reinos: assi no reparo e defensão dos baluartes, cavas, muros e torres, como em artilharias, polvora, salitre, armas, almazens, e todas as outras cousas necessarias. E em todas as fortalezas mandou de novo fazer aposentamentos e casas para isso ordenadas.

E porque tudo isto não quiz fiar na diligencia e pouco cuidado que os alcaides podiam ter, ordenou novos officiaes mōres, pessoas de credito e autoridade e bom saber, repartidos pelas comarcas, para que com muito cuidado provessem a meudo todas as ditas cousas. E para que estivessem muito bem guardadas fez em algumas comarcas novas tarracenas em que estavam muito bem concertadas e governadas.

E neste mesmo anno mandou começar a cava e gran torre de Olivença, do que aos de Castella pesou, e com muitos rogos lhe mandaram dizer e pedir, que em tempo de tanta paz, tanta amizade como entre elles havia, não se deviam de uma parte nem de outra fazer cousas de que se podesse presumir nem suspeitar que entre elles podesse haver desconcerto nem guerra, e El-Rei lhe respondeu com palavras de grande amizade e muita segurança, e porém não deixou de fazer tudo assi e na maneira que o tinha mandado começar.

CAPITULO LXXI

De como foi desbaratado e preso o alcaide de Alcacer Quibir por o conde de Borba, e seu resgate

NESTE anno de quatrocentos e oitenta e oito, estando o conde de Borba, D. Vasco Coutinho, degradado em Arzila, fez uma entrada em terra de mouros, sobre um ardil que um mouro lhe tinha dado falsamente, em que o conde ia vendido; e levava comsigo setenta de cavallo, em que entravam fidalgos e bons cavalleiros; e depois de serem entrados e sentidos, tornando para a villa sem fazerem cousa alguma, e vindo muito cansados e descontentes, acharam entre si e a villa o Alcaide de Alcacer Quibir, homem de grande poder e estima entre os mouros, e continuo guerreiro: E trazia comsigo quinhentas e cincoenta lanças mui escolheitas, com tenção de não escapar o conde nem alguns dos seus.

E o conde tanto que houve vista d'elle, a primeira cousa que fez foi esconder a bandeira, por os mouros cuidarem que detrás vinha mais gente com ella. E acolheu-se a um pequeno cabeça, e alli cerrados todos, lhe fez uma fala com muito esforço como mui valente cavalleiro que era, dizendo-lhe que outro remedio não tinham em suas vidas senão em pelejarem esforçadamente, porque se o assi não fizessem, um e um os tomariam ás mãos, e que fazendo elles como cavalleiros, Nosso Senhor daria sua ajuda, o que todos determinaram de fazer até morrer.

E os mouros em chegando a elles, o conde com todos deu tão rijamente nelles, que d'aquelle primeiro encontro mataram cincoenta mazaganis, homens prin-

cipaes, em que entravam dois sobrinhos do alcaide, e o alcaide foi muito ferido e preso.

E os mouros vendo quão esforçadamente pelejaram, e vendo os mortos, cuidando que o alcaide era também morto: e parecendo-lhe por não verem bandeira que ficava detrás mais gente, estiveram quedos sem ousarem de mais pelejar. E o conde vendo a grande mercê que Deus lhe fizera a quiz segurar, e tomando o despojo dos mortos, levando o alcaide escondido, começou com sua batalha mui cerrada de andar para a villa com muito tento, e os mouros iam após elle sem ousarem de o cometer, nem determinarem por não terem capitão. E o conde tanto que lhe pareceu que era em salvo, tendo passado o rio doce, mandou alçar sua bandeira.

E quando os mouros viram que não era mais gente que aquella, ficaram de todo mortos por tamanha mingua passar por elles, por tão poucos christãos os desbaratarem, e levarem preso seu capitão. E o alcaide quando vio a bandeira perguntou ao conde por sua gente, e elle lhe disse:

«Sabe alcaide que não trouxe mais que estes poucos, e com estes te desbaratei e captivei.»

E o alcaide ficando muito triste e maravilhado, disse-lhe:

«Conde, Deus foi hoje christão, outro dia será mouro».

E na peleja não morreu christão algum; e assi com muita honra, muito prazer e contentamento entrou o conde com o alcaide em Arzila, aonde todos cuidavam que não escapasse christão algum de preso ou captivo.

Escreveu logo o conde a El-Rei esta nova, a qual chegou em Avis, de que El-Rei teve muita contentamento. E por este tão honrado feito fez logo mercê ao dito conde da capitania d'Arzila, que ora tem seu filho o

conde D. João Coutinho: e sobre o resgate do alcaide mandou El-Rei a Arzila João Garcês, escrivão de sua fazenda, com poderes, e com o conde resgataram o alcaide em quinze mil dobras de banda, e dez captivos christãos, e vinte cavallos bons; e o alcaide deixou logo por si dezoito mouros, pessoas principaes, sobre os quaes foi solto, e elles ficaram captivos até se acabar de pagar o dito resgate. E ao conde além da mercê mandou El-Rei muitos agradecimentos com muitas palavras de contentamento, e assi aos que com elle foram, como tal feito merecia; e ao que trouxe a nova fez muita mercê.

CAPITULO LXXII

De como foi preso El-Rei dos romãos em Bruges e de sua soltura, e do que El-Rei sobre isso fez

ESTANDO El-Rei em Avis, na quaresma, no anno de oitenta e oito, lhe vieram cartas de Diogo Fernandes Correa, seu feitor em Flandres, e com ellas uma carta de crença ao dito Diogo Fernandes, de Maxemiliano, Rei dos romãos, que era primo com irmão d'El-Rei, em que lhe dava conta da grande guerra que havia entre elle e El-Rei de França, e da esperança que havia de ser muito maior, pedindo-lhe pela muita rasão que entre elles havia, e por outras virtuosas causas que lhe alegou, quizesse entre elles ser medeaneiro e os contratasse a paz.

El-Rei pela natural obrigação que a isso tinha, e por sua muita bondade e serviço de Deus, que era a principal causa entre elle, folgou muito de o accitar, e o pôs logo por obra. E determinou logo mandar

por embaixador a El-Rei de França o doutor João Teixeira, Chanceller mór, e com elle por secretario Fernão de Pina, com honrada companhia.

Estando já despedido para partir, veio a El-Rei outra nova certa do mesmo Diogo Fernandes, que lhe foi dada em Almeirim, bescora de Pascoa, em que lhe certificava o dito Rei dos romãos ser preso em Bruges pelos governadores da cidade, e posto em seu poder com sua vida, e estando em muito grande perigo, assacando-lhe que queria meter na dita cidade muita gente d'armas para a meterem a sacco, e os matar, e roubar. Sobre o qual caso foram logo sem causa, e individamente degolados e justicados muitos dos seus, e entre elles entraram fidalgos honrados e cavalleiros da casa do dito Rei dos romãos. Com a qual nova El-Rei mostrou muito nojo, e assi toda sua côrte.

E El-Rei por isso se vestio de panos pretos, e seus paços e da Rainha e do Principe, foram logo desarmados dos ricos panos de que estavam armados para a festa. Em que não houve tangeres nem danças, nem cousa alguma de prazer, e assi se fez sempre até vir nova de como foi solto.

E tanto que El-Rei soube de sua prisão, mandou logo que a embaixada que estava para partir não partisse. E depois de sobre o dito caso ter conselho, mandou logo por embaixador Duarte Galvão, do seu conselho, com cartas ao Imperador e a El-Rei de França, e para outras cousas que cumpriam, e com poder de desafiar e romper guerra com os inimigos do dito Rei dos romãos, e com quaesquer que para sua soltura lhe parecesse necessario. E assi levou grandes creditos, provisões e letras, e procurações abastantes para receber e poder despende até cem mil ducados de ouro em tudo o que podesse aproveitar para logo ser solto. E assi offerecimentos e determinação de logo

d'estes reinos mandar grande frota e muita gente em sua ajuda se necessario fosse.

E sendo já o dito Duarte Galvão partido, estando El-Rei em Almada para d'ali poder tudo prover, no mez de Junho logo seguinte vieram a El-Rei por mar cartas de Flandres, porque foi certificado que o dito Rei seu primo era já solto e em sua liberdade em poder do Imperador seu pae ; o qual com grande poder vinha sobre a dita cidade, e com medo seu o soltaram, as quaes cartas trouxe D. João de Bairos, com que El-Rei foi mui alegre e recebeu muito prazer e grande contentamento, e assi toda a côrte, e o reino todo.

E em Lisboa, e na côrte, se fizeram solemnes procissões e muitas festas e alegrias, assi no mar como na terra, que duraram muitos dias ; e ao dito João de Bairos fez muita mercê, e assi aos do seu navio, por alviçaras de tão boa nova.

E Duarte Galvão depois de ser chegado a Flandres aproveitou muito ao Rei dos romãos, posto que fosse solto, assi em virtude do dinheiro, que por virtude de seus poderes lhe deu, como em vir por medianeiro e requeredor de sua paz e segurança, com muitos senhores e terras que o dito Rei requereu, de que tinha muita necessidade ; o que tudo acabou a muito contentamento seu.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXIII)

CHRONICA
DE
EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

VOLUME II

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

—
1902



CAPITULO LXXIII

Do conselho que teve El-Rei sobre o casamento do Principe

ESTANDO El-Rei em Almada, no mez de Agosto d'este anno de mil e quatrocentos e oitenta e oito, teve conselho com todos do seu conselho que presentes eram, sobre o casamento do Principe seu filho. Porque como atraz se disse ao tempo que as terçarias se desfizeram em Moura, foi desatado o casamento do Principe com a Infanta D. Izabel, e ficou concertado com a Infanta D. Joanna mais moça. Ficando logo declarado, que se ao tempo que o Principe houvesse idade perfeita para contratar matrimonio por palavras de presente, a Infanta D. Izabel que era maior estivesse por casar, que o Principe casasse todavia com ella, assim como de primeiro fôra concordado.

E porque o Principe então entrava em idade de quatorze annos e a dita Infanta D. Izabel não era casada, quiz El-Rei saber o que neste caso faria: sobre o qual accordou de o fazer assim saber a El-Rei e á Rainha de Castella por Ruy de Sande, que então

era moço da camara, e a El-Rei mui aceito, que depois foi D. Rodrigo de Sande, do conselho, e homem de muita valia e de muita renda. E com cartas d'El-Rei foi aos ditos Reis que por elle logo responderam sua final determinação ser darem ao Principe a Infanta D. Izabel por mulher.

E não na quizeram dar ao filho maior do Rei dos romãos, que no mesmo tempo lh'a mandava requerer: e de Valhadolid despediram os seus embaixadores sem lha quererem dar; e assim El-Rei de França e de Napoles que sobre o casamento da dita Infanta D. Izabel houve grandes requerimentos e muitas pendencias.

E com este recado que Ruy de Sande trouxe houve El-Rei muito grande prazer e contentamento; e logo foi certificado que no anno que vinha se havia de fazer o dito casamento. Para o qual El-Rei logo começou de dar ordem e aviamento para as grandes festas que ordenou de fazer, e para todalas outras cousas necessarias. E de Almada no Setembro logo seguinte, com toda sua côrte se partiu para Setubal.

CAPITULO LXXIV

De como em Inglaterra foi preso o conde de Penamacôr

Foi El-Rei neste anno certificado que o conde de Penamacôr, não cansando de proseguir com suas forças e pouco poder a deslealdade que contra elle e seu estado e serviço já começara, era passado a Flandres e a Inglaterra, e só com seu nome mudado em Pero Nunes, comprava mercadorias e cousas para os tratos e resgates de Guiné; e andava

requerendo e convidando pessoas e armadores d'aquellas terras para isso, que já em alguma maneira se aparelhavam. E El-Rei por atalhar cousas de tanto seu desserviço, ordenou de mandar a Inglaterra em uma caravella muito bem armada a Alvaro de Caminha, cavalleiro de sua casa, que depois foi capitão da ilha de S. Thomé, para que com algum engano ou dissimulação prendesse o dito conde e o trazer a estes reinos, ou mata-lo quando mais não podesse. E nenhuma cousa d'estas o dito Alvaro de Caminha pôde fazer nem teve logar para isso, e se veio.

E El-Rei sobre o caso tornou a mandar lá João Alvarez Rangel, cavalleiro de sua casa, com instruções e cartas para El-Rei de Inglaterra em que lhe dava conta da deslealdade do dito conde, pedindo-lhe que por exemplo de Reis e mais d'elle, que para bem de suas leanças e amizades era a isso mui obrigado, o quizesse mandar prender e entregar-lho, para nestes reinos segundo suas culpas se fazer justiça d'elle, ou ao menos fosse lá preso, e para sempre mettido em carcere perpetuo.

E El-Rei de Inglaterra por em alguma maneira satisfazer a seus requerimentos mandou prender o dito conde no castello de Londres. Do que El-Rei foi logo avisado e com muito prazer despachou logo com muita brevidade por embaixadores a El-Rei de Inglaterra o licenceado Ayres d'Almada, corregedor em sua côrte dos feitos civeis, que mui em breve por mar foi lá onde ainda o dito conde era preso, e com muitos fundamentos de direito e de suas ligas, requereu que do dito conde se fizesse entrega ou justiça, qual mais parecesse razão.

E finalmente El-Rei de Inglaterra depois de sobre o caso haver conselho, se escusou e não consentiu em nenhum d'aquelles dois requerimentos. E

houve por bem que por socego e segurança do que a El-Rei cumpria o dito conde estivesse em prisão, na qual esteve algum tempo, e depois com mudanças que o tempo traz, foi solto da dita prisão, e se veio a Barcelona onde El-Rei e a Rainha de Castella estavam, ao tempo da entrega de Perpinhão, e d'ahi se foi a Sevilha onde tinha sua mulher e filhos, e d'ahi a poucos dias falleceu.

CAPITULO LXXV

De como captivaram D. Antonio, filho do conde de Villa Real, que era capitão em Ceuta

NESTE anno de oitenta e oito, estando El-Rei em Benavente, lhe veio recado como D. Antonio, filho segundo de D. Pedro de Menezes conde de Villa Real, que depois foi marquez o primeiro de Villa Real, estando por capitão na cidade de Ceuta fizera uma entrada em terra de mouros, e trazendo uma boa cavalgada acudiu sobre elle tanta gente dos mouros, que lhe pareceu que se não poderiam salvar senão pelejando com elles, o que fez com muito ardil e esforçado cavalleiro, e pelejou com elles valentemente, e por os mouros serem muitos, D. Antonio foi muito ferido e captivo, e foram mortos muitos christãos, em que morreram algumas pessoas principaes, nos quaes entrou Christovão de Mello, alcaide mór d'Evora, muito valente cavalleiro e pessoa de preço, e Simão de Sousa, filho do commendador mór de Christo, e Martim Vaz da Cunha, senhor de Tavora, e Fernão Coutinho e outros, os quaes todos morreram como esforçados cavalleiros, matando primeiro muitos dos mouros.

A qual nova El-Rei muito sentio, porque tinha muito boa vontade ao dito D. Antonio, e o tinha em muito boa conta, e assi a Fernão de Mello, e aos outros, e com muita diligencia mandou logo á dita cidade socorro, e outro capitão. E Barraixe como sabedor teve maneira como houve D. Antonio ás suas mãos e o deu, e resgatou pelos arrefens que por elle e seu resgate estavam em Tangere em poder de D. João de Menezes que o captivou, e assi foi o dito D. Antonio livre e tirado de captiveiro por troca de Barraixe.

CAPITULO LXXVI

Da armada que El-Rei mandou fazer para Africa, de que foi por capitão Fernão Martins Mascarenhas, e o que fez

COMO os desejos d'El-Rei eram fazer sempre guerra aos Infieis, e porque se fazia prestes para em pessoa passar em Africa, neste anno de oitenta e oito determinou de mandar uma armada sobre um ardil que lhe tinha dado, e nella por capitães Fernão Martins Mascarenhas, seu capitão dos ginetes, e Ayres da Silva seu camareiro mór, e com elles quinhentos de cavallo, gente escolhida dos livros d'El-Rei, e mil homens de pé, besteiros e espingardeiros.

E estando já prestes para embarcarem e partirem, veiu a El-Rei recado dos capitães d'além, estando em Almada, como a terra d'Africa era avisada da dita armada, e com medo seu se guardavam muito e velavam, e punham suas pessoas e fazendas em salvo. Pelo qual a mais da dita armada se desarmou, e man-

dou El-Rei então o dito Fernão Martins Mascarenhas com trinta caraveilas e taforeas, e com elle cento e cincoenta de cavallo, homens fidalgos e cavalleiros de sua guarda. Os quaes tanto que desembarcaram em Arzila se ajuntaram por concerto que d'antes tinham assentado com D. João de Menezes, capitão de Tangere, e com o conde de Borba que estava em Arzila, os quaes todos fizeram quinhentas lanças, e quatrocentos homens de pé.

E assi juntos foram correr ao campo d'Alcacer Quibir, além da ponte, onde os mouros estavam sem receio dos christãos, onde até então gente de guerra dos christãos não chegara. E entraram em uma aldeia grande, d'onde trouxeram captivas duzentas e cincoenta almas, e mataram muitos mouros, e tomaram muita prata e ouro, e muitos despojos, e do campo trouxeram muito gado e grande cavalgada de bestas, e sem damno algum dos christãos saíram a elles mil e setecentos mouros de cavallo, e muita gente de pé, e não ousaram de pelejar com elles. E os christãos muito a seu salvo trouxeram tudo a Arzila, onde por seu costume tudo foi repartido.

E estando El-Rei ainda em Almada lhe escreveram os capitães este feito, com que El-Rei folgou muito.

CAPITULO LXXVII

Do que El-Rei fez indo com a Rainha a vêr correr touros em Alcochete

ESTANDO El-Rei em Alcochete, indo um dia de casa a pé com a Rainha, e damas e senhores e muitos fidalgos a vêr correr touros no terreiro junto da igreja, acertou que metendo um

touro na cancella fugio do corro e veio por a rua principal por onde El-Rei ia, e diante do touro vinha muita gente fugindo com grande grita.

Foi o receio tamanho nos que iam diante d'El-Rei que todos fugiram e se metteram por casas e travesas. E El-Rei só, tomou a Rainha pela mão, e poz-se diante d'ella com a capa no braço, e a espada apunhada com muito grande segurança, esperou assim o touro, que quiz Deus que passou sem entender n'elle. De que muitos fidalgos, e outros homens ficaram mui envergonhados e elle com muita honra, e foi sorte que se a El-Rei vira fazer a outrem lhe fizera por isso muita mercê, segundo estimava as cousas bem feitas.

E porque D. Jorge de Menezes seu pagem da lança, que lhe trazia a espada não vinha pegado com elle e ficava um pouco atraz com as damas, quando pediu a espada e não o vio, posto que lh'a deu muito prestes, o arrepelou primeiro que a tomasse.

CAPITULO LXXVIII

De como Bemohi veio a estes reinos e foi feito christão, e de sua morte

No anno passado de mil e quatrocentos e oitenta e sete, estando Gonçalo Coelho, cavalleiro da casa d'El-Rei, na boca do Rio de Cenaga no reino de Jelofo em Guiné resgatando, Bemohi Principe negro, que então com muita prosperidade e grande poder governava o dito reino de Jelofo, sendo por suas linguas informado das muitas virtudes, perfeições e grandezas d'El-Rei, desejou de o servir, e para começo lhe mandou por o dito Gonçalo Coelho um rico presente d'ouro, e cem escravos todos man-

cebos e bem despostos, e assi algumas outras cousas de sua terra. E mandou com elle a El-Rei um seu sobrinho por embaixador, com uma grossa manilha d'ouro por carta de creença, que é o costume de sua terra, por entre elles não haver letras, e lhe mandou por elle pedir armas e navios.

E El-Rei com razão e justa causa se escusou, dizendo-lhe a defesa e escomunhões que o Papa tinha postas a quem desse armas a Infieis, e por elle não ser christão lho não podia mandar.

E neste anno de quatrocentos e oitenta e oito, porque o dito Bemohi por traição dos seus foi lançado fóra do reino, determinou meter-se em uma caravela das do tracto que corriam a costa, e em pessoa vir pedir a El-Rei soccorro, ajuda e justiça.

E estando El-Rei em Setubal, o dito Bemohi chegou a Lisboa, e com elle alguns negros seus parentes e filhos de pessoas entre elles de muita valia e grande estima. E como El-Rei soube de sua vinda mandou que se viesse aposentar em Palmella, onde logo mandou prover os seus muito abastadamente, e a elle servir com officiaes e muita prata, e todos os outros cumprimentos de estado, e a todos mandou logo vestir de ricos panos segundo suas calidades, e como foi em disposição para poder vir á côrte El-Rei lhe mandou a todos cavallos e mulas muito bem concertados.

E o dia de sua entrada o mandou receber pelo conde de Marialva D. Francisco Coutinho, e com elle todos os fidalgos e nobre gente da côrte, e mandou El-Rei que fossem vestidos e concertados o melhor que podessem, e as casas d'El-Rei e da Rainha foram todas armadas de ricos panos de seda e de Rás, com estrados reaes e dorceis de brocado.

E com El-Rei estava o duque D. Manoel, irmão da Rainha, e muitos prelados, e senhores de título, e

muitos fidalgos, todos mui ricamente ataviados, e mui galantes. E com a Rainha estava o Principe seu filho com outros senhores e damas vestidas em grande perfeição, porque acabado de Bemohi estar com El-Rei havia logo de ir á Rainha e ao Principe.

E Bemohi parecia de idade de quarenta annos, era grande de corpo, muito bem feito, e mui proporcionado, e mui negro, e a barba comprida e muito bem posta, e homem de muito bom parecer e graciosa presença, e de muita auctoridade. E os que com elle vinham todos muito bem dispostos e gentis homens, que logo pareciam honradas pessoas, e os mais desenvoltos homens á gineta que nunca foram vistos, que corriam á carreira em pé, e em pé correndo o cavallo, se viravam e abaixavam, e tornavam a levantar. E correndo o cavallo, com as mãos no arção saltavam da sella no chão e tornavam a saltar em cima; e correndo a cavallo lhe punham ovos e pedras pequenas na carreira, e de cima dos cavallos iam tomando, cousas espantosas e até então nunca vistas: e assi outras muito grandes desenvolturas a cavallo e a pé que lhe El-Rei muitas vezes fez fazer perante si.

Veio Bemohi muito bem vestido e entrou na sala onde El-Rei o estava esperando, e o veio receber dois ou tres passos fóra do estrado com o barrete um pouco fóra. E assim o levou ao estrado em que estava uma cadeira real em que se El-Rei não assentou, e em pé encostado a ella o ouviu.

E Bemohi com todos os seus se lançaram ante seus pés para lh'os beijarem, e fizeram mostrança de tomar a terra debaixo d'elles, e em sinal de sujeição e senhorio, e muito grande acatamento faziam que a lançavam por cima de suas cabeças, e El-Rei com muita honra e cortesia o alevantou, e por negros linguas que ahi estavam lhe mandou que falasse. O qual

com grão repouso, descrição e muita gravidade fez uma fala publica, que durou grande espaço, em que para seu caso meteu palavras e sentenças tão notaveis, que pareciam de muito prudente Principe, nas quaes contou a El-Rei com muitos suspiros e lagrimas sua desventura causada por traição que em seu reino contra elle se fizera. Em que declarou que só El-Rei lhe lembrara para lhe dar socorro, ajuda e vingança, e sobre tudo justiça. E que esta esperança tinha nelle, porque no mundo elle só o podia fazer por ser Rei tão poderoso, tão nobre, tão justo, e tão piedoso, e tambem por senhor de Guiné, cujo vassallo elle era, pedindo-lhe por tudo socorro, ajuda, piedade, e justiça. Dizendo que ainda que seu escudo era real, por sua gloria e louvor fosse de victorias de Reis ricamente bordado, não seria agora menos acompanhado com memorias de Reis que fizesse. Que as primeiras por ventura seriam beneficios de fortuna, e esta seria a propria bondade e grandeza de seu coração. Dizendo mais: Oh! muito poderoso Deus, sabe que ouvindo eu as tuas virtudes e grandezas reaes, quão acesos foram sempre meus espiritos e meus olhos para te verem, e não sei porque não foi, porque tanto mais me prouvera que fôra em toda minha livre prosperidade, quanto este meu destroço e desterro por sua triste condição, menos autoriza minha fé e palavras. Mas se assi era de cima ordenado que por outros meios a mim mais favoraveis eu não podesse vir e alcançar tanto bem como para mim é ver-te, louvo muito a Deus com minha destruição; e já este contentamento assi me satisfaz, que d'esta jornada não irei descontente. Dizendo mais que se a justiça e socorro que lhe pedia, por ventura contradizia não ser elle christão, como outras vezes por escusa d'outro semelhante requerimento lhe mandara dizer, que

isso não fizesse duvida, nem agora o contradissem, porque elle e todos os seus que presentes eram, a que não faleciam nobres e reaes nacimentos, aconselhados em outros tempos de suas santas amoestações vinham para em seus reinos, e de suas mãos o serem logo. E que sómente a pena e maior torvação que por isso recebiam, era porque parecia que forças de sua necessidade mais que de fé lh'o faziam fazer. E com estas, e outras muitas boas razões sobre sua tenção acabou sua fala.

El-Rei lhe respondeo em poucas palavras a tudo com muito grande prudencia, alegrando-se muito com sua vinda e muito mais com seu proposito de querer ser christão, pela qual lhe dava neste mundo e em seu caso, esperança de socorro e restituição de seu reino, e no outro salvação de sua alma, e com isto o despedio.

Foi Bemohi logo falar á Rainha e ao Principe, ante quem fez uma fala breve com grande tento e muita descripção, pedindo-lhe muito por mercê que com El-Rei o favorecessem por suas grandes virtudes e não pelo elle merecer, e a Rainha e o Principe o receberam com muita honra e gasalhado, e assi o despediram.

E foi levado honradamente assi acompanhado como veio a suas pousadas, que tinha mui concertadas, e com tudo o que cumpria para elle e para os seus em muita avondança, e elle mui bem servido com officiaes e ceremonias, e muita prata, e logo ao outro dia Bemohi veio falar a El-Rei, e sós apartados com a lingua falaram ambos grande espaço, onde com grande aviso tornou a dizer a El-Rei suas cousas. E assi respondeu ás que lhe preguntava mui apontadamente como homem mui sabido, de que El-Rei ficou mui contente.

E por amor d'elle ordenou festas de touros, e ca-

nas, e momos: e para as vêr teve cadeira no topo da sala defronte d'El-Rei, em que estava assentado. E por que elle requeria a El-Rei que o fizesse logo christão, houve por bem que antes que o fosse, por ser da seita da Mafamede fosse primeiramente informado nas cousas da Fé: e porque tinha conhecimento d'algumas cousas da Biblia falaram com elle theologos e letrados, que o informaram e aconselharam na verdade. E ordenaram que visse e ouvisse primeiro missa; e ouvio uma d'El-Rei em Pontifical com grandes ceremonias e acatamento; a qual se disse em grande perfeição na egreja de Santa Maria de Todos Santos. E Bemohi com todos os seus, e com letrados christãos, estava assentado no côro, e em levantando a Deus quando vio todos de joelhos e os barretes lóra e com as mãos levantadas, e batendo nos peitos o adorar, tirou a touça que tinha na cabeça e assi como todos com os joelhos no chão e a cabeça descoberta o adorou, dizendo logo com sinaes mui verdadeiros, que o que naquella hora sentira em seu coração tomava por clara prova que aquelle só era o Deus verdadeiro para o salvar.

E assim foi dois dias vêr comer El-Rei, que para isso se vestio ricamente, e a sala armada de rica tapeçaria, e com docel de brocado e muita e mui rica prata, e seus officiaes môres com reis d'armas e porteiros de maça, e muitos ministris e danças, trombetas, e atabales, tudo feito em grande perfeição, porque El-Rei nas cousas que tocavam a seu estado era sobre todos mui cerimonial e perfeito.

E aos tres dias do mez de Novembro Bemohi foi feito christão, e com elle seis dos principaes que com elle vieram, ás duas horas da noite em casa da Rainha, que para isso estava concertada em muita perfeição, e foram seus padrinhos El-Rei e a Rainha, o

Príncipe e o duque, e um comissario do Papa que na côrte andava, e o Bispo de Tangere. E o officio fez o Bispo de Ceuta que o baptizou, e Bemohi houve nome D. João, por amor d'El-Rei.

Aos sete dias de Novembro El-Rei o fez cavalleiro, e deu-lhe por armas uma cruz dourada em campo vermelho, e as quinas de Portugal na bordadura. E no mesmo dia em auto solemne e com palavras de mui grande senhor deu a obediencia, e fez menagem a El-Rei. E assim enviou outra ao Papa escripta em latim, em que contou todo seu caso e conversão á fé, com palavras de muita devoção e grandes louvores d'El-Rei. E dos outros seus foram feitos christãos vinte e quatro na casa dos contos da dita villa, muito honradamente.

E El-Rei deu ao dito Bemohi de socorro e ajuda vinte caravellas armadas, e por capitão mór d'ellas Pero Vaz da Cunha, que levava por regimento de fazer uma fortaleza na entrada do rio de Cenaga, a qual havia de estar sempre por El-Rei. Para a qual fortaleza foram logo muitos officiaes, e muita pedra e madeira lavrada, e todalas outras cousas necessarias. E assi para uma egreja com muitos clerigos, e todo o que cumpria em muita abundança, para lá fazerem christãos muitos da terra, e ia por pessoa principal Mestre Alvaro, prégador d'El-Rei, da ordem de S. Domingos. A qual fortaleza El-Rei folgou tambem de mandar fazer porque tinha por certo que o dito rio bem metido pelo sertão vinha pela cidade de Tambucutum e por Mombarce, em que são os mais ricos tratos e feiras d'ouro que dizem que ha no mundo, de que toda a berberia de Levante e Poente até Jerusalem se prove e bastece. Parecendo a El-Rei que a dita fortaleza para escapula e segurança do trato seria neste rio em tal lugar grande segurança para

os seus e para todas as mercadarias. E este rio e pouco mais adiante foi descoberto em tempo e por mandado do Infante D. Henrique, primeiro inventor e descobridor d'esta empresa e conquistas de Guiné.

Partio a dita armada com muita e boa gente, e muita artilheria, e o dito Bemohi e todos os seus em grande maneira contentes d'El-Rei, porque além do socorro que lhe deu e muitas honras que lhe fez, tambem lhe fez á partida muitas mercês e dadivas a elle e aos seus. E emfim todas estas obras e despesas e fundamentos de Bemohi acabaram mal. Porque depois que o dito Pero Vaz com toda sua armada e com o dito Bemohi chegou e entrou no dito rio, onde a dita fortaleza se havia de fazer, tomou suspeitas de traição contra o dito Bemohi, as quaes muitos diziam que não foram verdadeiras por a muita bondade e muito saber de Bemohi, e assim por ir com tanta razão muito contente d'El-Rei e com esperança de ser cedo com sua ajuda restituído a seu reinado: antes diziam que com o muito desejo que o dito Pero Vaz tinha de se tornar para o reino, e receio de morrer lá, pela terra ser doentia, sem causa alguma matou o dito Bemohi ás punhaladas dentro em seu navio, e tanto que o matou com toda a armada, sem fazer detença nem fortaleza se veio logo a estes reinos e chegou a Lavilla onde El-Rei estava, que com a morte de Bemohi foi mui anojado, e lhe pesou muito, e soffreu esta culpa a Pero Vaz porque havendo de o castigar como era razão, chegava o castigo a muitos que nisso foram culpados que mereciam grande pena. E El-Rei estranhou muito a Pero Vaz mata-lo assim, porque quando elle no dito Bemohi achara alguma culpa ou erros, o devera de trazer a Portugal assi como o levou, pois o tinha em seu livre poder sem perigo algum. E porém a singular condição e muita piedade d'El-Rei

fez soffrer isto, porque havendo de dar castigo, cumpria que matasse muitos que d'isso foram culpados, o que por sua virtude dissimulou.

CAPITULO LXXIX

Da cerimonia com que El-Rei fez o marquez de Villa Real

No anno de quatrocentos e oitenta e nove, estando El-Rei em Beja, no primeiro dia de Março com muita honra e grande solemnidade fez marquez de Villa Real e conde d'Ourem a D. Pedro de Menezes, que era conde de Villa Real, nesta maneira:

El-Rei estava ricamente vestido em uma sala armada de rica tapeçaria e dorcel de brocado, e sua cadeira real em alto estrado, e El-Rei em pé com a mão posta na cadeira encostada ao dorcel, e com elle o Principe e o duque, e muitos senhores e nobre gente, todos vestidos de festa, e o marquez veio de si a pousada a pé acompanhado de muitos honrados e nobres fidalgos, e com trombetas e atambores, charamellas, sacabuxas e muita gente, e diante d'elle homens do conselho d'El-Rei, fidalgos de muita autoridade. Um trazia nas mãos o estandarte de suas armas com pontas, e outro uma sua espada mui rica metida na bainha com a ponta para cima, alta, na mão direita, e outro uma carapuça de seda forrada d'arminhos posta em um bacio de prata lavrado de bastiães.

E nesta ordem entrou na sala, e foi assi até chegar ao estrado onde estava El-Rei, e depois de feitas suas medidas os officiaes fizeram calar a casa, e calada, o chanceler mór João Teixeira, fez uma arenga

em linguagem dos louvores d'El-Rei e dos grandes merecimentos do marquez e seus muito assinados e leaes serviços, e assi dos de que decendia, e declarou que El-Rei o fazia novamente marquez de Villa Real e conde d'Ourem.

E acabada a oração, que foi muito bem dita, El-Rei fez chegar o marquez ante si, e tomou a carapuça do bacio, e poz-lh'a na cabeça, e tomou a espada e cingiu-lh'a por cima dos vestidos, e da cinta lh'a tirou nua, e com ella lhe cortou as pontas do estandarte, e ficou em bandeira quadrada como de Principe: e tomou um annel de um rico diamante, e por sua mão lh'o meteu em um dedo na mão esquerda. E acabado isto o marquez com os joelhos em terra beijou a mão a El-Rei e ao Principe: e o Principe e o duque beijaram a mão a El-Rei, e assi todos os outros senhores e pessoas principaes que ahi eram.

E o marquez foi aquelle dia convidado d'El-Rei, e comeu com elle á mesa, que assi era ordenado, em a sala ricamente armada com dorcel de brocado, e grande baixela, com todos os officiaes e ministros, e muitas iguarias, tudo em muita perfeição. El-Rei estava assentado no meio do dorcel, e o Principe á mão direita; e além do Principe o marquez, e da outra parte d'El-Rei á mão esquerda estava o duque, e assim comeram todos com grande festa. E acabado de comer, e El-Rei recolhido, o marquez com muita honra e muito acompanhado de senhores e nobre gente, e muitas trombetas e atambores, charamelas e sacabuxas, se recolheu á sua pousada.

E depois houve em casa do marquez muitos dias festas de danças e mui abastados banquetes. E como nobre e grande senhor deu algumas dadivas honradas aos officiaes que fizeram seus despachos.

CAPITULO LXXX

Do que El-Rei disse por João de Sousa

D João de Sousa entre muitas boas qualidades que teve foi valente cavalleiro e muito bom capitão, e singular cavalgador da gineta. E em Castella correndo touros em Arevalo perante El-Rei e a Rainha cortou com uma espada a cavallo, a um grande e bravo touro de um só golpe o pescoço, que logo cahio morto no chão. E aqui em Beja andando aos touros a cavallo perante El-Rei e a Rainha e o Principe, e todalas damas, por duas vezes matou dois bravos touros de uma lançada só cada um, que em lh'a dando logo cahiram mortos sem mais bolir. E estando El-Rei um dia á mesa fallando nisso, e gabando muito estas sortes, disse o conde de Borba que eram acertos: e El-Rei lhe respondeu: — «Verdade é conde que são acertos, mas nunca os acerta se não D. João»; e todalas cousas boas favorecia e gabava d'esta maneira.

CAPITULO LXXXI

De como foi o principio e fim da Graciosa

NESTE anno de mil e quatrocentos e oitenta e nove, pelo muito desejo que El-Rei tinha da conquista de Africa, e assi pela Cruzada que para isso lhe fôra concedida, de que já tinha recebido muito dinheiro, cuidando muitas vezes como melhor o poderia fazer, e mais ser-

viço de Deos e acrecentamento de sua honra e estado, ordenou de fazer uma Villa com sua fortaleza em Africa pelo rio acima de Larache. Com fundamento que d'ali com seus fronteiros e gente d'armas que sempre nella teria, e com ajuda das outras cidades e villas que lá tinha e aos mouros foram tomadas, se faria muita guerra a Fez e Mequinez, Alcacer Quibir, e toda aquella terra, de que muita parte se poderia por força conquistar, ou ao menos constranger e pagarem grandes e ricos tributos, e depois de ter mandado muitas vezes vêr o dito rio e sitio da terra, determinou fazer a dita villa, e mandou logo para isso fazer prestes sua armada com muita gente, muitos officiaes, muita artelharia, muita pedra e madeira lavrada, muito tijolo e cal, e ferramentas e todalas cousas necessarias em grande abundança; e no começo do mesmo Julho mandou logo partir a dita armada, e por capitão mór d'ella Gaspar Juzarte, a fazer e fundar a dita villa, que mandou pôr nome a Graciosa; e não levava muitos navios nem gente sobeja por lhe parecer que por então não seria mais necessaria, crendo que em quaesquer affrontas que dos mouros sobreviessem se poderia pelo rio soccorrer e prover, cuidando que o dito rio se navegaria em todo tempo com caravelas e navios, e para melhor aviamento e soccorro de tudo, e mais em breve se poder fazer, El-Rei com a Rainha e o Principe e toda sua côrte se foi a Tavila, onde cada dia de tudo o que se passava recebia muitos avisos.

E para se a dita fortaleza logo fazer, mandou El-Rei muita e honrada gente de sua côrte, e começou-se com muita diligencia e pressa a lugares de pedra e cal, e a lugares de madeira e paliçadas fortes, para que com mais brevidade fosse cercada.

E sendo d'isso avisado Moleyxeque, Rei de Fez,

junto de cujas terras a dita fortaleza se fazia, porque do tempo da tomada de Arzilla, nas pazes que o dito Maleyxeque fez, a dia terra com outras ficou em Portugal, segundo nas ditas pazes se contem; considerando o dito Moleyxeque que se logo no principio o não impedisse, que seria causa de sua perdição, fez logo sobre isso ajuntamento geral com os alcaides e principaes de seu reino, e com os alarves e enxovios, e colotos seus comarcãos, e todos sem alguma differença acordaram de virem cercar como logo cercaram a dita villa, em que El-Rei de Fez veio em pessoa, e com elle Moleyhea seu filho maior, e com quarenta mil de cavallo e outra muita gente de pé sem conto, pozeram de todalas partes cerco á dita villa, e tambem não deixaram livre o dito rio de uma parte nem da outra contra a foz, porque da terra impedissem aos christãos qualquer soccorro que por elle lhe fosse.

E por muita gente dos mouros começar a vir sobre a dita fortaleza e assim por o dito Gaspar Juzarte adoecer, e a cousa ser de mais peso do que se cuidou, mandou El-Rei a D. João de Sousa, do seu conselho, pessoa muito principal e muito valente cavalleiro, com muita mais gente para na dita fortaleza ficar por capitão, e com a gente que levou e a que na dita fortaleza estava foram por todos mil e quinhentos fidalgos e cavalleiros, todos da casa e livros d'El-Rei, e a frol de toda a côrte, e depois crescendo mais o poder dos mouros e sendo já El-Rei informado no certo do segredo do rio, e do perigoso sitio da dita fortaleza, por lhe certificarem que em nenhuma maneira se podia sustentar, ordenou mandar Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes e da guarda, e D. Diogo d'Almeida, que depois foi Prior do Crato, e D. Martinho de Castello Branco, veador

de sua fazenda, que depois foi conde de Villa Nova, todos tres homens de muita autoridade e valentes cavalleiros, e mui acceitos a El-Rei, para com sua tornáda depois de tudo muito bem verem se informar d'elles e determinar o que houvesse de fazer-se, sustel-a ou deixal-a.

E sendo elles na dita villa da Graciosa, veiu sobre elles Moleyxeque, Rei de Fez, com todo seu poder, e elles parecendo-lhe que pelo que cumpria a suas honras e a serviço d'El-Rei não deviam de deixar o dito cerco, ficaram lá e responderam a El Rei por escripto. No qual tempo D. João de Sousa, capitão da dita villa adoeceo á morte, de maneira que não podia accudir a cousa alguma que cumprisse, e por não morrer por mingoa de physicos e cousas necessarias a sua saude, ordenaram todos que se viesse logo a curar a Portugal.

E porque D. João estava de maneira que não podiam al fazer, vendo que cumpria ficar por capitão na dita villa, e como muito prudente vendo que os ditos D. Diogo, D Martinho e o capitão Fernão Martins eram taes pessoas e de tanto merecimento, que deixando o carrego a um os dois ficariam agravados, lhe fez sobre isso uma falla, e disse que entre todos deitassem sortes quem ficaria por capitão, o que assi fizeram, e a sorte cahio em D. Diogo d'Almeida, a que logo D. João entregou a villa e se veio curar ao reino, e todos os outros sem alguma differença o houveram por capitão.

E os mouros vendo a pouca gente dos christãos em comparação da sua, e vendo o pequeno re-pairo da villa, tinham por certo que nos primeiros combates que mui rijamente lhe dessem logo por força os tomariam com mortes e captiveiros de todos. E com esta esperanza combateram a villa mui

fortemente por muitas partes, e vendo o grande damno e estrago que os christãos nelles fizeram com suas armas e furiosos tiros de fogo, e o forte reparo que na fortaleza tinham feito para sua defensão, e conhecendo a bondade e grande valentia de seus corações que tinham não sómente para se defender, mas ainda para lhes offender, já desesperados d'este primeiro fundamento, determinaram para os poder vencer pôr-lhe o dito cerco mais afastado como logo pizeram, e em uma parte do rio que abaixo da fortaleza dava váo o atravessaram com uma muito forte estacada dobrada, e cheia toda de cestos de pedra entre uma e outra, para que o rio por navios grandes, nem pôr barcas para cima contra a villa senão pudesse navegar, com que os christãos de todo fossem de socorro por agua desesperados.

E por defensão d'esta estacada porque a não desfizessem pizeram junto com ella de uma parte e da outra do rio muitas bombardas grossas, e outros tiros de fogo: os quaes eram sempre guardados de gente sem numero, fazendo com isto suas contas que os christãos de cansados, e vencidos de doenças e fome, e não tendo esperança de socorro se dariam e deixariam captivar, e como os da villa d'isto foram certificados houve entre elles alguma confusão, e foi ainda mais quando souberam que Ayres da Silva, camareiro-mór d'El-Rei que era capitão-mór da frota que estava na foz do rio, com todas suas forças e diligencias que nisso pôs não podera desfazer, nem chegar á dita estacada pela grande resistencia dos mouros. E porém porque os mais eram fidalgos e de esforçados corações não cahiram em desmaio nem fraquezas, mas cobraram vivo esforço com que se fortaleceram, e proveram em seus mantimentos e provisões para se defenderem e manterem o mais

tempo que fosse possível, sendo muito confiados na bondade e grandeza d'El-Rei, que quando cumprisse em pessoa os socorreria.

E de todo este caso foi El-Rei logo avisado em Tavila, com que foi posto em grande pensamento, porém como Rei que nas cousas da fortuna fôra muitas vezes victorioso, e nunca vencido, deu logo grande aviamento a mandar mais navios e mais gente com mais armas e artelharia, para com Ayres da Silva cometerem de desfazer por força a estacada e repairos do rio, para uma vez as pessoas dos cercados ao menos se salvarem, que era o que sobre tudo mais desejava. Porque pela informação que já a este tempo tinha do logar e terra ser naturalmente doentia, e o rio não se poder em todos os tempos navegar até á dita fortaleza, já tinha assentado que em caso que o dito lugar fôra feito e não cercado de o mandar despovoar e derribar.

CAPITULO LXXXII

De como El-Rei determinou de ir em pessoa, e do que disse a D. João de Branches

TANTO que os navios de soccorro partiram, teve El-Rei conselho geral com todos os que presentes eram, da maneira que socorreria aos cercados, porque com todo seu poder determinava os livrar. E todos quantos eram sem ficar algum lhe aconselharam que em nenhuma maneira passasse em pessoa, por ser já na entrada do inverno e a costa ser mui brava e perigosa, e muito má desembarcação, e outros muitos perigos, do que El-Rei ficou triste e sem dar resposta alguma do que queria fazer.

E em se levantando do conselho lhe disseram que á porta estava D. João de Branches, que então chegava de Lisboa para o servir no dito socorro. E porque era muito valente cavalleiro e sabia muito na guerra o mandou logo entrar, e fez tornar a assentar todos, e pôs D. João junto de si. E deu-lhe conta da nova que lhe viera, e como tinha determinado de com todo seu poder socorrer aos cercados, e como todos os que presentes estavam por muitas razões lhe aconselhavam que em nenhuma maneira passasse em pessoa. E que primeiro que a isso desse sua resposta queria tomar seu parecer como de homem que tão bem sabia a guerra e era muito bom cavalleiro, e D. João lhe respondeu:

«Senhor, beijo as mãos a Vossa Alteza por esta honra que me faz e as palavras que me diz, e eu senhor sou em contrairo do que a todos parece, e meu parecer é que tanta e tão nobre gente como Vossa Alteza quer mandar, não fieis senhor de ninguém, senão de vossa pessoa, porque só com vos verem todos morrerão diante vós, e sem vossa vista não sei o que cada um fará, e mais a tamanha necessidade de tanta e tão nobre fidalguia, é razão que Vossa Alteza por seu singular esforço e grandissimas virtudes lhe socorra, como de tal Rei se espera».

El-Rei folgou muito de o ouvir, e muito ledo lhe disse:

«D. João, eu tinha já isso determinado, e porque todos eram contra mim não tinha dado minha resposta, e agora que vos tenho por minha parte, digo que em toda maneira hei-de passar em pessoa. E todos me perdoai por não tomar vossos pareceres, que antes que D. João viesse o tinha assi assentado, e se perigos passar, em muito maior perigo estão muitos fidalgos e cavalleiros por me servirem, os quaes eu

muito estimo, e tambem Nosso Senhor dará sua ajuda, pois que é por seu serviço e contra os inimigos de sua Santa Fé Catholica». E com isto se levantou; e como Principe mui esforçado, virtuoso, e piedoso, por salvar os seus, determinou logo o mais breve que podesse lhe socorrer em pessoa. E por dadivas que mandou dar a mouros lhe levaram recados aos cercados como elle ia logo em pessoa socorre-los; os quaes na só confiança de sua palavra que haviam já por obra mui verdadeira, cobraram um novo esforço e muita esperança de cedo serem remedeados.

El-Rei mandou logo com muita deligencia fazer por todo o reino apercebimentos geraes, e para tempo muito breve, e com palavras de muita obrigação, em especial afirmando que ia em pessoa, que não foi necessario fazerem-se constrangidas apurações; porque os mui velhos, e os muito moços, que por suas idades eram d'isso escusos, se convidavam, e esquecidos de suas forças e fazendas se faziam prestes para ir com elle, e não ficarem em Portugal, todos com mui verdadeira vontade de o servirem até á morte.

E d'esta determinação que El-Rei tomou de em toda maneira socorrer em pessoa e descercar seus fidalgos, criados e cavalleiros, foi logo El-Rei de Fez avisado. E por lhe já começar de fugir a gente de seu arraial escarmentados muitas vezes de cruas mortes e feridas: e principalmente temendo muito a passagam d'El-Rei, parecendo-lhe que vendo-se com elle em batalha seria destruido, em vez de fazer guerra cometeo paz ao capitão mór da frota Ayres da Silva, que em nome d'El-Rei estava, de que lhe enviou um assento, pelo qual lhe aprazia dar lugar aos christãos cercados na Graciosa a deixassem, e que todalas armas, artelhas, cavallos e tudo quanto tivessem sahissessem e se

fossem livres e seguros, e que El-Rei de Portugal lhe confirmasse a paz que El-Rei D. Affonso ao tempo da tomada de Arzila com elle firmara.

O qual assento Ayres da Silva logo acceitou, e sobre elle manteve aos mouros treguas até o notificar a El-Rei, que logo com muita brevidade lho fez saber: e foi d'elle mui alegre e contente, porque pelo dito assento da paz não se tolhia poder cercar e tomar quaesquer villas e lugares do dito reino de Fez que se para isso offerecessem. E por elle sem perigos nem outras despesas cobrava sua gente cercada que sobre tudo desejava. E para confirmação e aprovar o dito assento, enviou logo Ruy de Sousa, e D. Affonso de Monroy, Mestre d'Alcantara: e Diogo da Silva de Menezes, aio do duque, que depois foi conde de Portalegre, todos do seu conselho e homens de muita auctoridade, mui esforçados, de muito bom saber e de que muito confiava. Os quaes com Ayres da Silva juntamente o confirmaram e seguraram por escriptura e contrato feito em Xames, a vinte sete dias de Agosto do anno de mil e quatrocentos e oitenta e nove, e dadas de uma parte e da outra seguros arre-fens, os mouros que no dito cerco estavam se partiam e os christãos cercados se recolheram á frota com salvamento de suas pessoas e fazendas e artelharias, cavallos e armas, e quanto na fortaleza tinham; e com toda a frota se vieram a Tavila, onde El Rei e toda a sua côrte os receberam com muito amor e prazer e muita honra.

E El-Rei mandou logo desperceber a gente do reino, e lhe agardeceo muito sua lealdade e grande brevidade e muito amor e vontade com que se apercebiam para o servir, que certo foi muito para estimar.

E de Tavila foi El-Rei com a Rainha e o Principe e o duque andar pelos logares do reino do Algarve

provendo e remedeando algumas cousas, que para bem e assossego d'aquelle reino e moradores d'elle cumpriam, em que muito aproveitou. E acabado veio-se á cidade de Evora, onde entrou a sete dias de Novembro d'este anno de oitenta e nove, e na cidade houve rebates de peste, que El-Rei soffreo e remedeou por soste e conservar a saude da cidade, em que tinha ordenado ser o recebimento e festas do casamento do Principe seu filho.

CAPITULO LXXXIII

Do que El-Rei passou com Pero Pantoja em Tavila

N o tempo dos ocorro da Graciosa por se El-Rei achar em Tavila sem dinheiro, por lhe tardar de Lisboa da casa da Mina, onde por elle tinha mandado, e cumprir fazer-se logo prestes um navio para ir com um recado, mandou dizer a Pero Pantoja que lhe agardeceria mandar-lhe emprestar por sete ou oito dias mil justos, que eram seiscentos mil reis, os quaes lhe Pero Pantoja logo mandou, e lhe offereceu muito mais que tinha, pedindo-lhe muito por mercê que o não tomasse d'outrem senão d'elle, pois quanto tinha sua Alteza lh'o dera, o que El-Rei muito agardceo.

E d'ahi a cinco dias veio o dinheiro que El-Rei esperava, e mandou logo dar a Pero Pantoja setecentos mil réis, e elle os não quiz tomar, e se veio logo agravar a El-Rei, dizendo que pois servia Sua Alteza com tão verdadeira vontade, e tinha para o servir muito, de que lhe elle fizera mercê, que como lhe dava ganho do seu dinheiro em cinco dias que o tivera, que não se faria mais a um mercador cobiçoso.

El-rei lhe respondeu: «ora pois que vos agravais, tomai oitocentos mil réis, e se mais falais palavra tomareis novecentos mil»; e mandou-lhe dar oitocentos mil réis, emprestando-lhe seiscentos mil, que d'esta maneira agradecia os serviços que lhe faziam, e também por isso quando lhe cumpria dinheiro sem interesses lho emprestavam.

CAPITULO LXXXIV

Do que El-Rei fez a dois fidalgos que vieram de Arzila

ESTANDO em Arzila por capitão D. João de Menezes, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, fazia muita honra aos homens, e D. Joana de Vilhena sua mulher fazia tanto gasalhado e tanta honra a todos que era d'isso lá e cá muito louvada, de que El-Rei lhe mandava muitos agradecimentos.

Vieram-se dois fidalgos honrados de Arzila, onde estavam por fronteiros, descontentes do capitão sem causa, e quando beijaram a mão a El-Rei os favoreceu e fez gasalhado, perguntando-lhe como vinham, e pelas cousas de lá, e pediu-lhe a carta do capitão como todos costumavam trazer, e elles lhe disseram que a não traziam, e El-Rei lhe disse:

«Segundo isso, parece que quando vos partistes não falastes á estalajadeira, que tão bem agasalha todos. Ora tornai-vos logo, e não venhais de lá sem carta de D. João».

O que assi fizeram sem detença alguma, isto porque sem causa se vieram sem lhe falar, e queria sossegar a honra de seus capitães.

CAPITULO LXXXV

Do que El-Rei disse a Ruy d'Abreu e a Duarte do Casal

Ruy d'Abreu, alcaide-mór d'Elvas era homem que El-Rei estimava e fazia muita honra, por ser muito bom cavalleiro e homem de que El-Rei confiava, e falando-lhe um dia Ruy d'Abreu em um seu requerimento se agravou d'elle, e El-Rei lhe disse :

«Ruy d'Abreu, tomai uma cousa de mi como d'amigo. Quando pedirdes mercê não lembreis nenhuns agravos»; que não se contentava fazer mercê aos homens, mas ainda lhes ensinava como a haviam de pedir.

E Duarte do Casal era valente homem de sua pessoa, e mandou requerer uma cousa a El-Rei e não lhe falava nisso, e vindo El-Rei um dia para comer em Evora na sala o vio, e perante muitos o chamou, e lhe disse alto :

«Duarte do Casal, se vós tendes mãos, porque não tendes lingua para me falar, pois eu folgo de ouvir quem as tem, ora pois que tendes mãos tende lingua»; e estas honradas palavras lhe disse perante muitos, porque era bom cavalleiro.

CAPITULO LXXXVI

Do que El-Rei disse a Fernão Serrão

A PRIMEIRA vez quando El-Rei entrou na cidade de Lisboa, foi uma muito grande entrada e solemniſsimo recebimento, de grandissimas fes-

tas e muitos e grandes gastos e despezas, cousa que foi nomeada por grande, e houve ahi homens que gastaram muito, e um Fernão Serrão, cavalleiro cidadão de Lisboa, homem honrado, vendeu duas quintas e gastou tudo em atavios e vestidos, entre os quaes fez um gibão borlado de pedras e pedraria que valia muito.

El-Rei porque fôra demasia pesou-lhe e teve-lho a mau recado, e por não parecer a algúem que elle favorecia e folgava dos homens lançarem o seu a longe, um dia á meza lhe disse perante todos: — *Fernão Serrão quantas quintas fazem um gibão*; que não deixava passar coisa mal feita sem reprehensão ou castigo.

CAPITULO LXXXVII

Do que El-Rei fez a Diogo d'Azambuja quando casou sua filha, e a Pero de Mello

DIOGO d'Azambuja era homem que El-Rei tinha em muito boa conta e estima, e a que tinha muito boa vontade e fazia muita honra e mercê, e quando casou sua filha D. Cecilia com Francisco de Miranda, foram recebidos com muita honra perante El-Rei e a Rainha em sua sala com muita gente, e grande serão de danças, e muitos galantes, e em nos recebendo no estrado, Diogo d'Azambuja era muito manco de uma perna que quasi lhe fôra cortada nas guerras, e estava junto com os degraos, e com a muita gente que chegou, era muito maltratado, e tanto que senão podia ter, e El-Rei o vio, e veio á borda do estrado e tomou-o pela mão e sobio-o em cima e disse-lhe alto, que o ouviram muitos:

«Salvai-vos cá e chamem-vos como quizerem»; e as-

sim esteve com muita honra perante todos em cima no estrado, que é logar de Reis e Principes.

E Pero de Mello, fidalgo de sua casa, era muito bom cavalleiro, e muito desmanhoso, e um dia levando de beber a El-Rei á mesa ia-lhe tremendo a mão, e em querendo tomar a salva cahiu-lhe o pucaro com a agua no chão, de que ficou muito corrido, e algumas pessoas principaes começaram de rir, e El-Rei disse alto:

«De que vos rides, nunca lhe cahio a lança da mão, ainda que lhe cahisse o pucaro», de que Pero de Mello ficou muito contente, e tornou-lhe a dar de beber.

CAPITULO LXXXVIII

Do que El Rei fez ao capitão da ilha da Madeira

SIMÃO Gonçalves da Camara, capitão que foi da ilha da Madeira, em vida de seu pae João Gonçalves da Camara, sendo elle herdeiro da casa que de seu pae herdava, chamava-se Simão de Noronha, que era o apellido de sua mãe. E El-Rei tanto que o soube mandou-lhe logo dizer que naquella hora se chamasse o apellido de seu pae, pois d'elle havia de herdar tão honrada casa, senão que passaria a successão d'ella em Pero Gonçalves da Camara, seu segundo irmão. Pela qual Simão de Noronha se chamou logo Simão Gonçalves da Camara d'ahi até que falleceu, e foi logo beijar a mão a El-Rei pelo bom ensino que lhe dera, e El-Rei folgou muito com isso, e lhe fez honra e favor.

CAPITULO LXXXIX

Do que El-Rei fez a João Alvarez, o Gato

UM João Alvarez, o Gato, cavalleiro da casa d'El-Rei, era filho de um pobre almocreve, e por ser grande pensador e concertador de cavallos e mulas veio a ter e valer muito e ser honrado e estimado de todos, e d'El-Rei favorecido, e indo El-Rei um dia de Evora para Estremoz ia João Alvarez em um muito formoso ginete mui ataviado, e elle muito bem vestido e concertado, com muitos servidores, e no caminho topou com o pae que ia com suas bestas carregadas, e em vendo o filho tirou-lhe o barrete, e fez-lhe uma grande mesura, e elle não quiz falar ao pae, e fez que o não via, porque se desprezava d'elle, e tendo fazenda não o ajudava para que deixasse tão baixo officio.

Foi isto dito a El-Rei, e houve d'isso tamanho desprazer que nunca mais quiz vêr o dito João Alvarez, e lhe mandou logo dizer que não parecesse mais diante d'elle, porque o homem que desprezava seu pae e lhe não fazia bem podendo-o fazer, não era para se fiarem d'elle.

E o dito João Alvarez se foi logo enojado a uma sua herdade, onde d'ahi a pouco acabou mal, que o mataram uns seus lavradores.

CAPITULO XC

Da mercê que El-Rei fez a João Gó

Foi El-Rei um dia de Evora a ouvir missa a Nossa Senhora do Espinheiro, e por fazer grande calma e muito pó, e ir muita gente com elle, se recolheu depois da missa dentro no mosteiro, e mandou dizer a todos que se fossem a comer, que elle queria ficar só.

Foram-se logo como mandou, e depois de serem idos El-Rei sahio com muito poucos senhores e pessoas principaes que com elle ficaram. E quatro cavalheiros, em que entrava um que se chamava João Gó, não se foram e vinham detraz d'elle e fizeram pó, e El-Rei virou atraz e disse-lhe:

«Oh ! Santa Maria ! se mandei a todos que se fossem a comer, porque vos não fostes, e me vindes enchendo de pó?»

Respondeu o João Gó, e disse:

«Senhor os que tinham de comer se foram, e os que aqui vêm não tem que comer.»

El-Rei lhe disse:

«Prometto-vos João Gó que eu vo-lo dê e muito cedo.»

E logo aquelle dia á tarde o mandou chamar e lhe deu a commenda da Freirea em Evora, e aos outros fez mercê.

CAPITULO XCI

Da honra que El-Rei fez a Mestre Antonio

MESTRE Antonio, surgião-mór d'estes reinos, foi judeu, e quando se tornou christão El Rei folgou muito e lhe fez muita honra, porque lhe tinha boa vontade, e era bom letrado. E quando foi baptisado El-Rei foi com elle á porta da igreja e o levou pela mão com muita honra e muito bem vestido de vestidos ricos, que lhe El-Rei deu de seu corpo, e foi seu padrinho, e depois de baptisado quando lhe quizeram pôr o capello não vinha no bacio por esquecimento, e querendo ir por uma toalha para d'ella se tirar, disse El-Rei :-

« Para cousa tão sancta, não é necessario tanto vagar ». E perante todos desabotoou o gibão e tirou a manga da camisa fóra, e d'ella rompeo e tirou o capello. Que d'esta maneira honrava os que se tornavam á fé de Nosso Senhor Jesu Christo.

CAPITULO XCII

Do que El-Rei disse por dois ladrões que enforcaram em Portel

MANDOU El-Rei uma grande alçada de certos desembargadores á comarca d'Alemtejo, e em Portel andavam dois irmãos a saltar a cavallo, e roubavam pela comarca muitas pessoas, e eram tão valentes homens e armados de maneira, que as justiças não ousavam de os cometer por cousas que já tinham feitas sobre os quererem prender.

Souberam os da alçada como estavam em Portel, e com muita gente deram sobre elles, e fizeram em sua prisão tantas finezas que se fallou muito d'isso, que nunca os poderam prender senão depois de muito feridos e tão cansados, que se não podiam bolir; e elles tinham feridos e desbaratados tantos, que pareciam que não eram homens, senão fortes bestas bravas.

Foram logo ambos enforcados, e quando os da alçada escreveram o caso a El-Rei, pesou-lhe muito de serem mortos, e disse que não quizera que matassem taes homens, porque muito melhor fôra perdoar-lhes e manda-los aos lugares d'alem, pois que tão valentes eram, que lá fizeram muito serviço a Deos e a elle. E aos da alçada escreveu, que taes homens não deveram de condemnar e justicar sem primeiro lho fazer saber.

Tanto estimava os homens que em qualquer cousa faziam aos outros vantagem, que sendo estes ladrões, salteadores, por serem muito esforçados e forçosos lhe pesou porque os mataram, e lhes quizera dar a vida.

CAPITULO XCIII

Do que El-Rei escreveu ao conde de Borba sobre Fernão Caldeira

UM Fernão Caldeira, contador, que depois foi de Arzila muito bom cavalleiro de sua pessoa, tinha uma sua irmã solteira em Arronches, e tendo-a casada honradamente em Lisboa, foi lá para a trazer, e dando-lhe conta ao que ia, ella lhe disse que não podia ser, porque era casada com um caval-

leiro d'ahi, homem honrado, que se chamava de Sequeira. Do que Fernão Caldeira ficou agastado, e foi logo em busca d'elle, e lhe disse o que sua irmã lhe dissera, e lhe pedio por mercê se assi era que a recebesse, e que elle lhe daria o casamento que fosse razão.

E o Sequeira lhe disse que não era casado com sua irmã, nem na conhecia, nem havia com ella de casar.

E Fernão Caldeira lhe tornou a dizer:

«Ora peço-vos muito por mercê, que pois atéqui a não conheceis, que d'aqui por diante a não conheçaes; e assi se apartaram.

Teve Fernão Caldeira tal espia sobre elle, que d'ahi a mui poucos dias soube como jazia com a irmã. E só á meia noite fez um boraco em uma parede, por onde entrou com elles, e os matou a ambos, assi ao cavalleiro como á irmã, e se acolheu logo a Castella, e de Castella se passou a Arzila.

Foi El-Rei d'isso sabedor, e quando soube que era em Arzila escreveu logo uma carta ao conde de Borba, em que lhe dizia :

«Fernão Caldeira é lá por fazer um feito de homem: agradecer-vos-hei muito honrarde-lo e favorecerde-lo, porque de toda a honra que lhe fizerdes eu receberei muito prazer e contentamento, pois pela honra fez tal feito.»

CAPITULO XCIV

*Do que El-Rei fez a Gomes de Figueiredo,
provedor d'Evora*

EL-REI indo um dia passeando a cavallo em Evora, veio a elle um judeu e deu-lhe capitulos de Gomes de Figueiredo, provedor da comarca,

que fôra muito privado e camareiro d'El-Rei D. Afonso seu pae.

El-Rei porque viu que ouvira o que o judeu dizia, por dissimular acenou aos moços d'estribeira que o arrepelassem, e disse alto : — trazia-me capitulos de Gomes de Figueiredo. E depois só secretamente mandou chamar o judeu, e viu os capitulos, e por serem cousas de que houve desprazer, d'ahi a muitos dias mandou chamar Gomes de Figueiredo, e só o repredeu muito, e lhe disse que senão fôra feitura de seu pae, que elle o castigara bem, além de lhe tirar o officio. Porém por não dizerem que ia contra as ccusas d'El-Rei seu pae, teria nisso temperança. E lhe fazia saber que elle lhe tinha tirado seu officio pelo não servir nelle a sua vontade, e por não cuidarem que o deshonrava nem lh'o tirava por descontentamentos que d'elle tivesse, lhe fazia mercê d'outro muito melhor, e de mais honra, que era veador da casa do Principe seu filho, que lhe logo deu, sem ninguem saber que El-Rei fôra d'elle descontente, e tudo por ser feitura d'El-Rei seu pae, e depois da morte do Principe, por o dito Gomes de Figueiredo ser mui honrado e muito bom cavalleiro, e homem de muito bom saber, lhe tornou El-Rei com grandes esconjurações a dar o dito officio.

CAPITULO XCV

*Da mercê que El-Rei fez a um desembargador
por dar uma sentença contra elle*

TENDO João Roiz Paes, contador mór de Lisboa, uma demanda em que muito ia com El-Rei, se louvaram ambos em juizes, os principaes letrados que na relação havia, e pessoas virtuosas, que eram o doutor Ruy Boto, chançarel mór, e o doutor

Fernão Roiz adaião de Coimbra, os doutores João Pires, e Ruy da Grã, e o vigairo de Thomar, que depois foi Bispo da Guarda e prior de Santa Cruz, e todos deram sentença contra El-Rei.

E quando lh'o foram dizer, disse que folgava muito, e pois que todos foram contra elle que seria por lhe não acharem justiça, e perguntou qual fôra o que primeiro votara, e disseram-lhe que o vigairo de Thomar, que vivia com o duque. O qual logo mandou chamar, e elle vindo com receio, El-Rei muito contente lhe disse.

«Vigairo, eu vos tive sempre em muito boa conta, e agora vos tenho em muito melhor, por serdes o primeiro que votaste contra mi, que os bons e virtuosos assi o hão de fazer quando eu não tiver justiça, e para verdes quanto com isso folgo e vo-lo agardeço, hi falar com Antão de Faria, e elle vos dará duzentos cruzados, de que vos faço por isso mercê para ajuda de vossa despesa».

O vigairo lhe beijou a mão, e teve muito em mercê, e foi a Antão de Faria que lh'os logo deu.

CAPITULO XCVI

Do que El-Rei fez a Alvaro Mascarenhas sobre outra demanda

O procurador dos feitos d'El-Rei andando em demanda com Alvaro Mascarenhas sobre cousas da Mina, onde estivera por capitão, estes mesmos doutores foram juizes da causa, e deram sentença contra El-Rei, e o doutor Fernão Roiz se foi a elle e lhe disse:

«Senhor, dê-me Vossa Alteza alviçaras, que julgamos contra vós.»

El-Rei disse que lhas prometia, e mandou a todos que tornassem vêr o feito outra vez se por ventura era em obrigação a Alvaro Mascarenhas por haver um anno que o trazia em demanda.

Viram-no todos, e depois de bem visto lhe disseram que lhe não era obrigado em cousa alguma, por quanto tivera razão de alegar, e El-Rei lhe fez todavia por isso mercê de trinta mil reaes de tença.

CAPITULO XCVII

Do que El-Rei sobre outro feito passou com o doutor Nuno Gonçalves

ESTANDO El-Rei um dia com desembargadores sobre um feito seu, depois de lido, e a casa despejada para darem seus votos, disse o doutor Nuno Gonçalves:

« Senhor, nós não podemos aqui votar neste feito ».

Perguntou El-Rei porque, e disse o doutor:

« Porque Vossa Alteza é parte nelle, e está presente ».

El-Rei levantou se, em pé, havendo d'isso desprazer, e disse-lhe :

« Isso me haveis vós de dizer ? Como em mim se entende isso, se eu sou a mesma justiça, como hei-de ser parte ! »

Respondeu o doutor:

« Senhor, que Vossa Alteza seja a mesma justiça, como o feito é comvosco, vós sois parte. »

E El-Rei com paixão passeou um pouco pela casa sem fallar nada. E tornou logo á mesa, e encostado nella em pé disse :

« Doutor, eu vos agradeço muito o que me dissesstes, e fizeste-lo como muito bom homem que sois.

E a mim me parece assi como a vós, que não devo de ser presente, e por isso me vou, e todos julgae segundo vossas consciencias», e sahio-se logo e deixou-os sós.

CAPITULO XCVIII

De um homem a que El-Rei deu a vida sendo julgado á morte

ANTES das festas do casamento do Principe D. Affonso em Evora, foi El-Rei á Relação numa sexta-feira, como sempre fazia, e na mesa grande era julgado um homem á morte por matar outro, e foi trazido diante d'El-Rei, e por saber que era dado sentença que padecesse, disse :

« Senhor, quatorze annos ha que sou preso, e em quanto tive fazenda para peitar sempre me alongaram meu feito, e agora que já não tenho cousa alguma me julgaram á morte, e se então me mataram eu só padecera, e a minha mulher e filhos ficara-lhe fazenda para se manterem, e agora Senhor matam todos, pois tudo gastei por alongar a vida ; olhe Vossa Alteza isto com olhos de piedade, e de tão virtuoso Rei como é ».

El-Rei ouvindo as palavras ficou mui triste, e vio o começo do feito, e quando achou que dizia verdade, e que havia quatorze annos que era preso, disse aos desembargadores :

« Melhor merecieis vós outros todos a morte que este pobre homem, mas quem ha-de matar tantos ! »

E chamou então o homem e disse que lhe perdoava livremente, e que elle mandaria a sua custa por perdão das partes, e assim o fez e o mandou logo soltar, e disse-lhe que emquanto não viesse o perdão que se

fosse ás obras dos paços, que ahi lhe dariam cada dia dois vintens, e o homem lhe beijou a mão e o fez assi:

E El-Rei d'ahi a tres dias foi vêr as obras e vio lá o homem com uma muito grande barba, que havia quatorze annos que não fizera, e disse-lhe:

«Não sois vós o a que eu dei a vida?»

«Respondeu: Senhor, si.»

Disse El-Rei:

«Pois porque não fazeis essa barba?»

E o homem disse:

«Senhor por não ter dinheiro que dar a quem ma faça.»

El-Rei lhe mandou dar ahi logo dois mil réis, e disse-lhe:

«(Ora ide logo fazer a barba, e não vos veja eu mais com ella.»

E o homem se lançou a seus pés para lh'os beijar, chorando com prazer e rogando a Deos por sua vida e seu estado.

CAPITULO XCIX

De um moço a que El-Rei deu a vida, sendo tambem julgado á morte

NESTE mesmo tempo em Evora julgaram á morte um moço de dezasete annos por matar sua irmã, e um homem que com ella achou, e El-Rei estando na Kelação quando lhe leram a sentença, mandou vir o moço diante si, e perguntou-lhe porque os matara; disse o moço:

«Senhor, aquelle homem por eu ser muito seu amigo o levava a casa de meu pae, e elle começou de atentar em minha irmã, e vendo eu que andava após

ella, lh'o disse muitas vezes a ambos, e pedi-lhe que não curassem d'isso, e ambos me desprezavam e davam pouco por mim, e um dia por acerto, e minha má ventura, os topei ambos metidos em uma mouta, e foi tamanha a dôr e paixão que d'isso houve, que com uma azagaia que levava na mão os matei ahi ambos».

Disse-lhe El-Rei:

«Não sabias tu que se te prendessem que te haviam de enforcar por isso?» Respondeu: «Senhor si, mas antes me quiz aventurar a isso, que soffrer tamanha deshonra, e a paixão me fez esquecer de tudo».

El-Rei movido de piedade, e contente das palavras do moço, disse-lhe:

«Pois o tão bem fizeste e assi o sabes dizer, bom homem deves de ser, e eu te perdoo livremente»; e o mandou logo por ante si soltar, e lhe houve ainda por dinheiro perdão das partes, e o moço com prazer se lançou aos seus pés e lh'os beijou, e todos folgaram de El-Rei lhe dar assi a vida, e lho louvaram muito.

CAPITULO C

Do que El-Rei fez no feito do carcereiro João Baço

EM Lisboa no Limoeiro, estava preso um homem estrangeiro muito rico, e estava julgado á morte. Concertou-se com o carcereiro, que se chamava João Baço, e por seu consentimento se fez muito doente, e confessado e feito seus autos fez que morria.

Vieram homens por elle em uma tumba e o levaram a enterrar, indo vivo e são, e da egreja fugio e se salvou, e o carcereiro se pôz em salvo.

Quando o El-Rei soube houve d'isso desprazer, e

mandou pôr tanta diligencia, que houve o carcereiro á mão, e desejando muito de o castigar quiz estar ao julgar de seu feito com certos desembargadores, os quaes foram differentes nos votos, tantos de uma parte como da outra. Que uns o julgaram a morte, e outros o remetiam ás ordens, e disseram a El-Rei:

«Senhor, agora fica o feito em Vossa Alteza sómente para o castigar como quizer».

Elle ficou um pouco cuidadoso sem falar, como homem a que pesara muito com isso, e disse:

«Eu certo desejava muito castigar este homem por o caso que fez ser feio, porém pois sois tantos a uma parte como a outra, a Rei não pertence senão ir á parte da clemencia, e dar a vida, e eu sou em lha dar e dou a isso meu voto, desejando muito o contrairo».

CAPITULO CI

D'outro homem que El-Rei perdoou sendo julgado que morresse

NA Relação julgaram um homem á morte por dormir com uma sua cunhada, irmã de sua mulher, e ter d'ella filhos.

Vio El-Rei o feito, e achou que sendo a mulher viva, elle tinha a cunhada em casa, e que era moça formosa, e que por morte da mulher e descuido dos parentes ficara assi com elle das portas a dentro, e que neste tempo a houvera, e El-Rei vendo isto disse:

«O diabo pôde muito, e nossa fraca humanidade muito pouco, e neste peccado da carne ainda menos, e mais havendo d'ahi tantos azos de pecar, como é

estarem sós em uma casa tanto tempo. E havendo respeito a tudo me parece, que pois isto é feito d'esta maneira, que por esta moça se não perder seria mais serviço de Deus casa-los ambos, e mandar-lhe por dispensação.

E assi o fez, e lhe perdoou a morte, e mandou á sua custa pela dispensação, e fez ainda mercê á moça para se vestir, que era pobre.

CAPITULO CII

De como El-Rei deu a vida a outro homem que estava para justicarem

Em uma quinta-feira d'Endoenças andando El-Rei correndo as egrejas se poz uma mulher em joelhos diante d'elle. e chorando muito lhe disse: «Senhor, pelo dia que hoje é, e a honra das cinco chagas de Jesus Christo, peço a Vossa Alteza que haja misericordia commigo.

El-Rei lhe perguntou que era o que queria, disse :

«Senhor, meu marido é julgado a morte, pela morte e paixão de Nosso Senhor lhe perdoae»; e El-Rei lhe disse :

«Mulher, maior cousa quizera que me pediras ; por Esse por quem mo pedes, eu lhe perdoo livremente.

E logo d'alli lh'o mandou soltar. De que todos foram mui satisfeitos e houveram inveja de tão bem feita cousa, por ser em tal dia e por amor de Nosso Senhor Jesu Christo, que tantas cousas nos perdoa cada hora.

CAPITULO CIII

Do que El-Rei disse a um homem que lhe dizia mal d'outro

Um homem honrado disse um dia a El-Rei mal d'outro, dizendo que sendo casado com uma muito honrada e muito boa mulher, era tão máo que tinha vinte mancebas, perguntou-lhe El-Rei :

«Quantas dizeis que tem?» Respondeu :

«Senhor vinte». Disse El-Rei.

«E isso provar-lho-heis vós?» E elle se affirmou que si. E El-Rei lhe disse :

«Ora ivos muito embora, porque tem mancebas, não tem manceba.»

E isto lhe respondeu por não dar orelhas a mexeriqueiros, e tambem porque não se póde manter mais de uma manceba, e o al é ser um homem amigo de mulheres.

CAPITULO CIV

Do que El-Rei disse ao Corregedor da Côrte

DISSERAM a El-Rei que João Fernandes Godinho, Corregedor da Côrte dos feitos civeis tomava peitas, e fechava suas portas, e despachava mal as partes. E El-Rei por João Fernandes ser homem honrado o quiz primeiro amoestar, para que não se emmendendo lhe dar um grande castigo, e o mandou logo chamar, e não curou de muitas palavras, sómente lhe disse :

«Corregedor, olhae por vós, e da maneira que viveis, que me dizem que tendes as portas cerradas e as mãos abertas».

E não lhe disse mais, porque confiava de si que isto só bastava.

CAPITULO CV

Da maneira que El-Rei deu um officio a um homem que lho pediu

VIEIO um homem a pedir um officio que vagara a El-Rei, a que disse que o tinha dado, e o homem lhe beijou a mão. El-Rei ficou enleado, e disse-lhe:

«Vós entendeste-me?»

Respondeu. «Senhor, si».

Disse-lhe El-Rei:

«Que é o que vos disse?»

E o homem tornou. «Disse-me Vossa Alteza que já o tinha dado».

Disse El Rei: «Pois porque me beijastes a mão?»

E elle lhe disse: «Porque me podera Vossa Alteza remeter a um official que me trouxera aqui um mez após si, em que gastara vinte cruzados que aqui trago, e por estes beijei a mão a Vossa Alteza, porque d'elles me fez mercê em me logo despachar.»

E El-Rei lhe tornou: «Ora por isso vos faço mercê do officio, e eu darei outra cousa a quem o tinha dado», e lhe fez d'elle mercê.

E outro homem veio pedir a El-Rei outro officio, e trazia a petrina muito alta, e El-Rei lhe disse que o tinha dado, e elle perguntou:

«Senhor, a quem?»

E El-Rei lhe disse:

«A um homem que trazia a petrina em seu logar».

CAPITULO CVI

Do que El-Rei fez a um homem que esperou um touro

ESTANDO um dia El-Rei vendo correr touros em Evora no terreiro dos paços, estava uma tranqueira mal concertada, e com muita gente nella, e um touro muito bravo quiz sahir por ella, e a gente toda fugio. Ficou sómente um homem que estava detrás dos outros embuçado com uma capa, e um sombreiro, o qual levou da capa e da espada, e só ás cutiladas muito valentemente defendeo a passagem ao touro e o fez tornar atrás. Pôs El-Rei os olhos nelle pelo tão bem fazer, e o mandou logo chamar, e perguntou-lhe que homem era, e com quem vivia, e o que fazia na côrte, e tanto apertou com elle, que o homem lhe disse que tinha morto um homem em Lamego, e que por não ser conhecido na côrte nem em Evora, andava hi escondido.

Mandou logo El-Rei chamar o Corregedor, e cuidando o homem que era para o mandar prender e justicar, lhe disse :

«Corregedor, encommendo-vos muito que me livreis este homem de qualquer maneira que poderdes, que receberei nisso muito prazer».

E o Corregedor o fez assi, e tanto que foi livre El-Rei o tomou por seu criado, e lhe fez mercê ; e d'esta maneira estimava e favorecia os valentes homens.

CAPITULO CVII

*Do que El-Rei fez por não passar um Alvará em
contrairo d'outro*

ACABANDO-SE El-Rei um dia de confessar, disse ao confessor :

«Padre, eu tenho dito tudo quanto me lembrou, agora vos requeiro da parte de Deos que se mais sabeis de mim que mo digaes.

E o confessor lhe disse :

«Senhor, elle é tão justo, tão santo requerimento, que por elle vos acrecentará Deos a vida e estado neste mundo, e no outro vos dará salvação, e sem mo Vossa Alteza mandar trazia em lembrança para vos dizer que me disseram, que a um homem do Algarve passareis um alvará, pelo qual deram contra outro uma sentença em que perdeu duzentos mil réis».

El-Rei lhe disse :

«E' verdade que eu passei esse alvará com falsa informação, e quando o soube, por não passar outro em contrairo mandei chamar o homem, e secretamente lhe mandei por Antão de Faria dar dozentos mil réis em ouro, e elle é bem contente e satisfeito, e lhe mandei que não falasse nisso».

CAPITULO CVIII

Do que El-Rei disse por Manuel de Mello

MANUEL de Mello, resposteiro-mór d'El-Rei e irmão do conde de Olivença, foi muito valente cavalleiro, e homem que El-Rei por isso estimava muito. E estando por capitão em Tangere

pelejou com Barraxe e o desbaratou e matou muita gente, sendo os mouros muitos mais sem conto que os christãos, que foi um honrado e valente feito, e sem damno algum dos christãos. E sendo Manuel de Mello já vindo, estando em Portugal, Barraxe fez a meude algumas corridas e entradas na terra de Tangere, e disseram-no a El-Rei, e um dia falando nisso á mesa, disse alto perante todos:

«Guarde-se Barraxe não tire eu o caparação a Manuel de Mello».

E com estas taes cousas augmentava tanto os espiritos e a honra aos homens, que não trabalhavam por outra cousa, se não por honra e virtudes.

CAPITULO CIX

Das côrtes que El-Rei fez em Evora sobre o casamento do Principe

No mez de Janeiro de mil e quatrocentos e noventa, foram as cidades e villas principaes do reino apercebidas para côrtes geraes sobre o casamento do Principe. Sobre que El-Rei ordenou de mandar logo embaixada a Castella, e queria dos povos ajuda de dinheiro para as festas do dito casamento; as quaes côrtes se fizeram na cidade de Evora, a vinte e quatro dias do mez de Março logo seguinte, dentro nos paços na sala da Rainha, que se armou muito ricamente, e se fez um alto estrado ricamente alcatifado com grande dorcel de brocado, e cadeira real para El-Rei, e outra abaixo d'elle á mão direita para o Principe, e na sala feitos assentos para os senhores e pessoas principaes do conselho,

para as cidades e villas. todos segundo suas precedencias.

E El-Rei depois de todos os procuradores estarem assentados, veio com grande estado, diante muitas trombetas, charamelas e sacabuxas, porteiros de maça, reis d'armas, arautos e passavantes, o porteiro mór e mestre sala, veador, e veadores da fazenda, camareiro-mór, e guarda-mór, e mordomo-mór, e assi o regedor, chanceller-mór, e todos os officiaes e desembargadores; e El-Rei vestido em opa roçagante de brocado com rico forro e o ceptro na mão, e com elle o Principe ricamente vestido, e o duque, e todos os outros senhores entrou na sala, e se assentou em sua cadeira real, e o Principe juntò com elle, e o duque, e todos os outros senhores e officiaes em seus assentos ordenados, e como a casa foi ordenada e todos calados, o licenceado Ayres d'Almada, corregedor da côrte, muito bem vestido de vestidos ricos que lhe El-Rei deu, fez em linguagem uma pratica de muitos louvores d'El-Rei e das muitas obrigações em que lhe seus povos e todos os do reino eram, alegando os grandes perigos e risco de sua pessoa que passara nas guerras, e o vencimento da batalha de Touro, e como pozera o Principe seu filho em terçarias e o apartara tanto tempo de sua vista, tudo por dar a eiles paz e socego, e os livrar de guerras, e manter em muita paz e justiça, e assi dos grandes proveitos que a todos em geral vinha de o casamento se acabar, e das grandes festas que por isso queria fazer, e que por estar sem tanto dinheiro quanto havia mister lhe rogava quizessem com elle ajudar, e que não lhe pedia cousa certa, senão o que elles por suas vontades quizessem e podessem boamente fazer.

E os procuradores todos pelo muito amor que os povos a El-Rei tinham, e por lhe parecer razão, de-

pois de nisso praticarem e haverem seu conselho, logo sem lhe mais ser falado fizeram com muito boa vontade a El-Rei serviço de cem mil cruzados, que lhe elle muito aguardeceo o serviço e boas vontades. De que logo fizeram pelos povos suas repartições, e El-Rei pôs os recebedores e officiaes, e todos ficaram contentes.

CAPITULO CXX

Da nova justiça que El-Rei mandou fazer

NESTE anno de mil e quatrocentos e noventa, estando El-Rei em Evora, antes da vinda da Princesa, lhe foi dito que em Lisboa em casa de um cavalleiro que se chamava Diogo Pires do Pe, e vivia junto da praça da Palha, se jugavam dados e cartas, e outros jogos com que Deos era desservido, e seu sancto nome renegado, e o de Nossa Senhora, e dos santos blasfemados. E como El-Rei era muito catholito devoto, e amigo de Deos, por atalhar e evitar tamanho mal, e por castigo do que nas ditas casas se fazia, pelo mesmo caso na metade do dia, com pregão de justiça as mandou queimar no primeiro dia de Junho do dito anno. De que na cidade foi grande espanto, e alguns homens que em suas casas tinham jogos e tavolagens com muito grande receio se tiraram logo d'isso.

CAPITULO CXI

Da tomada de Targua e Camice

NESTE anno de mil quatracentos e noventa, Barraxe, mouro principal e grande senhor (que atrás se disse) tratava de tomar a cidade de Ceuta por manha e ardil de um Lopo Sanches, cavalleiro que nella estava e fingio de lha dar. De que logo mandou aviso a El Rei estando em Evora, e o concerto entre ambos chegou a tanto que parecia que por Barraxe fiar tanto no dito Lopo Sanches o poderiam com um trato dobrez tomar dentro na cidade. Para o qual El-Rei mandou D. Fernando de Menezes, filho maior e herdeiro do marquez de Villa Real, pessoa de muito merecimento, que depois foi marquez.

E depois d'El-Rei com elle estar, e tomar conclusão do que havia de fazer, partio para Ceuta com cincoenta velas, que no Algarve com muita brevidade foram armadas e aparelhadas de todo o necessario, e nellas muita e boa gente, e assi chegou a Gibaltar.

E Fernão de Pina, escrivão da camara era diante sobre o dito trato, para de lá avisar do que nisso se passasse. O qual por não achar o tratamento certo, avisou D. Fernando que em Gibaltar entrasse de noite por não ser visto dos mouros, porque com sua vista se perderia a esperança do dito trato, e de qualquer outra cousa que quizesse fazer.

E o dito D. Fernando e D. Antonio seu irmão que em Ceuta estava por capitão, acordaram com conselho de fidalgos e cavalleiros que lá estavam, que em tanto fossem dar na villa de Targua, que é na costa,

a qual depois de bem vista e espiada partiram para lá com a dita frota e com alguns navios de Ceuta e de Castella que se a ella ajuntaram, bespora de Ramos. Na qual frota iam dois mil homens, e não mais que cento e cincoenta de cavallo.

E D. Fernando mandou sahir a gente em terra em tão boa ordem e regimento que a villa foi logo entrada, e sem nenhuma resistencia tomada, porque os mouros tanto que viram que a dita frota ia sobre elles, os mais se acolheram logo ás serras onde se salvaram, e porêm alguns foram mortos e captivos, e a villa toda roubada e queimada, e derribada pelo chão, e talhada das arvores e cousas principaes de fruto.

E acabado o feito D. Fernando fez cavalleiros D. Anrique e D. Diogo seus irmãos, que com elle eram, e muitos fidalgos e pessoas honradas.

E acharam no porto de Targua vinte e cinco navios entre grandes e pequenos, e na casa da tereçana bombardas, polvora, e salitre, e ancoras, e muitas lanças, couraças e capacetes, e muitas ferramentas d'al-mazem que todo recolheram.

E acharam trinta christãos captivos que salvaram e trouxeram a Ceuta, além d'outros que logo passaram a Castella. E com isto outro muito despojo da villa, com que entraram em Ceuta sexta-feira d'Endoenças com muito prazer, sem algum dos christãos ser morto nem ferido, de que o dito D. Fernando como bom capitão foi muito louvado.

E não satisfeito d'isto, desejando de fazer mais serviço a Deos e a El-Rei, e acrecentar mais em sua honra, porque o trato principal de Barraxe a que fôra ia já perdendo esperança de concerto, por conselho e acordo que fez com D. Martinho de Tavora, capitão d'Alcacer Ceguer, e com Manuel Paçanha, que es-

tava em Tangere por capitão, e com outras pessoas que o bem entendiam, determinou ir a Camice, e destruí-lo, que era lugar sem cerca, posto nas mais asperas e altas serras de toda Africa, a que os mouros por sua grande fortaleza e muita povoação, e por até então nunca de christãos ser cometido nem visto, chamavam o encantado, para a qual ida se ajuntaram em Alcacer d'onde partiram, quatrocentos de cavalo e mil e dozentos homens de pé.

E depois de serem junto do lugar, vendo os que nisso mais ententidam sua grande fortaleza e mui perigosas entradas, houve muita duvida se o cometariam, e porém repartiram a gente para cometer e segurar o perigo, e com muito esforço e ardileza comeram o lugar, em que acharam muitas povoações, e entraram o mais forte d'elle, pelejando tão valentemente, que os mouros desampararam o lugar, e se meteram por brenhas e serras, onde não escaparam de mortos e captivos, porque a serra era já tomada dos christãos.

E o logar foi tomado, roubado e queimado, e ao recolher, por a terra ser muito aspera e tão má que uns aos outros não podiam soccorrer, morreram dos christãos setenta, e dos mouros quatrocentos, e captivaram cento. E tomaram grande cavalgada de cavallo, bestas e gado, e muito despojo da villa, o que tudo foi em Alcacer repartido segundo suas ordenanças a contentamento de todos. E logo D. Fernando se veiu á còrte, e foi d'El-Rei com muita honra recebido, dando-lhe muitos agardcimentos por seus honrados serviços.

CAPITULO CXII

De como foi mudado o mosteiro de Santos

Aos cinco dias de Setembro d'este anno de quatrocentos e noventa mandou El-Rei mudar, ou trasladar o mosteiro de Santos, que estava em Santos-o-Velho, onde ora são os paços de Boa Vista, para o lugar onde ora está, que é Santa Maria do Paraíso, entre o mosteiro de Santa Clara, e o mosteiro da Madre de Deus. O qual mosteiro é da ordem de Sanctiago, e El-Rei o mandou alli fazer de novo, e as reliquias dos martyres que no mosteiro velho estavam, foram lá levadas em uma tumba dourada, e a comendeira que se chamava Violante Nogueira, mulher de muita virtude e honestidade, e assi todas as donas do convento foram no dito dia levadas a pé com solemne procissão do cabido, e todas as ordens e cruces ao dito mosteiro, no qual sempre viveram honestamente.

CAPITULO CXIII

De como o senhor D. Jorge veio a primeira vez á corte

QUANDO El Rei D. Affonso o quinto falleceu, que foi no mez d'Agosto de mil e quatrocentos e oitenta e um, nasceu o Senhor D. Jorge, filho d'El-Rei, que sendo Principe e casado houve de D. Anna de Mendoça, mulher muito fidalga e moça formosa, de mui nobre geração. O qual El-Rei mandou criar em poder da Infanta D. Joanna sua irmã, que estava

em Aveiro, a qual o creava muito honradamente como pertencia a filho d'El-Rei seu irmão.

E porque neste anno de mil e quatrocentos e noventa a Infanta D. Joanna falleceu, El-Rei quiz mandar trazer seu filho á côrte, para que junto de si fosse criado, e primeiro que o fizesse pedio á Rainha sua mulher que o houvesse assi por bem e lhe não lembrassem paixões que sobre isso já tivera, pois ante elle eram tão esquecidas. E a Rainha por suas grandes virtudes e muita bondade, e pelo grande amor que a El-Rei tinha, não abastou consentir nisso mas ainda pediu por mercê a El-Rei que lho deixasse criar em sua casa, e que como a proprio filho o criaria, de que El-Rei foi muito alegre, e mandou logo por elle.

E entrou o Senhor D. Jorge em Evora a quinze dias de Junho, e vinha com elle o Bispo do Porto D. João d'Azevedo, e outras pessoas honradas.

Sahiram ao receber fóra da cidade o Principe seu irmão e o duque, e todos os senhores e fidalgos e nobre gente da côrte, e não lhe foi feita festa alguma por caso da morte da Infanta sua tia, que havia pouco que fallecera. O Senhor D. Jorge quizera beijar a mão ao Principe a pé, e elle o não consentiu, e a cavallo lha deu, e abraçou com honra de proprio irmão, e assi o abraçou o duque e marquez, e senhores de titulo que hi eram, e entre o Principe e duque veio com muita honra beijar as mãos a El-Rei seu senhor e pai, que com muito prazer e honra o recebeu nas casas de João Mendes d'Oliveira, onde então pousava, pelas muitas e grandes obras que nos paços então se faziam para a vinda da Princesa. E d'ahi foi logo o Senhor D. Jorge beijar as mãos á Rainha, que com mostranças de muito amor e muita honra o recebeu, e recolheu logo para si, com cuidado e carregio de todalas cousas que a sua vida, criação e bom ensino cum-

priam, o que sempre se assi fez emquanto andou em sua casa mui inteiramente, que foi até o tempo da morte do Principe, como adiante se dirá.

CAPITULO CXIV

Do principio do casamento do Principe D. Affonso com a Princesa D. Isabel, e das grandes festas que se fizeram na cidade d'Evora

PORQUE as guerras passadas entre os Reis e reinos de Portugal e Castella se acabassem, por serviço de Deus e bem d'ambos os reinos, foi feita e assentada paz perpetua por meio da senhora D. Beatriz, entre os ditos Reis e reinos, e successores d'elles, por ser pessoa que tanta liança tinha em ambos, que era mãe da Rainha D. Lianor nossa senhora, e tia da Rainha D. Isabel de Castella, irmã da Rainha sua mãe, a qual paz se fez no anno de mil e quatrocentos e setenta e nove.

E para maior firmeza e segurança foi concertado e jurado casamentó entre o Principe D. Affonso e a Princeza D. Isabel, que ao tal tempo eram Infantes, por ser em vida d'El-Rei D. Affonso. E por não serem então de idade para logo poderem casar, se assentou e concertou que fossem ambos postos em terçaria na villa de Moura, que é junto do estremo, em poder da dita Infanta D. Beatriz, que os ahi havia de ter a grande recado, como teve.

E depois da morte d'El-Rei D. Affonso, por consentimento dos Reis seus padres, por causas justas que para isso tiveram, sahiram o Principe e Infanta da dita terçaria com algumas condições que confirmavam a dita paz e amizade, entre as quaes (como atrás fica

dito) foi uma que chegando o Principe a idade de quatorze annos, estando então a dita Infanta D. Isabel por casar que casassem ambos.

E porque a esse tempo o Principe estava em quinze annos, e a Infanta não era casada, desejando El-Rei acabar o dito casamento, mandou sobre isso a Castella por embaixadores Fernão da Silveira, Condel mór e regedor da casa da Suplicação, e o doutor João Teixeira, Chançarel mór d'estes reinos, e por secretairo da embaixada Ruy de Sande, que depois foi D. Rodrigo de Sande, que já sobre o dito casamento fôra aos ditos Reis, e o deixara bem concertado. A qual embaixada foi muito honradamente com muitos fidalgos mui galantes, e ricamente ataviados, e partiu da cidade d'Evora no começo do mez de Março. E a requerimento da Rainha de Castella levavam o Principe tirado, pelo natural, que era o mais formoso e gentil homem que no mundo se sabia.

El-Rei e a Rainha de Castella, e o Principe seu filho, a Princeza e Infantes, e toda a côrte estavam na cidade de Sevilha.

E tanto que a dita embaixada partiu, e El-Rei como virtuoso e catholico Principe, porque o principal de seus fundamentos era no serviço e amor de Deus, mandou logo com grande devoção muitas esmolas a todos os mosteiros e casas virtuosas do reino encomendando muito a todos que em suas orações, jejuns e obras meritorias pedissem a Deus que no dito casamento fizesse o que mais fosse seu serviço e bem d'estes reinos, e que não deixassem de fazer as ditas devoções até se o dito casamento aceitar, o que se fez mui inteiramente com muito amor e devoção.

E os ditos embaixadores chegaram á cidade de Sevilha, e foram por todos os grandes da côrte do reino,

e da cidade, recebidos com tanta honra e cerimonia, quanto até então nunca foram recebidos embaixadores de nenhum Rei. E assi lhe foram feitas outras muitas honras e favores de honrados aposentamentos, presentes e visitas, em que claro se via o muito prazer e contentamento que todos em geral e especial com sua ida tinham. O que muito mais viram nas proprias pessoas d'El-Rei e da Rainha, quando os embaixadores lhe deram sua embaixada, cuja substancia era requererem e concordarem o dito casamento, que logo sem duvida nem dilação alguma se concordou, e logo o dito Fernão da Silveira que para isso levava sufficiente e abastante procuração, em nome do Principe por palavras de presente como manda a Sancta Madre Igreja de Roma, recebeu a dita Princeza D. Isabel por sua mulher, por mão do Cardeal D. Pero Gonçalves de Mendoça, perante El-Rei e a Rainha, o Principe e Infantas e suas irmãs, e muitos grandes senhores com muito grande solemnidade, o domingo da Paschoela á noite, d'este anno de mil e quatrocentos e noventa, na qual noite e outros dias seguintes houve em Sevilha muito grandes e sumptuosas festas de momos e justas reaes, em que El-Rei justou e foi mantedor, e assi justaram muitos grandes e pessoas principaes, e houve outras e muitas e grandes festas.

CAPITULO CXV

*De quando veio nova a El Rei do Principe
ser recebido em Sevilha*

PORQUE El-Rei era avisado pelos ditos embaixadores do dia em que o dito recebimento havia de ser, para em poucas horas saber quando se fizera, ordenou paradas de cavalleiros de sua

guarda, homens diligentes e em cavallos muito ligeiros, d'Evora até Sevilha de tres em tres legoas, para que tanto que o recebimento fosse acabado a todo o correr de um em outro viesse a nova. A qual deu a El-Rei Felipe do Casal, irmão de Ruy de Sande, que era o derradeiro, e estava na torre dos Ccelheiros. E chegou com ella a El-Rei logo ao outro dia, segunda feira ainda de dia, andando passeando na praça, e saíra áquella hora de casa do secretario Affonso Garcês de receber uma sua filha com um Luiz da Costa, que vivia em Alhos Vedros, que El-Rei então foi casar em pessoa, e com elle o Principe e o duque e outros muitos senhores. A qual nova foi d'El-Rei e do Principe, e de todos os grandes e nobres, e todo o povo ouvida com tanto prazer e alegria, que mais não podia ser, dando todos principalmente muitas graças a Deus.

E El-Rei tinha prestes sem se saber por toda a cidade, para que tanto que a nova viesse, muitas e muito grandes fogueiras por todas as praças, ruas principaes e todas as torres do muro e da cidade, e pelos muros, torres e lugares altos da cidade muitas infindas bandeiras, muitas bombardas e outros tiros de fogo, e foguetes, muitas trombetas e atambores, charamelas e sacabuxas, e que todos os sinos repicassem, e as ruas, praças, muros e torres muito enramados de ramos verdes, e isto era repartido por muitos homens sem se saber. E tanto que a nova foi dada a El-Rei todas estas coisas se fizeram juntamente com tanta brevidade e presteza, que foi coisa espantosa. E era tamanho o estrondo, que com isso e com a grita da gente parecia que a terra tremia, tudo muito para vêr por ser tão supitamente, e feito em muita perfeição.

El-Rei e o Principe da praça onde andavam se foram logo á Sé a darem muitas graças a Deus, e aca-

bado d'ahi a casa da Rainha, onde já acharam tanto alvoroço, tanto prazer e alegria, assi nella como em todas as damas, que não se pôde estimar. E logo houve muito grande e rico serão de muitas danças e bailos, alegrias e muitas festas.

E toda a gente da cidade foi posta com muita brevidade em danças e folias, com infindas tochas na praça e no Terreiro dos Paços, e por todas as ruas principaes, e tanta gente honrada e nobre, e assi a do povo, que não cabia, nem se viu nunca tanto alvoroço e alegria, e muitos velhos e velhas honradas com sobejo prazer foram juntos cantar e bailar diante de El-Rei e a Rainha, cousa de que suas edades os bem escusavam. Nos quaes entrou Ruy de Sousa, e Diogo da Silva, que depois foi conde de Portalegre, homens já de dias e de muita autoridade.

E em vindo El-Rei da Sé com o Principe e o duque, e com muito grande estado, lhe sahiu á rua cantando com um pandeiro na mão D. Briolanja Anriques, dona muito honrada, mulher d'Ayres de Miranda, e El-Rei com prazer a tomou nas ancas da mula e levou assi com muita honra onde a Rainha estava.

E não sómente foi isto nos paços d'Evora, mas em todo o reino, tanto que a nova foi sabida, sem mandado d'El-Rei, senão de suas proprias vontades faziam todas as festas que podiam.

E os cavalleiros dos logares dos extremos de Castella com a muita alegria d'esta nova se juntaram todos, e com as bandeiras dos logares partiam e se vinham todos a cavallo ao extremo d'ambos os reinos, e á vista d'ambos por sinal da paz que entre elles já havia, e do muito contentamento e prazer do dito casamento, abaixavam e alçavam muitas vezes as bandeiras com grandes gritas e prazeres, rogando todos a Deus por as vidas do Principe e Princeza, lem

brando-lhe quão poucos annos havia que com as ditas bandeiras sahiam dos ditos lugares com muito odio, guerras, pelejas e mortes d'ambalas partes, e agora com tanta paz e socego.

E logo ao outro dia, a terça feira pela manhã cedo, El-Rei, o Principe e o duque com todolos grandes e fidalgos da côrte, e a Rainha com suas damas e as senhoras donas honradas da côrte e da cidade, cavalgaram muito ricamente vestidos, e diante d'elles os mouros e judeus com suas toucas, guinolâs e festas, e assi todo o povo com muitas folias e invenções de prazeres, foram ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro a ouvir missa, e a dar a Deos e a Ella muitas graças, e lá no mosteiro comeram, e á tarde com grande estrondo de prazer se tornaram á cidade, em que pelas praças e ruas houve comeres mui abastados, e nos paços muitas danças e festas até acerca da manhã.

E logo á quarta-feira o pateo dos paços onde ora estão as bestas foi toldado por cima e todo ricamente armado com estrado real, e dorceis de brocado, e houve nelle momos reaes, muito ricos, em que entrou El-Rei com os senhores casados. E o Principe e o duque cada um per si, com muitos fidalgos de suas casas, e assi outros muitos fidalgos, todos com grande riqueza e singulares entremeses, e muita galantaria em perfeição, e foram tantos e tantas danças, que a noite não abastava. E á quinta feira houve na praça da cidade touros e canas a que El-Rei e a Rainha vieram com muito grande estado e riqueza, e todas as damas, com muita nobre gente.

CAPITULO CXVI

Da morte da Infanta D. Joana irmã d'El-Rei

ESTAS e outras muito maiores festas se ordenavam cada vez em maior perfeição e maiores despesas, senão fôra a morte da Infanta D. Joanna irmã d'El-Rei, que então se finou no mosteiro de Jesu d'Aveiro, onde estava solteira sem casar, e falleceu em idade de trinta e seis annos. De que El-Rei foi bem anojado, porque não tinha, nem teve outro irmão nem irmã, e queria-lhe muito grande bem, e estimava a muito por ser singular Princesa, de muitas virtudes, bondades e perfeições, muito catholica, devota e amiga de Deos, e muito obediente a El-Rei seu irmão, porque elle e a Rainha e o Principe tomaram grande dó, e os paças foram todos desarmados de panos ricos, e armados de panos azues, e assi toda a côrte tomou dó.

E El-Rei lhe fez logo muito solemne saimento com muita despesa em muita perfeição, no mosteiro de S. Francisco da dita cidade.

E sentio El-Rei muito sua morte por ser em tão poucos dias, que não houve tempo para elle a poder ir vêr e estar com ella em tal hora. Porque parecendo aos que com ella estavam que a doença não era de tanto perigo, o não fizeram saber a El-Rei, que por isso foi muito triste, e lhe pareceo que fallecer em tal tempo fôra em pendença do sobejo prazer e alegria que por este casamento tomara, que por El-Rei ser muito catholico todalas cousas que lhe succediam, se eram boas attribuia a Deos, e as más a seus pecados, dando com tudo louvores a Nosso Senhor.

CAPITULO CXVII

De como El-Rei e a Rainha de Castella notificaram o dito casamento a El Rei e á Rainha

TANTO que o embaixador Fernão da Silveira recebeu a Princesa em Sevilha, como fica dito, logo El-Rei e a Rainha de Castella o notificaram a El-Rei e á Rainha por suas cartas com palavras de muito amor e grande contentamento. E assi escreveo a Princesa ao Principe com muita prudencia e honestidade, as quaes cartas trouxeram moços fidalgos filhos de grandes senhores de Castella, a que foi feito muito agasalho e dado ricas mercês á partida.

E El-Rei, e a Rainha e o Principe, lhe responderam a El-Rei em muita conformidade com grande amor e alegria, e as respostas levaram outros nobres moços fidalgos, a que lá tambem muito favoreceram e fizeram muitas mercês, e estas visitasões d'ambas partes se fizeram muitas vezes até á vinda da Princesa.

E porque cumpria muito com cedo dar-se grande aviamento ás muitas e grandes cousas que El-Rei ordenava de fazer, com todo o sentimento da morte da Infanta não deixou de prover com muito cuidado e diligencia todo o que para a vinda da Princesa cumpria, que se esperava logo no Outubro seguinte, porque ordenou El Rei e quiz que seu recebimento fosse feito com as maiores honras, festas e cerimoniaes que nunca a outra Princesa nem Rainha foram feitas.

E logo para isso ordenou de ter em seus paços casa apartada, que se chamava das festas, em que se

não entendia em outro despacho. De que deu carregó a D. Martinho de Castel Branco, veador de sua fazenda, homem de muita confiança, e a elle muito aceito, e galante para o tal carregó, pois era para gentileza e galantaria, e com elle Anrique de Figueiredo, escrivão da fazenda, muito grande official e homem de muito bom saber, e assi outros officiaes para isso escolhidos, que entendiam em cuidar, praticar e ordenar todalas cousas que lhe pareciam serem mais convenientes e necessarias para mais cumprimento e maior perfeição das festas, por que El-Rei ordenou e mandou que fossem as maiores e mais reaes, e perfeitas que se podessem fazer, assi nas cousas que tocavam ás cerimonias reaes que nas visitasões e recebimentos se esperavam, como em aposentamentos e abastança de mantimentos e outras muitas policias, e sala da madeira para banquetes e consoadas, e justas, momos, touros e canas e entremeses. E principalmente de ouro e prata, brocados e seda para El-Rei fazer mercês, e tapeçarias e ricos panos, cavalos, arneses, lanças e armeiros, borladores e officiaes de chaparias e canotilhos, ourives, esmaltadores, jaezes e douradores, ginetes e mulas e sirgueiros. E assi frutas, conservas, espeçarias, assucares, meles e manteiga, carnes, caças e pescados e todo o mais que cumpria. O que tudo logo se proveo com tempo antes d'haver necessidade de nada; e escolheo logo para cada carregó homens que lhe pareceu que o melhor saberiam fazer, e os mais autos que no reino para isso achou, e tudo se fez com tanta diligencia, abastança e perfeição, e as festas foram em tudo tão reaes e tão ricas, que já em Hespanha para sempre serão lembradas, sós, e sem comparação.

E entre as cousas que El-Rei com os deputados ordenou, foram algumas as seguintes:

Primeiramente El-Rei por suas cartas, e com palavras de grande confiança, amor e prazer, notificou o dito casamento a todos os prelados, senhores e fidalgos principaes de seus reinos, e os convidou para as festas d'elle, encomendando a todos que trouxessem consigo sómente os continos de suas casas, e que de suas pessoas, casas, camas e mesas viessem apercebidos quanto melhor podessem, para que com honra e abundança podessem agasalhar e festejar os senhores estrangeiros que ás festas viessem. E a muitos escreveu e encommendou que trouxessem suas mulheres, como trouxeram, mui ricamente ataviadas.

E enviou com muita diligencia e muita abundança de dinheiro muitas pessoas por mar e por terra a Levante e ao Poente a comprar todas as cousas que para arreio e cumprimento de tão ricas festas eram necessarias. E ainda para maior perfeição d'ellas mandou notificar a todas as gentes e nações do mundo, que poderiam ás ditas festas trazer, ou enviar suas joias, brocados, tellas, sedas e ricos panos, e todas as outras cousas que para ellas fossem necessarias, e os franqueou geralmente de todos os direitos que d'ellas houvessem de pagar, e que o preço d'ellas podessem tirar em ouro ou em prata, e assi se cumprio mui inteiramente.

E mandou logo uma caravella mui armada a Italia com feitores, pessoas de que confiava, com grande soma d'ouro que compraram e trouxeram grande soma de ricos brocados, tellas d'ouro e de prata, e muitas e mui ricas sedas, e assi muita pedraria e outras muitas cousas para as ditas festas, assi para arreios e vestidos das pessoas reaes e suas salas, camaras, camas, e guarda roupas, como para toda a côrte. E tanta foi a quantidade que dos ditos brocados e sedas se comprou, e para o dito casamento foram necessarias, que

para as receitas que levavam não abastaram quantas acharam em Genoa, Florença e Veneza, especialmente brocados e sedas, que ainda deixaram muitas fazendo-se nos teares, que depois foram trazidas.

E porque na cidade de Lisboa, principal do reino, ao tal tempo morriam de peste, e por isso se não podiam fazer nella as ditas festas como El-Rei por maior perfeição desejou, determinou que fossem na cidade de Evora, que é a segunda do reino, e posto que nella houvesse nos paços aposentamentos em que El-Rei e a Rainha, o Principe e a Princesa se podessem bem agasalhar, porém por que todas as cousas do dito casamento fossem em grande perfeição, mandou El Rei sem embargo de grande brevidade do tempo acrescentar e fazer nos paços muitos aposentamentos de novo com grandes salas e camaras para si e para o Principe e Princesa. E quiz que a brevidade do tempo se cumprisse com grande soma de dinheiro, e infinitos officiaes, que nas ditas obras andavam, que era cousa espantosa, o que logo assi se fez e cumprio com tanta diligencia e perfeição, que parecia cousa impossivel, mas os officiaes eram tantos de todos os officios que juntamente lavraram, que era cousa muito para vêr, e em seis mezes fizeram obras que houveram mister bem de annos.

Mandou mais vir de Allemanha, Flandres, Inglaterra e Irlanda em navios, muitas e mui ricas tapeçarias, e pannos de lã muito finos, e outros forros e facaneas formosas, e muita prata em pasta. Muitos e bons cosinheiros, muitos menistrís altos e baixos, cuja vinda e aviamento d'estas cousas custou muito dinheiro. E assi mandou de Castella e outras partes, vir muitos ourives para fazerem arreios, e outras cousas esmaltadas, e muitos douradores, e todos os bons officiaes de todos os officios, e assi os mercadores pe-

los favores e liberdades que recebiam acudiam de muitas partes onde El-Rei estava.

E todos os brocados, telas d'ouro e sedas que vieram de Italia, e assi outros infinitos que mandou comprar e trazer das feiras das cidades e villas de Castella, mandou El-Rei recolher ao thesouro de sua casa. Das quaes cousas a seus cortezaõs e a outros muitos do reino e fóra d'elle fez muito grandes e liberaes mercês. E a outros que assi o queriam por lhes fazer mercê mandava dar emprestado todo o que do thesouro haviam mister, e o thesourciro recebia depois os pagamentos pelas tenças e desembargos que do dito senhor tinham, até tempo de dois annos. E os preços das cousas que assi recebiam eram por juramento apreçados em sua justa avaliação, que foi grande aviaamento e mercê aos homens acharem o que queriam fiado por seu justo preço, e não no mandarem comprar fóra onde em tal tempo lhe custava o dobro.

E ordenou que a todo fidalgo que quizesse justar lhe fosse dado cavallo e armas, que houvesse de muitas partes, e para ajuda da despesa da justa duzentos cruzados de mercê em brocados e sedas, quaes quizessem, que lhe logo eram dados no thesouro. E aos fidalgos que não justavam, e fossem para dançar e fazer momos, que aos que em momos quizessem entrar dessem a cada um de mercê nos ditos brocados e sedas cem cruzados, e a alguns duzentos, segundo as calidades de suas pessoas, e isto assi da justa como dos momos por ordenança, sem por isso beijarem a mão a El-Rei, nem tirarem despacho algum.

E a todos seus Officiaes môres, Mordomo môr, Veador da fazenda, Guarda môr, Camareiro môr, Porteiro môr, Veador e Mestre salas, fez muito grandes mercês e a todos os outros vestidos de ricas sedas e brocados, e outras mercês. E a todos os moços da ca-

mara e da capela, porteiros da maça, reis d'armas, arautos e passavantes, moços da estribeira e reposteiros deu vestidos de finas sedas, e muitos moços da estribeira foram vestidos de ricos brocados. E aos pajes que eram quatro, afóra o paje da lança, deu muitos e muito ricos vestidos, e assi a muitos moços fidalgos.

E assi foi ordenado e feito forçamento, como despesa necessaria e principal, quanto se poderia dar de mercê e dadivas por El-Rei e Rainha e o Principe ás pessoas de toda calidade que ás festas viessem, assi em ouro amoedado como em coraes, joias, baixellas de prata lavrada e brocados, sedas, cavalos e escravos; o que tudo se cumprio em muito grande abastança, porém as festas e cumprimento d'ellas socederam de maneira que a despesa d'estas cousas passou muito pela ordenança, o que tudo se cumprio com muita grandeza e louvor d'El Rei.

E mais segourou El-Rei por dois annos as rendas de todos aquelles que para despesa das festas as arrendassem anticipadas, quer fossem ecclesiasticas quer seculares, e deu a todas as pessoas que ás festas por seu mandado viessem, espaço de um anno para a paga de suas dividas, de qualquer calidade que fossem, e outro anno ás demandas; e isto não se entendia quando as taes dividas e demandas tambem tocavam a pessoas que viessem ás festas, porque em tal caso este privilegio não havia lugar.

E proveu-se mais de muita infinita cera, que para festas é adição mui principal, a qual cera se houve de Berberia e de Guiné. E assi de muitas frutas verdes, e de tamaras, assucares e conservas, especearias, meles, manteiga, arroz, e todas as outras cousas d'esta calidade em muito grande abondança para banquetes e consoadas.

E proveu-se nos portos de mar com dinheiro, que lá foi enviado por pessoas para isso ordenadas que fizessem sempre pescar todos os pescados d'estima e enviar-os á côrte com muita pressa, uns frescos e outros em conservas. E mandou que de todas as comarcas derredor fosse trazido por contribuição geral muito trigo dos lavradores, farinhas e cevadas, vaccas, carneiros, porcos, e outras calidades de mantimentos, porque nunca faltasse, e sempre sobejasse. E estas cousas se repartiam ordenadamente, e com proveito e prazer de seus donos.

E ordenou mais que os caçadores de toda sorte, e os pescadores de rios d'aquellas comarcas, depois da Princesa ser entrada em Portugal e as festas durassem, continuadamente caçassem e pescassem por giros, e as caças e pescados enviassem logo á côrte por troteiros que para isso eram ordenados.

E ordenou mais que de todo o reino por mar e por terra seus al'moxarifes e officiaes mandassem á côrte galinhas, capões, patos e adens, pavões e outras muitas aves; e mandaram tão grande numero d'ellas, que foi certo que as ditas aves durando as festas comeram mais de cem moios de trigo, porque tanto se levou em conta e despesa aos officiaes que d'ellas tinham carregos em casas e quintaes que lhe para isso deram, e lhe davam de comer muito e beber para que estivessem gordas.

Ordenou que das partes ao redor d'Evora mais chegadas constrangessem os lavradores criadores para trazerem junto da cidade muitas vacas e cabras paridas para manjares de leite, e assi porcas com leitões e vacas com vitelas, as quaes cousas seus donos vendiam ás suas vontades, mas honestamente.

E mandou que de todas as comarcas ao redor fossem trazidas a Evora muitas camas, porque as da ci-

dade para a muita gente que chegava não podiam abastar, e estas foram entregues a pessoas deputadas que as davam e depois recolhiam por boa e segura arrecadação, todas com sinaes para saberem cujas eram e se darem a seus donos.

E assi mandou que de todas as mourarias do reino viessem ás festas todos os mouros e mouras que soubessem bailar, tanger e cantar, e a todos foi dado mantimento em abundância, e vestidos finos, e em fim lhe foi feita mercê de dinheiro para os caminhos. E mandou que dos lugares mais perto viessem mancebos, gentis homens, e moças formosas que soubessem bem cantar e bailar, para builos e folias, e a todos foi dado de vestir de pannos finos, e comer em abundância, e acabado, dinheiro para os caminhos; e eram todos vestidos de librés. E foram ordenadas na cidade cinco praças que de toda qualidade de mantimentos foram sempre muito abastadas e muito providas a toda hora, e na principal praça da cidade em durando as festas não se vendeo cousa alguma porque foi sómente para as justas e festas ordenada.

CAPITULO CXVIII

Da grande sala de madeira que El-Rei mandou fazer

PORQUE NOS paços todos não havia casa tão grande, e em que tanta gente se podesse agasalhar, havendo ahi grandes salas, mandou El-rei fazer uma sala nova de madeira por grande engenho e artificio, e cousa grande, que se fez onde era a horta de S. Francisco, pegada com a porta do mosteiro e os paços, que jazia ao longo norte e sul; ta-

manha que era de longo de trezentos palmos, e de largo de setenta e cinco palmos, e de alto de setenta e dois palmos. Foi armada das paredes sobre grandes e fortes mastros, que com grande custo de Lisboa foram trazidos, e entre os mastros de paredes e taipas, e por cima armada de mastros delgados, e outras madeiras, e cuberta de taboado trincado e calafetado e breado como não de madeira, que não podia chover nella gotta d'agoa. E de dentro era toda das paredes e de cima armada e toldada de ricos e formosos lambéis, cousa nova, que parecia muito bem pela differença que tinha dos brocados e tapeçaria.

Tinha a porta principal muito grande com as portas muito bem pintadas, no topo contra o norte, e no outro topo era feito um muito grande estrado real, que chegava de parede a parede, a que subiam por muitos degraos, tudo alcatifado de ricas alcatifas. E contra o poente tinha uma porta junto do estrado, de que se serviam para os paços, por onde as pessoas reaes vinham e iam; tinha quatro casas de fóra pegadas nella com muito grandes arcos altos nas paredes da sala, dois de cada banda, que a faziam ainda parecer maior, para muitos ministris que nellas estavam muito altos e bem agasalhados, d'onde tangiam á sua vontade. E um muito grande cadafalso á entrada da porta á mão esquerda para trombetas bastardas e atambores, de muitos degraos, em que estavam assentados á sua vontade, sem tolherem vista uns aos outros.

E á mão direita era feita uma muito grande e muito alta copeira de muitos degrãos, a maior que nunca vi, que tomava da porta até á parede da sala, e tinha tanta e tão rica prata, e tantas e tamanhas e ricas peças, que era cousa espantosa e de grande maravilha. E ao longo da sala de cada parte foram feitos uns

estrados, que chegavam de junto da copeira e cada-falso das trombetas até junto do estrado real, a que subiam por degrãos, e tinham de cada parte duas grades de páo, muito bem lavradas, uma que estava no chão ao pé dos degrãos, e a outra no degrão de cima. Isto para nos degraos vazios entre uma grade e outra se recolher e estar muita gente sem pejar a sala e verem todos muito bem sem tolherem vista uns aos outros, os quaes eram pessoas honradas, cortezãos e cidadãos, que ali entravam por mandado dos mestres salas, e da grade de cima estavam as mesas e os servidores que d'ellas estavam ordenados, os que eram necessarios, e mais não. E as mesas que estavam em todo cima, com seus assentos encostados ás paredes, eram por todas quatorze mesas muito grandes, sete de cada parte, em que cabia muita gente, e no meio d'estes estrados ficava a sala despejada em muito grande largura, e o chão bem argamassado. E ao longo da sala em direito das primeiras grades, estavam altos pendurados no ar por polés que vinham de cima do madeiramento trinta castiças muito grandes, e muito bem feitos em cruz, e dourados, e em cada um estavam quatro tochas, e debaixo de cada castiçal bacios muito grandes, em que as tochas pingavam por não pingarem sobre a gente. De maneira que durando as festas, na sala sempre no ar ardiam cento e vinte tochas, além das com que os pages serviam, que era cento, fóra os brandões que estavam pelas mesas, e na copeira, que eram muitos e seriam por todos perto de trezentas tochas e brandões acesas, que ficava a sala tão clara como se fosse de dia.

CAPITULO CXIX

De como El-Rei despejou a cidade e mandou metter nella muito gado

SENDO já feitas muitas e grandes despesas para as ditas festas, e as mais principaes, por a muita gente que vinha de muitas partes e de Lisboa, onde morriam, em Evora houve rebates de peste, de que El-Rei foi muito triste, porque se mais mal fosse as festas se não poderiam fazer com aquella perfeição que elle tinha ordenado. E por vêr se poderia atalhar isto com que a todos tanto pesava, accordou com conselhos dos fisicos que antes do entrelunho de Setembro, em que os ares corruptos tinham mais força, toda a gente da cidade e da côrte se sahisse d'ella, como logo sahio, por espaço de quinze dias. Nos quaes El-Rei andou fóra pelas Alcaçovas e Vianna, esteve na quinta da Oliveira, onde a primeira vez justou, e a gente toda por quintas, herdades e hortas, e em tendas no campo. E a cidade foi cheia de infindo gado vacuum sem conto, que de toda a comarca veio, e por mandado d'El Rei ahi foi trazido, e nella dormia de noite e o mettiã ao sol posto, e já bem de dia o levavam seus donos a comer fóra.

E porque todas as fazendas dos cortesãos e moradores ficavam dentro na cidade em suas casas e pousadas sem levarem mais que camas e mesas, houve ahi grandes guardas, homens de fiança e recado, na cidade repartidos pelas ruas, e assim fóra dos muros, para que ninguem podesse entrar nem sahir, muitos cavalleiros da guarda que a roldavam, com que tudo

estave tão seguro, que se não achou menos cousa alguma de quanto na cidade ficou, nem sómente fechadura de porta com que se bolisse.

E acabado os quinze dias o gado todo se levou, e a cidade foi toda muito limpa, e todas as ruas e casas defumadas e caiadas antes d'El-Rei entrar n'ella. E assi no entrelunho de Outubro depois da gente estar dentro, El-Rei mandou que todos os escravos e negros que na cidade havia se sahisses fóra por dez dias, sob pena de se perderem, e assi se fez.

E por estas grandes diligencias, e principalmente pela piedade de Deus, a quem se fizeram juntamente com isso muitas devoções e esmolos, a cidade ficou de todo sã, de que El-Rei e todos foram muito alegres por se poder fazer nella o que estava ordenado.

CAPITULO CXX

De quando a Princesa partiu para estes reinos

E sendo assi prestes todas as cousas para a vinda da Princesa, El-Rei o mandou logo notificar a El-Rei e á Rainha de Castella, que estavam na cidade de Borba, para que podessem logo mandar a Princesa sua filha.

E tanto que o recado lhe foi dado partiram com ella, e em pequenas jornadas vieram até o lugar de Costantina acompanhados do Principe seu filho, e de muitos grandes, e d'ali com muitas lagrimas e grande saudade a Princesa lhe beijou as mãos, e se despediu d'elles, e elles lhe deitaram suas benções, e d'ahi se tornaram a Borba, e a Princesa começou seu caminho a dez dias do mez de Novembro, e vinha com ella o

Cardeal D. Pero Gonçalves de Mendoza, Arcebispo de Toledo, e o Mestre d'Alcantara, e o conde de Benavente, e o conde de Faria, o Bispo de Jaem, e D. Pedro Portocarreiro, e Rodrigo de Ilhoa, Contador mór, que vinha por embaixador, e assi outros muitos ricamente aparelhados.

E trazia a Princesa comsigo nove damas, filhas de grandes e nobres homens de Castella e Aragão, e vinha por sua aia e camareira mór D. Isabel de Sousa, portugueza, mulher muito fidalga e prudente, e de mui honesta vida, e outras mulheres e officiaes de sua casa.

Chegou a Princesa com todos os que com ella vinham á cidade de Badajoz, sexta feira dezanove dias do dito mez de Novembro. E todas as jornadas que fazia era El-Rei sabedor d'ellas por paradas.

CAPITULO CXXI

De como a Princesa foi entregue em Portugal

DEPOIS d'El-Rei saber o dia que a Princesa havia de ser entregue em Portugal, ordenou que em seu recebimento e entrega que no extremo dos reinos se havia de fazer, fosse em nome do Principe o duque D. Manoel, primo com irmão d'El-Rei, e irmão da Rainha, filho do Infante D. Fernando, e primo com-irmão da Rainha D. Isabel de Castella, que levava poder especial do Principe.

E mandou El-Rei com elle o Bispo de Evora D. Affonso, filho do marquez de Valença e primo com-irmão da Infanta D. Breatiz, homem de muita auctoridade, e o Bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida, e o conde de Monsanto, e o conde de Cantanhede, os

quaes muito acompanhados de muitos fidalgos e cavalleiros chegaram á cidade de Elvas o dia que a Princesa chegou a Badajoz. Todos com grande riqueza e perfeição de corregimentos de suas pessoas, casas e servidores.

E segunda feira, a vinte e dois dias de Novembro, a Princesa partiu da cidade de Badajoz acompanhada do Cardeal e todos os senhores que com elle vinham, e com a gente da cidade e suas danças. E no mesmo dia sahiu o duque com todos os senhores que com elle iam da cidade de Elvas, grandemente acompanhado da nobre gente que com elle vinha, e mais com toda a gente da cidade e outra muito comarcã que ahi veio, e dentro em Castella se foi para a Princesa que o recebeu com grande honra e muito amor, por ir em nome do Principe e ser primo com-irmão da Rainha D. Isabel sua mãe, e assi fez muita honra ao Bispo d'Evora por ser parente seu tão achegado, e aos outros senhores, e assi vieram junto até á ribeira de Caya, que é o marco do reino.

E depois de o doutor Vasco Fernandes de Lucena, Chançarel da casa do cível ahi fazer uma pratica dirigida á Princesa em nome d'El-Rei e do reino, o Cardeal entregou a Princesa ao duque, com as ceremonias acostumadas, e depois de entregue elle e muitos senhores se despediram d'ella e se tornaram, e com ella vieram muitos até Elvas, onde a Princesa foi grandemente recebida com paleo de rico brocado e muitas festas, e foi aposentada no mosteiro de S. Domingos, e as salas, camaras, e camas, eram por mandado d'El-Rei armadas de ricos brocados, e alli foram feitos e dados á Princesa grandes presentes de cousas de comer.

E ao outro dia terça feira vinte e tres do mez, a Princesa com o duque e outros senhores todos foi

dormir a Estremoz, onde chegou já noite, e foi recebida com outra pratica, e grande triumpho de festas, com paleo de rico brocado, e assi de grandes presentes.

E nos lugares onde chegava, assi de caminho de-baixo de paleo ia primeiro fazer oração á egreja principal, e d'ahi a seus aposentamentos.

E pelas torres e muros, e lugares mais altos da cidade e villas havia muitas bandeiras de suas côres e armas, e muitos tiros de fogo, que em chegando todos juntamente tiravam, e muitas festas e folias de homens e moças muito bem vestidas, e as ruas armadas de tapeçarias, enramadas e espadanas.

E aqui em Estremoz foi a Princesa decer á egreja de Santa Maria, junto do castello, onde o Bispo de Vizeu D. Fernão Gonçalves de Miranda a recebeu com solemne procissão, e d'ahi se foi a pé com infin-das tochas a seu aposentamento 'que era ahi perto, concertado em tudo com grande riqueza e perfeição.

CAPITULO CXXII

De como El-Rei e o Principe foram vêr a Princesa a Estremoz, e como foram ahi recebidos

PORQUE El-Rei desejava muito de vêr a Princesa a quiz ir vêr a Estremoz aforrado com o Principe e alguns principaes do reino a elle mais aceitos, o mesmo dia que ella ahi chegasse. E foram todos vestidos de caminho, e para o tempo os mais ricos, mais galantes e escolheitos que podiam ser, com muitos brocados, tellas e chapados e ricos forros, e singular pedraria, e em estremo ataviados.

Chegaram a Estremoz á hora que a Princeza entra-

va, e se foram decer a casa do duque, com quem aquella noite pousaram. E logo a Princesa soube como elles ali eram e a queriam ir vêr, e com grande alvoroço, prazer, e alegria não pôde comer, e de pressa se levantou da mesa e logo se vestio, e assi suas damas, e mandou concertar suas casas como cumpria. E El-Rei e o Principe com esses que com elles vinham se foram para ella, e a Princesa os veio esperar em pé no topo de uma escada, e em El-Rei chegando acima ella se pôs em joelhos para lhe beijar as mãos, e El-Rei com muito amor, mui alegre, com muita cortesia lhas não quiz dar, e com as mãos a levantou e deu lugar ao Principe, e ambos com os joelhos em terra se abraçaram, e El-Rei posto á mão esquerda da Princesa, e o Principe á direita, se foram assentar em um estrado ricamente concertado, e El-Rei tendo a Princesa pela mão, com muito prazer e alegria lhe disse com muita discrição algumas palavras de quanta gloria e contentamento tinha em vêr cousa tanto estimada e que seus olhos tanto desejaram vêr, e de quão satisfeito e alegre era com sua vista.

E a Princesa lhe respondeu com palavras de muita prudencia, honestidade e discrição, de que El-Rei ficou muito contente por vêr que respondiam com a fama que d'ella já tinha sabida.

E acabadas estas falas El-Rei houve por bem que além do solenne recebimento que em Sevilha se fizera por procuração do Principe, elle em pessoa a tornasse ali a receber por sua mulher como logo recebeu, por palavras de presente como manda a Santa Madre Egreja de Roma, nas mãos de D. Jorge da Costa, Arcebispo de Braga. E acabado houve ali muitas danças e festas, e depois de acabadas El-Rei e o Principe se despediram d'ella e recolheram a casa do

duque, onde aquella noite foram muito bem banqueados, agasalhados e servidos.

E ao outro dia pela manhã cedo El-Rei e o Principe se foram diante a Evora, e a Princesa com o duque e os Bispos de Evora e de Coimbra, e os condes de Monsanto e Cantanhede, e Rodrigo de Ilhoa, embaixador, se foram ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, onde já chegaram de noite, e a egreja e aposentamentos estava tudo concertado em muito grande perfeição.

E logo á quinta-feira seguinte El-Rei e a Rainha e o Principe, com toda a côrte e muito grande triunfo foram ao mosteiro de Nossa Senhora, e depois que a Rainha com grande contentamento, prazer e alegria vio a Princesa, que ainda a não vira, se vieram todos á egreja do dito mosteiro, onde pelo Arcebispo de Braga lhe foram feitas as benções pela Santa Madre Egreja ordenadas, e o Arcebispo disse missa solemne, e acabada, a Princesa se despedio d'elles e se recolheu 'a seu aposentamento, e El-Rei e a Rainha e o Principe se tornaram com grande estado real á cidade.

E a sexta-feira e ao sabado esteve a Princesa no dito mosteiro, onde d'El-Rei e do Principe por suas pessoas foi sempre visitada. E segundo fama antes d'ella entrar na cidade, alli nas casas do mosteiro onde pousava, teve o Principe ajuntamento com ella, o que de muitos foi estranhado por ser em casa de Nossa Senhora, e de tanta devoção.

E affirmou-se por mui certo que naquella noite cahio da parede da egreja uma ameia junto da camara d'onde jouveram, a qual ameia até hoje não foi concertada, e está assi por memoria que os frades d'isso fizeram.

CAPITULO CXXIII

Da entrada da Princesa em Evora, e do real recebimento que lhe foi feito

Ao domingo vinte e sete dias de Novembro, do dito anno de mil e quatrocentos e noventa, que era o dia ordenado para a entrada da Princesa em Evora, El-Rei, depois de comer, cavalgou acompanhado de todos os grandes e Prelados e nobre fidalguia, e toda sua côrte, e a melhor vestida, e mais rica gente que até então nestes reinos se vio, e sem o Principe se foi ao dito mosteiro com grandissimo estado, e muito grande estrondo de festa.

Diante d'elle vestidos de ricas sedas, e muito bem encavalgados muitos trombetas bastardas, e muitos atambores, muitas charamellas e sacabuxas, muitos porteiros de maça, muitos reis d'armas, arautos e passavantes, e o porteiro-mór, e quatro mestres salas, e o veador e os veadores da fazenda, e o mordomo-mór, e todos uns entre outros nesta ordem, e muitos cavallos á destra ricamente arraiados, e derredor d'El-Rei muitos moços d'estribeira vestidos de brocado.

E El-Rei ia vestido á franceza, com uma opa roçagante de rica tella d'ouro, forrada d'arminhos, e em cima uma rica e grande cadeia de pedraria, e um pelote de brocado, forrado de ricas martas com muitos golpes, e nelles ricos firmaes de pedraria e ricas perlas, e uma rica adaga d'ouro em uma rica cinta e um chapeo branco com um penacho branco, e em cima de um mui formoso ginete ruço pombo, a brida com riquissima guarnição, e detrás d'elle seus pajes ricamente vestidos, e muitos senhores e nobre gente.

E do mosteiro até á cidade havia muitos entremeses da gente do povo, e dos judeus e mouros, e o caminho muito concertado e limpo, tudo em perfeição, e cheio de gente com muitas folias de foliães e moços muito bem vestidos.

Chegou El-Rei ao mosteiro, e a Princesa que já estava prestes sahio logo vestida com muita riqueza e grande galantaria, e assi todas suas damas. Ella em uma mula mui ricamente arraiada, e as damas em mulas com ricas guarnições, e diante d'ella muitas trombetas e atabales, charamelas e sacabuxas, muitos porteiros de maça, e reis d'armas d'El-Rei e da Rainha de Castella, vestidos de ricas sedas e bem encavalgados, e seus mestres salas, veador e mordomo-mór ricamente vestidos. E o estrondo de todas as trombetas e atambores, ministrís altos d'El-Rei, da Princesa e do duque e muitos senhores que os levavam era cousa espantosa.

E em a Princesa saindo, El-Rei se foi a ella, e com muito grande cortesia se pôs á mão esquerda, e assi vieram caminho da cidade, e a Princesa ainda que a El-Rei não levava pela mão, porque era mui prudente e mui cortez, tirou a luva da mão daquella parte d'onde El-Rei ia, e sempre levou a mão descuberta, que logo se julgou por mulher de muito primor e de grande acatamento, e assi vieram.

O caminho era cheio de tanta e tão nobre e rica gente, qual se nunca vio, e á ponte d'Enxarama estavam juntos de uma parte e da outra, sahindo d'ella setenta fidalgos juntos todos, de ricas opas de brocados e tellas d'ouro, com ricos forros, grandes e ricos collares e cadeias d'ouro, e as bestas ricamente guarnecidas, de que se os castelhanos espantaram, principalmente das invenções e galantaria.

Chegaram á porta d'Avis, onde eram muito

bem feitos grandes arcos triunfaes e nelles fadas que fadavam a Princesa, cada uma de sua cousa. E entre as portas d'Avis era feito o paraizo muito grande, muito alto, ricamente ordenado com todalas ordens do ceo, com muito ouro e muita riqueza concertado, cousa de muito custo, e havia nelle singulares cantores, cousa muito para folgar de vêr e ouvir. E estando El-Rei e a Princesa dentro, á porta da cidade se fez uma pratica á vinda e entrada da Princesa, e acabada os do paraizo com singulares estroamentos que tangiam, e os cantores que cantavam suavemente, fizeram uma espantosa musica, e assi se fizeram outras muitas e mui concertadas representações, e alli á porta da cidade se deceram todos a pé, salvo El-Rei, a Princesa e suas damas, e com cada dama um fidalgo castelhano. E o duque e o senhor D. Jorge postos a pé, cada um de sua parte, levaram a Princesa pelas redeas da mula, e ás estribeiras iam condes e grandes senhores. E El-Rei atou o rico e honrado cordão da Garrotea ás redeas da mula da Princesa, e por sua honra a levou assi. E postos ambos debaixo de um grande paleo de rico brocado e bordado, que levavam os regedores principaes da cidade, entraram assi.

E as ruas da porta d'Avis até á Sé, e da Sé até os paços; e toda a praça eram de cima todas toldadas de panos finos de côres, postos sobre muitos mastros que de Lisboa e outros portos de mar foram trazidos, todos forrados dos mesmos panos, com infinitas bandeiras, e as ruas todas armadas de panos de seda, e ricas tapeçarias. E pelas janellas e portas postas muitas joias, e muitos ramos de louro e lorangeira, e o chão todo d'aquella hora espadanado, e muitos perfumes ás portas, e na praça e em outros lugares houve muitos cadafalsos de muitos e mui naturaes entre-

meses e representações, tudo com muita riqueza, concerto e grandissima perfeição. E assi com este tão grande triumpho e ordem chegaram á Sé, onde foram recebidos com muito solemne procissão, e depois de fazerem oração, e a Princesa beijar o santo lenho da vera Cruz que lhe foi offerecido, tornaram a cavalgar, e na mesma ordem primeira chegaram aos paços já de noite, com infinitas tochas que levavam todos os moços fidalgos, e assi moços da camara vestidos de ricas sedas e brocados.

E decidos El-Rei levou logo a Princesa a seu aposentamento, e na sala estava já a Rainha e o Principe, e muitas senhoras honradas, donas e damas, tudo em tanta ordem e tão ricamente armado de ricos brocados, e concertado, que mais não podia ser, e naquella noite antes da ceia, e depois, houve grandes festas e danças em que todas as pessoas reaes dançaram, e assi outros muitos com muito prazer e alegria.

E neste dia houve dozentos senhores homens vestidos á francesa de opas roçagantes, as cento e vinte de ricos brocados e tellas d'ouro chapados e todas ricamente forradas, e as oitenta eram de ricas sedas forradas de brocados, e ricos forros com muitos canotilhos e borlados.

E assi houve outros muitos vestidos de tabardos, capuzes abertos de ricas sedas e brocados, e ricos forros, e invenções á gineta com muito ricos arreios, e todos com muitos moços d'esporas, e pages vestidos de sedas e brocados, e as bestas com riquissimas guarnições e jaezes, e elles com infinitos collares e grandes cadeias d'ouro, ricos cintos e espadas, e adagas, e muitos firmaes d'ouro de martello, e outras tantas policias que creio que em Hespanha nunca outro tal dia se vio, nem ouvi que em outra parte nenhuma o vissem.

CAPITULO CXXIV

Do primeiro banquete de ceia que El-Rei deu na sala da madeira

LOGO á terça feira á noite houve banquete de ceia na sala da madeira, em que El-Rei e a Rainha, e o Principe e a Princeza comeram, e com elles o duque e o senhor D. Jorge, e Rodrigo de Ilhoa, embaixador, todos em uma grande mesa, com muito grandes dorceis de brocado, que tomavam toda a sala atravez, e na primeira mesa da mão direita comia o marquez de Villa Real com as senhoras donas e damas, e na primeira da mão esquerda o Arcebispo de Braga, e o Bispo d'Evora, e Bispos, e condes, e pessoas principaes do conselho, que eram muitos de uma parte e da outra, assim homens como mulheres.

E a mesa d'El-Rei com todos os officiaes vestidos de brocados, e servida por moços fidalgos que serviam de tochas e bacios, ricamente vestidos. E as outras mesas todas com trinchantes e officiaes vestidos de ricas sedas e brocados e mui galantes, e assi os moços da camara ordenados a cada mesa, todos vestidos de velludo preto. No qual banquete houve infinitas e diversas iguarias e manjares, e singular concerto e abastança, e muitas e assinadas cerimonias. E quando levavam á mesa d'El-Rei as iguarias principaes e fruta primeira e derradeira, e de beber a elle e á Rainha, e ao Principe e Princeza, iam sempre diante dois e dois muitos porteiros de maça, reis de armas, arautos e passavantes, os porteiros môres, quatro mestres salas, o veador, e os veadores da fazenda, e detráz de todos o Mordomo-mór, e todos

iam com os barretes na mão até o estrado, onde faziam suas grandes medidas, e os veadores da fazenda iam com os barretes na cabeça até o meio da sala, e do meio por diante os levavam na mão, e o Mordomo-mór ia sempre coberto até o fazer da medida, que juntamente fazia e tirava o barrete. E era tamanha cerimonia que durava muito cada vez que iam á mesa.

E o estrondo das trombetas, atambores, charamelas e sacabuxas, e de todos os ministros era tamanho que se não ouviam, e isto se fazia cada vez que El-Rei, a Rainha, o Príncipe e a Princesa bebiam, e vinham as primeiras iguarias á mesa; e a copeira era cousa espantosa de vêr.

E logo á entrada da mesa veio uma grande carreta dourada, e traziam-na dois grandes bois assados inteiros, com os cornos e mãos e pés dourados, e o carro vinha cheio de muitos carneiros assados inteiros com os cornos dourados, e vinha tudo posto num cadafalso tão baixo com rodetas por fundo d'elle, que não se viam, que os bois pareciam vivos e que andavam.

E diante vinha um moço fidalgo com uma aguilhada na mão picando os bois, que parecia que andavam e levavam a carreta, e vinha vestido como carreteiro com um pelote e um guabão de veludo branco forrado de brocado, e assi a carapuça, que de longe parecia proprio carreteiro, e assi foi offerer os bois e carneiros á Princesa, e feito o serviço os tornou a virar com sua aguilhada por toda a sala até sahir fóra, e deixou tudo ao povo, que com grande grita e prazer foram espedaçados, e levava cada um quanto mais podia.

E assi vieram juntamente a todas as mesas muitos pavões assados com os rabos inteiros, e os pescoços

e cabeça com toda sua pena, que pareceram muito bem por serem muitos, e outras muitas sortes de aves e caças, manjares e frutas, tudo em muito grande abundança e muita perfeição.

E houve ahi uma muito grande representação de um Rei de Guiné, em que vinham tres gigantes es-pantosos, que pareciam vivos, de mais de quarenta palmos cada um, com ricos vestidos todos pintados d'ouro, que parecia cousa muito rica, e com elles uma mui grande e rica mourisca retorta, em que vi-nham duzentos homens tintos de negro, muito gran-des bailadores, todos cheios de grossas manilhas pelos braços e pernas, douradas, que cuidavam que eram d'ouro, e cheios de cascaveis dourados, e muito bem concertados, cousa mui bem feita e de muito custo por serem tantos, e em que se gastou muita seda e ouro, e faziam tamanho ruido com os muitos casca-veis que traziam, que se não ouvia com elles, e assi houve outras representações, e depois da ceia muitas danças e outras muitas festas que quasi toda a noite duraram, cousa certo para vêr.

CAPITULO CXXV

De outro banquete que El-Rei deu na sala da madeira

MUITAS e grandes festas se fizeram todolos dias e noites até domingo, cinco dias de Dezem-bro, em que houve outro segundo banquete na dita sala da madeira, de muitas mais invenções, abastança e gentileza, e de muito mais policias, e muito melhor servido que o primeiro.

E era cousa formosa para vêr as mesas como esta-

vam ordenadas, que em cada uma havia tres grandes bacios de iguarias cobertos, e em cima dos dois dos cabos estavam tendas de damasco branco e roxo, que eram as côres da Princesa; as tendas eram borladas e muito galantes, com muitas bandeirinhas douradas, e eram grandes de dez covados cada uma. E na iguaria do meio estava um castello de feição de tribulo, feito de madeira sotil, e pano de tafetá dourado, com tantos chapiteos e bandeiras, tudo dourado, que era muito formosa cousa, e de muito custo.

E em entrando na sala estavam as mesas tão formosas e tão guerreiras, que eram muito para folgar de vêr, e cousa nova, que ainda se não vira, e as tendas eram por todas trinta, e os castellos quatorze. E El-Rei e Rainha, e o Principe e a Princesa vieram, e tanto que se assentaram á mesa, e com elles o duque e o senhor D. Jorge, e Rodrigo de Ilhoa como d'antes, e assi ás outras mesas as mesmas pessoas que no outro banquete vieram.

Tanto que todos foram assentados, os moços da camara que tinham carregado das mesas tiraram as tendas e as tomavam para si, e os castellos por serem tamanhos que não cabiam debaixo das mesas os davam a pessoas que os pediam para mosteiros e egrejas, em que estiveram muito tempo pendurados e parecia muito bem.

Começaram a comer, e por a infinidade das iguarias, manjares, conservas, frutas, que foi como consoada, durou muito grande espaço. E acabado houve muitos e ricos momos e mui singulares entremeses, cada vez com mais riqueza, gentileza, e melhores invenções, que duraram até acerca da manhã. Cousa que se se houvesse de escrever meudamente como foi, pareceria fabula de Amadis ou Esplandiam.

E d'estes dois banquetes foi veador e ordenador

Fernão Lourenço, feitor da casa da Mina, que foi nisso muito polido e abastado.

E na sala da madeira n'estes dois banquetes, e assi nos outros dias dos momos qualquer homem que ahi vinha rebuçado com touca, era logo pelos mestres salas e porteiros-móres mui bem agasalhado, onde bem via tudo. Isto tinha El-Rei mandado, porque eram ahi muitos grandes senhores de Castella desconhecidos a vêr as festas, os quaes todos foram muito bem agasalhados.

E toda a gente da côrte e da cidade que estava em pé entre as grades, que era muita, todos comiam do que se tirava das mesas, que era em tanta abundança, que muito mais era o que sobejava que o que se comia, e por isso não havia pessoa que deitasse mão de cousa alguma, nem fizesse mão ensino, e tambem pelos muitos officiaes que nisso traziam tento, e pelo castigo que sabiam que haviam de haver se o fizessem, e mais sobejando tudo a todos; que certo foi em tanta abastança e tanta perfeição, tanta honra, tanto estado, quanto no mundo podia ser.

E neste tempo até o Natal, em que os justadores se ensaiavam e aparelhavam as cousas para a justa, houve na praça da cidade e no Terreiro dos Paços muitas vezes muitos touros com muitos galantes a elles, e ricos jogos de canas, e muitos momos e serãos, musicas e festas sem nunca cessarem. E assi houve justas de muito bons justadores detrás de S. Domingos, junto ao muro, a que El-Rei e o Principe foram.

E os paços eram todos armados de ricos brocados e veludos cramesins, e ricas tapeçarias com riquissimas camas, tudo em muita perfeição.

CAPITULO CXXVI

De como se ordenaram as justas reaes e se poz a teia na praça, e da fortaleza da madeira

Ea segunda-feira primeiro dia das oitavas se poz a teia na praça, que era por cima toldada de finos panos, sobre grandes mastros, e com infinitas bandeiras reaes. E a teia era cuberta de panos finos verdes e roxos, que eram as côres d'El Rei, toda de uma parte e da outra cheia de pelicanos dourados, e bordados na teia, que parecia muito bem. E no cabo da teia se pozeram em mastros muito altos bandeiras muito grandes e muito ricas das armas de Portugal e Castella juntamente, que eram as da Princesa.

E foi feita uma fortaleza e tavola de madeira com grande novidade para o caso, no cabo da rua dos Mercadores, pregada na praça como fortaleza de guerra, com suas torres e cubellos com muitas infindas bandeiras, e com um facho cuberto de brocado posto mui alto para se derribar á entrada e vinda dos aventureiros, e com um sino com que repicavam como em frontaria de contrairos. E a fortaleza tomava o vão da rua, e as casas onde ora é a camara, e as outras da outra parte; e tudo era ricamente armado com ricas camas para os mantedores e officiaes d'El-Rei que esses dias ahi estiveram com ella, todos banqueteados em muita perfeição e muitas festas e prazeres dentro. E a fortaleza era de fóra toda cheia de muitas e claras lanternas muito bem feitas para isso, e eram tantas que acesas de noite parecia de fóra que a fortaleza ardia em fogo, e era cousa muito formosa, afóra as luminarias da praça, que eram sem conto.

CAPITULO CXXVII

Dos ricos momos que El-Rei fez na sala da madeira para desafiar a justa

E logo a terça feira seguinte houve na sala da madeira muito excellentes e singulares momos reaes, tantos, tão ricos e galantes, com tanta novidade e differenças de entremeses, que creio que nunca outros taes foram vistos. Entre os quaes El-Rei entrou primeiro para desafiar a justa que havia de manter com invenção e nome do cavalleiro do Cirne, e veio com tanta riqueza e galantaria quanta no mundo podia ser.

Entrou pelas portas da sala com nove bateis grandes, em cada um seu mantedor, e os bateis mettidos em ondas do mar feitas de pano de linho e pintadas de maneira que parecia agua; com grande estrondo de artelharía que tirava, e trombetas, atabales, e menistris altos que tangiam, e com muitas gritas e alvoroços de muitos apitos de mestres, contramestres e marinheiros, vestidos de brocados e sedas com trajos d'allemeães, e os bateis cheios de tochas, e muitas vellas douradas acesas com toldos de brocado, e muitas e ricas bandeiras.

E assi vinha uma não á vela, cousa espantosa, com muitos homens dentro, e muitas bombardas, sem ninguem vêr o arteficio como andava, que era cousa maravilhosa. O toldo e toldos das gaveas de brocado, e as vellas de tafetá branco e roxo, a cordoada d'ouro e seda, e as ancoras douradas. E assi a não como bateis com muitas vellas de cera douradas todas acesas, e as bandeiras e estandartes eram das armas d'El-Rei.

e da Princesa todas de damasco, e douradas; e vinham diante do batel d'El-Rei, que era o primeiro, sobre as ondas um muito grande e formoso cirne, com as penas brancas e douradas, e após elle na proa do batel vinha o seu cavalleiro, em pe, armado de ricas armas e guiado d'elle, e em nome d'El-Rei sahio com sua falla, e em joelhos deu á Princesa um breve conforme a sua tenção, que era quere-la servir nas festas do seu casamento, e sobre conclusão de amores desafiou para justas d'armas com oito mantedores a todos os que o contraíro quizessem combater. E por rei d'armas trombetas e officiaes para isso ordenados, se publicou em alta voz o breve e desafio com as condições das justas e grados d'ellas, assi para o que mais galante viesse á teia, como para quem melhor justasse.

E acabado, os bateis botaram pranchas fóra, e sahio El-Rei com seus riquissimos momos, e a não e bateis que enchiam toda a sala se sahiram com grandes gritos e estrondo de artilheria, trombetas, atabales, charamelas e sacabuxas, que parecia que a sala tremia e queria cahir em terra.

El-Rei dançou com a Princesa, e os seus mantedores com damas que tomaram; e logo veio o duque com fidalges de sua casa com outros riquissimos momos.

E veio outro entremês muito grande em que vinham muitos momos metidos em uma fortalza entre uma rocha e mata de muitas verdes arvores, e dois grandes salvagens á porta com os quaes um homem d'armas pelejou e desbaratou, e cortou umas cadeias e cadeados que tinham cerradas as portas do castello, que logo foram abertas, e por uma ponte levadiça sahiram muitos e mui ricos momos, e em se abrindo as portas sahiram de dentro tantas perdizes vivas e outras aves, que toda a sala foi posta em revolta e cheia

d'aves que andavam voando por ella até que as tomavam.

E sahido este grande e custoso entremês, veio outro em que vinham vinte fidalgos todos em trajo de peregrinos com bordões dourados nas mãos, e grandes ramaes de contas douradas ao pescoço, e seus chapeos com muitas imagens, todos com manteos que os cobriam até o joelho, de brocados, e por cima com remendos de veludo e setim, e dado seu breve deitaram os manteos, bordões, contas e chapeos no chão, e ficaram ricamente vestidos todos de rica chaparia, e os manteos e todo o mais tomavam moços da camara e reposteiros e chocarreiros quem mais podia, e valiam muito, que cada manteo tinha muitos covados de brocado. E assi vieram outros muitos e ricos momos, que não digo, com singulares entremeses, riquezas, galantaria, e muitos com palavras e invenções d'ardileza aceitavam o desafio com as mesmas condições, e dançaram todos até ante-manhã, e foi tamanha festa que se não fôra vista de muitos que ao presente são vivos, eu a não ousara escrever.

E a quarta-feira o Principe e a Princesa com muita pompa e grande estado se foram aposentar no meio da praça, e tambem a Rainha que andava mal sentida, para d'ahi verem as justas. E á tarde partiu El-Rei de seus paços, e foi tomar a teia com tanta realleza e tantas novidades e cerimonias de grandeza, como nunca já se vio tomar.

El-Rei com seus mantedores foi decer á fortaleza já de noite, onde todos cearam com elle em mesas junto da sua, e todos dormiam no castello e comiam com elle, e dentro tinham suas armas e muitos cavallos sempre selados, e elles armados a giros, para que em vindo o aventureiro tanto que o facho fosse derribado sahissem com muita diligencia sem detença al-

guma, e assim se fazia e fez emquanto as justas duraram.

CAPITULO CXXVIII

De como El-Rei deu sua mostra, e do grande estado e riqueza e invenções que trazia

EA quinta-feira depois de comer fez El-Rei sua mostra com seus oitenta mantedores, e após elle a fizeram todos os aventureiros, que passaram de cincoenta. Nos quaes todos em cavallos, arneses, paramentos, cimeiras, letras e lanças, moços d'esporas e todalas outras cousas de justa houve tanta riqueza, galantaria, invenções, tudo em tanta perfeição que muitos justadores velhos, e de muitas partes que ahi eram, que já viram outras muitas justas reaes, se maravillharam muito d'estas e diziam que nunca tal cuidaram de vêr.

Sahiu El-Rei da fortaleza com seus oito mantedores, os quaes eram o Prior de S. João de Castella, Valençolla, e D. Diogo d'Almeida, João de Sousa, Ayres da Silva, camareiro-mór, D. João de Meneses, Monseor de Veopargas, francês, Alvaro da Cunha, estribeiro-mór, e Ruy Barreto, com grandissimo estado e estrondo, tudo em tanta realeza, que se não pôde dizer tão inteiramente como foi.

Sahiram primeiramente grande soma de trombetas bastardas, vestidos de ricas sedas das côres d'El-Rei, e muito bem encavalgados. E após elles vinham dois grandes e altos cadafalsos com rodas por dentro, que homens faziam andar, sem ver-se como andavam, os quaes eram ricamente pintados d'ouro, e muito bem feitos e ordenados, com muitas e ricas bandeiras, to-

dos cheios d'atabaleiros com os atabales pelas bordas dos cadafalsos da parte de fóra, que faziam tamanho ruido por serem tantos, que senão ouvia ninguem, e os atabaleiros vinham todos sem figuras de homens. O carro primeiro eram todos feitos de feição de bogios, tão naturaes que ninguem os teve por homens, e o outro em figuras de leões reaes, com as felpas douradas muito naturaes, e com os atabales todos dourados, que parecia muito bem. E detrás dos cadafalsos vinham muitas charamelas e sacabuxas ricamente vestidos.

Após elles vinha um gigante muito grande e espantoso, armado de todas armas douradas, com um escudo em uma mão, e em a outra uma grande facha, tão natural, que parecia vivo, e passava de trinta palmos de alto. E vinha em cima de uma muito grande azemola, que para isso se buscou, vestida em pelles de ursos, e tão natural, que cuidavam que era urso, com uma sella e guarnição de estranha maneira, e de redor do gigante muitos homens d'armas a pé com alabardas douradas nas mãos, que pareciam muito bem.

E então vinham muitos porteiros de maça, muitos officiaes, todos ricamente vestidos e encavalgados, e após elles o porteiro-mór, e depois quatro mestres salas, e atrás o mordomo-mór, todos com opas roçangates de ricos brocados e tellas d'ouro com ricos forros, e após elle vinham muitos cavallos a destro com riquissimos paramentos e mui singulares armas, e os moços d'estribeira que os levavam todos vestidos de brocado. E diante d'El-Rei vinha um seu page, que se chamava D. Jorge de Castro, moço muito formoso, e gentil homem, armado e todo cheio d'ouro e pedraria com uma grinalda de pedraria na cabeça, e diante um penacho branco de garça, e vinha em cima

de um muito grande e formoso cavallo com muito grandes paramentos de tella d'ouro e forrados de muito ricas martas zeurinas, e os paramentos eram tamanhos que para o cavallo poder andar os levavam levantados do chão e afastados doze moços d'estribeira vestidos de brocado de pello, que faziam um gram terreiro, e era formosa cousa para vêr.

E então vinha El-Rei armado de riquissimas armas com corôa real no elmo, e sua cimeira rica e galante, em tanta maneira quanto no mundo podia ser, com mui riquissima pedraria e perlas, e o cavallo muito formoso, e em extremo rico, com tantos canotilhos e chaparia, que o brocado rico e ricas tellas, era o de que se fazia menos conta, e derredor d'El-Rei quarenta moços d'estribeira muito bem dispostos vestidos todos de brocado de pelo.

E após El-Rei vinham os mantedores mui ricamente ataviados com riquissimos paramentos de brocados e tellas ricas, sedas, bordados entretalhados, e com muitos moços d'esporas vestidos de sedas, um e um detrás d'El-Rei, que d'esta maneira fez sua mostra, e deu uma volta á praça com este grande triunfo, que verdadeiramente foi cousa muito para desejar vêr e reçar de escrever.

E tanto que El-Rei foi recolhido ao castello com seus mantedores, veio logo o duque com sete aventureiros fidalgos de sua casa, com grande soma de trombetas, atambores, charamelas e sacabuxas, e entremeses diante, com muita riqueza e galantaria, e após elle os outros aventureiros, todos com tão ricos e galantes paramentos e entremeses, e invenções, tantos brocados e tellas, tanta chaparia e borlados, entretalhos, e tanta riqueza, que me parece que dia de tamanha e tão galante festa nunca foi visto outro tal.

E neste dia houve ahi começo da justa, e não foi

mais por logo anoitecer, ainda que pela grande claridade do castello e as muitas e grandes luminarias da praça, que toda a noite ardiam, a teia e a praça era tudo tão claro que podiam justar como na metade do dia. E com este dia de quinta feira justaram quatro dias continuos até o domingo, nos quaes dias nevou muito, e fizeram grandes frios, porém a neve não fazia nojo á teia por ser a praça toldada.

E a justa foi muito bem justada, e deram-se nella muitos e grandes encontros sem haver perigo algum, e a cimeira d'El-Rei e dos seus mantedores, e suas letras escreverei aqui, e assi das dos aventureiros que me lembrarem.

E que a alguns isto pareça sobejo, outros haverá que folgarão de o ouvir, que quem escreve não pôde contentar a todos e não fará pouco se de poucos fôr tachado, que todos querem emmendar, e mui poucos escrever. E para se isto evitar não devia de haver outra pena senão aos grossadores meter-lhes papel e tinta nas mãos e faze-los por força escrever, e seria mui bom freio para os desbocados, que sem saber o que dizem grossam o que não entendem. E as cimeiras e letras são estas:

El-Rei levava por cimeira uns liames de não pela rainha D. Lianor sua mulher, cheios de pedraria, e dizia a letra :

Estes liam de maneira
Que jámais pôde quebrar
Quem co'elles navegar.

O Prior de S. João de Castella, Valençolla, que fôra grande senhor e andava cá desterrado, trazia Alexandre em cima dos grifos, e dizia :

No es menor mi pensamiento
Mas ha quebrado tristura
Las alas de mi ventura.

D. Diogo d'Almeida, que depois foi prior do Crato, levava a boca do inferno com almas dentro, e dizia :

Acordaos de mis passiones
Animas descansareis
De quantas penas teneis.

João de Sousa trazia uma besta fera, e dizia :

Aquesta guarda sus armas
Mas a mi que amor enciende
Nunca d'ellas me defiende.

Ayres da Silva, camareiro-mór, trazia o cã cervo, e dizia :

Guarda tu, mas no tan cierto
Como yo siempre guarde
La fé del bien que cobre.

Monseor de Veopargas, francês, trazia uma cabeça de cabra, e dizia :

Quien me tocare naquesta
Yo le rompere la testa.

D. João de Meneses trazia um ichó com um homem metido nelle até á cinta, e dizia :

Es tan dulce mi prision
Que deve para matar-me,
No prender-me, mas soltar-me.

Alvaro da Cunha, estribeiro-mór trazia uma harpa sem cordas, e dizia :

Quanto mas oye alegria
Quien no alcança ventura
Tanto mas siente tristura.

Ruy Barreto levava um branco pinchado, e dizia :

Mas quiero morir tras el
Sus peligros esperando
Que la muerte recelando.

Aventureiros

O duque D. Manoel, irmão da Rainha, trazia sete justadores seus com os sete Planetas.

O duque levava o deus Saturno, e dizia :

El consejo que é tomado
Deste muy antigo dios
Es dexar a mi por vós.

D. João Manoel levava o sol, e dizia :

Sobre todos resplandece
Mi dolor
Porque es el que es mayor.

Pedro Homem, trazia Venus, e dizia :

Si esta gracia y hermosura
Puede darla
De vós tiene de tomarla...

Garcia Affonso de Mello trazia a Lua, e dizia:

Ante la luz de su lumbre
De vuestra gran claridad
Es la desta escuridad,

Lourenço de Brito trazia Mercurio, e dizia:

No ay saber ni descrecion
Al que os mira
Porque viendo-os se le tira.

João Lopez de Sequeira levava Mars, e dizia:

La vitoria que de aqueste
E' recebido
Es ver-me de vós vencido.

Antonio de Brito levava Jupiter, e dizia:

Aqueste suele dar vida
Al que mas servir se halla
Y vos al vuestro quitarla.

Outros aventureiros que vieram per si

D. Fernando de Menezes, que depois foi marquez de Villa Real, trazia um forol, e dizia:

En el mar de mi desseo
Viendo su lumbre segui
A ella, e dexe a mi.

Pedraires, castelhano, trazia uma serpente, e dizia :

La vida pierde dormiendo
El que muerde este animal
E yo callando mi mal.

D. Anrique Anriquez, senhor das Alcaçovas. trazia uma torre com um sino, e dizia :

Este suena mi servicio
Ser con vós
Tan cierto como con Dios.

O conde d'Abrantes D. João d'Almeida trazia uma hidra de sete cabeças, e dizia :

Quando sanan de un dolor
Los que como yo padecen
Siete del se le recrecen.

O capitão dos ginetes Fernão Martins Mascarenhas trazia uma atalaia, e dizia :

Ha descubierto mi vida
Desde aqui
Gran descanso para mi,

D. Rodrigo de Meneses, guarda-mór do Principe, trazia umas limas, e dizia :

Estas sueltan las prisiones
De que muchos han salido
Y a mi han mas prendido,

D. Martinho, veador da fazenda, que depois foi conde de Villa Nova, levava uma mão com uns mal me queres, e dizia :

Cien mil destas desfoje
Mas fue mi ventura tal
que sempre quedo en el mal.

Jorge da Silveira levava umas fateixas, e dizia :

Van buscando mis servicios
El galardon que cayo
Donde nunca parecia.

D. Diogo Pereira, que depois foi conde da Feira, levava o Anjo S. Miguel com as balanças, e dizia :

Si a mi gran querer e fé
Galardon tiene defesa
Tu lo pesa.

D. Rodrigo de Monsanto levava a torre de Baby-lonia, e dizia :

Es tan baxa mi ventura
Y tan alto el edificio
Que no basta mi servicio

D. Diogo Lobo, barão d'Alvito, levava um leão rompente, e dizia :

Con sus fuerças e mi fé
Todos mis males dobré.

D. Pedro de Sousa, que depois foi conde do Prado, trazia um matador, e dizia :

Vuestra vida desbarata
Mas do queste roba y mata.

Francisco da Silveira, Condell-mór trazia umas luas cheias e vazias, e dizia :

Las mingoadas son mis bienes
Y por ser mi dicha tal
Las llenas son de mi mal.

Diogo da Silveira trazia um madronheiro com madronhos, e dizia :

Neste remedio de vida
Tengo la mia perdida.

Pedro d'Abreu trazia uma aguea, e dizia :

Não te espantes do que faça
Sigue-me bem e verás
E eu te matarei a caça
E tu a depenarás.

Nuno Fernandes d'Atayde levava uns ramos de fetos, e dizia :

En el comienço de aquestos
Comencé
Y en ellos acabé.

Garcia de Sousa trazia uns compassos, e dizia :

No puede ser compassada
La fé que os tengo dada,

João Ramirez d'Arelhano, castelhano, trazia uma celada e dizia :

Es descanso de mil mal
Ser em aquesta celada
Toda mi vida gastada.

Diogo de Mendoça levava umas ancoras, e dizia :

Que venga toda fortuna
Jamás sueltan vez ninguna.

E ao domingo por noite se desfizeram e acabaram as justas, e El-Rei e a Rainha, o Principe e Princesa se foram para os paços com grande triunfo, e aquella noite houve muito grandes festas.

E pelos juizes das justas, que eram Rodrigo d'Ilhoa, Ruy de Sousa, e o Regedor Fernão da Silveira se julgaram e publicaram a El-Rei ambos os preços, os quaes preços eram ao mais galante um anel de um muito rico diamante, e a quem melhor justasse um grande collar d'ouro muito esmaltado. A qual sentença foi mui justa, porque além d'El-Rei vir á teia mais galante que todos, por ser aquella a primeira vez que justara quebrou com muita desenvoltura as primeiras quatro lanças que para ganhar o grão eram ordenadas. Mas El-Rei tomou para si sómente a honra, e o proveito dos preços deu a outrem, o collar deu a um Mossem, alegre fidalgo valenciano que ahi andava, grande justador, e o anel deu a Diogo da Silveira.

E após estas justas eram outras tão ricas ordenadas na praça e na sala da madeira, mas por rebate de peste que na cidade houve, pelo damno que o muito ajuntamento das justas fazia, se deixaram de fazer.

E aos muitos estrangeiros que a este casamento e festas vieram, fez El-Rei muitas e grandes mercês, e com grandes honras os despedio, e a todos segundo suas calidades, com grande nobreza deu mui grandes dadivas, com que todos partiram mui alegres e muito contentes d'El-Rei, das festas, e de toda sua côrte.

E vieram a Evora muitos senhores de Castela desconhecidos a vêr as festas, em que entrou um irmão do almirante, tio d'El-Rei, e pessoa mui principal, que El-Rei desejou de vêr, e soube um dia como estava em casa da Princesa escondidamente, e de supito foi dar de noite com elle, e o desembuçou, e abraçou com muita honra e agasalhado, e rogou muito que descubertamente viesse ao paço, e elle disse que si, e ao outro dia pela manhã cedo lhe mandou El-Rei dez mil cruzados para um vestido, e elle era já ido, que se foi a mesma noite, parecendo-lhe que El-Rei havia de fazer o que fez.

CAPITULO CXXIX

De como El-Rei sahio da cidade a primeira vez depois das festas

COM receio do antrelunho que havia de vir, El-Rei se sahio da cidade e se foi com poucos á herdade da Fonte Cuberta, e o Principe e Princesa ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro,

e a Rainha por estar doente ficou na cidade mui guardada.

E El-Rei sendo fóra achou-se tão mal e de tão fortes accidentes, que cuidou que era peste ou peçonha, e só sem o Principe nem a Princesa se tornou á cidade bescora dos Reis, e logo com brevidade houve saude, e foi fóra das maginações que teve por então. E porque depois da morte do Principe d'ahi a poucos dias El-Rei tornou logo a adoecer do mal de que ao diante morreu, e houve suspeitas que foi de peçonha, ficou uma geral presumpção que nesta Fonte Cuberta lhe fôra dada em agua que bebeu, a qual presumpção e suspeita se confirmou em muitos com as mortes de Fernão de Lima, seu copeiro-mór, e de Estevão de Sequeira, copeiro, e de Affonso Fidalgo, homem da copa, que inchados e solutos como El Rei, antes d'elle poucos dias todos tres falleceram. E mais por uma mulher religiosa de santa vida foi El-Rei avisado que se guardasse de peçonha que lhe ordenavam dar, e El-Rei não lhe deu credito, e depois que se sentio mal, e que ia para pior, mandou chamar a mesma mulher, e querendo saber d'ella o que lhe tinha dito, ella com muita tristeza lhe disse, que pois na primeira lhe não dera fé, que já então não aproveitava mais que para ser certo que já tinha recebida a mesma peçonha, pelo qual El-Rei secretamente lhe mandou fazer mercê, e encomendou-lhe muito que o não dissesse a pessoa alguma.

E aos dez dias de Janeiro de mil e quatrocentos e noventa e um, El-Rei e a Rainha, com o Principe e Princesa se foi a Vianna d'Alvito, no qual dia o conde de Marialva D. Francisco Coutinho entrou em Evora, vindo então ás festas que passaram com muita gente, e muitas azemolas de ricos reposteiros de seda, muitas trombetas e atabales e ricos concertos de casa, e

á tornada d'El-Rei a Evora manteve depois na cidade no Terreiro dos Paços com muita despesa umas muito honradas e ricas justas com preços, em que justaram muitos fidalgos honrados, e foi muito boa festa, em que ganhou muita honra. E El-Rei o favoreceu muito nisso, e agradeceu seu bom serviço.

CAPITULO CXXX

De como El-Rei se tornou a Evora, e d'ahi se foi a Santarem

ANTES do Entrudo se tornou de Viana El-Rei com toda sua côrte á cidade, onde esteve a coresma e a Pascoa, e oitavas, com momos, festas, e grandes prazeres, e passada a festa se partiram todos logo no mez de Maio para Santarem, e foram por Montemór-o-Novo, onde houve festas e recebimento honrado, e d'ahi foram correndo montes reaes, e pelo campo com ricas tendas armadas e enramadas com muita grandeza e abastança para ar-raiaes. E pelos montes e arvores de noite ardiam sempre muitos fogareiros, e assi com muito prazer chegaram a Coruche o Pintecoste, onde estavam ordenadas muitas festas, que não fizeram por ahi dizerem a El-Rei que a marquezia de Villa Real era fallada, de que mostrou sentimento e se encerrou por ella; e de Coruche foram a Almeirim, onde todos repousaram com muito prazer e grandes desenfadamentos alguns dias. E El-Rei em tanto mandou fazer o aposentamento da côrte em Santarem e aperceber as cousas para o recebimento do Principe e Princesa, que El-Rei quiz que se fizesse em grande perfeição.

CAPITULO CXXXI

De como o Principe e a Princesa entraram em Santarem

Aos quatorze dias do mez de Junho, em que o Principe e Princesa entraram em Santarem primeiro que El-Rei e a Rainha, o Principe e a Princesa depois de ouvirem missa em Almeirim, acompanhados de grandes senhores e nobre gente, foram jantar ao casal de Lopo Palha, que é junto do Tejo acima de Santarem, onde sohia estar uma lezira de grandes arvoredos, que o Tejo depois levou.

E ahi foram armadas muitas e ricas tendas em que se todos agasalharam, e foram banqueteados com grande abastança e perfeição. E depois de repousarem embarcaram ahi, e houve um singular recebimento d'albetoças, barcas e bateis, e outros muitos navios que para isso ahi foram vindos, toldados em grande perfeição. E o Principe e a Princeza com suas damas e muitos senhores embarcaram em uma grande alivadoira, toda toldada de brocado com muitas bandeiras de seda e alcatifada, e muitas almofadas de brocado, e bateis que a levavam á toa, com os remeiros todos vestidos de libré das côres da Princesa, e os bateis muito embandeirados e pintados todos, e os remos mui enramados, e nelles muitas folias de homens e mulheres muito bem vestidos das côres da Princesa, e muitos entremeses e festas. E em o Principe embarcando sahio o conde de Abrantes de uma ponta, onde estava escondido, com grande somma de barcas e bateis muito embandeiradas e enramadas, e todas com muitas bombardas que tiraram, e com mui-

tas trombetas e atambores, e grandes gritas, que pareceo muito bem. E com estes bateis e barcas, e outros muitos, era o rio cuberto d'elles, todos com folias, prazeres, e entremeses, e muitas trombetas bastardas, muitos atambores, muitas charamellas e sacabuxas, muitas infindas bombardas, que foi muito alegre festa por ser no Tejo, e ao sahir d'agoa estava feito um grande cadafalso ricamente toldado, armado e alcatifado, com degrãos metidos n'agoa por onde todos sahiam sem tocar n'agoa. No qual estavam os Regedores da villa, e ao sahir d'agoa foi feita uma pratica em nome da villa, e acabada o Principe e a Princesa se poseram debaixo de um paleo de rico brocado que os Regedores levavam. E com grande estrondo de trombetas e atabales, charamelas e sacabuxas, e muitos tiros de fogo do rio e outros muitos que estavam no muro e torres d'Alcaçova, começaram de andar.

Os muros e toda a villa era caiada, e toda enramada, e muitas infindas bandeiras, e as ruas espadanadas, e muita e rica tapeçaria, as janellas com signaes de muita alegria, que então todos tinham.

Foram assi pela Ribeira e calçada decer a Santa Maria de Marvilla, e depois de fazerem orações, tornaram a cavalgar e se foram aos paços.

E ao outro dia entrou El-Rei e a Rainha sem paleo, porque já na villa foram com elle recebidos. E nestes primeiros dias houve muitas festas, e pelos officiaes da villa e os judeus e mouros d'ella se deram á Princesa grandes presentes de vacas, carneiros, galinhas e capões, e muitas caças, tudo levado em grandes carros até o paço com muitas festas e prazeres de alegria, e assi houve logo muitos touros com muitos galantes a elles.

E depois d'El-Rei e a Rainha, o Principe e a Prin-

cesa estarem em Santarem, todo o mais do tempo se gastava em festas, prazeres, e alegrias, havendo muitos serões de sala, e assi danças ás mesas, e muitos touros com muitos galantes a elles ricamente ataviados.

E dia de S. João houve singulares e muito ricas canas reaes, em que jugou El-Rei e o Principe, e todolos senhores que na côrte estavam, e muitos fidalgos, que passaram de duzentos de cavallo com riquissimos arreios e atavios, todos vestidos de brocados e de ricas sedas, muitos borlados, entretalhos e canotilhos, com muita galantaria e mui gentis invenções.

El-Rei com grande estado real e o Principe, sahiram pela manhã cedo com a Rainha e Princesa, e todalas damas com muita riqueza vestidas e concertadas, e foram ao campo de Alvisquer na Ribeira de Santarem, a colher ramos verdes, e em uma horta tinham umas grandes casas feitas de rama muito concertadas e embandeiradas, em que havia muitas mesas para El-Rei e a Rainha e Principe, e para todos, em que depois das canas jogadas se deu um muito bom almoço, e tanto que as ramas e muitas capellas d'hervas cheirosas que ahi tinham foram tomadas, El-Rei com todos se foi ao campo, e indo por elle lhe sahio o duque D. Manuel, irmão da Rainha, de uma ciada com doze fidalgos de sua casa, todos vestidos de uma maneira de brocados e ricas sedas, e muito galantes á mourisca, com suas lanças nas mãos com bandeiras, e as adargas embraçadas, com grande grita como mouros.

E os corredores d'El-Rei que diante eram como iam descobrir terra, vieram todos fugindo e bradando alto: mouros, mouros, e El-Rei com todos partiu logo para elles, e houve uma galante escaramuça, que pa-

receo muito bem, e por ser cousa que se não sabia, senão El-Rei.

E o duque com muito prazer quiz beijar as mãos a El-Rei e á Rainha, e ao Principe e Princeza, e não lh'as quizeram dar, e de todos foi recebido com grandissima honra, que vinha então da sua villa de Thomar ás mesmas canas.

Concertou logo El-Rei e repartio a gente, e suas bandeiras, e alferes, El-Rei e o Principe de uma parte, e da outra o duque e muitos senhores e principaes fidalgos repartidos, e começaram logo de jogar, as quaes canas foram em extremo ricas e muito bem jogadas, e caindo nellas muitos homens grandes quedas, e entre tantos não houve nenhum desastre nem perigo algum.

CAPITULO CXXXII

De como foi a triste morte do Principe

Nestas e outras festas andaram sempre até segunda feira onze dias de Julho, em que El-Rei e o Principe se passaram a Almeirim a correr montes, e tornaram no mesmo dia. E o Principe depois de recolhido a casa da Princesa, ao outro dia terça feira lá se vestio em sua casa e com ella ouviu missa, e comeu e repousou a sesta.

E na mesma terça feira doze dias de Julho do dito anno de mil e quatrocentos e noventa e um, á tarde, El-Rei quiz ir nadar ao Tejo, como muitas vezes fazia nos verões, apartado com alguns aceitos a elle, e tinha na guarda-roupa apparelho para isso de bragas e ceroulas e pannos de cubrir e enxugar, que todas as cousas de homens folgava de fazer, e mandou

recado ao Principe se queria ir com elle, como sempre tambem ia e nadava, e elle lhe mandou dizer que se achava cansado dos montes do dia passado. E quando El-Rei deceo parecendo-lhe que o Principe estava mal sentido perguntou por elle á porta da Princesa, e o Principe lhe veio fallar á porta assi como estava na sesta.

Foi-se El-Rei e do terreiro de fóra olhou para as janellas da Princesa e vio o Principe e ella estar ambos a uma janella assentados ; tirou-lhe o barrete, e elles se levantaram, e lhe fizeram grandes medidas, e El-Rei partiu para o Tejo.

O Principe vendo que El-Rei o viera vêr á porta e depois lhe falou á janella, por cima de lhe mandar dizer e dizer que estava cansado, pareceu-lhe bem ir com elle, e vestiu-se depressa, e mandou por uma mula, e vindo já vestido, a mula não era vinda ; achou ahi um seu ginete muito formoso, fouveiro, em que então cavalgara o seu estribeiro-mór, e por alcançar El-Rei cavalgou nelle, e se foi de pressa com poucos que com elle eram, e foi cousa para notar de mysterio, que sendo em tempo de tamanhas festas e tantos brocados e sedas, o Principe sahio vestido com um pelote e tabardo aberto de pano preto tofado, e gibão de setim preto, e o cavallo com uns cordões e topeteira e nominas de seda preta, que não me lembra que outras taes visse, e um caparação de veludo preto, que verdadeiramente a differença do que antes vestia, e então vestio, e como achou o cavallo ataviado, foram mui claros signaes da grande desventura que lhe ordenada estava. Alcançou El-Rei, e foi com elle até o Tejo, e costumado de nadar sempre quando El-Rei nadava, então o não quiz fazer, e começou de passear pelo campo, e lançar o ginete por ser de singular redea e muito ligeiro, e cometeo a D. João de

Menezes, o que morreo em Azamor, primeiro capitão que nelle houve, homem de muito merecimento e de muito boas calidades, que corressem ambos uma carreira, de que D. João se escusou por ser já noite.

Deceo-se então o Principe para cavalgar na mula que mandara trazer, e em sobindo nella lhe quebrou o loro do estribo, por onde tornou a cavalgar no cavallo, e apertou então com D. João que todavia corressem. E D. João pela muita vontade que para isso lhe viu o fez, e o tomou pela mão, e correndo assi ambos á carreira, na força do correr o cavallo do Principe cahio, e o levou debaixo de si, onde logo em proviso ficou como morto, sem fala, e sem sentidos. E D. João vendo tamanho desastre e tão grande desaventura, como chegaram ao Principe muitos senhores e fidalgos, desapareceo, e se foi com muita tristeza, e esteve annos sem vir á côrte, até que por mandado d'El-Rei veio.

Tomaram logo o Principe nos braços e meteram-no na primeira casa que acharam, que era de um pobre pescador ahi n'Alfange, e tanto que a triste e desasthada nova deram a El-Rei, veio logo a grande pressa. E quando assi achou um só filho que tinha, que criara com tanto amor, tanto receio, tanto contentamento, por ser o mais singular Principe que no mundo se sabia, em que se El-Rei revia, e queria tão grande bem que um só dia não podia estar sem o vêr, nem tinha outro descanso se não sua muito estimada vista e conversação, ficou em tão grande extremo triste e desconsolado, que senão póde dizer nem cuidar, dizendo sobre o filho tantas lastimas e palavras de tanta dôr e tristeza, que o não podia ouvir ninguem sem muitas e tristes lagrimas.

Foi logo dada a lastimosa e desastrada nova á Rainha sua mãe, e á Princesa sua mulher, as quaes assi

como a deram sahiram como desatinadas a pé, e em mulas alheias que acharam, e o senhor D. Jorge filho d'El-Rei com ellas, com mui pouca companhia foram como fóra de sens sentidos até chegarem á pobre e triste casa onde o Principe jazia. O qual acharam como morto, que com quantas palavras d'amor, d'amargura, e desconsolação lhe ambas disseram a nenhuma não acudio, nem mostrou algum sentimento. De que as tristes mãe e mulher ficaram tão cortadas e trespasadas com tão grandissima tristeza, que ellas sentiam a dôr, e dôres que elle já não sentia.

El-Rei por cima de tanta tristeza fez logo ajuntar os fisicos todos, e com muita segurança esteve com elles ordenando-lhe quantos remedios sabiam, e com estes primeiramente buscou os de Deos, mandando logo por todos los mosteiros e casas virtuosas fazer devotas procissões e muitas e continas devoções, e muito grandes promettimentos que se então prometeram, em que entrou D. Pedro da Silva, commendador-mór d'Avis, que prometeo de ir a Jerusalem, o que fez logo, e outros a outras muitas romarias. E estando todos assi esperando na misericordia de Deos, que por ser queda tornaria a seu acordo, passaram aquella noite toda em tristes lagrimas e soluços e continas orações.

Todalas pessoas nobres, e a outra gente toda era ahi junta com tantas e doridas lagrimas e lamentações, que mais não poderam ser sendo o Principe filho de cada um, pedindo todos a Deos sua vida e saude como as suas proprias vidas. E por todos se fez logo uma muito grande e mui devota procissão com toda a clerezia, reliquias e cruces, e todos descalços, e alguns nus, andaram por todos los mosteiros e egrejas, onde todos em joelhos com muitas lagrimas e grandissimos gritos bradavam: Senhor Deos, misericordia!

Cousa que fazia tremor, espanto, e grandissima tristeza.

El-Rei, a Rainha e Princesa estiveram sempre com o Principe até o outro dia, quarta-feira uma hora da noite, que El-Rei foi informado e certificado de todos fisicos, que o Principe morria, e acabaria logo de se finar, a qual nova El-Rei deu á Rainha e Princesa, que estavam pegadas com elle, beijando e tendo-lhes as mãos, e ellas a receberam com tão grandissima dôr, que se não pôde escrever.

El-Rei chegou ao Principe e beijou-o na face, e para sempre lhe deitou sua benção ; e tomou a Rainha e a Princesa pelas mãos, que as não podia desapegar d'elle, e com ellas se sahio fóra da casa, e deixou o filho em poder do confessor e d'outros fisicos d'alma, e á porta virou El-Rei atraz, e disse aos que na casa estavam :

«Ahi vos fica o Principe meu filho», sem poder dizer mais palavra.

E com isto se levantou entre todos um muito grande e muito triste e desaventurado pranto, dando todos em si muitas bofetadas, depenando muitas e mui honradas barbas e cabelos, e as mulheres desfazendo com suas unhas e mãos a formosura de seus rostos, que lhe corriam em sangue. Cousa tão espantosa e triste, que se não vio nem cuidou.

A este tempo chegou o duque seu tio, que de Thomar acudio á trista nova, o qual em estremo ao Principe amava, porque sempre se criaram ambos em uma mesa e uma cama, e fazia tamanho pranto com tão grande sentimento e tristeza, que com quanto elle ficava então por herdeiro d'estes reinos, deixara naquella hora outra maior sucessão pela vida e saude do Principe. E logo El-Rei se foi d'alli a pé, e a Rainha e Princesa comomortas, levadas e atravessadas

em mulas ás casas de Vasco Palha, que são na mesma Ribeira. E acabando todos de se recolher veio a El-Rei recado, e a muito mortal nova que elle já esperava, que o Principe seu filho depois da derradeira unção lhe sahira a alma do corpo.

Morreo em idade de dezaseis annos e vinte dias, parecendo no corpo, na barba, no saber, siso, e socego homem de vinte e cinco annos. Foi casado sete mezes e vinte e dois dias. E sendo criado com tanto amor e prazer, tanto estado e grandeza, tanta estima e estremecimentos, e tanta gloria mundana, que todos desejavam de o trazer sobre suas cabeças, o viram em um instante debaixo dos pés de uma besta. E o que naquelle dia e os outros todos estava em camaras reaes, armadas de ricos brocados e alcatifadas, não teve nem lhe poderam então achar outra camara senão uma triste casa de um pobre pescador, e aquelle que entre os Principes do mundo, e os homens de toda Hespanha era havido por mais gentil homem, naquella hora foi desfigurado, e sua mui grande formosura em breve tornada em terra, e os seus tão alegres e graciosos olhos com que todos recebiam tanto contentamente e alegria, naquella hora foram quebrados e para sempre sem vista perante El-Rei seu pai, a triste Rainha sua mãe, e a desconfortada Princesa sua mulher; e a sua doce boca de que tão doces, brandas e gostosas palavras sahiam, e de que muitos recebiam favor e contentamento, neste momento ficou para nunca mais falar, e as suas formosas e reaes mãos de tantos cada dia beijadas pelas grandes e muitas mercês que fazia, como em tão pouco espaço foram tornadas em pó. E as orelhas tão acostumadas a ouvir singulares e doces musicas, e praticas de prazer, como se tornaram surdas sem ouvir as grandes lastimas d'El-Rei e a Rainha e Prin-

cesa, e os muito grandes gritos e desesperados prantos que todos por elle faziam. E os narizes criados em tantos cheiros, tanto ambar e almisce, tantas pastilhas, caçoilas e pivetes, e tantas aguas cheirosas, estoraques, beijois e outros muitos perfumes, como foram acabar no cheiro das sujas redes das espinhas e escamas da casa de um pescador. E os seus singulares cabellos que tanto ajudavam sua gentileza, que foi d'elles, onde estão? E o que todos tinham por verdadeira esperança e paz, socego e amparo, em um nada foi desesperado de saude, e todos desemparrados d'elle. E aquelle excellente Principe por quem tão grandes e reaes festas se fizeram, que outras taes não se viram, e que pelo seu todos andavam alegres vestidos de brocados e ricas sedas, em quão breve tempo tornou os brocados em burel, e as sedas em almafega e vaso, e os prazeres e alegria em muito grandes e tristes prantos, não sómente em Portugal, mas ainda em toda Hespanha. E a sua muito branda e doce conversação, tão grande conforto d'El-Rei seu paí, da Rainha sua mãe, e da Princesa sua mulher, e tanta esperança dos que o serviam e conversavam em campo, foi desconversavel, e para sempre apartado da conversação de todos, e aquelle tão real casamento, tantos annos desejado, tantas vezes cometido, com tanto gosto e prazer de toda Hespanha acabado, como foi em sete mezes por tão desastrado caso apartado para sempre; e o que era verdadeiro, natural e primeiro Cedro d'estes reinos, e o segundo de Castella, em quão poucas horas perdeu tamanhas heranças, e seu pai com tanta tristeza, nojo, desconsolação, herdou d'elle o grande dote que com tanto prazer e alegria lhe tinha dado havia tão pouco tempo, cousas bem para lembrarem, e os Reis e grandes Principes terem sempre na memoria.

Oh! Senhor Deos eternal, quão incompreensíveis são teus secretos! O que podesse saber teus juizos, e que pecados podia ter uma tão angelica creatura, e de tão pouca idade, para tão supito sem confissão nem communhão tão desastrada morte morrer!

Se disseramos que pelos do pai, sua vida foi sempre tão virtuosa, de tantas perfeições, e tão amigo de teu serviço, que era para dar vida a muitos filhos e filhas, quanto mais a um só, e tal como este; se era por pecados do povo, nenhuns lhe sabiamos publicos. Tu senhor que o fizeste sabes a causa porque, e porque nós sem ti não podemos saber nada, teu nome seja para sempre louvado.

El-Rei estando muito mais anojado do que se pôde dizer nem cuidar por perda de tal filho, em que perdeu toda sua consolação e prazer, se doia em grande maneira, e sentia sem comparação a grande dôr e magoas da Rainha e Princesa, e porque a dolorida e lastimosa nova do Principe ser já morto, poderia ser que sabendo-a d'outrem, seria risco de suas vidas, lhe quiz dar primeira que ninguem. E com muita segurança e socego e os olhos bem enxutos das continuas lagrimas que chorava, com seu muito grande esforço e prudencia se foi primeiro a casa da Princesa, que achou deitada como morta no chão, e depois de a fazer levantar, com palavras de pai verdadeiro, e de Rei tão virtuoso, lhe quiz dar os confortos de que elle mais que ninguem tinha necessidade, attribuindo tudo em dar graças e louvores a Nosso Senhor, pois elle d'isso fôra servido.

E deixando a Princesa se foi logo á Rainha, e lhe deu a mortal nova, pedindo-lhe muito pelo seu amor, que houvesse paciencia e conformasse sua vontade com a de Deos, que pois elle fôra servido de lhe assi levar seu filho, fosse seu nome louvado. Isto tão in-

teiro e tão disssimulado, por confortar a Rainha, como se elle não fôra o principal na tristeza, e na dôr e sentimento, nem o pai que naquella hora perdera o mais excellente filho que no mundo se sabia, e d'elle muito mais amado do que nunca filho foi de pae.

A Rainha como muito virtuosa que era, pelo grandissimo amor que a El-Rei tinha, vendo que na perda do filho não havia já remedio, o quiz buscar para a vida d'El-Rei, de que tanto receio tinha como elle da sua. E com muita seguridade, não sómente tomou os confortos d'El-Rei, mas inda como mulher mui inteira o queria confortar, com seu rosto mui seguro, e seus olhos mui enxutos, e suas palavras mui temperadas, de que El-Rei ficou algum tanto aliviado. E era tamanho o bem que se queriam, que por confortar um ao outro, como estavam juntos não havia ahi chorar, e como eram apartados as lagrimos e palavras de lastima eram tantas que não havia quem os podesse vêr sem chorar muito com elles.

Foi logo o corpo do Principe depois das exequias feitas concertado e metido em um ataude, e pelo marquez de Vila Real e outros senhores e honrados fidalgos levado com muita dôr e tristeza ao mosteiro da Batalha, e foi sopultado na casa do capitulo junto d'El-Rei D. Affonso seu avô, onde ainda agora jaz.

El-Rei por tamanha perda, tamanho nojo e sentimento se trosquiou. E elle e a Rainha se vestiram de muito baixo panno negro. E a Princesa trosquiou os seus prezados cabelos, e se vestio d'almafega, e a cabeça cuberta de negro vaso. E na côrte e em todo o reino não ficou senhor nem pessoa principal, nem homem conhecido que se não trosquiasse. E todos foram vestidos d'argaos de burel e almafega, e muitos homens cingidos com baraços, e seus gibões e pelotes abotoados com atacas de couro sem parecer fita nem

seda. E a gente pobre que não tinha com que comprar burel, que valia a trezentos réis a vara, muitos tempos andou com os vestidos virados do avesso, que pelo grande amor que todos tinham ao mallogrado Príncipe e a El-Rei seu pai, e á Rainha sua mãe, e pela muita dôr e grandissima tristeza que nelles viam, e o caso ser de tamanha desventura, foi a mais sentida morte, e os maiores prantos geraes na côrte e por todo o reino, quaes nunca foram vistos de homens e mulheres, velhos e moços e meninos, que em todos havia tanto sentimento, que era cousa de espanto. E porque se não achava tanto burel, os lavradores e gente baixa vendiam as cubertas de suas camas a preço de panos finos, e os homens se vestiam de sacos e cubertas de bestas.

Veio logo a esta desventura a senhora duqueza de Bragança D. Isabel, irmã da Rainha, que com suas tristezas e nojos passados, e suas mui honestas e prudentes palavras trabalhava confortar a Rainha e Princesa, a quem muito aproveitou sua vinda e conversação.

Estiveram assi quinze dias nas casas de Vasco Palha, e d'ahi uma noite escura, sem tocha nem claridade, se mudaram ás casas de D. Maria de Vilhena, mulher que foi de Fernão Telles, onde estiveram muitos dias encerrados, que por suas grandes tristezas ninguem ousava de os confortar, e logo alli foram visitados de todos senhores e cidades do reino.

E El-Rei D. Fernando, e a Rainha D. Isabel de Castella, que então estavam sobre Granada, tanto que a nova souberam os mandaram visitar por D. Anrique Anriquez, tio d'El-Rei, e seu mordomo-mór, pessoa mui principal, que logo ahi veio cuberto de grande dô, e todos os seus com signaes de muita tristeza, e assi os mandaram visitar todos os grandes senhores

de Castella, onde em todo o reino se tomou grande dó e se fizeram pela alma do Principe muito solemnes saimentos.

El-Rei foi mui requerido de todos os grandes de seu conselho, e por religiosos que deixasse tamanhos encerramentos pela perda de sua saude e vida, que d'elles lhe pôdia recrecer. O qual El-Rei quiz conceder, e sahindo um dia pela manhã a ouvir missa fóra cuberto de muito grande dó, e quando se vio sem o Principe seu filho que sempre trazia junto de si, não se pôde ter que lhe não sahissem as lagrimas, e como foi visto levantou-se tamanho choro e pranto em todos, que era piedosa e mui triste cousa para vêr; e como isto foi ouvido em casa da Rainha e Princesa, começaram de novo outro tão grande, tão dorido e desconsolado pranto, com tantos e tão grandes gritos, que parecia que os paços se vinham a terra, e foi necessario a El-Rei decer-se para ir confortar a Rainha e a Princesa, sem ter quem o confortasse a elle.

CAPITULÔ CXXXIII

Da mudança do Senhor D. Jorge

EL-REI depois da morte do Principe deu logo cargo do Senhor D. Jorge seu filho a D. João d'Almeida, conde de Abrantes, e por tirar paixão á Rainha sua mulher com a vista do senhor D. Jorge, lembrando-lhe a morte do Principe seu filho, houve El-Rei por bem que por então não viesse a sua casa, e em caso que o El-Rei fizesse com fundamento honesto e virtuoso, a Rainha houve d'isso desprazer, e tanto que depois que El-Rei lhe requereço, e muito

apertadamente lhe pedio que o tornasse a recolher a sua casa, foi nisso tão dura e tão contraria, que recebendo por isso d'El-Rei muitos desfavores nunca em vida d'El-Rei o quiz vêr nem recolher. O que El-Rei com muito desejo procurava com alguma imaginação e desejo que depois mostrou, de vêr se poderia legitimar e habilitar ao dito senhor D. Jorge seu filho para sua sucessão, que ao duque directamente pertencia. O qual pela muita lealdade e amor, e mui grande obediencia que como proprio filho a El-Rei tinha, fosse de crêr que consentiria nisso, e em qualquer outra cousa que fosse da vontade d'El-Rei, a Rainha sua irmã com muita bondade, virtude e consciencia, sosteve sempre a honra do duque, a qual se affirma ser d'El-Rei muitas vezes para isso requerida, e por não consentir soffrer muitas paixões, desfavores e esquivanças que com muita paciencia, dissimulação e prudencia soffria, sem nunca querer nisso outorgar. O que pareceo ser por misterio divino, pois ella foi causa do duque seu irmão ser depois Rei tão poderoso e tão prosperado, e deixar tão singulares filhos como deixou, e El-Rei seu marido fazer com tanta verdade, virtude e bondade, tão justo testamento, e morrer tão santamente, como ao diante em sua morte se dirá.

CAPITULO CXXXIV

Do saimento do Príncipe

Aos vinte e cinco dias d'Agosto, El-Rei e o duque e todos os Prelados e senhores, senhoras e donas, e honrados fidalgos de todo o reino que para isso foram chamados, partiram para o mosteiro

da Batalha a se fazer o saimento do Principe, e assi outra muita e honrada gente, e desejando muito a Rainha e Princesa irem ao dito saimento, El-Rei houve por bem não irem, por o perigo que lhe d'ahi podia vir, e em seu lugar foram a senhora duquesa de Bragança, irmã da Rainha, e a senhora D. Felipa, irmã da Infanta D. Breatiz, com muitas condessas e donas principaes do reino.

E de Castella vieram ao saimento por mandado d'El-Rei e da Rainha o Bispo de Cordova e o Prior de Nossa Senhora de Agoa Delupe. O qual saimento se fez com a maior perfeição e abastança, e com mais lagrimas e prantos que nunca até então foi visto.

Chegou El-Rei bespora de S. Bertolameu á ermida de S. Jorge, d'onde o mosteiro da batalha parece, onde o comçaram logo de receber não com paleos de brocado, nem com festas e entremezes de prazer, como tão poucos dias havia que passaram com tanta realeza, mas com outras invenções ao revés de muito grande tristeza, grande dôr e sentimento, porque logo vio o mosteiro todo cuberto de infinitas e grandes bandeiras negras, e na ermida estava uma grande e negra bandeira alta com a cruz e martyrios de Nosso Senhor Jesu Christo, e d'alli até o mosteiro era o caminho de uma parte e da outra cheio de muitas e grandes bandeiras negras sem armas nem devisa alguma, que eram muitas sem conto, e por todalas arvores que ao longo do caminho estavam tantas bandeiras, que ficavam negras e não verdes, que faziam tanta tristeza, que não havia pessoa que se podesse ter as lagrimas. E assi chegou ao mosteiro, o qual estava todo de alto abaixo armado de panos negros, e os esteios tambem, e pelo alto todo ao redor e pela nave do meio de uma parte e da outra eram feitos andaimos de madeira cubertos de dô em que ardiam

tochas sem conto, e os homens que as andavam espevitando com lobas e capelos que lhe cubriam os rostos, e a eça era no cruzeiro no meio d'elle muito grande, muito alta de muitos degraos, cuberta de panos de dó, e em cima d'ella alto no ar um sobreceo de veludo preto muito grande, todo pelas bordas cheio d'armas reaes e de Principes parentes do Principe, muito bem pintadas d'ouro e prata, e do meio do sobreceo estava pendurada uma grande bandeira de seda das armas do Principe com ouro e prata, e debaixo d'ella em o mais alto da eça uma tumba de veludo preto com uma cruz de setim branco, e por derredor da eça grades de páo negras com muitas tochas acesas, e os homens que as espevitavam cubertos de dó sem lhe parecer os rostos, e assi todalas outras cousas necessarias em grande cumprimento e abastança, com muita perfeição quanta podia ser, e era cousa tão triste só á vista que quebrava os corações, quanto mais a causa porque se fazia de todos era em estremo sentida.

E logo aquella tarde com grandes e espantosos prantos e doridas lamentações d'El-Rei e do duque, e de todos do reino que ahi eram, e grandes gritos e carpidos das senhoras e honradas mulheres, se disseram as vesporas, e ao outro dia missa solemne, e outras infinitas missas, e assi uma pregação que fez um grande letrado e singular prégador, que se chamava mestre João o Farto, da ordem de S. Francisco, em que alegou tantas e taes razões para choro e tristeza, que muitos homens de muita auctoridade, muito saber, muito siso, aquella hora parecia que o não tinham, vendo-lhes muito cruamente dar na eça tamanhas cabeçadas, que parecia que quebravam as cabeças, depenando todos suas barbas e cabellos, dando em si muitas bofetadas, assi homens como mulheres,

velhos e moços, cousa tão espantosa e de tanta dôr e tristeza, que não se vio outra tal; e durou tanto que os não podiam fazer calar, porque a dôr e sentimento era em todos em geral grande sem comparação, por quão amado e bemquisto o Principe de todos era.

E á offerta da missa maior offereceram por parte d'El-Rei e da Rainha e Princesa, e do duque pela alma do Principe muitas e mui ricas cousas d'ouro e de prata, e ornamentos de brocado e tellas d'ouro para a capela, cousa de muito grande valia, que hoje em dia estão no mosteiro, peças de muito grande preço. E verdadeiramente estas duas cousas se podem affirmar: que nunca se viram tão grandes festas, nem tamanho nojo.

CAPITULO CXXXV

De como a Princesa partio para Castella

E acabado assi este solemne e triste saimento, El-Rei vindo por casas santas e devotas fazendo muitas e mui grandes esmolas pela alma do Principe, se tornou a Santarem, onde logo determinou a ida da Princesa para Castella, para que D. Henrique, tio d'El-Rei, e o Bispo de Cordova eram ahi vindos, porque por condição do contracto do casamento ella o podia fazer.

E com muita dôr e sentimento da morte do Principe que alli foi renovada, e com muito grande saudade de uma parte e da outra, a Princesa se despedio da Rainha com muitas lagrimas e grandes soluços, no mez de Setembro. E El-Rei foi com ella, e assi toda a côrte, todos cubertos de burel sem parecer homem de preto, salvo El-Rei e alguns Bispos e

clerigos. E a Princesa cuberta de almafega e vaso, metida em umas andas cubertas de burel, e as azemolas que as levavam da mesma libré, que era bem desviada das com que ella entrou em Portugal havia tão poucos mezes.

E a tristeza era em todos tamanha que não havia outra pratica nem passatempo senão suspiros e lagrimas, que verdadeiramente vêr o dia de sua entrada em Evora, e este de sua sahida de Santarem, em tão pouco tempo tamanha differença, foi cousa de muito espanto, e para nunca esquecer.

Chegaram assi á villa de Abrantes, onde a Princesa esteve tres dias provendo algumas cousas suas que ficavam em Portugal, e de Abrantes partio El-Rei com ella caminho da Ponte de Sôr, e d'ahi a duas legoas com muitas lagrimas e poucas palavras, se despediram ambos. E El-Rei se tornou, e apartou do caminho só por um soveral, e foi assi ao longo do caminho sem companhia alguma, e todos ficavam muito tristes pela grandissima tristeza que nelle conheciam.

A Princesa acompanhada de muitos senhores e fidalgos portuguezes foi dormir a Avis, e d'ahi a Olivença, e no estremo dos reinos pelo Arcebispo de Braga com uma breve e prudente fala, e ao tempo bem conforme que hi fez, entregou a Princesa ao mestre de Santiago e a outros senhores de Castella que ahi esperavam por ella. E os portuguezes se tornaram, salvo D. João de Meneses, governador que fôra da casa do Principe, que com muitos e honrados fidalgos por mandado d'El-Rei sempre a servio e acompanhou até chegar onde estava El-Rei seu pai e a Rainha sua mãe, que com muito grande tristeza e sentimento a receberam.

CAPITULO CXXXVI

Partida d'El-Rei e da Rainha para Lisboa, depois da morte do Principe

COMO a Princesa foi partida de Santarem, logo a Rainha se partio para o mosteiro das Virtudes, e d'ahi para Alenquer, onde El-Rei veio ter com ella, e ambos se foram ao mosteiro de Varatojo, onde por devoção estiveram alguns dias, e d'ahi foram ao lugar de Colares junto de Cintra, d'onde El-Rei mandou fazer o aposentamento da côrte em Lisboa para se ir lá. E no mez d'Outubro se vieram á cidade para nella tirarem o burel, que ainda todos traziam. E sem recebimento algum, pela mouraria foram decer e fazer oração ao mosteiro de Nossa Senhora da Graça, e ás portas da cidade junto com Santo André, por onde entraram, estavam todos regedores e officiaes d'ella, e os fidalgos e cidadãos todos a pé vestidos de burel, e com as cabeças e rostos cubertos, e por um lhe foi feita uma breve falla de confortos e offerecimentos, cuja resposta de uma parte e da outra foram muitas lagrimas e soluços sem alguma outra palavra.

E acabadas as orações no mosteiro se foram decer aos paços d'Alcaçova, e acabados d'aposentar a Rainha foi logo vêr a camara onde parira o Principe, e indo já cortada e trespassada da dôr disse :

«Filho, aqui nesta casa onde vós nacestes com tanto prazer e contentamento meu, aqui seria muita razão que eu morresse e acabasse tão triste e escusada vida, pois fui tão desaventurada e desditosa Rainha, que perdi o nome de vossa mãe com que eu era tão bem-

aventurada, e ainda não abastou perder-vos a vós, mas da maneira com que vos perdi; e sem de vós nem de mim ficar filho com que alguma hora me podesse confortar».

E com isto cahio no chão como morta.

Foram-no dizer a El-Rei, que andando tão cheio de paixões e tristezas acudio logo á pressa com remedios e confortos com que a tornou a seus sentidos, e lhe pediu muito que se consolasse.

GAPITULO CXXXVII

De como El-Rei deu os mestrados de Santiago e d'Avis ao senhor D. Jorge seu filho

Logo depois da morte do Principe, El-Rei suplicou ao Papa Innocenio pela governança e ministrança dos mestrados de Santiago e d'Avis para o senhor D. Jorge seu filho. E estando El Rei em Lisboa lhe vieram as letras de ambos despachados, e logo lhe foi dada obediencia pelos commendadores e cavalleiros das ditas ordens no mosteiro de S. Domingos, a doze dias d'Abril de mil quatrocentos e noventa e dois, onde aquelle dia ouvio missa d'estado.

E deu-lhe El-Rei por aio e governador de sua casa D. Diogo d'Almeida, que d'ahi a poucos dias foi Prior do Crato por fallecimento do Prior D. Vasco d'Atayde. O qual D. Diogo foi homem mui principal, e foi mui valente cavalleiro e muito grande cortesão, e de muitas e boas qualidades, e muito aceito a El-Rei.

CAPITULO CXXXVIII

Do que El-Rei respondeu a certos senhores que o confortavam pela morte do Principe seu filho

ESTANDO El-Rei assi anojado, depois de passarem alguns dias em que já entravam com elle certos senhores e pessoas principaes do conselho, o estavam confortando e buscando modos e maneiras para o consolar, e elle respondeu :

«Eu verdadeiramente por cima de tanta tristeza, tanto nojo e desconsolação, dou muitas graças a Deos, pois elle foi servido de me assi levar meu filho, que elle só sabe o que faz, e nós não podemos saber nem alcançar seus secretos e escondidos juizos : e vos certefico que de uma cousa só estou em alguma maneira confortado, que é parecer-me que Nosso Senhor Jesu Christo se lembra da gente d'estes reinos, porque meu filho não era para ser Rei d'elles ; no que mostrou tamanho amor a seus povos». E dizia El-Rei isto porque o Principe era muito cheio de branduras, e prezava-se muito de sua gentileza, e vestia-se sempre de tabardos, e com martas ao pescoço forradas de setim e guarnecidas d'ouro, cousa mais de mulheres que de homens, e não queria trazer capas abertas, nem espada, de que El-Rei recebia muita paixão, e tambem de vêr as pessoas com que folgava, que não eram as que El-Rei desejava e queria, senão homens delicados e brandos, e com quanto o reprendia e amoes-tava, e com muito amor ensinava, não lhe podia tirar seu natural, que El-Rei havia que não era para a condição d'estes reinos. E claramente o Principe era mais inclinado ás cousas d'El-Rei D. Affonso seu avó

que ás d'El-Rei seu pae, e era mais brando e macio do que cumpria, que se isto não fôra, segundo o grande amor que lhe tinha, El-Rei morrera de nojo e paixão de sua morte. Mas este descontentamento e o grande amor que a seus naturaes tinha, lhe deu Deos por remedio de tamanha perda e desconsolação como a sua era.

CAPITULO CXXXIX

Da mercê que El-Rei fez aos filhos de D. Pedro d'Eça e aos de Vasco Martins de Mello

O Alcaide mór de Moura D. Pedro d'Eça, muito bom cavalleiro, e homem que El-Rei estimava, estando para morrer em Santarem, onde El-Rei estava, mandou pedir por mercê a Antão de Faria que o fosse vêr, e por elle mandou dizer a El-Rei que elle estava em passamento, e por tanto mandava a Sua Alteza as chaves da fortaleza de Moura, de que lhe tinha feita mercê; e El-Rei ouvindo o recado, pensando-lhe muito de assi estar, disse a Antão de Faria que logo lhe tornasse as chaves e lhe dissesse que aos taes cavalleiros como elle era, não acostumava tirar o seu a seus filhos, mas antes lhe fazer muitas mercês, que tomasse as chaves, e que a fortaleza e quanto d'elle tinha repartisse por seus filhos á sua vontade como cousa sua propria, e mandasse fazer os despachos, que logo foram feitos e assignados em sua vida, e lhe mandou dizer muitas palavras de conforto para tal tempo, de que D. Pedro foi muito consolado, e ficou mui satisfeito.

E quando se finou Vasco Martins de Mello, alcaide

mór do Castello de Vide, um fidalgo principal foi pedir a El-Rei que lhe fizesse mercê do dito castello, e El-Rei lhe respondeu:

«O que farei por amor de vós será guardar-vos segredo, e não saber pessoa alguma que me pediste isso, porque a um homem que tem cinco filhos que me servem já com a lança na mão, eu não ousaria de pedir o seu».

E logo sem requerimento deu o castello a Duarte de Mello, seu filho maior, e o que mais tinha repartio pelos outros filhos.

CAPITULO CXL

Do fundamento e principio do Esprital grande de Lisboa

N o anno de mil e quatrocentos e noventa e dois, a quinze dias do mez de Maio, mandou El-Rei perante si fundar e começar os primeiros alicerces do Esprital grande de Lisboa, da invocação de Todos os Santos, na maneira em que ora está feito, o qual lugar era horta do mosteiro de S. Domingos. E nos primeiros alicerces El-Rei por sua mão por honra de tão santo, tão grande e piedoso edificio, lançou muitas moedas d'ouro, e esse dia andou todo ahi vendo como se começava, e comeo em casa do conde de Monsanto, que é pégada com a horta do dito Esprital.

E neste anno El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella tomaram por cerco a cidade de Granada aos mouros, que por ser cousa de honrada memoria se põe aqui.

CAPITULO CXLI

Do que El-Rei respondeu a um recado da Rainha de Castella

SENDO o Principe D. Affonso que Deos haja, casado com a Princesa D. Isabel, filha d'El-Rei D. Fernando e da Rainha D. Isabel de Castella, estando em muita paz e muita liança, e muito grande amizade, a Rainha D. Isabel mandou dizer a El-Rei que desejava muito de vêr a cidade de Lisboa, e vir a ella com vinte de mula sómente, se elle d'isso houvesse prazer, e El-Rei lhe respondeu que assi desejava elle muito entrar em Sevilha com cincoenta cavalos a destro diante d'elle.

CAPITULO CXLII

Do que El-Rei disse quando deu o officio de mordomo-mór a D. João de Meneses

DEPOIS da morte do Principe pouco tempo, se finou D. Pedro de Noronha, mordomo-mór d'El-Rei, homem de muita honra e grande autoridade, e pedindo-lhe o officio muitos senhores e pessoas aceitas a elle, El-Rei o deu a D. João de Meneses, que fôra governador da casa e terras do Principe seu filho, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, homem de muito merecimento, e cuidando alguns que por andarem mais metidos com El-

Rei desse o officio a outrem, lhe disseram um dia em pratica :

«Senhor, nunca cuidamos, nem nos pareceu, que Vossa Alteza desse este officio de mordomo-mór a D. João» ; e El-Rei lhe respondeu.

«Sabeis por que lho dei? dei-lho porque sempre me falla verdade, ainda que me nisso não falle á vontade, e verdadeiramente se os officios se dessem por taes aderencias, haveria ahi poucos agravados, e quiçá os Reis seriam melhor servidos».

CAPITULO CXLIII

De quando El-Rei defendeu as mulas

NESTE tempo, porque El-Rei provia as cousas antes d'haver necessidade d'ellas, e vendo que a liança de Castella com a morte do Principe ficava desatada, por cima da muita paz e amisade que tinham, defendeu que em todos seus reinos não houvesse mula de sella, nem besta que não fosse marcã ; não quiz que prelados nem outro nenhum clerigo podesse andar nellas, e porque muitos abbades e clerigos abastados d'Entre Douro e Minho, e de Traz-los-Montes mandaram requerimentos a El-Rei que lhe guardasse os privilegios da egreja, e que não lhes deffendessem mulas, senão que apellariam para o Papa e mandariam sobre isso a Roma; como lhe nisso tocaram disse que elle não queria entender na jordição da egreja : que as tivessem muito embora, que elle faria o que por sua jordição e poder podia fazer. E mandou logo apregoar em to-

dos seus reinos que qualquer ferrador ou homem que ferrasse mula de sela, que morresse por isso, e nunca com isto quiz dispensar com ninguem. Por onde os clérigos sem terem com que ir nem mandar ao Papa deixaram as mulas, e em vida d'El-Rei nunca as mais houve.

CAPITULO CXLIV

Do que El-Rei fez a D. Francisco d'Almeida

D. Francisco d'Almeida, que depois foi o primeiro visor-rei da Índia, andou em Castella nas guerras de Granada, onde fez mui boas cousas e ganhou muita honra e fama de muito bom cavalleiro. E depois de Granada tomada se veio a estes reinos, e El-Rei, pelo bom nome que trazia lhe fez muita honra e favor.

E um dia estando El-Rei em Alcochete comendo, pela manhã, para ir a monte, D. Francisco veio á mesa com vestidos de monte e touca posta, e El-Rei lhe perguntou se comera já; respondeu :

«Senhor não, deixei-o para depois do monte acabado, porque é ainda cedo.»

E El-Rei lhe disse:

«Muito trabalho será esse. Assentai-vos ahi, e comei comigo.»

E mandou-o assenter em uma cadeira á mesa, e comeo com elle só perante muitos grandes e nobres que hi estavam em pé, só por ser bom cavalleiro.

CAPITULO CXLV

Do que El-Rei respondeu a Ruy Gil e Francisco de Miranda

UM Diogo Gil Magro, cavalleiro da casa d'El-Rei, em Evora injuriou muito a Alvaro Mendes do Esporam, homem bem honrado e muito bom cavalleiro, e por lhe parecer que estaria bem guardado e seguro d'elle, se foi á fortaleza d'Arrayolos, onde estava com Pero Jusurte, senhor da Villa, com que tinha muita amizade, bem guardado e temido.

E no anno de 92, João Mendes de Vasconcellos, e Diogo Mendes seu irmão, filhos do dito Alvaro Mendes, por astucia do pae com muita gente de cavallo e de pé que ajuntou, entraram por manha ao dito castello um dia ante manhã, e quebraram as portas da casa do dito Diogo Gil, e o mataram, do que pesou a El-Rei, porque lhe tinha boa vontade, e queria bem a Ruy Gil seu irmão, e era descontente de Alvaro Mendes.

E por o feito ser tão crime, e El-Rei não ter boa vontade ao dito Alvaro Mendes, Ruy Gil, com Ayres da Silva, camareiro-mór, por valedor pedio a El-Rei que lhe fizesse mercê das fazendas de Alvaro Mendes e seus filhos, que por bem de suas ordenações perdiam por fazerem assumadas com gente do extremo e de Castella, e entrarem uma fortaleza e matarem seu irmão; e El-Rei lhes respondeu:

«Melhor faria eu de dar a elles as fazendas de Pero Jusarte, e de vosso irmão, que a vós, as suas: as de Pero Jusarte por quão mal guardou a fortaleza, e a de vosso irmão por quão mal se soube guardar.»

E porque El-Rei sobre o caso mandava tirar grandes inquerições, devassas, e fazer muitas diligencias; e era certo que o barão de Alvito, Diogo de Mendonça, Diogo de Azambuja, Ayres de Miranda, e outros deram para isso gente e ajuda: Francisco de Miranda falou a El-Rei sobre isso pedindo-lhe por mercê que não quizesse devassar sobre tantos e honrados homens, e que olhasse Sua Alteza como homem e não como Rei, se outro tanto fizeram a seu pae o que elle sobre isso fizera, e El-Rei lhe respondeu:

«Francisco de Miranda fizera o que elles fizeram, e por isso me haverei com elles temperadamente.»

E logo sem outro mais requerimento mandou cessar as devassas e inquerições sem fallar nisso mais, porque fôra sobre vingança de injuria de pae.

CAPITULO CXLVI

Do que El-Rei fez sobre uma caravela da Mina que lhe tomaram os francezes

NESTE tempo estando El-Rei em Lisboa, lhe tomaram os francezes uma caravela da Mina com muito ouro, tendo paz com França.

Tanto que o soube teve sobre isso conselho com os principaes que na côrte estavam, e todos lhe aconselharam que mandasse sobre isso uma pessoa a El-Rei de França, e elle disse:—«A mi me parece o contrario do que parece a todos vós outros, porque não quero que a pessoa que lá mandar possa ser mal ouvida, ou trazida em dilações, do que mais

me pesaria que da perda do ouro», e alevantou-se do conselho sem dizer o que queria fazer.

Acertou estarem em Lisboa dez náos de França grandes, e de boas mercadorias; mandou-as tomar logo todas, e recolher com muito recado as mercadorias na alfandega, e tirar-lhe as vergas e governalhos e metter nellas homens que as guardassem, e lançar os francezes fóra d'ellas. E mandou logo a grande pressa com grandes provisões e poderes a Setuvel, e ao reino do Algarve, Vasco da Gama, fidalgo de sua casa, que depois foi conde da Vidigueira e almirante das Indias, homem de que elle confiava, e servia em armadas e cousas do mar, a fazer outro tanto a totalas que lá estivessem, o que fez com muita brevidade. E assi mandou outro tanto á cidade do Porto e a Aveiro. E os donos todos d'ellas se foram a El-Rei de França clamar e pedir que lhes fizesse tornar o seu. E El-Rei de França poz logo tal diligencia, e mandou fazer tanto nisso, que houve tudo á mão, e mandou a El-Rei sua caravella com todo seu ouro, e o das partes, sem fallecer uma dobra. E assi o houve sem nisso falar, mandando-lhe ainda El-Rei de França desculpas, e aos donos das náos mandou logo entregar tudo da maneira que lhe fôra tomado, sem fallecer cousa alguma.

CAPITULO CXLVII

Do que El-Rei fez quando a sua não grande partio para Levante

MANDOU El-Rei fazer uma não de mil toneis, a mais forte e melhor acabada, e a maior que nunca até então fôra vista, de tão grossa,

forte e basta liança, e tão grosso tavaado, que a artelharia a não podia passar, e tinha tantas bombardas grossas e outras artelharias, que foi muito fallado nella em muitas partes, estando esta não com outros navios que com ella iam para partir para Levante, onde a mandava mais ricamente concertada, e com melhor gente que nunca não foi, e Alvaro da Cunha seu estribeiro-mór, pessoa de que muito confiava, por capitão-môr.

E estando em Restello para se partirem, e El-Rei em Cintra para ir a Belem e d'ahi a vêr partir, lhe veio recado que na não adoeceram de peste cinco ou seis pessoas, do que muito pesou a El-Rei, e lhe aconselharam todos que não fosse a Belem por o perigo que era. Chamou então D. Diogo d'Almeida, Prior do Crato, e D. Diogo Lobo, barão de Alvito, pessoas de muito autoridade, e disse-lhes que lhe agradeceria muito chegarem a Belem, e de sua parte dizerem a Alvaro da Cunha, e aos fidalgos e cavalleiros que com elle iam, que lhe pesara muito dos rebates que na não houvera, pelos não ir vêr como desejava, por ser aconselhado que não fosse lá, e que Nosso Senhor os levasse e trouxesse como elle e elles desejavam.

O Prior e o barão pesando-lhes da ida o disseram ao camareiro-mór Ayres da Silva, que por licença d'ambos disse a El-Rei que lhe parecia cousa pouco necessaria mandar taes pessoas e tão chegadas a elle sem necessidade a lugar tão perigoso, e El-Rei lhe respondeu: «Ora pois que hão medo, não vão, que eu irei lá.»

E ao outro dia levantou-se muito cedo, e foi-se ouvir missa a Belem, e ahi lhe beijaram a mão Alvaro da Cunha, e todos os fidalgos e cavalleiros seus creados que na armada iam, e acabado os despediu, e se tornou a jantar a Cintra.

CAPITULO CXLVIII

Do que El-Rei disse ao barão sobre um cavalleiro que fôra de seu pae

UM cavalleiro da casa d'El-Rei, que se chamava Braz Affonso, homem honrado e de bom saber, que fôra criado do barão D. João da Silveira, pediu por mercê a El-Rei que lhe desse licença para comprar um officio, e El-Rei lhe disse que tinha nisso pejo. Apertou elle que pedia por mercê a Sua Alteza que olhasse sua pessoa e seus serviços, e sua qualidade, e a de quem lhe o officio vendia, e que veria claramente que aquelle e outro maior cabia nelle. E El-Rei lhe tornou que tinha a isso pejo.

Foi-se o Braz Affonso a D. Diogo Lobo, filho maior do barão, que depois foi barão, e muito agastado lhe contou o caso, e D. Diogo foi fallar a El-Rei agravando-se de Sua Alteza negar aquella licença, merecendo elle outra coisa maior, e lhe disse bem d'elle, e El-Rei lhe respondeu:

«D. Diogo, não deixei de o fazer por elle não ser para o officio, mas homem que foi criado de vosso pae, e vós não me fallaveis por elle; pareceu-me que seria por sua culpa, e por ser de máo conhecimento, e o ingrato não póde ser bom homem; mas agora que me vós dizeis que o é, e me fallais por elle; sou contente de lhe dar licença, e assi o fizera da primeira se me vós nisso fallareis.

CAPITULO CXLIX

Do que El-Rei disse a João Fogaça sobre Egas Coelho

UM Egas Coelho que ora é capitão de uma das ilhas Terceiras, era moço da camara d'El-Rei já homem, e tinha morto um cavalleiro, de que era livre, e temia-se muito dos irmãos, e andava armado e guardado, sendo ainda moço da camara, e uma noite ceando El-Rei, João Fogaça, veador, andava merencoreo dos moços da camara, e a quantos entravam dava com uma cana e arrepelava, que era algum tanto aspero de condição no officio. Acertou de entrar o Egas Coelho com capa e espada e armado não em auto para servir, e João Fogaça como o vio se foi a elle, e lhe quizera dar com uma cana, e elle lhe disse:

«Senhor, não me deis que sou homem, e não venho agora para poder servir».

E o veador querendo-lhe todavia dar, alevantou a cana para isso, e elle apunhou a espada, e disse:

«Se me dais meterei esta espada em vós».

Foi grão rumor na sala, e João Fogaça não lhe deu, e foi rijo fazer queixume a El-Rei alto perante muitos que á mesa estavam.

El-Rei chamou logo o Egas Coelho, que estava já preso, e preguntou-lhe como fôra, e elle mostrou como vinha armado, e disse:

«Vossa Alteza sabe como ando temido, e porque, e vinha agora não para servir á mesa, e sendo tão homem como sou, e andando armado, o veador sem causa alguma que eu fizesse me queria dar com um

cana como a moço perante tanta gente, e por isso Senhor fiz o que fiz. Vossa Alteza me póde castigar como quizer».

El-Rei lhe disse que fizera bem, e que por isso lhe não dava castigo algum, que se fosse embora, e disse a João Fogaça alto :

«Veador, não são esses os moços da camara que se hão de castigar com cana, e mais vindo da maneira que esse vem».

E não fez mais nada, antes teve em boa conta o Egas Coelho por olhar assi por sua honra.

CAPITULO CL

Do que El-Rei fez a Pero d'Alenquer, piloto

EL-REI por ter a Mina guardada, fez crêr em sua vida que navios redondos não podiam tornar da Mina por caso das grandes correntes, sómente navios latinos, e isto porque em nenhuma parte da christandade os ha senão as caravellas de Portugal e do Algarve, e os galeões de Roma que não são para navegar tão longe.

E um dia estando El-Rei á mesa praticando por que navios redondos não podiam vir da Mina, disse um Pero d'Alenquer muito grande piloto de Guiné, e que bem tinha descuberto, que elle traria da Mina qualquer não por grande que fosse. E El-Rei lhe disse que não podia ser, pois já muitas vezes se experimentara, e que todas as que lá mandara não poderam vir. E o Pero d'Alenquer se affirmou que o faria e se obri-garia a isso. E El-Rei disse :

«A um vilão peço não ha cousa que lhe não pareça que fára, e em fim não faz nada».

E depois de comer o mandou chamar só, e lhe disse a causa porque aquillo lhe dissera, e que lhe perdoasse, porque cumpria assi a seu serviço, e que outra hora não dissesse tal, e o tivesse em grande segredo, e lhe fez mercê de que elle foi bem contente, e sempre em vida d'El-Rei se teve por muito certo que náos não podiam vir da Mina e d'essas partes de Guiné, e por isso teve sempre todo Guiné muito guardado.

CAPITULO CLI

Do que El-Rei fez a uns capitulos que lhe mandaram de Coimbra sobre um cavalleiro que lá mandou

HAVENDO em Coimbra grandes bandos entre o Bispo e o Prior de Santa Cruz, e a cidade toda revolta, mandou El-Rei lá um cavalleiro de sua casa, valente homem, e de quem confiava, com grandes poderes a pacificar os bandos.

Foi e prendeu muitos homens, e outros degradou da cidade, e emprazou para a côrte, e pôs nisso tanta força e diligencia, que pacificou tudo. E porque alguns homens ficaram scandalizados d'elle, mandaram a El-Rei uns grandes capitulos de cousas que lá fizera. Os quaes El Rei logo vio e achou que tudo era fazerem-lhe queixume que dormira com mulheres. E quando achou que não era com casadas, nem com freiras, nem forçara nenhuma, mandou logo perante si queimar os capitulos. E disse, que touro capado não era bom para corro.

CAPITULO CLII

*Do que El-Rei disse ao Bispo de Tangere sobre D.
Diogo de Crasto*

D. Diogo de Crasto, alcaide-mór do Sabugal, era muito valente cavalleiro, e homem que El-Rei por isso estimava e fazia muita honra. E porque era muito apaixonado, e solto em suas palavras quando tinha paixão, e El-Rei porque lhe queria bem receava soltasse alguma palavra de máo ensino, ou de pouco acatamento perante elle, por onde fosse necessario castiga-lo, do que lhè pesaria, lhe mandou dizer por D. Diogo Ortiz, Bispo de Tangere e seu capellão mór, que elle folgava de lhe fazer mercê, e que sempre lha faria, que lhe rogava muito que quando alguma cousa lhe quizesse requerer fosse por outrem e não por si, por escusar paixões, de que lhe depois pesaria muito. Tanto cuidado tinha dos homens, que não abastava ensina-los, mas ainda os desviava dos caminhos em que podiam errar.

CAPITULO CLIII

*Do que El Rei disse a um homem que bebia vinho
mais do necessario*

UM homem honrado, que se não nomeia, folgava de beber vinho, e porque o El-Rei não bebia, havia-se por tacha, e todos em geral trabalha-

vam por seguir as obras e condição d'El-Rey. E este homem ás vezes lhe fazia o vinho damno, de que El-Rei tinha desprazer. E um dia o mandou chamar, e elle por não cheirar a vinho comeu folhas de louro, a que muito cheirava, e El-Rei lhe disse:

«Foão, debaixo d'esse louro a como val a canada»? De que o homem ficou envergonhado e trabalhou de se emmendar.

CAPITULO CLIV

Do que El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella, e El-Rei Carlos de França, e outros disseram por El Rei

MUITOS grandes disseram a El-Rei D. Fernando de Castella que devia de castigar muito o seu chronista-mór, porque o vencimento e toda a honra da batalha de Touro dava ao Principe de Portugal, e que elle só fôra o vencedor. E tantas vezes lho disseram, e apertaram que o visse, que El-Rei mandou vir o chronista perante si, e lhe fez lêr o capitulo perante os que lho tinham estranhado. E depois de visto, como singular Principe que era, e mui esforçado Rei, disse ao chronista que estava muito bem escripto, e que não tirasse nem pozesse palavra, porque tudo aquillo e muito mais era verdade, que elle o vira muito bem por seus olhos, e que assi ficasse escripto, porque assi era verdadeiramente. Palavras certo de muito louvor para ambos, e ambos foram singulares Principes.

E a Rainha D. Isabel de Castella estando um dia uns grandes senhores com ella, cuidando que lhe

apraziam nisso lhe disseram mal d'El-Rei D. João. E ella como tão excellente e singular Princesa como era lhes respondeu:—«Provesse a Deos que taes fossem meus filhos como elle é».

E outra vez estando em quebra com El-Rei lhe disseram muitos senhores em um conselho, para que sofria tantas cousas a El-Rei de Portugal, que lhe fizesse guerra e lhe tomasse o reino. E ella lhes perguntou para vêr como se poderia fazer, que gente de cavallo haveria em Castella e em Portugal, sabendo-o ella mui bem. Disseram-lhe que em Castella haveria dezaseis mil de cavallo, e d'ahi para cima, e em Portugal a todo mais sete ou oito mil, e ella lhe respondeu:

«Que faremos nós a isto, que esses todos são filhos, e os nossos são vassallos!»

Isto dizia a Rainha porque sabia em quanto estremo El Rei era amado dos seus, e que todos haviam de morrer diante d'elle.

E quando lhe deram a nova de como El Rei era morto, disse: «Agora morreu o homem que eu em tanta estima o tinha».

E El-Rei Carlos de França fazendo a maior parte da christandade liga contra elle, quando lho disseram, disse que não dava nada por isso, que para desbaratar todos não havia mister mais que ser com El-Rei D. João de Portugal seu irmão, e que para tomar o mundo elles ambos abastavam; e este foi singular Principe.

O Cardeal de Portugal D. Jorge da Costa, querendo grande mal a El-Rei D. João, e muito grande bem a El-Rei D. Affonso cuja feitura era, quando lhe disseram como era morto El-Rei D. João, em Roma onde estava disse perante muitos: — «Agora morreu o melhor Rei do mundo, filho do melhor homem do mundo.

Foi El-Rei tal que seus imigos em vida, e depois de morto, não podiam deixar de dizer bem d'elle e louvarem suas obras. E Monseor Descalas, irmão da Rainha de Inglaterra, homem mui principal, veio a vêr Portugal e Castella, e a guerra de Granada, e tornou por Lisboa, onde El-Rei lhe fez muita honra e mercê, e deu mui honrada embarcação em que foi. E lá em Inglaterra fallando nas cousas de cá, lhe perguntou El-Rei qual era a cousa que melhor lhe parecera. E elle respondeu que vira uma de que vinha mui satisfeito, a qual era vêr um homem que mandava todos e ninguém mandava a elle; e isto dizia elle por El Rei D. João, o qual foi sempre tanto contra sua condição ser mandado, que disse um dia, que por menos mal haveria a um Rei ser puto ou herege, que eram as piores partes que podia ter, que ser mandado.

E o Prior do Crato, D. Diogo d'Almeida, pessoa mui principal e mui aceito a elle, estando El-Rei um dia em uma pratica com outros não falando com elle, o prior atravessou-se e falou, e elle lhe respondeu:

«Isso será' querer mostrar que tendes comigo valia».

E outro dia estando El-Rei assignando encostado sobre a mesa, o Prior se chegou por detrás muito a El-Rei com o barrete na cabeça, e El-Rei quando o vio tão perto, disse alto:

«Chegae-vos para lá mais, que o Rei não tem avesso nem direito.»

Tudo isto a fim de não parecer a alguem que o podia governar, e assi viveo sempre absolutamente senhor até á hora de sua morte.

CAPITULO CLV

*De como se descubrio o reino de Manicongo, e de como
El-Rei e a Rainha foram feitos christãos*

No anno de mil e quatrocentos e noventa e dois, estando El-Rei na cidade de Lisboa, lhe veio recado como El-Rei de Manicongo, muito grande Rei e senhor em Guiné, e muito além da Mina, era feito christão; e de como se fez e seu reino e terra se descubrio, foi na maneira seguinte:

No anno de mil e quatrocentos e oitenta e cinco, desejando El-Rei o descubrimento da India e Guiné, que o Infante D. Anrique seu tio primeiro que nenhum Principe da Christandade começou, mandou no dito anno sua frota á dita costa, armada e provida para muito tempo como cumpria, e por capitão mór d'ella mandou Diogo Cão, cavalleiro de sua casa, que outra vez já lá fôra por seu descobridor. O qual indo pela dita costa com assaz perigo e trabalho, foi ter com a dita armada ao rio de Manicongo, que é uns dos grandes que no mundo se sabe d'agoa doce, que é de largo duas legoas, e de alto em toda a boca e muito dentro setenta braças, e dizem que entra pelo sertão trezentas legoas, e que traz tanta força que pelo mar faz corrente ao longo da costa cincoenta legoas, o qual rio e terra de Congo é de Portugal mil e setecentas legoas, onde por ser tão longe da outra terra de Guiné já descuberta não se poderam entender com a gente da terra, e levando muitas lingoas nenhuma entendia, não sabia aquella linguagem. O qual capitão por assegurar a gente da terra e lhe te-

rem boa vontade, determinou de mandar ao Rei da terra que estava longe pelo sertão, um presente, o qual lhe logo mandou por certos christãos, de muitas cousas, desvariadas umas das outras, e lhe mandou dizer como a dita armada era d'El Rei de Portugal, que com todo o mundo tinha paz e amisade. E por lhe dizerem quão grande Rei elle era, desejando de a ter com elle, e muita prestança e trato, o mandava buscar, e dizendo-lhe logo o proveito e honra que aos seus e a sua terra d'ahi lhe poderiam vir. Os quaes christãos com o presente chegaram ao Rei, e foram d'elle recebidos com muita honra, muito prazer e alegria, e espanto, e muito bem agasalhados, e folgou tanto de os vêr e perguntar-lhe por as cousas de cá, que os não podia despedir de si e deixa-los tornar á frota, e pela muita tardança sua pareceu ao capitão que deviam de ser captivos ou mortos, e vendo que os negros da terra se fiavam d'elle, e entravam já nos navios, determinou não esperar os christãos que mandara, e partir-se com alguns d'aquelles negros, e assi o fez. Porque os que primeiro se fiaram e vieram á frota acolhe-os dentro, e não os deixou mais sair a terra, e se veio com elles para Portugal, não nos trazendo como captivos, mas com fundamento que depois de aprenderem a lingoa e costumes nossos, e a tenção d'El-Rei, tornariam a Manicongo, e por elles se poderia bem saber tudo o que cumprisse de uma parte e da outra, porque lhe pareceu que d'outra maneira não podia ser, e antes que o dito capitão do porto partisse, o certificou assi ás gentes da terra, e prometeu que antes de passarem tantas luas, que é o modo em que elles contam os tempos, com ajuda de Deos tornaria aquelles que levava alli d'onde os tomara, vivos e sãos com muita honra e riqueza, e com isto seguiu todo aquelle tempo as vidas dos chris-

tãos que tinha mandado ao Rei, o qual tomou por isso sentimento, havendo tudo por mentira, e determinando que passado o tempo se os seus não viessem mandar matar os christãos que lá ficaram. E com quanto d'antes folgava muito com elles, depois não nos quiz mais vêr.

E os negros vindo a estes reinos, com quanto foram trazidos sem ordenança d'El Rei, elle folgou muito com elles, principalmente porque entre elles acertaram de vir homens fidalgos e principaes da casa do Rei, e de muito bom saber. Os quaes mandou logo vestir de finos panos e sedas, e trata-los muito bem, honra-los e favorece-los, e mandou a todos que assi o fizessem, e elles sempre no mar foram do capitão honradamente tratados, e depois de serem mui bem informados da virtuosa tenção e vontade d'El-Rei, que era serem christãos, e assi depois de terem vistas muitas cousas principaes d'estes reinos e maneira de nossa Fé, El Rei houve por bem que os tornassem a sua terra, e mandou logo armar sua frota para o dito descubrimento, e nella mandou os ditos negros despedidos com muita honra e grandes mercês das cousas d'estes reinos que lhe a elles melhor parecia.

E assi enviou por elles ao dito Rei do Congo sua embaixada com um presente rico de muitas e boas cousas, e lhe mandou offerecer sua amizade, e descobrir sua vontade, que era desejar sua salvação, convidando-o com razões e amoestações para a Fé de Jesu Christo Nosso Senhor, encomendando-lhe que deixasse os idolos e feitiçarias que tinha e adoravam em seu reino, dando-lhe para isso muitas e boas razões que elle podesse entender, e dito de maneira que elle se não scandalizasse pela erronia e idolatria em que vivia, que nisso teve El-Rei muito resguardo e temperança para com brandura o provocar.

CAPITULO CLVI

De como os negros chegaram a sua terra

CHEGOU a frota com os negros a terra de Manicongo, e o dito Rei com toda sua côrte, que é bem grande, houve grande prazer e contentamento com a vista dos seus fidalgos, que já davam por mortos ou captivos, sem esperança de os mais vêr. E vendo-os em trajos tão honrados tornados com tanta paz e saude, era em todos o prazer e alegria tanta, como se todos resuscitaram da morte á vida, e com a nova de sua tornada, que foi para todos de grande espanto e se espalhou por muitas partes, vinha tanta gente á côrte que se não podia estimar, porque os negros que vieram eram homens nobres e muito conhecidos.

E El-Rei de Congo com a embaixada e presente se havia por tão bemaventurado que se não conhecia, e mandava chamar aos grandes senhores seus vassallos para lhe dar parte de tanta gloria, fazendo a aquelles seus fidalgos que mui a meude em publico com altas vozes dissessem as virtudes, bondades e grandezas d'El-Rei de Portugal e dos seus reinos, e da honra e humanidade com que os tratara, e as muitas e mui grandes mercês com que os despedira, e assi o presente que lhe mandara, e a todos rogava muito que por amor d'elle se alegrassem com tanta honra sua. E que por honra d'El-Rei de Portugal fizessem muitas festas e prazeres.

E as palavras e amoestações para a Fé de Nosso Senhor Jesu Christo recebeu com tanta efficacia, que parecia que Deos as escriptara nelle, que com o muito

desejo que já tinha de sua salvação não dava lugar que o embaixador e frota de Portugal se partisse, pelo muito contentamento que levava em falar com os christãos. E depois de com muita graça e fervor mostrar desejo de querer ser christão, despedio o capitão e navios. E nelles mandou a El-Rei por seu embaixador Caçuta, que primeiro a estes reinos viera, homem mui principal, e a elle mui aceito, que depois de ser christão houve nome D. João da Silva, homem de bom natural e mui bom christão, amigo de Deos; e trouxe a El-Rei um presente de muitos dentes d'elefantes, e cousas de marfim lavradas, e muitos panos de palma bem tecidos, e com finas côres.

E o principal de sua embaixada era beijar-lhe as mãos pelo cuidado que tivera de lhe honrar em sua vida o corpo, e lhe procurar a salvação para sua alma. E que elle em sua vontade havia El Rei por tão bemaventurado e de tanto coração e saber, que elle havia por boa ventura sua reger-se por suas leis e sobre sua Fé se salvar, porque aquella e não outra havia de ser a verdadeira, pois Deus nella o criara. E que não podia ser que o Criador criaria cousa tão grande, tão boa e tão perfeita como elle era para o condemnar, e que por tanto cria o que lhe dizia, e desejava de vontade de o fazer, pelo qual lhe pedia muito por mercê, e pelo nome de Deos, que aquillo para que o convidara, que era receber a agoa do santo baptismo, não lhe tardasse mais. E que para isto, pois seus reinos eram tão apartados uns dos outros, que em pessoas se não podiam vêr, lhe pedia muito por mercê que lhe mandasse logo frades e clerigos, e todas as cousas necessarias para elle, e os de seus reinos receberem agua de baptismo. E assi lhe mandasse pedreiros e carpinteiros para lhe fazerem egrejas e casas de oração como as d'estes reinos, e tambem lhe

mandasse lavradores para lhe mansarem bois, e lhe ensinarem a aproveitar a terra, e assi algumas mulheres para lhe ensinarem as do seu reino a amassar pão, porque levaria muito contentamento por amor d'elle, que as cousas do seu reino se parecessem com as de Portugal.

E assi enviou dizer a El-Rei outras cousas como homem mui prudente, e para começo de christandade mui necessarias, entre as quaes foi, que elle lhe pedia por mercê que certos moços pequenos de seu reino que lhe mandava, lhos mandasse logo fazer christãos, e ensinar a lêr e escrever, e aprenderem muito bem as cousas de nossa Fé, para que estes em tornando em seu reino por saberem ambas as lingoas e costumes que saberiam, poderiam a Deos e a elle muito servir, e aproveitar a todos de seu reino. Com a qual embaixada o dito embaixador chegou a El Rei estando em Beja, no começo do anno de quatrocentos e oitenta e nove.

E com os requerimentos e tenção do Rei do Manicongo El Rei ficou tão ledo e tão contente de si, dando tantos louvores a Deos por cousa de tanto seu serviço como esta era, quanto um muito catholico Principe como elle podia fazer. E recebeu o embaixador com muita honra e gasalhado, e logo por suas vontades, elle e os de sua companhia com muita solemnidade foram christãos, e El-Rei e a Rainha foram padrinhos, e assi alguns senhores.

E depois de feitos christãos quiz El-Rei que estivessem nestes reinos até o fim do anno de quatrocentos e noventa, para que neste tempo soubessem bem a lingoagem e aprendessem os artigos da Fé, e os mandamentos divinos, e todo o mais que para serem christãos cumpria.

E sendo já prestes a frota para ir ao dito reino de

Congo, El-Rei mandou por seu embaixador ao dito Rei de Manicongo, Gonçalo de Sousa, fidalgo de sua casa, e capitão-mór da frota, que em ajuda do dito Rei tambem enviava, e com elle o dito D. João da Silva, embaixador, e em sua companhia muitos frades da Ordem de S. Francisco, e alguns d'elles bons letrados e de boa vida. E com elles mandou muitos e ricos ornamentos e cruces, castiçaes e galhetas, campainhas e sinos, e orgãos, e muitos livros, e todas as outras cousas necessarias para egrejas, tudo em muita perfeição.

E da maneira que se havia de ter com fazerem o Rei christão, e os de seu reino, teve sobre isso conselho, e do que se determinou com theologos levaram os frades mui clara instrucção.

E ordenado o presente para El-Rei, e os navios prestes, partiram de Lisboa segunda feira dezanove dias de Dezembro de mil e quatrocentos e noventa, e sendo junto com as ilhas do Cabo Verde, o dito Gonçalo de Sousa capitão mór, morreu de peste, porque á sua partida morriam d'isso em Lisboa, e assi falleceu após elle o dito D. João da Silva, e outro negro christão, com as quaes mortes os da armada foram mui anojados, e ficou por capitão mór da dita armada Ruy de Sousa, primo com-irmão do dito Gonçalo de Sousa, e seguindo sua viagem aportaram ao rio do Padrão no reino do Congo, por onde haviam de ir onde El-Rei estava.

E chegaram a este rio aos vinte e nove dias de Março de mil e quatrocentos e noventa e um, e era ahi senhor um tio d'El-Rei, que se chamava Monisonho, homem de cincoenta annos, e muito grande senhor, e de muito bom saber, e estava duas legoas do porto, onde lhe foi recado da frota, e pedido que o mandasse dizer a El-Rei.

E o dito Monisonho com mostranças de muito prazer e acatamento d'El-Rei de Portugal, sabendo como o D. João da Silva era morto, e christão, disse que morrera bemaventurado, pois morrera christão, e em serviço de taes dois Reis, e que por amor e reverencia de tão virtuoso e poderoso Rei como era El Rei de Portugal, elle queria logo fazer tantas festas como se El-Rei seu senhor fosse presente, e para isso ajuntou muita gente, e a mais honrada, homens e mulheres, e a seu modo fez as maiores festas que entre elles havia.

E querendo-se os christãos que lhe levaram o recado vir, disse que não se agastassem que elle queria levar o recado ao capitão, e vêr o que nenhum de sua linhagem vira, e sobretudo queria ser christão, porque o Rei em que Deus posera tanta virtude e grandeza de coração, como em o Rei de Portugal, elle queria adorar quem elle adorasse, e crêr em quem elle cresse, e depois de com isto despedir os messageiros christãos, partiu para o porto onde estavam os navios, acompanhado de tres mil archeiros e muitos tangeres, e muitos carregados com mantimentos, porque entre elles não ha bestas, e o capitão o sahio a receber fóra dos navios, acompanhado de boa gente bem armada com muitas espingardas, bestas e bombardas, e Monisonho o recebeu com muito prazer e grande gasalhado, e lhe mandou dar muita abastança de mantimentos, e mandou apregoar que todala gente ao outro dia fosse ahi junta para festejar El-Rei de Portugal, a qual veiu muita infinda, e pediu ao capitão que o quizesse fazer christão, isto com tanta vontade e devoção que lhe disseram que si, e logo ordenaram casa de madeira muito bem concertada para isso, e tudo prestes, elle fez uma falla aos seus, em que lhes disse que no mundo não havia homens bemaven-

turados nem sabedores, senão os brancos, e que na perfeição de suas cousas o viram; por crêrem no Deus verdadeiro lhe dava suas cousas perfeitas e de verdade, pelo qual lhes fazia saber que elle se queria tornar christão, e que lhe não dava que por isso lhe quizessem mal, e todos lhe louvavam sua vontade, e pediram que tambem os fizesse christãos, que elles o queriam ser com elle. E elle lhe respondeu que lhe aprazia, porém que seria depois de o ser El-Rei seu senhor, que por não saber se o haveria por mal, não queria agora que o fosse mais que elle e um seu filho, e elles lh'o tiveram muito em mercê, com grão prazer e alvoroço.

E dia de Paschoa de Resurreição, três dias d'Abril do anno de noventa e um, o dito Monisonho com grande devoção e tudo ricamente concertado, foi feito christão, elle e um seu filho. E elle quiz haver nome D. Manoel, por amor do duque, dizendo que pois era duque como elle, e parente mui achegado a El Rei, queria ter o seu nome. E ao filho chamaram D. Antonio. E acabado o officio os frades com muita devoção e lagrimas o levaram com procissão a sua casa, onde foi com tanta devoção e alegria, que disse aos seus que nunca em sua vida tivera tal prazer e contentamento como então.

E logo o dito D. Manoel mandou dar conta de tudo a El-Rei, e como elle e seu filho sómente eram feitos christãos, e El-Rei lhe respondeu logo por um grande senhor, primo com-irmão do Principe, agardecendo-lhe muito a honra e gasalhado que fizera aos christãos d'El-Rei seu irmão e amigo, e que fo'gava muito elle ser christão como elle o esperava ser, e que por o assi fazer que elle o estimava por grande e assignado serviço, lhe fazia por isso mercê de trinta legoas de terra ao longo da costa do mar, e dez le-

goas por o sertão, com todos os vassallos e rendas d'ella. Encomendando-lhe muito a frota e os christãos, e que tudo lhes dessem de graça, em tanta abundância como se fossem seus filhos.

E o dito dia de Paschoa se fizeram muitas festas, e á tarde o dito D. Manoel se apartou com os frades, e lhes pediu que lhe ensinassem o caminho de sua salvação, os quaes folgaram muito de sua confirmação e fé, e lhe disseram sobre isso todo o necessario, o que elle tomou como homem de muita prudencia e muita fé, e logo mandou por todos os idolos de sua terra, e perante os frades os mandou todos queimar e derribar, e desfazer todas as casas e altares em que estavam. E lhe disseram os frades missa cantada com órgãos, e ricos ornamentos que levavam para o Rei, e em grande maneira folgou de a ouvir, e esteve a ella com muita devoção, e sempre pedia aos frades que lhe ensinassem as cousas que era obrigado fazer para poder merecer salvação de sua alma, e este dia em que primeiro ouviu missa, por honra d'ella mandou que em sua terra para sempre se guardasse por dia santo, e outras cousas fez e disse como homem que nascera christão, o que certo parecia ser mais por milagre de Nosso Senhor Deus, que por outra nenhuma razão.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXIV)

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

VOLUME III

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

—
1902



CAPITULO CLVII

De como os christãos, capitão e frades foram a El-Rei

DEPOIS d'estas cousas assi feitas e acabadas, com muito serviço de Deos e muita honra e grande louvor d'El-Rei, ordenou o dito D. Manuel com o capitão que os frades e a outra gente fossem com a embaixada a El-Rei seu senhor, os quaes se fizeram logo prestes com muita diligencia. E depois do capitão deixar os navios a bom recado, partio por terra com duzentos negros, que levavam todas as cousas, e outros muitos para segurança de tudo, e levavam muitos mantimentos.

E indo seu caminho lhe veio um fidalgo com recado d'El-Rei alegrando-se muito com sua ida, e com um mandado geral, que aos christãos em seu reino se desse tudo de graça, sob pena de morte, e assi se cumprio inteiramente, porque era o Rei d'aquellas terras mais temido, amado e obedecido. E com este mandado os negros da companhia tomavam aos outros muitas cousas demasiadas, e não havia quem se agravasse, e sendo já junto da côrte, por mandado

d'El-Rei veio a elles outro seu grande privado com muita somma de buzios, que é sua moeda, e com muitos carneiros, cabras, farinha, galinhas, vinho de palma e mel, e outros muitos mantimentos, e do porto até á côrte sendo cincoenta legoas tardaram vinte dias.

CAPITULO CLVIII

Da entrada dos christãos na côrte d'El-Rei de Congo

O dia que os christãos entraram na côrte foram de gente sem conto recebidos com estrondos e festas, e foram logo aposentados em umas grandes e boas casas muito providas de totalas cousas necessarias.

E o recebimento foi, que para o capitão e frades mandou El-Rei muitos gentis homens feitos momos de muitas maneiras, e após elles infindos archeiros, e depois lanceiros, e outros com outras armas de guerra, e tambem mulheres sem conto, todos em batalhas repartidos, e com muitas trombetas de marfim, e atabaques, e outros estromentos, cantando todos muitos louvores d'El-Rei de Portugal, e cantando suas grandezas com muito grande alegria, e nesta ordem chegaram a El-Rei, que estava em um terreiro de seus paços, acompanhado de muita infinda gente, e posto em um estrado rico, e nú da cinta para cima, com uma carapuça de pano de palma, e ao hombro um rabo de cavallo guarnecido de prata, e da cinta para baixo cuberto com panos de damasco que El-Rei de cá mandara, e no braço esquerdo um bracelete de marfim.

E o capitão chegou a elle e lhe beijou a mão com as cerimoniaes de Portugal, e lhe deu as encomendas d'El-Rei, e disse de sua parte outras cousas com que El-Rei de Congo recebia muito prazer, e em signal de agardecimento tomou terra nas mãos, e a correo pelos peitos do capitão, e depols pelos seus d'elle mesmo Rei, que segundo seu costume é o maior acatamento que os Reis podem fazer. E sobre isto todos da côrte fizeram grandes festas, e alevantavam todos as mãos contra o mar, como que mostravam Portugal, dizendo com grandes gritas: — Viva o Rei e senhor do mundo, e Deus o acrecente, pois é tão amigo d'El-Rei nosso Senhor. E depois de muitas festas passadas El-Rei despedio o capitão.

E como o capitão e christãos descansaram do caminho, tornaram a El-Rei com o presente, e todas as cousas muito concertadas, e as pozeram em uma muito boa casa, a que El-Rei logo veio com certos senhores e fidalgos, e segundo se affirmava alguns d'elles podiam servir El-Rei com cem mil homens, e foram-lhe logo mostrados os ornamentos e cousas da egreja, cada uma per si, com que mostrava tanta alegria e prazer, que muitas vezes se levantava do estrado e abraçava o capitão e o levantava nos braços, mostrando-se o mais bemaventurado Rei do mundo, e que nunca pderia pagar a El-Rei de Portugal tamanha mercê.

E depois de mostradas as cousas da egreja e o presente, o capitão lhe mostrou o que elle mandára pedir. Os pedreiros e carpinteiros com suas ferramentas, e os lavradores com seus aparelhos, e as mulheres para amassar com suas bacias e caldeiras, e depois um cavallo cencertado muito bem. E o presente para sua pessoa era brocado de pelo, e razos em peça, e muitas peças de ricas sedas de côres, e escarlatas e

Olanda, e rabos de cavallo guarnecidos de prata, que elle muito estimava, e uns ruços pombos estima mais (?) e assi chocalhos e cascaveis, e vestidos ricos já feitos para elle e para a Rainha, e lhe offereceu tudo da parte d'El-Rei com muito boas palavras, dizendo que d'aquellas cousas havia muitas em seus reinos, e outras d'outras sortes com que falaria de lhe aproveitar quando elle as quizesse.

El-Rei espantado da riqueza e novidade d'ellas, respondeu que sendo grande Rei e senhor de muitas terras lhe parecia que não tinha nada para poder servir tamanhas mercês.

E o capitão se lhe offereceu com toda a frota e gente d'ella para o servir no que elle mandasse, até morrerem, por que assi o trazia por mandado d'El-Rei, e elle com muito prazer e alegria se abaixava, e com as mãos tocava a terra, e depois de tudo recebido, disse aos senhores que com elle estavam.

«Certamente o Rei em que tanta virtude e tanta nobreza ha, este só é o senhor do mundo, e merece de o servirem, porquesem lho merecer me faz tantas mercês, vêde que fará aos que o servirem», e todos lhe diziam que era assi, e que elle lhe era em grande obrigação.

E logo mandou chamar todos os senhores e fidalgos, e lhe mostrou tudo com grande prazer, rogando-lhes que todos se alegrassem com tanta honra sua, pois de tão alongadas terras, com tantos perigos e mortes e tamanhas despezas, me manda tão ricas cousas um Rei que eu nunca acabarei de saber: e deixarei por benção a meus filhos que o tenham por senhor. E disse logo ao capitão perante todos que todas as cousas que visse e lhe parecesse que seriam de contentamento d'El-Rei as tomasse de graça, e lhas levasse: porque com quanto tinha desejava de o servir, e assi o despedio.

CAPITULO CLIX

De como se fez a primeira egreja

ELOGO El-Rei mandou e deu carrego a certos fidalgos que mandassem tirar a pedra para se fazer a egreja: os quaes ordenaram logo mil negros que com muita diligencia a traziam ás costas de duas e tres legoas com tantas cantigas de prazer e alegria, e com tão boa vontade que era de maravilhar, e muitos a que o não mandavam se convidavam para isso. E a egreja com muita pressa se começou a seis dias de maio de mil e quatrocentos e noventa e um, e acabou-se o primelro dia de Julho logo seguinte, casa grande e de muita devoção, com muitos ornamentos e muitas imagens, e foi da invocação de Nossa Senhora Santa Maria.

E em se a dita egreja fazendo todo aquelle tempo os frades fallavam muitas vezes com El-Rei nas cousas da Fé, e elle as ouvia com grande contentamento, e esperava que a egreja se acabasse. E um dia mandou chamar os frades, e perguntou-lhe se podia ser christão em outra casa se não na egreja, e elles lhes responderam que si, e elle lhe disse:

«Eu até agora estive neste erro esperando que a egreja se acabasse, e pois se póde fazer antes d'isso, eu não quero estar mais nelle, e de manhã em toda maneira eu quero ser christão, porque assi mo diz meu coração, e minha mulher e filhos, e os de meu reino depois se farão.»

E os frades muito contentes e alegres de sua tenção, de que não duvidavam, lhe disseram: «Senhor, isso é já graça de Deos, e por tal lhe dae muitas graças e louvores.

CAPITULO CLX

De como El-Rei foi feito christão

Ao outro dia os frades concertarem uma casa a melhor que nos paços acharam, na qual fizeram altar, e ordenaram tudo em grande perfeição com tochas e velas acesas, e offerta e bacias grandes cheias d'agoa postas em mesas, tudo em muito boa ordem, e como foi concertado El-Rei veio logo á dita casa com muita gravidade e signaes de muita devoção acompanhado de seis fidalgos grandes de seus reinos, para com elle serem christãos, e posto El-Rei em pé ante o altar com os seus, frei João começou e acabou o officio mui devotamente, e baptisou El-Rei e aos seus, e El-Rei por amor d'El-Rei de Portugal houve nome D. João, e os seus houveram nome, o primeiro D. Francisco, o segundo, D. Gonçalo, o terceiro D. Jorge, o quarto, D. Lopo, o quinto D. Diogo, e o sexto D. Rodrigo, e El-Rei e seus fidalgos receberam a agoa do santo baptismo com tanta devoção e boas vontades, que parecia misterio de Deus.

E logo ao outro dia disseram missa com todas as cerimoniaes reaes, de que El-Rei recebia grande contentamento.

E foi isto feito com muito louvor e serviço de

Deos e exalçamento de sua santa fé catholica, e por honra, merecimentos e memoria d'El-Rei D. João o segundo de Portugal, dia da Santa Vera Cruz de Maio, de mil quatrocentos e noventa e um.

E neste dia depois de comer houve no terreiro dos paços muitas e mui grandes festas com gente sem numero, e El-Rei por si festejou ao seu modo maior de festa que tinha, tudo em louvor de Deos e por honra d'El-Rei de Portugal. E alli vieram ante elle todos os senhores e fidalgos que presentes eram uns entre outros, e todos lhe alegavam seus serviços e merecimentos, e se agravavam d'elle por lhe não fazer aquelle bem de serem logo christãos. E El-Rei com muito boas palavras respondeo a todos que não se aggravassem, que elle recebia muito contentamento em vêr suas vontades, e que tanto que a Rainha sua mulher e o Principe seu filho o fossem, que seria com a graça de Deos mui cedo, elles todos o seriam, do que todos ficaram muito contentes, e tocaram todos a terra, e a punham sobre seus rostos em signal de grande acatamento, e com grandes gritas se levantaram e fizeram muitas e grandes festas, que duraram até noite, com tanto contentamento que era cousa milagrosa.

E logo ao outro dia se lançou pregão geral, que todo o que aos christãos d'El-Rei seu irmão em seus reinos e terra bem parecesse e o quizessem tomar, lho dessem de graça, e que El-Rei o pagaria a seus donos. E assi mandou em geral queimar todos os idolos de seus reinos, e derribar suas casas e altares, e se cumprio inteiramente, e a quinta feira seguinte, cinco dias de maio, o capitão e frades tornaram a El-Rei, e como a egreja manda, a elle e aos seis que com elle foram christãos tiraram os capellos, e acabado El-Rei se assentou com os frades e capitão junto

com elle, e começando de fallar nas cousas da Fé, um dos fidalgos, que se chamava D. Jorge, disse a El-Rei:—Senhor quanta mercê tu e nós temos recebida de Deos não podemos merecer, e já agora fique não a outro bem nem a outra verdade senão ser christão, porque toda esta noute nunca me deixou uma mulher muito formosa, que com muito prazer me dizia que te dissesse, que agora eras tu e todo o teu reino ganhado, e deu-me por issó tanto esforço, que agora eu só me mataria com cem homens, e não lhes haveria medo. E por isso senhor faze christãos todos teus fidalgos e vassallos, e com elles sabe certo que em tudo será teu poder muito maior.

E acabando este com muitas graças que se deram a Deos e a nossa Senhora, começou outro fidalgo, que se chamava D. Diogo, irmão de D. João da Silva, que morreu no mar, e disse:—Senhor, por aquella mesma maneira, e com aquella mesma mulher me aconteceu a mi também, e já tinha cuidado de to contar como sonho, mas agora o tenho e creio por verdade, porque não podíamos ambos sonhar uma cousa. E mais em sahindo pela manhã de casa achei uma cousa santa de pedra que eu nunca vi, e é feita como aquella que os frades tinham quando fomos feitos christãos, e dizia-o pela cruz.

E El-Rei mandou-lhe que fosse por ella, e elle em pessoa a trouxe cuberta, e com muito acatamento a deu a El-Rei. E era uma cruz de pedra muito bem feita de dois palmos, e os braços lavrados em redondo, e muito lisos, e a pedra era preta, e sem nenhuma semelhança de pedra alguma que na terra houvesse, e El-Rei a tomou nas mãos, e disse aos christãos:

«Que vos parece isto?» E elles vendo-a com muitas lagrimas e devoção com as mãos levantadas aos ceos lhe disseram:

«Senhor, estas cousas são signaes da graça e salvação que Deos envia a ti e a teus reinos, e por isso lhe damos muitas graças, e tu tambem lh'as dá, porque estes milagres e revelações que aos teus se descobrem te debes agora d'haver pelo mais bemaventurado Rei do mundo, pois sobre tão poderoso como és nesta vida, Deos se lembrou de ti e te quer na morte dar outro reino para sempre, se neste proposito de seu serviço continuares».

E El-Rei com as lagrimas que nos christãos vio ficou em extremo mui alegre e muito confortado, e se levantou, e andou abraçando e alevantando os christãos nos braços, que é o maior signal de prazer que entre elles ha. E logo a cruz com solemne procissão e muita devoção foi levada á egreja onde estava por uma grande reliquia e notavel milagre, por honra da qual El-Rei mandou fazer muito grandes festas.

CAPITULO CLXI

De como a Rainha foi feita christã

E passados alguns dias antes da egreja se acabar, a Rainha em publico se veiu agravar a El-Rei, porque não dava logar que fosse christã, dando-lhe para isso muitas e mui boas razões fundadas no amor de Deus. E El-Rei se escusava com a egreja não ser acabada, e tambem por esperar por o Principe seu filho, que era longe, e o tinha mandado chamar.

E neste tempo se falleceu de doença Frei João, o principal dos frades, e com sua morte foi El-Rei mui

anojado, porque cria muito nelle. E receando de os frades morrerem, e desejando já da Rainha ser christã, porque os frades eram já todos doentes, perguntou a Frei Antonio, a quem o carregio ficou sobre os outros, se com toda a sua doença poderia sómente fazer a Rainha christã, por que elle estava de caminho para a guerra, e flogaria muito de deixar a Rainha christã, e sem isso lhe pareceria que não seria vencedor, nem tornaria de lá.

E Frei Antonio lhe disse, que com toda sua fraqueza, por serviço de Deus e seu o fazia, e concertado tudo como cumpria em muita perfeição, na mesma casa onde El-Rei o foi, e por aquella mesma maneira, sabado 4 do mez de Junho do dito anno, a Rainha com a graça de Deus, sendo El-Rei presente, foi feita christã com grande devoção e muito acatamento a Deus, e houve nome D. Lianor, por amor da Rainha D. Lianor.

E no mesmo dia em que a Rainha foi feita christã, porque El-Rei já ordenava de se ir á guerra, lhe entregaram o capitão e os frades a bandeira com a cruz que El-Rei de cá mandava, e lhe disseram as virtudes d'aquelle signal da cruz, e quantos com elle foram com poucos vencedores de muitos, e que El-Rei por isso lha mandava que a tivesse em grande honra e estima, e com estas palavras o dito Rei com os joelhos no chão e a cabeça descuberta, a tomou em suas mãos com muito acatamento, e de sua mão a entregou logo a D. Gonçalo, homem principal, e seu alferes-mór. E El-Rei e todos os senhores e fidalgos se foram com elle até sua casa, e por maior reverencia da bandeira iam alguns senhores com abanos abanando-a, que esta é a grande cerimonia e acatamento que se faz ao Rei.

E a segunda feira logo seguinte, seis dias de Ju-

nho, o capitão e frades foram ao paço da Rainha por seu mandado, para lhe tirarem o capello do oleo, e folgou muito com elles, e mui honradamente os agasalhou, e com grande tento lhe perguntou pelas cousas da Fé, rogando-lhe que mui declaradamente lhas dissessem para as cumprir inteiramente. E os frades lhe louvaram muito sua tenção e devoção, e lhe disseram aquellas cousas da Fé que então mais cumpriam, e ella assi como as elles diziam as punha no estrado por tentos de pedrinhas, que é a sua arte memorativa, dizendo que por alli lhe lembraria, e assi lhe esteve perguntando com muita prudencia e repouso pelas cousas d'estes reinos e por El-Rei e Rainha e seus estados, e depois de com verdade responderem a todo se despediram d'ella, e lhes mandou fazer mercê de muita soma de sua moeda, e de mantimentos, tudo com muita graça e nobreza.

E acabadas assi as ditas cousas, o capitão disse a El-Rei, que pois tinha mandado ajuntar suas gentes para a guerra, que lhe pedia por mercê, que por quanto a frota e gente d'ella o não serviram, e adoeciam, e morriam sem proveito no porto, se servisse de tudo com tempo. E El-Rei folgou muito com sua lembrança, e apressou sua partida, para ir fazer guerra a uns senhores seus vassallos que lhe desobedeciam em umas ilhas situadas no rio do Padrão.

Partiu El-Rei para a dita guerra, e levava diante a dita bandeira de Christo em mão do alferes-mór, e El-Rei e todos os seus iam a pé, e descalços, porque a terra é de tal qualidade que os pés não consentem calçado, nem os corpos vestidos, e o capitão se despediu d'elle e foi dar ordem ao porto como os navios e gente d'elle o viessem servir, como vieram. E depois d'algumas grandes e cruas pelejas que houveram com os das ilhas que desobedeciam a El-Rei,

em que morreu muita gente e boa parte dos christãos, o senhor principal da ilha vendo se sem remédio, foi-lhe necessario pedir piedade a El-Rei, e pôr-se em suas mãos e obediencia, e El-Rei lhe deu a vida, e lhe tirou toda a honra, terras e rendas que d'elle tinha, e o desfez de fidalgo.

De maneira que com a ajuda d'El-Rei de Portugal, e por o dito Rei ser favorecido da bandeira da cruz que levava, elle houve a victoria de seus inimigos como desejava. E a gente de seu arrayal foi estimada em oitocentos mil homens, e segundo o parecer dos que o viram tomariam cinco legoas de terra.

E d'ahi despedio El-Rei o capitão e gente de Portugal com muita honra e mercês que a todos fez, e ficaram com elle quatro frades, e alguns outros christãos com todos os ornamentos da Igreja para lhe dizerem missa e fazerem christãos seus filhos, e todos de sua côrte. E assim ficaram os officiaes fazendo a dita igreja, e os outros seus officios, e as mulheres. E ficou um negro christão natural da terra que sabia lêr e escrever, e começava já de ensinar os moços da côrte filhos dos grandes, que é uma grande memoria d'El-Rei, e assi ficaram outras pessoas de descrição ordenadas para irem por terra descobrir outras terras, com fundamento da India e Prestes João.

E o capitão e frota se tornaram a estes reinos, e acharam a El-Rei em Lisboa, no anno de quatrocentos e noventa e dois, e com sua vinda foi mui alegre, e recebeu muito contentamento, e deu a Deus muitas graças e louvores por as novas que ouvio da christandade d'El-Rei e da Rainha, e de todo o mais que lhe contaram.

CAPITULO CLXII

Do principio da doença d'El-Rei em Lisboa

EL-REI depois da morte do Principe, pela muita tristeza e grande sentimento que por ella teve, ou por peçonha que lhe deram, como muitos suspeitaram, nunca mais foi bem são. E neste anno de noventa e dois, estando em Lisboa, no mez de Maio lhe vieram grandes accidentes e desmaios, de que em casa da Rainha sua mulher esteve muito mal e muito perigoso á morte, e d'ahi em diante nunca foi bem são, porque até então, que El-Rei havia trinta e sete annos, nunca bebera vinho, foi-lhe apertadamente pedido por todos os fisicos que por quanto suas paixões eram malenconizadas e tristes, que como mezinha mui necessaria para elle o bebesse. E El-Rei começou de o beber a dezasete do dito mez, e d'ahi por diante sempre o bebeu com grande temperança.

CAPITULO CLXIII

Da entrada dos judeus de Castella em Portugal

NESTE anno El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella como catholicos Principes lançaram de todos seus reinos fóra todos os judeus, para que sob pena de morte em certo termo assignado se sahisses fóra d'elles; dando-lhes licença que em mercadorias tirassem suas fazendas, não sendo em ouro nem em prata; isto fizeram por

o muito damno que faziam em nossa fé, como pela inquisição que fizeram se viu. Os quaes judeus desacorridos, e porém com sua dureza não se querendo tornar christãos, se soccorreram a El-Rei, e lhe mandaram pedir de mercê que os recolhesse por então em seus reinos, e nelles lhe desse nos seus portos do mar embarcação e passagem para em certo tempo se irem a outras partes, e que por isto lhe fariam serviço de muita somma de dinheiro.

E El-Rei porque seus desejos foram sempre passar em Africa, o que muito desejava, e não no podia fazer por estar sem dinheiro pelos muitos e grandes gastos que nas festas do casamento do Principe seu filho fizera, e assi em outras cousas que succederam, e por lhe parecer que com o dinheiro que dos ditos judeus houvesse poderia ordenar sua passagem a Africa, e fazer a Deos muito serviço, consentio nisso e lhe deu a licença, com tenção de passar com o dito dinheiro, como dito é, sem dar oppressão a seus povos, a que elle muito queria, e elles a elle, e isto com tal declaração que todos os judeus que viessem entrassem por certos portos dos lugares do estremo logo assignados, e que pagassem tanto por cabeça, de que tirariam certidões e recadações dos officiaes d'El-Rei para isso ordenados, de como tinham pago o que eram obrigados, e que os que entrassem sem pagar e sem as taes recadações, e fossem achados, se perdessem, e ficassem captivos para El-Rei, e que d'esta maneira poderiam entrar e estar nestes reinos oito mezes, nos quaes lhes daria embarcações por seus dinheiros em certos portos do mar que lhes logo para isso mandou nomear, e os judeus das ditas condições foram contentes, e entraram nestes reinos, e dentro no termo lhes deu El-Rei a todos embarcações, e se foram fóra de seus reinos, e El-Rei houve

uma grande somma de dinheiro, do qual nunca despendeu uma só peça, porque o tinha para a dita passagem, que com sua doença não pôde fazer, e por sua morte se achou todo o dinheiro junto assi como o houve, sem faltar nada.

E d'estes malaventurados judeus foram muitos mortos em Portugal de peste que comsigo traziam, e mortos com muito desamparo, por caminhos e terras despovoadas. E os que passaram em Fez foi nelles uma grande perseguição, que foram dos mouros roubados, deshonrados, e por força lhes dormiam com as mulheres e com as filhas e filhos, e a muitos matavam, cousa piedosa, e nunca tanta perseguição em lembrança de homens foi vista em nenhuma gente como nestes tristes judeus que de Castella sahiram se vio, e alguns depois destruidos, deshonrados e perdidos se tornavam a Castella a fazer christãos, e tambem outros se fizeram em Portugal e ficaram no reino.

CAPITULO CLXIV

Da embaixada que El-Rei mandou a Roma com obediencia

E no mez de Julho d'este anno de noventa e dois falleceu o Papa Innocencio oitavo, e succedeu em seu logar o Papa Alexandze sexto, que era Vice-canceller, de nação valenciano, e chamava-se D. Rodrigo Borja, do que El-Rei foi certificado em Cintra, a dezasete dias de Agosto. E mandou-lhe sua embaixada por D. Pedro da Silva, commendador-mór d'Avis, que ao dar d'ella se juntou em côrte de Roma com D. Fernando d'Almeida, Bispo de Ceuta,

seu irmão, e com D. Diogo de Sousa, Bispo do Porto que lá estava. E porém antes de lhe darem a dita obediencia estiveram por aviso d'El-Rei na cidade de Cena muitos dias esperando pela entrada d'El-Rei Carlos de França em Italia, a cuja parte e favor El-Rei fengidamente mostrava que se inclinava, porque era contrario a El-Rei de Castella, havendo-se d'elle por enganado no contracto da entrega de Perpinhão, em que ficara de o não empedir na requesta do reino de Napoles, e o empedia.

E porque neste tempo entre os Reis de Portugal e Castella houve causas e cousas que pareciam de quebra, El-Rei além das lianças que com França mostrava mandou no reino e fóra d'elle fazer grandes e dissimulados apercebimentos que para se segurar da guerra que desejava escusar, por causa de sua doença muito lhe aproveitaram. E os embaixadores depois da entrada d'El-Rei de França deram sua embaixada e obediencia, e foram com muita honra recebidos, e levava o dito embaixador mui honrada companhia.

CAPITULO CLXV

De como se descobriram por Colombo as Antilhas de Castella

No anno seguinte de mil e quatrocentos e noventa e tres, estando El-Rei no lugar de Val de Paraizo, que é acima do mosteiro das Virtudes, por causa das grandes pestes que nos logares principaes d'aquella comarca havia, a seis dias de Março veio ter a Restello, em Lisboa, Christovão

Colombo, italiano, que vinha do descobrimento das ilhas de Cipango e Antilhas, que por mandado d'El-Rei e da Rainha de Castella tinha descuberto. Das quaes trazia comsigo as mostras das gentes e ouro, e outras cousas que nellas havia, e foi d'ellas feito Almirante. E sendo El-Rei d'isso avisado o mandou chamar e mostrou por isso receber nojo e sentimento, assi por crêr que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seus senhorios de Guiné, como porque o dito Colombo por ser de sua condição alevantado, no modo do contar das cousas fazia isto em ouro e prata e riquezas muito maior do que era, e acusava El-Rei por se escusar d'este descobrimento, e não no querer mandar a isso, pois primeiro se lhe viera offerecer que aos Reis de Castella, e que fôra por lhe não dar credito. E El-Rei foi cometido que houvesse por bem de lho matarem ahi, porque com sua morte o deseubrimto não iria mais avante de Castella. E que dando Sua Alteza a isso consentimento, se poderia fazer sem suspeita, porque por elle ser descortez e alvoraçado podiam com elle travar de maneira que cada um d'estes seus defeitos parecesse a causa de sua morte. Mas El-Rei como era mui temente a Deos, não sómente o defendeo, mas ainda lhe fez honra e mercê, e com ella o despedio.

E cuidando El-Rei bem o negocio e peso d'este caso, se foi logo a Torres Vedras, onde logo sobre isso teve conselhos, em que foi determinado que armasse contra aquellas partes uma grande armada que logo mandou fazer com grande diligencia, e fez capitão-mór d'ella D. Francisco d'Almeida, que depois foi o primeiro Viso-rei da India, homem de muita confiança e muito bom cavalleiro, e sendo já a armada prestes chegou a El-Rei um mensageiro d'El-

Rei e da Rainha de Castella, os quaes por serem certificados que a dita armada ia contra outra sua que logo lá havia de tornar, mandaram requerer a El-Rei que a não mandasse até se vêr por direito em cujos mares e conquistas o dito descubrimento cabia, para o qual mandasse a elles seus embaixadores e procuradores com todas as cousas que fizessem por seu titulo, e segundo razão e justiça elles se justificariam e concertariam como fosse direito. Pelo qual El-Rei deixou de mandar a dita armada, e sobre isso mandou logo aos ditos Reis o doutor Pero Diaz e Ruy de Pina, que da verdade bem enformados foram a elles, que estavam em Barcelona ao tempo que por El-Rei Carlos de França se fez a segunda concordia e entrega de Perpilhão e do condado de Roselhão em Catalunha. E os ditos procuradores não tomaram com os ditos Reis conclusão alguma, e a causa foi por lhe succederem assi prosperamente suas cousas com França, e principalmente porque antes de tomarem concerto sobre a dita conquista, ilhas e terras, quizeram outra vez ser certificados de toda a verdade d'ellas, e de tudo o que nellas havia, para que já tinham enviado seus navios, que ainda não eram tornados, porque segundo fosse a estima das ditas terras assi se concertariam, e para dilatarem este negocio, que não parecesse que o faziam por esperar a dita armada e passar este tempo sem se tomar conclusão, ordenaram de enviar a resposta a El-Rei por seus embaixadores, e assi lh'o mandaram dizer.

CAPITULO CLXVI

Da embaixada que El-Rei e a Rainha de Castella mandaram a El-Rei

MANDARAM El-Rei e a Rainha de Castella a El-Rei por embaixadores um D. Pedro d'Ayala e D. Garcia do Carvajal, irmão do Cardeal Santa Cruz, e sobre o dito caso traziam procuração para concerto. Os quaes acharam El-Rei em Lisboa, e foram com muita honra recebidos, e elles traziam honrada companhia e grande aparato de negocio, tudo fingido, e depois de estarem com El-Rei taes cousas requereram e apontaram, e por taes meios e modos tão fóra de razão e conclusão, que bem claro se vio que vinham mais para dilatarem que para concerto algum, segundo suas razões e palavras eram mal concertadas, e El-Rei os despachou sem conclusão alguma, porque elles vinham sem ella.

E depois que os Reis de Castella foram sabedores de todo o das ditas ilhas e terras pelos navios que vieram, e de tudo bem certificados, El Rei lhe mandou sua embaixada: e os ditos embaixadores eram o D. Pedro d'Ayala muito manco de uma perna, e o D. Garcia do Carvajal muito vão, e El-Rei depois de estar com elles e os ouvir disse que aquella embaixada d'El-Rei e da Rainha seus primos não tinha pés nem cabeça: nas pessoas dos embaixadores, e na conclusão d'ella. E quando esta embaixada veio, era no tempo em que El-Rei mandara contar as mulas, e em entrando os embaixadores pela porta de S. Vicente, mandou El-Rei contar á porta quantos de cavallo sahiram de Lisboa, e achou-se que dois mi

CAPITULO CLXVII

Da embaixada que El-Rei mandou a El-Rei e Rainha de Castella

SOBRE a concordia e concerto da dita conquista mandou El-Rei por seus embaixadores e procuradores aos ditos Reis Ruy de Sousa e D.

João de Sousa seu filho, e o licenciado Ayres d'Almada, Corregedor da Côrte, e Estevão Vaz por secretario, pessoas no reino de muito bom saber, grande confiança e muita autoridade, e com elles mui honrada, companhia, e foram com grande honra recebidos de toda a gente da côrte em Medina del Campo, onde os Reis estavam.

Deram suas embaixadas, e em nome d'El-Rei se concertaram com os ditos Reis sobre demarcação e repartição dos ditos mares, por certos rumos e linhas de polo a polo, por que as ditas ilhas e terras descobertas ficaram com os ditos Reis de Castella, com outra muita parte do mar e da terra, sem perjuizo da costa e ilhas da conquista de todo Guiné. De que se fizeram contractos assignados e jurados pelos ditos Reis, com grande seguridade, de que todos mostraram receber descanso e contentamento por se escusarem entre elles differenças e discordias que se já começavam a revolver, contrarias á sua paz e amizade. E com este assento concertado tornaram os ditos embaixadores no mez de Julho do dito anno a Setuvel onde El-Rei estava, que com sua vinda foi alegre, e os recebeu com muita honra e gasalhado, porque todos eram mui aceitos a elle.

CAPITULO CLXVIII

Dos avisos que El-Rei mandou aos ditos embaixadores

ESTANDO os ditos Ruy de Sousa, D. João, e Ayres d'Almada, embaixadores no dito negocio, e outros de muita importancia, muitas vezes por paradas que El-Rei tinha houveram carta em que lhes dizia: — tal dia vos hão de dizer El-Rei e a Rainha tal e tal cousa, a que respondereis tal e tal; e vindo o proprio dia lho diziam sem faltar palavra. De que os embaixadores eram muito espantados, e assim El-Rei e a Rainha por lhe responderem em proviso sem escreverem a El-Rei. Tanta parte tinha no conselho d'El-Rei e da Rainha de Castella, que tudo lhe logo era revelado antes de se fazer, e tinha maneira que ao duque do Infantado e a outros senhores mandava dadivas e mercês publicas, para os Reis de Castella se guardarem e não fiarem d'elles, porque sabia que não eram os do seu secreto, e aos de que mais se fiavam dava mercês tão grandes e tão secretas, que todos os conselhos e segredos lhe eram descubertos primeiro que nenhuma cousa se fizesse.

CAPITULO CLXIX

Da vinda de Monseor de Leão, francês, á côrte

No anno de mil e quatrocentos e noventa e tres, estando El-Rei em Torres Vedras, veio ahi um senhor de França, pessoa mui principal e de gran maneira, que se chamava

Monseor de Leão, o qual vinha grandemente acompanhado de muitos fidalgos, gentis homens e muito bem ataviados, e outra muita e limpa gente e muitos servidores, com grande aparato de sua mesa, e trazia muito boa capella de muitos e bons cantores, tudo como grande senhor.

Foi-lhe feito muito honrado recebimento, e El-Rei lhe fez muita honra, e a causa da sua vinda era de sua propria vontade, sem nenhuma obrigação, sómente pela grande fama que d'El-Rei pelo mundo corria de suas virtudes e grandezas desejou de o vêr e servir, e se lhe veio offerecer para com trezentas lanças o ir servir na guerra d'Africa. Sobre o qual lhe fez uma publica e bem ordenada falla em sala para isso ordenada, a que El-Rei respondeu como Principe mui prudente, e com muita honra e palavras de muito amor muito agradeceu sua vinda e tão bom offerecimento, e em signal de quanto com isso folgava o fez com muita honra e cerimonia conde de Gaza, que é em Africa, e lhe deu honrado assentamento, e fez outras grandes mercês de ginetes arreados, escravos e prata lavrada, e outras cousas. E assi aos fidalgos que com elle vinham, e lhe tomou pagens seus por moços fidalgos, a que fazia mui grande favor e mandava muito bem criar. E assi lhe ficaram cantores de sua capella, e d'ahi de Torres Vedras se despediu d'El-Rei com muito contentamento, e assi todos os de sua companhia, e elle com tenção de se fazer prestes para vir servir El-Rei como lhe tinha dito, e por as grandes guerras que logo succederam em França não pôde vir como levava determinado, e porém de França escrevia muitas vezes a El-Rei que o tivesse em lugar de seu criado, e que assi o teria sempre quando o seu serviço cumprisse.

E d'estes tinha El-Rei em muitas partes que secretamente recebiam d'elle muitas mercês, e de quem elle recebia muitos avisos bem necessarios a seu serviço e estado, e ao bem de seus reinos.

CAPITULO CLXX

Da embaixada e presentes d'El-Rei de Napoles

AQUI em Torres Vedras veio a El-Rei um embaixador d'El-Rei de Napoles, com um mui grande e rico presente de cousas de muita estima, e o embaixador era muito grande de corpo, muito bem feito, e muito gentil homem, manhoso, avisado e de bom despejo, e o maior musico de cravo e órgãos que então se sabia, que El-Rei algumas vezes ouvio. O presente era os mais singulares arneses e cubertas de azeiro de cavallos, e outras cubertas de pintura, tudo o melhor que até então se vio, e assi outras muitas sortes de armas e arcos, e outras cousas de muita valia e grandissimas policias, que El-Rei muito estimou, e recebeu o presente em sala para isso concertada e com muita solemnidade, de que mostrou receber grande contentamento. E o embaixador foi grandemente recebido, e com muita honra d'El-Rei e de toda a côrte, e muitas vezes banqueteadado de alguns senhores por comprazerem a El-Rei. E d'ahi de Torres Vedras se partio, e El-Rei lhe fez muitas e liberaes mercês, de que elle foi mui contente e bem satisfeito.

CAPITULO CLXXI

*Da romaria que El-Rei cumprio d'aqui
de Torres Vedras*

EM este anno aqui em Torres Vedras esteve El-Rei muito doente e perigoso, e na doença prometteu de ir a pé ao mosteiro de Santo Antonio da Castanheira, da ordem de S. Francisco, e tanto que lhe deu Deus saude para o poder fazer cumprio a dita romaria. E com alguns senhores e fidalgos e outras pessoas que para isso escolheu partio de Torres Vedras um dia pela manhã a pé, e foi jantar a uma quinta, e dormir a uma aldeia que se chama Ribaria, junto de Aldêa Gavinha. E ao outro dia foi jantar a outra quinta, e dormir ás Cachoeiras, e ao terceiro dia foi pela manhã ao mosteiro com muita devoção sempre a pé, e ahi ouviu missa e offereceu esmolos. E d'ahi se partio já a cavallo, e foi por o mosteiro de Santa Caterina de Carnota, e S. Francisco de Alemquer, e d'ahi a Cintra, onde já a Rainha era, que partio de Torres Vedras o dia que elle partio para a romaria. E em Nossa Senhora da Pena elle e a Rainha foram estar onze dias por uma novena que prometteram, e estiveram muito sós, porque então a casa era uma bem pequena ermida, e os que com elle estavam pousavam em tendas que El-Rei ahi mandou levar, onde se agasalhavam muito bem, e a todos se dava de comer em muita perfeição, e nos onze dias acabada a dita novena El-Rei e a Rainha se tornaram a Cintra.

CAPITULO CLXXII

Do que El-Rei fez a D. João de Sousa

ESTANDO El-Rei em um rebate de peste no lugar de Atalaya, D. João de Sousa foi aposentado fóra do lugar em uma quinta ahi perto, e estando El-Rei comendo, lhe perguntou onde pousava, e D. João lhe disse que fóra do logar, e o Prior do Crato D. Diogo d'Almeida por zombar, disse: Senhor não lhe acharam casas em que podesse caber. E El-Rei lhe respondeo alto á mesa perante todos: Não será isso por mingoa de casas, que lhe não haviam a elle de faltar, que se elle cá quizer pousar aqui tem estas pousadas e esta mesa, de que D. João ficou com muito contentamento e o prior com muito pouco.

CAPITULO CLXXIII

Do que El-Rei fez a Ruy de Sousa por duas vezes

RUY de Sousa foi pessoa de muita valia e autoridade, e de bom conselho e vivo saber, mui despejado, e de muita graça, e estimado e mui favorecido d'El-Rei e de todos os Reis que alcançou. Aconteceu que estando El-Rei em Lisboa sobreveiu a Ruy de Sousa um negocio em que lhe muito cumprio haver tres mil crusados emprestados, e como era mui despejado com El-Rei lhe contou sua necessidade e pedio-lhe por mercê que ao domingo seguinte quando Sua Alteza cavalgasse como sempre

cavalgava na rua Nova dos Mercadores, lhe fizesse algum favor para achar quem lhe emprestasse o dito dinheiro, e El-Rei disse que si. E ao domingo cavalgou, e na rua Nova chamou Ruy de Sousa, e só falando com elle deu tres voltas na rua Nova rindo ambos, e perguntou-lhe se abastaria; e Ruy de Sousa lhe disse que sobejava, e ao outro dia foi Ruy de Sousa á rua Nova, e a só dois mercadores que falou lhe emprestaram os tres mil cruzados, e se vinte mil quizera, tantos achara, que tão estimados eram os homens que El-Rei favorecia.

E estando El-Rei em Evora, indo para se recolher depois de comer, lhe falou Ruy de Sousa em pé sobre uma cousa de justiça que El-Rei lhe não quiz fazer: e apertando Ruy de Sousa nisso soltou algumas palavras soltas com paixão: ás quaes lhe El-Rei respondeo aspero, e lhe mandou que se tirasse diante d'elle, e recolhido, por Ruy de Sousa ser pessoa principal, e velho que elle muito estimava, pesou-lhe do que lhe disse, e tanto que todos se recolheram mandou por uma mula, e cavalgou, e só com muito poucos se foi a casa de Ruy de Sousa, e mandou que lhe mandasse fazer uma camilha, queria hi ter a sesta, e mandou chamar D. João de Sousa seu filho, e com elles sós lhe disse:

«Ruy de Sousa, porque as palavras que hoje me dissesstes tocavam a Rei, vos respondi mal, que se tocaram a homem eu vo las soffrera como D. João que está hi, e com tudo como se eu fosse D. João vos peço que me perdoes, porque me pesa muito de vo-las ter ditas.»

E Ruy de Sousa e D. João lhe quizeram beijar a mão, e elle lha não quiz dar, e esteve com elles a sesta até a tarde, que acudiram os grandes e toda a côrte, e cavalgou e se tornou para os paços, trazendo

Ruy de Sousa e D. João comsigo, cada um de sua parte com muita honra e favor.

CAPITULO CLXXIV

Da mercê que El-Rei fez a Vasco Fernandes Cabral e a D. João Falcão, e a D. Martinho

QUANDO felleceu Fernão Cabral, fidalgo da casa d'El-Rei, e do seu conselho, Vasco Fernandes Cabral seu filho mandou pedir a El-Rei pelo conde de Marialva que lhe fizesse mercê de uma tença que ficara de seu pae, e El-Rei se escusou, e o conde disse a Vasco Fernandes que El-Rei lh'a não quizera dar. D'ahi a poucos dias passou Vasco Fernandes por ante El-Rei em uma sala, e elle o chamou e lhe perguntou cujo filho era, conhecendo-o muito bem; elle lhe disse que de Fernão Cabral; disse El-Rei:

«E vós viveis comigo, e soes para me servir no que vos eu mandar?» Respondeu-lhe, Senhor, si. E El-Rei tornou:—«Pois que soes para me servir, porque não soes para me pedir mercê do que ficou de vossa pae, e mo mandaes pedir por outrem, que cuidaes que pelo seu vo-la faço?» Ora mandae fazer o padrão da tença, que a vós que me haveis de servir faço a mercê, e não por respeito de ninguem».

E a João Falcão tinha-lhe El-Rei feito uma mercê, e por haver dias que não assignava houve o alvará á mão, e pedio por mercê ao capitão dos ginetes por ter com El-Rei muita valia, que lho assignasse lá dentro, e o capitão estando El-Rei assignando uns papeis lho deu, e pedio por mercê que assignasse, e El-

Rei o rompeu em pedaços, de que o capitão ficou mui agastado, e muito mais João Falcão quando o soube. E ao outro dia vio El-Rei João Falcão, e chamou-o, e disse-lhe: «Bem, a mercê que vos eu faço mandais vós assignar por ninguem. Ora hi a um escrivão que vos faça o despacho e mo dê logo, que a vós hei de assignar a mercê que vos faço, e não a outrem».

E D. Martinho de Tavora, filho de Ruy de Sousa, sendo mancebo pedio a El-Rei a alcaidaria-mór de Fronteira, que então vagara, e El-Rei lha deu, e elle acabado de lhe beijar a mão e sahido fóra da casa, topou com o conde de Farão, de que era muito amigo, e deu-lhe conta da mercê que lhe El-Rei fizera tão levemente e logo sem o remeter a official, indo mui contente. E o conde por folgar muito com isso entrou logo com El-Rei e lhe foi por isso beijar a mão, e El-Rei lhe disse: — Não me entendeu, que não lhe dei tal; — e quando o conde o disse a D. Martinho ficou morto, e tornou a El-Rei, e disse-lhe; — Senhor, não me fez Vossa Alteza agora mercê do castello de Fronteira? E El-Rei lhe tornou: — Si, mas homem que tão pouco sabe, que dá conta da mercê que lhe eu faço primeiro ao conde de Farão que a Ruy de Sousa seu pae, não é para ter fortaleza. E d'ahi a pouco vagou Sousel, e El-Rei o mandou chamar, e sem o elle saber nem pedir lhe fez mercê da fortaleza.

CAPITULO CLXXV

Da mercê que El-Rei fez a Nuno Fernandes, escrivão da camara de Lisboa

EL-REI tinha Nuno Fernandes, cavalleiro de sua casa, em boa conta e fiava d'elle, e o mandava com um negocio a El-Rei de Fez para lá andar alguns dias, e o principal fundamento era para lhe vêr bem Fez, e os mouros e sitio, e quão forte era. E sendo lá vagou cá o escrivão da camara de Lisboa que rende quatrocentos mil réis, e pedindo-lho muitos El-Rei o não quiz dar.

E quando Nuno Fernandes veio e lhe beijou a mão, El-Rei lhe disse: — Bem achastes toda vossa casa, que eu tinha cuidado de mandar saber como estava, e emquanto lá andaste vagou cá o officio de escrivão da camara de Lisboa, que é honrado e de muito proveito, e por isso o guardei para vós; mandai fazer a carta d'elle. E d'esta maneira deu o officio de veador de sua fazenda a D. Alvaro de Castro sendo em Jerusalem. E ao Bispo do Algarve, que então era, deu o bispado de Lamego, e o officio de regedor da casa da Supplicação estando em Roma, e assi outros muitos d'esta maneira sem lhos pedirem nem saberem d'isso parte, que era cousa que muito contentamento dava aos homens, e grande desejo de o servirem, pois estando tão longe d'elle, e sem requerimentos lhe fazia mercês e honra, e isto fazia pelo livro das lembranças que tinha feito em segredo.

CAPITULO CLXXVI

Da mercê que El-Rei fez a Diogo Fernandes, feitor de Frandes

ESTANDO em Frandes por feitor d'El-Rei Diogo Fernandes Corrêa, cavalleiro de sua casa, veio Maximiliano, Rei dos romanos, que depois foi Imperador a Enveres, e por ter muito grande necessidade de dinheiro para as guerras em que andava mandou chamar o dito Diogo Fernandes, e lhe deu conta da extrema necessidade em que estava, e como a gente se lhe queria toda ir por lhe não poder pagar o soldo, que lhe rogava muito como a official d'El-Rei seu primo que lhe quizesse socorrer e lhe emprestasse trinta mil cruzados, que muito relevava a seu estado, e que elle lhe ficava por sua fé real que El-Rei seu primo o houvesse por bem, e que elle lh'os tornaria a dar mui cedo. E Diogo Fernandes ouvindo as palavras, e sabendo a necessidade, sem nenhuma dilação lhe deu trinta mil cruzados, e lhe offereceu toda a feitoria, com o qual dinheiro El-Rei remedeou tudo. E Diogo Fernandes depois de lhos ter dado cuidou no que fizera sem licença d'El-Rei, e muito arrependido vendo que nisso errara em seu officio e no serviço d'El-Rei, lho escreveo logo, e mandou um correio dando-lhe conta de todo o caso, pedindo-lhe por mercê que lhe perdoasse a culpa e mau recado que de sua fazenda tinha feito, e quando não que lhe desse o castigo que quizesse, que elle aparelhado estava para isso, e confessava que o merecia. E quando El-Rei vio a carta folgou muito e mostrou receber muito contentamento, e res-

pondeu logo a Diogo Fernandes que nenhum serviço lhe podera fazer de que mais gosto levara, e o que fizera como muito bom homem, e bom criado, que lho agardecia muito, e que cada vez que cumprisse a El-Rei seu primo lhe desse toda sua feitoria. E que o castigo que lhe dava pelo fazer sem seu mandado era fazer-lhe por isso mercê de mil cruzados, os quaes logo tomasse em si como tomou, e d'ahi em diante teve El-Rei o feitor em maior estima, e o favorecia muito.

CAPITULO CLXXVII

Do que El-Rei disse a Lopo Soares quando foi para a Mina

Lopo Soares, que depois foi capitão-mór da India, homem de muito bom saber e grande memoria, e com que El-Rei folgava e fazia mercê e favor, e o mandou por capitão á Mina, quando lhe veio beijar a mão para se partir, El-Rei disse: — Lopo Soares, eu vos mando á Mina, não sejaes tão peco que venhaes de lá pobre.

Folgava El-Rei que seus officiaes não lhe roubassem sua fazenda, e soubessem fazer seu proveito. E sendo tão cioso da Mina, e guardando-a tanto, houve por mais seu proveito dar aos homens favor, muito grandes soldos, e assi muito grandes castigos quando erravam, sem perdoar a ninguem, porque por amor ou temor folgassem de o servir, e d'isto disse que se achava melhor que de tudo quanto provou. Porque os homens por não perderem os grandes ordenados não se queriam aventurar a isso por pouca cousa, e outros com temor do aspero castigo que

sabiam que haviam de haver fazendo o que não deviam.

CAPITULO CLXXVIII

Da mercê que El-Rei fazia a D. João de Atayde

EL-Rei trabalhava quanto nelle era de buscar para os officios da justiça e de sua fazenda homens virtuosos, de boa tenção e bom saber. E porque D. João de Athayde, filho mór do conde d'Atouguia, e herdeiro da casa, era muito virtuoso e amigo de Deus, como depois mostrou por obra, que se meteu frade e o têm por santo, e que fez milagres, El-Rei lhe dava e cometeo que fosse regedor da casa da Supplicação, sendo D. João homem mancebo, e apertando El-Rei com elle muitas vezes que o fosse, nunca o quiz acceitar, e por isso e pela muita honra que lhe El-Rei fazia, e assi a todos os homens religiosos e leigos que tinha por virtuosos, havia em sua vida muitos hypocritas, que todos queriam mostrar virtude, e muitos que então parecia que a tinham, depois da morte d'El-Rei se deram a conhecer, e mostraram bem quem eram.

CAPITULO CLXXIX

*De como El-Rei mandou á ilha de S. Thomé os moços
que foram judeus*

No anno de quatrocentos e noventa e tres em Torres Vedras, deu El-Rei a Alvaro de Caminha, cavalleiro de sua casa, a capitania da ilha de S. Thomé de juro e de herdade, com cem mil réis de renda cada anno pagos na casa da Mina. E porque os judeus castelhanos, que de seus reinos se não sahiram nos termos limitados, os mandou tomar por captivos segundo a condição da entrada, e lhes tomou os filhos e filhas pequenos, que assi eram captivos e os mandou tornar todos christãos, e com o dito Alvaro de Caminha os mandou todos á dita ilha de S. Thomé, para que sendo apartados dos paes e suas doutrinas, e de quem lhes podesse falar na lei de Moisés, fossem bons christãos, e tambem para que crescendo e casando-se podesse com elles povoar a dita ilha, que por esta causa d'ahi em diante foi em crescimento.

CAPITULO CLXXX

Da doença da Rainha D. Lianor em Setuvel

VENDO El-Rei de Santarem no anno de noventa e quatro de vêr a Excellente Senhora, em chegando a Alcochete lhe deram recado como a Rainha D. Lianor sua mulher, que em Setuvel ficara,

supitamente adoecera e estava muito perigosa. E El-Rei pelo grande bem que lhe queria, tanto que lhe a nova deram sem fazer detença alguma partio logo muito depressa, e muito só por mingoa de bestas, porque El-Rei partio de Benavente em uma barca, e por trazer bom vento e boa viagem veio em poucas horas, e cuidava repousar em Alcochete até as bestas virem por terra, e por isso foi nas bestas que achou no lugar, e só, e muitos fidalgos foram após elle em bestas de albarda por o seguirem.

Chegou a Setuvel bem só muito noite, e achou a Rainha muito mal, e com pouca esperança de sua vida, de que ficou em extremo triste, e eu o vi chorar só muitas lagrimas com grandes soluços e suspiros, havendo-a já por morta, e ella foi sã, e viveu depois trinta annos, e este falleceu d'ahi a um.

E o duque e a duquesa irmãos da Rainha tanto que a nova souberam acudiram logo de Beja onde estavam, e foram em sua cura e visitasões continuos e diligentes, e a Rainha esteve de todo á morte com seu testamento feito, confessada, comungada e ungida, tudo como mui catholica Princesa. E de sua doença e perigo pesou muito a todo o reino, porque era muito bemquista de todos, e fizeram por ella em muitas partes procissões e muitas devoções, e prouve a Nosso Senhor de lhe dar vida, porém não inteira saude; porque vivendo depois mais de trinta annos sempre foi doente, e o mais do tempo em cama, no qual tempo depois da morte d'El-Rei viveu sempre mui honestamente como Princesa muito virtuosa, guardando mui inteiramente a honra d'El-Rei e a sua com muito grande honestidade, e fazendo a muitos muitas grandes mercês de grandes casamentos, e outros somenos, e muitas e mui continuas esmolas e obras mui virtuosas, e com grandes despesas suas fez

a egreja, dormitorios, enfermarias e botica das Caldas de Obidos, com totalas cousas em grande perfeição, e lhe deu muita renda para sempre se sustentar, obra mui santa e de muita misericordia, com que muitos são curados de graça. E assi fez o mosteiro da Madre de Deos, junto de Lisboa, casa de muita devoção e santa vida, e de muitos grandes cumprimentos e officinas, e muitas policias e refrigerios, tudo em muita perfeição, onde ella estava muita parte do tempo em honra dos paços que ahi fez para si, e aposentamentos outros, e assi fez outras muitas obras virtuosas dignas de memoria, como Rainha muito virtuosa, de muita bondade e honestidade, e mui amiga de Deos, e em extremo da honra e alma d'El-Rei seu marido que tão honradamente tinha seu corpo sendo morto, como o elle era em vida.

CAPITULO CLXXXI

De como El-Rei em Setuvel inventou e achou em carravellas e navios pequenos trazer bombardas grossas

PORQUE El-Rei sempre cuidava nas cousas que cumpriam a bem de seus reinos e a defenção e e guarda d'elles, e via que para guardar o estreito de navios de mouros e a costa de cossarios se despendia muito nas armadas de grandes náos que para isso mandava armar: como era engenhoso em todos os officios e sabia muito em artelharias, cuidando muito nisso por melhor guardar sua costa com mais seguridade e menos despezas, aqui em Setuvel com muitos esprimentos que fez achou e orde-

nou em pequenas caravellas andarem muito grandes bombardas, e tirarem tão rasteiras que iam tocando na agoa, e elle foi o primeiro que isto inventou. E poucas caravellas d'estes grandes rios fazem amainar muitas naos grossas: porque até então não andavam no mar tiros grossos, e ellas com elles, e por serem muito ligeiras e pequenas, que as naos grossas lhe não podiam fazer nojo com os seus tiros, foram tão temidas no mar as caravellas de Portugal muito tempo, que nenhuns navios por grandes que fossem as ousaram esperar, até que se soube a maneira em que traziam os ditos tiros, e se trouxeram depois como agora trazem geralmente em todas as partes, o que d'antes não era, e El-Rei foi o primeiro que o inventou.

E assi mandou fazer então a torre de Cascaes com sua cava, com tanta e tão grossa artelharía que defendia o porto: e assi outra torre e baluarte de Caparica defronte de Belem, em que estava muita e grande artelharía, e tinha ordenado de fazer uma forte fortaleza onde ora está a formosa Torre de Belem, que El-Rei D. Manuel, que santa gloria haja, mandou fazer, para que a fortaleza de uma parte e a torre da outra tolhessem a entrada do rio. A qual fortaleza eu por seu mandado debuxei, e com elle ordenei á sua vontade, e elle tinha já dada a capitania d'ella a Alvaro da Cunha, seu estribeiro mór e pessoa de que muito confiava, e porque El-Rei logo falleceu não houve tempo para se fazer, e a sua não grande que foi a maior, mais forte e mais armada que se nunca vio, mais a fez para guarda do rio que para navegar. Que posta sobre ancora no meio do rio, e ella só o defendera, quanto mais a fortaleza e torre, porque era a maior e mais forte e armada não que se nunca vio.

CAPITULO CLXXXII

Partida d'El-Rei para Evora e do que ahi fez

E porque a doença d'El-Rei assentou em mortal idropesia no verão d'este anno, e a villa de Setuvel por ser humida era contraria á sua saude, elle com a Rainha se foram á cidade de Evora na entrada do inverno. Onde por descarrego de sua consciencia mandou pelo reino Alvaro Pacheco, cavalleiro de sua casa, e com elle Estevão Barradas com muito dinheiro para pagarem alguma parte da prata das egrejas e dinheiro dos orphãos que se tomou para as guerras de Castella em tempo d'El-Rei D. Affonso seu pae, que ainda não era acabada de pagar, e então se pagou tudo. E aqui em Evora no inverno se achou algum tanto melhor, e ia muitas vezes á caça, e no verão lhe correram muitos touros na praça e no terreiro dos paços, e houve muitos galantes a cavallo que andaram a elles, e dia de S. de João andando já bem fraco e descorado, por não perder seu costume jogou as canas no terreiro dos paços e na praça com muita galanteria e invenções, e acabadas na sotea dos paços deu a todos um muito abastado e perfeito almoço, o que tudo fazia por seu muito esforço, não tendo já forças, só por dar contentamento aos de seu reino, que por caso de sua doença andavam todos muito tristes.

CAPITULO CLXXXIII

De como El-Rei ordenou officiaes para despacharem

EL-Rei porque em sua saude se gastava com papeis e petições, na doença entendia nelles de peor vontade, e porém sempre despachava e fazia o que era obrigado, ainda que fosse com paixão, e porque era muito justo e muito virtuoso, e pelas grandes paixões e agastamentos de sua grande doença não podendo bem despachar, doendo-se das partes a que não podia acudir como desejava, ordenou certos letrados que com alguns do concelho entendessem em todas as cousas do reino, e com justiça as despachassem, ficando sómente algumas que El-Rei havia de despachar por si, e a elle se havia de requerer. E porque se houvesse de assignar tudo o que se despachasse lhe faria muito damno á sua enfermidade, mandou fazer dois signaes o grande e pequeno, entalhados em ouro, para que como lettra de fôrma assignassem tudo, e quando assi vinham os despachos, com as vistas postas nelles El-Rei dava o signal, e por qualquer official que presente era se assignava tudo diante d'elle com muito resguardo, e eu o fiz muitas vezes diante d'elle por seu mandado.

CAPITULO CLXXXIV

Do que El-Rei disse a Ruy de Sande

NESTE tempo estando El-Rei em Evora, um Nuno Antunes, cavalleiro de sua casa, veio da Mina por capitão de sua caravella, e trazia trinta mil pesos d'ouro, e porque morriam de peste em Lisboa sahio em Setuvel, e trouxe o ouro todo a El-Rei para o vêr por ser muito, antes de se levar a moeda, e vinha feito em muitas cousas diversas de muitas feições, e parecia isso muito mais. El-Rei estando com poucos, sómente algumas pessoas com que folgava, mandou estender o ouro todo em uma alcatifa, e estando-o assi vendo, disse Ruy de Sande manso a Diogo da Silveira: — Bem contente e descansado estaria quem tivesse todo aquelle ouro. El-Rei ouviu o que disse, e virou-se a elle, e disse-lhe: — Certifico-vos Ruy de Sande que vo-lo dera todo se o já não fizera a El-Rei D. Affonso de Napoles.

CAPITULO CLXXXV

Do que El-Rei disse a João Fogaça vindo da Sitima

FOI El-Rei um sabbado caçar e jantar a Sitima como muitas vezes fazia, e porque El-Rei tinha mandado que sempre em sua ucharia houvesse em muita abundança todos os pescados bons e chacinhas, para que quando faltasse ás pessoas principaes podessem lá mandar por tudo, e assi era sempre em

tanta abastança, que o que se lançava a longe podre e se levava em despesa ao uchão era muito grande cousa. E porque então não fez tempo para poder vir pescado de Setuvel e Lisboa, d'onde sempre vinha, e o veador João Fogaça vio que os que iam com El-Rei não tinham muito de comer como sempre comiam em muita perfeição. Por escusar alguma paixão, pedio a Diogo Pires de Sequeira que servisse por elle, e não foi com El-Rei, e vendo El-Rei que nas outras mesas não havia tanta abastança de pescados bons como sohia, pesou-lhe muito, e quando veio para a cidade e João Fogaça o veio esperar á porta e levava a barba rapada d'aquelle dia, El-Rei como o viu disse-lhe alto perante todos:—Veador, vós vindes com a vossa barba rapada, e eu com a minha muito cheia de vergonha por quão mal nos hoje destes de comer.» E com quanto o veador não tinha culpa, porque fôra pelo forte tempo que passara, lhe pedio por mercê que lhe perdoasse, e que tal não passaria mais.

CAPITULO CLXXXVI

Do que El-Rei fez ao Bispo de Evora vindo de Viana

O Bispo de Evora D. Affonso, filho do marquez de Valença e primo com irmão da Infanta D. Breatiz, era de sua condição isento e livre. E por alguns descontentamentos que El-Rei d'elle houve o mandou sair sóra de Evora até sua mercê, o que o Bispo logo cumprio e se foi a Viana da par de Alvito, onde esteve muitos dias. E indo El-Rei um dia a Viana o Bispo mui acompanhado dos seus e dos da villa o veio receber ao caminho, e El-Rei lhe fez muito

grandes honras e muito gasalhado, e á mesa com muita graça fallou sempre com elle, e assi na festa com muito despejo, por onde o Bispo ficou tão contente que lhe pareceu que El-Rei de todo era fóra da paixão que d'elle tivera, e que indo com elle o deixaria entrar em Evora sem mais requerimentos, e cometeu de o fazer. E no caminho á vinda, vindo El-Rei falando com o Bispo com muito prazer, vio passar umas azemolas do Bispo e conheceu suas devisas e armas, e entendeu a tenção do Bispo, e fez que não via nada, e vendo que o Bispo por dissimulações queria entrar em Evora sem lho pedir, foi sempre falando com elle até Santo André, que é perto dos muros, onde já chegou muito noite, e alli lhe disse El-Rei:—«Bispo será bem que vos torneis embora, que é já tarde»; e assim o despedio, e o Bispo corrido, e com seu fato já em Evora, e o fundamento desfeito se tornou a Viana, onde chegou ás duas horas depois de meia noite bem enfadado e cansado, e porém d'ahi a poucos dias o mandou El-Rei vir para a cidade sem requerimento algum.

CAPITULO CLXXXVII

Do que El-Rei disse a D. Martinho sobre seu irmão

SAINDO El-Rei um dia dos paços para cavalgar, decendo pelas escadas vinha-lhe fallando D. Martinho, veador da fazenda, em um requerimento de D. Pedro seu irmão, e El-Rei vendo ante si muitas partes que esperavam e requeriam despachos, disse alto a D. Martinho que o ouviram todos:— «Melhor seria falarde-me vós no despacho d'estas partes que aqui andam por despachar, que no despa-

cho de vosso irmão a que não ha de fallecer tempo ; de que D. Martinho ficou corrido, e as partes muito contentes. E como El-Rei veio entendeu em seus despachos e os despachou todos.

CAPITULO CLXXXVIII

Do piloto e marinheiros que El-Rei mandou matar

UM piloto e dois marinheiros fugiram para Castella com dinheiro da Mina furtado, e com tenção de servirem a El-Rei, que tanto que o soube teve tal maneira que dentro em Castella os houve logo á mão. E trazendo-lh'os todos, foi sabido das irmandades que por muitas partes espalhados vieram após elles. E os que os traziam sentindo os que vinham, e vendo que os não podiam trazer todos sem muito risco de suas pessoas, se embrenharem em uma grande mata, e mataram os cavalloos por não rinchar, e aos dois marinheiros cortaram as cabeças, que trouxeram, e ao piloto depois da terra segura, e as irmandades idas, trouxeram andando de noite com anzolos na boca por não fallar, e vieram com elle a Evora, onde logo foi esquartejado, por onde nenhum ousava de ir como não devia, porque não sabiam onde podessem escapar a El-Rei, e com mandar ás vezes matar poucos escusava a morte de muitos, e outras perdas e damnos que aos Reis fazem quando não tem medo nem receio, que quanto bem os bons fazem por amor, tanto mal os maos deixam de fazer com temor.

CAPITULO CLXXXIX

Do que se fez em Evora á entrada de uma porta da sala

NESTE tempo foi El-Rei um domingo ouvir missa á Sé, e com sua doença se achou lá muito mal e agastado, e mandou ao veador que tivesse a mesa posta em uma sala grande, e que a tivesse de todo despejada, e o veador o fez assi e lha teve sem pessoa alguma, muito augoada e enramada de canas e ramos verdes. Vindo El-Rei entrando pela porta sem entrar ninguem diante a mandou fechar; muitas pessoas principaes não sabendo o que elle tinha mandado, e por ser em sala quizeram entrar, e punham força nas portas, e por serem muito grandes, e o veador e porteiros as não poderem fechar, disseram alto: Senhores, tende-vos que manda El-Rei que não entre pessoa alguma. E elle em ouvindo o rumor virou atraz, e disse alto:—Abri essas portas. Em se abrindo, os que por força queriam entrar e houveram de cair por diante, em vindo El-Rei caíram todos por detrás uns sobre os outros, que tanta força pozeram por El-Rei não vêr os que queriam forçar a porta, e não se vio algum á porta, e El-Rei as mandou ficar abertas, e emquanto comeu não pareceu pessoa alguma em toda a varanda, que d'esta maneira era temido e acatado andando já para morrer.

CAPITULO CXC

Do que El-Rei disse um dia a D. Martinho

VINDO El-Rei um dia da missa da capella d'Evo-
ra pela varanda, vinha falando com elle D.
Martinho, veador da fazenda, em uma cousa
sua d'El-Rei, e em chegando á sala, estando muitos fi-
dalgos e cavalleiros juntos de uma parte e da outra,
El-Rei lhe respondeu alto fóra do proposito em que
falavam, e disse: — Não hei de dar isso a esse ho-
mem, porque não sabe ter uma lança na mão, nem
trazer uma espada na cinta. Que não só era contente
de fazer honra e mercê aos valentes homens e bons
cavalleiros, mas ainda dava a entender que a não ha-
via de fazer aos que taes não fossem. Por onde to-
dos trabalhavam de o ser, ou ao menos de o parecer.

CAPITULO CXCI

*De como El-Rei ordenou que em sua capella rézassem
as oras canonicas como egreja cathedral, e do que
passou com o Adaião*

TODOS Reis passados, e assi El-Rei, porque até
este tempo em suas capellas não se fazia mais
que dizerem-lhe missas e vesporas quando ahi
as queriam ouvir, e os capellães diziam missas nas
egrejas onde queriam e as oras rezavam em suas pou-
sadas, e ás vezes nas estrebarias vendo curar suas
mulas, e El-Rei como era catholico, e muito devoto e

amigo de Deus, por se os officios divinos fazerem com mais perfeição e acatamento, e em muita perfeição, estando aqui em Evora neste anno, ordenou e fez que todos seus capellães cantores, e moços da capella rezassem as oras solememente em sua capella cantadas como em egreja cathedral, e assi mandou logo para isso fazer seus côros e assentos, e muitos ornamentos, e todalas cousas necessarias mui perfeitas e em grande abundança, e porque folgassem de o fazer, e com melhor vontade ir servir Nosso Senhor, deu-lhe logo rendas de que houvessem cotidianas distribuições, e a poz na ordem e regimento em que ora está, que é a melhor servida capella que Rei christão tem. E estando El-Rei ouvindo missa, rezava com elle Diogo de Sousa, Adaião de sua capella, que depois foi Arcebispo de Braga, e em se El-Rei levantando ao Evangelho se lhe tirou um pantufo do pé, e querendo tomal-o, o Adaião se abaixou rijo e tomou o pantufo, e em joelhos lh'o quizera metter no pé. E El-Rei houve menencoria, e disse-lhe aspero:—Tirai-vos di. Isso haveis vós de fazer? O homem que toma o Sacramento nas mãos as ha-de pôr no meu pantufo? Ora por esse mau ensino que fizestes, tanto que acabarem a missa vos hi logo para a pousada, e não saiaes d'ella até o eu mandar; e o teve por isso um mez em casa, que d'esta maneira acatava e honrava e reverenciava o culto divino.

CAPITULO CXCI

De como El-Rei fez e ordenou meirinho do paço

O Prior do Crato D. Diogo de Almeida, e D. João de Sousa, houve entre elles differença, e em ausencia vieram a dizer muitas más palavras um do outro, e a tanta quebra que cada dia se esperava que viessem a rompimento e ás cutiladas onde se topassem, e aqui em Evora acertaram ambos a ter todas suas valias, que eram tamanhas e tão nobre gente que não havia homem na côrte que não fosse de uma parte ou da outra, e elles valentes cavalleiros, e porque se viessem a romper ambos fôra gran união e fizera-se muito mal, porque andavam muito acompanhados de seus parentes e criados, e se fôra no paço, ou no terreiro fôra já muito pior, e El-Rei não podera deixar de dar os grandes castigos que em tal caso mereciam; por evitar isto ordenou então e fez meirinho do paço um Estevão Fernandes, cavalleiro de sua casa, valente homem de sua pessoa, e deu-lhe doze homens da guarda escolheitos e buscados para isso, homens de coração e bem despostos, muito bem vestidos das côres d'El-Rei, que com alabardas nas mãos estavam sempre á porta do paço em assentos que lhe ahí pozeram, e mandou El-Rei ao meirinho e a elles que qualquer pessoa que no paço ou no terreiro tirasse espada, que o matassem sem haver hi prisão nem outra cousa, e assi o mandou notificar por escriptos postos ás portas do paço, e com este mandado d'El-Rei que todos tinham por mui certo, houveram tamanho receio, que os bandos se desfizeram por si, sem mais haver ajuntamento. E este foi o

primeiro meirinho do paço que em Portugal houve, e por ser officio tão necessario ficou sempre de então para cá.

CAPITULO CXCIH

Do que El-Rei fez sobre dois moços fidalgos que houveram brigas no paço

Dois moços fidalgos já grandes, e porém andavam ainda em pelotes, houveram rasões no paço e vieram aos cabellos. Soube-o El-Rei, e mandou-os logo chamar ambos para os castigar como moços, e não virem a mais, e ficarem em brigas e pendenças. Veio um d'elles a que logo mandou açoutar por Antão de Faria, e os parentes do outro quando o souberam, esconderam-no, e não no quizeram mandar, e como El-Rei vio que não vinha mandou chamar o Corregedor, e sahio com uma sentença em que o degradava por dez annos para Ceuta. Os parentes se vieram agravar de tão aspera sentença, e El-Rei lhe disse: — Pois não quizestes que o castigasse como moço, castiguei-o como homem. Houveram elles seu conselho, e depois de havido, trouxeram todos juntos o moço a El-Rei para que o castigasse á sua vontade. El-Rei como vio o ajuntamento, perante todos pedio um páo, e andando muito doente o tomou pelos cabellos e o espancou bem. E cansado se recolheu a outra casa, e disse a D. João de Menezes, e a Ayres da Silva: Não dei aquelle moço senão pelas dar aquelles necios que vinham juntos a fazer caso no bem que eu queria fazer, e quiçá se ficaram em brigas não se ajuntarão para isso como agora vinham juntos, e eu por aqui lhas atalhei.

CAPITULO CXCV

Do que El-Rei disse ao Comendador mór sobre Gonçalo d'Afonseca

GONÇALO d'Afonseca, homem fidalgo e mui bom cavalleiro, era pequeno de corpo, e El-Rei o favorecia e lhe fazia honra e mercê, e um dia estando em pratica com certos senhores e fidalgos vieram a fallar nelle, e o Comendador mór D. Pedro da Silva disse: Gonçalinho d'Afonseca, e El-Rei lhe disse logo: Gonçalinho lhe chamais, não sei se vós vos tomardes com elle Gonçalão vos parecera. Isto disse El-Rei pelo máo ensino que foi em lhe chamar perante elle Gonçalinho.

CAPITULO CXCV

Do que El-Rei disse ao Mordomo mór sobre o aposentador

GMordomo mór D. João de Menezes sobre umas pousadas disse más palavras a Alvaro Rodrigues, aposentador, que foi logo fazer queixume a El-Rei, que o mandou logo chamar, e estando-lhe perguntando por o caso, e reprimendo-o muito d'isso, o Mordomo mór lhe disse: Vossa Alteza não quer crêr a mi, e dá credito a Alvaro Rodrigues que é muito grande sandeu. E El-Rei lhe respondeu: Mais sandeu sereis vós se outra vez disserdes tal palavra perante mi. De que D. João lhe pediu logo perdão em joelhos, e lhe beijou a mão pelo ensino.

CAPITULO CXCVI

Do que El-Rei disse ao conde de Borba em um conselho

Conde de Borba D. Vasco Coutinho, de sua condição falava sempre muito alto, e ás vezes quando se queria frautar falava muito baixo, e um dia estando El-Rei em um conselho, quando veio o conde a dizer seu parecer falava tão baixo que se não ouvia, e El-Rei lhe disse:— conde, os vossos baixos são tão baixos que vos não ouve ninguém, e os altos tão altos que se não houve ninguém com-vosco.

CAPITULO CXCVII

Do que El-Rei disse sobre as espadas

ESTANDO certos senhores e fidalgos um dia perante El-Rei em pratica sobre qual era melhor espada, se a comprida ou a curta, os mais eram que a comprida, e elle disse:— Muito melhor espada é a curta, porque o verdadeiro portuguez não ha de ferir senão com os terços.

CAPITULO CXCVIII

Do que El-Rei fez e disse a Antão de Figueiredo

ANTÃO de Figueiredo, moço da guarda roupa, andava muito honradamente, e trazia grande casa, não tendo mais que mil e quinhentos réis de moradia, e tendo-lhe El-Rei muito boa vontade, se agravava d'elle e andava mui descontente, e não servia como sohia, e El-Rei o chamou uma noite só perante Anrique de Figueiredo seu tio, que era escrivão da fazenda, e homem que El-Rei muito estimava, e lhe disse que de que se agravava d'elle. E Antão de Figueiredo lhe respondeu que porque servia Sua Alteza muito bem com muito amor, e não tinha mais que mil e quinhentos réis de moradia, sem tença nem outra cousa certa; e El-Rei disse: Antão de Figueiredo, tendes vós seis homens de capas, e seis moços, e quatro escravos, e duas escravas brancas, todos muito bem vestidos e ataviados, e dois ginetes e duas azemolas, e muito bons concertos de casa, que eu muito bem tenho sabido. Respondeu:—Senhor, si. Disse El-Rei: — Ora como sustendes tudo isto com mil e quinhentos réis de moradia, que vosso pae não vos dá nada, nem po tem para isso? E elle ficou enleado sem saber responder. Disse-lhe El-Rei: Ora se isto tudo se sustem com a minha guarda roupa e das minhas capas, pelotes, gibões, e calças, e camisas, e pontas d'ouro, e outras muitas cousas que vós tendes em vosso poder, sem vos serem carregadas em receita, nem haver ahi escrivão, como quereis vós cuidar que furtaes, e não que vos faço eu de tudo mercê, pois o sei muito bem e o consinto? Ora me beijae a mão

por tudo, e servi-me muito bem, que eu tenho cuidado de vos honrar e fazer mercê. E logo elle e o tio lhe beijaram a mão, e d'ahi por diante serviu melhor, e El-Rei o casou, e lhe fez honra e mercê, e d'esta maneira era largo com seus officiaes.

CAPITULO CXCIX

Do que El-Rei fez a Eitor Borralho

UM Eitor Borralho, cavalleiro da casa d'El-Rei, vindo da Mina por capitão de uma caravella, vinha muito alvo, e quando beijou a mão a El-Rei, e o viu assi espantou-se e perguntou-lhe como vinha tão alvo, e elle respondeu: — Senhor fui e vim sempre muito embuçado com touca e sombreiro, e luvas sempre calçadas. E El-Rei lhe disse: — Não fôra melhor vir negro como homem que alvo como mulher? Andar di para necio, que quem isso faz não deve de ser para nada. E o fez levantar, e ir sem o querer ouvir.

CAPITULO CC

Do que El-Rei disse a Anrique Corrêa

ANRIQUE Corrêa, tio do Mestre de Santiago, tendo dôr de olhos trazia na mão um lenço lavrado, e El-Rei lhe perguntou para que era; respondeu: — Senhor, para alimpar os olhos que trago muito doentes. Disse-lhe El-Rei: — Para isso melhor é um pequeno de cendal, ou alimpa-los com as abas

do pelote, que menos mal é que trazer lenço lavrado como mulher. E em vida d'El-Rei nunca ninguem perante elle trouxe luvas untadas, nem lenços lavrados, nem barbas tintas, nem unturas, e os homens que com necessidade traziam cabelleiras, que eram muito poucos, havia-se por tacha. Que nos porquês pozeram: porque traz Nuno Pereira cabeleira sobre velho, e elle seria homem de quarenta annos.

CAPITULO CCI

De algumas coisas que El-Rei disse a Garcia de Resende

QUANDO El-Rei deu casa ao Principe D. Affonso seu filho, antes das festas me passou a elle, e eu pezando-me muito lhe pedi por mercê com algumas lagrimas que me não desse ao Principe, porque nenhuma pessoa desejava servir senão a Sua Alteza, e mais que era muito moço, e me agasalhava com meu tio, e passando-me ao Principe ficava desagasalhado; e El-Rei me disse: — Eu quando dei casa a meu filho dei-lhe os meus livros da cosinha para que elle á sua vontade escolhesse nelles os moradores que quizesse, entre os quaes elle escolheu a ti. Ora como queres tu que lhe tire eu nenhum d'aquelles que elle por meu mandado escolheu? E mais por essa vontade e lagrimas que te vejo me lembrarei sempre de ti, e servindo tu a meu filho serves a mi, e o impedimento de teu tio é nenhum, porque meu filho não no hei de apartar de mi, e mais é melhor para vós outros, porque teu tio requerá a mi por ti, e tu a meu filho por elle.

Tão humano era El-Rei para os baixos, que a um moço como eu estava assi confortando e dizendo taes palavras, e sempre em vida do Principe me fazia favor. E depois da morte do Principè quando tornei para elle me fez logo mercê da sua escrevaninha que ficára de Ruy de Sande quando fôra acrescentado, e havia perto de um anno que a não dava a ninguem, e era então a melhor cousa que havia entre os moços da camara, porque El-Rei sempre escrevia com a sua escrevaninha, e nunca molhava a pena quando escrevia, sómente eu lh'a tinha na mão molhada e limpa, e como a com que elle escrevia gastava a tinta, elle m'a dava e tomava a outra, e sempre tinha na mão uma pena concertada com tinta, e via tudo o que elle escrevia, e um dia estando elle escrevendo para El-Rei de Castella, e eu só com elle no escriptorio, por eu vêr ser cousa de muita substancia estava com o rosto virado para outra parte, e elle querendo a pena, quando me viu estar virado disse: — Vira-te para cá, que se me não fiasse de ti não te mandaria estar ahi, e porém isto não te dê presumpção, senão vontade para melhor servir e ser melhor ensinado. E eu lhe beijei a mão, de que elle mostrou folgar, e dava a outros e a mi tantos e bons ensinos, que nunca houve pae que os taes dêsse, e elle me ensinou as horas pelo norte, e assi outras cousas que por lhas eu então não merecer quiz Deos que agora lhas servisse em escrever sua vida, e contar suas virtudes.

Eu debuxava muito bem, e elle folgava muito com isso, e me ocupava sempre, e muitas vezes o fazia perante elle em cousas que me elle mandava fazer, e porque eu levasse gosto em o fazer me disse um dia perante muitos, que me prezasse muito d'isso, porque era tão boa manha que elle desejava muito de a saber, e que o Imperador Maxemiliano seu primo

era grã debuxador, e folgava muito de o saber e fazer.

E porque eu começava de tanger bem me mandava ensinar, e me ouvia muitas vezes na sesta, e de noite na cama, e me gabava tanto e tantas vezes, que eu não cuidava em outra cousa senão em servir e aprender.

E estando uma noite na cama já despejado, me perguntou se sabia as trovas de D. Jorge Manrique, que começam: — *Recorde el alma dormida*: e eu lhe disse que si; fez-mas dizer de cór, e depois de ditas me disse que folgava muito de mas vêr saber, e que tão necessario era a um homem sabe-las como saber o Pater noster, e gabou muito o trovar de muito singular manha, e isto porque eu fiz uma trova que elle vio, e a gabou muito por me dar vontade de o aprender e saber fazer.

Quando El-Rei ia para o Algarve no tempo de seu fallecimento, diziam-lhe os fisicos que se guardasse de dormir de dia, e elle por não dormir jogava sempre na sesta o enxadrez, e no caminho já na serra do Algarve foi jantar a um ribeiro de muito boa agoa debaixo de umas soveiras grandes, e depois de comer quizera jogar o enxadrez como sempre fazia por não dormir, e a bolsa com os trebelhos estava ahi, e o taboleiro era diante com a cama por esquecimento, e elle houve d'isso desprazer, e disse muitas más palavras ao moço da guarda roupa, e bem agastado, e eu vendo como estava assi apaixonado, ajuntei duas folhas de papel, e com tinta debuxei nellas um taboleiro, e com uma pouca de cera vermelha fui logo e disse-lhe: — Senhor, aqui trago taboleiro, e apeguei-lho na mesa com a cera. Ficou tão ledo e folgou tanto, como se fôra uma grande cousa, e fez-me muito favor, gabando-me muito, e disse perante todos: —

Para que é trazer taboleiro, nem trazer nenhuma cousa, senão trazer sómente Resende! Que d'esta maneira era agardecido de qualquer cousa por pequena que fosse.

CAPITULO CCII

Do que El-Rei fez em Evora sobre a vinda do pão

ESTANDO El-Rei em Evora começou de haver necessidade de pão havendo muito na cidade em poder de alguns fidalgos e cidadãos que o não queriam vender, esperando que o haviam de vender a como quizessem. Mandou-lhes El-Rei rogar a todos que vendessem seu trigo a trinta réis o alqueire, que lhe parecia preço honesto para elles ganharem, e o povo ser provido, pois havia annos que o não venderam tão caro, e que nisso lhe fariam prazer, e que se o não quizessem vender, que soubessem certo que depois lho não deixaria vender emquanto na cidade estivesse.

Escusaram-se todos, esperando por maior valia, salvo um João Mendes Cecioso, cidadão honrado, que mandou logo levar á praça uns quarenta moios que tinha, e mandou dizer a El-Rei se queria Sua Alteza que o puzesse a vinte réis que assi se venderia. Aguardeceu-lhe El-Rei, e quiz que a trinta se vendesse, e fez-lhe logo por isso mercê de dois escravos. E mandou logo ao Mestrado de Santiago em Castella dizer que lhe aprazia dar licença para poderem vir a Evora vender seu pão, como lhe requeriam havia dias e El-Rei não queria por lhe não levarem o dinheiro do reino, e tanto que teve recado que estava muito pão para vir, mandou logo apregoar pela cidade que qual-

quer homem d'ella que vendesse trigo emquanto elle ahi estivesse, que perdesse por isso sua fazenda, e mandou pôr sobre isso tanta guarda que se não vendeu alqueire.

Acudiu logo de Castella tanto que valia a vinte réis o alqueire. E o anno seguinte valeu em Evora a quatorze réis o alqueire. Por onde todos os que tinham pão o perderam quasi todo.

E El-Rei sem castigo os castigou bem, e deu grande perda aos cubiçosos, e muito proveito a sua côrte e a todo o povo, de que sempre tinha muito grande cuidado. E quando sahio de Évora para as Alcaçovas mandou dizer aos que o não quizeram servir, que agora que se elle ia da cidade poderiam vender seu pão, em que os ainda tornou a envergonhar.

CAPITULO CCIII

Partida d'El-Rei de Évora para as Alcaçovas

ESTEVE El-Rei com sua côrte até o mez de Julho de mil e quatrocentos e noventa e cinco em Evora, onde muito folgava, e mandava muito nobrecer os paços e a cidade em que havia então quatro mil e quinhentos moradores, em que entravam muitos fidalgos honrados e dos principaes do reino; havia na cidade trezentos de cavallo, e de então para cá foi sempre minguando, e tinha já El-Rei ordenado de fazer vir a ella agua da fonte da Prata, onde já tinha muitas fontes compradas, e feitas de aboboda, e concertadas, e medida a agua que á cidade podia vir, que era muita, e estando assi sobrevieram á cidade rebates de peste, e taes que esteve muitos dias encer-

rado, com os paços fechados para vêr se os podia remedear, e vendo que iam em crescimento se partio para as Alcaçovas com a Rainha, o duque, e o senhor D. Jorge mui aforrados com certos escolhidos e logo nomeados, e nas Alcaçovas foi a doença d'El-Rei em grande crescimento para mal, que se gastava e sumia, e enfraquecia muito, e perdia o gosto de comer, e era tão malenconizado que lhe aborrecia já vêr gente, e não folgava com cousa alguma.

CAPITULO CCIV

De como determinaram que El-Rei entrasse em banhos

No fim do mez de Setembro os principaes fisicos que no reino havia e ahi eram com El-Rei tiveram muitos conselhos sobre sua cura, e pelos mais se acordou que era bem entrar em caldas, nas de Monchique ou nas de Obidos, e porque as aguas d'ellas eram desviadas, em alguma maneira foi acordado de buscarem doentes da doença d'El-Rei para mandarem a ambas as caldas, e verem as que faziam mais proveito, o que logo se fez, e buscaram muitos idropicos que logo ás ditas caldas foram levados por pessoas que El-Rei com elles mandou.

El-Rei tinha determinado ir invernar a Santarem, onde já de Evora tinha mandado parte de sua casa, e no fim de Setembro foi El-Rei folgar a Villa Nova de Alvito, e a Rainha no mesmo dia se foi vêr com a Infanta sua mãe e com a duquesa sua irmã a Vianna, as quaes por comprazerem a El-Rei trabalhavam com ella que quizesse vêr o senhor D. Jorge e servir-se d'elle, que por o a Rainha o não querer fazer (como

atrás se disse) foi El-Rei alli nas Alcaçovas em grande desavença com ella: e esperou-se que da vinda da Rainha ás Alcaçovas a que logo El-Rei e ella vieram, o senhor D. Jorge saísse a recebe-la e beijar-lhe as mãos: mas não se fez porque houve para isso dilação para se tomar conclusão.

CAPITULO CCV

Da embaixada que ás Alcaçovas veio d'El-Rei e da Rainha de Castella

Foi El-Rei d'aqui das Alcaçovas a Viana, e vindo de lá o mandou Ruy de Sousa avisar ao caminho como ia a elle um embaixador de Castella, que se chamava D. Alonso da Silva, pessoa principal e de muito bom saber, irmão do conde de Cifontes, e vinha bem acompanhado. O qual sem querer recebimento, nem no mandar dizer a El-Rei o foi tomar ao caminho de Viana. E porque El-Rei era já avisado da vinda do embaixador, e que vinha para a meude avisar os Reis de Castella de sua doença e disposição, depois de lhe o embaixador beijar a mão lançou um ginete em que vinha tres ou quatro vezes, e alçou o braço, e disse alto: — Ainda este braço está para dar um par de batalhas, e d'ahi a pouco disse a mouros. E logo nas Alcaçovas ouviu o dito embaixador, e querendo despacha-lo, quando lhe disse que vinha para andar na côrte devagar, o mandou ir a Estremoz, por El-Rei estar para partir para as caldas, e ahi em Estremoz o teve com cavalleiros em que confiava que o guardavam e tinham como preso, e não

mandava carta a Castella que lhe não fosse tomada e mandada logo a El-Rei.

CAPITULO CCVI

Da armada que El-Rei tinha prestes para o descobrimento da India

PELOS grandes desejos que El-Rei sempre teve do descobrimento da India, no que muito tinha feito e descoberto até além do Cabo de Boa Esperança, tinha concertada e prestes a armada para descobrir-la com os regimentos feitos, e por capitão-mór d'ella Vasco da Gama, fidalgo da sua casa, e por fallecimento d'El-Rei a dita armada não partiu. E El-Rei D. Manuel, que santa gloria haja, tanto que reinou mandou partir a dita armada assi como estava prestes, pela mesma ordenança, e os mesmos regimentos que estavam feitos, e por capitão-mór o mesmo Vasco da Gama, que depois foi conde da Vidigueira, e almirante das Indias, que com a ajuda de Deos e seu esforço como valente cavalleiro, com grandes perigos e trabalhos a descobrio.

CAPITULO CCVI

De como El-Rei determinou de ir ás Caldas do Algarve

ESTANDO uma noite El-Rei ceando lhe trouxeram um moço do doutor Pero Diaz que vinha das Caldas do Algarve, onde fôra mandado doente

de idropesia, e era d'aquelles que El-Rei mandara para experimentar as Caldas, e porque de todo veio são, cresceu a vontade a El-Rei de ir, e assi o determinou, e porque era já tarde, no mez de Outubro, houve nos fisicos contradições em alguns. Principalmente em um mestre Leão, judeu, muito bom fisico, que o contradisse, e requereu a El-Rei que não fosse lá, e elle não quiz ir com elle, e houve outros que lhe disseram que fosse. E logo ao outro dia mandou El-Rei partir João Fogaça diante a Monchique a lhe concertar as Caldas e seu aposentamento, e tudo o que fosse necessario para logo ir após elle.

CAPITULO CCVII

De como El-Rei fez seu testamento

PORQUE Nosso Senhor Jesu Christo no tempo da necessidade nunca desempara os catholicos e virtuosos, e os devotos seus; mas então acode com sua graça e misericordia, como sabia que o tempo da morte d'El-Rei se chegava, e que fôra El-Rei justo e muito temente a elle, lhe quiz em tal tempo acudir com sua ajuda e piedade, e porque foi muito devoto da sua morte e paixão, lhe deu graça para que antes que morresse fizesse todas as cousas que cumpriam a salvação de sua alma, como fez inteiramente como catholico Principe que era. E mandou chamar logo frei João da Povia, frade observante da ordem de S. Francisco, homem muito virtuoso e de santa vida, que era seu confessor, e a elle se confessou logo mui perfeitamente, e com muita devoção de suas mãos tomou o Sacramento, e acabado isto

com elle fez seu justo e verdadeiro testamento, estando ambos sós assentados, e foi escripto com as minhas penas e meus aparos, e eu estava á porta de fóra, e acudia quando chamava.

E estando El-Rei assi fazendo o dito testamento, chegou o duque á porta, e perguntou-me que fazia El-Rei, e eu lh'o disse, e perguntei se queria sua senhoria que dissesse a El-Rei como elle ahi estava, e disse que não, e se assentou na casa de fóra, que estava de todo despejada com só Ayres da Silva e Antão de Faria, e El Rei sentio que viera alguem, chamou, e perguntou-me quem era, e eu lhe disse que o duque, e que me perguntara que fazia Sua Alteza, e eu lh'o dissera, e perguutara-lhe se queria que dissesse a Sua Alteza como elle estava ahi, e elle me dissera que não, e se fôra assentar; e El-Rei me respondeu: — Bem fez, e bem fizeste.

E assi estiveram até bem noite, e acabaram o testamento de todo, e d'esta confissão e testamento foi alli em muita amizade e amor com a Rainha sua mulher, e de todo fóra de algumas paixões em que andavam. E neste proprio tempo que o duque chegou á porta, bem longe de cuidar o que se fazia, o deixou El-Rei e declarou no dito testamento por só e legitimo herdeiro d'estes reinos e senhorios, e deixou-lhe o senhor D. Jorge seu filho encomendado como vassalo seu. O qual testamento foi assi verdadeiro e virtuoso, que Deus foi com elle servido, e todolos do reino mui contentes.

CAPITULO CCIX

De como El-Rei partiu para o Algarve e aprovou seu testamento

EL-REI assentou em ir ao Algarve aforrado e levar comsigo o sr. D. Jorge seu filho, e que a Rainha e o duque se fossem logo a Alcacer do Sal, e ahi o esperassem, para na vinda a Rainha por ser mal desposta ir a Setuval por agua, e d'ahi a Al-cochete, e pelo rio acima ir a Santarem, e El-Rei por terra correndo montes, os quaes caminhos se não fizeram, porque Deus ordenou outra cousa.

E no proprio dia que El-Rei partio das Alcaçovas na entrada do mez de Outubro, pela manhã antes que partisse aprovou publicamente seu testamento, em que assignaram sete pessoas mais principaes que ahi estavam, entre os quaes foi o duque e o senhor D. Jorge, e acabada a aprovação, em uma quarta feira pela manhã partio, e foi dormir a Ferreira, e ao outro dia partio alegre e bem disposto, e por Messagena e Panoyas, e os Colos foi suas jornadas até o sabbado que chegou a Monchique e esteve o domingo, onde sentio frio, e ahi folgou o dia, e vio luctas dos da terra e da côrte, com que folgou, e fez luctar Ayres Teles (que ora é frade) que era grande luctador, e ganhou alli as fogaças, com que El-Rei recebia prazer. E a segunda feira por a frialdade da terra ser já muita, foi El Rei aconselhado que não entrasse nas Caldas, e elle por se achar em boa disposição todavia foi aquelle dia dormir ás Caldas, e entrou nellas, e ao outro dia terça feira tambem entrou nas Caldas pela manhã e á noite, muito contente de si, e dizendo que se achava

melhor, e assi entrou a quarta feira pela manhã, e á tarde porque ahi perto estavam porcos emprazados para monte, perguntou aos fisicos se poderia lá ir, e disseram-lhe que si, e bem forrado para o frio, e coberto para o ar, embuçado com touca e um chapeu por ordem dos fisicos, foi lá em cavallo muito manso em que vinha no caminho, e sendo lá, ou pelos quatro banhos que tinha tomados, ou pelo abalo que fez se achou mal, e veio com muito grande dôr de estomago, e com fruxo que o logo muito apertou, com que ficou muito agastado e triste, porque por se achar os dias d'antes bem, tinha muita esperança de sua saude, e com este fruxo ficou duvidoso d'ella, e por não poder mais esteve nas Caldas a noite de quarta feira, e a quinta, e a sexta feira com grandes agastamentos.

CAPITULO CCX

Partida d'El-Rei das Caldas para Alvor

Ao sabbado pela manhã o melhor que pôde El-Rei cavalgou a cavallo bem fraco, e foi jantar a uma quinta de bons pomares e casas que estava no caminho, e d'ahi dormir a Alvor onde chegou tarde com muita fraqueza, e pousou nas casas de Alvaro de Atayde, e o senhor D. Jorge com muita gente da d'El-Rei por seu mandado se foi a Villa Nova de Portimão, onde foi de D. Martinho, senhor da villa, que depois foi conde d'ella, servido com muitos grandes banquetes, e El-Rei esteve em Alvor alguns dias que se levantava, e vinha de uma camara onde jazia a uma casa de baixo: e deitado vestido em uma camilla ouvia missa na salla, e isso fez algun

dias até que veio a tanta fraqueza que se não podia levantar, e lá na camara lhe diziam missa, e da cama via Deus.

E indo El-Rei cada vez para peor, o senhor D. Jorge o veio vêr duas vezes, e no mais e sempre d'ambas tornou dormir a Villa Nova, e logo pareceu a muitos que El-Rei tinha o duque seu primo declarado por Rei, pelo verem ficar em Alcacer tão afastado, e El-Rei vêr tão poucas vezes o filho, e indo El-Rei achando-se cada vez peor desejou muito vêr a Rainha sua mulher e o duque seu primo, e por a Rainha ser mal desposta lhe pareceu que não poderia vir, e escreveu ao duque e lhe rogou muito que o viesse vêr com tenção de lhe declarar como o deixava por Rei, e encommendar-lhe seu filho, e porque o duque tardava lhe mandou El-Roi outro recado por Antonio de Miranda, e depois outro por D. Martinho de Noronha, e o duque vindo já para Alvor, e estando no lugar dos Colos, foi aconselhado que não fosse mais adiante, e com recados e cartas que disse receber da Rainha, em que o mandava chamar á pressa para vir vêr El-Rei se tornou a Alcacer, e por o capitão Fernão Martins Mascarenhas mandou dizer a El-Rei que elle tornara por mandado da Rainha, porque ella a grande pressa o queria ir vêr, o qual recado foi dado a El-Rei a sexta feira pela manhã quando elle se achou bem, e folgou muito com isso, e logo começou de ordenar onde a Rainha e o duque haviam de pousar, e porque o fruxo d'El-Rei ia em muito grande crescimento os fisicos ordenaram de lho estancar, e com remedios que para isso fizeram lho estancaram, e porque o humor era já muito corrupto por todo o corpo, como não tivesse lugar de sair, saltou com elle letargia tão grande, que o não deixava acordar nem abrir os olhos senão fóra dos seus sentidos dor-

mir sempre, e com muito trabalho o acordavam, e acordado dizia a todos com grande efficacia que por amor de Deus o acordassem, e o não deixassem morrer como besta.

Falavam-lhe muito alto, bolliam com elle, esfregavam-lhe os pés, e vendo que com nada acordava, o Prior do Crato D. Diogo d'Almeida, que nesta doença, elle e Ayres da Silva o serviram grandemente, e tanto que se El-Rei vivera lhes houvera de fazer grandes mereês, e quicá outros o não esperaram, tomou El-Rei pela barba e bradou rijo:—Senhor acordai, e elle acordou muito inteiro, e disse:—Prior, essa mão mais honesta fôra posta em outro lugar, que pés havia ahí; estando morto não consentia cousa mal feita. E com esta paixão de dormir esteve até quinta feira bem noite, vinte e dois de Outubro, em que os fisicos tomaram por remedio dar-lhe mezinhas para tornar ao fruxo, para com elle retornar a seus sentidos.

E neste dia de quinta feira os de seu conselho que presentes eram sem o elle saber mandaram uma caravella a Lisboa para de lá trazer panos de dó, tochas e veludo preto, e outras cousas. E com isto que se logo soube dizem que o duque se tornou, e no reino houve alguns alvoroços, e como El-Rei torvou a sair, á sexta feira pela manhã cedo alivou, e sem ter os accidentes que tinha ficou alegre com mostranças de são, que claramente cuidou que era. De que na villa houve grande alvoroço e muito prazer e alegria, e veio a gente toda ao paço, que havia dias que o não viram, e o tinham por morto. E elle ouvindo o rumor perguntou que era, e quando lhe disseram que era com prazer de sua saude mandou abrir a porta e disse:—Deixai entrar essa gente que folga de me vêr, e eu a elles.

Entraram todos com elle, poucos e poucos, e com

muito prazer e alegria e muitas lagrimas lhe beijavam a mão e logo se tornavam a sahir, e elle rindo fazia a todos muito agasalhado. E aquelle dia se fizeram muitas festas e alegrias, e El-Rei fez logo escrever cartas para a Rainha e para o duque, e para as cidades principaes do reino, e asai a muitas villas, dando-lhe conta do seu accidente passado de que estivera mal, e que já estava bem com esperanza de vida, encomendando a todos que lhe rogassem a Deus por ella, e não fizessem alvoroços alguns, e em algumas partes encomendou que lhe fizessem procissões a casas devotas. As quaes cartas foram logo feitas, e sendo muitas as assignou todas per si, e com muita pressa foram dadas em todo o reino. E muitos as tiveram por não verdadeiras e cuidaram que eram falsas, e que El-Rei era morto. E a sexta feira pela manhã cedo mandou chamar o senhor D. Jorge seu filho a Villa Nova, onde estava, e o veio logo vêr acompanhado de muitos fidalgos, que com muito grande prazer e alegria vieram vêr El-Rei, que muito folgou com o filho e com elles, e logo depois de comer o fez tornar com todos os que com elle vieram.

CAPITULO CCXI

De como El-Rei conheceu sua morte, e se quiz nisso certificar dos fisicos e dos que com elle eram, e como lhe foi descoberto, e o que sobre isso fez

ESTEVE El-Rei assi a sexta feira até a tarde, em que logo se achou mal, e foi em todos a maior tristeza que podia ser, porque o haviam já por são, segundo pela manhã até depois de comer estive-

ra, e estava já fóra do nojo e receio passado. E assi El-Rei ficou muito triste e mui cortado, e toda aquella noite deu muitos suspiros com muita paixão, porque aquelle dia se dera por são, o qual prazer lhe durou tão pouco.

E ao sabbado se achou já muito pior, e se lhe dobrou o fruxo, com que lhe vieram desmaios e mortais accidentes, pelos quaes El-Rei conheceo sua morte. E como Principe prudente e muito devoto, e bom christão, pelos fisicos e pessoas principaes que com elle era o quiz saber, e ser da verdrde desenganado. E os chamou todos juntos, e com muita segurança e esforço lhe disse os signaes que em si sentia, por onde lhe parecia que se chegava sua morte, e porque com seus dôres e paixões poderia ser imaginação, queria saber a verdade d'elles, a qual pela obrigação que a Deos e a elle tinham lhe não encobrissem, pois sabian quanto nisso ia para sua vida ou salvação de sua alma. E elles lhe disseram que praticariam sobre isso, e a resposta trariam a Sua Alteza, e depois de todos praticarem e terem por muito certo a morte d'El-Rei, escoheram para lhe darem o triste e mortal desengano o Bispo de Tangere D. Diogo Ortiz, e o Prior do Cato D. Diogo d'Almeida, que não lho podendo dizer com muitas lagrimas e saluços lhe disseram que os fisicos eram já desesperados de sua saude, e que sua morte senão escusava senão fosse por milagre de Deus. E o Bispo como grande letrado e o Prior como esforçalo cavalleiro lhe disseram então o que para sua alma e corpo cumpria, e El-Rei muito em si, e com o esto mui seguro como muito esforçado e valente Principe lhes respondeu:

—Essa embaixada que me ambos dais é bem triste e de muia desconsolação para o corpo, mas com ella dou muitas graças a Deos, e pois elle d'isso é servido,

sei que para salvação de minha alma é mui necessaria, e pois me fez tanta mercê que me deu conhecimento de minha morte, espero da sua misericordia que pelos merecimentos de sua santa morte e paixão, e não pelo eu merecer se lembrará de minha alma; e logo com muita segurança mandou desarmar a casa e armar nella altar com a cruz, e um retavulo de Nosso Senhor Jesu Christo crucificado, e Nossa Senhora, e S. João, e mandou tirar a arquelha e desfazer a cama alta e fazel-a no sobrado, tudo com tanto tento e socego, como se fôra para partir para mais perto. E logo com muita devoção e lagrimas se confessou e commungou, e á noite com Ayres da Silva camareiro-mór fez uma cedula além do testamento que nas Alcaçovas fizera e ficara em poder de Anão de Faria, o qual era ahi já trazido, e assi com grande cuidado começou de entender nas cousas de descargo de sua alma. E porque em tal tempo o não importunassem com desordenados requerimentos, quizera vêr pelos livros de seus moradores as pessoas a que tinha mais obrigação de acrescentar e satisfazer, e fazer mercê, e assi tambem perdoar, e a isto dos livros da cozinha não deu logar a brevidade do tempo e os muitos e sobejos requerimentos das pessoas que con elle eram

E porque o camareiro mór Ayres da Silva sabia já certo pela cedula que escrevera como El-Rei reixava o duque por seu herdeiro e successor, lhe peliu por mercê que com a tal nova o mandasse ao duque, porque por ella lhe fizesse honra e mercê, e quer tambem elle melhor que outrem requereria as cousas do Senhor D. Jorge seu filho, que El-Rei na cedula muito encomendava ao duque. E a El Rei aprave que Ayres da Silva e D. Alvaro de Crasto veador de sua fazenda fossem ambos, por serem cunhados e muito

amigos, com a dita nova ao duque. E ao sabado bem noite El-Rei só com Ayres da Silva acabou a dita cedula e assignou, e cerrou Ayres da Silva, e pôs o sinete: e tambem foi escripta com meus aparos e penas como o testamento; e beijou a mão a El-Rei com muitas lagrimas, e logo elle e o dito D. Alvaro partiram com ella de Alvor bem noite caminho de Alcacer, onde o duque estava com a Rainha.

CAPITULO CCXII

Dos perdões que El Rei pediu e satisfações e mercês que fez, e como foi sua morte, e das cousas que fez e disse

Ao domingo pela manhã cedo El-Rei mui devotamente ouviu missa, e com muitas lagrimas e grande contricção e arrependimento de seus pecados tornou a comungar outra vez e mandou com muita pressa a Lagos pelo oleo da santa unção com o qual veio o prior da dita villa com todas as cousas necessarias. E logo com os Bispos e capellães que eram presentes com muita devoção e lembrança de Deos tomou a derradeira unção tão inteiro na fé e com tanta acusação de si mesmo, que a todos fazia inveja. E ao jantar comeo um meolo de pão molhado em sumo de lombo de vaca assado, e alguns bocados de outras cousas, tendo já tamanho soluço, que cada vez que lhe vinha parecia que já lhe sahia a alma, e por escripto mandou pedir perdão á Rainha sua mulher, e á Infanta D. Breatiz sua sogra, e ao Cardeal D. Jorge da Costa com palavras de muita humildade e verdadeira contricção.

E assi por palavra pedio perdão á clerezia, cavalleiros e povos de Portugal, com conhecimento de algumas cousas que fizera como não devia, e a muitos homens fez com muita temperança muitas mercês de tenças e quitas, officios e beneficios, satisfações em dinheiro, segundo cada um o merecia, e os padrões e alvarás assignava por sua mão, tendo já a alma na boca, e ao duque seu primo como a herdeiro e successor encomendava já que as cumprisse inteiramente segundo se nellas continha, e tudo dava e deu com tanta temperança, peso e medida, e tão justamente, que a nenhuma se pôs duvida.

E neste tempo de tão poucas horas de vida a algumas pessoas se escusou El Rei de cousas que lhe requeriam, com tanta razão e honestas palavras, que ganhou muito mais louvor na temperança que teve em as não dar, do que ganhara em as dando. Porque assi repartia as satisfações e mercês com tal tento e igualdade como se estivera para viver outros quarenta annos. E disse a D. Martinho, veador da fazenda, sendo homem que elle sempre muito estimou e mui aceito a elle, pedindo-lhe Villa Nova para seu filho D. Martinho:—Eu verdadeiramente estou já tal e de maneira, que dando vos agora isso pareceria que dava o alheio, porém vós sois tal que não virá nenhum após mim que vos não faça muita honra e muita mercê.

E neste tempo de seu fallecimento não quiz El-Rei que estivesse com elle o senhor D. Jorge seu filho, nem que viesse ahi, e mandou que quando Deus fosse servido de o levar, logo seu testamento fosse aberto; nelle achariam o que depois de sua morte haviam de fazer, e que depois de visto o levassem logo tres do seu conselho ao duque seu primo, e porque nelle tinha mandado que o enterrassem na egreja de Lagos,

onde fôra enterrado o Infante D. Anrique seu tio, tornou a mandar que o levassem á cidade de Silves, e lançassem seu corpo na Sé, e depois levassem d'ahi sua ossada ao mosteiro da Batalha, como levaram depois por El-Rei D. Manuel com muito grande honra e muita solemnidade, como em seu lugar se dirá.

E estando El-Rei tirando com muita pena, o Bispo de Tangere lhe lembrava alto muitas cousas santas e muito necessarias em tal tempo, entre as quaes tocou algumas da Biblia; elle lhe disse: — Bispo não me lembreis nenhuma cousa da lei velha.

O Bispo do Algarve D. João Camelo que com elle estava, sendo muito bom homem, mui liberal e gastador, era havido por máo clérigo, e nunca dizia missa nem entendia em officios divinos: e El-Rei o tinha d'isso reprehendido algumas vezes, e era d'elle por isso descontente, e estando nesta derradeira hora lhe disse: — Bispo eu vou mui carregado de vós; por amor de mim vivei d'aqui adiante bem e a serviço de Deus, e dá-me vossa fé de o fazeres assi: e o Bispo lha deu, e elle lhe tomou a mão de o cumprir.

E dando-lhe a assignar um padrão de certa renda que deixou a D. Anna de Mendoça, mãe do senhor D. Jorge seu filho, tendo a pena na mão para o assignar a deixou cahir, e começou de chorar muito, e porque o confortavam disse: — Não me conforteis que eu fui tão máo bicho que nunca me acenaram que não mordesse; e com muitas lagrimas o assignou. E porque lhe falavam por Alteza como soiam, disse: — Não me chameis Alteza, que não sou senão um saco de terra e de bichos.

Um Francisco da Cunha, das Ilhas Terceiras chegou a elle, e disse-lhe que pelas cinco chagas de Jesu Christo lhe fizesse alguma mercê, que era fidalgo e muito pobre; El-Rei lhe mandou com muita pressa

fazer um padrão de trinta mil réis de tença, e o assignou, e disse-lhe que tomasse a prata que na casa estava, que não tinha já que lhe dar, e em o outro se saindo disse El-Rei: — Já posso agora isto descobrir: nunca em minha vida me pediram cousa á honra das cinco chagas que não fizesse.

Mandou saber em que ponto estava a maré, e dando-lhe a resposta disse: — D'aqui a duas horas me finarei, e assi foi. E estando assi com muita pena tirando, com grandes e mortaes soluços que lhe acudiam de quando em quando, disse: — Tenho tamanho amargor na boca que se não pôde soffrer. Disse-lhe o Bispo de Coimbra: Senhor lembre-vos o vinagre e azedo que deram a beber a Nosso Senhor Jesu Christo estando na cruz, e não vos amargará a boca, e El-Rei lhe respondeu: — Oh! Bispo, quanto vos agradeço isso, porque esse passo só me esquecia da paixão. E estando assi veio lhe um muito grande accidente antes de lhe sahir a alma que o trespassou, e cuidando todos que era finado, o Bispo de Tangere lhe fechou os olhos e a boca, e elle o sentio, e tornou a si, e disse: Bispo ainda não vem a hora. E fallando sempre palavras santas, e encommendando a todos que não chorassem então por lhe não fazerem torvação, beijando muitas vezes o vulto de Nosso Senhor e a Cruz com os olhos postos nelle, e a candêa na mão, com todo seu perfeito saber e os sentidos mui espertos e a vista toda inteira sem fazer geito nenhum, rezando sempre com os Bispos verso por verso, e na derradeira com o nome de Jesus na boca, com grandissima devoção dizendo: — *Agnus Dei, qui tollis pecata mundi miserere mei*, lhe sahio a alma da carne domingo em se querendo pôr o sol, vinte e cinco dias de Outubro do anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e noventa e cinco, em idade de quarenta annos e seis mezes,

dos quaes foi casado com a Rainha D. Lianor sua mulher vinte e cinco e reinou quatorze annos e dois mezes, e sendo muito virtuoso na vida acabou d'esta maneira, que é muito para haver inveja.

CAPITULO CCXIII

Das pessoas que com El-Rei eram ao tempo de sua morte

COM El-Rei eram ao tempo de seu fallecimento estes senhores e pessoas principaes do conselho e fidalgos, s. o Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, o Bispo de Tangere D. Diogo Ortiz, capelão mór, e o Bispo do Algarve D. João Camello. O conde de Penella D. João de Vasconcellos, o Prior do Crato D. Diogo d'Almeida, D. Martinho, veador da fazenda, D. João de Sousa, Ayres da Silva, camareiro mór, Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes, D. Alvaro de Castro, D. Diogo Lobo, Lopo da Cunha, trinchante, D. Francisco d'Eça, D. Pedro de Castro, D. Anrique de Sousa, João Fogaça, veador, Alvaro de Atayde, Nuno Fernandes de Atayde, Affonso de Albuquerque, Diogo Lopes de Sequeira, Pero Corrêa, D. Duarte de Menezes, Ayres Telles, Antonio de Mendoça, Fernão de Albuquerque, Pero de Mello, João Freire, D. Martinho de Noronha, D. Manuel de Menezes, Antonio de Miranda, Alonso Anriques, Vasco de Foes, Ruy de Pina e outros fidalgos, cavalleiros, officiaes e capelães, que foi por rol aforrado. E os que com El-Rei sempre estavam e o curavam, e faziam todo serviço, eram sómente o Prior do Crato e Ayres da Silva, o doutor mestre Rodrigo, fi-

siço mór, e o doutor de Lucena fisico da Infanta, e mestre Josepe, e Affonso Fernandes Montaroyo, thesoureiro da casa, e Antão de Figueiredo, moço da guarda roupa, e eu Garcia de Resende, que a este se não tinha porta e os outros entravam ao comer e quando El-Rei o mandava.

E na casa onde El-Rei falleceu eram presentes estas pessoas, s. o Bispo de Coimbra com a cruz nas mãos, o Bispo de Tangere com o vulto de Nosso Senhor, o Bispo do Algarve com a agua benta, e Diogo Fernandes Cabral, todos rezando com elle verso por verso, e o conde de Penella, que lhe teve a candeia na mão, e o Prior do Crato, e o capitão Fernão Martins, e D. Francisco d'Eça, e Affonso Fernandes Montaroyo, e Antão de Figueiredo, e eu Garcia de Resende que a tudo fui presente por dormir em sua camara e nunca sair d'ahi.

CAPITULO CCXIV

Do que se fez depois da morte d'El-Rei

ESTEVE assi morto com o rosto descuberto mais de uma hora até de todo ser frio, e enquanto o concertavam e amortalhavam muito limpamente para o meterem na tumba, os principaes que ahi estavam tiraram de um cofre o seu testamento que logo abriram, e Ruy de Pina o leu perante todos, e se achou nelle que deixava ao duque seu primo por verdadeiro herdeiro d'estes reinos e senhorios, e o declarou por Rei d'elles, encomendando-lhe muito com palavras de grande amor e muita obrigação o senhor D. Jorge seu filho, a que deixou feito duque de Coimbra

e senhor de Montemór-o-Velho, com as villas que tinha o Infante D. Pedro seu visavô. E mais encomendava ao duque que lhe desse todas as cousas que elle em duque tinha, em que entrava o mestrado de Christus e a ilha da Madeira.

E o titulo de duque com algumas cousas d'estas lhe deu El Rei D. Manoel depois de reinar, e de outras se escusou porque o reino o não poderia consentir, e mais aquelle tempo não era para tamanhas cousas se darem a uma pessoa, tendo já os mestrados d'Aviz e Santiago. E mais sendo El-Rei mancebo e solteiro, com esperança de logo casar e haver muitos filhos, como houve, que não poderia com elles tanto partir tendo o senhor D. Jorge tres mestrados. E acabado de lêr o testamento, os senhores e os do conselho fizeram sua cerimonia devida e costumada, em que logo declararam e houveram o duque por seu Rei e senhor, e assi lhe escreveram e mandaram logo o testamento por tres honradas pessoas do conselho.

E á meia noite foi o corpo d'El-Rei levado em uma tumba, cuberto de veludo preto, e em cima uma cruz de damasco branco, posto em cima de uma azemola cuberta com um grande reposteiro de veludo preto, com muitas tochas á Sé de Silves, com muita tristeza e muito grandes prantos dos senhores e fidalgos, cavalleiros e povos que ali eram e acompanhavam. E foi enterrado na Igreja Maior, onde jouve com esperança de milagres que Nosso Senhor por elle fazia, e d'ahi foi depois levado ao mosteiro da Batalha por El-Rei D. Manuel que santa gloria haja, com muita infinda honra e acatamento e solemnidade, onde ora jaz seu corpo, onde teem muitos que tem feitos muitos milagres, e em seu corpo por uma buraca que tem na sepultura se tocam muitas cousas e se levam por reliquias de santo. E a nova certa do fallecimento

d'El-Rei foi dada á Rainha e ao duque em Alcacer logo ao outro dia segunda feira. E a terça feira logo seguinte vinte e sete dias de Outubro do dito anno de mil e quatrocentos e noventa e cinco, o duque foi solemnemente alevantado e obedecido por Rei em Alcacer do Sal, e assi logo em todo seu reino com muita paz e concordia de todos.

CAPITULO CCXV

Do que se achou em uma boeta d'El-Rei

DEPOIS do fallecimento d'El-Rei o Bispo de Tangere e o Prior do Crato, secretamente, e sós, com a casa despejada por os outros senhores serem idos a suas pousadas ordenar sua partida para Silves, como ambos eram feitura de d'El-Rei e mui acceitos a elle, abriram uma sua boeta, de que elle sempre trouxe a chave, por ouvirem dizer e haver entre alguns suspeita que El-Rei trazia ali peçonha com que mandara matar o Bispo D. Garcia, para que sendo assi a deitassem no mar e não se soubesse tamanha vergonha, e abrindo a boeta com esta boa e leal tenção de bons criados, acharam nella um confessorio e umas disciplinas, e um aspero celicio, que era bem desviado do que cuidavam, e tornaram a fechar a boeta.

E quando El-Rei foi enterrado lhe lançaram dentro no ataude tres alcofas de cal virgem para ser comido mais cedo, e quando o desenterraram cuidando achar sómente os ossos o acharam todo inteiro, que se conhecia como em vivo, e com um muito suave cheiro não sabido, que cheirava muito bem, de que

foi mui grande espanto, e assi inteiro jaz ainda agora, e as cousas que em seu corpo tocam prestam para muitas enfermidades, e tem feito muitos milagres, como dito é.

CAPITULO CCXVI

De como o senhor D. Jorge veio a El-Rei D. Manuel

EM Silves acabado o enterramento do corpo d'El-Rei, os que com elle foram se tornaram para o senhor D. Jorge, que estava em Villa Nova, principalmente o Prior do Crato, que era seu aio, d'onde logo partio acompanhado de muitos senhores e honrados fidalgos, e veio ter o dia de Todosos Santos a Messagena no campo d'Ourique, onde chegou a elle Anrique Corrêa, irmão de sua mãe, com as primeiras cartas d'El-Rei escriptas de sua mão, com palavras de confortos e muita esperança, que ahi em Messagena lhe deu, e d'ahi partio o senhor D. Jorge caminho de Montemór-o-Novo onde El-Rei já estava, e de caminho foi decer ao paço cuberto de burel, elle e todosos que com elle vinham, e foi beijar a mão a El-Rei que o recebeu com muito grande agasalhado e mostranças de muito amor e com lembrança da morte d'El-Rei, com que alli se não podera escusar muitas lagrimas e tristeza. E o Prior do Crato seu aio, por lho assi ter mandado El-Rei seu pae, tomou o senhor D. Jorge pela mão, e ambos com os joelhos em terra o entregou a El-Rei seu tio, e sobre isto fez uma falla alta a El-Rei em que com palavras de muita prudencia e grandes obrigações pedio a El-Rei mercê e acresentamento para o senhor D. Jorge, e a ellê com outras muitas aconselhou que sempre muito bem e leal-

mente o servisse e amasse, como a seu verdadeiro Rei e senhor, e logo então El-Rei recolheu em sua casa o senhor D. Jorge e o tratou e honrava como era razão.

CAPITULO CCXVII

De Garcia de Resende, em que diz como El-Rei falleceufoi sua morte mui sentida, e como Nosso Senhor sempre dá seus galardões conforme aos serviços que lhe fizeram

FALLECEU El-Rei sem pae nem mãe, sem filho nem filha, sem irmão nem irmã, e ainda com muito poucos fóra de Portugal, no reino do Algarve, em Alvor, muito pequeno lugar. E seudo assi na cõrte tão só, foi de todos tão sentido, tão chorado, com tamanhos doridos e publicos prantos que mais não podera ser, sendo mui acompanhado, e todo o reino foi vestido de burel, almafega e vaso, com tamanho nojo e tristeza, que a cidade de Lisboa além dos grandes e solemnes sahimentos que pela sua alma fez, mandou apregoar que nenhum barbeiro fizesse barba nem cabellos d'ahi a seis mezes, sob mui graves penas, e assi se cumprio mui inteiramente, o que nunca se vio nem leu que por outro Rei se fizesse, e tambem em outras cidades se fez isto muito bem com mui grande sentimento, que ainda que El-Rei fosse só de parentes o acompanhavam muitas e grandes virtudes, grandezas e grande esforço, e muitas perfeições que nelle havia, e por que Nosso Senhor Jesu Christo sempre dá seus galardões e grandissimas mercês e acostumadas misericordias, conformes aos serviços que lhe fizeram, e aos corações, vontades e tenções com que

forem feitos, manifestamente o quiz agora manifestar nesta morte d'El-Rei, como elle em sua vida por desejo, por divisa, e por obras manifestava. E porque sempre seus pensamentos e cuidados eram em servir a Deus e cumprir seus mandamentos com grande fervor de fé, esperança e caridade, e em amar muito seus povos, que pela lei e pelos seus dizia que derramaria seu sangue como Pelicano por seus filhos, Jesu Christo Nosso Senhor, verdadeiro Pelicano lho quiz altamente pagar nesta mesma moeda, que pela grande devoção e contricção que El-Rei tinha se lembrou tanto de sua alma á hora de sua morte, que acabou tão santamente que é havido por santo, e pelo muito grande bem que a seus povos queria ficou a todos em geral um tão grandissimo amor á sua alma e sua memoria, sua vida e seus feitos, que para sempre será desejado, louvado, muito bemquisto e de mui honrada fama, que d'esta maneira sabe Nosso Senhor pagar os serviços que lhe fazem, e a outros que o servem por cousas vãs d'este mundo nelle lhe dá prosperidades, senhórios e riquezas, honras, poderes e mandos, saude, muitos prazeres e muita pompa mundana, e por isso veja cada um da maneira que o serve, que da sorte que servir d'essa lhe pagará. Porque dá aos que deve, perdoa a quem tem razão, reparte muito por muitos, dá sempre sem lhe mingoar, por conhecer bem a todos não pôde ser enganado, aos bons dá galardão, aos máos castigos e penna, não olha altos nem baixos senão quem tem mals virtudes. Como qualquer peccador brada por elle lhe acode, está com os braços abertos para todos recolher. Cheio de misericordia, de verdade, de justiça, de constancia, sem mudar-se de fazer bem, e não mal, de graça, consolação, de piedade, humildade, de saude, de conselho, de amor, de caridade, de castidade e de paz, de verdadeira espe-

rança e da gloria para sempre, e tambem pena eternal.

LAUS DEO

Tresladação do corpo do mui catholico e magnanimo e esforçado Rei D. João, o segundo d'este nome, da Sé da cidade de Silves para o mosteiro da Batalha, por o mui serenissimo e esclarecido Senhor El-Rei D. Manuel seu sucessor e herdeiro nestes reinos e senhorios de Portugal

ASSI como o virtuoso e esclarecido Rei acabou seus dias (como fica dito) e levado á Sé de Silves com aquella honra que a tal Rei pertencia, metido em seu ataude com muita cal dentro nelle para se o corpo comer mais cedo, e sepultado na dita Sé, esteve assi até o anno de mil e quatrocentos e noventa e nove annos, em o qual tempo o muito poderoso e excellente Rei D. Manuel no mez de Outubro foi por elle com todos os grandes de seus reinos. Arcebispos e Bispos e clerezia, e o mandou levar ao mosteiro da Batalha da maneira seguinte:

Mandou ao Bispo de Silves e ao Bispo de Tangere, e a D. Francisco d'Eça, e a João Fogaça que o tirassem da sepultura; os quaes quando o tiraram acharam as taboas do ataude em que o corpo estava quasi queimadas da cal, e assi uma alcatifa e lençal, e o corpo do glorioso Rei são e inteiro, com um cheiro singular,

com suas barbas e cabellos na cabeça e nos peitos e pernas, e braços, e o estomago testo como se lôra vivo, e d'ali com grande acatamento, como corpo santo que era, por esperiencia de milagres que já tinha feito, o pozeram em outro ataude, cuberto de brocado cramesim, e emburilhado em um leuçol de Olanda, e o ataude em que jazia foi todo desfeito em rachas, e levado por reliquias.

E metido no ataude (como fica dito) meteram o ataude em umas andas cubertas de brocado, e assi os cavallos que as levavam com suas guarnições de brocado, e dois pajes que iam em cima dos cavallos vestidos de velludo preto. E os Arcebispos e Bispos com elle, e oitenta capelães e cantores com capas ricas, cada um com sua tocha acesa na mão de uma parte e da outra, todos a cavallo, e diante muitas trombetas, charamelas, sacabuxas e atambores, e diante do santo corpo uma cruz da capella e muitos condes e senhores e fidalgos, e gente honrada que acompanhavam o santo corpo, que El-Rei vinha sempre uma jornada atrás.

E como o santo corpo chegava a algum lugar era recebido com procissão, e posto na egreja principal em seu estrado, que vinha de engenho em azemolas, cuberto de brocado, com seus bancos cheios de muitas tochas, e assi estava até o outro dia que o Bispo de Tangere dizia missa e deixava na egreja onde o santo corpo estivera uma vestimenta de seda e um caleç de prata, e d'esta maneira e ordem foi seguindo suas jornadas.

E a noite que o santo corpo chegou a Alcanede, que foi uma sexta feira a vinte dias do mez de Outubro do dito anno de noventa e nove, El-Rei foi dormir a Rio Maior, e ao sabado foi jantar a Alcobaça, e d'ali se foi aguardar o santo corpo a S. Jorge da

Victoria, o qual trouxeram pela serra da Mendiga e pela serra Ventosa, e sobre o Porto de Mós, té chegarem á egreja de S. Jorge onde El Rei o estava aguardando: e com elle o mestre de Santiago e d'Avis, duque de Coimbra, e o duque de Bragança, e o senhor D. Alvaro e outros muitos senhores, e assi foi com o santo corpo até o mosteiro da Batalha, e á entrada da rua estava a cruz da capella e a da Sé da cidade de Evora, e a de Santa Cruz de Coimbra, e a de Alcobaça, e a do dito mosteiro da Batalha, e os Bispos da Guarda, de Vizeu, e de Lamego, e de Tangere, que com o santo corpo vinha o Bispo de Fez com outros muitos prelados e dignidades, monges e frades, e juntos em procissão, que seriam quatrocentos religiosos, cada um com sua tocha acesa na mão, e capas ricas, e muitos cantores, chegaram á porta do mosteiro.

Ali foi o santo corpo tirado das andas em o atauda cuberto de brocado como vinha, o qual tomaram ás costas o senhor D. Alvaro e o marquez de Villa Real, e o conde de Marialva, e o conde de Penella, e o conde de Abrantes, e o conde de Portalegre, Ayres da Silva, regedor, e Fernão de Albuquerque, e Pero da Silva rele, e na derradeira iam os duques de Bragança e Coimbra, e El-Rei com todos os outros senhores atrás, e o Prior de Santa Cruz, filho do marquez revestido em pontifical, e o conde Prior ia diante do santo corpo, que assi veio sempre com elle desde Silves té o dito mosteiro, tendo carregos de mandar concertar o estrado em que o santo Rei era posto com seus bancos de tochas, e não deixava chegar ninguem ao santo corpo.

Tanto que foi pelos ditos senhores tomado foi e levado com esta solemne procissão, com muitas trombetas, charamellas, sacabuxas e cantores dentro do di-

to mosteiro da Batalha, o qual estava todo armado de mui rica tapeçaria, e no cruzeiro estava um cada-falso que tomava toda a nave do corpo do mosteiro, o qual tinha treze degraos cubertos, os sete que de-
ciam da tumba para baixo, de brocado de pelo, irmão do com que vinha cuberto o santo corpo, e os seis debaixo cubertos de mui rico brocado raso até rastrar pelo chão, em cima do qual pozeram o santo corpo com uma cruz d'ouro em cima da tumba, e uma bandeira quadrada das armas reaes atravessada no ar junto da cruz d'ouro em cima da tumba, que não tocava nella, mas ficava pequeno espaço, e fizeram-se as mais solemnes obsequias que até ali foram feitas, e estavam ao redor do cadafalso umas grades altas negras, e nellas cem tochas acesas, e d'ali té a porta principal ao longo de uma parte e da outra estavam todos os Bispos já ditos, e dignidades de Lisboa, Évora, Coimbra, Porto, Braga, Silves, Lamego, Vizeu, Guarda e todas outras cidades e outros muitos lugares, e muitos capellães, cantores, e monges d'Alcobaca, frades do dito mosteiro, e conegos de Santa Cruz; e disse a missa em pontifical o Prior de Santa Cruz, e toda esta clerezia tinha tochas acesas nas mãos, e dentro nas grades no primeiro degrao do cadafalso estavam postas todas as cruzes, e os que as tinham todos revestidos de almaticas de brocado, e assi se acabaram por aquelle dia as obsequias, e recolheu-se El-Rei com tanta gente que não cabia a decima parte no mosteiro.

E ao domingo seguinte que foram vinte e sete dias do dito mez foram concertados no cruzeiro sete altares todos armados de cortinas e frontaes de brocado rico, cada um com dois castiçaes de prata grandes com suas vellas grossas acesas, e no chão outros castiçaes muito grandes de prata em cima de alcatifas

ao pé de todos os altares, cada um com sua tocha acesa, e no altar mór um retabolo e frontal de prata mui ricos com o guarda pó e corrediças de seda, e a bandeira das armas reaes, e o escudo e elmo com que o santo Rei justou em Evora nas festas que fez ao casamento do Principe seu filho, e a cotta de armas e lança e espada com que pelejou na batalha de Touro sendo Principe, e ficou no campo como vencedor, tudo pendurado na capella, e El-Rei estava no côro logo á entrada, da parte do Evangelho, e a egreja cheia de grades. Começou a missa em pontifical o dito Prior de Santa Cruz, e préguo o Bispo de Tangere, e contou as grandes virtudes do catholico Rei, e as grandezas e esmolas e mercês que fizera sendo vivo, e quantas ajudas dera para casamentos de suas filhas a muitos fidalgos e cavalleiros, escudeiros e donas, viuvras e orfãs, e grandes esmolas a muitas egrejas e mosteiros, até a casa Santa de Jerusalem, e dera grandes ajudas e dadivas a Reis christãos e a grandes de seus reinos, e que fôra Rei mui penitente, e que nunca se arrependera das grandes dadivas e mercês que fizera.

E disse mais como era santo, em caso que por a egreja o não ter canonizado o não podesse dizer, e porém que bem podiamos dizer santo, pois fôra Rei tão catholico e penitente, e que estava inteiro seu santo corpo com cabellos na cabeça e barba e peitos, dizendo mais como lhe deitaram no ataude muita cal que comera o ataude e lençol e alcatifa que estava debaixo, sem tocar no santo corpo, alegando que na lenda de S. Marcos diz que o houveram por santo porque sendo treslادado o acharam inteiro com cabellos e barbas como estava o corpo do santo Rei, e disse muitas cousas mui catholicas que o santo Rei a hora de sua morte dissera, e tanto que a pregação foi

acabada veio o Prior de Santa Cruz á offerta, á qual El-Rei mandou offertrar as cousas seguintes :

Uma cruz de prata grande dourada e esmaltada de finagrana muito bem obrada com muitas pedras, que foi avaliada em mil cruzados, e um tribolo de prata mui grande, e uma caldeira grande com seu hysopo, tudo de prata dourada, e uma capa com suas almatikas de brocado rico que fôra do pontifical do santo Rei, que toda a offerta juntamente foi avaliada em dez mil cruzados.

E como a missa foi acabada vieram todos os Bispos e dignidades e toda a outra clerezia e cantores com capas ricas, e cada um com sua tocha acesa, e pozeram-se em duas azes de procissão desde a porta de S. Christovão ao longo do cruzeiro até a porta travessa, e vieram todas as cruzes com a que se deu á offerta, e pozeram-nas todas no segundo degrau da eça; e logo veio o dito Prior de Santa Cruz em pontifical e começaram os cantores e clerezia o responso, e o dito Prior as orações, tudo mui divinamente, e a missa foi tangida com órgãos, charamelas e sacabuxas, e logo foi tirado da eça onde estava e levado pelos Bispos e dignidades ao pescoço para a capella de Nossa Senhora do Pranto, onde se o santo Rei mandara lançar, e tanto que deceram o primeiro degrau da eça começaram os cantores o cantico de Zacharias: *Benedictus Dominus Deus Israel*, com tantas vozes e estromentos e devoção, que não havia pessoa que não chorasse, e d'esta maneira foi levado á capella onde estava outra tumba de dez degraus, cuberto tudo de veludo, e na tumba uma cruz de damasco branco, a qual foi logo tirada, e o santo corpo posto na de brocado em que viera, com tres alampadas de prata muito grandes acesas, e acompanhou o santo corpo té ser alli posto El-Rei e os duques de Bragança e de Coimbra,

e o Senhor D. Alvaro, e o marquez com todos os outros senhores já nomeados, e como assi foi posto se sahio El-Rei com todos os senhores e prelados e se recolheu, e tanto que foi noite, já depois de ceia, deu El-Rei boas noites e foi-se com alguns ao mosteiro, e meteu-se dentro na capella onde o santo Rei jazia, e com o Provincial e outros frades mandou abrir o ataude em que o corpo estava e vio que tinha muito pó da cal, e mandou aos frades que com canudos de cana lha assoprassem, e elle mesmo lha alimpava, e beijou-lhe as mãos e os pés muitas vezes, e achou o santo corpo inteiro com cabellos e barba, e cabellos nos peitos e nas pernas, alvo que parecia vivo, e depois que o esteve olhando, com muitas lagrimas sempre, com o barrete na mão, o mandou emburilhar em Olanda muito fina, e tornaram-no ao ataude, e todos os que alli estavam tocaram o santo corpo com muitas cousas para reliquias, e cerraram o moimento, e como foi cerrado, assi em cima dos dez degraos mandou El-Rei antes que de alli sahisse cobrir todo o assento e degraos em que o santo corpo estava de muito rico brocado de pelo até o chão, e tiraram o veludo, e mandou pôr no altar umas cortinas e frontal de pano d'ouro muito rico, e mandou armar toda a capella de panos de Rás, e pozeram na dita capella a cota d'armas e o seu escudo e elmo, e a lança e a espada que estiveram á missa na capella mór, com a bandeira das armas reaes que sobre a eça estava no cruzeiro, e a cruz d'ouro sobre o santo corpo.

E tudo isto feito recolheu-se e esteve no mosteiro a segunda feira, que foi dia de S. Simão e Judas, e ao outro dia se partio. E assi jaz o santo Rei, onde Nosso Senhor por elle faz muitos milagres.

LAUS DEO

A entrada d'El-Rei D. Manuel em Castella

QUANDO El-Rei D. Manuel nosso Senhor casou com a Rainha D. Isabel nossa senhora, nos proprios dias que a recebeu em Valença d'Alcantara, e se as vodas celebraram, morreu em Salamanca o Principe D. João seu irmão, por onde ella ficou herdeira de Castella. E acabados oito dias que em Castello da Vide estiveram com a morte do Principe encuberta, por se não perderem e mostrarem os muitos gastos que os senhores e fidalgos de Portugal tinham feitos para o dito casamento, partiram d'ahi para a cidade de Evora já com grande dó, e d'ahi a pouco tempo estando em Lisboa, El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel escreveram a El-Rei nosso Senhor e á Rainha sua filha, e com muita instancia lhe pediram que elles fossem logo a Castella para lá serem jurados por Principes herdeiros de todos seus reinos e senhorios.

Sobre esta ida teve El-Rei nosso Senhor muitos e grandes conselhos com todalas pessoas que presentes eram e outros muitos que pelo reino para isso mandou chamar. E tambem com os procuradores de villas notaveis que em Lisboa eram ajuntados para côrtes que ahi então fazia. Nos quaes conselhos houve muitos pareceres desviados uns dos outros. Que a uns parecia bem elle não deixar seus reinos, nem sair fóra d'elles por cousa nenhuma, e isto por casos que podiam sobrevir a Rei fóra de seus reinos, em reino alheio em poder d'outro Rei, como algumas vezes aconteceu. Outros haviam isto por ccusa mui leve, e lhes parecia que elle em nenhuma maneira não devia deixar de ir, pois ia a tamanha cousa como era a ser

jurado por Principe de Castella e de tamanhos reinos e senhorios, e mais tendo com El Rei e com a Rainha tão grande liança e tão grande parentesco, e tão verdadeira amizade. E por os diferentes pareceres que houve os conselhos duraram muito, e em fim El-Rei nosso Senhor determinou de ir, e assi o pôs por obra e com consentimento e prazer de todos, deixando tudo ordenado como cumpria a serviço de Deus e seu, e a bem de seus reinos e naturaes.

Partiram El-Rei e a Rainha da cidade de Lisboa no mez de Março do anno de mil e quatrocentos e noventa e oito annos. Deixou a governança do reino á Rainha D. Lianor sua irmã, e com ella ficou o duque de Bragança seu sobrinho, e o marquez de Villa Real, e muitos senhores e pessoas principaes do conselho, e os outros officiaes môres da justiça e fazenda, com quem juntamente tudo se fazia.

Vieram ter á cidade de Evora, e d'ahi a Estremoz e a Elvas, d'onde entraram em Castella: primeiramente na cidade de Badajoz. Levava pouca gente, por El-Rei e a Rainha de Castella lho mandarem assi pedir, e tambem por se escusarem brigas e debates entre portuguezes e Castelhanos. Porém era gente mui nobre e mui apurada; eram trezentas em cavalgadas mui concertadas, e muitas e boas azemolas mui ataviadas com muitos concertos de casa. Iam com elle alguns senhores e pessoas mui principaes, das quaes nomearei algumas, porque nomeando todas seria prolixidade.

Ia o senhor D. Jorge, filho d'El-Rei D. João, que era mestre de Santiago e d'Avis, e duque de Coimbra, etc. E o senhor D. Diniz sobrinho d'El-Rei e irmão do duque de Bragança, e o senhor D. Alvaro seu tio, e o conde de Portalegre D. Diogo da Silva, e o Bispo da Guarda, e o Bispo de Tangere, e o mor-

domo-mór D. João de Menezes, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, e D. Francisco, filho do Bispo de Evora D. Affonso, que foi depois conde do Vimioso e veador da fazenda, e D. Martinho de Castelbranco veador da fazenda, que depois foi conde de Villa Nova, e o capitão Fernão Martins Mascarenhas, e D. João de Menezes, e D. Anrique, e D. Diogo, filhos do marquez de Villa Real, e Ruy de Sousa, que lá morreu em Toledo, e D. João de Sousa, senhor de Nisa e Sagres, D. Manuel de Sousa, e D. Francisco d'Almeida, que depois foi visorei, D. Rodrigo de Monsanto e o camareiro-mór D. João Manuel, e D. Nuno Manuel, almotacel-mór, e D. Duarte de Menezes, e D. Garcia de Menezes, e D. João da Silva que foi depois Regedor, e D. Affonso de Atayde senhor d'Atouguia, e o Commendador mór D. Pedro da Silva, e Nuno Fernandes de Atayde, e D. Gastão Coutinho, e o Marichal D. Fernando Coutinho, e Gonçalo da Silva, Tristão da Cunha, Febos Moniz e João Fogaça, que iam por mestres sallas; e o veador Côrte Real; D. Antonio d'Almeida, D. Manuel de Menezes, e Jorge Barreto, pajes de lança d'El Rei; Simão de Miranda, Anriques, João Lopes de Sequeira e Pero Corrêa que ia por estribeiro mór, e D. Rodrigo de Sande, Jorge Furtado, Anrique Corrêa e Antonio de Mendoça, e D. Duarte d'Almeida; Ruy de Mello, Nuno Vaz de Castelbranco e Diogo de Mello, Lourenço de Brito, copeiro mór, Manuel de Goyos, Fernão d'Albuquerque e Francisco d'Albuquerque, e Manuel de Noronha, D. Gonçalo Coutinho e D. Anrique Coutinho, Anrique de Sousa e João Rodrigues Pereira, o Marrama, que ia com El-Rei duas ou tres jornadas bem doente para acabar um requerimento, e a Rainha folgou tanto com elle, que El-Rei lhe deu dinheiro para a ida, e o levou assi comsigo. E outros

muitos nobres fidalgos e cavalleiros e officiaes da casa, e mui singular capella de muitos e bons cantores, e mui ricos ornamentos, e todos muito concertados e para isto escolhidos, e as melhores bestas de ginetes e mulas que podiam ser, e assi os atavios muito ricos para o tempo que era, porque iam todos vestidos de negro pela morte do Principe de Castella.

E partindo da cidade de Elvas pouco mais de meia legoa, os veio receber o duque de Medina Cidonia, mui acompanhado de senhores seus parentes e amigos, e muitos e mui nobres fidalgos, e com muito ricos concertos de casa; trazia passante de trezentos em cavalgaduras todos de dó, e trinta e oito caçadores de falcão todos de sua libré com tão singulares aves, que não parecia cousa pelo caminho que não tomassem. E dezaseis trombetas, e oito atambores, tudo de prata, e tres mil marcos de prata lavrados, e sciscentos marcos d'ouro de serviço de sua mesa, que comia em ouro, e outras muitas grandes policias e abastanças.

E em chegando, as trombetas e atambores tangeram, e as d'El-Rei não, e junto d'El-Rei quasi um tiro de pedra se deceo, e todolos nobres que com elle vinham, e depois de feitas tres mesuras com o joelho no chão e o barrete na mão foi beijar a mão a El-Rei nosso Senhor e á Rainha, e após elle todos por esta maneira. E a cortesia que lhe El-Rei fez foi pôr a mão no sombreiro, e alevanta-lo mui pouco sem o tirar. E acabado cavalgou o duque e os de sua companhia, e a cavallo foi falar ao senhor D. Jorge, e se abraçaram, e assi os outros senhores, e El-Rei começou andar.

E logo adiante veio o duque d'Alva, e conde de Feria, e toda a casa d'Alva com muitos senhores e honrados fidalgos com perto de trezentas em cavalga-

duras muito bem concertadas, e suas trombetas e atambores, e pela mesma maneira beijaram a mão a El-Rei e á Rainha, e El-Rei lhe fez a mesma cortesia. E por todo o caminho até chegarem a Badajoz vieram muitos senhores e principaes pessoas a recebe-lo e lhe beijar a mão, os quaes deixo de nomear por serem muitos.

Chegou El-Rei á cidade de Badajoz, onde foi mui bem recebido com paleo de brocado, e muita gente e cerimonia. Foi decer á egreja maior, e feita oração tornou logo a cavalgar, e foi comer e dormir a um pequeno lugar d'ahi a tres legoas, que se chama Talaveroila, e d'ahi por diante as trombetas e atambores d'El Rei e dos senhores não tangeram mais.

Ao outro dia El-Rei e a Rainha com todos partiram caminho de Nossa Senhora de Aguadalupe, no qual caminho o veio receber o mestre de Alcantara e outros senhores, os quaes se logo tornaram, sómente os duques de Medina e d'Alva, que sempre foram com El-Rei até se vêr com El-Rei D. Fernando, e o aguardavam continuamente com mui grande acatamento e cerimonia, e lhe mandavam cada dia serviços de cousas de comer, assi á Rainha e ás damas, e convidavam sempre muitos senhores e fidalgos que continuamente com elles comiam, e tinham nisso muito grande abastança e singular concerto, principalmente o duque de Medina Cidonia, que fez nisso grandes larguezas. E porque iam por terra, longe do mar e de poucos pescados, e em quaresma, todolos dias e noites mandava a El-Rei e á Rainha todolos singulares pescados frescos e de conservas que se podiam nomear, e assi ás damas e a todolos senhores e pessoas principaes que com elle não comiam, e trazia nisso tantas azemolas em paradas, tantos servidores, ordem e abastança, que era muito grande cousa.

Foi El-Rei dormir a Merida, onde esteve o domingo de Ramos, e d'ahi por suas jornadas sem fazer detença até quarta feira das trevas, que chegou ao mosteiro de Nossa Senhora de Aguadalupe, onde teve as Endoenças, Pascoa e oitavas. Foi recebido dos frades com solemne procissão, todos com ricas capas, e as cruces e reliquias do mosteiro, e ahi ouviu os officios das Endoenças e Pascoa, e ao mosteiro fez muito grandes esmolos.

Ahi o veio vêr e beijar a mão o conde de Benalcacer, e outros senhores que se logo tornaram para suas casas.

E depois de passada a Pascoa, quinta feira seguinte se partiram El Rei e a Rainha e todolos que com elle vinham caminho da cidade de Toledo, onde El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel com muitos grandes e senhores estavam esperando por elles. Foram pela ponte do Arcebispo e Talavera de la Reina e outros lugares té chegarem a uma aldêa quatro legoas de Toledo onde estiveram tres dias até se ordenar sua entrada, e estando ahi veio nova como El-Rei Carlos de França era fallecido de sua doença, e ahi se encerrou El-Rei por elle, e por todo este caminho sempre foi recebido de senhores que lhe vinham beijar a mão. E na ponte do Arcebispo passou isto: A ponte é de um só arco tamanho, que passa o Tejo por elle, e dois arcos pequenos que estão em seco para quando enche: e tem duas grandes torres á entrada e sahida da ponte muito fortes, e armadas com portas d'alçapões, e nellas seus alcaides môres, s. um d'El-Rei e outro do Arcebispo de Toledo cujo o lugar é, e em chegando á torre a porta estava fechada e abriu-se, e o alcaide mór veio a beijar a mão a El-Rei e á Rainha, e entregou-lhe as chaves da torre; e indo pela ponte a outra torre estava tambem fechada

e abriu-se, e fez o alcaide mór a mesma cerimonia, que por me parecer cousa nova o escrevi.

E á quinta feira da Pascoela El-Rei e a Rainha e todos se levantaram cedo e ouviram missa, e comeram, e acabado de comer partiram da dita aldêa caminho de Toledo, onde o mesmo dia entraram na maneira que se segue :

Antes de chegar á cidade a cerca de uma legoa mandou El-Rei nosso Senhor o senhor D. Jorge, o senhor D. Alvaro, o senhor D. Diniz, o conde de Portalegre, os filhos do marquez, o mordomo mór D. Francisco, Ruy de Sousa, D. João de Sousa, o capitão dos ginetes, o camareiro mór e outros muitos nobres fidalgos a receberem El-Rei D. Fernando que vinha já fóra da cidade a receber El Rei e a Rainha. E dois ou tres tiros de bésta da cidade chegaram todos juntos a El-Rei e se deceram todos a pé, e El-Rei esteve quedo, e o senhor D. Jorge tirou o sombreiro que levava em cima de uma touca, e indo para El-Rei fez tres medidas, sem El-Rei fazer nada : e em chegando a elle o Mordomo mór e o capitão dos ginetes o tomaram nos braços e levantaram até beijar a mão a El-Rei, e elle lha deu, e depois de lha ter dado perguntou quem era, e elles lhe disseram : Senhor é filho d'El-Rei D. João. El-Rei tirou então muito rijo o sombreiro fóra e disse-lhe : — Perdoae me que não vos conhecia, que se vos conhecera eu me decera ; e então o fez logo cavalgar com grandes cortesias, e pôs á sua mão direita, e sempre lá precedeu todos os senhores. E então o senhor D. Alvaro, o senhor, D. Diniz e todos os outros senhores e fidalgos portuguezes beijaram a mão a El-Rei, aos quaes fez muita honra e agasalhado, e a D. João de Sousa mostrou muito amor, porque o teve um espaço abraçado,

e acabado El-Rei com todos começou de andar para onde El-Rei nosso senhor vinha.

E assi mesmo da parte d'El-Rei D. Fernando se adiantaram muitos senhores e quasi todas as pessoas principaes a beijar a mão a El-Rei nosso senhor e á Rainha, o primeiro foi D. Anrique, tio d'El-Rei, e o comendador mór Cardenes, e muitos prelados e senhores, e todos a pé com a mesma cerimonia atrás dita lhe beijaram a mão. E d'ahi a pouco chegaram o Condestable e o marquez de Vilhena, e outros duques, e fizeram outro tanto. E foi tanta a gente nobre que vinha a beijar a mão a El-Rei e á Rainha, que em espaço de um tiro de bésta os Reis um do outro, estiveram bem tres horas sem se poderem vêr.

El-Rei D. Fernando vinha mui acompanhado de grandes e prelados, e muitos senhores. e trinta mil em cavalgaduras, todos de lobas e capellos: e diante d'elle seus mestres sallas e porteiros de maça, reis d'armas, e suas trombetas e atambores: e vinha com elle um embaixador de Veneza.

E El-Rei nosso Senhor com todos seus officiaes, mordomo-mór, mestres salas, porteiro-mór, reis d'armas, porteiros, apresentador, com seus cavallos a destro com telizes, e suas trombetas e atambores, os quaes não tangeram depois de entrar na cidade. E a gente era tanta, que todos os officiaes e porteiros d'ambos Reis com muito trabalho fizeram logar para se poderem vêr. E tanto que se viram estando quedos tiraram ambos juntamente os sombreiros que levavam na cabeça, e abalaram um para o outro, e em chegando El-Rei D. Fernando tirou o barrete na mão, e tornando-o a pôr na cabeça foi abraçar a El-Rei nosso Senhor: o qual levava uma touca posta á mourisca, e um capuz de contrai, e ia em um ginete grande, russo queimado, á gineta: assi com a touca na cabe-

ça, sem pôr a mão nella se abraçaram ambos pelos pescoços, com muito contentamento. E por El-Rei nosso Senhor ir em cavallo grande, e á gineta, e El-Rei D. Fernando em uma mula pequena, para se egualarem e abraçarem El-Rei nosso Senhor se abaixou muito, e neste ponto as trombetas d'El-Rei D. Fernando tangeram um pouco. A Rainha foi para beijar a mão a El-Rei seu pae, e elle lha não quiz dar, e lhe deitou sua benção, e se passou logo á sua mão esquerda, e fez pôr El-Rei nosso Senhor á mão direita, e a Rainha sua filha no meio, e assi começaram logo a andar caminho da cidade, que seria d'ahi a meia legoa, e o caminho era todo cheio de homens e mulheres que vinham a vêr.

E chegando á cidade foram á porta grandemente recebidos com paleo de muito rico brocado, o qual levavam pessoas mui principaes que tinham casas e fazendas na cidade como cidadãos. No qual paleo os Reis assi como vinham entraram debaixo d'elle, e em alguns passos estreitos El-Rei D. Fernando se sahia do paleo fóra e depois tornava a entrar. A cidade era mui formosa, e cousa para vêr a muita gente que nella havia que de muitas partes ahi viera a vêr este dia, e as ruas muitas d'ellas estavam toldadas de muitos panos ricos, e pelas paredes armadas de rica tapeçaria e muitos panos de brocado e veludo, e outras muitas sedas sem ahi entrar outra cousa. As mulheres formosas eram tantas que não sabia homem onde pizesse os olhos, que além das toledanas serem gabadas de muito formosas eram muitas vindas d'outras partes, e verdadeiramente nunca em nenhuma parte tantas gentis mulheres vi.

Foram assi El-Rei nosso senhor á mão direita, e El-Rei D. Fernando á esquerda, e a Rainha no meio até á egreja maior, onde se deceram a fazer oração. e

foram recebidos á porta com muito grande e riquíssima procissão, que esta é uma das boas egrejas e grande arcebispado que no mundo ha, e quando já chegaram á egreja foi quasi noite e com tochas.

E acabadas as orações tornaram a cavalgar na mesma ordem debaixo do paleo até os paços, onde a Rainha com as Infantas suas filhas e a Princesa sua nora, e muitas senhoras e damas, e muitos senhores os estavam esperando.

Chegaram assi aos paços, onde todos juntos pousaram, que eram as casas de Garci Lasso de la Vega e de Pero Lopez de Padilha, que partiram umas com as outras, e se abriram. E em entrando por uma porta estreita, os Reis se rogaram muito á entrada, e El-Rei nosso senhor entrou diante, e d'ali até que foi jurado por Principe sempre lhe El Rei D. Fernando dava todalas honras; e posto que se rogasse sempre lhas fazia tomar, e depois que foi jurado e lhe ficou em lugar de filho nunca mais se rogou com elle; e em todalas cerimoniaes em publico e em secreto elle precedia El-Rei nosso senhor.

A Rainha os veio esperar a uma varanda terrea á entrada dos paços, muito longe de seu aposentamento, e o commendador mór Cardenes, que era grande seu privado, e contador mór, e tinha dezaseis contos de renda e muitas villas, e trazia de braço de uma parte e da outra D. João de Sousa, que ella chamou por lhe fazer honra, que o conhecia, e para lhe dar a conhecer as pessoas que com El-Rei nosso senhor iam: as quaes antes de se El-Rei vêr com ella lhe foram diante beijar a mão, e D. João lhos dava todos a conhecer, e passou nisso alguns passos em que foi louvado por cortesão, e em chegando os Reis, como El-Rei nosso senhor vio a Rainha se foi a ella, e ella abalou para elle e se abraçaram, e abaixaram ambos

tanto que pozeram os joelhos no chão, e El-Rei foi abraçar as Infantas, e a Rainha nossa senhora foi para beijar a mão á mãe, e ella lha não quiz dar, e a abraçou e deitou sua benção, e tambem não quiz dar a mão ao senhor D. Jorge, e lhe fez muita honra.

E acabando se foram todos juntos ao aposentamento da Rainha e Princesa, e ahi estiveram em serão mais de uma hora praticando todos com muito contentamento, e El-Rei e a Rainha de Castella e as Infantas com todos se recolheram para seus aposentamentos, e deixaram El-Rei nosso senhor e a Rainha nos seus.

Este serão e casa foi cousa bem para vêr, porque nella estavam taes dois Reis e taes duas Rainhas, e a Princesa viuva, mulher que foi do Principe, e filha do Imperador, e duas Infantas filhas d'El-Rei e da Rainha, e dois Infantes filhos d'El-Rei de Granada, e o filho d'El-Rei D. João de Portugal, e outra filha d'El-Rei D. Fernando, e as principaes duquezas e senhoras de Castella, e muitas e nobres damas, o Patriarca, o Arcbispo de Toledo e muitos prelados, o Condestable, o duque de Medina, o duque d'Alva, o marquez de Vilhena, o duque de Villa Formosa, o conde de Faria, o senhor D. Alvaro e o senhor D. Denis; o grão comendador mór Cardenes e D. Pedro Porto Carreiro, e muitos marquezes e condes, e tantos senhores que não escrevo, que verdadeiramente poucas vezes se veria outra tal cousa no mundo.

E logo ao domingo seguinte, que foram vintoito dias d'Abril, juraram El-Rei nosso senhor por Principe na Sé com muito grande solemnidade. Alevantaram-se cedo elle e a Rainha sua mulher, e foram-se ao aposentamento d'El-Rei D. Fernando e da Rainha D. Isabel, e ajuntados todos cavalgaram logo acompanhados de todos os grandes e prelados, e se-

nhores, e grandes senhoras e nobres damas, e diante d'elles todos seus officiaes, mordomos môres, mestres salas e porteiros môres, reis d'armas e porteiros de maça, muitas charamelas, trombetas e atambores com muito grande triumpho e estrondo, e como foram a cavallo, o duque de Medina Cidonia e o conde de Faria tomaram ambos a pé as redeas do cavallo d'El-Rei nosso senhor cada um sua parte, o duque á mão direita, e o conde á esquerda. E o Condestable e o duque d'Alva tomaram as redeas da mula da Rainha nossa senhora, o Condestable á mão direita, e o duque á esquerda. E assi foram os Reis e Rainhas com mui grande estado á egreja maior, onde ouviram missa em pontifical dita pelo Arcebispo de Toledo, todos juntos em uma grande cortina de muito rico brocado, e depois da missa acabada os juraram nesta maneira:

Na capella maior junto com a cortina estava um grande estrado alto com dorsel de brocado e cadeiras d'estado ricamente concertado e alcatifado, em que os Reis e Rainhas se foram assentar. E na mesma capella da outra parte grandes bancos para os procuradores, em que estavam assentados segundo suas precedencias, e os grandes e pessoas principaes assentados nos degraos do altar môr, que tudo estava muito bem alcatifado, e muitas e ricas almofadas para os grandes, os quaes não estavam em ordem porque por entre alguns haver differenças na precedencia dos lugares, El-Rei e a Rainha lhes rogaram muito que por aquella vez não curassem d'isso, e estivessem como se acertassem, e assi ao beijar da mão fosse cada um como quizesse, sem nisso haver ordem, pela necessidade que havia de tamanha cerimonia se acabar, e elles o houveram por bem, e assi se fez.

E como todos foram assentados e os officiaes fize-

ram calar a gente, levantou-se um doutor, e em pé fez a todos uma grande pratica em nome d'El-Rei D. Fernando e Rainha D. Isabel, na qual a substancia era:—Que pois a Nosso Senhor aprouvera de lhe levar para si o Principe D. João seu filho, e por sua morte a Rainha D. Isabel sua filha e El-Rei de Portugal que presentes estavam ficarem por Principes herdeiros de todos seus reinos e senhorios, que por isto, e por El-Rei ser tão excellente, tão singular e virtuoso Rei, elles o mandaram chamar a seus reinos e pedir muito que elle e a Rainha sua filha quizessem vir a ser jurados por Principes, aos quaes aprouve de vir e estavam presentes, como todos viam, e eram taes e de tantas virtudes, que elles grandes e o povo o deviam ter em muito boa ventura, e portanto lhes encomendavam que os quizessem jurar. E elles todos responderam que lhes aprazia com muito verdadeira e mui leal vontade. Dizendo tambem o mesmo doutor a El-Rei e Rainha nossos senhores por parte dos grandes e povo que lhe pediam todos por mercê que elles o fizessem bem e directamente a serviço de Deus e bem commum, e que seus privilegios lhes confirmassem e guardassem. E El-Rei e a Rainha disseram que assi o fariam.

Levantou-se então o Patriarca e tomou um livro missal aberto, e em cima d'elle uma grande cruz d'ouro, e nelle deu juramento a El-Rei e Rainha de assi tudo cumprirem: os quaes assi o juraram pondo suas mãos em cima da cruz e do livro, e tanto que juraram o Condestable se levantou e tomou o mesmo livro nas mãos e nelle deu juramento a todos os grandes e pessoas principaes e procuradores do reino: os quaes todos juraram por Principes herdeiros de todos reinos e senhorios que El-Rei e a Rainha seu pae e mãe tinham. E como juraram o mesmo Condesta-

ble por parte d'El-Rei nosso senhor tomou a todos as menajens, as quaes lhe todos deram, e acabadas de dar foram todos a beijar a mão a El-Rei e á Rainha por seus Principes, os grandes primeiro, e após elles os procuradores das cidades, e depois todolos outros por ordem.

A egreja estava a mais formosa cousa que se podia dizer, riquissimamente armada, e muitas bandeiras reaes, e a gente era tanta que não cabia, e tantos órgãos, charamelas, sacabuxas, trombetas, atambores e outros muitos estromentos que quando acabaram de jurar juntamente tangeram, e os sinos repicavam, que neste ponto não havia homem que nada ouvisse nem entendesse, e acabada esta grande cerimonia, que durou muito, os Reis e Rainhas foram todos comer ás casas do Arcebispo de Toledo, que são pegadas com a Sé, onde os Reis comeram em uma parte, e as Rainhas em outra. E indo todos a pé para casa do Arcebispo, na crasta da Sé vieram os procuradores e regedores de Toledo beijar a mão a El-Rei nosso senhor e á Rainha, e não lhas beijaram com os outros procuradores porque os da cidade de Burgos os precediam e haviam de beijar diante d'elles, e por esta causa o fizeram depois por si sós.

Estiveram os Reis em Toledo dezoito dias, e neste tempo despediram de si muitos grandes e prelados, e procuradores, que muita parte de gente nobre do Reino era ahi junta. E acabados os dezoito dias partiram com suas casas ordenadas e alguns grandes aforrados caminho de Zaragoça, do reino de Aragão cidade principal, para nelle serem jurados dos Arago-nezes. E d'ahi era determinado irem a Valencia e Barcelona e tornarem a Granada e a Sevilha, os quaes caminhos senão fizeram porque Deos ordenou outra cousa.

Partiram de Toledo e foram por suas jornadas ter a Chinchon, uma villa do marquez de Moy, que era thesoureiro mór d'El-Rei, e a marquesa era a Bova-dilha muito nomeada, e grande privada da Rainha, e sua collaça. Na qual villa tem uma grande e mui forte fortaleza que de novo tinham feita, e umas muito boas casas de prazer de grandes aguas e pescarias, aposentamentos e policias. E ahi estiveram os Reis quatro dias, onde foram melhor agasalhados e com mais ricos e abastados concertos para elle e todos os grandes que nunca vi, e me parece que um Rei não podia mais fazer. Que tinha nestas casas de prazer, e nas suas casas da villa trinta e tres camas armadas e aparentadas de pano d'ouro, brocado e mui ricas sedas, sem d'aqui abaixar. E algumas das camas, as mesmas camaras eram armadas todas do mesmo pano d'ouro, brocados, sedas, e tão galantes borladas e entretalhadas, e tantas alcatifas entretalhadas e borladas d'ouro, e assi almofadas, que era cousa de muito grande espanto para um tão pequeno senhor, que verdadeiramente os feitos valiam tanto que o não ousaria escrever, e as outras casas somenos armadas de rica tapeçaria, tantas baixellas, banquetes, e outras policias, que seria muito escrever-se pelo meudo, e era tanto e tão ricas cousas, que se dizia que não podia ser se não que fossem da Rainha.

De Chinchon foram os Reis a Alcalá de Enares, uma villa do arcebispado de Toledo, e ahi vieram jurar El-Rei nosso senhor e a Rainha o duque de Naraje, e um irmão do duque de Medina Celi, com uma sua procuração por estar tão doente que não podia vir, e assi o juraram outros senhores que ahi vieram, e o juramento foi uma noite em casa da Rainha nossa senhora.

Partiram os Reis e Rainhas de Alcalá e foram a

Guadalajara, onde o duque do Infantado tem seu assento, e as mais ricas casas de Hespanha. Foram muito bem recebidos com paleo e festas, e ahi estiveram tres dias, e pousaram todos em outras singulares casas do duque, que foram do Cardeal D. Pero Gonçalvez de Mendoça seu irmão, e estavam muito bem concertadas, e os Reis e Rainhas foram todos um dia vêr o duque a sua casa, que estava doente em cama, e ahi na cama jurou El-Rei nosso senhor e a Rainha.

E de Guadalajara foram a Calatau, primeira cidade de Aragão, e ahi foi El-Rei nosso senhor e a Rainha sua mulher mui bem recebidos com mui bom paleo, e no meio d'elle as armas de Castella e Portugal borladas, e muitas festas, e d'esta cidade foram a Çaragoça, onde foi feito grande recebimento a El-Rei e á Rainha nossos senhores. Porque El-Rei e a Rainha de Castella nos lugares onde havia recebimento entravam sempre diante sem festa por trazerem ainda dó pela morte do Principe, e todos os recebimentos eram feitos a El-Rei nosso senhor e á Rainha.

Nesta cidade houve um grande arruido, os da côrte com os da cidade, em que houve muitos homens feridos e mortos, e foi tamanho que El-Rei D. Fernando veio em pessoa a estremar, porque suas justiças nem as d'El-Rei nosso senhor o não podiam fazer, nem se fizera sem muita perda se El-Rei não viera em pessoa, que tanto que o viram tudo foi pacificado, e ninguem não bolio mais.

Chegaram á cidade de Çaragoça o primeiro dia de Junho do mesmo anno, e El-Rei e a Rainha de Castella entraram na cidade pela manhã sem festa nenhuma, e El-Rei nosso senhor e a Rainha vieram pousar em uns singulares paços e casas de prazer que El-Rei ahi tem fóra da cidade, a que chamam Aljoufa-

ria, e ahi comeram, e no mesmo dia á tarde entraram na cidade na maneira seguinte:

Antes de sahirem de casa veio o Arcebispo de Çaragoça, que era filho d'El-Rei D. Fernando e não tinha ordens, e alguns diziam que com presumpção de ser inda Rei de Aragão, o qual era Viso-rei em Çaragoça. E com elle vieram os governadores e jurados, e toda a nobre gente da cidade, e elle beijou a mão a El-Rei nosso senhor e á Rainha, e após elle todos que com elle vinham. E acabado El-Rei e a Rainha cavalgaram grandemente acompanhados, e todos seus officiaes e cavallo a destro diante, tudo muito bem ordenado, e assi abalaram para a cidade, e logo sahiram fóra todas as bandeiras do reino, e da cidade e dos officios, que eram muitas e muito boas, e com ellas muitas trombetas e atambores, e outros estromentos, e muita infinda gente do povo muito limpa e bem vestida, e á porta da cidade estavam já os principaes e seus regedores a pé com um paleo de rico brocado, e pelas bordas as armas do reino borladas, e suas ricas franjas e torçaes, e as varas douradas. E El-Rei vinha vestido de contrai com um rico collar de pedraria, e em um cavallo á brida, e a Rainha tambem de contrai por d'ó, e outro rico collar de pedraria, e em uma mulla guarnecida de veludo preto, e em chegando á porta da cidade lhe beijaram todos as mãos, e elles se meteram debaixo do paleo e começaram a andar, e diante todos os seus officiaes e ministros, e os d'El-Rei e Rainha de Castela e outros muitos.

E diante d'El-Rei iam o Arcebispo de Çaragoça e o Senhor D. Jorge, os Infantes de Granada, o duque de Naraje, o duque de Villa Formosa, o senhor D. Alvaro, o senhor D. Diniz e outros muitos senhores castelhanos e portuguezes, e com muito grande triumpho foram assi pelas ruas principaes, que estavam rica-

mente armadas e muita gente, até chegarem á praça da cidade.

E em chegando as bandeiras se deixaram ficar todas atrás, e El-Rei e a Rainha passaram diante. Na praça estava feito um grande cadafalso toldado, e armado de rica tapeçaria, e um dorsel de brocado no meio, e duas cadeiras d'estado, e muito bem alcatifado, e como a elle chegaram, El Rei e a Rainha se deceram e todos os grandes, e subiram ao cadafalso que era bem alto e de muitos degraus. E como El-Rei e a Rainha foram assentados, as bandeiras lhe vieram obedecer. Veio logo a bandeira do reino muito grande e rica, e homens que com cordeis de seda a traziam de quatro partes direita, e tanto que chegou a El-Rei se abaixou tres vezes até dar no chão.

E após ella veio a bandeira da cidade da mesma maneira, e fez outro tanto: e depois todalas outras por ordem que pareceu muito boa cerimonia e tardou muito, e acabado tornaram a cavalgar já com tochas, e na mesma ordem foram decer á egreja maior, que é pegada com os paços, e á porta estava toda a clerezia em uma grande procissão, ricamente vestidos, com suas cruces, e um Bispo em pontifical com as reliquias na mão, e em El-Rei e a Rainha decendo, em entrando pela porta da Sé assi debaixo do paleo, os conegos e clerigos remeteram ao paleo que os principaes da cidade levavam para lho tomar, e elles lho não quizeram dar, e os clerigos pozeram nisso tanta força que quebraram as varas e lho tomaram das mãos, e foi tamanha revolta que derribaram o duque de Nájare e o Arcebispo, e outros muitos, e houveram de derribar El-Rei e a Rainha, cousa muito feia e que a todos pareceu muito mal, e passou sem castigo por se não escandalizar a cidade, por amor do requerimento que logo se havia de fazer. E a razão que davam era que

melhor seria o paleo para a egreja, que para o estribeiro mór. Fizeram oração e tornaram a cavalgar sem paleo, e foram decer nos paços, que eram pegados com a Sé e casas do Arcebispo, d'onde os Reis e Rainhas todos pousavam, e se corriam umas casas com outras.

El-Rei D. Fernando quizera que logo ao outro dia que era domingo juraram El-Rei e a Rainha, e assi o cometeu aos aragonezes, os quaes não quizeram e lhe responderam em camara que primeiro fariam côrtes e seria todo o reino ajuntado a elles, s. os lugares principaes, e querendo todos que então jurariam. E logo se as côrtes começaram, e El-Rei D. Fernando foi a ellas tres vezes, e de cada vez lhe deu espaço de quatro dias para nelles virem com sua resposta, e o derradeiro dia do prazo, que foi dia de Corpo de Deus lhe responderam que pois Valencia e Barcelona não vinham que elles não jurariam sem lhes El-Rei primeiro tornar e confirmar alguns privilegios que lhe tinha quebrados. As quaes cousas lhe El-Rei não quiz conceder, nem elles não quizeram jurar, e nisso passaram algumas vezes palavras asperas e muitos conselhos, de maneira que El-Rei se achava algum tanto desobedecido d'elles, e em um conselho lhe disse a Rainha sua filha, que para que queria Sua Alteza temporizar tanto com elles, que seria melhor sair-se fóra de Aragão e torna-lo a tomar de novo, e então pôr e fazer as leis a sua vontade. Isto souberam os aragonezes, e por temerem alguma revolta em duas noites meteram secretamente na cidade oito mil corpos d'armas e se fizeram mui fortes, e nestes debates e porfias, escusas e delongas andaram sem se tomar conclusão, até que Nosso Senhor a deu com a morte da Rainha e Princesa, por onde tudo cessou.

A Rainha nossa senhora andava em dias de parir,

e bem pejada, e por sua má disposição andava mui temORIZADA de morrer, e como mulher tão prudente, virtuosa, tão devota e tão amiga de Deus como ella era, e pelo receio que trazia tinha seu testamento feito e mui virtuosamente ordenado, e estava de pouco confessada e comungada, e todas as cousas feitas tão perfeitamente quanto a sua singular pessoa pertencia, e a vinte e quatro dias de Agosto do mesmo anno de noventa e oito, dia de S. Bartolomeo pela manhã a tomaram as dôres grandes, e com muito trabalho pariu um filho a que chamaram D. Miguel, Principe herdeiro dos reinos de Portugal e Castella, sendo presentes El-Rei nosso senhor e El-Rei seu pae, e a Rainha sua mãe, e muitas outras nobres possôas, e foi o praser tão grande em todos, que El-Rei D. Fernando sahio logo fóra a dizer alto aos grandes e senhores e pessoas principaes que na casa de fóra estavam esperando pela nova: — Alegrai-vos todos, que filho temos. Foi a alegria tamanha, e tanto alvoroço e prazer que com a nova tiveram que mais não podia ser, e logo foi sabido por toda a cidade, e as festas eram tantas, e tantos repiques da Sé e de todas as egrejas e mosteiros que não havia pessoa que em outra cousa falasse nem entendesse, dando em todos os mosteiros e egrejas muitas graças a Deus Nosso Senhor, revestidos com suas cruces e capas em procissão dentro nas casas cantando *Te Deum laudamus* e outras muitas devotas orações.

A Rainha acabado de parir ficou muito fraca e mui debilitada, e os espiritos derribados, e tanto que El-Rei D. Fernando seu pae acudio e a tomou nos braços, e vendo que se finava bolia muito com ella e bradava-lhe muito alto, dizendo: — Filha, lembrai-vos a morte e paixão de Nosso Senhor Jesu Christo; filha chamai por Elle e pela Virgem Nossa Senhora, que

seja comvosco nesta hora, e outras muitas santas palavras mui necessarias em tal tempo, isto com muita devoção, e tão alto que os que estavam de fóra o ouviam, e tão inteiro e sem lagrimas como senão fóra sua filha que elle tanto amava; e a Rainha assi nos braços do pae se finou e deu a alma a Deus, que verdadeiramente de tão virtuosa pessoa não se deve menos esperar; morreu assi vestida como estava perante todos, que foi a maior tristeza que podia ser.

A Rainha sua mãe vendo assi supito diante de si morrer uma tal filha tamanha Rainha e Senhora, tão virtuosa e prudente, tão obediente, e a primeira que ella parira e que sobre todos tanto amava e prezava, com a grande dôr e tristeza de seu coração cahio logo sem fala como morta no chão.

E El-Rei D. Fernando a tomou logo nos braços, e a levou á sua camara, e a deixou deitada como morta, e tornou mui prestes a El-Rei nosso senhor que estava mui cortado e triste em grande maneira, e o tomou pela mão e o levou a seu aposentamento, confortando-o muito com muitas e prudentes palavras, dizendo-lhe que desse graças a Deos, pois Elle d'isso fóra servido, e como o deixou tornou logo á filha e a deitou sobre umas almofadas de veludo, e ella vestida em um habito de veludo avelutado preto, e a cabeça alta com o rosto descuberto, com um véo muito delgado por cima, que a viam todos, esteve assi no meio da casa até a noite, que lhe fizeram seus officios, e como El-Rei isto fez e deixou ordenado o que se havia de fazer se recolheu para seu aposentamento sem lagrimas e com tanta segurança como se nada não fóra, e como lá foi começou de chorar a filha que tanto amava, e nos braços lhe morrera, dizendo palavras de lastima, e tanto que foi sentido que elle chorava começou-se logo tão

grande pranto em todos os paços e tamanhos gritos, que parecia que se vinham a terra, e não havia pessoa que se não carpisasse e chorasse tão bravamente como se a perda fôra sua. E a Sé que estava pegada com os paços começou logo dobrar todos os sinos, e fazer triste signal, e todos os mosteiros e egrejas repicavam e a cidade toda em muito grande alvoroço e festas. De maneira que em um momento e por uma pessoa se faziam em uma cidade juntamente em uma parte muito grandes e tristes prantos e na outra festas e alegrias.

Esteve assi na casa descuberta á vista de todos até á noite que lhe fizeram mui devotamente e com muitas lagrimas seus officios os Prelados que presentes eram, e a meteram em uma tumba cuberta de veludo preto com uma cruz de damasco branco, e em cima uma cruz e uma vella. E acabado isto despejaram todos a casa e ella ficou assi só até a meia noite que a tiraram secretamente, e só com doze frades de S. Jeronymo de um mosteiro fôra da cidade que por ella vieram com uma pequena cruz e duas alanternas a levaram só com oito ou dez criados seus, os mais portuguezes: e assi foi levada por casas sós, e tirada por uma porta escusa junto com a ponte por onde passaram, e foi enterrada tão pobrementemente no mesmo mosteiro no chão, que mais não podia ser nenhuma pessoa por pobre e baixa que fosse. E isto se fez d'esta maneira por ella o ter assi tudo mandado em seu testamento.

E verdadeiramente quem a vio naquelle dia tão alta Rainha, tão grande Princesa e senhora, mulher tão acabada e de tão perfeita idade, tão bem casada, entre seu marido e seu pae e mãe tamanhos senhores, e suas irmãs, e com tanto prazer e contentamento por ter diante si filho herdeiro de tamanhos reino

e senhórios, que ella tanto desejava vêr nacido: e com tudo isto d'ahi a meia hora a viu morta e a mesma noite tão pobremente enterrada, foi cousa muito para se homem lembrar de Deus, e dar bem pouco pelas cousas d'este mundo, pois em tão pouco espaço tão grandes mudanças faz!

Deixou em seu testamento que por ella se não tomasse burel como sempre até ahi de antigo tempo atraz se fazia em Portugal e Castella pelos Reis e Rainhas e por outros senhores, e que não trouxessem lobs grandes e capellos, sómente lobs e becas como agora se cá costumam, e de então para cá nunca mais em Portugal houve dó de burel nem lobs grandes, sómente as que se agora trazem, e este costume nos ficou por seu fallecimento: porque d'ahi a pouco tempo fez El-Rei nosso senhor a ordenança do dó.

Deixau por seu testamenteiro El-Rei nosso senhor, o qual nisso o fez tão virtuosamente que mais não podia ser, e depois de sua morte até elle partir para Portugal de dia nem de noite nunca em outra cousa entendeu, e tanto fez nisso que antes de se vir o cumprio de todo tão inteiramente, que alguns casamentos que ella deixou a mulheres para quando casassem, elle quiz que não ficasse nada por fazer, e todo o dinheiro que nisto montava deixou logo pago e depositado em mãos de pessoas abonadas para lho darem como fossem casadas. E fez nisso tantas finezas que foi de todos mui louvado, sendo em tempo que elle se achou com mui pouco dinheiro por as grandes mercês e gastos que tinha feitos.

Nesta morte da Rainha, que santa gloria haja, aconteceu uma grande cousa em Lisboa em casa da Rainha D. Lianor, que uma sua criada castelhana, que se chamava Velazquita, que muitas vezes era fóra de seu siso, diz que disse á Rainha perante mui-

tas pessoas o mesmo dia de S. Bartolomeu e á mesma hora : — «Senhora, agora pario a Rainha um filho em Çaragoça, e a Rainha se finou logo». A Rainha D. Lianor parecendo-lhe isto misterio mandou logo visitar El-Rei e a Rainha, e escreveu o mesmo caso a El-Rei, e o mensageiro achou já El-Rei no caminho vindo para Portugal, por onde se affirmou ser verdade.

El-Rei nösso senhor ficou muito triste e mui anojado pela perda de tal mulher e tão grande senhorio como juntamente perdeu : e todolos portuguezes muito tristes, e alguns receosos d'El-Rei de Castella querer fazer alguma novidade com El-Rei nösso senhor, pois o tinha em seu poder, ou dilatar sua vinda para que não viesse tão cedo a Portugal. El-Rei D. Fernando o fez tão virtuosamente quanto se podia fazer, e cada dia o visitava e confortava muitas vezes, e lhe mostrou em tudo tanto amor como se fôra seu proprio filho, e assi a Rainha. E emquanto El-Rei D. Fernando viveu nunca tirou a El-Rei nösso senhor o titulo de Principe de Castella.

E nos dias que El Rei esteve ocupado nas cousas do testamento mandou a seus officiaes fazer prestes tudo o que para sua vinda cumpria, porque tinha determinado tanto que o testamento acabasse se partir, e assi o fez, que acabado de cumprir ao outro dia ante manhã se partio para seus reinos, despediu d'El-Rei e da Rainha, da Princesa e das Infantas com muito grande amor, e não com poucas lagrimas que choravam. Sahio de Çaragoça a oito dias do mesmo anno de mil e quatrocentos e noventa e oito annos. Vieram com elle té Portugal o Patriarca e outros senhores, e pelos lugares por onde vinha era servido e acatado como se fôra Rei de Castella. E em Aranda do Douro estavam o Condestable e o duque d'Alva, que no reino ficaram por Viso-reis: os quaes vieram

receber El-Rei nosso senhor muito fôra da villa com muita gente, e cheios de tamanho dó e tanta tristeza, assi elles como todos os seus, e tantas lagrimas, que verdadeiramente a todos doeu o coração, e em chegando a El-Rei se deceram a pé, e com todas suas cerimoniaes acostumadas lhe beijaram a mão, e El-Rei lhes fez muita honra. E d'ahi até Portugal veio o duque d'Alva com El-Rei, e fez com elle que viesse pela sua Villa d'Alva onde esteve um sabbado e um domingo, e o agasalhou grandemente e com mais abastança, concerto e policia, que se podia fazer, e assi a El-Rei como a todos quantos com elle vinham, portuguezes e castelhanos, cousa tão bem feita que mais não podia ser, em que o duque gastou muito. E mandou apregoar que nenhuma cousa se vendesse, e que tudo se desse de graça, e assi se fazia; e os ferradores ferravam de graça: andavam pela villa muitos mordomos com muitas carretas e bestas carregadas de mantimentos, e como chegavam ás pousadas, segundo eram as pessoas, assi lhe deitavam dentro muita soma de vaca, carneiros, galinhas, perdizes, patos, coelhos, cabritos e muitas outras sortes de aves e caças; muito pão cozido e muitas frutas de muitas maneiras, muitos e bons vinhos: muitos pescados e muita cevada e palha: muitas tochas novas, e muitas vellas grandes e pequenas, e todas as outras cousas em tanta abastança que não podem alembrar; e tudo muito perfeito e tão sobejo, que aos hospedes ficava muito para muitos dias, e os portuguezes e castelhanos iam carregados de cera e de singulares vinhos e d'outras muitas cousas quanto podiam levar. De maneira que em nenhuma parte vi tanta abastança nem cousa d'esta sorte tão bem feita.

E d'Alva partio El-Rei por suas jornadas ordenadas sem fazer detença até entrar em Portugal: e em

Ciudad Rodrigo mandou a D. Garcia de Toledo, filho maior do duque d'Alva dois singulares ginetes arreitados com arreios d'ouro que valiam muito, e o duque muito estimou. Vieram todos com El-Rei até a villa d'Almeida, primeiro lugar de Portugal, onde entrou e despedio o duque d'Alva e o Patriarca, e outros senhores que com elle vinham. E d'Almeida partio logo e veio por Lamego e Coimbra, e outros lugares, até chegar á cidade de Lisboa onde a Rainha D. Lianor estava, e foi recebido d'ella e de todos os grandes, fidalgos e cavalleiros, e todo o povo com muito grande prazer e contentamento pelo verem em seus reinos, d'onde havia seis mezes que era fóra.

LAUS DEO

Ida da Infanta D. Breatriz para Saboya

No anno de mil e quinhentos e dezaseis, estando o muito alto e muito poderoso Rei D. Manuel nosso senhor, e a Serenissima senhora Rainha D. Maria sua mulher e o muito alto e muito excellente Principe D. João nosso senhor, e os muito excellentes senhores Infantes seus irmãos na muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa: o illustrissimo e muito excellente D. Carlos duque de Saboia, etc., por seus embaixadores mandou requerer e cometer a Sua Alteza casamento com a muito excellente senhora In-

fanta D. Breatriz sua segunda filha. Os quaes embaixadores que se chamavam um Monseor de Confinhã e outro Pero Caes, andaram na côrte muitos dias em seu requerimento e foram-se sem tomarem conclusão alguma.

E d'ahi por diante nunca o senhor duque deixou por seus mensageiros e cartas d'apertar e falar no dito casamento como homem que em extremo desejava de se acabar.

Neste tempo falleceu a Serenissima e muito virtuosa senhora Rainha D. Maria, que santa gloria haja, e depois de seu fallecimento El-Rei nosso senhor casou com a Serenissima e excellente Princesa a Rainha D. Lianor nossa Senhora, irmã do Imperador Carlos Rei de Castella e de Aragão, e Napoles, e de Granada, de Cecilia, e Navarra, etc.

Estando Suas Altezas e o Principe nosso senhor e Infantes seus irmãos na muito nobre e sempre leal cidade de Evora, o anno de quinhentos e vinte, o senhor duque lhe tornou a mandar por embaixador Monseor de Brosiseu, camareiro, pessoa principal e mui aceito a elle, e Chatel por secretario, com boa companhia, e foi recebido por os muito magnificos condes, o conde de Tentugal e o conde de Vimioso com mil e quinhentos em cavalgaduras. Deu sua embaixada, e andou na côrte tantos dias, e apertou tanto e por tantas vezes o negocio, assi por si como por pessoas principaes que nisso metia, que houve d'El-Rei nosso senhor boa palavra, e com ella se partio com muito contentamento por lhe parecer que tinha aberto caminho para se poder esperar o que o duque seu senhor sobre tudo tanto desejava.

E tornando outra vez a estar Sua Alteza e a Rainha e Principe e os Infantes na cidade de Lisboa, o senhor duque lhe mandou outra embaixada no anno

de vinte e um, em que vieram por embaixadores Monseor de Balsisam tres vezes barão e seu camareiro mór, e Jafredo Passerio, doutor em leis, e seu desembargador do paço, e por secretario Chatel, e com elles mui boa companhia. Os quaes foram grandemente recebidos de todos os grandes e Prelados, e pessoas principaes, e nobre fidalguia e cavallaria da côrte de sua Alteza. Deram sua embaixada com toda honra e cerimonia que podia ser, e por muitas vezes falaram a Sua Alteza e apertaram e trabalharam tanto nisso, que se veio o dito casamento a consertar, e fazerem seus contratos. Para os quaes El-Rei nosso senhor tomou por seus procuradores D. Alvaro da Costa, do seu conselho, seu camareiro e armador, pessoa de que muito confiava: e o doutor Diogo Pacheco, do seu desembargo, homem nas letras e em tudo mui estimado, e por parte do senhor duque elles embaixadores que para isso traziam abastante procuração; e o concerto que todos fizeram foi este:

Que Sua Alteza dava á senhora Infanta sua filha em dote de seu casamento cento e cincoenta mil cruzados, s. cem mil cruzados em ouro e os cincoenta mil em joias d'ouro, pedraria, perlas, aljofar e prata de serviço de sua mesa e camara, capella, guarda roupa e estrebaria, e em corrigimentos de sua casa e camara e ornamentos, tapeçaria, e outras cousas. E mais a mandaria até á cidade de Niça ou porto de Villa Franca á sua propria custa e despesa como cumpria a seu estado, no que Sua Alteza gastou mais d'outros cento e cincoenta mil cruzados, segundo na grande armada e grossas despezas que fez se verá.

E o illustrissimo senhor duque dava á muito excellente senhora Infanta duqueza para sustentar seu estado todalás cidades, villas, fortalezas e lugares que tinha a illustrissima Madama Branca, que foi duqueza de

Saboya, com todas suas jurdições, mero e misto imperio nellas quinze mil cruzados de renda em cada um anno, e se mais rendessem fosse para a senhora Infanta, e se menos que o senhor duque lho perfizesse, e lhe dava para fazer mercês, esmolos, e o que lhe bem viesse cinco mil cruzados, que são por todos vinte mil: e mais lhe daria todos os vestidos de sua pessoa em sua vida como cumpre a seu estado, e que fallecendo elle duque primeiro que ella, que lhe ficasse tudo livremente para sempre, e mais lhe dava de arras os cento e cincoenta mil cruzados que houve de seu dote, e todas as jóias e cousas que tiver, e outras muito grandes cousas que no contrato vão declaradas.

Os contratos acabados domingo de Pascoela sete dias do mez d'Abril, que receberam á Senhora Infanta duqueza com o embaixador Monseor de Balcisam, o Principe nosso senhor cavalgou, e com elle o Infante D. Luiz seu primeiro irmão, e toda a côrte, e se foi para casa dos embaixadores, os quaes vinham já por caminho, e com elles o marquez de Villa Real e o Arcebispo de Lisboa com muito nobre companhia, e se toparam á porta principal da Sé, e d'ahi os trouxe Sua Alteza comsigo com muitas e grandes honras até uma grande salla armada toda de rica tapeçaria d'ouro e alcatifada, em que El-Rei nosso senhor e a senhora Rainha estavam em um grande e alto estrado alcatifado, com um dorsel de rico brocado: e as cadeiras cubertas com um grande pano d'ouro, e os Infantes seus filhos e as senhoras Infantas D. Isabel e D. Breatriz todos no estrado assentados em almofadas de brocado rico: e todas as damas assentadas na salla de uma parte e da outra em alcatifas, e com ellas muitos senhores e nobres fidalgos: e a salla toda cheia de muitos e muito grandes castiçaes

de prata com tochas, e todos os ministros que se podiam nomear.

E como o Principe nosso senhor e o senhor Infante chegaram com os embaixadores já perto da noite, se foram logo onde Suas Altezas estavam, e no estrado estando todos em pé, o muito reverendo D. Martinho, Arcebispo de Lisboa, recebeu a Illustrissima e Excellente Senhora Infanta D. Breatriz com o nobre embaixador Monseor de Balcisam em nome do duque seu senhor por palavras de presente, como manda a santa madre egreja de Roma, porque o embaixador trazia para isso e para tudo sufficiente e abastante procuração.

Acabado o recebimento o Principe nosso senhor e todos seus irmãos beijaram a mão a El-Rei e á Rainha por o casamento da senhora Infanta: e após elles todos os grandes de Portugal que na casa estavam. E acabando, El-Rei e a Rainha, Principes e Infantes se assentaram: e El-Rei mandou pôr a um cabo do estrado um escabello cuberto com uma alcatifa, em que mandou assentar os embaixadores.

Começou-se logo um grande serão em que El-Rei e a Rainha com o Principe e as senhoras Infantas D. Isabel e D. Breatriz, e o Infante D. Luiz dançaram todos.

E assi todos os grandes e fidalgos da côrte, que durou o serão muitas horas, em que houve muitas damas, muitos galantes ricamente vestidos.

Logo do outro dia por diante El Rei nosso senhor começou de mandar ordenar todas as cousas necessarias para a ida da senhora Infanta, e dizer ás pessoas que com ella haviam de ir que se apercebessem, e mandou fazer prestes e concertar todas as naus grossas, galés e galeões: e outras naus e caravellas para sua embarcação, que foram por todas dezoito vellas,

s. quatro náos grossas, quatro galés, dois galeões, cinco náos, duas caravellas e uma fusta: todas as melhores que podiam ser e para isso muito escolheiz de fortes, novas, grandes e veleiras, e iam tão grandemente armadas, que era cousa de espanto: porque além da artelharia que tinham e soham de trazer, levavam mais do almazem d'El-Rei quinhentos e trinta e sete tiros, todos de metaes, muito singular artelharia, s. cento e duas peças de bombardas grossas, muito grandes, muito fortes, e muito furiosas, e trinta e cinco peças de falcões, e cincoenta peças de lagartixas, e trezentos e cincoenta berços, tudo de metal, repartidos por todas quanto cada uma podia levar, e a não em que a senhora Infanta ia era de oitocentos toneis, e a do Arcebispo de seiscentos e cincoenta, a de D. Francisco de Castelbranco de trezentos e cincoenta, e a de D. Francisco da Gama de trezentos, e o galeão em que Fernão Perez ia de duzentos e cincoenta toneis, e o galeão d'Affonso d'Albuquerque de duzentos e trinta, e as galés eram reaes e mui grandes, e ia por capitão mór d'ellas D. Pedro Mascarenhas. E os capitães das outras eram Francisco de Mello e Luiz Machado, e Gonçalo de Campos, e na fusta Alvaro do Couto.

E a não em que o Marichal ia era de cem toneis, e a de Christovão de Brito d'outros cento, e a de Alonso Peres passava d'elles, e a de D. Fernando de Abranches da mesma grandura, e tres caravellas mui grandes. Em uma D. Luiz Coutinho, e na outra Ruy Mendes de Vasconcellos, e a outra ia com aves e caça, e mais uma grande não dos embaixadores.

Em companhia da senhora Infanta mandou o muito reverendissimo senhor D. Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, Prelado mui principal e de muita autoridade, e o muito magnifico D. Martinho de Castel-

branco, conde de Villa Nova e camareiro mór do Principe nosso senhor, que ia por capitão mór e governador de toda a frota, a quem El-Rei entregou a Senhora Infanta e a levou até a entregar ao senhor duque seu marido, homem que El-Rei tinha em grande estima e a que mostrava muito amor e confiança e a quem sempre deu parte de todas as suas cousas e segredos, e outra muita e muito nobre companhia e muitos principaes pessoas, as quaes são estas, s. o Bispo de Targa, que ia por capellão da Senhora Infanta, e D. Francisco de Castelbranco, filho maior do dito conde de Villa Nova, e D. João, D. Antonio e D. Affonso, tambem seus filhos, e D. Francisco da Gama filho herdeiro do conde almirante, e D. Estevão seu irmão, e D. Luiz Coutinho, e D. Fernando de Castro, filho maior do governador de Lisboa; e Nuno da Cunha, veador da fazenda do Principe nosso senhor; Affonso d'Albuquerque, o Craveiro D. Diogo de Menezes, D. Pedro d'Almeida e D. Alvaro Coutinho, marichal; e João Lopes de Sequeira mordomo mór da Infanta, João Rodrigues de Sá, e D. Pedro Mascarenhas, João da Silveira, D. Fernando de Monroy, D. Jorge Anriques reposteiro mór do Principe nosso senhor; Affonso Perez Pantoja, Christovão de Tavora, Ruy de Sousa e Pedro Moniz da Silva, D. Fernando de Lima, D. Duarte da Costa, Gaspar de Brito e Fernão de Miranda, Ruy Mendes de Vasconcellos, Antonio de Moura, João de Mello Pereira, D. Fernando de Abranches, D. Fernando de Noronha, Christovão de Brito, Lionel de Brito, e Pedro Affonso de Aguiar, Pero Gomes da Grã, Fernão Perez de Andrade, Pero de Affonseca, e Pero de Mendanha, D. Jeronymo de Moura e Lourenço de Sousa, filho de Ruy de Sousa; Simão Corrêa, veador da Infanta, Jeronymo Corrêa, estribeiro mór, e seu irmão Pero Pantoja, e Martim Vaz, filhos

de Alonso Perez, Antonio Pereira, Diogo Brandão, Francisco de Mello e Gonçalo Coelho, D. Jorge, filho do conde do Demira, e D. Braz Anriques, filho de D. Fernando Anriques pajes da Infanta, Antonio Reaes, Luiz Machado, Gonçalo de Campos, Alvaro do Couto e Diogo Ferreira, feitor da armada, Francisco Coelho, Alvaro do Tojaes thesoureiro da Infanta, Gaspar de Sequeira, uchão, João de Lousado mantieiro e Francisco Homem copeiro: Affonso Munhoz thesoureiro da capella, dezoito moços da camara, seis moços da capella, seis homens da camara e seus guardas das damas, quatro porteiros de maça, oito moços de estribeira e oito reposteiros seus cozinheiros, e homens dos officios, seis charamellas, tres violas d'arco, uma citra, oito trombetas e seis atambores, e sua capella ordenada, e muitos ricos ornamentos, e todalas cousas de casa tão perfeitas e abastantes, que valia o movel que levou cincoenta mil cruzados (como atrás fica dito.)

E as mulheres que com ella foram são estas, s. D. Lianor da Silva, que ia por camareira mór, e D. Meicia, filha de D. Diniz, irmão do duque de Bragança, D. Maria, filha do conde de Farão, e D. Maria de Menezes, D. Izabel Anriquez, D. Ignez de Mello, D. Joana de Menezes, D. Breatriz Mascarenhas e D. Francisca de la Cerda, e D. Ignez de Brito, Guiomar Cardosa, Francisca Tavares, e Ignez d'Aguileira, e moças de guarda roupa, moças da camara, guarda das damas e escravas brancas. E a todas El-Rei deu ricamente de vestir, e foram estas senhoras e damas com tantos, tão ricos e galantes vestidos que mais não podiam ser, e assi todalas cousas necessarias.

E mandou Sua Alteza que fossem prestes para poderem embarcar até dia de Santiago, vinte e cinco dias de Julho, e pelo mui grande desejo que todos ti-

nham de o servir, posto que o tempo fosse muito breve para tamanhos gastos e tantas cousas se haverem de fazer, se concertaram asinha, que antes do termo posto poderam partir senão acontecera que a Senhora Infanta duqueza adoeceu de febres, e com os grandes remedios que lhe fizeram foi sã d'ahi a quinze dias.

E domingo, quatro dias d'Agosto foi El-Rei nosso senhor e a Rainha, Principe e Infantes todos com a senhora Infanta duqueza á Sé, e d'ahi a casa da serenissima Senhora Rainha D. Lianor sua tia a despedir-se d'ella, e neste dia se vestiram e deram mostra todolos que com a senhora Infanta iam, que foi cousa bem para vêr e adiante se dirá.

El-Rei com todo o estado real (como acima ficado) sahio do paço ás quatro horas depois de meio dia, todos mui riquissimamente vestidos, e as bestas muito arreaiadas. El-Rei nosso senhor vestido á framenga, em um cavallo de brida, e a Rainha nossa senhora em umas andas cubertas de pano d'ouro, e os cavallos que as levavam guarnecidos de brocado rico de pello, e com ella dentro a Senhora Infanta duqueza e o Principe nosso senhor vestido de capa aberta e espada, em um ginete singularmente arreiado, e a Senhora Infanta D. Izabel em uma mulla, com uma guarção e andilhas de muito rica chaparia d'ouro. E o mui reverendissimo e muito excellente senhor Cardeal Infante D. Affonso com seu roxete e vestido de escarlata, capello e sombreiro de setim cramesim, em uma mulla aparamentada de veludo cramesim. E o senhor Infante D. Luiz vestido á framenga, em um cavallo de brida ricamente guarnecido. E o senhor Infante D. Fernando vestido de capa aberta em um ginete com um mui rico arreio de ouro. E os senhores Infantes D. Anrique e D. Duarte muito bem vestidos

e em facas á brida com mui ricas guarnições d'ouro, e todalas damas assi da Rainha como das senhoras Infantas singularmente vestidas, e em bestas muito arreaiadas, e muitos pajes e moços de esporas muito bem ataviados, e muito mais os galantes que com ellas iam.

Sahiram do paço (ás horas que disse, e vieram por a Tanoaria á rua Nova, que estava mui formosa cousa, toda armada de mui rica tapeçaria, e d'ahi por a Padaria foram até á Sé. E da Sé depois de feitas orações, por as ruas principaes até a casa da Senhora Rainha onde estiveram, e a Infanta se despedio d'ella, e á vinda vieram por toda a ribeira, que era cousa mui bem lustrosa.

Deceram no paço, e em uma mui grande salla armada toda de mui rica tapeçaria d'ouro e muito bem alcatifada, dorcel, cadeiras e almofadas de mui rico brocado, se começou um grande serão em que El-Rei nosso senhor dançou com a senhora Infanta duqueza sua filha e a Rainha nossa senhora com a Infanta D. Izabel, o Principe nosso senhor e o senhor Infante D. Luiz com damas que tomaram. E assi dançaram todolos galantes que iam a Saboya, e muitos outros senhores e galantes, que durou muito. E as danças acabadas se começou uma muito boa e muito bem feita comedia de muitas figuras muito bem ataviadas e mui naturaes, feita e representada ao casamento e partida da Senhora Infanta, cousa muito bem ordenada e bem a proposito, e com ella acabada se acabou o serão.

Neste dia se vestiram e deram mostra todalas pessoas que com a Senhora Infanta iam, e com muita verdade se pôde dizer e affirmar que nunca de Espanha sahio nem se vio gente tão rica, tão galante e tão atilada. Porque houve muitos homens de vesti-

dos borlados de mui ricas perlas e mui riquissima pedraria, muitos de canotilhos, muita chaparia, muitos borlados d'aljofar, muitos d'ouro de martello, e singulares borlados e entretalhos. E não havia homem que não levasse muito ricos collares de pedraria, perlas e ouro esmaltado, e assi mui grandes cadeias de tiracolo. E todos mui ricas espadas com guarnições de muito valor, e assi estoques e adagas, e punhaes guarnecidos e esmaltados d'ouro, e muitos com mui rica pedraria de muitas feições e invenções, e assi ricas cintas e tecidos d'ouro esmaltados e infindos botões de pedraria, perlas e ouro, e mui riquissimos firmas de pedraria e infinidade de pontas de perlas, ouro, e esmaltes, até os sapatos que todos levavam eram de veludo, feitos á framenga com ricas guarnições d'ouro esmaltadas. E os vestidos todos, ou os mais eram de tres sedas, a de cima toda golpeada e feita em tiras, com grande soma de firmas, botões e pontas por todos os golpes, e outra seda debaixo que parecia, e de dentro forrado d'outra seda, afóra entretalhos, bandas e debruns, e isto não sómente nas opas, roupões e capas, mas nos saios e gibões. E cada um tantos vestidos d'esta sorte, tantos trajos e invenções, e tão ricas sedas, que mais não podia ser.

E era cousa bem para ficar em escripto o que cada um levava e gastou. Porém porque seria muita leitura o deixei de escrever, abaste ser visto de tantos. E os pajes, escudeiros e moços de esporas mui grandemente vestidos de muitas singulares librés e mui galantes invenções, e muitos de chaparia, borlados e entretalhados.

E as bestas com ricos jaezes e guarnições de muitas invenções, e assi mui ricas camas e paramentos de casas e riquissimas baixelas para lá no mar e na terra darem convites e banquetes. E muito grande

soma de charamelas, sacabuxas, trombetas e atambores e outros muitos ministris ataviados.

E os capitães e os remeiros que remavam seus basteis muito bem vestidos de suas librés e devisas que verdadeiramente não lembra a riqueza, policia e abundância de tudo, e porque os que depois isto lerem lhe não pareça muito, saibam certo que Portugal a este tempo estava o mais rico reino de christãos, e toda a riqueza d'elle de pedraria, perlas, aljofar, colares e totaldas peças d'ouro levavam estes cincoenta ou sessenta homens (atrás nomeados) seu e emprestado, que por ser a viagem perto e haverem logo de tornar, cada um levemente emprestava o que tinha, e o principal por servirem e fazerem a vontade a El-Rei, que pois o não iam servir com as pessoas, folgavam de ir suas fazendas, pelo gosto e contentamento que nisso lhe viam levar, e por isso se fizeram muitos e muito grandes e demasiados gastos, principalmente o Arcebispo de Lisboa e o conde de Villa Nova, e o conde Almirante com seus filhos, e assi todolos outros, que se affirma e ha por muito certo que se gastaram nesta armada passante de seiscentos mil cruzados, e se El-Rei nosso senhor não defendera brocados e telas d'ouro e de prata, muito mais se gastara, que por duas cousas gastam os portuguezes levemente suas fazendas: a primeira por serviço de seu Rei, e a segunda por suas honras com alguma competencia e vaidade de mistura.

Logo ao outro dia, que foi segunda feira, dia de Nossa Senhora das Neves á tarde, a Senhora Infanta duqueza embarcou com grandissimo estado; sahio com ella El-Rei nosso senhor e a Rainha, o Principe e Infantes, e totaldas damas e senhoras que na côrte estavam, e assi os embaixadores do senhor duque e toda a companhia da senhora Infante, e diante d'ella

o conde por mordomo mór d'El-Rei e o mordomo mór da Rainha, e todos os porteiros, mestres salas e reis d'armas, porteiros de maça e outros officiaes, e muitas charamellas, sacabuxas, trombetas e atambores, e muitos outros instrumentos e menistris, e por uma salla grande e uma muito grande varanda vieram ter a um caes que estava dentro na agua, tudo armado de mui rica tapeçaria, e o caes alcatifado, e ao sahir e entrar de todas as portas a Rainha nossa senhora se rogou sempre com a senhora Infanta duquesa, e ambas sahiam e entravam juntamente, e embarcaram todos em um muito grande batel todo de popa á proa toldado de rico brocado de pello e alcatifado, com muitas almofadas de brocado e muitas e ricas bandeiras e estandartes de damasco carmesim e branco, pintadas d'ouro, e outros muitos bateis mui ataviados com os marinheiros muito bem vestidos todos de uma libré que o levavam á toa, e derredor d'elle todos os bateis de todas as náos, galés e galeões e caravellas da armada ricamente ataviados de ricos toldos e bandeiras, e marinheiros muito bem vestidos cada um de suas côres, com muitas charamellas, trombetas e atambores.

E todas as náos e navios em grande maneira concertados de toldos, estandartes e bandeiras, e muitas caravellas da cidade muito embandeiradas e enramadas com muitas folias, trombetas e atambores que sempre andavam á vella derredor da náos da senhora Infanta, e com estes bateis outros muitos de gente que vinha a vêr eram tantas e tão formosa'cousa que mais não podia ser, e a gente que pela ribeira estava assi ás janellas como a cavallo e a pé era sem numero, e a artelharia que se tirou sem conto.

Foram assi até a náos, e por uma grande ponte que tinha muito bem ordenada feita sobre barcas e arma-

da de rica tapeçaria, e entraram na não tão chã como em uma salla. Estiveram lá um grande espaço, e El-Rei e Rainha e o Príncipe se tornaram, e com a senhora Infanta duqueza ficaram a senhora Infanta D. Izabel e os senhores Infantes seus irmãos, e dormiram lá na não aquella noite, e assi o conde de Villa Nova e os embaixadores do senhor duque, e todos officiaes da senhora Infanta, e muitos fidalgos mui honrados que na não iam com ella. E era muito para ouvir todas as noites que no mar esteve as muitas e boas musicas que continuamente havia, que faziam muita saudade. E nos dias tantas charamelas, sacabuxas, tantas trombetas e atambores e tão grossa artilharia que se não podiam ouvir.

E a não em que a senhora Infanta ia era cousa mui maravilhosa para vêr o concerto e riqueza d'ella: era não de oitocentos toneis, foi feita na Índia, chamava-se Santa Catherina de Monte Sinay, não muito forte, muito formosa, muito veleira, e muito segura no mar, toda feita em muitos e grandes aposentamentos todos forrados de bordos com maçonaria d'ourada, e a senhora Infanta tinha grandes sallas e camaras, e debaixo de seu aposentamento o das suas damas e mulheres mais guardado que em um encerrado mosteiro. Estes na pôpa da não, e pelas outras partes muitas e mui boas camaras para o conde e embaixadores e fidalgos, e officiaes da senhora Infanta, todas apartadas sobre si, e cada uma muito ricamente armada, e mui ricas camas com ricos concertos de casa, e muita e mui rica prata e tantas outras abastanças de cousas que não podem alembrar.

A camara em que a senhora Infanta dormia era toda armada de brocado rico de pello e alcatifada, os paramentos e cobertor da cama do mesmo brocado tudo franjado d'ouro, e muitas almofadas de brocado.

E a outra ante-camara era toda armada de muito fino veludo carmesim com muitas almofadas do mesmo veludo e alcatifada, e um dorsel de brocado, e outra cama e cobertor do mesmo veludo franjado d'ouro toda guarnecida e bandada de umas muito galantes bandas de pano d'ouro, e a salla e todalas outras camaras armadas de rica tapeçaria. E o conde de Villa Nova levava sua camara toda de rico brocado de pello e alcatifada, e a cama do mesmo brocado com outros muito ricos concertos.

O toldo da não era de veludo carmesim e damasco branco, e pelas bordas entretalhado de veludo azul posto sobre setim amarelo e trocelado de seda branca, os entretalhados da bordadura eram de largura de cinco palmos, e tinha tres esperas muito grandes e borladas, uma no meio, e de cada parte outra tambem de muito fino veludo azul posto sobre setim amarelo e trocelado de seda branca, e tudo franjado de seda e forrado de dentro de damasco azul da China, e era tão grande que tinha passante de mil covados de seda afóra o forro; de comprimento dava d'ambas as partes na agua, e de largura tomava toda a tolda, feito em tres peças, que por sua grandura não se podia d'outra maneira armar, e se ajuntava com botões e troçaes.

E os toldos das gaveas eram de damasco carmesim e damasco branco tambem entretalhados e franjados.

E muitos estandartes de damasco carmesim e branco por todos os mastos, e assi mesmo por todalas pontas das vergas, e os dois estandartes das gaveas eram muito grandes em extremo, que dava muito pela agua, tambem de damasco carmesim e branco, bandados de brocadilho, com muitas esperas d'ouro de pintor, pintadas de ambas as faces, umas muito grandes e outras menos segundo se iam estreitando.

Levava duas bandeiras de damasco carmesim muito grandes em extremo com as armas reaes pintadas d'ouro e prata, uma ia na pôpa da não, e a outra no estaes que vem da gavea para o castello d'avante, e ambas franjadas de brocadilho branco e vermelho com grandes troçaes e borlas de seda das mesmas côres.

E oitenta e quatro bandeiras muito grandes todas de damasco carmesim e branco, e de uma maneira todas com esperas e bordaduras d'ouro singularmente pintadas de ambas as partes, e suas franjas e troçaes de seda, que verdadeiramente vêr a não com seus toldos, estandartes e bandeiras, suas sallas e camaras com seus ricos paramentos e ricas camas e concertos, e a nobreza dos fidalgos e damas que nella iam, e os ricos vesti'os que levavam ao modo do mar: e todas as outras policias e abastanças, era cousa espantosa e muito para folgar de vêr e não ousar de escrever.

E os toldos, estandartes e bandeiras das galés que iam concertadas á custa d'El-Rei tambem eram d'esta sorte.

E as outras náos, galeões e caravellas todas com ricos toldos, estandartes e bandeiras, cada um de suas côres e devisas, mui ricos e mui galantes, e de muitas maneiras borlados e entretalhados, e assi todos os toldos dos bateis concertados em tanta maneira, que mais não podia ser. E poucas vezes ou nunca se veria armada em todo tão concertada, porque ainda que se fizessem já outras maiores, com muita parte se não fariam tão ricas, e se fossem ricas, não seriam tão atiladas, e se tão atiladas em alguma cousa não em todas como esta foi, porque gente nunca tal se vio de riqueza e galantaria. E as vellas todas assi grandes como pequenas tão escolheitas e em tudo tão perfeitas que lhe não fallecia nada, os toldos, estandartes e bandeiras, assi d'ellas como dos bateis eram taes que cada uma antes de se verem cuidava que o seu era

melhor que todos, e sem duvida tudo era tal que era razão que o cuidassem e se enganassem comsigo.

A' terça feira seguinte á tarde foi El-Rei e a Rainha, o Principe e os Infantes, e a senhora Infanta D. Izabel e todalas damas e senhores, e os fidalgos que iam a Saboya, e outros muitos á não a vêr a senhora Infanta duqueza. E depois de lá serem houve ahi um grande serão, em que dançaram todolos galantes que com a senhora Infanta iam e outros muitos, que foi uma muito gentil festa por ser feita no mar, e havia para isso na não tamanho logar como em uma boa salla, que verdadeiramente depois de entrar nella eram tão grandes aposentamentos e tão ricos, que pareciam uns bons paços

Durou o serão até cerca da noite que se El-Rei e Rainha e o Priucipe e todos se vieram. O mar era cheio de bateis mui ataviados, assi os da armada como outros de gente que ia vêr. E todalas náos, galés e outros navios com seus toldos, estandartes e bandeiras: e a artelharia que tirava era tanta e tão grossa que havia homem receio de perigo, por estarem tão perto uns dos outros. Este dia foi muito para folgar de vêr por ser tudo feito no mar, e por os muitos e mui ricos vestidos que todolos da armada levavam, que de mui custosos e mui galantes não se podia mais fazer.

A quarta feira se passou toda em os senhores e senhoras e muitas donas e pessoas principaes irem beijar a mão á senhora Infanta e despidirem-se d'ella, e assi das senhoras e damas que com ella iam, com quanto era tempo de tão grandes festas, as lagrimas que com saudade choravam eram tantas que mais não poderam ser se fôra tempo de nojo; e no Principe nosso senhor se vio bem o grande amor que tinha á senhora Infanta sua irmã, por que todolos dias que no mar esteve nunca deixou de estar com ella, e ante

manhã se ia para a não e lá comia e estava sempre : e quando se vinha era tão tarde que a senhora Infanta se recolhia logo para dormir: e os senhores Infantes todos iam sempre á não, e estavam lá todo o dia com ella: e El-Rei nosso senhor se a não ia vêr tantas vezes era por não amostrar a grande saudade que d'ella havia, que pelo grande bem que lhe queria a não podia encobrir. Nesta tarde de quarta feira e na noite se fizeram todos prestes para poderem partir.

A quinta feira pela manhã ás oito horas a não da senhora Infanta deu a vella, e com ella todalas náos, galés, galeões e caravellas que com ella iam, e outras muitas da cidade que acompanhavam até sahir de foz em fora, que era muito formosa e bem saudosa cousa para vêr como todas iam, a muita artelharia que tirava e a soma das charamelas e sacabuxas, trombetas, atambores e outros muitos estromentos que tangeriam. Foram assi todas juntas até de frente de Nossa Senhora de Belem, onde deitaram ancora e a salvaram com muita e muito grossa artelharia e muitos tangeres. E o Principe nosso senhor e os Infantes seus irmãos iam na não com a senhora Infanta duqueza, e El-Rei e a Rainha e a Infanta D. Izabel a foram vêr partir de um baluarte grande que está metido no mar, e estiveram todos tres sós com muito grande saudade, muitos suspiros e lagrimas, com os olhos sempre na não até que a viram deitar ancora.

Como foram ancoradas as galés se tornaram logo á cidade para El-Rei nosso senhor ir nellas a vêr a senhora Infanta. E como a Rainha nossa senhora o soube a quiz tambem ir vêr, sendo já d'ella despedida, que verdadeiramente Sua Alteza mostrou em tudo tão grande e verdadeiro amor á Senhora Infanta que mais não podia ser sendo sua propria filha. E como acabaram de comer El-Rei e a Rainha nossa

senhora e a Infanta D. Izabel, se foram logo á galé capitania, e com elles todalas damas e muitos senhores, e nas outras galés e bateis muitos fidalgos e outra muita gente. Foram a Restello onde a Senhora Infanta duqueza estava, e por o mar andar ha pouco alevantado a Rainha Nossa Senhora e a Senhora Infanta não poderam entrar na não nem sahir da galé. El-Rei nosso senhor entrou e foi vêr a Senhora Infanta sua filha, e esteve com ella um bom espaço só em sua camara falando ambos, e acabado lhe deitou a sua benção, e com muita saudade e grandissimo amor se despediu d'ella, e assi o Principe nosso senhor, e os senhores Infantes seus irmãos que com ella estavam todos, e se vieram á galé, e a Senhora Infanta duqueza chegou a uma janela da não da camara onde estava, desde ahí vio a Rainha e a Infanta sua irmã, e com muitas lagrimas e soluços e grandissima saudade se despediu d'ella, e acabado El-Rei nosso senhor com todos se veio para a cidade, onde chegaram bem tarde.

Logo ao outro dia sexta feira pela manhã a não da Senhora Infanta e todalas outras deram á vela para fazerem sua viagem, e passaram pela torre e fortaleza de Restello que foi espantosa cousa para vêr a artilharia que tirou, e por o tempo não servir deitaram ancora ahí perto.

E ao sabbado pela manhã dia de S. Lourenço, dez dias do dito mez de Agosto do dito anno de mil e quinhentos e vinte e um annos, a Senhora Infanta com toda a frota de sua armada partio, e sahio de foz em fóra e fez sua viagem. Que prazerá a Nosso Senhor Deus ser tanto por seu bem e descanso, quanto El-Rei seu pae e a Senhora Rainha, o Principe, os Infantes seus irmãos, e ella mesma desejam, e todos desejamos. Amen.

LAUS DEO

MISCELLANEA

DE

GARCIA DE RESENDE

E

*Variedade de historias, costumes, casos e cousas
que em seu tempo aconteceram*

PROLOGO

SENHOR,

As perdas, nojos, doenças
e fortunas tem remedio;
mas quem deixa perder tempo,
nunca o mais pode cobrar.
Eu, n'aqueste em que me vi
descontente, e ocioso,
e fóra de occupaões,
não de paixões e cuidados,
me occupei em cuidar
e recolher á memoria
as muitas e grandes cousas
que em nossos dias passaram,
e as novas novidades,

grandes acontecimentos,
e desvairadas mudanças
de vidas e de costumes:
tantos começos e cabos,
tanto andar desandar,
tanto subir e descer,
tantas voltas más e boas,
tanto fazer, desfazer,
tanto dar, tanto tomar,
tantas mortes, tantas guerras,
tão poucas vidas e pazes,
tanto ter, tanto não ter,
tantos descontentamentos,
tantas e vãs esperanças,
tanto mal, tão pouco bem,
tanto favor, desfavor,
tanto valer, desvaler,
tanto prazer, tantos nojos,
tão pouco dar por virtudes,
tantos falsos e mentiras,
tão pouca fé e verdade,
tantos soberbos e baixos,
tanto saber sem dar fructo,
tantos simples e errados,
tão poucos os que acertam,
tantos serviços em vão,
tanto medrar sem servir,
tanto soltar e prender,
tantos enganos e modos,
tanto, bons sem galardão,
e tantos maus sem castigo,
conselhos sem caridade,
ingratidão sem razão,
cobiças, pouco amor,
e amisades fingidas;

tão perseguida a igreja
de christãos mais que de mouros,
tanto trabalhar por vida,
tão pouco por bem morrer,
tantos avaros tyrannos,
tantos cuidados do mundo,
tantos descuidos de Deus
por cousas que hão de acabar !

E quem verdadeiramente
estas todas bem sentir,
verá que, em muitos tempos,
nunca taes aconteceram.

Quando, senhor, me lembrou
tamanho numero d'ellas,
e tão grande esquecimento,
que poucas vêmos escriptas,
me pareceu que erraria
não as pôr em lembrança,
e tambem outras, pequenas,
que são dignas de notar.

E tanto foi o desejo
que tive de o fazer,
que me esqueceu de quão pouca
sufficiencia tinha.

E, porque tamanhos casos
me fizeram ter em pouco
quanto o mundo agora póde,
e quanto póde poder,
determinei de soffrer,
de ouvir antes glosadores,
que deixar escurecido
o que devia ser claro.

E pois muitos gostam vêr
livros, fabulas antigas,
a que, por auctoridade

dos escriptores, dão fé;
muito mais devem folgar
de lêr estas que, tão certo,
todos sabem, e alguns viram,
e esquecidas estavam.
Mas a natureza é tal,
que poucos querem ouvir,
nem aprender, nem saber
cousas certas, nem verdades;
e mais, vendo esta obra
escripta por quem carece
de linguagem, de doçura,
de saber, graça, eloquencia,
e em estilo tão baixo
que, se Vossa Alteza só
com seu favor lhe não vale,
bem em vão foi meu trabalho.

(Começa a obra)

Vimos taes cousas passar,
em nosso tempo e idade,
que, se se ouviram contar,
por mentira e vaidade
se houveram de julgar.
E pois as temos sabidas,
e estão tão esquecidas
que não lembram a ninguem,
veja Vossa Alteza bem
que vimos em nossas vidas.

Vimos o turco tomar
grão parte da christandade, ⁽¹⁾

(1) O imperio de Constantinopla e o de Trebisonda, e, dizem, que vinte e oito reinos.

muitos mouros subjugar;
vemos seu senhorear
sem ter contrariedade :
tem dois imperios ganhados
e muitos reinos tomados.
Herodes, por derradeiro,
faz justiça por inteiro
aos mores mais castigados.

Cousas muito de espantar,
tomando Rhodes, passou.
Deixo quanto hi conquistou,
mas terra assim faz juntar
que mais que os muros alcançou.
D'ali dentro lhe lançavam
quantos mortos lhe matavam
e de peste lhe morriam,
e fumos que assim fediam
que os de dentro se afogavam.

E' mui grão conquistador,
tem gran fórma de vaidade
que, se lhe dá por vontade
com quantos tem com favor,
deixa em sua liberdade,
aos que toma pelejando
mata-os, nunca deixando
cousa viva no logar :
isto lhe faz conservar
tantas terras, tanto mando.

Elle só, tem maior renda
que os reis da christandade ;
paga junta, sem contenda,
trazida sua fazenda

com muita seguridade,
tem quatorze contos d'ouro
que mette em seu thesouro
cada anno, sem minguar peça ;
todos pagam, por cabeça,
o christão, judeu e mouro.

Por culpa dos reis christãos
se faz tão grande senhor
que não pode ser maior,
pois não tem para elle mãos,
nem, entre si, paz e amor.
São homicidas no mal
que faz, salvo Portugal
que, por ser tão desviado,
a um mal tão mal olhado
não pode valer, nem val,

Que, já sendo mais a geito
tal empreza, da que jaz,
elle a tomara a peito
como em Africa tem feito,
e continuo em Asia faz,
e toma villas, cidades,
reinos e communidades,
com victoriosa mão.
Este é vero christão
por seu esforço e bondades.

Constantinopla fundou
imperador Constantino,
filho de Helena, que achou
o lenho santo, divino,
da cruz que Deus nos salvou.
Do imperador, coitado,

Constantino era chamado
e mãe também, Helena,
que o imperio, com grão pena,
perdeu, e foi degolado.

E vimos o Timorlão
com grandissimo poder
tão grão senhor se fazer,
que tinha da sua mão
reis grandes, a seu querer.
Vimos sua crueldade,
grão týrannia, maldade,
subir em tão grande estado,
que era de muitos chamado
— Açoute da christandade.

O grão cão também mandou
grandes gentes, muitas terras,
vimos quanto prosperou
e quantos desbaratou,
e muitas, e grandes guerras ;
como foi obedecido
de tantos, e tão subido,
tão temido, e acatado ;
em breve tempo acabado
foi, e já não é sabido.

E vimos, por eleição,
como papa se eleger,
por vezes, o grão soldão ;
de renegado, christão
se havia de fazer.

Quantos christãos renegaram
nossa fé, e se lançaram
no Cairo, com vaidade
de alcançar tal dignidade
e as almas condemnaram !

Vimos tambem levantar,
sem ninguem, senão por si,
o xeque Ismail-Sophi,
e por amor ajuntar
gente mais que nunca ouvi :
d'este mais attento fallo,
duzentos mil de cavallo
traz, e muitos reis comsigo ;
é dos seus tão grande amigo,
que o mais que é muito callo.

Vimos o mui poderoso
rei de Napoles e Aragão
Dom Affonso, virtuoso,
catholico e grandioso,
de mui real condição,
em nobreza nomeado,
em esforço signalado,
prudente, grão vencedor,
humano, mercedor
de ser entre reis louvado.

Tão grandes feitos fazer
vimos em França a Pucella,
que não são cousas de crêr
nem se viram antes d'ella,
nem cuido que se hão de vêr.

Em dois annos, de um villão
vimos duque de Milão,
pessoa mui singular,
prosperamente acabar
esforçado grão capitão.

Vimos seu filho, que herdou,
que foi duque Galeaço,
que João André deshonorou,
de que João André tomou
a vingança em breve espaço:
na Sé, beijando-lhe a mão,
lhe deu uma petição,
e, em a lendo, tirou
de uma adaga, e o matou,
e cumpriu sua tenção.

Ludovico, seu irmão,
seus filhos, mandou matar
com peçonha, por herdar;
foi duque com tal acção.
Vimol-o mal acabar,
que el-rei de França o prendeu
e em gaiola o metteu
de ferro forte, e fechado,
onde esteve deshonorado,
e assim preso morreu.

Vimos que um cavalleiro,
de Alcantra commendador, ⁽¹⁾.
por lhe, o mestre-maior
em umas canas e terreiro,
fazer um só desfavor,

(1) D. Affonso de Monroy, mestre d'Alcantara.

contra o mestre se ergueu
e em batalha o venceu,
o mestrado lhe tomou
e por mestre se alçou,
mestre foi, mestre morreu.

O mestre tão grão privado
que Castella assim mandou, ⁽¹⁾
condestavel prosperado
que tanto senhoreou,
vimos morto, degolado:
e tambem em Portugal
vimos outro caso tal,
em outro mui grão senhor, ⁽²⁾
de tal poder e valor
que não tinha seu igual.

Mui poderoso e servido
el-rei D. Henrique era,
mui grão rico, mui querido:
fôra mui obedecido
se governar se soubera.
Mas vimos-lhe tanto dar,
e tanto deixar tomar
os grandes toda Castella,
que elles eram os reis d'ella...
elle sem ter que reinar!

Vimos seu irmão mais moço
por rei ser alevantado,
dos grandes mui aguardado,
todo o reino em alvoroço,
e el-rei mal acatado.

⁽¹⁾ D. Alvaro de Luna.

⁽²⁾ D. Fernando, duque de Bragança.

Vimos este grande estado
mui asinha derribado,
e sem porquê, sem vergonha,
o mataram com peçonha
antes de um anno acabado.

Vimos el-rei D. Fernando,
rei de Secilia, e mais não,
ser tão grande capitão
e crescer tanto seu mando
que ganhou logo Aragão,
depois Castella e Leão,
com guerras e divisão
Granada e Napoles também,
e Navarra, e em Tremecem
tomou villas e Orão.

Este foi o que lançou
os judeus e mouros fóra
de Castella, e ordenou
inquisição, e formou
a irmandade té agora;
e tomou os tres mestrados
para si, e os estados
dos mui grandes abaixou;
os reinos pacificou,
que achou mui levantados.

E vimos a poderosa
rainha Dona Isabel
tão prudente, virtuosa,
tão real, tão grandiosa,
governar bem, por livél.
Bem tivera que fallar
de mulher tão singular,

que não foi tal, ha mil annos,
rainha dos castelhanos,
muito digna de louvar.

E vimos el-rei Luiz
de França, muito mal quisto,
crú, avaro, mui previsto,
fazendo quanto mal quiz,
morrer bem velho foi visto :
e seu filho mui amado,
grão liberal, esforçado,
Carlos, virtuoso, humano, ⁽¹⁾
com tres filhos, em um anno,
morreu moço, mallogrado.

El-rei Dom Affonso andou
seis vezes fóra da terra ; ⁽²⁾
Castella, Fez, conquistou,
em batalhas pelejou,
seu sogro matou em guerra :
depois veio, e morreu
na casa em que nasceu
em Cintra, onde acabou
seus trabalhos, e deixou
grão filho, que succedeu.

Vimos el-rei Dom João
mui christão, mui esforçado,

(1) Elle e tres filhos morreram juntos em um anno, e ficou o reino a el-rei Luiz, seu primo.

(2) Quando tomou Alcacer Ceguer. Quando lá tornou outra vez. Foi a N. S. de Guadalupe a vêr-se com el-rei D. Henrique. Foi tomar Arzilla e Tanger. Entrou em Castella. Foi a França.

virtuoso em perfeição,
no mundo mui estimado,
de mui gran veneração ;
de seus povos mui querido
e dos grandes mui temido,
que eram contr'elle ajuntados,
os quaes vimos justigados
e elle por santo havido.

Tinha livro em que escrevia
serviços, merecimentos,
e nunca distribuia
sem vêr a quem mais devia
e os mais justos e isentos ;
muitas vezes deu officios,
commendas e beneficios,
a homens mui descuidados,
e d'elle mui alongados
por serem bons e servicios.

Vimos as festas reaes
que em Evora foram feitas, ⁽¹⁾
não se viram outras taes,
tão ricas, nem tão perfeitas,
nem gastos tão desiguaes :
que multidão de brocados,
chaparias e borlados !
que justas, momos, torneios !
que touros, canas, que arreios !
que banquetes esmerados !

E que sala da madeira,
que ficará por memoria !

(1) No anno 1490.

real em tanta maneira,
de perfeição tão inteira,
de tanta mundana gloria!
touros inteiros assados!
nau, bateis, apendoados
por engenho n'ella entravam
entremezes que espantavam,
uns idos, outros entrados.

Que rainha! que grão rei!
que principe singular!
princeza, damas sem par!
e dos nobres que direi?
do seu amor, do gostar,
das mercês que El-Rei fazia?
Dos povos quanta alegria?
como tudo pereceu!
que triste morte morreu
o principe em um só dia!

Era de dezaseis annos
e casado de oito mezes,
perfeito entre os mundanos,
mui quisto dos castelhanos,
descanço dos portuguezes.
Uma triste terça feira, ⁽¹⁾
Correndo uma carreira
em um cavallo, caiu;
Nunca fallou, nem buliu,
E morreu d'esta maneira.

Por sua gran formosura
foi no mundo nomeado,

(1) No anno 1491, a 13 de julho.

angelica creatura!
nunca foi tal desventura
nem principe tão amado.
Em Castella e Portugal
foi tão sentido seu mal,
tão chorado em toda Hespanha,
que foi tristeza tamanha
que se não viu outra tal.

Vi a princeza tornar
bem a revez do que veio,
cousa muito de espantar
tão grão pressa, tal mudar
do tempo, tão grão rodeio:
entrou a mais triumphosa,
mais real, mais grandiosa,
que nunca se viu entrada;
saiu mui desesperada,
mui triste, mui chorosa.

Entrou com mil alegrias,
saiu com grandes tristezas,
tanto ouro e pedrarias
não se viu em nossos dias,
nem taes gastos, taes riquezas:
às galantes invenções
se tornaram em paixões,
os brocados em sayal,
o prazer grande, geral,
em nojos, lamentações.

Vimos Portugal, Castella,
quatro vezes ajuntados, ⁽¹⁾

(1) El-Rei D. Affonso; o principe D. Affonso; o rei D. Manuel; o principe D. Miguel.

por casamentos liados;
príncipe natural d'ella
que herdava todos reinados,
todos vimos fallecer,
em breve tempo morrer
e nenhum durou tres annos;
portuguezes, castelhanos,
já os quer Deus juntos vêr.

Príncipes da Christandade,
duques, imperador, reis,
vemos de pouca idade ⁽¹⁾
e com muita auctoridade
governar por suas leis;
todos quantos elles são,
na melhor idade estão,
na maior força da vida:
Deus lh'a dê muito comprida
e, em tudo, perfeição.

Vimos em Bruges prender
el-rei Maximiliano
toda a cidade, por crêr
que lhe queria fazer
com sua gente algum damno:
muitos dos seus degolaram
e a elle não ousaram,
por vir logo com rigor
seu pae, o imperador;
com medo seu o soltaram.

(1) No anno de 1536, nem os duques, o imperador, nem rei
algun da christandade chegava a cincoenta annos.

Vimos a guerra de Gaada,
(nunca se viu outra tal)
a gran rainha, esmerada, ⁽¹⁾
de damas acompanhada
andava no arrayal :
assim, ás pelejas ia,
a quem vantagens fazia
dava logo galardão ;
Entre as damas, no serão,
mercês, honras recebia.

Quem não seria valente,
d'esforçado coração,
estando sempre presente
rainha tão excellente,
damas de gran perfeição.
A rainha, só, tomou
Graada, e ella ganhou
a honra de tal victoria :
ella merece mais gloria
que quem muito pelejou.

Tambem os mouros fizeram
muitas e grandes finezas,
muito grandes gentilezas,
e se o reino perderam
não foi por suas fraquezas.
Um só quiz a el-rei matar,
como Scevola foi errar, ⁽²⁾
outros muitos signalados

⁽¹⁾ A rainha D. Isabel.

⁽²⁾ Foi ferir o sr. D. Alvaro de Portugal, cuidando que era El-Rei.

foram taes, tão arriscados,
que são dignos de louvar.

Um foi salvar os meninos ⁽¹⁾
porque corriam os mouros,
outros, namorados finos,
de hora, de fama dinos,
em esforço leões e touros,
Cohim foram descercar,
por suas damas lá estar ;
e diziam mui inteiros:
por mingua de cavalleiros
não se ha Graada de tomar.

Vimos a el-rei Duarte
de Inglaterra um só irmão,
bom, virtuoso que forte,
leal, sem manha, sem arte,
de singular condição,
tão bemquisto, tão amado,
que el-rei, de desconfiado,
com medo, lhe levantou
que era traidor, e o matou
em uma pipa afogado.

Vimos a côrte e folgar
que o papa Alexandre teve,
e o filho seu mandar,
seu vencer e triumphar
que n'esse tempo susteve:
matou o duque de Gandia, ⁽²⁾
senhores de senhoria,

⁽¹⁾ O alcaide de Beçafazerim.

⁽²⁾ O duque Valentino.

quantas terras que tomou,
Como tão cedo acabou
preso, e morto sem valia.

Os reis d'Escocia e Hungria
vimos mortos em batalha,
o duque Charles, de um dia
de quem França medo havia,
foi morto com gran mortalha. ⁽¹⁾
Napoles, tão triumphante,
tão linda, tão abastante,
vimos assim destruida,
que é toda consumida
sem lembrar o que foi ante.

E vimos em Santarem
dois principes nomeados
Affonsos, os paes tambem
ambos Joannes chamados, ⁽²⁾
não em um tempo porém;
é cousa para não crêr,
virem ambos a morrer
no mez de Julho, e um dia,
nos quaes tempos não havia
mais filho que succeder.

El-rei D. Manuel era
filho mais moço do infante,
teve por divisa esphera,
esperou, foi tanto avante

⁽¹⁾ O duque de Borgonha.

⁽²⁾ El-rei D. João II, el-rei D. João III, nosso senhor, e os
filhos, ambos Affonsos.

quanto sua honra prospera :
é muito para espantar
que, por elle vir herdar,
seis herdeiros falleceram, ⁽¹⁾
os quaes todos houveram,
antes d'elle, de reinar.

Rei e principe se viu
de Castella, e lá andou, ⁽²⁾
de ha pouco descobriu
a India e a tomou
como todo o mundo ouviu ;
tomando reinos e terras
por mui guerreadas guerras,
ganhando toda a riqueza
do Soldão e de Veneza,
subjugando mares, serras.

Vimos-lhe fazer Belem
com a gran torre no mar,
as casas do almazem
com armaria sem par
fez só el-rei que Deus tem :
vimos seu edificar,
no reino fazer alçar
paços, egrejas, mosteiros,
grandes, povos, cavalleiros,
vi o reino renovar.

Outro mundo encoberto
vimos então descobrir, ⁽³⁾

⁽¹⁾ El-rei D. João, a infanta D. Joanna, o principe D. Affonso, e tres irmãos seus, mais velhos que el-rei

⁽²⁾ Foi jurado em Toledo no anno de 1498.

⁽³⁾ Pelo conde almirante, D. Vasco da Gama.

que se tinha por incerto;
pasma homem de ouvir
o que sabe muito certo,
que cousas tão grandes são
as da India e Lucatão,
e quão na China espantosas;
que façanhas façanhosas
no Brazil e Perú vão!

N'isto, que posso dizer
que não seja tudo dito?
tambem não posso escrever
taes cousas, sem se fazer
um processo infinito:
que grandes povoações!
que grandes navegações!
que grandes reis! que riquezas!
que costumes! que estranhesas!
que gentes, e que nações!

Por não parecer a alguém
que são a mim encobertas,
escondidas, e incertas,
contarei das que sei bem
que são publicas, abertas:
muitas são de admiração,
sem ordem, regra, razão,
sem fundamento, verdade,
senão costume, vontade,
natureza e condição.

E começo em Guiné
e Manicongo, por ter
costume de se comer
uns a outros, como é

mui notorio se fazer ;
compram homens como gados,
escolhidos, bem criados,
e matam-os regateiras,
e cozidos em caldeiras
os comem, tambem assados.

Por muito mais saborosa
carne das carnes a teem,
por melhor e mais gostosa,
mais tenra, doce, cheirosa,
que quantas na terra veem ;
nos que trazem a matar
não ha chorar, nem fallar,
mas como mansos cordeiros
ou ovelhas, ou carneiros,
se deixam despedaçar.

O conde anda lá cingido
com uma pelle de carneiro,
e por isso é conhecido ;
o duque traz guarnecido
um rabo de cavallo inteiro ;
se parecer cousa estranha,
em Italia, França, Hespanha,
por pelles são conhecidos
de pergaminho, e sabidos,
e tambem em Allemanha.

Em Benim, de antigamente
tem por costume, por lei,
matarem da nobre gente
e principal, que é presente
quando quer que morre o rei,
para lá o acompanhar

no outro mundo, e estarem
com elle sempre presentes;
e assim morrem contentes,
sem as vidas estimarem.

Disse ao rei um feiticeiro
que seu pae guerra fazia
no outro mundo, e queria
gente que fosse primeiro
e mais da que elle pedia;
quinze mil homens juntou,
degolar todos mandou
em um poço, por juntos irem
e a seu pae acudirem,
e d'esta arte lh'os mandou.

Uns aos outros se vendem,
e ha muitos mercadores
que n'isso sómente entendem,
e os enganam, e prendem,
e trazem os tratadores;
muitos se vendem na terra
se tem uns com outros guerra,
servem-se de bestas d'elles
pol-as não haver entr'elles;
a mais terra é chão sem serra.

Vem gran somma a Portugal
cad'anno, tambem ás ilhas,
é cousa que sempre val
e tresdobra o cabedal
em Castella e nas Antilhas:
por a terra ser mui quente
anda nua toda a gente,

descalços todos a pé;
muitos d'elles tem já fé,
tem marfim, ouro excellente.

Tem elefantes pasmosos,
cobras de grande grandura,
lagartos mui espantosos,
gatos d'Algalia cheirosos,
arvores de grande altura,
arroz, inhames, palmeiras,
gatos de muitas maneiras
e papagaios de sortes,
cavallos marinhos fortes,
que andam fóra das ribeiras.

Os do Cabo de Esperança ⁽¹⁾
ferro sobre tudo estimam,
por um dardo ou uma lança
quintaes d'ouro desestimam :
ouro não tomam nas mãos
e hi mataram christãos,
armas, ancoras tomaram,
cadeias d'ouro deixaram
e anneis nos dedos são.

E na India, em general,
ha costumes desvairados,
uns dos outros desviados
tanto como bem e mal
entr'elles mui costumados :
terra bem aventurada,
de grandes dotes dotada,

(1) São bestiaes, e entendem-se por assobios.

não tem peste nem tem fome,
a gente barato come,
vive sã, rica, abastada.

Ha n'ella toda avondança
de maçãs, cravo, canella,
noz, gengibre em abastança
e pimenta de si lança
que se enche o mundo d'ella:
ambar, almiscar, tincal,
lenh'aloës, cordial,
licorne, ruibarbo tem;
quassia, sandalos tambem,
canfor, aguila, e isto tal.

Tem rubis, diamantes taes
que não tem preço ou quantia,
esmeraldas mui reaes
perlas de mui gran valia,
espinellas, e tem mais
carbunculos, amethistas,
turquezas e chrysolithas,
safiras, olhos de gato,
jagonças, de tudo ha trato,
e outras mais que não são ditas.

Tem ouro, prata, brocados
de mil feições mui formosos,
entretalhos e borlados,
muitos e subtis chapados
mui ricos, pouco custosos;
ricas sedas de mil sortes,
alcatifas, chamalotes,
porcellanas, beijoins,
tinabafos, rambotins
delgadissimos e fortes.

Muitos damascos da China,
cofres de rêde dourados,
mesas, leitos marchetados
e mui rica prata fina
de bastiães bem lavrados:
e quanto aljofar tem!
quanta seda de lá vem!
que policias tão pulidas!
riquezas, cousas sabidas
que antes não soube ninguém!

Tem cidades populosas
de grandes povoações
cercadas, fortes, pomposas,
de pedra cal mui lustrosas
casas de mil perfeições;
ha hi outras de madeira
e cobertas de palmeira,
que, se fogo entra n'ellas,
arde tão forte por ellas
que se faz tudo em fogueira.

E' de arroz mui avondada,
trigos, fructas, como cá,
e outras muitas que ha lá;
de peixe, carne, abastada,
tudo barato se dá,
gallinhas são infinitas
e outras aves não ditas
de que avondança tem,
são mui sãos, tem mui bem,
cousas dignas de ser escriptas.

Tem infinitas palmeiras
por suas terras, herdades

de infinitas novidades,
fructos, pannos de maneiras
e de muitas qualidades,
dão vestir, calçar, comer,
agua, vinho que beber,
azeite, assucar, mel,
casas, cordas e papel,
e camas em que jazer.

Ha cannas de grande altura
cheias de agua excellente, ⁽¹⁾
de tres palmos de grossura,
de muito grande grandura,
de que bebe o rei e gente;
e são, pelo pé cortadas,
assim inteiras, levadas
longe por terra, por mar,
sem agua nunca minguar
estão muito conservadas.

Tem elefantes ensinados
de muito grande entender,
em grão preço estimados,
mui forçosos, bem mandados,
que tem como homens saber;
e mui certo se provou
que um elefante fallou,
em Cochim, palavras certas,
claras, altas, descobertas,
do qual se cá fé mandou.

(1) Em Maluco as ha, e teem meia pipa d'agua cada uma.
Gasta-se canudo e canudo.

Tractam ricas pedrarias
são mui grandes mercadores,
tem ricas mercadorias,
drogas, especiarias,
são n'isso mui sabedores :
tractam na terra, no mar,
sabem tudo bem guardar
o que na terra se cria
para quando tem valia ;
por dedos é seu contar.

Querem ouro, prata, cobre,
vermelhão, querem coral,
azougue tambem lá val,
quem tem vinho não vem pobre,
se é de Almada ou Seixal :
não vendem nada alguns mezes
té que vão os portuguezes,
por venderem junto e bem ;
mais modo no tracto tem
que Veneza e Genovezes.

Grandes artificiaes
em tudo mui entendidos,
mui subtis officiaes
de toda sorte e metaes,
mui prestes, muito sabidos ;
baratos, para fallar
vêr ourives trabalhar
um dia por um vintem,
e fazem tudo tão bem
que não ha que melhorar.

São móres volteadores
que nunca foram sabidos,

mui grandes esgrimidores,
archeiros, tresectadores
móres que viram nascidos ;
hão por grande honra engordar
e fazem bem por alargar :
quem me dera lá viver
para por isso valer,
pois que não posso medrar !

E' muito para louvar
as suas navegações
quem nas bem quer esperar,
mui seguro navegar,
dois ventos, duas monções :
vão sempre á pôpa e vem,
grande segurança tem
de virem a salvamento
pela certeza do vento
se os tempos tomam bem.

São gentios e acatam
idolos com grande amor,
ha em alguns tanto fervor
e devoção, que se matam
por sua honra e louvor ;
quando os querem festejar
em grandes carros mostrar
com grandes rodas de ceiro,
muitos vão tomar marteiro
e deixam-se espedaçar.

Deitam-se no chão, tendidos,
os carros passam por elles,
ficam por meio partidos,
da vida e mundo esquecidos

matam-se alli muitos d'elles : ⁽¹⁾.
enganada devoção !
e esta condemnação
e martyrio os tristes tem
por seu mal, não por seu bem,
por sua mór perdição.

E outros vão esgrimando
com os lombos travessados
com ganchos de ferro, alçados
por cordas altas, cantando,
em carros assim levados :
cousas mui duras de crêr,
de contar e descrever,
se não foram tão sabidas,
tão vistas e tão ouvidas
que bem as posso dizer.

Ha hi rei de condição
de quatorze annos reinar,
os quaes, tanto que acabar,
por seu deus, de obrigação,
se ha por si de matar : ⁽²⁾.
perante todos, despido,
em um cadafalso subido,
com facas mui aguçadas
dá per si taes cutiladas
que cae morto, estendido.

Acabado de morrer
logo elegem outro rei,

⁽¹⁾ Em Cambaya.

⁽²⁾ No cabo de Samorim, quando se faz a festa ao seu idolo como jubileu, de quatorze em quatorze annos.

que outro tal ha de fazer
acabados de correr
os annos que tem por lei :
isto se faz em um dia
de muito grande alegria,
de perdões e jubileu,
quando mostram o deus seu
que lhes dá tal ousadia.

Na Java, Narsinga, tem
costume de se matarem
quando morre o rei, tambem
como em Benim, e tomarem
morte sem temer ninguem : ⁽¹⁾
homens por si ás dagadas,
mulheres no mar lançadas,
muitas com pedra ao pescoço,
e queimadas com esforço,
outras vivas soterradas.

E mulheres, por vontade,
quando morrem seus maridos,
com amor e lealdade
se matam com crueldade, ⁽²⁾
seus corpos em pó ardidos :
com seus paes, mães e irmãos,
amigos e cidadãos,
são com grande honra trazidas
da cinta acima despidas,
com joias, anneis nas mãos. ⁽³⁾

(1) Diz que se mataram em Narsinga quinhentas pessoas, porque se matam as mancebas do rei, que são muitas.

(2) Em Narsinga.

(3) E primeiro que se lance no fogo, tira as joias e reparte-as por seus parentes, que teem todos panellas de azeite, que lancam juntamente quando ella se lança.

Está uma gran fogueira
em uma gran cova ardendo,
e ella com verdadeira
vontade, livre e inteira,
anda derredor, dizendo
palavras de obrigação
aos homens, por razão
da morte que toma assi ;
então se lança, por si,
no gran fogo, sem paixão.

E, se não querem morrer
ficam como infamadas,
dos paes e mães desprezadas,
sem as ninguem querer vêr
por baixas e aviltadas ;
mulheres de tal primor
que, por honra e amor
de seus maridos, padecem
tal morte e honra, merecem,
e são dignas de louvor.

Ha outras tão desviadas,
muito perto d'estas taes,
que sendo mui bem casadas,
honradas e abastadas,
são a todos mui geraes : ⁽¹⁾
lançam-se com quantos querem
sem lhe os maridos tolherem
quantos querem escolher,
deixam-lhes tudo fazer
sem lhes nada reprehenderem.

(1) No Malabar.

Como chegam á idade
moças de dez ou onze annos, ⁽¹⁾
as mães, fóra da cidade,
mancebos de autoridade
de linhagem, sem enganar,
buscam, e mandam chamar
para as filhas ensinar,
e, perdida a virgindade,
cada uma tem liberdade
de, a quem mais quer, tomar.

Ha tambem costumes taes
em Pegú, que homens competem
a qual d'elles terá mais,
em seus membros genitais,
cascavéis, onde os mettem
a sua carne cortando,
e, por tempo, se soldando,
ficam dentro entremettidos;
dizem que são mais queridos
das fêmeas, assim usando.

E moças vão prometter ⁽²⁾
a idolos virgindade
e se vão offerecer
e por si mesmas corromper,
em signal de castidade;
em umas lageas polidas,
muito limpas, mui luzidas,
em um corno mui polido,
que no meio está mettido,
se rompem, n'elle subidas.

⁽¹⁾ No Malabar.

⁽²⁾ Em Cambaya.

Differentes maravilhas
de uso e variedade,
que as mães, em tenra idade,
em Mequa cosem as filhas ⁽¹⁾
por guardar a virgindade:
fica a carne tão soldada
que, quando vem ser casada,
com faca se ha de romper,
sem d'outr'arte poder ser
a tal virgem violada.

Ha reis que são costumados
peçonha sempre comerem,
de meninos ensinados,
em mui pequenos bocados, ⁽²⁾
té se n'ella converterem;
e se lh'a dão a comer
não lhe pode empecer,
e se alguém bebe seu vinho,
ou mosca come seu cuspinho,
morre, sem poder viver.

Outros reis não tem cuidados
de reger nem demandar, ⁽³⁾
estão sempre despejados
co' as mulheres criados
sem fazer mais que folgar,
e tem uns governadores
rajás, que são regedores,

⁽¹⁾ Em Massuá.

⁽²⁾ Em Sumatra.

⁽³⁾ Em Sião e Pacer.

tudo mandam : só lhe dão,
aos reis, d'isso razão
como seus superiores.

Os acceitos e privados
que el-rei de Maluco servem,
são todos mui corcovados
de meninos tão quebrados
que as cabeças não erguem;
estes são seus servidores
e vão por embaixadores
a elle os mais acceitos,
não se serve de direitos
em casa, por mais primores.

Os reis de Ormuz não mandavam,
mas os seus governadores
se alguma cousa fallavam
logo lhe os olhos quebravam
por serem sempre senhores:
em uma casa os mettiam
assim cegos, e elegiam
outro rei de sua linha,
o qual nenhum mando tinha
e elles tudo regiam.

Quando foram subjuados,
os de Ormuz de nossas gntes,
foram quinze reis achados
cegos, com os olhos quebrados
por mão de seus presidetes:
o capitão-mór ⁽¹⁾ tomou
todos, e d'ahi os levou

(1) Affonso d'Albuquerque.

a Gôa, onde os teve,
e o rei livre susteve
e seu regedor matou.

Os reis do Malabar,
senhores e nobre gente, ⁽¹⁾,
seus filhos não hão de herdar
por das mães não confiar,
e ha de herdar un parente
filho de irmã, ou de prima
mais chegada; este estima
e declara por herleiro
como filho verdateiro,
os seus todos destina.

Como é por rei alçado
o rei, e obedecido,
é por principe juado
o sobrinho mais hegado,
por herdeiro conhecido;
e como é confirmado
e por filho nomado,
logo o mandam partar
sem na côrte mai entrar
até el-rei ser finalo.

Não mandan embaixadores
reis a reis, gentesa gentes,
nem senhores a snhores,
sem lhe mandarea presentes
por ser bons negociadores;
costumam dar e prestar,
por melhor se apoveitar

(1) Em Calcut.

são mui cheios de respeito,
de interesse e proveito
de adquirir e ajuntar.

Ha lá reis de grão poder,
de grandes gentes e terras,
que sabem mui bem reger
e grandes thesouros ter, ⁽¹⁾
juntos na paz para as guerras;
outros, de menos estados,
porém muito acatados,
e, entre todos, os mouros,
grandes, ricos, com thesouros
em pedraria ajuntados.

Estes fazem imizade
entre indios e christãos,
por que tem autoridade,
ordenam sempre maldade,
lançam pedras, cortam mãos:
quantos casos lá passaram
tudo mouros ordenaram,
como maus, secretamente,
em que morreu muita gente,
muitos d'elles o pagaram.

São tão reverenciados
os fidalgos, dos villãos
tão grandemente acatados,
que, se d'elles são tocados,
são logo mortos ás mãos; ⁽²⁾

⁽¹⁾ Dizem que querem pedraria, porque onde querem ir
levam na mão cem mil ducados.

⁽²⁾ No Malabar.

e quando vem caminhando
hão de vir sempre bradando,
dizendo : 'fastar, 'fastar,
por ninguem a elles chegar
e elles longe se afastando.

E se honrada mulher
a homem vil se abaixar,
seus parentes tem poder
de a matar, qual quizer,
sem ninguem lh'o demandar; ⁽¹⁾
e el-rei, se o souber,
logo a manda vender
por captiva, desterrada;
d'esta sorte é castigada
se acerta de não morrer.

Todos os officiaes
nunca deixam seus officios,
nem hão de subir já mais
que seus avós e seus paes,
nem ter maiores beneficios; ⁽²⁾
e são tão desestimados
os baixos, dos mais honrados,
que, se lh'os virem tocar,
os pode quem quer matar
sem ser por isso accusados.

Ha hi naires, cavalleiros,
como homens de ordenança,
que pelejam por dinheiros,

⁽¹⁾ Em Calecut.

⁽²⁾ Em Calecut e no Malabar.

mui leaes, mui verdadeiros, ⁽¹⁾
mui dextros de trecha e lança
e de adargas e espadas,
e assim ás cutiladas
pelejam até morrer
sem se deixarem vencer;
fazem cousas signaladas.

Ha outros como prelados
que são mui obedecidos
e são bramanes chamados, ⁽²⁾
mui servidos e louvados,
por homens santos havidos;
mostram grande santidade
e ter muita caridade,
carne, pescado, não comem
nem menos em camas dormem,
e tem muita autoridade.

E quem quer ser cavalleiro
não ha de ser sem perigo,
que ha de cortar primeiro
a cabeça d'um inimigo
com esforço verdadeiro, ⁽³⁾
a qual traz, assim cortada,
ao pescoço pendurada;
como isto tem acabado
é cavalleiro, armado
com a sua mesma espada.

Os homens que tem doente
de doença prolongada,

⁽¹⁾ No Malabar.

⁽²⁾ Em Narsinga.

⁽³⁾ Em Maluco.

dizem que o démo é presente,
mettido em baixa gente
que lhe faz não ser curada,
e então mandam matar
cinco ou seis que vão topar, ⁽¹⁾
homens baixos, sem olharem
por isso, nem castigarem,
por o doente sarar.

Em Ceylão tem pendurados ⁽²⁾
seus finados em fumeiros,
e depois de bem seccados
são em casa agasalhados
os corpos assim inteiros :
tem seus paes, mães, descendentes,
e os chegados parentes
em casa juntos, guardados,
muito limpos, mui honrados
os tem sempre assim presentes.

Se morre pae ou irmão,
ou filho, são logo assados,
e comidos com paixão
dos parentes mais chegados,
isto se faz em Sião : ⁽³⁾
dizem que, por mais honrar,
querem em si sepultar
sua carne e natureza ;

(1) Em Maluco, e dizem que, como isto fazem, o enfermo se acha bem.

(2) Na ilha de Ceylão.

(3) Em Siam, como morre o parente. logo o assam todo inteiro, e estando com facas ao redor, chorando, cortam e comem, até ficarem sómente os ossos, que fazem em cinza.

comem-se com gran tristeza,
os ossos mandam queimar.

Os de Coromandel vendem
seus filhos e suas filhas, ⁽¹⁾
por pouco não se arrependem,
nem se estranha, nem defendem
taes erros e maravilhas;
uns por duzentos reaes,
e tresentos é o mais,
maior preço, e quantia
que os dão, e mór valia,
porque os vendem seus paes.

Em Ambonio, e no Brazil,
em Sumatra e Pacer,
e em outras partes mil,
entre nobres, gente vil,
gentios que não tem fé,
uns aos outros se comem
como quer que matam homem,
em peleja ou em guerra,
os de fóra e da terra,
depois de comidos dormem.

Os Celebes, ⁽²⁾ por mostrar
que tem muitos servidores,
mandam ás portas lançar
esterco de homens juntar,
por verem que são senhores;
e quem tem mór quantidade
hão por mór autoridade;

⁽¹⁾ E outros se vão vender a si mesmos.

⁽²⁾ Junto com Maluco.

competem n'isto á porfia,
mais esforço, mór valia,
mais limpeza a sujidade.

No reino de Delhi ha
arvores d'aquesta sorte,
que a raiz é tão má
peçonha que, se se dá
a comer dá logo morte; ⁽¹⁾
a fructa tem tal virtude
que comendo-a dá saude
a todo peçonhentado,
é fructo mui estimado
com que se á peçonha acude.

India grande cousa é,
tem grandes cousas estranhas,
ha n'ella ilhas tamanhas, ⁽²⁾
São Lourenço e Pacer,
como França e as Hespanhas;
tem juntas onze mil ilhas
repartidas por partilhas
entre reis, entre senhores,
pequenas, meãs, maiores,
outras muitas maravilhas.

El-Rei de Narsinga veiu
conquistar o Hidalcão,
trouxe de homens conto e meio,
Hidalcão, sem receio,
com esforço e coração,

(1) A raiz se chama baçaragua, e a fructa mirabexim.

(2) As ilhas Maldivas.

com tresentos mil, que tinha,
foi a elle onde vinha;
dês que ambos se encontraram,
os mais os menos mataram
e venceram mui asinha.

O Hidalcão se salvou
vendo sua perdição,
com mui poucos escapou,
nunca gente se ajuntou
em tão grande multidão;
cavallos, artilheria,
não abasta a fantasia
ao que dizem, escrever,
creia o quem o quizer crêr,
que é cousa de longa via.

Um barbeiro degolou
o grande rei poderoso
de Narsinga, e se alçou
por rei, e por rei ficou, ⁽¹⁾
feito máu e espantoso;
em sua vida reinou
em paz, té que se finou,
e reinou logo apoz elle
este rei que é filho d'elle
que pacifico deixou.

Este é um dos reis do mundo
de mais ouro, e pedraria
tanta, de tão gran valia

(1) O rei era muito malquisto, e os grandes não o podiam matar, porque se guardava, e commetteram ao barbeiro que o matasse, e que o fariam rei, e assim foi.

que não tem cabo nem fundo,
nem se estimar poderia ;
em seu reino tem mais minas
onde se acham pedras finas,
ninguem as pode vender
sem lh'as primeiro trazer,
sob grave pena e doutrinas.

Os grandes, que em côrte estão,
hão de estar sempre no paço,
com medo de traição,
não tem communicação
uns com outros um espaço,
não se podem visitar
uns aos outros, nem fallar
em prazer, nojo, doença,
sem el-rei lhes dar licença,
sob pena de os matar.

Quando quer que vão comer
vão sempre mui apressados,
sem se pederem deter
nem perguntar, responder,
só dos seus acompanhados ;
terra de pouca verdade,
de pouca fidelidade,
pois vivem tão suspeitosos,
temidos, e temerosos,
e cheios de falsidade.

Ainda pudera contar
outras cousas d'outras sortes
que ha na terra e no mar,
differentes no casar,
nos costumes, vidas, mortes,

tambem nos mandos, poder,
em seus nojos e prazer,
em reger e governar,
das quaes, por não enfadar,
muito deixo de escrever.

De indios se nos pegou
tratar e mercadoria,
d'antes não se costumou,
por baixeza se havia,
em alteza se tornou;
a muitos aproveitou,
a outros muitos custou
as fazendas e as vidas,
com muitas naus lá perdidas
muita honra se ganhou.

Vimos Dom Filippe entrar
em Castella, grande, forte,
seu sogro fóra lançar,
bem pouco o vimos durar
e acabar de má morte:
n'esses dias que reinou,
tudo mandou, governou
Dom João Manuel só,
que se desfez como pó,
no que era se tornou.

Vimos el-rei d'Inglaterra
em França com gran poder,
e entrar-lhe em sua terra
el-rei de Escocia, a fazer
com gran gente grande guerra;

vimos sair a rainha ⁽¹⁾
com bem poucos, mui asinha,
e com elle pelejou
e em batalha o matou,
tomou-lhe o reino que tinha.

Vimos alçar branca rosa,
por rei, muitos dos inglezes,
foi cousa maravilhosa
que em dias, e não em mezes,
juntou gente mui formosa;
chamou-se rei natural, ⁽²⁾
a el-rei batalha campal
deu, mas foi desbaratado
e por justiça enforcado,
por acharem não ser tal.

Quinze reis, quinze reinados, ⁽³⁾
vimos já na christandade,
uns dos outros são tomados
por força ou falsidade
em só sete são tornados.
O gran poder do Soldão
e do grande Tamerlão
vimos tomar para si
o turco, e o sophi,
com poder e sem acção.

(1) A rainha, filha de el-rei D. Fernando e da rainha D. Izabel de Castella.

(2) Andou em Portugal este moço, e foi pagem de Pero Vaz Visagudo.

(3) Em França, Castella, Portugal, Inglaterra, Napoles, Aragão, Hungria, Dinamarca, Polonia, Bohemia, Sicilia, Chypre, Escocia, Navarra e rei dos romanos.

Por inveja, por cobiça
de reinar, senhorear,
vimos ordenar Suissa,
antes de guerra inventar
que cada vez mais se atica;
tantos modos de artilheiros,
de minas fazer outeiros,
invenções d'artilharia
foram mais em nossos dias
que em todos tempos primeiros.

Não deixa de haver agora
taes homens com'os passados
mas se são avantajados
são mortos em uma hora
ante de ser afamados;
que a muita artilharia
destrue a cavallaria,
e depois que se usou
nos homens se não fallou
como d'antes se fazia.

Castelhanos e francezes,
allemães, venezianos,
navarros, aragonezes,
napolitanos, inglezes,
romanos, sicilianos,
italianos, milanezes,
suissos e escocezes,
vimos todos batalhar
uns com outros, se matar,
salvo hung'ros e portuguezes.

Estas mui injustas guerras
fazem o turco prosperar

nos mares, campos e serras,
reinos, imperios e terras
tudo ser a seu mandar,
sem os christãos querer vêr
quanto lançam a perder
por se não quererem bem,
nem lembra Jerusalem
que os mouros tem em poder.

Não sei como Deus consente
tantos males cá na terra,
e que morra tanta gente
sem causa e innocente
por mandado de quem erra;
vivem em guerra e contenda
sem haver quem s'arrependa
de quanto mal faz fazer,
nem ha hi satisfazer,
nem corrigir, nem emenda.

Quando dois reis guerra tem
um ha de ter o direito,
o que o tem está bem,
o outro, por ter mau feito,
concerto e paz lhe convém;
se se não quer concertar,
com razão justificar
por cobiça ou contumaz,
quanto mal n'isso se faz
é obrigado pagar.

Vêde que conta dará
a Deus, quando lh'a pedir,
quem com tal cargo se vir;
não sei que razão terá

de repicar, repetir;
conta mui mal tenteada,
mal vista, mal concertada,
má receita, má despeza,
má razão e má defeza,
quitação lhe não é dada.

Guerra digna de louvor,
de perpetua memoria,
de honra, fama, de gloria,
tem el-rei nosso senhor
com muito grande victoria,
com os mouros africanos
e gentios asianos,
turcos, rumes e pagãos,
e muita paz com christãos,
inimigos de tyrannos.

Vimos obras espantosas
que papa Julio fundou,
tão grandes, tão sumptuosas, ⁽¹⁾
sem comparação, famosas
as fez, e as ordenou:
vi São Pêdro começar,
obra tanto de espantar
que outra tal não se sabe,
nem sei papa que o acabe
se o Deus não acabar.

Vimos Chypre em poucos annos
muitos reis n'elle reinar,

(1) Fazia juntamente S. Pedro e as casas para todos os officios, e a varanda de Belvedere, e as obras dos paços, e a fortaleza de Ervito, e outras.

com revoltas, mortes, damnos,
tanto que os venezianos
o vieram governar;
e tanto que governaram
pela rainha, lançaram
mão dos filhos, que metteram
em prisão, os esconderam,
e com o reino se alçaram.

O maior rei de Ethiopia,
de Manicongo chamado,
vimos christão ser tornado ⁽¹⁾
e com elle grande copia
de gente de seu reinado:
mandou por religiosos
e por frades virtuosos,
que el-rei lhe de cá mandava,
e elle mesmo prégava
nossa fé aos duvidosos.

Os judeus vi cá tornados
todos n'um tempo christãos, ⁽²⁾
os mouros então, lançados
fóra do reino, passados,
e o reino sem pagãos:
vimos synogas, mesquitas,
em que sempre eram ditas
e prégadas heresias,
tornadas, em nossos dias,
igrejas santas, bemditas.

⁽¹⁾ El-rei D. João II, no anno de 1491, dia de Santa Cruz de Maio.

⁽²⁾ No anno de 1497, por el-rei D. Manuel.

Vimos a destruição
dos judeus tristes, errados,
que de Castella lançados
foram, com gran maldição
ao reino de Fez passados;
de mouros foram roubados,
deshonrados, aviltados,
que filhos, filhas e mães
lhe incestavam esses cães,
moças e moços forçados.

Vimos grandes judiarias,
judeus, guinolas e touras,
tambem mouras, mourarias,
seus bailos, galantarias
de muitas formosas mouras;
sempre nas festas reaes
se nos dias principaes
festa le mouros havia,
tambem festa se fazia
que não podia ser mais.

Vi que em Lisboa se alçaram
povo baixo e villãos
contra os novos christãos,
mais de quatro mil mataram
dos que houveram ás mãos: ⁽¹⁾
uns d'elles, vivos queimaram,
meninos despedaçaram,
fizeram grandes cruezas,
grandes roubos e vilezas
em todos quantos acharam.

(1) Azo de Abril de 1506, em dia de Paschoela.

Estando só a cidade
por morrerem muito n'ella,
se fez esta crueldade;
mas el-rei mandou sobr'ella
com mui grande brevidade;
muitos foram justiçados,
quantos acharam culpados,
homens baixos e bargantes,
e dois frades observantes,
vimos por isso queimados.

El-rei teve tanto a mal
a cidade tal fazer,
que o titulo natural
de nobre e sempre leal
lhe tirou e fez perder;
muitos homens castigou
e officios tirou;
depois que Lisboa viu
tudo lhe restituiu
e o titulo lhe tornou.

Um frade pobre, humilhado,
vimos tão alto erguer
que o grão arcebispado
de Toledo lhe foi dado
primeiro de nada ter,
e logo foi cardeal
e senhor tão principal,
governador de Castella,
que morreu como rei d'ella,
tomou Oram sendo tal.

Vimos os grandes estados
que em Castella se fizeram,

tantos duques tão honrados,
tão grandes, tão prosperados,
tanto móres do que eram :
que casas que se juntavam !
que rendas que alcançavam !
Vassalos, villas, riqueza !
Jur'dições, mando, nobreza!
que senhorios herdaram !

Vimos o grão sabedor
D. Henrique de Vilhana,
João de Mena o trovador
no cume, e o primor
do marquez de Santilhana;
que saber, cavallaria,
que honra, que fidalguia,
que grandes filhos deixou, ⁽¹⁾
de que casas os herdou,
de que rendas e valia !

Vimos o mui liberal
grande duque de Sévilha,
assim chamado em geral,
mui quisto, mui principal,
muito nobre á maravilha.
Vimos seu filho herdeiro
com gran gente, gran dinheiro,
por seu rei, por sua fama,
descercar dentro em Alfama
um inimigo verdadeiro.

(1) Os filhos foram o cardeal D. Pero Gonçalez, de que veio o marquez de Cenete, e o duque do Infantado, e o conde de Tendilha, e o conde de Corunha, e dois outros morgados, a saber: D. Inigo e D. Furtado, e deixou seis morgados.

E vimos os dois irmãos,
mestres que tanto mandaram, ⁽¹⁾
Pachecos, que assim medraram
que grandes, povo, meãos,
os mais d'elles governaram;
o moço determinou
de ser rei, e ajuntou
cinco mil lanças passante
para casar com a infante, ⁽²⁾
no caminho se finou.

O mais velho, mais honrado
com contas na mão, e cana,
deixou grandemente herdado
sen filho mui estimado
grande marquez de Vilhana;
quarenta contos herdou
de renda, e mais ficou
com taes villas, tanta terra,
que com el-rei teve guerra
e depois se concertou.

Outro mestre singular
vimos, que é bem que não fique,
sempre vencer, pelejar
com mouros, terras tomar,
foi Dom Rodrigo Manrique;
por seu filho assim dizer
sua vida, e escrever
em estilo tão subido

(1) D. João Pacheco, mestre de Santhiago, o mais velho; e
D. Pedro Giron, mestre d'Alcantara.

(2) D. Izabel, que foi a Rainha poderosa.

e de todos tão sabido,
o deixo eu de fazer.

E vimos a grande empresa
do conde de Ribades, ⁽¹⁾
pela qual el-rei lhe deu
comer com elle á mesa,
tambem o vestido seu;
este valeu tanto em França,
sendo homem de uma lança,
que dez mil lanças mandou
e em Castella alcançou
o que quem tal faz alcança.

Vimos outros tres senhores,
condestavel, almirante,
duque d'Alva ⁽²⁾, servidores
d'el-rei Dom Fernando, môres
nas fortunas que não ante;
em tempo de adversidade
mostraram gran lealdade
por tão singular senhor,
cousa de grande primor,
de esforço, honra, bondade.

Vimos o grão capitão
que tanto honrou Castella, ⁽³⁾
que bondade, que razão,
em tudo que perfeição!

⁽¹⁾ O palanque que fez, em Toledo, é que salvou el-rei.

⁽²⁾ Quando el-rei D. Fernando se foi de Castella para Nápoles, estes tres senhores, sós, seguiram seu partido.

⁽³⁾ O duque D. Gonçalo Fernandes de Aguilar.

outro tal não vimos n'ella.
Que batalhas que venceu,
que senhores que prendeu,
mereceu ter triumphal carro ;
vimos o conde navarro
quem foi, e como se ergueu.

Que honrados cavalleiros
para por si pelejar,
para capitanear,
conselhar, ser verdadeiros,
vimos ha pouco acabar :
ficou tal necessidade
de homens d'esta qualidade,
que, para a India mandar
se não pode um só achar
sem muita difficuldade.

Vimos fallecer na côrte
senhores velhos, honrados, ⁽¹⁾
todos mui apressurados
os vimos levar a morte
sem falla, nem confessados ;
e os outros que isto vem
mui pouca emenda tem,
antes andam tão mundanos
como se fossem seus annos
como de Matusalem.

Vimos bem breves medranças
e outras bem vagarosas,

(1) O marquez de Villa Real, o bispo da Guarda, o bispo de Vizeu, o conde primeiro barão de Alvito, o conde de Monsanto.

vimos já muitas privanças
ficar com vãs esperanças
e outras bem proveitosas,
e vimos a gravidade,
presumpção, autoridade
que os reis dão com favor,
e também seu desfavor
desfaz muita vaidade.

O duque ⁽¹⁾ vimos chegar
a Azamor, logo tomal-o,
vimos sobre elle levar
mais de dois mil de cavallo
tantas leguas sobre o mar,
não ha nenhuma memoria,
nem se escreveu em historia
de tantos cavallos irem
sobre mar tão longe, e virem,
e não fallo da victoria.

Um clerigo, ⁽²⁾ natural
da villa de Alpedrinha,
vimos cá ser cardeal
em pouco tempo, e asinha
cardeal de Portugal;
teve dois arcebispos,
abbadias e bispados,
fez dois irmãos arcebispos,
parentes, amigos, bispos
e criados mui honrados.

⁽¹⁾ D. Jaime, duque de Bragança e de Guimarães.

⁽²⁾ D. Jorge da Costa.

Vi o bispo Dom Garcia,
bispo de taes dois bispados, ⁽¹⁾
que honra, que gran valia,
que grandes mercês fazia
a parentes e chegados;
nas guerras fronteiro-mór,
nas letras grão sabedor,
que casa, que conversar,
como foi triste acabar
com tanta tristeza e dôr!

Vi o viso-rei primeiro
que á India foi mandado, ⁽²⁾
mui valente cavalleiro,
sem cubiça, verdadeiro,
mui sisudo e avisado;
os rumes desbaratou,
com que a India segurou,
tomou Quilôa e Mombaça;
parece cousa de graça
vêr de que morte acabou.

Vimos muito prosperados
Os Almeidas e Menezes,
muitos senhores honrados; ⁽³⁾
tantos irmãos tão prezados
na côrte, e nos arnezes,
tantos condes e prelados,

⁽¹⁾ Bispo d'Evora e da Guarda.

⁽²⁾ D. Francisco de Almeida.

⁽³⁾ O bispo D. Garcia, o conde de Loulé, o conde de Tarouca, o conde de Cantanhede e D. João de Menezes, o bispo de Coimbra, o bispo de Ceuta, o conde de Abrantes, o prior do Crato, o viso-rei e o commendador-mór.

e no reino tão liados,
e capitães tão sabidos,
em quão pouco consumidos
vimos tamanhos estados.

O grão conde de Monsanto ⁽¹⁾
em honra, cavallarria,
em saber, galantaria,
vimos privar, valer tanto,
que a todos precedia;
vimos o conde almirante ⁽²⁾
com tantos medos diante
não receiar, senão ir
té as Indias descobrir:
quanto quiz levou ávante.

Diogo d'Azambuja vi
de muitos mouros cercado,
com poucos, quasi tomado,
sair, e tomar Safi,
foi feito mui signalado;
Malaca, Ormuz e Gôa
tomou, com reis de corôa,
só Affonso de Albuquerque
que não sei com que se merque
uma memoria tão boa,

E vimos tomar Bintão ⁽³⁾
com bombardas assestadas
quatrocentas, e estacadas,

⁽¹⁾ D. Alvaro de Castro.

⁽²⁾ D. Vasco da Gama.

⁽³⁾ Pero Mascarenhas.

e um rei sabedor Cão
e estancias mui armadas ;
e bem cinco mil pagãos
e tão poucos os christãos
que a tresentos não chegaram,
e ás lançadas tomaram
a cidade, assim ás mãos.

Dois reis na India matar
Jorge de Albuquerque ouvi,
em Malaca um degolar,
o de Pacer lancear,
e agora anda por li :
vimos Duarte Brandão,
tão valente capitão
e valor tanto na guerra,
em o reino de Inglaterra,
que honrou a geração.

Vimos outros, que pudera
escrever o que tem feito,
de que louvores dera
muito grandes, se quizera,
mas chamaram-me suspeito :
tambem por não aggravar
uns, e outros contentar,
não quero louvar presentes
pelos inconvenientes
que n'isso podem entrar.

Se fallara dos passados
dignos de grandes memorias,
capitães tão esmerados
de feitos tão signalados,
fizera grandes historias,

as quaes deixo de fazer
pois ninguem não quer dizer
louvores de Portugal,
que fôra feito immortal
se honvera quem escrever.

As terças da clerezia
vimos papa Leão dar
a el-rei, para gastar
na conquista que fazia, ⁽¹⁾
vimol-as el-rei soltar,
dar-lhe igrejas, mosteiros,
para dar a cavalleiros
encommendas, se servissem
na santa guerra, e cumprissem
dois e quatro annos inteiros.

Tres rainhas ajuntadas
vimos em Lisboa estar
vinte oito annos socegadas, ⁽²⁾
poucas vezes espalhadas
se a peste dava logar :
a que viuvou primeiro
é viva por derradeiro,
vi tres mortas antes d'ella,
outra tornada a Castella
com joias e com dinheiro.

Vimos costume bem chão
nos reis ter esta maneira,

⁽¹⁾ No anno de 1514.

⁽²⁾ A rainha D. Joanna, excellente senhora, a rainha D. Leonor, a rainha e princeza, a rainha D. Maria, a rainha D. Leonor irmã do imperador.

corpo de Deus, São João,
haver canas, procissão,
aos domingos carreira,
cavalgar pela cidade
com muita solemnidade,
vêr correr, saltar, lutar,
dançar, caçar, montear,
em seus tempos e idade.

Quando os principes saíam
dias santos, cavalgavam,
todos seus povos os viam,
elles viam e ouviam
todos quantos lhe fallavam.
Ninguem pode ser querido
de quem não é conhecido,
que os olhos hão de olhar
para o coração amar
o que tem visto e sabido.

Mui prezada e estimada
vimos a gineta ser,
de estrangeiros mui louvada,
tão rica, tão atilada,
que era muito para vêr ;
de granadins, de africanos,
de andaluzes, castelhanos,
era Portugal o cume,
agora, por mau costume,
se perdeu em poucos annos.

Vimos cadeias, collares,
ricos tecidos, espadas,
cintos, e cintas lavradas,

punhaes, borlas, alamares,
muitas cousas esmaltadas;
arreios, quanto lustravam,
duravam muito e honravam
só com vestidos frisados,
com taes peças arraiados
os galantes muito andavam.

Agora vemos capinhas,
muito curtos pelotinhos,
golpinhos e sapatinhos,
fundas pequenas, mulinhas,
gibõesinhos, barretinhos;
estreitas cabeçadinhas,
pequenas nominasinhas,
estreitinhas guarnições,
e muitas mais invenções
pois que tudo são cousinhas.

E vimos em nossos dias
a letra de fôrma achada, ⁽¹⁾
com que, a cada passada,
crescem tantas livrarias
e a sciencia é augmentada;
tem Allemanha louvor
por d'ella ser o auctor
d'aquella cousa tão digna,
outros affirmam na China
o primeiro inventor.

Outro mundo nóvo vimos
por nossa gente se achar, ⁽²⁾

⁽¹⁾ Achou-se em Allemanha.

⁽²⁾ Descobriu-o o conde da Vidigueira.

e o nosso navegar
tão grande, que descobrimos
cinco mil leguas por mar ;
e vimos minas reaes
de oiro e d'outros metaes
no reino se descobrir ;
• mais que nunca vi subir
engenho de officiaes.

Vimos rir, vimos folgar,
vimos cousas de prazer,
vimos zombar, apodar,
motejar, vimos trovar
trovas que eram para lêr ;
vimos homens estimados
por manhas avantajados,
vimos damas mui formosas,
mui discretas e manhosas,
e galantes afamados.

E depois vimos cuidados,
paixões, descontentamentos,
muitos malenconisados,
muitos sem causa aggravados,
sobejos requerimentos ;
vimos desagradecidos,
vimos outros esquecidos
que deviam de lembrar,
vimos muito pouco dar
pelos desfavorecidos.

Vimos tambem ordenar
a misericordia santa, ⁽¹⁾

(1) Ordenada pela rainha D. Leonor, e instituida por seu irmão el-rei D. Manuel no anno de 1499.

cousa de tanto louvar
que não sei quem não se espanta
de mais cedo não se achar :
soccorre a encarcerados,
e conforta os justificados,
a pobres dá de comer,
muitos ajuda a suster,
os mortos são soterrados.

Musica vimos chegar
á mais alta perfeição,
Sarzedo, Fonte, cantar,
Francisquilho assim juntar,
tanger, cantar, sem razão ;
Arriaga, que tanger !
o cego, que grão saber
nos orgãos, e o Baena,
Badajoz, outros que a penna
deixa agora de escrever.

Pintores, luminadores,
agora no cume estão ;
ourivezes, esculptores,
são mais subteis e melhores
que quantos passados são :
vimos o grão Michael,
Alberto e Raphael,
e em Portugal ha taes,
tão grandes, e naturaes,
que veem quasi ao livél.

E vimos singularmente
fazer representações
de estilo mui eloquente,
de mui novas invenções
e feitas por Gil Vicente ;

elle foi o que inventou
isto cá, e o usou
com mais graça e mais doutrina,
posto que João del Enzina
o pastoril começou.

Lisboa vimos crescer
em povos e em grandeza,
e muito se nobrecer
em edificios, riqueza,
em armas e em poder ;
porto e tracto não ha tal,
a terra não tem igual
nas fructas, nos mantimentos ;
governo, bons regimentos
lhe fallecem, e não al.

Os mais dos governadores
que á India foram mandados,
vi mortos ou accusados,
cavalleiros, sabedores
não vi d'estas escapados ;
os mais são lá soterrados
e os vindos demandados,
sequestradas as fazendas,
uns presos, a outros contendas
e libellos processados.

Vimos muito espalhar
portuguezes no viver,
Brasil, ilhas povoar
e ás Indias ir morar,
natureza lhe esquecer ;
vêmos no reino metter
tantos captivos crescer

e irem-se os naturaes,
que, se assim fôr, serão mais
elles que nós, a meu vêr.

E vimos communicar
el-rei com o Preste João,
embaixadas se mandar
cousa que, n'ella fallar,
parecia admiração ;
vimos cá vir elefantes,
outras bestas semelhantes
trazer da Índia por mar,
por mar as vimos mandar
a Roma mui triumphantes.

E vimos monstros na terra
e no céu grandes signaes,
cousas sobrenaturaes,
grandes prodigios de guerra,
fomes, pestes, cousas taes ;
dizem que em Chypre foi visto
mui grande numero d'isto,
Roma, Milão, outras partes ;
vimos rigromantes artes
que rehedam Antechristo.

Vimos grandes sabedores
mui pouco tempo viver,
sem lh' valer o saber,
Mirandula seus primores
não acabou de escrever ; ⁽¹⁾
e alguns religiosos
em doutrina copiosos

(1) O conde de Mirandula.

vimos, e de autoridade,
mas solapou vaidade
edificios tão pomposos.

Para que se algum cavide
de vangloria, se a tem,
lembre-lhe que vimos bem
a frei João d'Athayde
mais humilde que ninguem,
que viveu tão santamente
que era julgado da gente,
sendo cortezão, por santo,
fez-se frade, foi-o tanto
que fez milagre evidente.

Deixou conde d'Athouguia
e não quiz ser regedor,
deixou rendas, fidalguia,
honras, privança, valia,
por servir Nosso Senbor ;
e quem bem quizer olhar,
é muito pouco deixar
por Deus quanto cá se alcança,
pois a bemaventurança
com isso pode alcançar.

E vimos na christandade
mover grandissima guerra,
muito grande mortandade,
destruida muita terra
com mui grande crueldade ;
e tal batalha passou
que, segundo se affirmou,
quarenta mil pereceram :
os homens alli morreram
e o odio vivo ficou.

Vimos os bons descahidos
e os maus mui levantados,
virtuosos desvalidos,
os sem virtudes cabidos
por meios falsificados,
a prudencia escondida,
a vergonha submettida,
o mentir mui desfaçado,
o saber desestimado,
a falsidade crescida.

A cubiça mui lembrada,
nobreza bem esquecida,
manhas não valerem nada,
devoção desbaratada,
caridade destruida,
os sisudos mal julgados,
sandeus desenvergonhados
valer com seus artificios,
estrangeiros com officios,
e senhores enganados.

Vimos honrar lisongeiros
e folgar com murmurar
e caber mexeriqueiros,
os mentirosos medrar,
desmedrar os verdadeiros;
vimos tambem villania
preceder a fidalguia,
a razão e a vontade,
a franqueza e liberdade
sujeitas da tyrannia.

Vimos moços governar,
e velhos desgovernados,

fracos em armas fallar,
e vimos muitos mandar
que deviam ser mandados;
vimos os bens estorvados,
os males accrescentados,
vimos gentes viverem
com mulher, e os filhos serem
dos beneficios herdados.

Outras simonias callo:
grandes trocas e partidos,
e beneficios vendidos
a taes, que só de fallal-o
escandaliza os ouvidos;
mosteiros mui honrados
de mitra e bago, ordenados
para ter abbades bentos,
vimos, livres e isentos,
dados a homens casados.

Vimos ricos adquirir
riquezas mal ajuntadas,
com mal comer, mal vestir,
sem pagar, restituir,
e com vidas mui cansadas;
trabalham por ajuntar
o que ha cá de ficar
porventura a maus herdeiros,
e thesouros verdadeiros
não querem enthesourar.

Os quaes são: só Deus amar
e guardar seus mandamentos,
esmolar e não peccar,
fazer bem, não contentar
de baixos contentamentos;

jejuns e oração,
lagrimas e contricção,
e confissão verdadeira,
com satisfação inteira
enthesouram salvação.

Estas cousas dão prazer
e riquezas dão cuidado,
estas fazem não temer
terremotos, nem morrer,
e mais viver descansado;
riquezas são más de haver
e muito más de suster,
quem mais tem, maior desejo,
o amor d'ellas sobejo
faz o amor de Deus perder.

Vimos tristezas nas vidas,
nojos, descontentamentos
com mercês distribuidas,
por vontade repartidas
e não por merecimentos;
merecer ser galardão
faz perder a devoção
de virtude, de bondade,
destroço, saber, verdade,
tudo mata a sem razão.

Mui mal se pode soffrer,
com siso nem paciencia,
vêr a uns muito valer
sem esforço, sem saber,
virtudes, nem eloquencia;
e vêr outros, que isto tem
e sempre serviram bem,

viver sempre misterosos,
sem favor, e desgostosos
da gran sem razão que vêem.

Para serem confundidos
os maus, não ha mór certeza
que verem restituidos
os bons, e favorecidos,
isto lhes dá gran tristeza;
pois os maus se entristecem
e com vêr bem aos bons padecem,
que farão os bons por vêr
os maus com honra e poder
e que os bons lhe obedecem?

Cousa é de confusão
vêr os maus permanecer
e os bons com oppressão,
sem ordem nem conclusão,
maus subir e bons descer;
mas quem se consolar
em saber que hão de pagar,
os maus, quanto mal fizeram
e o exemplo que deram
para outros mal obrar.

Vimos mil ordenações
e demandas não cessarem,
vimos malsins e burlões,
vimos más conversações
boas vontades damnarem;
vimos alguns gramponados
em mui pouco prosperados
só com officios ter,
e outros, por dar, vi ser
do que não tinham louvados.

Vimos esterilidades,
pestes e ares não são,
usuras e crueldades ;
vemos comprar novidades
e revendel-as christãos ;
ha hi de Deus pouca lembrança,
pouca fé, muita esperança,
e uma vã presumpção,
bons costumes mortos são,
justiça, posta em balança.

E vimos maus pagadores
dever, sem querer pagar
a quem são devedores,
nem comer, vestir, calçar,
senão de alheios senhores ;
e os mais endividados
folgam, dormem descansados
e vivem sem ter dever
com pagar, nem com morrer,
nem satisfazer criados.

E vimos já lavradores
pagar seus dizimos bem,
pagar bem a seus senhores,
dar-lhe Deus annos melhores
dos que lhes agora vem ;
trigo, cevada, centeio,
furtam quasi de per meio
e deitam terra no pão ;
são tão maus, os que maus são,
que de Deus não tem receio.

Vemos em ladrões fallar,
se os ha não são achados

ou não os querem catar ;
vimos já officios dar
a homens não bem julgados :
poucas vezes vi buscarem
homens bons para lh'os darem ;
vimos com muitos officios
homens de erros e vicios
vimos as partes chamarem.

Um só mau official
que ha em ~~uma~~ cidade
destrue a communitade,
vêde bem se farão mal
muitos d'esta qualidade :
Deus e el-rei não são servidos,
os povos são destruidos,
a policia damnada,
a republica roubada,
e os pobres opprimidos.

Vi grandes perdas no mar
más novidades na terra,
muitas mudanças no ar,
nos verãos, no invernar
vemos já tambem que erra ;
pão, carne, fructas e vinho
e os pescados marinhos,
azeites, e todo o al
se nos vae de Portugal
e não sei por que caminhos.

Vimos os mui comedidos
não lembrarem se nasceram,
e os mui entremettidos
vimos em cousas mettidos
que elles nunca mereceram ;

vimos muito mais valer,
mais medrar, mais rico ser
os mui importunadores
que os grandes servidores
que acertam vergonha ter.

Vemos poucas amisades,
se as ha são com respeitos,
vêmos odios, imisades,
vêmos parcialidades
secretas por seus proveitos;
officiaes e privados
vêmos ser mui aguardados,
mil amigos na bonança,
se lhes fallece a privança
logo são desamparados.

Vimos os escrupulosos
poucas vezes acertar,
e os muito rigorosos
serem pouco piedosos
e mui maus de conversar;
vimos bêbados, gulosos,
tafues e luxuriosos
não olhar mais que o presente,
acabarem pobremente,
entrevados e gcttosos.

Vimos ingratos negar
beneficios recebidos,
cousa para castigar
e cousa para chorar
não serem os taes punidos:
quando Roma prosperava,
por grão crime se accusava,

em juízo, ingratição,
e como gran traição
se punia e castigava.

Vimos os mui confiados
confiarem pouco n'elles
e vimos desconfiados,
brigosos, apaixonados
enfadonhos os mais d'elles ;
vimos os pecos fallar
fóra de tempo e logar,
os sisudos e sabidos
no fallar mui comedidos,
cheios de ouvir e callar.

Vimos muitos ociosos
sem querer nada fazer,
deixar o tempo perder,
e dos bons e virtuosos
não lhes minguar que dizer ;
pelaç praças, pelas ruas,
sem verem as vidas suas
andam vagamundeando,
o tempo mui mal gastando,
e as mãos e linguas cruas.

Vimos os mui suspeitosos
viver sempre com paixão,
e vimos os invejosos,
soturnos, presumptuosos,
de perversa e má nação ;
inveja vem de torpeza
pois que vive com tristeza
por vêr a os outros bem,
e nenhum descanso tem,
tem pezar, dôr e vileza.

Glosadores, maldizentes,
desfazedores de quem
os faz viver, descontentes,
com amigos nem parentes
não tem lei, nem com ninguem ;
vi fracos de coração,
asperos, sem criação,
trabalhar por ter imigos
e deixar perder amigos
por sua má condição.

Vimos os muito ciosos
não viver nem descansar,
pensativos e cuidadosos,
orgulhosos, comichosos,
pelo vento e ar olhar ;
vimos outros descuidados,
folgasões, desenfadados,
começos no atalhar,
depois virem acabar
em deshonorados cuidados.

Em medos e adversidades
vêmos propositos ter
de emendar e correger
as más vidas e maldades
a honesto e bom viver ;
mas como passa o temor
torna tudo a ser peor
por nos a nós tornamos,
e de novo começamos
ter ao mundo mais amor.

Gastos mui demasiados
vêmos nas donas casadas

em joias, pratas lavradas,
perfumes e desfiados,
tapeçarias dobradas;
as conservas, o comer,
vestidos, donzellas ter,
as camas e os estrados;
vimos por vinte cruzados
luvas de coiro vender.

As portuguezas honradas
vimos por deshonra haver
no rosto e face poer
e trazer averdugadas
e tambem vinho beber;
por deshonestas haviam
as que taes coisas faziam,
depois foram tão usadas
todas, que hão que as passadas
nem sabiam nem viviam.

Os portuguezes sohiam
ser nas armas mui destrados,
animosos ser sohiam,
os homens mui delicados
por homens fracos haviam;
não lhes lembrava tratar
nem muito negociar,
eram com pouco contentes,
com amigos e parentes
costumavam de folgar.

Depois foram tão polidos,
tão ricos, tão atilados,
tão doces e tão luzidos
e tão cheios de esmaltados,

cabelleiras e tingidos,
e em gastar desordenados,
e tantos trajos mudados,
tanto mudar de viver,
tanto tratar, revolver,
tanto ser negociados.

Vemos mui antecipadas
as vidas de agora todas,
moços com capas, espadas,
moças com moços casadas
ante tempo fazer bodas;
quem deve ser ensinado
reprehendido, castigado,
muito mal pode ensinar,
casa e filhos governar
se deve ser governado.

Vi soberba nos villãos
e baixeza nos honrados,
vi cubiça nos prelados,
descuido nos anciãos
e desordens nos estados;
vimos mortes apressadas
e vidas mui encurtadas,
doenças não conhecidas
muitas canseiras nas vidas,
poucas vidas descansadas.

Os reis, por acrescentar
as pessoas em valia,
por lhe serviços pagar,
vimos a uns o dom dar
e a outros fidalguia;
já se os reis não hão mister

pois toma dom quem o quer,
e armas nobres tambem
toma quem armas não tem,
e dá o dom a mulher.

Vi muitos matos romper,
grandes paúles abertos,
muitas herdades fazer
em terras, matos, desertos,
vemos o pão mais valer;
vemos tudo levantar,
mantimentos maus de achar,
officiaes, mercadores,
logreiros, alugadores,
tudo mui caro custar

Vimos em Evora valer
os moios de pão iguaes
quinze, vinte mil reaes,
agora os vemos vender
a setenta mil, e mais;
anno vi tão abastado
que a oito reaes comprado
foi o alqueire de pão, ⁽¹⁾
outros vimos em que não
se achava por um cruzado.

Vimos os campos coalhados
de aves e de caçadores,
o mar cheio de pescados
muito bons, muito prezados,
e de muitos pescadores;

(1) No anno de 1521.

perde-se a altanaria,
não ha peixes que sohia,
nem gaviões, nem ralé,
nem sei onde isto é
pois de tudo tanto havia.

Vimos tanto costumar
todos arcos de pelouros,
tanto com elles folgar ⁽¹⁾
nas cidades, hortas, mar,
como agora com thesouros;
nem havia homem algum
que se contentasse de um,
havia d'elles mil tendas,
muitas compras, muitas vendas,
agora não vemos nenhum.

Vimos jogos de mancaes,
tambem da pequena pella,
infinitas e geraes
entre povo e principaes
em Portugal e Castella;
isto com tempo passou,
pella grande começou,
começou fluxo, primeira,
runfa ficou derradeira
e, como tudo, acabou.

Os jogos, nojos, prazeres,
costumes, trajos e leis,
virtudes, manhas, saberes,
e bons e maus pareceres,
são segundo querem reis;

(1) Porque o principe D. Affonso folgava muito com elles.

que, como são adorados,
ao que são inclinados
todos vemos inclinar,
tudo lhes vemos louvar
ainda que vão errados.

Com heresias e manha
vimos o falso Lutherio
converter em Allemanha
tanta gente, que é façanha
na mór força do imperio;
contra nossa fé prégando
e do papa blasphemando,
dos bispos, dos cardeaes,
venceu batalhas campaes
a gran gente do seu bando.

Com sua lingua maligna
e preceitos deshonestos
semeia sua doutrina
cheia de luxuria indigna
e vergonhosos incestos;
o que mais deve doer
é que vemos estender
este veneno a mais terras,
e com pestiferas guerras
tarda remedio poer.

Vimos a astrologia
mentir toda em todo mundo,
que toda junta dizia
que em vinte e quatro havia
de haver diluvio segundo,
e secco vimos o anno
e bem claro o engano

em que astrologos estavam,
pois d'antes tanto affirmavam
por chuvas haver grão damno.

Vimos tambem subverter
em Grada muitos logares
e muita gente morrer,
e tal terremoto ser
que serras foram algares;
na ilha áquem da Terceira
uma grande villa inteira
n'este anno se subverteu ⁽¹⁾
e todo o povo morreu,
foi grão caso em gran maneira.

Vi que em Lisboa caíu
da costa gran quantidade, ⁽²⁾
duas ruas destruiu,
duzentas casas sumiu,
foi grão temor na cidade;
aquestes tremores taes
e outros muitos signaes
vemos, sem termos lembrança
de Deus, nem fazer mudança
de nossas vidas mortaes.

Os povos de Allemanha
vimos todos levantados
contra os grandes ajuntados
e entr'elles guerra/estranha,
os grandes desbaratados,
os fidalgos não ou/sarem

(1) Na ilha de S. Miguel, e morreram quatrocentas pessoas, e foi no anno de 1523.

(2) No anno de 1522.

de parecer, nem fallarem,
Os villãos victoriosos,
soberbos e poderosos
em busca d'elles andarem

Tambem vimos em Castella
guerras das communidades
e muitas batalhas n'ella,
em villas e em cidades,
muitos mortos na querella;
depois veiu o imperador
e castigou com fervor,
justiçou e desterrou,
patrimonios tomou,
bispo matou com rigor.

Em Valencia e sua terra
vimos que os mouros alçaram,
contra os christãos pelejaram,
houve ahi tão grande guerra
que muitos n'ella acabaram;
e depois se concertaram,
todos christãos se tornaram,
nenhuma arma lhes ficou
e el-rei os isentou,
tributos mais não pagaram.

E vimos tambem el-rei
de Dinamarca perdido,
desterrado e destruido
pelos seus, sem dar por lei
e em Flandres acolhido;
vimos a triste rainha
sua mulher, a qual vinha
trabalhar por lhe valer,

em terra alheia morrer ⁽¹⁾
desamparada, mesquinha.

Principe dos chyprianos
vi em Roma requerer
seu reino, que por enganos
lhe tem os venezianos
de absoluto poder ;
vi-o comsigo trazer
um seu irmão, e não ter
de comer, nem quem lh'o desse,
nem a quem se soccorresse
para lhe poder valer.

Vi Carlos imperador
de seus avós herdar tanto
que foi já maior senhor
que o Carlos Magno santo
e ditoso vencedor;
herdou gran parte de Hespanha,
Flandres, Borgonha, Allemanha,
Napolles, Aragão, Sicilias,
Navarra, Austria, e as Antilias,
terra rica e mui estranha.

Quantos vimos alcançar
o que muito desejaram,
quão poucos se contentaram,
outros, sem nada acabar,
suas vidas acabaram ;
uns e outros não houveram
descanso, nem o tiveram

(1) Morreu em Flancres, e era irmã do imperador.

porque não ha descansar,
nem prazer, nem contentar,
senão nos que bem morreram.

E vimos el-rei de França
com toda França comsigo
pelejar com sua lança
na mór força do perigo,
donde victoria se alcança;
vimol-o por um senhor
capitão do imperador
preso, e desbaratado, ⁽¹⁾
e a Castella levado
e em toda a França dôr.

Porque os principaes morreram
prenderam os principaes
e quanto tinham perderam,
tantas perdas receberam
que não podiam ser mais;
que perderam fidalguia,
capitães, cavallaria,
seu rei e suas fazendas,
arraiaes com muitas tendas
e com toda artilharia.

Tomando Roma morreu
este mesmo capitão,
que era o duque de Borbão, ⁽²⁾
e sua gente prendeu
o santo padre em prisão,
e saqueou a cidade

⁽¹⁾ No anno de 1525.

⁽²⁾ No anno de 1527.

com mui grande crueldade,
captivou os cardeaes,
destruiu todos os mais
sem nenhuma piedade.

As igrejas destruidas
de todos foram roubadas,
as reliquias vendidas,
as cruzes espedaçadas
entre ladrões repartidas;
o rico pontifical,
que lá foi de Portugal,
tomado pelos soldados,
e bispos foram jogados
aos dados, e jogo tal.

Fizeram grandes cruezas,
grandes deshumanidades,
roubaram suas riquezas,
suas pompas, vaidades,
lhe tornaram em tristezas;
mulheres, freiras forçadas,
as nobres casas queimadas
e mortos os moradores,
principaes e mercadores,
sem por quê ás cutiladas.

N'este tempo accudiu
a Roma tal mortandade
de peste, qual se não viu,
e tambem esterilidade
maior que nunca se ouviu,
que morriam cada dia
mil pessoas, e valia
a sessenta mil reaes

o moio de trigo, e mais,
ninguém havel-o podia.

Desventurada cidade,
malaventurada terra,
tendo tanta santidade
te perdeste por maldade
em poucas horas de guerra;
maldito o povo christão
que, sem causa, poz a mão
em tanta cousa sagrada;
os que matam com espada,
com espada os matarão.

Vi que em Africa aqueceu
ser morte e fome mui forte,
cavallos, gado morreu,
muita gente pereceu,
nunca foi tal fome e morte; ⁽¹⁾
os paes os filhos vendiam,
duzentos reaes valiam,
muitos se vinham fazer
christãos cá, só por comer,
nos campos, praças, morriam.

O reino de Fez ficou
com dois ou tres mil cavallos,
de Tremecem se formou
lá e mais longe mandou
muita gente a compral-os,
que foi tanta perdição
que não ficou geração

(1) No anno de 1521.

para poderem gerar,
as eguas mandou buscar
para fazer criação.

Se n'este tempo tivera
Portugal só que comer,
levemente se pudera
tomar Fez, e se houvera
com pouca força e poder ;
mas cá mesmo então andava
tanta fome, que custava
trigo alqueire a cruzado,
carne, vinho e pescado
tudo com pena se achava.

N'este anno se finou
o gran rei Dom Manuel, ⁽¹⁾
quantos comsigo levou
a morte triste, cruel,
que rei, que gente matou!
duzentos homens honrados
em que iam muitos de estados
vimos que então se finaram
de modorra, e escaparam
muitos já quasi enterrados.

Vimos grão pranto fazer
pelos reis quando morriam,
burel, grande dó fazer,
cousa mui digna de ser
pois tão gran perda perdiam;
vimos burel defendido
e vimos pouco sentido

(1) Morreu no anno de 1520, a 23 de dezembro.

um rei que depois morreu,
porque o dô se perdeu
foi tambem nojo perdido.

Vi el-rei nosso Senhor
quando foi por rei alçado, ⁽¹⁾
nunca foi tão grande estado
nem rei com tanto primor
se viu nunca levantado,
com tanto estado real,
infantes e cardeal,
duques, marquezes, prelados,
condes, fidalgos honrados,
com a frol de Portugal.

Em Lisboa assim saíu
dos paços pela ribeira,
gente sem conto o seguiu,
gentileza não se viu
nunca em rei tão verdadeira,
a cavallo, mui galante,
e todos a pé diante;
do grão triumpho não fallo,
e as redeas do cavallo
a pé levava o infante. ⁽²⁾

Pelas ruas novas ia,
e o infante seu irmão ⁽³⁾
com estoque alto na mão,
rei do mundo parecia

⁽¹⁾ Foi no anno de 1521, a 19 de dezembro, a uma quinta feira.

⁽²⁾ O Infante D. Fernando.

⁽³⁾ O Infante D. Luiz.

em poder e perfeição ;
nos alpendres foi descido
de São Domingos e subido
n'um estrado triumphal,
por nosso rei natural
foi alli obedecido.

Filho de pae excellente
e de mãe mui virtuosa,
de grandes reis descendente
desde os godos, que foi gente
no mundo mui poderosa,
neto de el-rei Dom Fernando
de grão poder, de grão mando,
da poderosa rainha
Dona Isabel, que tinha
grande nome governando.

Nascido da esclarecida
rainha nossa Senhora,
d'este grão sangue nascida,
no mundo mui escolhida,
de Deus grande servidora ;
por crescerem seus estados
deu-lhe Deus mais acabados,
mais reaes, oito irmãos,
que nunca entre reis christãos
nasceram tão esmerados.

Vemos-lhe altos desejos
e propositos fundados,
os espiritos apurados,
grão saber, graça, despejos
nos lugares despejados,
em publico gravidade,

gran condição, gran bondade,
magnanimo, liberal,
em tudo grande, real,
isento, sem vaidade.

Em obras muito polido,
real edificador,
em tudo mui entendido,
em prazeres comedido,
em monteiro e caçador,
em jogos mui temperado,
em comer muito regrado,
bem fallado, bem regido,
mui subtil, lido e sabido,
humano, mui avisado.

Seus concertos concertados
de mui reaes paramentos,
riquissimos, atilados,
na capella esmerados
sumptuosos ornamentos;
em esmolas caridoso,
em virtudes virtuoso,
no que compre gastador,
do que tem censervador,
alegre, mui amoroso.

Vêmol-o sempre occupado,
nunca o vêmos ocioso,
tem grão siso, grão recado,
tem seu reino socegado,
na justiça é piedoso;
quanto bem faz, fal-o elle
pelas grandezas que ha n'elle
e não o faz por ninguem,

que seu natural é bem;
se fizer mal, não vem d'elle.

Vêmos-lhe paz com christãos,
com mouros guerra, imisade,
não como os reis comarcãos,
faz christãos muitos pagãos,
acrescenta a christandade;
nunca em ligas quiz entrar
com reis christãos, nem quer dar
a mouros pazes que pedem,
só por Deus se não concedem
pela fé santa exalçar.

E vemos o grão poder
que em Guiné e Índias tem
tantos reinos de suster,
tantos reis a seu querer
de que páreas lhe vem,
tantas villas e cidades,
terras e comunidades
ganhadas por cruas guerras,
cheios os mares e terras
de suas prosperidades.

Tem a nobre fidalguia
mui valentes cavalleiros,
mil victorias cada dia,
gran somma de artilharia,
bombardeiros, marinheiros;
tem gastos demasiados
e os retornos dobrados,
tem grão nome, grão louvor
de poder e vencedor,
tem muitos christãos tornados.

Cidades e villas suas
em que sempre se faz guerra
a mouros, dentro em sua terra,
quatro sobre vinte e duas
tem, se a penna não erra ;
tresentas naus e navios
traz nos mares e nos rios
de seus reinos alongados,
com as quaes tem subjugados
muitos reis e senhores.

Tem Ceuta, Tanger, Arzilla,
Alcacer, Pacer, Safim,
Mazagão, São Jorge, Arguim,
Sofala mui rica villa,
Chaul, Ceylão e Cochim,
Moçambique, Santa Cruz,
Malaca, Gôa e Ormuz,
Maluco e Cananor,
Coulão, São Thomé, Zamor,
Quiloa, Chale, Aguz.

Vimos o seu casamento
com irmã do imperador,
vimos tão grão juramento
em Elvas, tanto senhor,
que fallar em mais é vento :
cinco mil encavalgados
grandemente ataviados,
muito ricos, mui galantes,
com os senhores infantes
na raia foram juntados.

O ouro, a pedraria,
canutilhos e bordados,

as perlas, a chaparia,
os forros, os esmaltados,
não tem conta nem valia:
em Estremoz se juntaram,
as bodas hi celebraram,
nunca tal par se juntou!
Deus assim os conformou
que em tudo se conformaram.

Vêmos-lhe largar a mão
grandemente em dar dinheiro,
vimol-o tão bom irmão
da irmã, tão verdadeiro,
como sabem quantos são;
pol a fazer mór senhora
que foi no mundo té agora
de imperio e reinados,
um conto d'ouro, em cruzados,
lhe deu de dote em um' hora

Vimos-lhe condes fazer,
quatro duques 'crescentar, ⁽¹⁾
bispados novos crear
e marquezes nobrecer
e outros muitos honrar:
vimos como soccorria
com dinheiro ao rei da Hungria,
soccorro mui abastante,
se el-rei não mataram ante
já o soccorro lá ia.

Acrescentou grandemente
os seus desembargadores,

(1) O duque de Beja, o duque da Guarda, o duque de Barcellos e o duque de Aveiro.

fez muitos corregedores,
e no reino juntamente
fez mais tres governadores,
e fez leis mui proveitosas
aos povos amorosas
para os feitos 'breviar
e justiça conservar,
mais brandas que rigorosas.

A côrte de Portugal
vimos bem pequena ser,
depois tanto ennobrecer
que não ha outra igual
na christandade, a meu vêr,
tem cinco mil moradores
em que entram muitos senhores
a que el-rei dá assentamentos,
moradias, casamentos,
tenças, mercês e honores.

O reino vimos valer
sessenta contos, não mais,
as rendas tanto crescer
que agora o vêmos render
duzentos milhões de reaes,
India e Mina não entrando,
que estas duas, assomando
os gastos e os proveitos,
duzentos contos bem feitos
rendem forros, navegando.

A veadores da fazenda
vi um contracto fazer
que bem se póde dizer,
sem n'isso haver contenda,

outro tal nunca se vêr :
venderam junto em um dia
em drogas, especiaria,
setecentos mil cruzados ;
outros lhe vi contratados
de pouco menos quantia.

Vimos quatro embaixadores
na côrte juntos andar,
que são dos môres senhores
e dignidades maiores
que se podem alcançar ;
são do papa, imperador,
rei de França, do senhor
que Preste João se chama,
conhecido só por fama
mas não por embaixador.

No tempo de agora vêmos,
o que não sei bem louvar,
tão singular rei que temos,
rainha tal qual queremos,
ambos taes que não tem par ;
temos tambem oito infantes
tão perfeitos e abastantes
de virtudes, graças, manhas,
que nove irmãos nas Hespanhas
nunca houve semelhantes.

E vimos de que maneira
o duque de Arcos casou
com moça pobre, estrangeira,
estando já quasi freira
de Odivellas a tirou,
sem a vêr, nem conhecer,

nem fallar, nem escrever,
nem ter mais que só ser boa,
veiu por ella a Lisboa
sem ella mesma o saber.

Tomou assim esta empreza
por vontade ou devoção,
de modo que, em conclusão,
foi assim feita duqueza
sem sabermos a razão;
elle a el-rei a mão beijou
e com elle só fallou,
foi d'el-rei bem reebido
com grande honra despedido,
ricas joias lhe mandou.

Em Lisboa então se viu
e vimos mula parida, ⁽¹⁾
para isso ahi trasida
de Punhete, onde pariu,
de todos vista e sabida;
e o filho, que criava,
perante todos mamava
no Rocio, na Ribeira,
foi vista d'esta maneira
de muita gente que olhava,

E depois appareceu
um cometa mui famoso, ⁽²⁾
que não minguou, nem cresceu,
nem andou, nem se moveu,
e não era luminoso;

⁽¹⁾ No anno de 1530.

⁽²⁾ Appareceu no anno de 1530, no verão.

cousa branca, mui comprida,
direita, com gran medida,
bem quinze noites se viu,
pouco e pouco se sumiu
té ser desaparecida.

E depois d'isto, em Roma,
só com tres dias chover
em outubro, ⁽¹⁾ o Tibre toma
agua tanta, em tanta somma
que foi espanto de vêr:
toda a cidade alagou,
a agua dizem que chegou
té os segundos sobrados,
os baixos foram 'lagados,
só nos montes não tocou.

Infindas casas caíram,
castellos todos inteiros
levados do rio viram,
edifícios se sumiram,
casas fortes e mosteiros,
e pelas ruas andavam
grandes barcas, que salvavam
a gente, também com ellas
puderam ir caravellas,
pois tão alto navegavam.

Muita gente se sumiu,
foi mui grande destruição,
a mór que se nunca viu
d'esta sorte, nem ouviu
do Tibre tal perdição;

(1) No anno de 1530, no começo de outubro.

e morreu gran quantidade
de bestas, e na cidade
se perderam vinho e pão,
e cousas de provisão
tudo em geralidade.

Segundo todos diziam,
não foi cousa natural
o damno que recebiam,
mas por castigo o haviam
e temiam vir mais mal;
muitas procissões fizeram
e grandes esmolas deram,
e o papa a todos deu,
por confissão, jubileu
só porque a Deus temeram.

E no janeiro do anno
logo seguinte, signaes
espantosos vimos, taes
que não basta engenho humano
aos boquejar não mais:
antemanhã, quinta feira,
foi em tão grande maneira
terremoto em Portugal,
que se não viu outro tal
nem Deus, que se veja, queira.

Vem primeiro um raio,
apoz elle um trovão
e grão terremoto então
tão grande, que poz desmaio
qual não viram, nem verão;
tal que a todos parecia
que o mundo se destruia.

para não haver mais mundo,
e que tudo era defundo
e a terra se subvertia.

Obra de um crédo durou,
se mais fôra, destruíra
tudo por terra caíra,
morrera quem escapou,
a mór parte se fundira ;
em um ponto pontual
foi em todo Portugal,
na Estremadura mór,
nas outras partes menor,
que não foi todo igual.

E ás sete horas do dia
foi outro tremor estranho
que poz medo e cobardia,
e depois do meio dia
outro, porém não tamanho ;
e em outra quinta feira
antemanhã, da maneira
que foi o grande, espantoso,
foi outro mui temeroso,
outro ante a terça feira.

D'este grande ao primeiro
cincoenta dias houve,
nos quaes todos por inteiro
tremendo deu tal morteiro
que té 'gora se não soube ;
um anno todo tremeu
mas pouca cousa, e perdeu
a gente já o temor ;
approuve a nosso Senhor
que cessou, não esqueceu.

Gretas, buracos fazia
a terra. e se abriu,
agua e areia saia
que a enxofre fedia,
isto em Almeirim se viu ;
e porque logo vieram
grandes chuvas que chuveram
e alguns dias duraram,
as aberturas taparam
que nunca mais pareceram.

Todos, com medo que haviam,
deixaram casas, fazendas,
nos campos, praças, dormiam
em tendilhões e em tendas,
casas de rama faziam,
as mais das noites velando
temendo e receiando,
porque tremor não cessava,
a gente pasmada andava
com medo, morte esperando.

Dois mezes assim estiveram
na mór força do inverno,
aguas, ventos sustiveram,
tormentas, trovões soffreram,
bradando por Deus eterno;
todos logo confessados,
casos grandes perdoados,
feitas grandes devoções,
romorias, procissões,
em esmolas occupados.

Tambem se sentiu no mar :
sem vento mares se alçaram,

navios foram tocar
no fundo, com quilhas dar,
como perdidos andaram :
todas as cousas nascidas
foram quasi amortecidas,
féras, domesticas bestas,
cães e aves, cousas d'estas
estavam esmorecidas.

Muros e torres caíram,
villas, paços e mosteiros,
igrejas, casas, celleiros,
quintas, e as mais abriram,
não caíam pardieiros ;
pedras se viam rachadas
e em pedaços quebradas,
e cousas de muitas sortes
quanto mais rijas, mais fortes,
tanto mais espedaçadas.

Infinda gente morreu,
grandes perdas receberam,
grande perda se perdeu ;
muitos má morte morreram
porque de noite aqueeceu ;
cousas por nossos peccados
nunca vistas dos passados
n'estes reinos, nem ouvidas,
Deus nos livre nossas vidas
de casos tão desastrados.

Em Evora vi um menino ⁽¹⁾
que a dois annos não chegava,
e entendia e fallava

(1) Thomaz, filho de Manuel Thomaz, no anno de 1523.

e era já bem latino :
respondia e perguntava,
era de maravilhar
vêr seu saber, seu fallar,
sendo vinte dois mezes,
monstro, entre portuguezes
para vêr, para notar.

Estas novas novidades,
mudanças e grandes feitos
em papas, reis, e dignidades,
em reinos, villas, cidades,
vimos feitos e desfeitos ;
e pois tudo vi passar,
começar e acabar,
e d'esta mundana gloria
não ficar mais que memoria,
d'esta me quiz ajudar.

Esta devemos de ter
d'este mundo tão mudado
para d'isso recolher,
quem tiver siso e saber,
que o por vir é passado,
tudo acaba senão
amar Deus de coração
e servil-o de vontade,
todo o al é vaidade
e cousas que vem e vão.

Porque só Deus tem poder,
elle só é o que sabe,
ninguem pode comprehender
seus juizos e saber
e poder que n'elle cabe :

elle é toda bondade,
elle é toda verdade,
elle é o summo bem,
elle dá ser e sustém
nossa fraca humanidade.

Que se elle fosse esquecido
de nós outros um momento,
tudo seria perdido
e o mundo destruido
pois é nossa vida vento.
Tomarei logo d'aqui
d'estas cousas que escrevi
e de quanto foi e é,
louvar Deus, ter firme fé,
vêr que sou como nasci.

CONCLUSÃO

Mui poucos ajudadores
acha quem quer fazer bem,
e se alguém bem feito tem
são tantos os glosadores
que o não faz já ninguém;
as cousas, antes de achadas,
nem vistas, nem praticadas,
é muito quem as bem acha
e mui pouco pôr-lhe tacha
quem as deseja tachadas.

O caminho fica aberto
a quem mais quizer dizer,
tudo o que escrevi é certo,
não pude mais escrever
por não ter mais descoberto;
sem letras e sem saber
me fui n'aquisto metter
por fazer a quem mais sabe
que o que minguar acabe,
pois eu mais não sei fazer.

FIM DA MISCELANIA DE GARCIA DE RESENDE
E DO
TERCEIRO E ULTIMO VOLUME
DA
CHRONICA D'EL-REI D. João II

INDEX



INDEX

1.º VOLUME

	Pag.
O Chronista Garcia de Resende	5
Soneto de André Falcão de Resende.....	13
Virtudes, feições, costumes e manhas d'El-Rei D. João o segundo, que santa gloria haja.....	15
Capitulo I—De seu pae e sua mãe, e seu nascimento.	27
Capitulo II—De como o Principe foi baptisado e das grandes festas que se fizeram no dia do baptismo.	28
Capitulo III—Da criação do Principe.....	29
Capitulo IV—Do casamento do Principe.....	30
Capitulo V—De como o Principe foi com El-Rei seu pae na tomada d'Arzilla onde foi feito cavalleiro.....	31
Capitulo VI—Do que ao Principe aconteceu andando de noite só.....	33
Capitulo VII—De como o Principe tomou sua mulher e casa.....	34
Capitulo VIII—Do nascimento do Infante D. Affonso, filho do Principe, e do que El-Rei D. Affonso fez..	34
Capitulo IX — De como o Principe ficou em Portugal com a governança do reino.....	35
Capitulo X—De como o Principe tomou Ouguella....	36
Capitulo XI—De como o Principe partiu para Zamora a chamado d'El-Rei seu pae, e do caminho se tor- nou.....	37
Capitulo XII—De como o Principe determinou de ir em pessoa socorrer El-Rei seu pae e do que sobre isso fez.....	38

Capitulo XIII—De como o Principe venceu a batalha de Touro e ficou no campo sem lh'o ninguem contradizer	39
Capitulo XIV—De como o Principe por mandado d'El-Rei seu pae se veio a Portugal, e das palavras que um dia disse á mesa	45
Capitulo XV—De outras cousas que no reino se seguiram andando El-Rei seu pae em França.....	46
Capitulo XVI—De como o Principe tomou Allegrete, e como fez tornar o Mestre de Sanctiago, que com duas mil lanças vinha correr a Évora.....	47
Capitulo XVII—De como El-Rei D. Affonso estando em França se apartou dos seus com tenção de se ir a Jerusalem, e do que n'isso se passou, e como o Principe foi alçado por Rei.....	50
Capitulo XVIII—De como El-Rei D. Affonso foi achado e tornado a seus reinos, e da grã obediencia e mui singular virtude que o Principe fez.....	52
Capitulo XIX—Do que o Principe passou em Almeirim com o Cardeal.....	54
Capitulo XX—De como Lopo Vaz, o Torrão, se levantou com a villa de Moura, e do que o Principe sobre isso fez.....	55
Capitulo XXI—Do que o Principe fez sobre as terçarias.....	57
Capitulo XXII—Da morte d'El-Rei D. Affonso e de como o Principe foi alçado por Rei.....	59
Capitulo XXIII—Do sahimento d'El Rei D. Affonso e d'outas cousas que El-Rei logo fez necessarias em tal tempo.....	61
Capitulo XXIV—Do que El-Rei fez sobre um alvará que tinha passado a Nuno Pereira.....	63
Capitulo XXV—De como El-Rei mandou fazer o castello da cidade de S. Jorge na Mina.....	64
Capitulo XXVI—Das côrtes que El-Rei fez na cidade de Évora, onde lhe deram obediencias e menagens	66
Capitulo XXVII—De como se começou e houve principio o caso do duque de Bragança.....	68
Capitulo XXVIII—A maneira em que se as menagens dão	69
Capitulo XXIX—D'algumas cousas que El-Rei nas côrtes ordenou e quiz fazer.....	72
Capitulo XXX—Ida d'El-Rei a Montemór-o-Novo, e do	

que aconteceu ao marquez da dita villa no recebi- mento d'El-Rei, e das palavras que houve com o Arcebispo de Braga.....	73
Capitulo XXXI—De algumas cousas que o marquez logo fez contra serviço d'El-Rei.....	75
Capitulo XXXII—De como El-Rei a requerimento dos povos ordenou n'estas côrtes de mandar correge- dores ás terras dos senhores, e o que sobre isso passou com o duque.....	76
Capitulo XXXIII—De como começaram as graças e se- paradas.....	77
Capitulo XXXIV—Embaixada que El-Rei mandou a El-Rei de Inglaterra.....	79
Capitulo XXXV—Da outra embaixada que El-Rei en- tão mandou a Castella.....	80
Capitulo XXXVI—De como a Rainha moveu e esteve mui mal, e da vinda dos duques por esta causa á côrte.....	85
Capitulo XXXVII—Da fala que El-Rei fez ao duque de Bragança.....	86
Capitulo XXXVIII—Resposta do duque a El-Rei.....	88
Capitulo XXXIX—Do que depois d'esta fala e resposta se passou.....	89
Capitulo XL—De como Gaspar Juzarte e Pero Juzarte descobriram a El-Rei o que do caso do duque de Bragança sabiam.....	92
Capitulo XLI—Da embaixada que os Reis de Castella mandaram a El-Rei sobre o desfazimento das ter- çarias.....	93
Capitulo XLII—De como se desfizeram as terçarias, e a entrega do Principe e da Infanta.....	96
Capitulo XLIII—Da entrada do Principe na cidade de Evora.....	97
Capitulo XLIV—De como foi a prisão do duque de Bragança.....	99
Capitulo XLV—Do que alguns senhores cometeram a El-Rei sobre o caso do duque.....	105
Capitulo XLVI—De como El-Rei perdoou ao duque de Vizeu a culpa que neste caso tinha, e da morte do duque de Bragança.....	106
Capitulo XLVII—De como o senhor D. Manuel, irmão da Rainha, que era em Castella pelo caso das ter- çarias se tornou á côrte.....	114

Capitulo XLVIII — Partida d'El-Rei d'Evora para Abrantes, e do recado do Santo Padre que lhe ahi veiu.....	115
Capitulo XLIX—Da justiça que em Abrantes El-Rei mandou fazer na estatua do marquez de Montemór.....	116
Capitulo L—De como d'Abrantes El-Rei partiu para S. Domingos da Queimada e outras partes.....	118
Capitulo LI—Do que aqui em Santarem aqueceo a El-Rei de noite.....	119
Capitulo LII—De como se começou o caso em que o duque de Vizeu foi contra El-Rei.....	120
Capitulo LIII—De como foi a morte do duque de Vizeu.....	124
Capitulo LIV—Da mercê que El-Rei fez ao senhor D. Manuel irmão do duque, do mestrado de Christus e ducado de Beja.....	128
Capitulo LV—De como El-Rei mandou notificar á Infanta a morte do duque seu filho.....	133
Capitulo LVI—Embaixada que aqui em Castello Branco veiu a El-Rei, d'El-Rei e da Rainha de Castella.....	134
Capitulo LVII—Da mudança que El-Rei fez no escudo real de suas armas, e das novas moedas que mandou fazer.....	137
Capitulo LVIII — Da embaixada que El-Rei mandou com a obediencia ao Papa Innocencio VIII.....	139
Capitulo LIX — Das galés de Veneza que tomaram os francezes, e do que El-Rei fez aos venezeanos.....	141
Capitulo LX — De como a cidade de Zamor em Africa tomou El-Rei por senhor.....	144
Capitulo LXI — De como El-Rei secretamente mandava descobrir a India por terra.....	144
Capitulo LXII — Da polvora que El-Rei mandou ao cerco de Malaga ...	145
Capitulo LXIII — De como foi preso D. Alvaro de Souto Maior com suspeita de traição.....	146
Capitulo LXIV — De como El-Rei defendeo as sedas e brocados.....	147
Capitulo LXV — De como se descobrio o reino de Beni ...	148
Capitulo LXVI — De como El-Rei mandou que as letras Apostolicas se publicassem sem serem vistas na chancelaria.....	149

	Pag.
Capitulo LXVII — De como D. Diogo d'Almeida foi aos aduares em Africa.....	150
Capitulo LXVIII — De como Barraxe, mouro, foi desbaratado e preso por D. João de Menezes	152
Capitulo LXIX — De como El-Rei por auctoridade Apostolica mandou enquerir sobre os confessos que de Castella eram nestes reinos.....	153
Capitulo LXX — De como El-Rei mandou prover e re- parar as fortalezas dos extremos	154
Capitulo LXXI — De como foi desbaratado e preso o alcaide de Alcacer Quibir por o conde de Borba, e seu resgate	156
Capitulo LXXII — De como foi preso El-Rei dos ro- mões em Bruges e de sua soltura, e do que El-Rei sobre isso fez	158

2.º VOLUME

Capitulo LXXIII — Do conselho que teve El-Rei sobre o casamento do Principe.....	5
Capitulo LXXIV — De como em Inglaterra foi preso o conde de Penamacôr.....	6
Capitulo LXXV — De como captivaram D. Antonio, filho do conde de Villa Real, que era capitão em Ceuta	8
Capitulo LXXVI — Da armada que El-Rei mandou fa- zer para Africa, de que foi por capitão Fernão Mar- tins Mascarenhas, e o que fez	9
Capitulo LXXVII — Do que El-Rei fez indo com a Rainha a vêr correr touros em Alcochete.....	10
Capitulo LXXVIII — De como Bemohi veio a estes rei- nos e foi feito christão, e da sua morte.....	11
Capitulo LXXIX — Da cerimonia com que El-Rei fez o marquez de Villa Real... ..	19
Capitulo LXXX — Do que El-Rei disse por João de Sousa	21
Capitulo LXXXI — De como foi o principio e fim da Graciosa	21
Capitulo LXXXII — De como El-Rei determinou de ir em pessoa, e do que disse a D. João de Branches.	26
Capitulo LXXXIII — Do que El-Rei passou com Pero Pantoja em Tavila.....	30

	Pag.
Capitulo LXXXIV — Do que El-Rei fez a dois fidalgos que vieram de Arzilla.....	31
Capitulo LXXXV — Do que El-Rei disse a Ruy d'Abreu e a Duarte do Casal.....	32
Capitulo LXXXVI — Do que El-Rei disse a Fernão Serrão.....	32
Capitulo LXXXVII — Do que El-Rei fez a Diogo d'Azambuja quando casou sua filha, e a Pero de Mello.....	33
Capitulo LXXXVIII — Do que El-Rei fez ao capitão da ilha da Madeira.....	34
Capitulo LXXXIX — Do que El-Rei fez a João Alva- rez, o Gato.....	35
Capitulo XC — Da mercê que El-Rei fez a João Gó.....	36
Capitulo XCI — Da honra que El-Rei fez a Mestre Antonio.....	37
Capitulo XCII — Do que El-Rei disse por dois ladrões que enforcaram em Portél.....	37
Capitulo XCIII — Do que El-Rei escreveu ao conde de Borba sobre Fernão Caldeira.....	38
Capitulo XCIV — Do que El-Rei fez a Gomes de Fi- gueiredo, provedor d'Evora.....	39
Capitulo XCV — Da mercê que El-Rei fez a um desem- bagador por dar uma sentença contra elle.....	40
Capitulo XCVI — Do que El-Rei fez a Alvaro Masca- renhas sobre outra demanda.....	41
Capitulo XCVII — Do que El-Rei sobre outro feito passou com o doutor Nuno Gonçalves.....	42
Capitulo XCVIII — De um homem a que El-Rei deu a vida sendo julgado á morte.....	43
Capitulo XCIX — De um moço a que El-Rei deu a vida, sendo tambem julgado á morte.....	44
Capitulo C — Do que El-Rei fez no feito do carcerei- ro João Baço.....	45
Capitulo CI — D'outro homem que El-Rei perdoou sendo julgado que morresse.....	46
Capitulo CII — De como El-Rei deu a vida a outro homem que estava para justicarem.....	47
Capitulo CIII — Do que El-Rei disse a um homem que lhe dizia mal d'outro.....	48
Capitulo CIV — Do que El-Rei disse ao Corregedor da Côrte.....	48

	Pag.
Capitulo CV — Da maneira que El-Rei deu um officio a um homem que lho pedio.....	49
Capitulo CVI — Do que El-Rei fez a um homem que esperou um touro.....	50
Capitulo CVII — Do que El-Rei fez por não passar um Alvará em contrario d'outro	51
Capitulo CVIII — Do que El-Rei disse por Manuel de Mello	51
Capitulo CIX — Das côrtes que El-Rei fez em Evora sobre o casamento do Principe.....	52
Capitulo CX — Da nova justiça que El-Rei mandou fazer.....	54
Capitulo CXI — Da tomada de Targua e Camice.....	55
Capitulo CXII — De como foi mudado o mosteiro de Santos.....	58
Capitulo CXIII — De como o senhor D. Jorge veio a primeira vez á côrte.....	58
Capitulo CXIV — Do principio do casamento do Principe D. Affonso com a Princeza D. Isabel, e das grandes festas que se fizeram na cidade d'Evora	60
Capitulo CXV — De quando veio nova a El-Rei do Principe ser recebido em Sevilha.....	62
Capitulo CXVI — Da morte da Infanta D. Joanna irmã d'El-Rei.....	66
Capitulo CXVII — De como El-Rei e a Rainha de Castella notificaram o dito casamento a El-Rei e á Rainha	67
Capitulo CXVIII — Da grande sala de madeira que El-Rei mandou fazer.....	74
Capitulo CXIX — De como El-Rei despejou a cidade e mandou metter nella muito gado	77
Capitulo CXX — De quando a Princeza partiu para estes reinos.....	78
Capitulo CXXI — De como a Princeza foi entregue em Portugal	79
Capitulo CXXII — De como El-Rei e o Principe foram vêr a Princesa a Estramoz, e como foram ahi recebidos.	81
Capitulo CXXIII — Da entrada da Princesa em Evora, e do real recebimento que lhe foi feito.....	84
Capitulo CXXIV — Do primeiro banquete de ceia que El-Rei deu na sala da madeira.....	88

	Pag.
Capitulo CXXV — De outro banquete que El-Rei deu na sala da madeira.....	90
Capitulo CXXVI — De como se ordenaram as justas reaes e se poz a teia na praça, e da fortaleza da madeira	93
Capitulo CXXVII — Dos ricos momos que El-Rei fez na sala da madeira para desafiar a justa	94
Capitulo CXXVIII — De como El-Rei deu sua mostra, e do grande estado e riqueza e invenções que trazia	97
Capitulo CXXIX — De como El-Rei sahio da cidade a primeira vez depois das festas.....	108
Capitulo CXXX — De como El-Rei se tornou a Evora, e d'ahi se foi a Santarem	110
Capitulo CXXXI — De como o Principe e a Princeza entraram em Santarem.....	111
Capitulo CXXXII — De como foi a triste morte do Principe.....	114
Capitulo CXXXIII — Da mudança do Senhor D Jorge	124
Capitulo CXXXIV — Do saimento do Principe... ..	125
Capitulo CXXXV — De como a Princeza partio para Castella	128
Capitulo CXXXVI — Partida d'El-Rei e da Rainha para Lisboa. depois da morte do Principe.....	130
Capitulo CXXXVII — De como El-Rei deu os mestrados de Santiago e d'Avis ao sr. D. Jorge seu filho.....	131
Capitulo CXXXVIII — Do que El-Rei respondeu a certos senhores que o confortavam pela morte do Principe seu filho	132
Capitulo CXXXIX — Da mercê que El-Rei fez aos filhos de D. Pedro d'Eça e aos de Vasco Martins de Mello	133
Capitulo CXL — Do fundamento e principio do Espiritual grande de Lisboa ..	134
Capitulo CXLI — Do que El-Rei respondeu a um recado da Rainha de Castella	135
Capitulo CXLII — Do que El-Rei disse quando deu o officio de mordomo mór a D. João de Meneses....	135
Capitulo CXLIII — De quando El-Rei defendeu as mulas	136
Capitulo CXLIV — Do que El-Rei fez a D. Francisco d'Almeida	137

	Pag.
Capitulo CXLV — Do que El-Rei respondeu a Ruy Gil e Francisco de Miranda	138
Capitulo CXLVI — Do que El-Rei fez sobre uma caravela da Mina que lhe tomaram os franceses.....	139
Capitulo CXLVII — Do que El-Rei fez quando a sua não grande partio para Levante.....	140
Capitulo CXLVIII — Do que El-Rei disse ao barão sobre um cavalleiro que fôra de seu pae	142
Capitulo CXLIX — Do que El-Rei disse a João Fogaça sobre Egas Coelho.....	143
Capitulo CL — Do que El-Rei fez a Pero d'Alenquer, piloto	144
Capitulo CLI — Do que El-Rei fez a uns capitulos que lhe mandaram de Coimbra sobre um cavalleiro que lá mandou.....	145
Capitulo CLII — Do que El-Rei disse ao Bispo de Tangere sobre D. Diogo de Crasto.....	146
Capitulo CLIII — Do que El-Rei disse a um homem que bebia vinho mais do necessario.....	146
Capitulo CLIV — Do que El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella, e El-Rei Carlos de França, e outros disseram por El Rei	147
Capitulo CLV — De como se descubrio o reino de Manicongo, e de como El-Rei e a Rainha foram feitos christãos	150
Capitulo CLVI — De como os negros chegaram a sua terra.	153

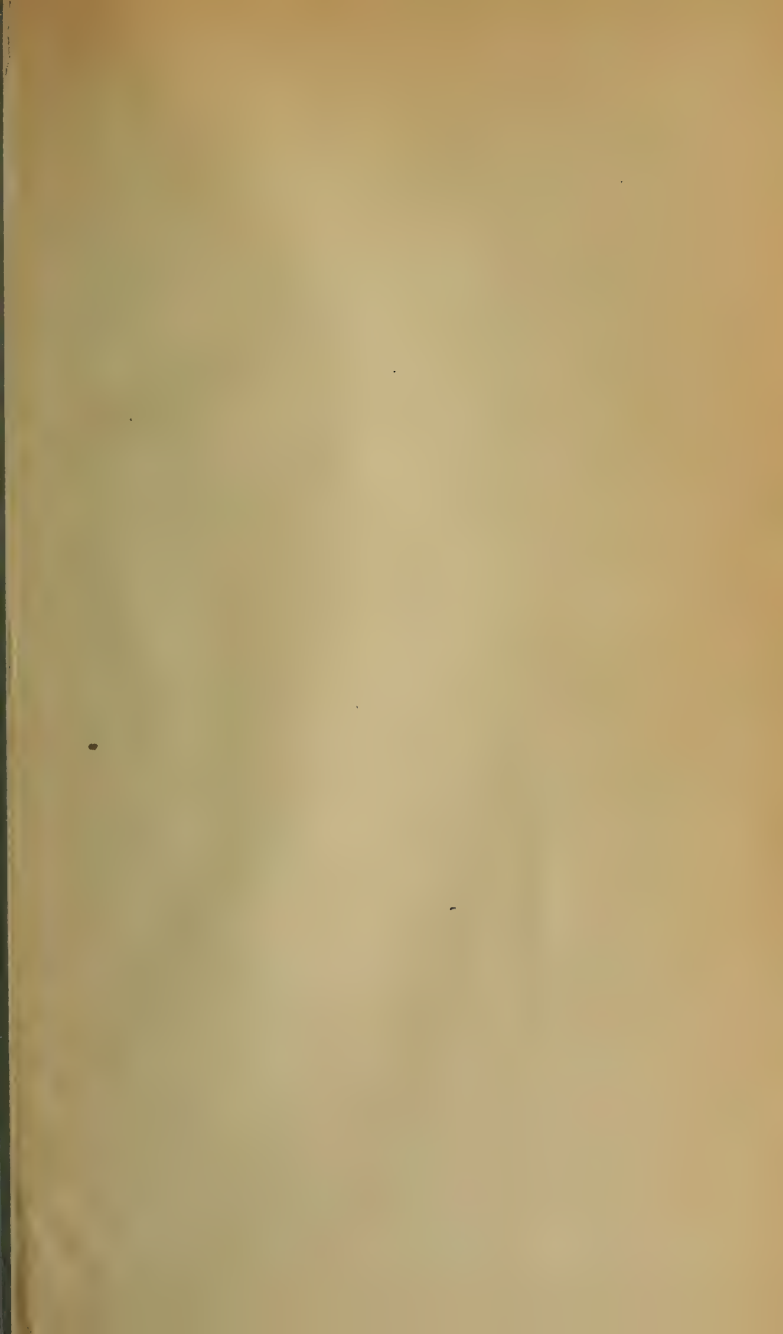
3.º VOLUME

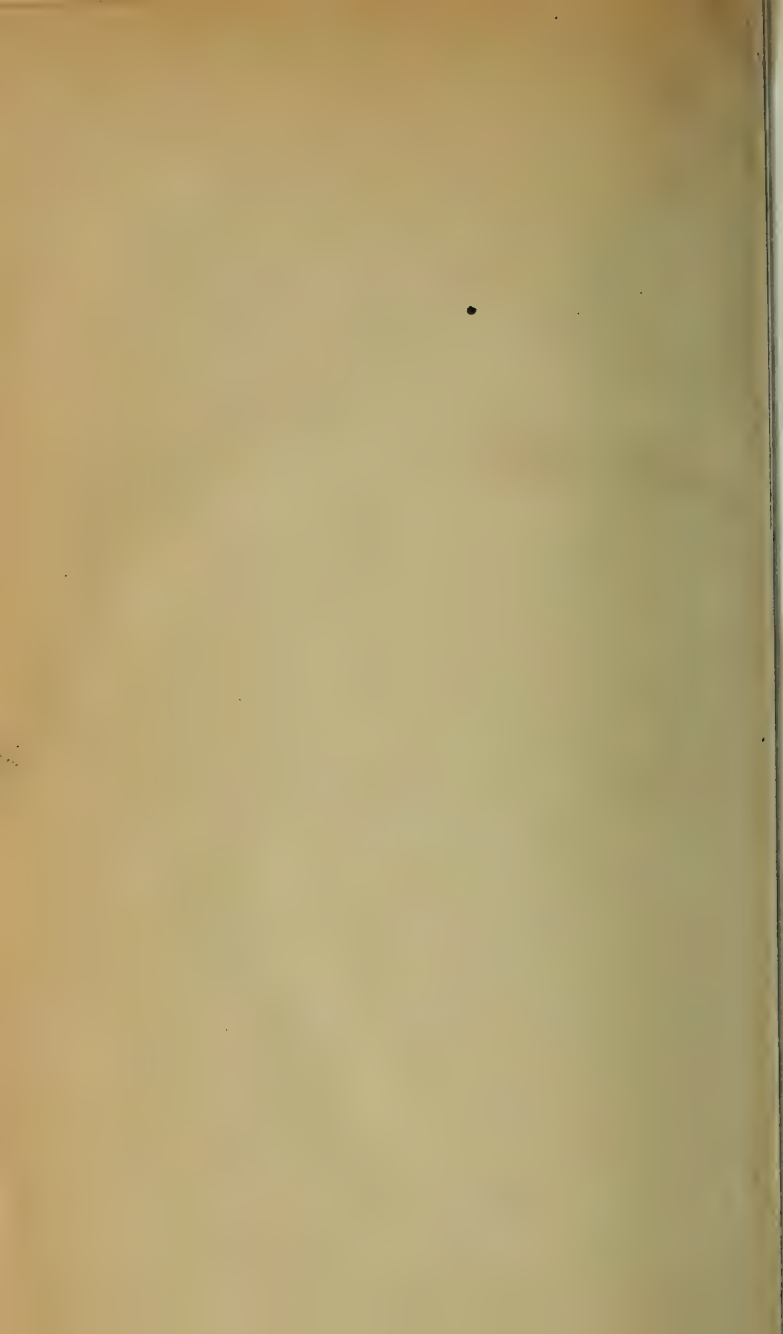
Capitulo CLVII — De como os christãos, capitão e frades foram a El-Rei	5
Capitulo CLVIII — Da entrada dos christãos na côrte d'El-Rei de Congo	6
Capitulo CLIX — De como se fez a primeira egreja..	9
Capitulo CLX — De como El-Rei foi feito christão ...	10
Capitulo CLXI — De como a Rainha foi feita christã.	13
Capitulo CLXII — Do principio da doença d'El-Rei em Lisboa ...	17
Capitulo CLXIII — Da entrada dos judeus de Castella em Portugal ...	17

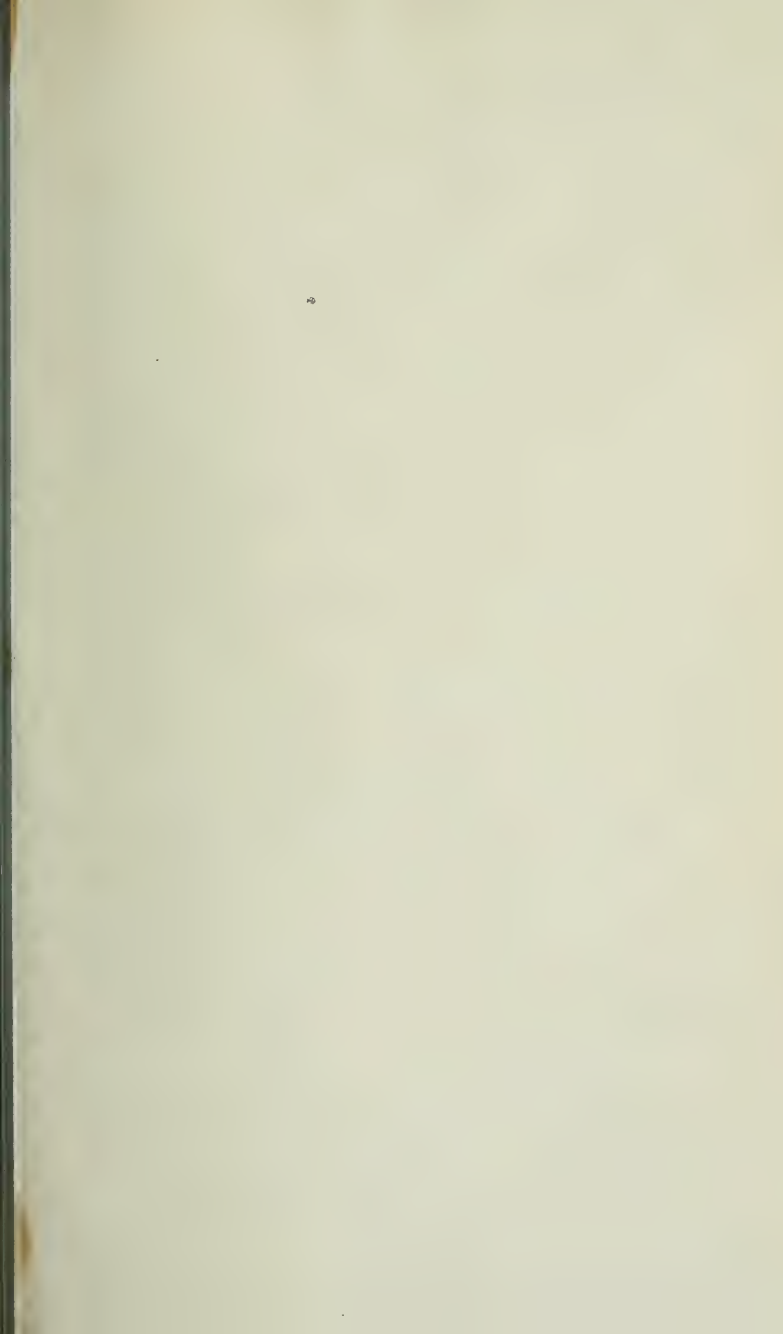
Capitulo CLXIV — Da embaixada que El-Rei mandou a Roma com obediencia	19
Capitulo CLXV — De como se descobriram por Colombo as Antilhas de Castella	20
Capitulo CLXVI — Da embaixada que El-Rei e a Rainha de Castella mandaram a El-Rei.....	23
Capitulo CLXVII — Da embaixada que El Rei mandou a El-Rei e Rainha de Castella	24
Capitulo CLXVIII — Dos avisos que El-Rei mandou aos ditos embaixadores.....	25
Capitulo CLXIX — Da vinda de Monseor de Leão, francês, á corte	25
Capitulo CLXX — Da embaixada e presentes d'El-Rei de Napoles.....	27
Capitulo CLXXI — Da romaria que El-Rei cumprio d'aqui de Torres Vedras.....	28
Capitulo CLXXII — Do que El-Rei fez a D. João de Sousa	29
Capitulo CLXXIII — Do que El-Rei fez a Ruy de Sousa por duas vezes.....	29
Capitulo CLXXIV — Da mercê que El-Rei fez a Vasco Fernandes Cabral e a D. João Falcão, e a D. Martinho	31
Capitulo CLXXV — Da mercê que El-Rei fez a Nuno Fernandes, escrivão da camara de Li-boa	33
Capitulo CLXXVI — Da mercê que El-Rei fez a Diogo Fernandes, feitor de Frandes	34
Capitulo CLXXVII — Do que El-Rei disse a Lopo Soares quando foi para a Mina	35
Capitulo CLXXVIII — Da mercê que El-Rei fazia a D. João de Atayde	36
Capitulo CLXXIX — De como El-Rei mandou á ilha de S. Thomé os moços que foram judeus.....	37
Capitulo CLXXX — Da doença da Rainha D. Lianor em Setuvel	37
Capitulo CLXXXI — De como El-Rei em Setuvel inventou e achou em caravellas e navios pequenos trazer bombardas grossas.....	39
Capitulo CLXXXII — Partida d'El-Rei para Evora e do que ahi fez	41
Capitulo CLXXXIII — De como El-Rei ordenou officiaes para despacharem	42
Capitulo CLXXXIV — Do que El-Rei disse a Ruy de Sande.....	43

	Pag.
Capitulo CLXXXV — Do que El-Rei disse a João Fogaça vindo da Sitima	43
Capitulo CLXXXVI — Do que El-Rei fez ao Bispo de Evora vindo de Viana	44
Capitulo CLXXXVII — Do que El-Rei disse a D. Martinho sobre seu irmão	45
Capitulo CLXXXVIII — Do piloto e marinheiros que El-Rei mandou matar.....	46
Capitulo CLXXXIX — Do que se fez em Evora á entrada de uma porta da sala	47
Capitulo CXC — Do que El-Rei disse um dia a D. Martinho	48
Capitulo CXCI — De como El-Rei ordenou que em sua capella rezassem as oras canonicas como egreja cathedral, e do que passou com o Adaião	48
Capitulo CXCVI — De como El-Rei fez e ordenou meirinho do paço.....	50
Capitulo CXCVII — Do que El-Rei fez sobre dois moços fidalgos que houveram brigas no paço.....	51
Capitulo CXCVIII — Do que El-Rei disse ao Commendador mór sobre Gonçalo d'Afonseca.....	52
Capitulo CXCV — Do que El-Rei disse ao Mordomo mór sobre o aposentador	52
Capitulo CXCVI — Do que El-Rei disse ao conde de Borba em um conselho... ..	53
Capitulo CXCVII — Do que El-Rei disse sobre as espadas.....	53
Capitulo CXCVIII — Do que El-Rei fez, e disse a Antão de Figueiredo.	54
Capitulo CXCVIX — Do que El-Rei fez a Eitor Borrallho.....	55
Capitulo CC — Do que El-Rei disse a Anrique Corrêa.....	55
Capitulo CCI — De algumas coisas que El-Rei disse a Garcia de Resende.....	56
Capitulo CCII — Do que El-Rei fez em Evora sobre a vinda do pão.....	59
Capitulo CCIII — Partida d'El-Rei de Evora para as Alcaçovas.....	60
Capitulo CCIV — De como determinaram que El-Rei entrasse em banhos.....	61
Capitulo CCV — Da embaixada que ás Alcaçovas veio d'El-Rei e da Rainha de Castella.....	62

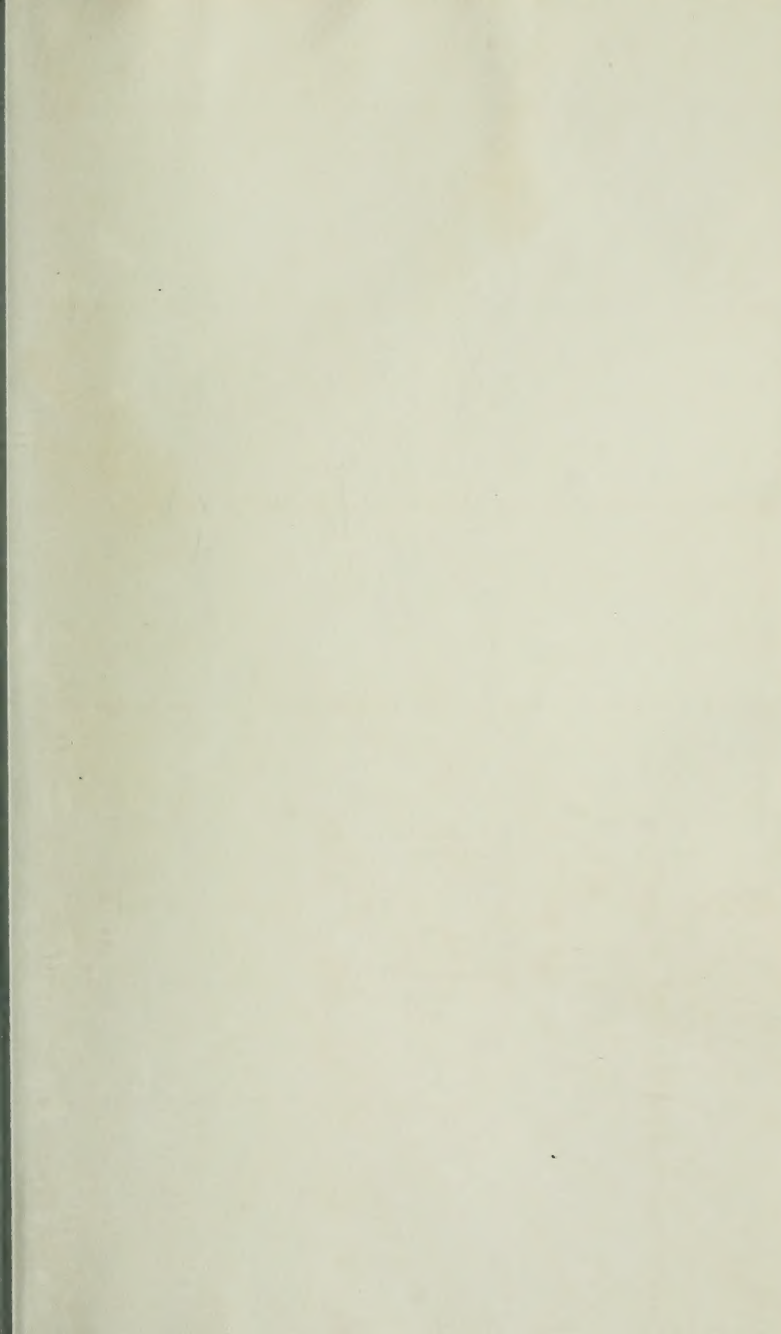
	Pag.
Capitulo CCVI — Da armada que El-Rei tinha prestes para o descobrimento da India.....	63
Capitulo CCVII — De como El-Rei determinou de ir ás Caldas do Algarve.....	63
Capitulo CCVIII — De como El-Rei fez seu testamento	64
Capitulo CCIX — De como El-Rei partiu para o Algarve e aprovou seu testamento.....	66
Capitulo CCX — Partida d'E-Rei das Caldas para Alvor.....	67
Capitulo CCXI — De como El-Rei conheceu sua morte, e se quiz nisso certificar dos fisicos e dos que com elle eram, e como lhe foi descoberto, e o que sobre isso fez.....	70
Capitulo CCXII — Dos perdões que El-Rei pedio e satisfações e mercês que fez, e como foi sua morte, e das cousas que fez e disse.....	73
Capitulo CCXIII — Das pessoas que com El-Rei eram ao tempo de sua morte.....	77
Capitulo CCXIV — Do que se fez depois da morte d'El-Rei.....	78
Capitulo CCXV — Do que se achou em uma boeta d'El-Rei.....	80
Capitulo CCXVI — De como o senhor D. Jorge veio a El-Rei D. Manuel.....	81
Capitulo CCXVII — De Garcia de Resende, em que diz como El-Rei fallecendo foi sua morte mui sentida, e como Nosso Senhor sempre dá seus galardões conforme aos serviços que lhe fizeram.....	82
Tresladação do corpo do mui catholico e magnanimo e esforçado Rei D. João, o segundo d'este nome, da Sé da cidade de Silves para o mosteiro da Batalha, por o mui serenissimo e esclarecido Senhor El-Rei D. Manuel seu sucessor e herdeiro nestes reinos e senhorios de Portugal.....	84
A entrada d'El-Rei D. Manuel em Castella.....	91
Ida da Infanta D. Breatriz para Saboya.....	116
Miscellania de Garcia de Resende e variedade de historias, costumes, casos e causas que em seu tempo aconteceram.....	135













DP
600
R46
1902

Resende, Garcia de
Chronica de el-rei
D. João II

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 07 05 01 014 1